BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.1

CX=214

435

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

LIV.-	01
PAG.-	09
REG.-	289

TÍTULO DA PEÇA:" O SANTO MILAGROSO "

AUTOR DA PEÇA : LAURO CÉSAR MUNIZ.

DISTRIBUIÇÃO

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Serviço Gráfico do DPF – 3

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.2

Sr. Chefe da Turma de Censura Federal no Rio Grande do Norte

Divisão de Censura de Diversões Públicas
D. P. F.

JESIEL MACIEL DE FIGUEIREDO (Nome), Presidente (cargo)

Responsável pelo(a) TEATRO DE AMADORES UNIDOS, situado à

~~Rua~~ Teatro Alberto Maranhão n. bairro Ribeira - NATAL

vem mui respeitosamente solicitar de V. Sa., a aprovação e a liberação

do(a) peça O SANTO MILAGROSO de autoria de Lauro Cesar Muniz, conforme determina o

Decreto n. 1.023, de 17 de maio de 1962.

Têrmos em que,

P. deferimento

Natal, 13 de Maio de 1968

Jesiel Maciel de Figueiredo

Ministério da Justiça
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUB-DELEGACIA
NATAL - Rio Grande do Norte
PROTOCOLO
No. 706/68 Fls. 016
Natal, 13 / maio de
O recebedor Lima

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0 677, P. 3

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores de Música.
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil

Direitos de Representação — Autorização Nº 209642

Teatro de Amadores Unidos

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de [illegible]-1924, combinado com os artigos 26 e seu § único, e 27, do decreto n.º [illegible]492, de 16-7-1920, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 [illegible]o decreto n.º 21.111, de 1-3-932, a representação da peça teatral:

"O Santo Inilagroso"

[illegible]l de Lauro Cezar Muniz

de —

[illegible]ão de —

[illegible]tro Alberto Marinho Cidade Natal

Diretoria de Diversões Públicas — D. P. F.

sob a condições do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de [illegible]0 % da renda bruta de cada espetáculo, mediante [illegible]rantia mínima de Cr$ 39,60 por espetáculo, obrigando-se [illegible]mprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, [illegible]vidamente autenticado, responsabilisando-se pela sua exatidão, bem [illegible]mo pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados.

[illegible]ia de Autorização deve ser anexada ao [illegible] respectivo e entregue às autoridades [illegible] — A quitação do direito autoral [illegible]ó poderá ser dada nas primeiras [illegible]o oficiais da SBAT.

(pela SBAT)

Isenta de sêlo — Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945

Divisão de Censura de Diversões Públicas — D. P. F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.4

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de Agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com séde no Rio de Janeiro.

Paragr. 1.º — E' facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Policia ou em Juizo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artistica nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

Paragr. 2.º — Para o disposto no paragr, 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

Paragr. 4.º — A prova de filiação á **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n. 4.790, de 2 de Janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorisação, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legítimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto N. 5.492, de 16 de Julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n, 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela rádio telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

Paragr. Unico — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artisticas ou difusões, rádio telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas responsáveis pelos direitos autorais das produ... realisadas.

Decreto N. 18.527, de 10 de Dezemb...

Art. 46 — Ficam obrigados à apresen... gramas os proprietários, empresários, ... quaisquer outros responsáveis pelas r... exibições ou irradiações que se realis... cinematografos, dancings, cabarés, so... telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos ... diversões públicas.

Decreto N. 21.111, de 1 Março de 193...

Art. 55, paragr. 1.º — A irradiação de ... assuntos ou trabalhos, já divulgados ou nã... tros meios, deverá respeitar os direitos auto... igualmente precidida da indicação dos nome... autores.

0677, P.5

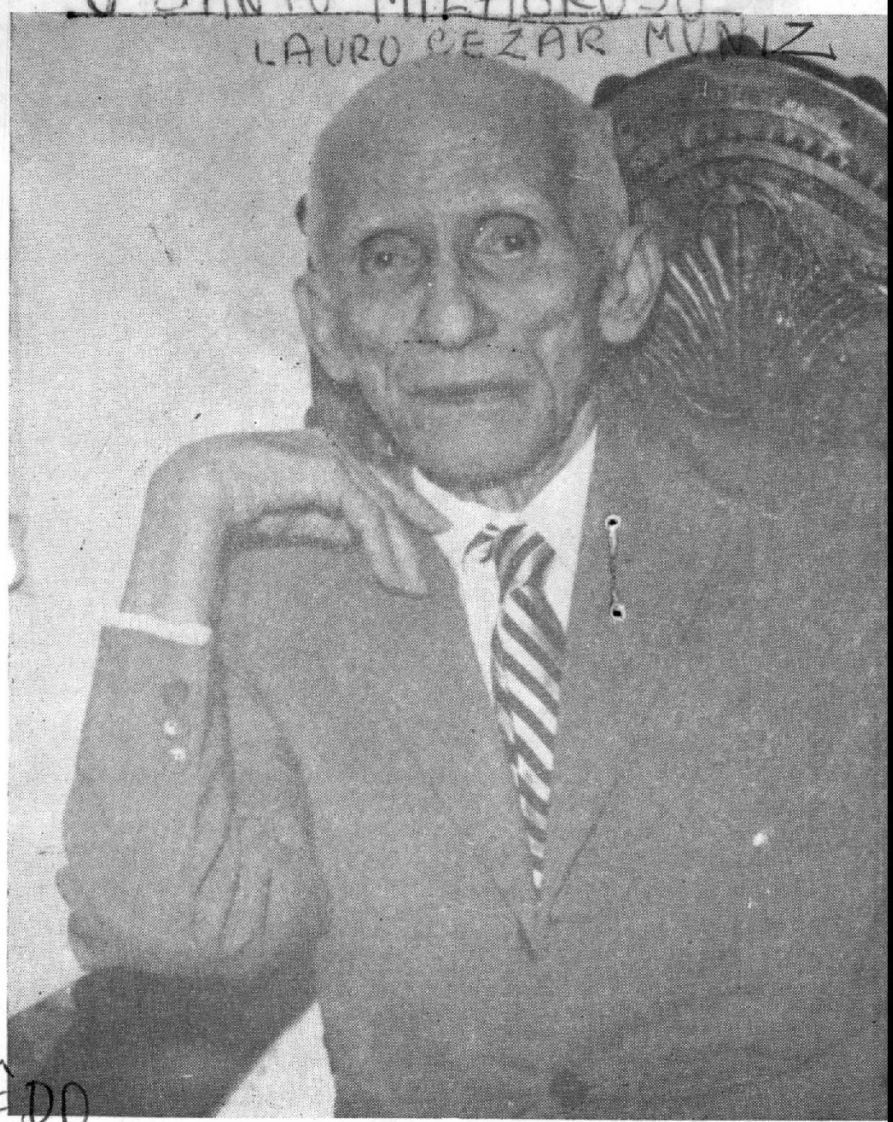
REVISTA DE TEATRO

N.º 355 — MARÇO e ABRIL DE 1967

Nêste número: "O SANTO MILAGROSO", comédia de Lauro Cesar Muniz ✣ Morte de VIRIATO CORRÊA, fundador da SBAT ✣ Teatrólogo MEIRA PIRES, nôvo Diretor do Serviço Nacional de Teatro ✣ "DIREITO AUTORAL NO BRASIL", pelo Desembargador Francisco Oliveira e Silva ✣ CENSURA TEATRAL, novas normas ✣ BASTIDORES ✣ CARTAZES TEATRAIS ✣ POSIÇÃO DO AUTOR perante Serviço Censura ✣ AO CORRER DA PENA e O TEATRO, ÊSSE DESCONHECIDO — TEATRO DE AMADORES DE PERNAMBUCO, 26 anos e MEIRA PIRES, pelo Dr. Valdemar de Oliveira ✣ ANDRÉ ROUSSIN no Rio ✣ PEÇA BRASILEIRA em Tóquio ✣ LIÇÕES DE ESTÉTICA, de Joracy Camargo, cap. final ✣ JOÃO CAETANO E OS AUTORES BRASILEIROS, R. Magalhães Jr. ✣ O TEATRO NAS MEMÓRIAS DE NELSON RODRIGUES.

TEATRO DE AMADORES UNIDOS — NATAL — RN

"O SANTO MILAGROSO"
LAURO CEZAR MUNIZ



[illegible]IRIATO CORRÊA, [illegible]ndo na sede da [illegible] no Salão de Reuni[illegible]nde se realizou a As[illegible]bléia Geral que elegeu e empossou a Diretoria da SBAT para o triênio 1967/1969.

Viriato Corrêa é sócio fundador e foi o Secretário na primeira Diretoria, p[illegible]sidida pelo escritor e [illegible]moso cronista João do Rio (Paulo Barreto).

Dos fundadores, restam ainda, felizmente, o acadêmico Viriato Corrêa, o escritor Oduvaldo [illegible]na, no momento em [illegible] Paulo, e o poeta e [illegible]tor Luís Peixoto.

[illegible]to Corrêa, além de autor de peças que alcançaram muitos centenários de representações públicas, especializou-se em obras do gênero histórico e notadamente para crianças.

02 CÓPIAS
JESIEL FIGUEIRÊDO

No número de novembro-dezembro do ano passado, noticiamos os acontecimentos das eleições realizadas na SBAT e fizemos êstes comentários em tôrno da figura do sócio fundador VIRIATO CORRÊA, que faleceu no dia 10 de abril último. Reproduzimos êsses comentários como homenagem a essa grande figura do teatro brasileiro e da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT).

ANO DO CINQÜENTENÁRIO
Edição da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.6

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores de Paris e ao Conselho Panamericano da CISAC — Membro da Assembléia Geral do IBECC da UNESCO.

Sede própria: Av. Almirante Barroso, 97 — 3.º andar — Rio de Janeiro
TELEFONES: 42-5452 e 42-8294 — Enderêço Telegráfico: "SBAT"

Diretoria da SBAT para o triênio 1967-1969

Presidente: Joracy Camargo
Secretário: Raymundo Magalhães Júnior
Tesoureiro: Daniel Rocha

CONSELHO FISCAL:

Olavo Dias de Barros
Floriano Faissal
Eurico Silva

Suplentes:

Mário Magalhães
Roberto Ruiz
Henrique Pongetti

Chefe do Departamento Administrativo:

Djalma Bittencourt

Sócios Honorários

Adolfo Bloch
Min. Dr. Álvaro Dias
Arlindo Camargo
Ary Martins
Prof. Carvalho Pinto
Prof. Clóvis Salgado
Dr. Edmundo Moniz
Dr. Geraldo Russomano
Dr. Joaquim Buller Souto
Dr. Juscelino Kubitschek
Dr. Levy Neves
Oscar Teresa Dias (Oscarito)
Dr. Peregrino Júnior
Gen. Porfírio da Paz
Dr. Roberto Marinho

CAIXA BENEFICENTE

José Wanderley (Presidente)

SÓCIOS BENEMÉRITOS

Afonso Ruy de Souza
Daniel Rocha
Djalma Bittencourt
Geysa Boscoli
Joracy Camargo
Luis Peixoto
Paulo de Magalhães
Oduvaldo Viana
Raymundo Magalhães Júnior

SOCIEDADES ESTRANGEIRAS REPRESENTADAS PELA "SBAT"

ALEMANHA — Verband Deutscher Bühnenschriftsteller und Bühnenkomponisten
ARGENTINA — Sociedad General de Autores de la Argentina (Argentores)
BÉLGICA — Société Belge des Auteurs, Compositeurs e Editeurs (SABAM)
BOLÍVIA — Sociedad Boliviana de Autores y Compositores de Música (SOBODAICOM)
CHILE — Sociedad de Autores Teatrales de Chile (SATCH)
COLOMBIA — Sociedad de Autores y Compositores de Colombia.
ESPANHA — Sociedad General de Autores de España (SGAE)
ESTADOS UNIDOS — Incorporated Society of Authors Representatives (grande direito)
ESTADOS UNIDOS — Broadcast Music Inc (B.M.I.) (pequeno direito)
FINLANDIA — Svomen Näytelmäkirjailijaliitto
FRANÇA — Société des Auteurs et Compositeurs Dramatiques (SACD)
HOLANDA — Stichting Tot Exploitatie En Bescherming Van Auteursechten (SEBA)
HUNGRIA — A Mayar Népköztarsaság Irodalmi Alapja
INGLATERRA — The League of British Dramatists
ISRAEL — Société des Auteurs, Compositeurs et Editeurs en Israel (ACUM)
ITALIA — Societá Italiana Degli Autori ed Editori (SIAE)
IUGOSLAVIA — Uudruzenje Jugoslavenskih Musikin Autores (UJMA)
MÉXICO — Sociedad de Autores y Compositores (SACM)
MÉXICO — União Nacional de Autores
PARAGUAI — Autores Paraguayos Asociados (APA)
PERU — Círculo Peruano de Autores
POLÔNIA — Stewarzyszenie Autorów i Wydawców (ZAIKS)
PORTUGAL — Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portuguêses (SECTP)
RUMANIA — Societatea Autorilor Dramatici Români
SUÉCIA — Föreningen Svenska Tonsättares Internationella Musikbyra. U.P.A. (STIM)
TCHECO-SLOVÁQUIA — Ochranné Sduzeni Autorske Ssi Skaladatelu (OSA)
URUGUAI — Associación General de Autores del Uruguay (AGADU)
VENEZUELA — Sociedad de Autores y Compositores de Venezuela (SACVEN)

REPRESENTANTES DA "SBAT" EM TODO O BRASIL

ALAGOAS: Eolo Alencar — Rua do Comércio, 390 — Maceió.
AMAZONAS: Alfredo Fernandes — Av. Getúlio Vargas, 340 - c/4 - Manaus.
BAHIA: Nino Guimarães — Av. Sete, 1, sala 216. Salvador.
BRASÍLIA (D.F.): **Edson Falbo** — S. Q. 301 — Loja 20
CEARÁ: Dr. Lauro Ramos Tôrres de Mello — Rua Floriano Peixoto, 479 — Fortaleza.
ESPIRITO SANTO: Demósthenes Rodrigues — Rua 7 de Setembro, 99 - Apto. 601 — Vitória.
ESTADO DO RIO: Dr. Rubens de Carvalho — Rua Coronel Gomes Machado, 174 — sobreloja 104 — Niterói.
GOIÁS: Edson Rodrigues Nunes — Alamêda dos Buritis, 38, Apto. 3 — Goiânia.
MARANHÃO: Apolinário Souza dos Anjos — Travessa Carvalho Branco, 10 — Vila Iolanda — Bairro da Gamboa do Mato — São Luís
MATO GROSSO: Srta. Isabel Gracilma de Mello — Rua 24 de Outubro, 349 — Cuiabá
MINAS GERAIS: Grover Ferreira — Rua dos Carijós, 424 - 11º - s/1.101 — Belo Horizonte
PARÁ: Dr. Edgar Proença — Rádio Clube do Pará — Belém.
PARANÁ: Alberto Guarneli da Cunha — Rua 15 de Novembro, 266, conj. 73 — Curitiba.
PARAÍBA: Manuel Lopes de Carvalho — Rua Maciel Pinheiro, 280 — João Pessoa
PERNAMBUCO: Dr. Waldemar de Oliveira — Rua Miguel Couto, 68 — Recife.
RIO GRANDE DO SUL: Dr. Aron Menda — Rua dos Andradas, 1.234 - Conj. 1.407 — Ed. Santa Cruz — Pôrto Alegre.
RIO GRANDE DO NORTE: João Gibson — Av. Deodoro, 305 — Notal
SANTA CATARINA: Walter Boppré — Edifício São Jorge, 1º andar - Florianópolis.
SERGIPE: João Moreira da Silva — Rua Itabaiana, 615 — Aracajú
SÃO PAULO: Manoel de Oliveira Proença Filho — Avenida Ipiranga, 1.123, 8º andar — São Paulo.

Comp. e impresso na Editora e Gráfica Polar
Rua Sotero dos Reis, 1-A - Rio de Janeiro, GB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.7

Redação e Administração
Avenida Almirante Barroso, 97 — 3º andar
Rio de Janeiro

Revista de Teatro

Diretor Honorário: RENATO ALVIM

MARÇO — ABRIL DE 1967

Diretor Responsável:
JORACY CAMARGO
(Presidente da SBAT)

Redatores:
R. MAGALHÃES JÚNIOR
DANIEL ROCHA
DJALMA BITTENCOURT

Colaboradores:
GUILHERME FIGUEIREDO
HENRIQUE PONGETTI
LOPES GONÇALVES

MENOS UM DOS FUNDADORES DA SBAT MORREU VIRIATO CORRÊA, REDATOR DA PRIMEIRA ATA

À proporção que nos aproximamos da data (27 de setembro) em que comemoraremos o cinqüentenário de fundação da SBAT, vão desaparecendo os abnegados e gloriosos fundadores. Morreu Viriato Corrêa, cujo nome figura na placa de bronze que consagra o esfôrço, e poder-se-ia dizer, a audácia dos que conceberam e puseram em atividade os serviços que esta Casa presta aos autores brasileiros e aos estrangeiros por ela representados há cinqüenta anos. São agora dois os sobreviventes dessa verdadeira batalha que ainda se trava, pois, como é sabido, quanto mais aperfeiçoamos a máquina arrecadadora de direitos autorais, maior é a incompreensão dos que não se conformam com o cumprimento das leis que protegem o direito do autor, quando o lamentável seria que nós não cumpríssemos o dever que nos foi impôsto pelos associados.

Viriato, que, além de fundador, era Conselheiro Perpétuo da SBAT, faleceu às 19 horas do dia 11 de abril, na Clínica São Bento, à Rua Paulino Fernandes n.º 38, no apartamento 203, tendo sido pouco antes do desenlace visitado pelos presidentes da Academia Brasileira de Letras, academico Austregésilo de Athayde, e o da SBAT, Joracy Camargo.

DADOS BIOGRÁFICOS

Manuel Viriato Corrêa Bayma Filho nasceu a 23 de janeiro de 1884, em Pirapemas, Estado do Maranhão. Filho de Manuel Viriato Corrêa Bayma e Raimunda Silva Bayma, fêz os cursos primário e secundário em São Luís, capital do Estado. Cursou a Faculdade de Direito do Recife até o terceiro ano e veio terminar os seus estudos de advocacia no Rio de Janeiro.

Em 1911 foi eleito deputado estadual no Maranhão, sendo em seguida eleito para deputado federal pelo mesmo Estado, função que ocupou até 1930.

Em 14 de julho de 1938 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira número 32, que tem como patrono Pôrto Alegre e fundador Carlos de Laet.

Ao saudá-lo na Academia, por ocasião de sua posse a 29 de outubro de 1938, Múcio Leão caracterizou bem a origem humilde do filho do comerciante Manuel Viriato, citando trechos de um dos seus livros, no qual afirma: "O povoado em que nasci era um dos lugarejos mais pequenos, mais pobres e mais humildes do mundo... Uma ruazinha apenas, com umas vinte ou trinta casas, algumas palhoças espalhadas pelos arredores e nada mais. Nem igreja, nem farmácia, nem vigário. De civilização a escola apenas. As ruas e os caminhos tinham mais bichos do que gente. Criava-se tudo sôlto: as galinhas, os porcos, as cabras, os carneiros e os bois..."

Com uma vida intelectual intensa e dinâmica, o acadêmico Viriato Corrêa colaborou em quase todos os jornais e revistas que de 30 anos para cá se vem editando no Rio, São Paulo e outros Estados. Foi redator do **Correio da Manhã, Gazeta de Notícias, União, Fafazinho, Fôlha do Dia, A Rua, A Noite, A Manhã**, bem como colaborou em **A Notícia, Jornal do Brasil, Careta, Ilustração Brasileira, Cosmos, A Noite Ilustrada, Para Todos, O Malho, Tico-Tico, Leitura para Todos, O Estado de São Paulo e Tribuna de Santos.**

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.8

BIBLIOGRAFIA

Historiador

As suas obras publicadas abrangem desde as crônicas históricas, cujo primeiro livro data de 1921, com **Terra de Santa Cruz**, até contos, romances, literatura infantil e teatro, que começou a publicar em 1915. Como crônicas e contos históricos, seus primeiros trabalhos foram: **A Terra de Santa Cruz** — 1921; **Histórias da Nossa História** — 1921; **Brasil dos Meus Avós** — 1927; **Baú Velho** — 1927; **Gaveta de Sapateiro** — 1922; **Alcovas da História** — 1934; **Mata Galego** — 1934; **Casa de Belchior** — 1936; e **O País do Pau de Trinta** — 1939.

Contista

Entre os livros de contos, destacam-se os seguintes: **Minaretes** — 1903; **Contos do Sertão** — 1912; **Novelas Doidas** — 1921; e **Histórias Ásperas** — 1928.

Publicou depois o romance **Balaiada** e a seguir deu a público uma série de livros para criança, iniciando com o volume intitulado **Era Uma Vez...** Os seguintes foram: **Contos da História do Brasil** — 1921; **Varinha de Condão** — 1928; **Arca de Noé** — 1930; **No Reino da Bicharada** — 1931; **Quando Jesus Nasceu** — 1931; **A Macacada** — 1931; **Os Meus Bichinhos** — 1931; **História do Brasil para Crianças** — 1934; **Meu Torrão** — 1935; **Bichos e Bichinhos** — 1938; **No País da Bicharada** — 1938; **Cazuza** — 1938; **Descoberta do Brasil** — 1930; **História de Caramuru** — 1939; **A Bandeira das Esmeraldas** — 1945; **As Belas Histórias da História do Brasil** — 1948; **A Macacada** — 1949; e **Curiosidades de História do Brasil.**

Teatrólogo

Para o teatro Viriato Corrêa escreveu: **Sertaneja** — 1915; **Manjerona** — 1916; **Morena** — 1917; **Sol do Sertão** — 1918; **Juriti** — 1919; **Sapequinha** — 1920; **Nossa Gente** — 1924; **Zuzu** — 1924; **Uma Noite de Baile** — 1926; **Pequetita** — 1927; **Bombonzinho** — 1931; **Sansão** — 1932; **Maria** — 1933; **Bicho Papão** — 1936; **O Homem da Cabeça de Ouro** — 1936; **Marquesa de Santos** — 1938; **O Carneiro de Batalhão** — 1938; **O Caçador de Esmeraldas** — 1940; **Rei de Papelão** — 1941; **Pobre Diabo** — 1942; **O Príncipe Encantador** — 1943; **O Gato Comeu** — 1943; **Sombra dos Laranjais** — 1944; **Estão Cantando as Cigarras** — 1945; **Venha a Nós** — 1946; **Dinheiro é Dinheiro** — 1949; e **o Grande Amor de Gonçalves Dias** — 1959.

LIBERDADE

Um dos últimos livros de Viriato Corrêa, intitulado **História da Liberdade no Brasil**, foi popularizado e definitivamente imortalizado pelo samba do Salgueiro, cujo enrêdo do carnaval dêste ano teve as suas páginas como tema. Num dos últimos ensaios da Escola, nas vésperas do carnaval, a reportagem do **Correio da Manhã** levou o escritor à quadra Calça Larga, daquela Escola, a fim de que êle ouvisse a sua **Liberdade** cantada e dançada pelos sambistas do Salgueiro. Na ocasião Viriato Corrêa foi homenageado pelos dirigentes da Escola e apresentado a Aurinho da Ilha, autor do samba-enrêdo, que confessou ao escritor ter lido a **História da Liberdade no Brasil** inúmeras vêzes.

SEPULTAMENTO

Depois de velado nos salões da Academia, presente grande número de acadêmicos, escritores, artistas, jornalistas e representantes de instituições culturais, e ainda pela diretoria da Escola-de-Samba do Salgueiro (que aproveitara de uma de suas obras para o enrêdo de seu desfile no último carnaval, e cuja bandeira cobriu a urna funerária, o féretro deixou a Casa de Machado de Assis, às 16 horas, para o Cemitério de São João Batista, sendo depositado no Panteon dos Acadêmicos.

À porta da Academia discursou o presidente Austregésilo de Athayde para manifestar o sentimento de seus colegas. Muitas coroas foram enviadas por parentes, amigos e admiradores, além das instituições culturais, do Governador Negrão de Lima, da SBAT e da própria Academia.

Perdeu assim a SBAT um dos seus mais atuantes e fervorosos colaboradores, mas ficou sob sua guarda a extensa obra de Viriato Corrêa, cujos direitos morais e patrimoniais serão por ela defendidos, como é de seu dever, e como homenagem à memória do seu fundador. Para atender ao seu último desejo, manifestado ao presidente Joracy Camargo, a SBAT promoverá oportunamente a "réprise" da famosa operêta de Viriato Corrêa, **"A Juriti"**, com música de Chiquinha Gonzaga e encenada, em 1919, com grande êxito no antigo Teatro São Pedro. Em sessão solene do Conselho Deliberativo foi prestada à sua memória a homenagem de seus companheiros.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

NÔVO DIRETOR NO S.N.T.

FOI EMPOSSADO O TEATRÓLOGO MEIRA PIRES

Em substituição à Sra. Heliodora Carneiro de Mendonça, foi empossado no cargo de Diretor do Serviço Nacional de Teatro o teatrólogo Meira Pires. A solenidade realizou-se no Palácio da Cultura, no gabinete do Ministro da Educação, Deputado Tarso Dutra. S. Exa., ao declarar empossado o nosso consócio, enalteceu-lhe os méritos, principalmente aquêles que o recomendam ao desempenho da função, recomendando que estendesse o órgão máximo do Teatro a todo o território nacional, como é da essência de sua própria instituição. As palavras finais do Ministro Tarso Dutra foram vibrantemente aplaudidas pelas numerosas pessoas presentes, entre as quais se encontravam as maiores expressões da classe teatral, senadores e deputados das bancadas do Rio Grande do Norte, podendo-se citar o senador Dinarte Mariz e o deputado Grimaldi Ribeiro e muitos outros parlamentares potiguares, atôres e atrizes do Rio e de São Paulo, e a totalidade dos funcionários do S.N.T.

Discursando de improviso para agradecer, o teatrólogo Meira Pires foi muito feliz e fartamente aplaudido ao traçar em linhas gerais os seus objetivos no exercício do cargo que lhe era confiado pelo Govêrno do Marechal Costa e Silva, tendo oportunidade de salientar que faria ampla consulta à classe sôbre os problemas do teatro, indistintamente sem rancores, reunindo em seu gabinete representantes da velha guarda e dos novos. Tratou ainda da situação dos servidores do S.N.T., cujos direitos seriam plenamente assegurados em clima democrático. A transmissão do cargo realizou-se no dia seguinte (4 de abril) na sede do Serviço, ainda em presença de amigos, confrades e representantes da classe e do mundo oficial.

Estiveram também presentes à posse no Palácio da Cultura, o Ministro Delfim Neto, da Fazenda, o ex-Ministro da Educação, Professor Clóvis Salgado, o Professor Celso Kelly, representando o Conselho Federal de Cultura, os ex-diretores do S.N.T., Professor Thiers Martins Moreira e o Sr. Aldo Calvet.

A SBAT foi representada pela sua diretoria, que recebeu o empossado em sessão solene do Conselho Deliberativo, ocasião em que Meira Pires foi saudado por quase todos os conselheiros, agradecendo em brilhante discurso que constituiu o seu amplo programa de ação.

Um pequeno incidente foi evitado, durante a posse, quando o Sr. Ministro recusou receber um memorial formulado por elementos que tiveram os seus desejos contrariados, e que pretendiam tumultuar o ato.

O que interessa agora é que todos se congreguem em tôrno do nôvo diretor do S.N.T. para que lhe seja possível recuperar o tempo perdido desde a fundação daquele organismo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.10

O DIREITO AUTORAL NO BRASIL

por FRANCISCO OLIVEIRA E SILVA

Oliveira e Silva (Francisco) nasceu no Recife, Pernambuco, em cuja Faculdade de Direito se diplomou.

Em seguida, fêz jornalismo no Rio de Janeiro. Nomeado para um cargo federal em Santa Catarina, aí, também, foi Promotor Público, em Florianópolis, e advogado, por dez anos, em Blumenau.

Em 1943, prestou concurso para Juíz Substituto do antigo Distrito Federal. Nomeado, em 1944, é promovido (1946) a Juíz de Direito da 9.ª Vara Criminal e a desembargador, em 1960.

Obra jurídica: "Desquite e Divórcio" (três edições). "Da Calúnia e Injúria" (três edições). "Curso de Processo Civil" e "Curso de Processo Penal" (quatro edições). "Das Sociedades por Quotas, de responsabilidade limitada" (quatro edições).

Obra literária em prosa: "A Verdade Fantástica" (24 horas de uma sessão de júri). "Julgamento Fictícios" (decisões sôbre personagens de teatro e de romance). "D Quixote e Carlito" (ensaio). "Um homem se confessa" (duas edições) memórias. "A Mão sem Anéis" (conto). "Carlito no planêta Marte" (ficção científica). Ainda: "Conferências e Discursos" e "Diário Secreto do Pensamento".

Livros de Poemas: "O Vôo Interrompido" (1930). "Sagitário" (1943). "Uma Estrêla no Amanhecer" (1951). "Serenidade e Abismo" (1956) e "Sonata Patética" (1960).

Como representante do Tribunal de Justiça da Guanabara, tomou parte no V Colóquio Internacional de Estudos Luso-brasileiros, em Coimbra, em 1963, com a tese "O Direito Autoral no Brasil", unanimemente aprovada. Medalha de Mérito Santos Dumont, do Ministério da Aeronáutica, em 1956, pela conferência sôbre o Pai da Aviação. Medalha de Mérito da Associação dos Magistrados do Brasil. (1965). Presidente reeleito da Associação dos Magistrados da Guanabara (1964 e 1965). Presidente da Casa dos Quixotes.

1. Pequena história do direito autoral no Brasil

Começa a legislação sobre o direito autoral, no Brasil, com a chamada lei Medeiros e Albuquerque, deputado e escritor: a de n.º 496, de 1893, que cria um conjunto de regras de defesa da propriedade intelectual, num país que, então, contava apenas quinze milhões de habitantes e reduzido número de autores e de casas editoras. Aí, o prazo de garantia é de cinquenta (50) anos, a partir do dia primeiro de Janeiro do ano da publicação da obra literária, artística ou científica.

O prazo de proteção será alterado pelo Código Civil, em vigor no 1.º de Janeiro de 1917: segundo o art. 649, os herdeiros e sucessores do autor gozarão daquele direito pelo prazo de sessenta (60) anos, a contar do dia do seu falecimento.

A respeito do referido prazo, incorpora-se o Brasil na maioria dos países, sendo que o máximo é de oitenta (80) anos (Espanha e Colômbia) e perpétuo em Portugal, Guatemala, Nicarágua e Paraguai.

Definindo os direitos autorais, o decreto n.º 4 790, de 1924, estabelece duas garantias para o autor: a numeração da tiragem contratada com o editor, e a de examinar a contabilidade do editor, em qualquer tipo de contrato.

Regula a organização das emprêsas de diversões e a locação de serviços teatrais o decreto n.º 5 492, de 1928, sendo que os litígios entre artistas, autores, empresários e auxiliares das mesmas, antes ou na pendência da lide, podem ser solucionados pelo Juízo Arbitral; instituído no Código Civil, caso o queiram os interessados (art. 71 do respectivo Regulamento).

O registro da propriedade intelectual, previsto no Código Civil, é instituído pelo Decreto n.º 4.581, de 1939. Por outro lado, o Código Penal Brasileiro, em 1940, define os crimes contra aquela propriedade nos arts. 184 a 186.

Regulamenta a censura prévia no cinema, teatro e radiofonia o Decreto n.º 20.493, de 1946, e, em favor do autor nacional, a Lei n.º 1.565, de 1952, prescreve a obrigatoriedade da representação de suas peças, pelas compa-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 11

nhias teatrais. Surge a censura prévia, na televisão, com o Decreto n.º 37.008, de 1955, uma vez que se torna veículo de diversão e propaganda, dos mais eficientes, com as dezenas de estações existentes em todo o País.

2. Convenções Internacionais

Com a sua última revisão, em 1954, pelo Decreto n.º 34.954, é promulgada a Convenção de Berna que considera país de origem da obra o da sua primeira publicação, mesmo quando lançada simultâneamente nos países unionistas que concedam o mesmo prazo de proteção e, ocorrendo prazos diferentes, aquêle de prazo menos extenso. Se a simultâneidade é num país da União e em outro estranho a esta, fica sendo o da União o país de origem.

A Convenção Interamericana, promulgada pelo Decreto n.º 26.675, de 1949, firma para os Estados Contratantes, entre outros deveres, o de reconhecer e proteger, dentro do seu território, o direito do autor sôbre a sua obra, inédita ou publicada, e o de proibir a publicação ou uso, não podendo ser limitado o seu direito ao pagamento de perdas e danos.

Resta a Convenção Universal, de 6 de setembro de 1952, ratificada pelo Brasil, que disciplina e garante o direito a uma tradução correta da obra, a fim de receber o seu titular uma remuneração equitativa, facilitando-se o respectivo pagamento e a sua transferência ao interessado. Cria um instituto de licença legal para o editor, quando o autor não é conhecido ou encontrado no prazo de sete (7) anos.

Assim, as Convenções Internacionais vão suprindo as deficiências da legislação, na matéria, ventilando casos que, em regra, escapam à argúcia do legislador.

3. Problemas da Atualidade

Vários problemas desafiam ainda soluções não só no direito brasileiro, como no de outros países, assim, por exemplo, o do domínio público gratuito.

Em vez de já estabelecida uma taxa em favor dos institutos de assistência aos artistas, para a sua aposentadoria e pensão, revertem as vantagens daquele domínio, no teatro, em proveito do empresário da peça e, no livro, em benefício do editor de obra de arte ou ciência, o que explica, muita vez, a preferência, nem sempre justa, na montagem do espetáculo ou nas reedições do livro, por motivo de lucro maior.

Em 1920, a lei francesa regula o direito de seqüência — uma das variantes do domínio público remunerado — relativo à produção em artes plásticas, manuscrito e raridade bibliográfica, notório que, com a decorrência do tempo e a morte do autor, se valoriza a grande criação. Impõe-se, assim, uma espécie de impôsto sôbre o lucro, às vêzes desmedido, na venda ou leilão da obra de arte, em favor dos herdeiros do autor e, na falta, dos antigos possuidores da obra de arte. Poderia operar-se a fiscalização pelo Estado, no ato da respectiva alienação.

4. O art. 657 do Código Civil Brasileiro

Grandes divergências suscita a interpretação do art. 657 do Código Civil Brasileiro no debate sôbre a gratuidade, ou não, do pequeno direito do autor, quando se trata de obra teatral ou musical.

Prescreve aquêle dispositivo:
"Publicada e exposta à venda uma obra teatral ou musical, entende-se anuir o autor a que se represente ou execute, onde quer que a sua audição não fôr retribuída".

A jurisprudência dos Tribunais brasileiros vai disciplinando o que seja conceito ou intuito de lucro, assim como estabelecendo o interdito proibitório, a fim de garantir o direito do autor, sem dúvida alguma, personalíssimo.

Antes de tudo, que se observe a norma de nenhum trabalho ser gratuito, inaceitável, portanto, a interpretação, por efeito daquêle dispositivo, que se inclina pela sua gratuidade.

Vejamos como é possível conceituar o lucro ou o seu intuito, apenas com dois exemplos.

Eis o primeiro: na representação da peça teatral pelos grupos de amadores, em clubes literários ou recreativos, é de se presumir a anuência do autor, se não há bilheteria para a venda de ingressos e pelo caráter quase sempre gratuito do amadorismo?

Não. Porque, no clube literário ou recreativo, o lucro social não vai depender, exclusivamente, do êxito da bilheteria. Porque o espetáculo teatral, com ou sem orquestra (e, se existe orquestra, sempre é remunerada) tem suas fontes de lucro na qualidade e freqüência dos espetáculos que conquistam maior número de associados, além da valorização da entidade no conceito público. Não importa, assim, que haja convite em vez de ingresso.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,p.12

Segundo exemplo: as reuniões dançantes, sem o pagamento de entrada. Executa-se, aí, a obra musical do compositor, com a presunção de sua concordância no caráter gratuito, porém a orquestra que executa aquela obra, não deixa de receber a devida remuneração.

Tal exegese do art. 657 do Código Civil Brasileiro, por uma corrente jurisprudencial minorista, ofende a regra de hermenêutica jurídica, ou seja a de que nenhuma interpretação poderá ser absurda. Porque estabelece a gratuidade para a obra do compositor, embora a remuneração daqueles que a executam.

Surge um problema: — E, se se realiza, por meio de altos-falantes, a difusão de música proveniente de programas de estações de rádio e televisão, inclusive discos, em oficinas ou fábricas, durante as horas de trabalho? Tais emissões não se revestem de fins lucrativos?

Na Inglaterra e na Dinamarca houve ações de perdas e danos em casos tais. A Côrte Suprema da Dinamarca, no litígio Koda contra a S. A. C. W. Obel, em Acórdão de 10 de janeiro de 1952 (Inter-Auteurs, n.º 106, p. 47), concede uma indenização à Koda, a quem a lei outorga o direito de celebrar contratos relativos à execução pública de obras musicais protegidas.

Alegara a demandante, invocando a jurisprudência inglêsa, que aos empregadores cabe o pagamento de direitos autorais naquelas circunstâncias, porque as emissões, para os seus operários, representam execuções de natureza pública.

Orienta-se a jurisprudência francesa no sentido de se incluir, no direito de representação, a audição de um comerciante, na sua loja, desde que percebida pelos clientes e transeuntes (Acórdão da Côrte de Paris, de 29 de abril de 1932). Não se infere daí o intuito de lucro do comerciante, atraindo a atenção geral para a sua mercadoria?

No Brasil, o grande problema do momento é o da defesa do pequeno direito autoral, pela execução da música em recintos de clubes, onde não há entrada paga.

Embora os têrmos do art. 657 do Código Civil provoquem diversidade de interpretações, a corrente jurisprudencial maiorista, diante daquele preceito que constitui exceção ao direito exclusivo do autor à remuneração, pela sua obra, repele a presunção de gratuidade.

Em Acôrdão do Segundo Grupo de Câmaras Cíveis do Tribunal de Justiça da Guanabara, de 11 de outubro de 1961 (**Revista de Jurisprudência do Tribunal de Justiça**, vol. 1.º, págs. 162-163), como voto vencido, sustentamos a falta de lógica jurídica da sociedade embargante que, nas suas festas, remunerando a orquestra, que contrata, pleiteara a gratuidade na execução das peças dos compositores.

No referido voto, citamos um Acórdão do Tribunal de Apelação de Berlim, de 12 de abril de 1938, considerando como público um concêrto organizado por uma sociedade, quando admitida, no recinto, a família dos sócios. No mesmo sentido, um Acórdão da Côrte de Cassação da Suíça, de 24 de janeiro de 1935, e, finalmente, um julgado do Tribunal Correcional de Buenos Aires, de 22 de agôsto de 1944, consagrando a mesma tese. O Supremo Tribunal Federal do Brasil — cúpula do nosso Poder Judiciário — em vários Acórdãos, sustenta essa interpretação.

O malsinado art. 657 do Código Civil entra em conflito com uma lei posterior: a de n.º 5.492, de 1928, que no art. 26, considera realizadas, com intuito de lucro, quaisquer execuções musicais, representações artísticas ou difusões radiotelefônicas, desde que os respectivos executantes ou transmitentes recebam retribuição pelo trabalho.

5. Conclusões

Sendo personalíssimo, exclusivo, o direito autoral, cabe ao legislador, a fim de amparálo com eficiência, evitar obscuridades, omissões ou contradições de textos que facultem interpretações sofísticas.

Tôda a obra literária, artística ou científica, se divulgada, representada, gravada, televisionada ou retransmitida, merece remuneração, que absurdo é presumir-se-lhe natureza gratuita.

Que se altere ou suprima o texto do art. 657 do Código Civil Brasileiro, para que, com a máxima clareza, fique estabelecido o caráter remuneratório da propriedade intelectual, extirpando-se, aí, a exceção injustificável ao direito do autor.

A lei precisa de gravar o domínio público gratuito em benefício das caixas ou institutos de assistência aos artistas desamparados, como, também, de criar normas no direito de seqüência, evitando o empobrecimento dos herdeiros do autor, ou dos primeiros adquirentes da obra de arte, com uma taxa relativa à sua valorização através do tempo.

Ainda consagrar o direito moral do escritor, sem lhe oferecer quaisquer limitações, ou

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,p.13

MESMO SOB EXCLUSIVIDADE PODE O AUTOR PROIBIR A REPRESENTAÇÃO DE SUA PEÇA

Resposta da SBAT à consulta do autor Eddy Antônio Franciosi

Rio de Janeiro, 20 de Abril de 1967
Ilmo. Sr. Alberto G. Cunha
DD. Representante da SBAT no Estado do Pará — Curitiba.

Prezado Amigo,

O nosso consócio sr. Eddy Antônio Franciosi, residente nessa Capital, informa-nos que há muitos anos escreveu uma peça teatral sob o título "SEU NOME ERA JOANA" e que por volta do ano de 1960 assinou uma autorização em favor da Sra. ASTRID RUDNER (rua Voluntários da Pátria, Edifício Vilanova, Bloco C., 14º andar, Curitiba), dando-lhe o direito de exclusividade de representações da peça.

Informa, ainda, que, recentemente, escreveu nova peça, sob o mesmo têma e, em consequência, não desejaria que aquela sua peça primitiva viesse a ser representada, de vez que já não esposava, como autor, as idéias e conceitos emitidos na obra anterior.

À vista disso, indaga se lhe seria permitido autorizar as representações da sua nova peça, sob o título "O JULGAMENTO DE JOANA" ao Grupo de Teatro Amador do Colégio Estadual do Paraná.

A nossa resposta é categórica: PODE. Pode e deve permitir as representações do seu novo original a quantas Companhias o queiram apresentar.

Tôda a legislação, nacional ou estrangeira, que regula a matéria do direito do autor é unânime na defêsa do patrimônio moral e material do autor. Mesmo quando o autor tenha feito cessão total dos seus direitos patrimoniais, ainda lhe cabe o direito moral de se opôr a toda e qualquer utilização de sua obra de modo a comprometer o espírito nela manifestado.

Já em 1898, a Lei n.º 496, dava ao autor uma situação privilegiada nesse particular da cessão dos direitos autorais, como se vê pela letra do parágrafo 1 do artigo 4.º:

> **A cessão entre vivos não valerá por mais de 30 trinta anos, findos os quais o autor recobrará seus direitos, se ainda existir.**

Disso valeu-se Catulo da Paixão Cearense para recobrar a propriedade sôbre as obras musicais cujos direitos autorais havia cedido 30 anos atrás ao Editor Fred Figner e outros.

No campo relativo à obra teatral a legislação ainda é mais liberal, favorecendo o autor de modo a reconduzi-lo sempre ao desempenho da paternidade da obra.

Admitida a cessão dos direitos patrimoniais e a condição do autor de testemunhar o uso de sua obra em benefício de usuário comum, determina o artigo 32, do decreto 5.492, de 16 de Julho de 1928:

> **A propriedade autoral de qualquer obra literária, científica ou artística adquirida por editor ou por terceiro, considera-se perempta e cái no domínio comum:**
> **— quando, decorridos seis anos, contados da data da aquisição, não tiver sido editado ou publicado o livro ou obra de arte.**

Por outro lado, admitida formalmente a hipótese de uma cessão dos direitos patrimoniais, quiz o legislador que o autor conservasse para si o direito exclusivo de permitir ou não as representações de sua obra, como bem assinala o artigo 2 do decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

> **Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos para os quais se pague entrada, sem autori-**

---

seja o de inutilizar a obra inédita, alterar a publicada e retirá-la da circulação. Finalmente: o de permitir, ou não, seja adaptada ao cinema, à radiofonia ou à televisão. Direito que se baseia no princípio de que tôda a criação se confunde èticamente com a personalidade do criador, espelhando-lhe o pensamento, a sensibilidade e a filosofia de vida.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA PTE.0677,P.14

zação para cada vez, do autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Nesse particular assinalado pela lei, exigindo a autorização do autor, PARA CADA VEZ, há evidente preocupação do legislador em defender, principalmente, o patrimônio moral do autor.

Com efeito, autorizada a representação de uma peça teatral e pagos os respectivos direitos autorais, pode o autor proibir sua representação sucessiva se alguma modificação foi feita no texto ou se a interpretação não estiver em harmonia com o verdadeiro espírito da da obra.

Hoje em dia o autor tem influência direta na escolha dos intérpretes de sua peça. Além disso, é um direito líquido e certo o de impedir a representação de certo texto publicado, sob a alegação de que tal texto está autorizado apenas sob a forma de leitura. É o que se dá com a publicação de "ODORICO", de Alfredo Dias Gomes, na Revista "Cláudia". O texto para representação teatral é outro e o autor sempre se reservou o direito de examiná-lo, antes de permitir a representação.

Mas, voltemos ao assunto do documento de exclusividade conferido pelo sr. Franciosi à Sra. Astrid Rudner. Tal documento é nulo de pleno direito em face do que dispõe o artigo 1.360 do Código Civil Brasileiro:

Se não se fixou prazo à representação, pode o autor intimar o empresário a que o fixe, cominando-lhe em pena a rescisão do contrato.

De modo que o autor Eddy Antônio Franciosi poderia tranquilamente escrever uma carta à Sra. Astrid Rudner fixando o prazo de 30 dias para estrear a peça "SEU NOME ERA JOANA" e determinar no mesmo documento que o contrato de exclusividade ficaria nulo de pleno direito se a peça não fôsse estreada dentro daqueles trinta dias.

Mas não há necessidade alguma dessas providências, porque o autor Eddy Franciosi tem o direito absoluto e incontestável de modificar sua obra, autorizar as representações de suas peças em tais condições, repudiando toda e qualquer outra que não mais represente o seu pensamento de autor.

Nessas condições, voltamos a afirmar que o Sr. Eddy Antônio Franciosi PODE autorizar as representações da sua nova peça sob o título de "O JULGAMENTO DE JOANA", tendo, igualmente, o direito líquido e certo de PROIBIR toda e qualquer representação da peça primitiva, escrita sob o título de "SEU NOME ERA JOANA".

Salvo melhor juízo, esta é a nossa opinião.

Djalma Bittencourt,
Chefe do Depto. Administrativo

NOVAS NORMAS PARA A CENSURA TEATRAL

BRASÍLIA — Estabelecendo novas normas regulamentadoras para a censura teatral e de outros espetáculos, entre os quais incluiu os préstitos carnavalescos, cordões e ranchos, o chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas, do Departamento Federal de Segurança Pública, Sr. A. Romero Lago, baixou, em 2-3-67, a Portaria 11, dêste ano, dentro do programa de enquadrar a SCDP no disposto na nova Constituição.

A aprovação concedida pelos censores estará na dependência do chefe do SCDP, que poderá ratificá-la ou não, e as peças que tenham saído do cartaz e sejam reapresentadas depois de um intervalo de 20 dias, poderão ser submetidas a revisão de censura, se o SCDP julgá-la conveniente.

íntegra

É a seguinte a íntegra da portaria:

"1. — O SCDP exercerá em todo o território nacional a censura prévia dos seguintes espetáculos:

I — As representações de peças teatrais:

II — As representações de variedades;

III — As execuções de bailados, pantomimas e peças declamatórias;

IV — As exibições públicas de espécimes teratológicos;

V — As apresentações de préstitos, grupos, cordões, ranchos e estandartes carnavalescos;

VI — As propagandas e anúncios de qualquer nature-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.15

za quando em carro alegórico ou de feição carnavalesca;

VII — As publicações de anúncios na imprensa e a exibição de cartazes em lugares públicos, quando tais anúncios e cartazes se referirem aos assuntos consignados nos números anteriores dêste item.

2. — Será negada a autorização sempre que a representação ou exibição:

a) Contiver cenas de ferocidade ou fôr capaz de sugerir a prática de crimes;

b) Contiver qualquer ofensa ao decôro público;

c) Divulgar ou induzir aos maus costumes;

d) Tiver como objeto provocar incitamento contra o regime vigente, a ordem pública, as autoridades constituídas e seus agentes;

e) Fôr grosseiramente ofensiva a países com os quais o Brasil mantenha relações diplomáticas;

f) Fôr ofensiva às coletividades, ou às religiões, ou contiver preconceito de raça ou classe;

g) Ferir, por qualquer forma, a dignidade ou o interêsse nacional;

h) Induzir ao desprestígio das Fôrças Armadas;

i) Contiver propaganda de qualquer natureza, inclusive eleitoral, a menos que a mesma esteja, em tôda a sua divulgação, caracterizada como tal.

3 — Considera-se local de representação, execução e exibição e de outras formas de espetáculos, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, circos, arenas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para alguns daqueles fins e que sejam de qualquer maneira freqüentados coletivamente, mesmo os que tenham denominação de sociedades recreativas e desportivas.

4. — Os censores federais indicarão dia e hora do ensaio geral, exibição ou execução a ser censurada, e, mediante parecer fundamentado, concederão ou negarão sua aprovação, total ou parcial.

Parágrafo 1.º — A aprovação deverá indicar se o espetáculo foi considerado "proibido para menores até dez anos", "até 14 anos" ou "até 18 anos", bem como se "educativo", ou "recomendado para a juventude".

Parágrafo 2.º — Em casos excepcionais, o espetáculo poderá ser proibido até 21 anos.

Parágrafo 3.º — As restrições impostas pelo SCDP, que constarão dos certificados de censura do espetáculo, deverão figurar em avisos legíveis nas bilheterias (dimenções mínimas de 20 x 10cm), nos cartazes e nos anúncios de distribuição interna ou externa, inclusive os publicados na imprensa, ou através das emissoras de rádio e televisão.

5. — A censura prévia, nos casos previstos nos números I, II e III do item 1, deverá ser requerida com a antecedência mínima de dez dias antes da primeira representação, e nos demais casos, com cinco dias de antecedência mínima.

6. — Para a representação de qualquer peça teatral, ou números de variedades, o empresário, ao requerer a censura prévia, apresentará dois exemplares impressos, datilografados ou mimeografados, sem emendas, rasuras ou borrões.

Parágrafo único — Os requerimentos de censura prévia deverão indicar o título do espetáculo, nome do autor, tradutor ou adaptador, nome do produtor ou empresário, do diretor de cena e dos atôres, bem como o dia, hora e local em que será apresentado ao público.

7. — A aprovação concedida pelos censores federais será submetida ao chefe do SCDP, que, se a mantiver, mandará expedir certificado de censura.

Parágrafo 1.º — O certificado de censura das representações teatrais ou similares será válido pelo prazo de um ano.

Parágrafo 2.º — Nos demais casos, sobretudo motivo grave que torne a representação, exibição ou execução contrária ao interêsse público, poderá o chefe do SCDP anular ou restringir a aprovação anteriormente concedida.

8 — Durante os ensaios gerais, os atôres músicos, produtores, diretores e demais participantes são obrigados a cumprir rigorosamente tôdas as determinações do SCDP, especialmente em relação ao texto da peça em ensaio, à indumentária, aos gestos, às marcações, às atitudes e ao procedimento no palco.

Parágrafo 1.º — Ao iniciar-se o ensaio geral, devem estar presentes tôdos os atôres, auxiliares e demais participantes do espetáculo.

Parágrafo 2.º — Durante o ensaio geral, que é privativo da censura, cumpre ao responsável pelo espetáculo não permitir a presença de pessoas estranhas no local sem o consentimento expresso do censor federal.

9 — As peças que já tenham sido retiradas de car-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.56

taz e que a êle voltarem depois de um intervalo de 20 dias, contados da data da última representação, para serem novamente representadas, poderão ser submetidas a uma revisão de censura, se o SCDP julgar conveniente, realizando-se para tanto nôvo ensaio geral.

10 — O requerimento solicitando a censura de préstito, grupos, estandartes, carros alegóricos e de propaganda, quando esta fôr de natureza carnavalesca, assim como dos trajes característicos ou fora do comum dos propagandistas, deverá ser acompanhado dos debuxos e figurinos respectivos.

Parágrafo único — Além do que dispõe êste item, a censura referente aos préstitos e carros carnavalescos poderá também ser feta no local onde os membros se organizarem.

11 — Não serão absolutamente permitidas representações, exibições e execuções públicas sob forma de improviso.

12 — Os títulos dos espetáculos já apresentados ao público só poderão ser mudados por solicitação do autor ou tradutor, com a condição, porém, de figurarem sempre nos programas, cartazes e anúncios, em seguida às novas denominações, como subtítulos, os títulos primitivos.

13 — A ação do SCDP, quanto ao limite de idades e para efeito de interdição da entrada de menores nos estabelecimentos onde se realizam espetáculos considerados impróprios para menores, será exercida de conformidade com os dispositivos previstos no Código de Menores.

14 — Não será concedida autorização para exibições públicas de espécimes teratológicos ou patológicos, quando a anomalia recair em menor ou irresponsável.

15 — Para a censura dos cartazes e anúncios serão êles apresentados ao SCDP, quando solicitados, dentro do prazo previsto no item 5, em duplicata, sendo uma prova arquivada e a outra restituída à parte interessada.

16 — As infrações ao disposto na presente portaria serão punidas com as seguintes penalidades: advertência, oral e por escrito; multa e suspensão, no âmbito federal. Das penalidades caberá recurso ao chefe do SCDP, ao diretor-geral do DFSP e ao Ministro da Justiça.

Parágrafo único — São passíveis das penalidades a que se refere êste parágrafo o proprietário ou responsável de casa de diversões, o empresário, artistas auxiliares e demais participantes da função ou espetáculo público."

A SBAT ESCLARECE POSIÇÃO DO AUTOR PERANTE SERVIÇO CENSURA

Rio de Janeiro, 28 de março de 1967

Ilmo. Sr. Dr ROMERO LAGO
DD. Diretor do Serviço de Censura do
Departamento Federal de Segurança Pública
Brasília, D.F.

Senhor Diretor,

A "SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS" (SBAT), fundada em 27 de Setembro de 1917, reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n.º 4.092, de 4 de Agôsto de 1920, Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores com sede em París, Membro do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), do Ministério das Relações Exteriores, vem à presença de V.S. requerer e expôr o seguinte:

1) — que o Serviço de Censura do Departamento Federal de Segurança Pública, de que V.S. é ilustre titular, recomende aos senhores Chefes dos Serviços de Censura de Diversões Públicas de todos os Estados da Federação, que não permitam a realização de qualquer espetáculo teatral, seja de que natureza fôr, sem que a programação venha acompanhada, para cada vez, na forma das leis vigentes, da autorização do autor ou da pessoa subrogada em seus direitos, no caso **a SBAT, que representa a totalidade dos autores teatrais brasileiros e estrangeiros;**

2) — a bem da verdade seja dito que a SBAT goza de conceito muito elevado perante as autoridades dêsse Serviço de Censura, em tôda parte, e, de um modo geral, nenhum Chefe de Censura aceita programação que não esteja devidamente autorizada pela SBAT, ciente que está, por convicção pessoal, de que todo autor teatral pertence exclusivamente ao quadro social da SBAT e que sòmente esta So-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 37

ciedade pode autorizar o uso de suas obras teatrais onde quer que elas se realizem, desde o simples Circo de picadeiro, o Grupo de Amadores, o Teatro, o Rádio a Televisão, até os salões de Clubes privados, onde só tem ingresso o associado ou titular de cota patrimonial;

3) — mas, apesar disso, a SBAT reitera perante V.S. a recomendação citada, junto dos prezados senhores Chefes do Serviço de Censura, a fim de que essas autoridades, no cumprimento do seu dever, possam exibir, sempre, essas recomendações aos usuários, de modo a educá-los a consagrar, cada vez mais, o respeito que se deve, por leis, ao patrimônio do autor;

4) — visando a tornar cada vez mais efetiva a divulgação das leis que protegem o direito do autor e, principalmente, a consagrar a legitimidade desse direito — já que, sabemos todos, nenhuma obra teatral poderá ser representada sem a autorização do autor ou da pessoa subrogada em seus direitos — a SBAT publica, com frequência, Boletins de Informações e Instruções aos seus Representantes e Agentes e toma a liberdade, ao mesmo tempo, de distribuir tais publicações aos senhores Chefes do Serviço de Censura e demais autoridades incumbidas das execuções dessas leis de proteção ao direito do autor. A última publicação data de Janeiro do ano passado, 1966, da qual nos permitimos juntar dois exemplares. Nessa publicação salientamos, em resumo, a seguinte matéria:

a) transcrição do decreto-lei 4.092, que reconheceu a SBAT como Utilidade Pública, em 4/8/1920;

b) o artigo da Constituição Brasileira que assegura a inviolabilidade dos direitos e, particularmente, aos autores, a garantia de que sòmente a êles pertence o direito exclusivo de reproduzir ou autorizar a reprodução de suas obras;

c) artigos do Código Civil Brasileiro, consagrando a legitimidade do autor, de reproduzir o uso de suas obras, etc.

d) a lei n.º 385, de 1937, que torna obrigatória a inclusão de peças brasileiras em todos os programas musicais que se executem no Brasil;

e) o Acórdão do Supremo Tribunal de n.º 714, em Mandado de Segurança, pelo qual o AUTOR É QUEM ESTIPULA O PRÊÇO DO DIREITO AUTORAL;

f) o decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962, que "altera e revoga dispositivos do Regulamento aprovado pelo Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e dá outras providências", que veio reforçar de maneira muito expressiva, em favor do autor, o seu direito legítimo de autorizar ou não o uso de suas produções onde quer que elas se realizem, inclusive nos recintos de natureza privada;

g) o decreto 5.492, de 16 de julho de 1928, que contem certos elementos utilíssimos na defesa do patrimônio do autor, decreto êsse que é, pràticamente, a primeira lei que disciplinou, em nossos dias, a defesa do patrimônio econômico do criador da obra de arte;

h) o decreto 4.790, de 2 de janeiro de 1924, que definiu de maneira clara e insofismável que nenhuma obra litero-musical poderá ser representada ou executada em espetáculos públicos sem a autorização do autor ou pessoa subrogada em seus direitos;

i) explicação sôbre a diferença entre o direito cobrado pela SBAT — o chamado grande direito ou direito de representação — e o direito cobrado pela Coligação SBACEM-SADEMBRA-SBAT;

j) recomendação aos senhores Agentes e Representantes no sentido de que não autorizem a representação de qualquer peça estrangeira sem a confirmação de que a tradução da peça tenha sido devidamente autorizada e que o contrato de tradução esteja vigente;

k) explicação sôbre a necessidade da autorização prévia;

l) confirmação de que espetáculos sem cobrança de ingressos também pagam direitos autorais;

m) tabelas de direitos autorais para espetáculos de teatro musicado — 15% da renda bruta de cada espetáculo — e espetáculos sem música (comédias, dramas, etc.) —

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, p. 18

10% da renda bruta de cada espetáculo, mas com a advertência de que essas tabelas representam o MÍNIMO EXIGIDO PELOS AUTORES, já que êles têm, por lei, o direito de fixar o preço conveniente, no ato da autorização;

n) e outras recomendações e instruções aos nossos Representantes sôbre a impossibilidade de isenção de direitos autorais, cadastro de Grupos de Amadores, Revista de Teatro e norma de requerimento à autoridade, sôbre espetáculos programados sem a competente autorização, na forma da legislação respectiva.

Aí está, senhor Diretor, o mínimo de tarefa que compete à SBAT na defesa do patrimônio autoral de seus representados.

Além disso — da defesa moral e econômica dos direitos autorais devidos pelo uso da obra teatral onde quer que ela se realize, é a SBAT chamada, também por vêzes, para cuidar de outros interêsses correlatos, tais como o da defesa e percepção dos direitos autorais devidos pela publicação de contos, crônicas e transcrições de artigos, em jornais e Revistas, sem a permissão prévia dos respectivos autores, nossos associados.

Por mais de uma vez fomos solicitados a intervir junto de Editoras que publicaram livros e peças de teatro sem a necessária autorização dos respectivos autores ou titulares dos direitos autorais. Por acaso podemos citar que, no momento, estamos agindo contra a Editorial LOSANGE, de Buenos Aires, que publicou sem a autorização dos autores OSMAN LINS e ARIANO SUASSUNA as peças: "LISBELA E O PRISIONEIRO" e "O AUTO DA COMPADECIDA", respectivamente.

A ação da SBAT na defêsa do patrimônio do autor brasileiro é tão intensa e está tão difundida que, frequentemente, recebemos dos mais longinquos países solicitações as mais diversas no sentido de que autorizemos a teatralisação ou radiofonização de contos e crônicas dos mais famosos autores brasileiros. Ainda neste momento temos em mãos uma carta da nossa congênere "DILIA", da Tchecoslováquia, pedindo permissão para proceder a uma leitura do conto de Ribeiro Couto — "UMA NOITE DE CHUVA" — **no Rádio, de Praga, e indagando quanto a SBAT exigiria de direitos autorais ou se poderia ser aplicada a tabela habitual para êsse gênero de apresentação.**

É confortadora a consideração dispensada ao autor não sòmente no que concerne ao pagamento do direito autoral, mas, principalmente, quanto à autorização prévia.

A questão do preço fixo ou porcentual devido pelo uso de uma peça teatral, no Teatro ou na Televisão, é matéria complexa porque ao autor está consagrado o princípio, mundialmente, de estipular o "quantum" e condições.

A peça musicada "MY FAIR LADY", por exemplo, atingiu o maior índice de direito autoral cobrado no Brasil. Por exigência dos autores, musicistas e tradutores (e também do figurinista) cobrou a SBAT nada menos de 22% da renda bruta de cada espetáculo. Já houve casos de 18%, de 15%, para comédias sem música.

Uma outra comédia, sem música, de origem norte-americana, levada no Brasil há uns dez anos — A CASA DE CHÁ DO LUAR DE AGÔSTO — pagou de direitos autorais 14% da renda bruta de cada espetáculo, sendo 10% para os autores e 4% para os tradutores.

Recentemente, uma outra comédia — "MEU QUERIDO MENTIROSO" — pagou 13% da renda bruta de cada espetáculo, 8% para os autores inglêses e 5% para os tradutores brasileiros.

Poderíamos citar centenas de casos, os mais diversos, demonstrando a complexidade da fixação dos direitos autorais.

Eis porque a SBAT mantém permanente contato com Companhias, Empresários e Produtores, ajustando condições de direitos autorais no ato da entrega da obra teatral ao responsável, e firmando contrato de representação, em três vias, uma das quais, na forma da lei, fica arquivada no Serviço de Censura. (Juntamos 2 exemplares dêsse contrato).

O trabalho da SBAT na defesa dos direitos de seus representados tem sido de tal forma eficiente e satisfatório que uma nova modalidade do direito autoral está se tornando comum e posta em prática há alguns anos — a cobrança dos serviços de direção do espetáculo sob a forma porcentual. E assim há diretores de Companhias que fixam o seu trabalho de criação — o da direção — em têrmos de porcentagem e incumbem a SBAT de exercer tal cobrança.

Nestas condições, senhor Diretor do Serviço de Censura do Departamento Federal de

BR DFANBSB NS CPR.TEA.PTE. 0677, P. 39

Segurança Pública, cumprindo o grato dever de expôr a Vossa Senhoria todo êsse complicado organismo pôsto em prática pela SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT) na defesa do patrimônio dos autores nacionais e estrangeiros, seus representados, reiteramos de V.S. a execução das medidas que forem julgadas necessárias e oportunas no sentido de que tôdas as autoridades incumbidas da fiscalização e da execução das leis que garantem e protegem o direito do autor, possam prestar sua valiosa e indispensável colaboração, sem o que o autor, estaria à mercê daqueles que quizessem ou não respeitar um patrimônio que é, afinal, o mais legítimo — a propriedade autoral pois que decorre da personalidade do próprio autor.

Agradecendo pela especial atenção de V.S. e esperando merecer a consideração devida, valemo-nos da oportunidade para reiterar-lhe, Senhor Diretor, a expressão do nosso elevado aprêço e consideração a mais distinta.

Joracy Camargo,
Presidente da SBAT

Raymundo Magalhães Jr.,
Secretário da SBAT

Daniel da Silva Rocha,
Tesoureiro da SBAT

O TEATRO DE AMADORES DE PERNAMBUCO E MEIRA PIRES NOS "A PROPÓSITO" DE WALDEMAR DE OLIVEIRA

Foi há vinte e seis anos passados, precisamente nesta data, que pela primeira vez se abriu o velário do Teatro de Amadores de Pernambuco. Quem quiser ter uma idéia do que foram os seus começos, recorde o esfôrço enorme que hoje realizam conjuntos que tentam sobreviver, na paisagem teatral de nossa terra. Lançam mão de todos os recursos ao tempo em que encontram o terreno já arroteado — e produzindo. Em 1941, nada disso havia. E, em matéria de amadorismo, partia-se da estaca zero. O "Grupo Gente Nossa" insistira no semi-profissionalismo. Um conjunto amadorista estava fadado, como os que a classe acadêmica de vez em quando organizava (e era tudo), ao completo fracasso, sobretudo se se tentava a alta roda, muito expedita, sempre, como tantas vêzes tenho dito, a subir ao palco para cantar, para dançar, para declamar (e nem sempre bem). O TAP surgiu, já se sabe, por influência de Otávio de Freitas, que nos pedia uma "festa de arte", muito comum à época. Por que não organizar um espetáculo teatral? Organizou-se, com "Knock", de Jules Romains. Estava fundado o Teatro de Amadores de Pernambuco. Vinte e seis anos correram sôbre essa data — e o TAP se mantém vivo, como no seu primeiro ano de existência, fiel ao seu programa, fraternizando, inalteràvelmente, com os seus congêneres não acotovelando ninguém, como se adotasse o conhecido lema — vivam e deixem-me viver.

Infelizmente, por motivos alheios à sua direção, não pôde lançar, na data de hoje, como pretendia, o seu espetáculo comemorativo. Mas, o fará ainda êste mês — a 13 ou 14, lançando o "vaudeville" de Feydeau — "Uma pedra no sapato", 3 atos, 3 cenários, 24 personagens, peça de uma única pretensão, como convém ao gênero — fazer rir.— W.

* * *

Meira Pires já tomou posse do cargo para o qual foi nomeado: o de Diretor do Serviço Nacional de Teatro — e eu não posso compreender as razões da grita que se levantou contra sua nomeação, nos meios teatrais do Sul. Sobretudo, não posso compreender que se argumente com suas peças, uma das quais — "Senhora do Carrapicho" — fracassou, em sua apresentação, no Rio. Não é possível relacionar capacidade administrativa com capacidade de escritor teatral. O pior dramaturgo do mundo pode ser excelente administrador. E o que se pretende para o Serviço Nacional de Teatro não é um gênio da dramaturgia, mas, um homem inteligente e dinâmico, como muitos dos diretores que o Serviço tem tido — sem que fôssem consagrados escritores teatrais. Nesse particular, o SNT não tem tradição. A Meira Pires não se podem negar qualidades que o indicam para o posto. Quem duvidar, vá ver o Tea-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,8.20

tro Alberto Maranhão, de Natal, em que estado está (nenhum outro teatro do Norte se lhe compara). E, aproveitando a viagem, consulte jornais de lá (se não preferir, de volta, consultar os daqui, que exaltaram tantas de suas iniciativas) para verificar a importância e o esplendor dos movimentos animadores — e reanimadores — da arte dramática, sèriamente encarada, imaginados e realizados pela fibra de lutador e de idealista de Meira Pires, inclusive levando conjuntos e mais conjuntos teatrais a Natal, Ministros de Estado, autoridades outras, técnicos, para espetáculos, mesas redondas, palestras, seminários, festivais. Os que se ergueram no Rio, contra a nomeação de Meira Pires, não sabem nada disso, nunca viram o Alberto Maranhão, jamais tomaram conhecimento das realizações de Meira Pires, no âmbito do teatro de sua região. E vá ver que se trata de gente que devia saber tudo isso. — W.

ANDRÉ ROUSSIN NO RIO

De passagem para São Paulo, Montevidéu e Buenos Aires, estêve entre nós por algumas horas o grande autor francês André Roussin.

Consentindo gentilmente em desembarcar do paquete "Louis Lumière", no qual realiza uma excursão turística pela América Latina, o autor últimamente mais traduzido no Brasil foi homenageado com um almôço, que, por iniciativa da Air France, realizou-se no restaurante "Le Relais".

A êsse almôço compareceram, além da diretoria da SBAT, nas pessoas dos Srs. Joracy Camargo, Raimundo Magalhães Júnior e Daniel Rocha, a Diretora do Serviço Nacional de Teatro, Sra. Heliodora Carneiro de Mendonça, representantes da Embaixada da França e da Air France, como ainda artistas, críticos e jornalistas. Raimundo Magalhães proferiu um breve discurso de saudação ao homenageado, e o presidente da SBAT lamentou que Roussin não permanecesse por tempo suficiente no Rio a fim de que recebesse de seus colegas brasileiros, na Casa do Autor, a homenagem que todos lhe devem. Contudo, o autor de "Os Ovos de Avestruz" prometeu estudar essa possibilidade, no seu regresso a Paris.

André Roussin é um parisiense de Marselha, ator, diretor e dramaturgo (dirigiu e atuou em peças suas e de outros). Peças: "Une grande fille toute simples" e "Jean-Baptiste le Mal-Aimé" (1944); "La Sainte-Famille" (1946); "Uma Certa Cabana" (1947); "Les Oeufs de l'Autruche" e "L'Etranger au théatre" (1948); "Nina" (mesmo título entre nós) e "L'Ecole des Dupes" (1949); "Bobosse" (1950); "A Cegonha se Diverte" e "La Main de César" (1957); "Helène ou la joie de vivre", de parceria com Madelaine Gray (1952); "Le mari, la femme et la mort" (1954); "L'Amour Fou" (1955); "O Belo Antônio", baseado na peça de Vitaliano Brancati (1957); "Une femme qui dit la vérité" e "Les Glorieuses", peça em verso (1960); "La Coquine", baseada na peça "La Bugiarda", de Diego Fabbri (1961); "Un amour qui ne finit pas" e "La Voyant" (1963), e outras. As peças com os títulos em português foram montada pelas nossas companhias.

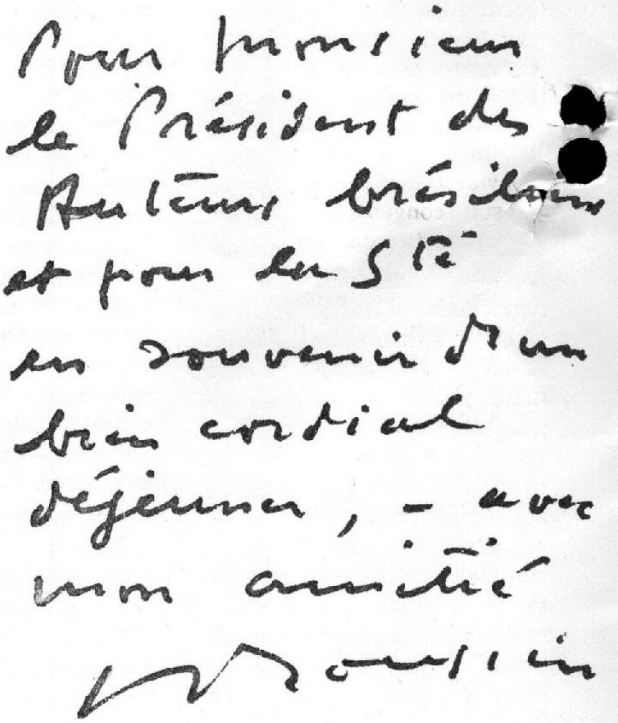
Atualmente está em cena, em Paris, com grande êxito, sua última peça, "La Locomotive", com Elvire Popesco e direção do autor.

* * *

MENSAGEM DE ANDRÉ ROUSSIN AOS AUTORES BRASILEIROS

Para o Senhor Presidente dos Autores brasileiros e para a Sociedade, como lembrança de um cordial almôço, — com a minha amizade.

(a) André Roussin



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.21

BASTIDORES

D. B.

★ "O FARDÃO", comédia de Bráulio Pedroso, foi traduzida para a língua inglêsa por John D. Procter e deverá ser colocada brevemente junto de uma Companhia inglêsa.

★ OFICINA, de São Paulo, vai reabrir com peça brasileira — "O REI DA VELA", de Oswald de Andrade, sob a direção de José Celso Martinez Corrêa.

★ MORREU CLAUDE VINCENT (Agnes Claudius), na Inglaterra, onde se encontrava, há mais de um ano, em tratamento de saúde. Claude Vincent fêz crítica teatral no Brasil, vivendo no Rio de Janeiro no período de 1946 a 1956, tendo deixado aqui um grande número de amigos. Ùltimamente havia traduzido, na Itália, a peça "MEU QUERIDO MENTIROSO", que o autor inglês Jerome Kilty coordenou e teatralizou baseado na correspondência íntima de G. Bernard Shaw, peça essa que constituiu um sucesso bem expressivo com Natália Timberg-Sérgio Brito.

★ "UMA NOITE DE CHUVA", conto de Ribeiro Couto, vai ser apresentado, como leitura, na Rádio de Praga, Tchecoslováquia, devidamente autorizado pela sua viúva, através da SBAT, representada pela sua congênere "DILIA", daquele País. A propósito de Ribeiro Couto, autor falecido recentemente, em Belgrado, onde desempenhava brilhantemente as funções de embaixador do Brasil na Iugoslávia, sua viúva, a ilustre Sra. Ana Pereira Ribeiro, transformou sua mansão localizada no Alto de Teresópolis na "Casa do Gato Cinzento" (título de um dos famosos contos de Ribeiro Couto), num verdadeiro museu artístico, pois que, além das obras completas de Ribeiro Couto e de tôda a grande biblioteca do saudoso acadêmico, uniu raríssimas e variadas peças de porcelana, quadros e imagens religiosas de séculos passados, que o casal conseguiu adquirir e conservar durante os longos anos de vida conjugal transitando pelo mundo.

★ NUNCA SERÁ DEMAIS abordar o assunto das traduções de peças teatrais publicadas em livro, em relação às traduções de tantas outras peças autorizadas para representação teatral pública. Muitas vêzes, pelo simples fato de estar a peça publicada em livro, numa tradução brasileira ou portuguêsa, entendem os interessados na representação teatral que podem usá-la normalmente, pagando os direitos ao autor e ao tradutor da peça editada. Mas não é assim, absolutamente. Pode acontecer que o tradutor da peça publicada em livro seja também o tradutor autorizado para a representação pública, em teatro. Entretanto, na maioria dos casos, o texto publicado em livro não é o mesmo que está autorizado para o teatro; e daí a impugnação da SBAT quanto ao uso dêsse texto, exigindo que seja encenado tão-sòmente, como de direito, o texto do tradutor devidamente autorizado para o teatro. Conviria lembrar que, dificilmente, um texto publicado em Portugal, poderia ser autorizado para representação teatral no Brasil. Há dois pontos fundamentais a registrar. O primeiro seria o que se refere ao direito do tradutor da obra publicada de poder fazer representar o seu texto; e o outro seria o de se ter a certeza de que o seu contrato de tradutor da obra editada em Portugal abrange também o direito de poder apresentá-la nos teatros do Brasil. Isso é muito importante e não raro somos forçados a impugnar representações dessa natureza, tal como a nossa congênere de Portugal também se negaria a permitir a representação de qualquer peça estrangeira, traduzida por brasileiro e publicada em livro, sem ter a certeza de que ao tradutor brasileiro cabe também o direito de representação em território português. É o que acontece freqüentemente, também, na Argentina, no Uruguai, no Chile, etc., inclusive na Espanha. Os autores dão, geralmente, uma autorização para cada país, embora em mais de um dêles se fale o mesmo idioma.

★ "THE KNACK", de Ann Jellicoe, foi traduzida pela Sra. Barbara Heliodora, mediante contrato específico para o Brasil, exclusivamente. Agora, uma Companhia de Portugal — O Grupo Quatro — quis utilizar-se da mesma tradução, para apresentar a peça em Lisboa. E por isso tivemos de obter um nôvo contrato, para Portugal, mediante pagamento de um outro

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.22

à valoir, por conta dos direitos que serão produzidos em Portugal. Essa é a praxe e não se poderia fugir a essa realidade de direito. A autorização específica é indispensável. No caso dessa obra ou de qualquer outra, poderia acontecer, perfeitamente, que um tradutor português fôsse o titular dos direitos da peça para Portugal. Nada mais legítimo, Nada mais justo. De modo que podemos repetir pela milésima vez: não façam nenhum negócio fora do direito estabelecido rigorosamente no contrato que autorizou a tradução e fixou direitos e deveres.

★ JAIME COSTA, o brilhante ator desaparecido recentemente, terá rua com o seu nome, em S. Paulo, onde a classe teatral, que tanto o admirava e estimava, está se movimentando junto ao Prefeito Faria Lima, destacando-se nessa iniciativa de carinhosa recordação o ator produtor Raul Roulien.

★ "MANHÃS DE SOL", o famoso original de Oduvaldo Viana, permanece em cena, em São Paulo, no Israelita Brasileiro, sob a direção de Osmar Cruz, desde agôsto do ano passado e irá pelo menos até junho dêste ano.

★ MORREU ÍTALA FERREIRA, excelente atriz, criadora do principal papel de "Cala a Bôca, Etelvina", original de Armando Gonzaga, que marcou época no Rio de Janeiro e em São Paulo. Ítala Ferreira, que deixa grandes recordações na lembrança do seu grande público, foi igualmente a magistral intérprete de "Carlota Joaquina", original de R. Magalhães Júnior, ao lado de Jaime Costa, também desaparecido recentemente. Ítala Ferreira nestes últimos anos estava muito ligada ao rádio brasileiro, atuando com grande destaque na Rádio Nacional, criando personagens inesquecíveis.

★ "ARENA CONTRA TIRADENTES", de Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal, vai viajar pelo interior de São Paulo e de Minas Gerais, tendo como diretor o co-autor G. Guarnieri.

★ DÉCIO DE ALMEIDA PRADO é o nôvo Diretor da Comissão Estadual de Teatro, de São Paulo.

★ THE KNACK, a bossa da conquista, de Ann Jellicoe, foi escolhida pelo Grupo 4, de Lisboa, para ser apresentada na tradução brasileira de D. Bárbara Heliodora.

★ FERNANDA MONTENEGRO foi premiada no sorteio promovido pelo Serviço de Teatros da Guanabara e ganhou o TEATRO DA PRAÇA por 4 meses. Os outros quatro meses seguintes serão ocupados por Teresa Raquel, também contemplada nesse sorteio.

★ CASA DOS ARTISTAS tem nova Diretoria: Presidente, FRANCISCO MORENO; Vice, VICENTE CELESTINO; Secretário, ALDO CALVET; 2.º Secretário, PAULO CARVALHO; Tesoureiro, ÁTILA IÓRIO; 2.º Tesoureiro, EDUARDO TEMPERANI, e Procurador, PAULO RODRIGUES.

(Continuação da página 23)

Companhia de Espetáculos, no Teatro Olímpia. Foi dedicado componente da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e da União Brasileira de Compositores. E usou os pseudônimos Dom T, Conselheiro Armando.

Quanto à sua obra ei-la, entre parentesis o ano da estréia:

Comédia: **Bonde errado** (1925).

Burleta: **Pra cima do Coronel** (1925).

Revistas: **Teu corpo é meu**, música de Ercole Varetto e Antônio Lago (1931); **Ganhando tempo** música de Bernardino Vivas, José Aymberê, J. Soares e outros (1932); **Tudo pelo Brasil**, com Luiz Leitão, música de Jerônimo Cabral (1933); **Pra Deputado** (1934; **Cadeia da sorte**, com Aldo Cabral (1935); **Estupenda!!!**, com Jardel Jercolis, música de Ferreira Filho, Jardel Jercolis, Custódio Mesquita, Ercole Varetto e outros (1936); **Magnífica!!!**, com Jardel Jercolis (1936); **No taboleiro da bahiana**, com Jardel Jercolis (1936); **No duro!** (1937); **Quem será o Tatu** com João Cândido Ferreira, como De Chocolat (1937); **Não liga**, com Humberto Catalano (1937); série **Pequenas Revistas** (1937); **Goela de Pato** (1940); **Samba, Brasil**, com J. Maia (1947); **Boa boca**, com João Cândido Ferreira, como De Chocolat e Aldo Cabral (1950); **Está sobrando mulher** (1925); **Grito de Carnaval**, com Otávio França.

Monólogos em verso: **O Segundo; Idéia sinistra; Como a moral requer; Ontem e hoje.**

Demais obras: poesias

BR DFANBSB NS CPR TEA PTE. 0677, P. 23

PEÇA BRASILEIRA EM TÓQUIO

Em relatório enviado ao Departamento Cultural e de Informações do Ministério das Relações Exteriores, a Embaixada do Brasil, em Tóquio, comunicou o grande sucesso alcançado pela peça brasileira "O Anjo", de Agostinho Olavo, levada à cena, no Japão, pelo grupo teatral "Gekidan Henshin".

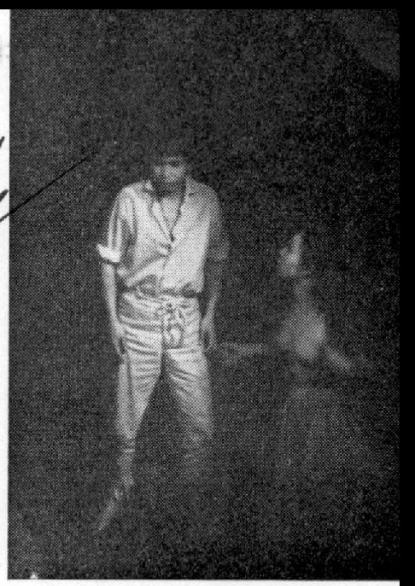
Traduzida por Ayako Hashimoto, assessorada por L. C. Vinholes, encarregado dos trabalhos culturais, em nossa Embaixada em Tóquio, "O Anjo" teve como diretor Jun Makihara, como cenógrafos Takuro Endo e Setsuko Asakura e seus costumes foram desenhados por Kikuto Ogata, ficando os efeitos de luz a cargo de Sadahiko Tachiki, todos nomes famosos do mundo taetral japonês.

O grupo teatral "Gekidan Henshin" é um grupo jovem, de teatro experimental e **d'avant garde** e é atualmente um dos mais prestigiados pela crítica e pela nova geração do teatro nipônico.

O sucesso da peça de Agostinho Olavo, a cuja estréia compareceu o Embaixador Teixeira Soares, um dos nossos diplomatas mais ilustres e respeitado homem de letras, foi dos mais significativos. Sua repercussão foi tal que o nosso Embaixador em Tóquio, sempre atento às coisas de nossa cultura e a sua difusão no exterior comunicou o fato em nota altamente elogiosa ao Itamarati congratulando-se em ter visto aceita pelo grupo "Gekidan Henshin" a sua sugestão, isto é, ver a peça seguir em "tournée" pelas pitorescas e tradicionais cidades do Kan-Sai: Nara, Nykko, Nagoya, Kyoto, Kobe e Osaka.

A revista Higaki-Kieki (Tragédia-Comédia) de Tóquio já publicou na íntegra a peça de Agostinho Olavo e o grupo "Gekidan Henshin", num gesto de grande fidalguia, ao saber da impossibilidade da ida do autor a Tóquio para a "première" enviou-lhe, com uma série de fotografias, um rôlo de fita magnética com a gravação integral de sua peça.

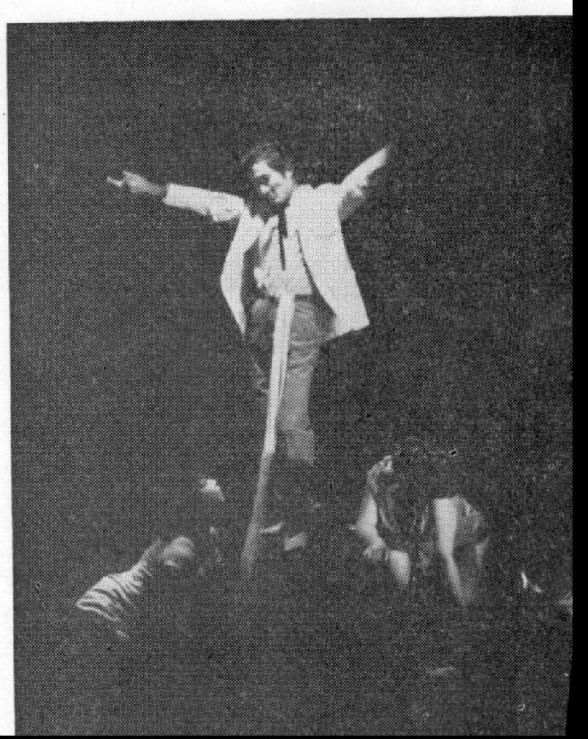
O Brasil que, anteriormente, devido aos esforços do Embaixador Batista Pinheiro e do Secretário Marcos Souza Dantas Romero, fôra lançado, no Japão, numa memorável Semana Cultural Brasileira, vê agora o fruto daqueles primeiros esforços coroado de êxito com o sucesso da peça brasileira. Pela segunda vez, a primeira com a semana cultural brasileira na qual o teatro teve papel preponderante com uma esplêndida exposição de cenografia e de costumes, organizada pelo Serviço Nacional de Teatro e a segunda, com o belo sucesso de "O Anjo". o Brasil se afirma e atende ao apêlo da UNESCO para a realização de seu projeto maior Oriente-Ocidente cujo objetivo máximo é o conhecimento dos valôres culturais do mundo oriental e do mundo ócidental e de seu intercâmbio.



MARIA BONITA, (livrando-se dêle, abre a blusa) — Não preciso de perfumes nem de ervas. Sou moça, olhe! Por que não me olha?

Esperamos que os esforços de nossos diplomatas frutifiquem e que, em breve, os nossos nomes mais ilustres de teatro, como Ariano Suassuna, Nelson Rodrigues, Guilherme de Figueiredo, Joracy Camargo, Pedro Bloch, Jorge Andrade, Millôr Fernandes, Antônio Callado e tantos outros sejam aplaudidos em Tóquio, ao mesmo tempo, que as platéias brasileiras emocionem ante o despojamento e a pureza dos Nôs japonêses.

Antônio: — "Surge et Ambula"!
Dalva: — Você é instruído! Era isso mesmo. Então eu fazia assim! (Dalva numa cena do milagre).



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P 24

CARTAZES TEATRAIS

RIO DE JANEIRO

TEATRO CARLOS GOMES

"DE COSTA A COISA VAI", show-revista de Colé e Silva Filho.

Às segundas-feiras:

"MENINAS EM MINI-SAIA", show-travesti.

TEATRO GINÁSTICO

OH! QUE DELÍCIA DE GUERRA", de John Littlewood, trad. de Cláudio Petraglia.

MINI-TEATRO

"A EXCEÇÃO E A REGRA", de Bertolt Brecht, trad. de Mário da Silva.

TEATRO MIGUEL LEMOS

"OS SETE GATINHOS", de Nelson Rodrigues.

TEATRO RECREIO

"PÕE TUDO NO NEGÓCIO", revista de Manoel da Nóbrega e Américo Leal.

TEATRO MESBLA

"O HOMEM DO PRINCÍPIO AO FIM", de Millôr Fernandes.

TEATRO MAISON DE FRANCE

"QUATRO NUM QUARTO", de Kataiev, trad. de Eugene Kusnet.

TEATRO JOVEM

"A PENA E A LEI", de Ariano Suassuna, música de Capiba.

TEATRO DULCINA

"O NOVIÇO", de Martins Pena, música de Geny Marcondes.

TEATRO DE ARENA SHOPING CENTER

"A SAÍDA? ONDE FICA A SAÍDA?", de Ferreira Gullar, Armando Costa e Antônio Carlos Fontoura.

TEATRO RIVAL

"VEM QUENTE QUE ESTOU FERVENDO", de Luiz Felipe, Gomes Leal e João Ribas.

TEATRO DE BOLSO

"ARENA CONTA ZUMBI", de Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri, música de Edu Lôbo.

TEATRO GLAUCIO GILL

"O VERSÁTIL MR. SLOANE", de Joe Orton, trad. de Gert Meyer.

TEATRO NACIONAL DE COMÉDIA

"RASTO ATRÁS", de Jorge de Andrade.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.25

TEATRO PRINCESA ISABEL

"COM AÇÚCAR E COM AFETO", show original de Millôr Fernandes e Reinaldo Jardim.

TEATRO SANTA ROSA

"A ÚLCERA DE OURO", de Hélo Bloch.

TEATRO SERRADOR

"FAMÍLIA ATÉ CERTO PONTO", de Gerald Savory, trad. de Raul da Matta e Antônio de Cabo.

TEATRO REPÚBLICA

"O CORONEL DE MACAMBIRA", de Joaquim Cardoso, músicas de Sérgio Ricardo.

TEATRO COPACABANA

"ONDE CANTA O SABIÁ" (SABIÁ 67), de Gastão Tojeiro.

O TABLADO

"O DIAMANTE DE GRÃO-MOGOL", de Mária Clara Machado, música de Reginaldo Carvalho.

SÃO PAULO

TEATRO MARIA DELLA COSTA

"MARIA ENTRE OS LEÕES", de Aldo de Benedetti, trad. de Otelo Zeloni e Alberto D'Aversa.

A seguir:

"ÉDIPO-REI", de Sófocles, trad. de Geir Campos.

TEATRO CACILDA BECKER

"BOA TARDE, EXCELÊNCIA", de Sérgio Jockyman.

TEATRO DE ARENA

"ARENA CONTA TIRADENTES", de Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri.

TEATRO NATAL

"FON-FON... TEM ELAS", show-revista de Luiz Felipe Magalhães.

TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA

"INFIDELIDADE AO ALCANCE DE TODOS", de Lauro César Muniz.

TEATRO DA RUA

"DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA", de Plínio Marcos.

"ZOO STORY", de Edward Albee.

AUDITÓRIO DA ITÁLIA

TEATRO FUTURISTA SINTÉTICO

TEATRO SANTANA

SHOW-REVISTA, de J. Maia, música de diversos autores.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.26

LOPES GONÇALVES
escreve:

AO CORRER DA PENA... E DO TEMPO

* * *

O TEATRO ... ÊSSE DESCONHECIDO

* * *

AO CORRER DA PENA... E DO TEMPO

A NOSSA PRIMEIRA ÓPERA REPRESENTADA — Foi a 14 de dezembro de 1860 que subiu à cena pela primeira vez ópera composta por brasileiro. Era a peça **A Noite de São João,** ópera cômica em dois atos de Elias Álvares Lôbo, com libreto de autoria de José de Alencar. A ação decorre na cidade de São Paulo, no bairro do Brás, nos tempos coloniais. O palco foi o carioca do Teatro São Pedro de Alcântara e representou-a o famoso elenco Ópera Lírica Nacional assim: Inês — Luiza Amat; Joana — Carlota Milliet; André — Eduardo Ribas; Carlos — José Amat.

Elias Álvares Lôbo ao compor a ópera era um jovem de vinte e seis anos. Nascera em Itu a 9 de agôsto de 1834 e faleceu na cidade de São Paulo em 15 de dezembro de 1901. Era músico autodidata, obra do próprio esfôrço, e exercia a atividade de professor desta arte, pelo que escreveu um **Método de Música.** Outra ópera compôs, **A Louca,** libreto de Aquiles Varejão, e há mais em sua produção: **Missa de São Pedro de Alcântara,** outras obras religiosas, melodias para canto e peças para dança.

Quanto a José de Alencar tem, por isto, a juntar às suas glórias a de autor da nossa primeira ópera representada. Escreveu o libreto inicialmente para ópera cômica em um ato, com a ação no Rio de Janeiro, publicou-o a Emprêsa Nacional do Diário, em 1857, no Rio de Janeiro. Depois introduziu alterações na peça, que passou a comédia lírica em dois atos com o assunto na cidade de S. Paulo: editou o libreto Francis de Paula Brito em 1860, no Rio de Janeiro, já com a menção de ter música de Elias Álvares Lôbo. Narrado com a inconfundível finíssima sensibilidade de José de Alencar, tão rico de emoção encantadora nos assuntos românticos, é gracioso episódio do namôro de dois primos que, após várias peripécias, conseguem licença para casar na alegre noite de São João, no meio do foguetório e do clarão das fogueiras.

Puramente brasileiro, portanto, o nosso início nos espetáculos operísticos, devido sobretudo ao profundo espírito nacional de José de Alencar, os quais daí a dez anos esplenderiam de modo extraordinário em **O Guarany,** de Carlos Gomes, outra ópera de natureza puramente do nosso País, oriunda da brasilidade do assunto, criação dêsse mesmo imortal José de Alencar.

* * *

JACQUES ARAGO — Jamais será pouco recordar a personalidade de Jacques Arago porque êste eminente autor teatral francês teve muito da sua vida, a parte final, devido a João Caetano profundamente ligada à nossa pátria, onde faleceu.

Nascido em Estagel em 1790, fêz parte em 1817 da expedição do navio **L'Uranie.** Cêrca de uma década e meia após sobremodo se dedicou ao mundo teatral que o fêz produzir quatro dramas e em 1835 a dirigir o Teatro de Rouen. Êsses dramas são: **Le noviciat diplomatique** (1834); **Le Cadet de Gascogne** (1836); **L'Éclat de rire,** com Edouard Martin; **Pujol,** com tradução de José Feliciano de Castilho. Demais obras: romances; varia: **Proménade autour du monde** (1852); **Voyage autour du monde** (1838-1840); **Souvenirs d'un avengle; Foyers et Coulisses.** Em 1837 atingiu-o desventura irreparável, a cegueira. Mas esta infelicidade não lhe esmagou o ânimo; continuou a escrever e a ser homem de ação.

Foi o drama **L'Éclat de rire** que o vinculou a João Caetano e ao Brasil. É a peça a dolorosa história de um rapaz, André, que, chamado de ladrão quando repunha o dinheiro que havia tirado para o tratamento da sua mãe, enlouquece e cai em riso convulso. Aqui a representou em versão em castelhano o ator espanhol José La Puerta, que com a sua companhia dramática atuou nesta cidade de 1842 a 1843 e com muito êxito interpretava o papel de André. Empolgado pelo espetáculo, João Caetano logo iniciou o estudo do drama, com a sua meticulosa probidade artística, a ponto de ir ao Hospício observar nos enfermos o tipo de riso que se coadunava com o súbito

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.27

enlouquecimento do rapaz. E a 17 de maio de 1843, no Teatro de São Francisco de Paula, completamente cheio e presente José La Puerta com o seu elenco, a peça traduzida com o título **A Gargalhada**, deu João Caetano a primeira representação sua do drama, em interpretação excepcional, indescritível na cena do riso convulso, que levou o próprio José La Puerta a exclamar para êle: "Meu mestre!".

Precisamente por ser notável lição de psicotécnica teatral, muito importa reproduzir o que João Caetano escreveu no seu notável livro **Lições Dramáticas** sôbre o preparo do drama: "Quando criei o papel de André, n'**A Gargalhada**, fui estudar no hospital, como ali estudei sempre todos os doidos que reproduzi em cena. Nessa ocasião, pois, estudei um que mais se adaptava ao caráter do personagem que eu queria representar: os movimentos, as posições, a fisionomia imitei com todos os perfeitos traços da loucura; porém a gargalhada nervosa, que devia dar repetidas vêzes, conquanto a tivesse muito bem estudada, estava sempre na desconfiança se seria verdadeira e natural; fui, então, consultar com um dos primeiros médicos desta côrte, o Sr. Dr. Silveira, e, depois de aprovar em sua casa o meu riso nervoso, apareci no palco cheio de confiança no trabalho que expus ao público e que o acolheu benìgnamente". Explanação de profunda significação que evidencia, como salientei nas duas edições que fiz dêsse livro admirável, João Caetano, muitíssimo antes da psicotécnica (psicologia aplicada) atingir o progresso de agora, já a aplicara em pré-ciência com os mesmos métodos que bem mais tarde Stanislavsky, Jouvet e outros mestre da arte de representar iriam expor em seus livros e usar em suas direções.

Apesar de cego Jaques Arago não perdeu o gosto pelas excursões marítimas. Devido a isto a 14 de outubro de 1850 aportava ao Rio de Janeiro de regresso para a França de longa viagem que realizara pelo Pacífico na corveta francêsa **Bayonnaise**. Pediu a João Caetano que lhe proporcionasse assistir a uma representação do seu drama. A 18 desse mês realizou-se o espetáculo, no Teatro de São Januário. Jaques Arago compareceu ao teatro com vários membros da Legação da França e o comandante da corveta, Julien de la Gravière. Recebido com aclamações, Jaques Arago dirigiu uma alocução de agradecimento ao público em francês. Depois houve o espetáculo e no fim o transbordamento do entusiasmo da assistência, com o autor, de pé, no seu camarote, o número um da primeira ordem, à direita, a vibrar em aplausos intensos. Chamado à cena, recebeu João Caetano soberba corôa de louros; então encaminhou-se para onde estava o escritor e fêz entrega do objeto; mas Jaques Arago arrancou apenas uma folha e depois colocou a corôa na fronte de João Caetano, que chorava. Do teatro regressou Jacques Arago para bordo, acompanhado até o cais por João Caetano e seus companheiros do elenco. No dia seguinte Jacques Arago partiu e chegado a Paris elaborou o livro **Foyers et Coulisses**, no qual elogiou João Caetano, comparando-o ao ator Ligier, o principal do Théâtre de la Porte Saint Martin, e depois outro livro, **Voyage autuor du monde**, no qual escreveu: "Oh! que ne m'est il permis de vous citer ici un comédien d'elite que l'Europe serait fière de posseder, qui n'est inspiré que de lui même et quis possède son Schiller, son Corneille les chefs d'oeuvres de nos poètes et les interprète si dignement que je vous porte de défi de rester froid s'il vous ordenne de pleurer, de trembler, de frémir. C'est homme est une des gloires brasiliennes." Era a maior consagração que João Caetano podia receber da parte de eminente escritor europeu.

Esta vida é cheia de mistérios, como dizia Hamlet nesse drama que é subtil expressão do profundo saber esotérico de Shakespeare. Bem parece haver o Destino, que por imperceptíveis meios conduz ao predeterminado. O caso vem a ser que em 1854 Jacques Arago voltou ao Rio de Janeiro. Hospedou-se na casa de João Caetano e aí faleceu de apoplexia a 30 de novembro desse ano. A João Caetano evidentemente causou grande pesar a morte em sua casa do eminente escritor francês que com o seu drama lhe proporcionava extraordinários triunfos artísticos; pesar sobremodo pungente por lhe ter cabido auxiliar ao admirado amigo a cerrar os olhos para sempre e ser dos primeiros que o carregaram no encaminhamento para a morada definitiva.

* * *

O TEATRO... ESSE DESCONHECIDO

BENJAMIN LIMA

Benjamin Franklin de Araujo Lima, nascido em Óbidos, Pará a 27 de novembro de 1885 e falecido no Rio de Janeiro a 9 de janeiro de 1949, foi escritor de alto mérito pela cultura e pelo primor do estilo que sobremodo se destacou na imprensa, com deliciosas crônicas e subtis críticas literárias, e brilhantemente se distinguiu como autor de finissimas comédias

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P 28

e hábil organizador e primeiro diretor do Curso Prático de Teatro, atual Conservatório Nacional de Teatro. Grande realce teve como jornalista, por êsses motivos, e o seu nome logo se tornou dos mais ilustres no que concerne ao teatro. É escritor que não pode ser deixado na penumbra, portanto. Cada lavor seu é lição de linguagem cultural, e também admirável modelo de profundidade mental equilibrada e aguda.

Magnífica se apresenta a sua biografia, na qual bem cedo se evidencia o seu valor intelectual, que cedo teve firmado o seu prestígio.

Filho do Dr. José Francisco de Araújo Lima e de D. Maria Amélia de Mendonça Lima, foi criado e educado em Manaus, onde a família se fixara logo após o seu nascimento; aí fêz os estudos primários e iniciou os secundários que completou em Salvador, em cuja Faculdade de Direito fêz os dois primeiros anos de ciências jurídicas, curso que terminou na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro em 1908. Ainda estudante foi em Salvador secretário da revista **Ad Lucem** e colaborador do **Diário da Bahia**, sob a direção literária de Almachio Diniz ,e um dos representantes acadêmicos da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro no 1.º Congresso de Estudantes Americanos reunidos em fevereiro de 1908 em Montevidéo.

Formado, voltou para Manáus, onde desenvolveu intensa atividade jornalística: secretariou o **Diário do Amazonas**, dirigiu **A Imprensa** e colaborou em cotidianos e revistas. Exerceu aí as funções de: professor de História Universal do Ginásio Amazonense, professor de História e Economia Política na Escola de Comércio, professor da Faculdade de Direito, Promotor da Justiça, Juiz Municipal, Juiz de Direito, Oficial de Gabinete do Governador Antônio Bittencourt, Diretor da Biblioteca do Estado, Secretário da Prefeitura, Escrivão Federal, Delegado Geral do Recenseamento de 1920. Transferiu-se depois para o Rio de Janeiro, onde ficou em definitivo e foi: Oficial da Diretoria Geral do Recenseamento, servindo no gabinete do Diretor Geral. Dr. Bulhões de Carvalho, componente da Comisão do Teatro Nacional, em 1937, e organizador e primeiro diretor do Curso Prático de Teatro, cargo em que se aposentou. Exerceu no Rio de Janeiro a atividade de redator sucessivamente de **O Paiz, Diário Carioca, Diário de Notícias** e, até falecer, do **Jornal do Brasil**; ademais colaborou no **Jornal do Comércio**, em **A Rua, O Dia, Gazeta de Notícias** e **Jornal do Povo**, também no **Correio Paulistano** e em **A Gazeta**, ambos de São Paulo, em **O Diário**, de Santos **A Fôlha do Norte** e **O Imparcial**, de Belém. Fêz parte da Academia Amazonense de Letras e da Federação das Academias de Letras.

Este resumo biografico basta por si para precisar a afirmativa do brilho da sua vida profissional bem exprimir o seu alto mérito de escritor, um autor cuja obra deve sempre ser lida e relida pelos que se empenham no cultivo da própria inteligência, a exemplo de outros mestres cujos lavores literários têm de constituir assunto de permanente meditação dos estudiosos, mestres de perene manancial de arte, ficando-se na esfera da produção teatral, quais Gonçalves Dias, Luiz Antônio Burgain, Domingos José Gonçalves de Magalhães, Joaquim Manoel de Macedo, José de Alencar, Machado de Assis, Paulo Barreto(João do Rio), Roberto Gomes e Coelho Neto.

E esta é a sua obra. Nas peças, entre parentesis o ano da estréia e nos livros o da edição:

Comédias: **A revolta do ídolo; O carrasco** (1922);**O homem que marcha** (1925); **O Martírio de Don Juan ou Seis autores perseguindo um personagem; Babilônia** (1931); **Boa Noite** (1931), tradução em castelhano de Benjamin Garay (1931); **O momem que ri** (1931), também **Quem ri, afinal, O homem e a morte** (1933); **Venenos**... (1938); **Água Fria na Fervura** (1941). Sob o título **Teatro de Benjamin Lima** a família do autor reuniu em volume (1949) as peças **O homem que marcha, O homem que ri** e o **Martírio de Don Juan.**

Traduções: **Anna Christie,** drama de Eugênio O'Neill (1937); **A volúpia da honra** (Il piacere della onestá), comédia de Luigi Pirandello (1937).

Demais obras: **Capricho da Musa Moderna** (1918); **Olavo Bilac** (1919); **Êsse Jorge de Lima**... (1933); **O heroismo da ironia em Machado de Assis** (1939); Ensaios; Crônicas.

* * *

AUTORES IDOS

Henrique Marques Fernandes — Nestor Tangerini

HENRIQUE MARQUES FERNANDES

Este velho e bom companheiro sbateano era integralmente do Rio de Janeiro onde nasceu a 21 de fevereiro de 1897 e faleceu a 10 de abril de 1966. Chamava-se legalmente Henrique Marques Pereira, filho de Joaquim

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 29

Marques Pereira e de D. Josefa Rocca Fernandes; mas cedo adotou o nome pelo qual era conhecido, que popularizou como ator e escritor. Jovem iniciou a profissão de ator, pois aos vinte e quatro anos já fazia parte da Companhia Abigail Maia, no Teatro Trianon, ao que se segue: 1922 na Companhia Dramática do Centenário, Palácio Teatro; 1924 na Companhia Brasileira de Declamação Italia Fausta-Lucília Peres, Teatro República; 1924 a 1926 na Companhia Procópio Ferreira, Teatro Trianon; 1926 na Companhia de Comédias do Teatro Casino; 1926 e 1927 na Companhia Jaime Costa, Teatro Casino; 1927 na Companhia Jaime Costa-Belmira de Almeida, Teatro Trianon; 1928 na Companhia Jaime Costa, Teatro Fenix; 1929 na Companhia de Vaudevilles Musicados, Teatro Fenix; 1930 na Companhia Films Cariocas, Teatro Lírico; 1932 na Companhia Moulin Rouge, Casino Tabaris; 1933 e 1934 na Companhia Genésio Arruda, Cine Teatro Haddock Lobo e Cinema Paris; 1939 na Companhia Jaime Costa, Teatro Glória; 1940 na Companhia Eduardo Pereira, Teatro Recreio; 1947 na Companhia Jaime Costa, Teatro Glória; 1961 na Companhia Teatro dos Sete, Teatro Ginástico. Ademais foi diretor de cena na Companhia Teatro de Equipe, Teatro Jardel. Verifica-se assim, que logo foi atuando em elencos de alto nível e haver tido as maiores estadas nas companhias de Jaime Costa, as quais atigem ao total de cinco anos. Fase interessante na sua carreira cênica foi a dos anos no conjunto de Genésio Arruda, que corresponde ao seu grande período de produtividade de comédias, pois escreveu mais de uma dúzia delas para êsse elenco de peças leves e alegres destinadas ao povo em geral. Período este, portanto, de intensa atividade para Henrique Marques Fernandes, desdobrado em ator e autor forçado ao regime de espetáculos incessantes.

Um incansável, êste amigo, que trabalhou de verdade em nosso teatro, superando qualquer colega ator como escritor em quantidade, com as suas trinta e três comédias além de duas revistas, as quais são, o ano da estréia entre parentesis:

Comédias: **O Gregório chegou** (1930); **O Leão está prêso** (1930); **O Severo** mais Norberto Teixeira (1933); **Beijos para todas** (1933); **O Médico da Anacleta,** mais Norberto Teixeira (1933); **A Casa Assombrada** (1933); **De Cabo a Coronel** (1933); **Tá sobrando criança** mais Norberto Teixeira (1933); **Genésio, Papai Noel** (1933); **O Rival de Cantarelli** (1934); **O Terror dos Corações** (1934); **O Trancinha** (1934); **O Louco do Sanatório** (1934); **O Rei da Banha** (1934); **Napoleão de Cascadura** (1934; **Aguenta, Juquinha** (1934); **Chegou o Ramon** (1934); **Bancando o Lampeão** (1934); **Criada do Diabo** (1935); **Meu pai é meu filho** (1936); **Cercando o galo** (1936); **O Aparício apareceu** (1936); **A Casa do Seu Tomaz** (1943);**Agência Teatral,** com Sady Cabral e Raul Roulien (1944); **Aluga-se uma sala** (1945); **A Mulher Atômica (1945); A Amiga da onça** (1945); **A Mulher do Prefeito** (1945); **Cara suja,** com Alda Garrido (1946); **O pai de minha filha** (1947); **A Casa do seu Pestana** (1948); **Não te condeno,** com Vicente Marchelli (1954); **O homem da gaita,** com Mateus da Fontoura.

Revista: **O que é que a baiana tem,** musica de José Aymberê e outros (1939); **Chegou o General da Banda,** com Olímpio Bastos (1950).

NESTOR TANGERINI

Nestor Muller Tambourindeguy Tangerini, nascido em Piracicaba a 23 de julho de 1895, e falecido nesta cidade do Rio de Janeiro a 30 de janeiro de 1966, foi ótimo escritor de assuntos revistas que em sua época teve popularidade merecida, além de se caracterizar como excelente homem que com justiça ficou cercado de bons amigos.

Conforme o gênero exige, as suas revistas, várias de parceria, focalizavam com arte e graça assuntos do momento, sem aspectos de mau gôsto, pelo que proporcionavam horas agradáveis. Mas aí não ficou; é autor de comédia, de burleta e de monólogos os quais redigiu em hábeis versos, expressão êstes da sua sensibilidade também manifestada em numerosas poesias.

Aos dois anos iniciava viagens com os pais pelo Brasil e pela Europa. Começou o curso primário em Manáus e o terminou em Belém; fêz os preparatórios no Rio de Janeiro, começados no Mosteiro de São Bento e concluídos no Colégio Pedro II, cursou Farmácia em Niteroi e Direito no Rio de Janeiro, estudos que não terminou. Ingressou no quadro de funcionários do Departamento dos Correios e Telegrafos, no qual se aposentou; ademais na Escola de Aperfeiçoamento deste órgão foi secretário e depois professor de português e diretor.

Além de autor teatral e de poeta era pianista, compositor e caricaturista. E no setor cênico há a acrescentar ter sido diretor artístico em 1937 no Pavilhão Floriano e na

(Continua na página 14)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.30

WILLY KELLER, UM AMIGO DO BRASIL

VAN JAFA
"Correio da Manhã"

Quando pensamos em Wilhelm Keller, para nós na abreviatura carinhosa Willy, pensamos em têrmos de amizade. Chegamos a pensar em escrever Willy Keller, o grande amigo do Brasil, quando reparamos no absurdo do pleonasmo, porque só um grande amigo do Brasil faria tantas e tais provas em tradução de nossos dramaturgos e poetas, para o alemão o que significa divulgação positiva, o que caberia aos nossos diplomatas especializados e pagos em ouro para isso.

Neste alargamento de nossas fronteiras espirituais, as únicas conquistas e expansão territoriais possíveis no mundo moderno, que não as espaciais, tem muito contribuído êste germano-brasileiro que é Willy Keller.

Homem inteiro de teatro, foi na Alemanha antes de Hitler ator e diretor, e para cá se cambiou quando não era mais possível viver-se na Alemanha da década de 30, como procederam centenas de artistas alemães ou não, que puderam escapar à insolação nazista.

Aqui chegando depois do "difícil" da língua logo superado com seu esfôrço e entusiasmo pelo Brasil, passando a dirigir peças nossas, sendo premiado em diversos festivais pelo País.

Do teatro amador para o teatro profissional foi um passo e um ato e logo não se intimidando foi, precisamente, triunfar como **meteur-en-scène** de peças brasileiras como **O Tapête Persa**, de Pedro Bloch, **Manequim**, de Henrique Pon-

Lições de Estética

XXV (Final)

JORACY CAMARGO
(Professor do Conservatório Nacional de Teatro)

Estas lições, que encerro no presente capítulo, foram preparadas apenas para atingir a dois objetivos: primeiro, suprir a falta de uma bibliografia da matéria; e, segundo, iniciar o estudante no seu primeiro contato com a ciência do belo nas artes.

Como foi declarado no intróito, criada a cadeira de Estética no programa do Conservatório Nacional de Teatro, pode-se dizer que os alunos se mostraram verdadeiramente alarmados na primeira aula com a complexidade dessa ciência, considerando-a inabordável. Além disso, reclamaram a falta de livros, confessando todos que nunca haviam lido nada a respeito. Nesse caso, impunha-se ao professor organizar um livro-síntese da matéria, em linguagem simples, direta, a fim de demolir a barreira levantada pelo seu total desconhecimento.

Para isso, seria necessário compulsar o maior número de obras, lendo-as com o intuito de conseguir uma assimilação crítica que permitisse ao orientador dos alunos a mais rápida e inicial compreensão para suscitar-lhes e manter o interêsse daqueles que fogem do livro pelo proverbial horror à abstração dos brasileiros, que estimam dar às idéias entidade plástica, como se faz no teatro.

O trabalho seria exaustivo, e, assim, foi preciso apelar para a lei do menor esfôrço, selecionando a obra que mais se coadunasse com o objetivo da tarefa a ser realizada. A escolha recaiu na "L'Esthétique", de Eugène Véron, mais clara, mais definidora da ciência do belo nas artes. Véron apareceu, no conjunto das obras consultadas, como um revolucionário, sustentando princípios e estabelecendo uma doutrina, tão avançados em relação à época em que escreveu o seu tratado, que, hoje, é que atingiu plena atualidade. Êle não define a Estética, mas vai ao fundo de suas origens, abarca os primórdios, analisa e critica teorias e doutrinas, dá conta das diversas correntes, protesta, e defende suas teses com tal acüidade, que, depois de explicado em aula, identifica o iniciando que, até ali, considerava hermética, subjetiva, ou metafísica, a ciência que o apavorava. Partindo do princípio, comprovado, de que a arte antecede o pensamento, ao mostrar que o homem ainda não sabia pensar e já realizava obras de arte, Véron conduz o seu estudo por caminhos que levam, indiretamente, às definições nascidas no próprio espírito do estudante, que, assim, pode dissipar dúvidas com o seu raciocínio, o que

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 31

equivale à formação de uma autonomia, com a qual o estudante adquire confiança em si mesmo.

Poderemos, portanto, chegar, com êle, às seguintes conclusões:

"O que é preciso em Estética é não confundir as condições e os caracteres do espírito crítico com os do gênio artístico. Há nisso uma fonte de erros que ainda não foram suficientemente esclarecidos. As faculdades que exige a crítica nada têm de comum com as que dão ao artista o poder criador. A obra da crítica só é possível pelo hábito da análise e a predominância do raciocínio, enquanto que, por ser fecunda, a impressão artística tem necessidade de ser essencialmente sintética. Vê-se que, se há entre o crítico e o artista um ponto comum, o amor pela arte, isso não impede que, em suma, êles possam, para o resto, para as qualidades essenciais, encontrar-se colocados, mais ou menos, nos dois pólos da humanidade. Sua condição intelectual é diferente. O que faz a superioridade de um na ordem especial das concepções que lhe são próprias é precisamente o que de ordinário falta em muito à outra. O cálculo e o raciocínio, que são, em si, excelentes coisas, não exercem senão um papel bastante apagado no fato da inspiração. O gênio artístico se constitui essencialmente da faculdade de ver as coisas no seu conjunto, de colhêr, por assim dizer, em uma visão única, os traços principais que concorrem para um mesmo efeito. O verdadeiro artista não compõe sua obra de justaposições penosamente procuradas e sucessivamente agenciadas. O caráter próprio de sua imaginação é o de fazer surgir espontâneamente no fundo de seu cérebro imagens totais dentre as quais êle escolhe aquela que indica o gênio, já que tôdas procedem de uma única fonte, sendo aquela, afinal, uma espécie de alucinação.

A diferença de pontos de vista nos quais se encontram colocados a êsse respeito os artistas e os críticos é considerável e muito importante. O preceito da simplificação que os críticos recomendam com tanto interêsse aos artista parece estar em perfeito acôrdo com o trabalho mental no qual constatamos o resultado nas obras-primas da escultura grega. Mas isso não é senão uma aparência, ou, se se prefere, uma transposição da espontâneidade ao raciocínio. A crítica, ciência de análise e de cálculo, falseia necessàriamente todos os dados artísticos por essa substituição permanente e forçada de sua linguagem pela da arte. Com efeito, o artista de gênio simplifica porque é quase sempre tocado por uma idéia e uma impressão simples, que o domina e dirige tôdas as suas faculdades num mesmo sentido. Êle resume as formas, não por cálculo ou raciocínio, mas porque sua faculdade característica, a que produz sua fecundidade, está no fato dêle se entregar por inteiro a cada uma das idéias que passam sucessivamente pelo seu cérebro, e de empregar tôda a

getti (na sua primeira montagem), **Os Sete Gatinhos**, de Nelson Rodrigues, além de ter dirigido várias outras peças, como para a Companhia Eva e seus Artistas.

Entretanto Willy Keller não se limitou a traduzir nossos escritores, divulgando-os para o ocidente, como além da direção também deu curso de Arte Dramática ganhando em 58 o prêmio de "Melhor Professor Dramático" pelo **Jornal do Comércio.**

Ainda Willy Keller versionou escritores estrangeiros para o português tais como uma adaptação livre feita com Henrique Pongetti de **A Comédia dos Equívocos**, de Shakespeare traduzida e baseada na versão alemã de Rothe, que pràticamente os tradutores-autores confessavam num pós-fácil que se tratava na realidade de uma nova peça, ou seja uma recriação da temática usada e abusada, que, de resto antecede o próprio Shakespeare, que já havia tomado de empréstimo a idéia clássica que em Plauto teve início dramático e histórico.

Do importante dramaturgo Frank Wedeking tão montado presentemente traduziu com Eustáquio Duarte a peça **Gnomo** e de Franz Kafka **O Guarda do Túmulo** de parceria com Aníbal Machado.

Dos nossos romancistas e poetas, Willy Keller verteu para o alemão nada menos que Graciliano Ramos, com **São Bernardo, Vidas Sêcas,** e traduzindo **Angústia**, de João Cabral de Melo Neto; **O Cão sem Plumas**, de Cassiano Ricardo, vários poemas de sua **Antologia Poética** e de seu **Jeremias sem Chorar** e mais, reunidos numa intitulada **Antologia do Acaso** (em alemão), poemas de Carlos Drummond de Andrade, Antônio R. Ban-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.32

deira, Augusto Meyer, Manuel Bandeira e outros, além dos citados acima que tiveram publicação parcial na revista **Humboldt**, bilingüe editada em Hamburgo.

Dos nossos dramaturgos, já versionou para o alemão Pedro Bloch com **As Mãos de Eurídice, Esta Noite Choveu Prata, Os Inimigos não Mandam Flôres, Sorriso de Pedra** e recentemente duas traduções de **Pais Abstratos**, que recebeu batismo alemão de **Os Abstratos**, sendo curioso notar que **As Mãos de Eurídice** além de montagens na Alemanha, mereceu montagens germânicas na Suíça, na Argentina, no Chile, na Ásia e entre nós (Rio e São Paulo) pelo **Die Deutschem Kammerspiele**, com Wolfgang Haller como Gumercindo Tavares. Também **Esta Noite Choveu Prata**, que estreou em **Sommershausen** interpretada por Malipiero, teve representações em Berlim.

Além de Bloch, versionou Antônio Callado com **Frankel** que recebeu o batimo de **A Última Experiência**, Joracy Camargo com **Deus lhe Pague** que teve entre nós e em São Paulo representações em alemão como em Buenos Aires, de Henrique Pongetti **A História de Carlitos e Amanhã se não Chover**, de Nelson Rodrigues **O Vestido de Noiva** e **A Falecida**, de Ariano Suassuna **O Auto da Compadecida** com o batismo alemão **O Testamento do Cachorro** com montagens em Berlim, Bochum, Munique e Viena, tendo montagem marcada para Hamburgo, e em preparação tem a peça **O Juízo Final**, de Euryalo Cannabrava.

Willy Keller que se radicou definitivamente no Brasil e é brasileiro carioca, vem desenvolvendo positivo trabalho à frente do Instituto Brasil-

sua fôrça em cada esfôrço. No momento em que uma idéia o apreende, essa idéia só existe para êle; tudo o que não interessa elimina-se espontâneamente de seu espírito, e por conseqüência de sua obra, na medida do possível, não deixando subsistir senão o que é necessário para sustentar, explicar e confirmar a impressão dominante pela concorrência de tôdas as partes no sentido de uma significação única. É incontestável que numa obra de arte tudo o que não tenda a concentrar a atenção e a impressão sôbre o ponto essencial deforma-a e dispersa seus elementos. Por outro lado, se a simplificação vai ao ponto de suprimir a vida, então o artista, trabalhando sôbre um cadáver, perde seu tempo e seu sacrifício.

Veja-se Harpagão ou Tartufo. Um crítico superficial, guiado por êsse princípio, aparentemente luminoso, da simplificação pelo exagêro ou pela atenuação, poderia constatar e sumariar uma porção de traços que não parecem diretamente ligados à idéia de pôr em relêvo a idéia procurada. Foi êsse o trabalho que tentou um homem que tinha um incontestável hábito de observação moral e uma certa sagacidade, mas ao qual faltava o sentido da vida artística: La Bruyère.

Ao Tartufo, múltiplo e diverso, de Molière, êle quiz substituir por um Tartufo feito de uma única peça, um Tartufo de bronze, que êle havia construído, expressamente, com todos os recursos da lógica a mais racional e a mais rígida. O Onufre, que êle próprio construiu por êsse método é apenas um esqueleto, um silogismo, uma abstração. Êsse fazedor de máximas, que pensava em rever Molière, não compreendeu que há entre suas silhuetas e as personagens de Molière uma diferença capital, e que essa diferença consiste precisamente em que Harpagão e Tartufo não são apenas um avarento e um hipócrita, mas são também homens. Foram concebidos vivos pela imaginação do artista, enquanto que Onufre é apenas produto de um raciocínio. Molière, personificando nêles a idéia que se fazia de um avarento e de um impostor representou-os como sêres vivos e ativos. Viu sua avareza e sua impostura em ação, manifestando-se num mundo *ondulante e diverso* de realidades, e não nesse mundo fictício e gelados dos inteligíveis, isto é, de entidades metafísicas onde viveu os tipos da escola platônica.

Não estranho que êsses filósofos tão profundos que pretenderam dar a fórmula da criação artística nunca se lembrassem de perguntar como é possível que os artistas, na maioria pouco versados na metafísica, pudessem tão bem reproduzir êsses tipos da vida ideal, ao passo que êles, tão perto dos deuses, são incapazes de criar a menor obra de arte. Como conceber que estando tão forrados de tôdas as condições requeridas para fazer obras-primas, êles não façam uso de seus conhecimentos senão para julgar as obras dos outros? Sòmente isso deveria ser sufi-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.33

ciente para fazê-los compreender que a tôdas as teorias, a todos os preceitos, é preciso pelo menos acrescentar qualquer coisa, certas aptidões naturais que dão aos artistas a maneira de ver e de conceber essencialmente diferentes das qualidades próprias dos filósofos e dos críticos. Se assim compreendessem, êles escapariam à tentação de confundir perpètuamente, como o fazem, os procedimentos da crítica com os da criação; pelo menos deixariam de pretender impor ao artista seus pontos de vista; assim, deixariam de lado a mania de confundir atividades absolutamente distintas; deixariam de substituir a imaginação pelo raciocínio, o cálculo melódico e frio, que nada têm a ver com a alucinação artística; deixariam, enfim, de reduzir a arte a um conjunto de receitas e de expedientes, procurando convencer os ingênuos de que para ser artista bastará aprender de cor manuais, como se se tratasse de ser bacharel em letras ou balconista de sêcos e molhados".

Talvez o mal esteja nos dicionários, que tantos consideram infalíveis, última palavra, que definem a arte como "maneira de fazer uma coisa segundo certos métodos". Bastará aprender o método, já que para os dicionaristas a arte nada mais é do que uma questão de memória e de raciocínio. A emoção e a alucinação, que são as verdadeiras condições essenciais, são simplesmente suprimidas. Como se vê, a definição é boa para a arte de fazer sapatos, nunca para obras de arte.

Mas Eugène Véron não poupa argumentos no esclarecimento dêsse incômodo fenômeno, acrescentando o seguinte: "É por isso que geralmente os críticos e os estetas estão sempre inclinados a transformar a concepção da arte e a conduzi-la para o terreno que lhes é familiar. O que êles dão como explicação do gênio artístico é simplesmente a fórmula de procedimentos críticos de seu própiro espírito. É êsse êrro que domina o ensino oficial na França, e que dêle fêz um verdadeiro leito de Procusto. É graças a isso que homens cheios de devotamento pela arte e de respeito pela independência intelectual são levados a esmagar todo germe de originalidade e a abater os jovens sob o pêso de teorias que não foram feitas para êles. A maior parte dos jovens nem mesmo tem tempo de saber para onde estão levando suas aptidões. São tangidos, como uma tropa, para uma saída única, sem o direito de mudar o rumo, presos a uma engrenagem antes de poder interrogar-se a si mesmos, ou de haver sonhado dòcilmente como soldados sem desconfiar de que podem seguir por outros caminhos.

Portanto, meus caros leitores que pretendam iniciar-se e aprofundar-se nos mistérios, fenômenos e sortilégios da arte dramática, tomem nota do seguinte: se depois de Esquilo, Sófocles, Eurípedes e Aristófanes, foi possível o aparecimento de gênios dramáticos como os de Shakespeare, Corneille, Ra-

Alemanha, na qualidade de seu diretor, e pela fôlha de serviços prestados fica óbvio que o grande antecedendo o amigo do Brasil que êle o é de fato e de direito e respeito, seria um pleonasmo imperdoável.

★

"O SANTO MILAGROSO"

TRECHOS DE CRÍTICAS

A engenhosidade das cenas, com descobertas literárias de alta comicidade, faz o público explodir em gargalhadas, numa crítica violenta à situação cruel das personagens.

(Antônio Abujamra — "ÚLTIMA HORA" — São Paulo)

★

Uma forte comicidade está presente em todas as cenas, não só pelas situações criadas onde há uma certa crueldade na dissecação das personagens, como principalmente no teôr literário do texto. O público se diverte aprovando o "Santo Milagroso" com gargalhadas contínuas.

(Accioly Netto — O CRUZEIRO — Rio de Janeiro).

★

A inventividade cômica do texto constitúi, indiscutivelmente o seu maior mérito. O público ri o tempo tôdo e de tudo: dos tipos que vê, das coisas que êles dizem, das situações em que se encontram. O riso gostoso e sadio, brota como uma linda e brasileiríssima espontaneidade, sem nenhum esfôrço, a ponto de nem termos tempo para sentir o quanto é hábil a estrutura do enrêdo que suporta

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.34

sòlidamente essa substância cômica.

(Yan Michalski — "JORNAL DO BRASIL" — R. de Janeiro)

★

Desta vez o cronista PEDE que assistam a um espetáculo. Por que? Porque "O Santo Milagroso", na sua simplicidade de texto, é quase genial e porque a interpretação limpa, desataviada de exageros mas deliciosa, é perfeita. O público vai adorar a história de Lauro César Muniz.

(Paulo Salgado — "QUERIDA — Rio de Janeiro)

★

A história de "O Santo Milagroso" se constitúi numa das mais divertidas aventuras de nosso espetáculo contemporâneo.

(Accioly Netto — "O CRUZEIRO" — Rio de Janeiro)

★

A idéia é bastante válida e desperta na platéia interêsse positivo e receptividade franca.

(Van Jaffa — "CORREIO DA MANHÃ" — R. de Janeiro)

★

"O Santo Milagroso" atinge o espectador, sobretudo por deflagrar o mecanismo do riso, que não claudica uma só vez em tôdo o espetáculo.

(Sabato Magaldi — "O ESTADO DE SÃO PAULO" — São Paulo)

★

Dono de um poder inventivo exuberante, sabendo manejar os personagens numa farândula alegre e movimentada, dentro da mais autêntica tradição da comédia popular brasileira, Lauro Cesar Muniz foi direto ao gôsto do público que tem prestigiado o texto com aplausos entusiásticos e, o que é mais importante, com numerosa frequência a todos os espetáculos.

("O ESTADO DE SÃO PAULO" — São Paulo — Supl. Feminino).

★

É muito engenhosa esta comédia brasileira, descrevendo as peripécias provincianas das relações profissionais existentes entre um padre católico e o pastor protestante. A leveza da ironia permite que se ataque a todos os habitantes do lugar, com grande senso de observação e humor.

(Aurora Acevedo Esperza — "C I N E - R A D I O ACTUALIDAD" — Montevidéu, Uruguai).

★

O importante é o brilhantismo e a graça oportuna das situações e diálogos, que a partir do momento em que se inicia o espetáculo, predispõe a um clima de alegria que se mantém durante tôda a obra.

(J.R.C. — "EL DIA" — Montevidéo, URUGUAY)

★

O texto é um milagre de lucidez, no tratamento do tema.

("DIÁRIO DE SOROCABA" — Sorocaba, São Paulo)

★

O paulista Lauro César Muniz se inscreve, com "O Santo Milagroso", em uma corrente de teatro popular muito apreciada por largo setor da nova dramaturgia brasileira, que tem dado frutos tão diferentes como "O Pagador de Promessas" e "O Auto da Compadecida". Engendrado por um talento de orientação jocosa, Muniz opta pela vertenta farsesca.

(Geraldo F e r n a n d e z — "MARCHA" — Montevidéu, Uruguai).

cine e Molière, que não se acovardaram diante da perenidade das obras clássicas dos grandes da velha Grécia; se Miguel Ângelo e Rafael não desesperaram diante de Fídias e de Apelles, vocês também podem produzir hoje obras geniais.

Talvez estas lições colhidas nas obras dos mestres da Estética possam dar-lhes armas para a conquista da necessária autonomia, da independência total, levando-os a penetrar na essência das coisas, desde que se disponham a pensar, porque o pensamento faz verdadeiras revoluções. E não se esqueçam de que mudar a forma é pura fantasia. Qualquer "artista" pode fazer isso. Mas mudar o fundo, isso não se faz tão fàcilmente. Não depende de um homem, ou de uma coletividade, mudar uma arte nas suas raízes, como mudar uma sociedade na sua constituição íntima. Por isso é que Thoré disse que "a transmutação da arte não se fará senão quando, efetivamente, mudar o espírito universal". Quando? Ninguém sabe.

Assim chegamos a mais um "óbvio ululante" de Nelson Rodrigues; ninguém aprende a ser artista porque as escolas de arte apenas podem ensinar um mínimo de técnica. O que faz a arte é a personalidade do artista.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.35

JOÃO CAETANO QUIS AMPARAR OS AUTORES NACIONAIS

Por sua iniciativa, foi elaborado um projeto que tornava obrigatória a encenação de peças brasileiras no Teatro São Pedro — E em 1861 já era por êle proposta a regulamentação do direito autoral

R. MAGALHÃES JÚNIOR
(Escrito especialmente para a REVISTA DA SBAT)

Um dos documentos mais interessantes para a biografia de João Caetano e para a história do nosso teatro, é o seu plano para a criação de um júri dramático e de uma escola de representação, no velho São Pedro, que o fogo devoraria por duas vêzes e que, na atual reedificação, recebeu o seu nome. Para êsse fim, no início do ano de 1861, convocou João Caetano várias figuras de destaque do meio intelectual. Depois de debatido o assunto, foi lavrada esta ata:

"Aos 17 de fevereiro de 1861, reunidas as pessoas abaixo-assinadas a convite do empresário do Teatro de São Pedro de Alcântara, o comendador João Caetano dos Santos tomando a palavra propôs a criação de uma Escola-Júri Dramático, aduzindo as razões de reconhecida utilidade que o moviam a apresentar esta medida. A proposta foi aprovada e nomeada uma comissão, composta do Dr. Antônio José de Araújo, Conselheiro Félix Martins, Dr. Joaquim Manuel de Macedo, Dr. Muzzio e Victorino de Barros, a fim de na seguinte reunião interpor parecer e apresentar as bases para a execução da proposta. Servindo de secretário, A. J. Victorino de Barros. — A. Félix Martins, Carlos Antônio de Araújo, Antônio José de Araújo, Antônio Luís Fernandes Cunha, Joaquim Antônio da Costa Sampaio, Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa, Carlos José do Rosário, Francisco Corrêa da Conceição, Jorge Henrique Cussen, Henrique César Muzzio, João Carlos da Silva Ferreira, Joaquim Manuel de Macedo".

Dessa reunião, resultou um projeto, que foi encaminhado por João Caetano ao Imperador Pedro II e que se reveste de especial significação, porque a essa altura já surgiam duas preocupações: 1.ª, a de premiar as peças de autores nacionais; 2.ª, a de regular os direitos autorais, coisa de que não chegou a cogitar nenhuma lei do Império e que só a República começaria a resolver, com as leis de Nilo Peçanha, Medeiros e Albuquerque, o Código Civil e a legislação que se seguiu e é hoje numerosa.

Estas eram as "Bases para a organização do Júri e Escola Dramática que se vão criar no Teatro de São Pedro de Alcântara" (manuscrito n.º 6.378, maço 130, guardado no arquivo do Museu Imperial, em Petrópolis):

"1.ª — O Júri e Escola Dramática estabelecidos no Teatro de São Pedro de Alcântara, têm por objeto promover e aperfeiçoar a arte e as letras dramáticas.

2.ª — O Júri Dramático é composto de pessoas de letras em número indefinido. Terá um conselho organizado da seguinte maneira:

Um Presidente.

Um Vice-Presidente.

Um Secretário.

Um Tesoureiro.

Oito Conselheiros, que serão eleitos de dois em dois anos por escrutínio secreto.

3.ª — O Conselho será dividido pelo Presidente em quatro comissões de dois membros cada uma, as quais servirão por espaço de três meses no exame das composições, que lhes forem remetidas pelo Secretário, sendo essas composições de autores nacionais sôbre assuntos também nacionais.

4.ª — Os autores têm recurso das decisões de tais comissões para o Conselho e dêste para o Júri, cabendo ao Presidente, em ambos os casos e no de empate, o voto de Minerva.

5.ª — É permitido aos membros do Conselho assistirem aos ensaios das composições nacionais e exigirem do empresário, no ensaio-geral, tudo quanto faltar de cenário, vestuário e acessórios que competirem a tais composições, segundo as épocas em que se figurarem passadas.

6.ª — O mérito das composições estrangeiras, escritas em língua vernácula, o das traduções, o das imitações estão todos sujeitos ao Júri Dramático, sem que todavia possa êste obrigar o empresário do teatro a fazê-las representar.

7.ª — Ao Júri Dramático compete assistir aos exames gerais da escola, distribuindo, de acôrdo com os professôres, os prêmios aos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P. 36

alunos que se distinguirem e fazer a classificação dêstes pelo gênero para que tiverem mostrado maior vocação.

8.ª — Quando os professôres da escola vierem a ser gratificados, também o serão os membros das comissões, pelo modo seguinte: tôdas as composições que forem à censura pagarão 2$000 por ato; e, findo cada trimestre, a quantia que assim houver entrado no respectivo cofre será repartida com proporcionalidade pelos membros da comissão que tiver servido no trimestre, incluído o Secretário.

9.ª — Não será retardada por mais de dez dias a censura de qualquer composição; findos êstes deve estar ela licenciada ou reprovada.

10.ª — Perderá o direito à quantia, que lhe tocar pela censura das composições dramáticas durante um mês, o censor que, sem causa justificada, demorá-los mais do que o prazo fixado no artigo antecedente. A quantia, a que o censor perder o direito por tal falta, será distribuída pelos outros membros da comissão de serviço e pelo Presidente e Secretário.

11.ª — Os censores que examinarem as composições farão a análise literária delas, declarando se o assunto é ou não nacional e qual o valor e interêsse dramático que encerrarem.

12.ª — Os tradutores, que remeterem traduções à censura, são obrigados a mandá-las acompanhadas do original traduzido.

13.ª — O Presidente, depois de ler e examinar os pareceres dados e verificados que se conformam com as condições da base 11.ª, ordenará ao empresário do Teatro de São Pedro de Alcântara que leve à cena as composições examinadas e aprovadas, com todo o cenário, vestuário e acessórios que lhes competir, segundo a época em que a ação se passar.

14.ª — O Presidente só tem o direito de fazer representar estas composições quando já estiverem licenciadas pelo Conservatório Dramático e chefe de Polícia.

15.ª — O Júri Dramático corresponde-se com o Govêrno, com o empresário do Teatro de São Pedro de Alcântara e com os professôres da Escola.

16.ª — Os cargos de membros do Júri Dramático e de professôres da Escola são gratuitos enquanto êste estabelecimento fôr considerado particular, mas o Presidente, o Secretário, os oito Conselheiros e os professôres da Escola têm direito, em comum, a um camarote e a entrada franca nas cadeiras e no palco, sendo que os membros do Júri podem assistir aos ensaios-gerais das composições nacionais.

17.ª — A Escola de Declamação e o Júri Dramático, que se vão estabelecer no Teatro de São Pedro de Alcântara, só serão transferidos dali por ordem do Govêrno quando êste entender que deva chamar a si o estabelecimento e fazê-lo dirigir de baixo de suas vistas.

18.ª — A Escola terá três professôres: um de história, outro de correta pronúncia e outro de declamação.

19.ª — Cada um dos professôres da Escola Dramática comunicará por escrito ao Júri Dramático o método que adotar para o ensino e o Júri fará arquivar êstes documentos.

20.ª — Adotadas estas bases, se procederá à nomeação dos funcionários de que tratam as bases 2.ª e 18.ª.

21.ª — Uma comissão de três membros do Conselho, reunida dos professrôes da Escola, organizará o regimento interno, no qual terão de ser designados os prêmios que devem ser conferidos às melhores composições dramáticas nacionais e se estipularão sôbre a maneira de regular os direitos de autores.

22.ª — Quando esta instituição tiver dado provas não equívocas de que tem-se dirigido a seus fins e tenha feito reconhecido serviço, suplicará a S. Majestade Imperial a honra de ser o seu Presidente honorário".

João Caetano tem sido, muitas vêzes, acusado de haver desdenhado os autores nacionais, dando, inclusive, pouco aprêço às peças de Martins Pena. Entretanto, êsse projeto, resultante de sua iniciativa, mostra grande empenho em promover eficiente amparo às letras dramáticas nacionais. A obrigação que se criava ao arrendatário do maior teatro dramático do Rio de Janeiro, de levar à cena as melhores peças de autores nossos, era agravada pela justa exigência de que elas fôssem encenadas com os melhores cuidados, no que tocava a cenário, indumentária e aderêços.

Exatamente com a mesma data, descobrimos no Museu Imperial de Petrópolis outro interessantíssimo documento: um relatório de João Caetano dos Santos ao Imperador Pedro II, com minuciosas observações sôbre sua viagem à Europa e o que, na cena dos países que visitou, lhe pareceu digno de ser imitado ou praticado no Brasil. Como se trata de um documento bastante mais longo, nós o divulgaremos na próxima edição da REVISTA DA SBAT.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.37

O TEATRO NAS MEMÓRIAS DE NELSON RODRIGUES

CAPÍTULO XLV

Data-vênia do "Correio da Manhã" transcrevemos o XLV capítulo das Memórias de nosso consócio, o teatrólogo Nelson Rodrigues, não só porque trata principalmente do Teatro, como se refere ao nosso Presidente Joracy Camargo:

1

Ainda ouço a minha voz e, sobretudo, o tom insuportável, a humildade transida e infeliz: — "Você escreve? escreve?" E se Manuel Bandeira respondesse como o outro: — "Nem te conheço. E não escrevo sob pressão." Imaginei o poeta batendo com o telefone. Mas êle foi amigo solidário, quase terno. Primeiro, suspirou: — "Caso sério, caso sério." E foi acrescentando: — Ainda bem que você tem talento. A gente pode escrever sôbre você." Eu disse, trêmulo de gratidão: —"Muito obrigado, ouviu? E um grande abraço."

2

Saí do telefone varado de luz. Com o lançamento de A Mulher Sem Pecado, **fôra marcado por duas crônicas: — uma de Álvaro Lins, em** Diretrizes, **outra de Santa Rosa, no** Diário Carioca. **Ambas altamente elogiosas. Mas era pouco para minha fome. Eu ainda me sentia fora, marginal da vida literária. Lúcio Cardoso, que fôra meu vizinho e era meu amigo de infância, mereceria todo um rodapé de Álvaro Lins no** CORREIO DA MANHÃ

3

Doeu-me que Álvaro Lins escrevesse sôbre mim em **Diretrizes** e não no CORREIO DA MANHÃ. Antes isso do que nada, claro. Mas era óbvio que o crítico não valorizara, não dramatizara minha estréia. "Um rodapé, todo o rodapé de Álvaro Lins", eis a utopia que comecei a cultivar na minha angústia. Entre **A Mulher Sem Pecado e Vestido de Noiva,** vivi todo um período de frustração e ressentimento.

4

Qualquer êxito literário me agredia e me humilhava. Não perdia um rodapé de Álvaro Lins. De véspera, eu me perguntava: — "Vai escrever sôbre quem?" Se elogiava, havia em mim todo um surto de inveja. Inveja mesmo, sem nenhum disfarce, nenhum pudor. Eu não aprendera ainda a posar para mim mesmo, a retocar ou a idealizar meus sentimentos.

5

Entre as duas estréias, de **A Mulher Sem Pecado e Vestido de Noiva** escrevi, certa vez, uma croniqueta que marcou a minha vida. Era Edmundo Lys que tomava conta da coluna de rádio de **O Globo,** coincidiu que Joracy Camargo escrevesse e lançasse, com grande **elan** promocional, uma novela radiofônica. Eu odiava Joracy Camargo.

6

Claro que era um sentimento ou ressentimento, de origem estritamente literária. Joracy escrevera Deus Lhe Pague, **que eu não vira, nem lera; e eu não perdoava o sucesso tremendo.** Deus Lhe Pague **era uma espécie de Dama das Camélias do teatro brasileiro. Onde quer que a levassem, no Municipal ou Circo Dudu, as pessoas aplaudiam de pé e só faltavam pedir bis como na ópera.**

7

Eu desculparia, talvez, a bilheteria prodigiosa. E, com efeito, **Deus Lhe Pague** era representado, sempre, para casas lotadas. Mas vá lá. O que me ofendia, me desfeiteava era a consagração intelectual. Não me esquecia de um almôço de literatos ao autor. E, lá, Gilberto Amado teria dito que **Deus Lhe Pague** era "a única peça universal do teatro brasileiro". Êsse elogio causou-me um intolerável dano físico.

8

A novela caía do céu. E cometi, então, sem a menor dúvida, uma pequena vileza. Confesso que o elogio de Gilberto Amado, mais que o sucesso de Deus Lhe Pague, **serviu-me de maligno afrodisíaco. E saiu uma nota ex-**

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 38

tremamente eficaz na sua perversidade inexcedível. Ao redigi-la, eu tinha um ressentimento de Raskolnikov.

9

Pergunto: — assinei a torpeza? Não. A minha assinatura teria sido, sim, uma atenuante. Mas, usei um pseudônimo. Para todos os efeitos, era um vago leitor, um Zèzinho dos Anzóis Carapuça. Fui falar com Edmundo Lys e o convenci a publicar aquela miséria. Quando a croniqueta saiu foi um espanto, um escândalo na redação. No dia seguinte, apareceu lá o Vadeco, o genro da vítima. Vinha falar com Edmundo Lys, com Roberto Marinho. Estava arrasado.

10

Ningém entendeu a gratuidade da agressão. Mas, Joracy Camargo não foi o único. Contra o autor de Deus Lhe Pague, **escrevi; e contra os outros, falava nas esquinas nos cafés e nas redações. Eu não admitia um nome do teatro brasileiro, fôsse do passado fôsse do presente. Lembro-me que Renato Viana era outro. Tinha uns restos de prestígio intelectual; uma meia dúzia de fiéis ainda o adulava. Certa vez, disse-me o Schmidt: "Ninguém consegue ser nada no Brasil, se não acreditou, um dia em Renato Viana".**

11

Tôdas as manhãs, eu saia de casa, furioso, como se fôsse destruir o teatro brasileiro e os grandes nomes literários. Não deixava em pé um único autor dramático: — Raymundo Magalhães Júnior, era uma bêsta; Joracy Camargo outra; Roberto Gomes, já morto, uma terceira bêsta. E assim os outros, todos os outros.

12

E só respeitava os que tinham gostado ou de A Mulher Sem Pecado **ou de** Vestido de Noiva **ou de ambas. Bandeira era o maior poeta brasileiro, porque admirava as minhas duas peças; outro "maior poeta brasileiro" era Carlos Drumond de Andrade que me dizia: —** Vestido de Noiva **é mais complexo do que** A Mulher Sem Pecado. **Ou o sujeito gostava do meu teatro ou era uma bêsta, um cretino.**

13

Naquele tempo ,**A Manhã** anunciava de véspera, o artigo assinado do dia seguinte. Estou-me lembrando do telefonema do irmão Augusto: — "O Manuel Bandeira vai escrever, amanhã, sôbre **Vestido de Noiva.** Saí do telefone desatinado, para o jornaleiro. Na primeira página de **A Manhã**, vinha anunciado — "Amanhã: — **Vestido de Noiva**, de Manuel Bandeira. Branco ou vermelho, não sei, o coração em arrancos, eu vivia um dos maiores momentos da minha vida.

14

Parecia pouco, mas era muito, era demais. Comecei a me sentir, fisicamente, com febre. E não dormi, nessa noite, não dormi. E o pior, ou melhor, é que não se tratava de uma frase, de uma referência. Não, Manuel Bandeira escrevia todo um artigo sôbre mim, sôbre a minha peça. No dia seguinte, antes do padeiro, antes do leiteiro, comprei o jornal. Lá estava o artigo grande, sôbre Vestido de Noiva. **Perto do jornaleiro, em cima do meio-fio, li o artigo. Não encontrei uma restrição. O "maior poeta brasileiro" — e mais do que nunca "o maior poeta brasileiro" — fazia um elogio total. Ofegante, vim caminhando. E sentia que Manuel Bandeira estava abrindo para mim as portas, as paredes, os muros da vida literária.**

MEMBROS DO CONSELHO DELIBERATIVO DA SBAT

1 — RENATO ALVIM
2 — R. MAGALHÃES JÚNIOR
3 — J. MAIA
4 — JORACY CAMARGO
5 — MÁRIO LAGO
6 — PASCHOAL CARLOS MAGNO
7 — GENOLINO AMADO
8 —GUILHERME FIGUEIREDO
9 — PAULO DE MAGALHÃES
10 — ODUVALDO VIANA
11 — LUÍS PEIXOTO
12 — NELSON DE ABREU
13 — LESSA BASTOS
14 — BRÍCIO DE ABREU
15 — BENTO MOSSURUNGA
16 — HENRIQUE PONGETTI
17 — JOSÉ WANDERLEY
18 — MÁRIO MAGALHÃES
19 — PROCÓPIO FERREIRA
20 — DANIEL ROCHA
21 — GEYSA BOSCOLI

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.39

QUEM É QUEM DO ATUAL DIRETOR DO S.N.T.

O QUE MEIRA PIRES REALIZOU:

Restauração integral do Teatro "Alberto Maranhão", de Natal.

1º Festival Nortista de Teatro Amador, reunindo grupos amadoristas do Ceará à Bahia.

1º Congresso Brasileiro de Teatro Amador, com o comparecimento de 17 Estados da Federação e do qual surgiu a Sociedade Nacional de Teatro Amador.

1º Festival Nortista do Autor Teatral Brasileiro, com concurso de grupos amadoristas do Ceará à Bahia.

1º Encontro dos Diretores de Teatro do Norte-Nordeste que contou com a participação de Diretores de grupos e casas de espetáculos de Manáus à Bahia.

TITULOS

Titulo de Benemérito do Teatro "Alberto Maranhão", concedido pela Prefeitura do Natal.

Medalha de Mérito "Alberto Maranhão" outorgada pelo Gôverno do Rio Grande do Norte em reconhecimento à Obra de restauração do Teatro e a ação desenvolvida em favôr da arte cênica no Rio Grande do Norte.

Medalha Anchieta concedida pela Secretaria da Educação e Cultura da Prefeitura do Distrito Federal.

Títulos de sócio Benemérito e Honorário de quase todas as entidades teatrais do Norte-Nordeste; fundador de grupos amadoristas.

Lançado como autor por Procópio Ferreira com a comédia "O Bonitão da Família", aos 19 anos de idades. Escreveu, ainda, "Resto de Homem", "A Mulher de Prêto", lançada no Conservatório Nacional de Teatro; "Terra de Arisco", "João Farrapo", ambas lançadas pelo Teatro Escola do Natal sob a direção dos profêssores Milton Baccarelli e Herminio Borba Filho, respectivamente. Possui estudos e ensaios publicados sobre Teatro tendo exercido a crítica teatral no Nordeste durante longos anos.

* * *

Os festivais e congressos lançados em Natal tiveram sequência em outros Estados.

* * *

Foi ator teatral tendo realizado Curso na Escola de Teatro da Prefeitura do Distrito Federal, à época de Renato Viana.

* * *

A respeito de Meira Pires disse Câmara Cascudo: "É uma fôrça viva e nova rolando com a sonoridade e a beleza das coisas naturais, irresistíveis e eternas".

Renato Viana afirmou: "Nasceu talhado para ser lider da sua geração".

Guilherme Figueirêdo: "Meira Pires é teatro da cabeça aos pés".

Bibi Ferreira: "É um carater firme, honesto, trabalhador; uma personalidade rara no teatro brasileiro".

Procópio: — É uma personalidade definitiva dentro do panorama teatral brasileiro.

General Antônio Carlos Muricy: "É um bravo lutador pela causa do teatro no Nordeste e no Brasil".

Waldemar de Oliveira: "Administrador e empreendedor de largo tirocínio. Sua obra enobrece o teatro brasileiro".

* * *

Pertence a uma das mais tradicionais famílias do Rio Grande do Norte. É neto de Olinto Meira que foi Presidente da Província e do Senador Augusto Meira que incluiu o mandado de segurança na Constituição da República.

O TRABALHO DESENVOLVIDO PELA SBAT NESSES CINQUENTA ANOS DE VIDA (1917-1967), NA LUTA CONSTANTE E DIÁRIA PELA CAUSA DO AUTOR, É QUALQUER COISA DE EXCEPCIONAL PORQUE A SBAT, TRABALHANDO NA DEFESA DO PATRIMÔNIO MORAL E ECONÔMICO DOS SEUS REPRESENTADOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS, ESTÁ, AO MESMO TEMPO, CONSOLIDANDO O DIREITO DE TODO CRIADOR DE OBRA DE ARTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677, P.40

REFLEXÕES SÔBRE O TEATRO

DANIEL ROCHA

Nossa época é marcada pela busca desenfreada de novas formas de expressão, numa avalanche que abala até mesmo os alicerces de nossa estrutura social.

É um ímpeto de revolta, de destruição dos valores consagrados no campo da inteligência e da sensibilidade humana.

O teatro reflete, mais que qualquer outra atividade artística, a inquietação de nossa época .

O fenômeno preocupa a todos e é curioso observar o que escreve, de Paris, conhecido economista Eugênio Gudin, um homem de reconhecida cultura, da geração passada, frente ao teatro de hoje:: —

> "A impressão que recebe o espectador de minha geração do teatro francês ou inglês, nos tempos que correm, é de estarrecimento e de incompreensão. A dificuldade de compreender está em que os demais padrões de civilização dêstes dois grandes países não denotam a mutação, senão inversão de valôres humanos que se traduz nas peças teatrais. Houve sem dúvida, nestes últimos 30 anos, uma grande evolução de princípios e de mentalidade no modo de encarar os problemas da vida e de seu conteúdo moral. As novas gerações tiveram o grande mérito de acabar pràticamente com o absurdo convencionalismo que caracterizava a sociedade do tempo de minha mocidade. Mas isto não importa, nem exige a tremenda "cafajestização" que hoje se manifesta sobretudo na Arte e especialmente no Teatro.
>
> Uma peça de teatro pode ser amoral ou imoral sem ter por isso de transformar-se em um chiqueiro ou em uma manifestação de indigência mental. Seja, por exemplo, o SEXO, o tema dominante. Está bem. Mas há muitas formas inteligentes, penetrantes, refinadas e mesmo graciosas de desenvolver o tema. De boas peças dêsse gênero estava repleto o repertório teatral do meu tempo. O que estarrece no teatro atual é a combinação de uma lamentável pobreza de espírito com o aparente propósito de despertar o interêsse do espectador pela crueza da linguagem pelo cafajestismo das atitudes não rara pela simples pornografia".

Adeante, exemplificando, transcreve uma crítica do "FIGARO" (Jean Jacques Gautier), a respeito da peça de Harold Pinter **"RETOUR"**:

"Há primeiro, uma longa sequência em que um pai, seus dois filhos e seu tio, trocam os maiores impropérios, no mais imundo palavreado (de que o crítico cita exemplos pontilhados). Tudo isso sem que se possa saber porque êsses personagens são assim, porque êles se odeiam, porque um dos filhos fala em tom sardônico e ameaçador, porque o chefe de família injuria seu irmão etc. Os epítetos de "Respeitosa..." e outras do mesmo calão são correntes... Segue-se um conselho de família em que se decide que a nora exercerá, de noite, a prostituição, ficando de dia à disposição do sogro e de seus dois filhos...! Jean Jacques Gautier termina dizendo: "Juro-vos que não inventei nada. Que nada deformei e nada exagerei"... Compreenda quem puder.

Passa um golpe de vista pelo que ocorre no mundo, e comenta:

"Dizem-me haver nos Estados Unidos, e também aqui em França, salas de dança em que jogos de luz alternados e violentos, projetados sôbre paredes brilhantes, vêm acentuar o efeito do batuque da orquestra, dos movimentos ritimados e de um calor abafador, até levar os que dançam e mesmo os espectadores ao estado de transe, como nas nossas macumbas! Trata-se ao que se diz, de um meio de bombardear simultâneamente todos os sentidos, e os inventores dêsse nôvo divertimento o apresentam como "uma revolução artística!"

E conclui:

"Fiquei a pensar como se explica que o público frequente as salas de teatro em que se representam peças do gênero que acima descrevi. Se êsse público fôsse composto de degenerados morais ou de alienados, tudo se explicaria pela consonância. Mas o público que se encontra nas poltro-

(Conclui na pág. 35)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.93

FLASHES

O. D. B.

NAQUELA NOITE chuvosa de novembro de 1917 a Companhia Dramática Itália Fausta estava apresentando, no Teatro República, para meia dúzia de espectadores, a peça de Pinheiro Chagas, "A Morgadinha de Val-Flor", com a saudosa Fausta na protagonista e o Alves Cunha no revolucionário Luiz Fernandes.

A peça termina quando o Luiz Fernandes, nos braços de sua amada Morgadinha, antes de dar o último suspiro, diz esta frase:

— Leonor, quero morrer assim, nos teus braços, à luz dêste sol que se chama Liberdade!

Pois foi justamente quando a frase ia ser dita, que o Intendente Vieira de Moura, presente ao espetáculo, não podendo evitar, deu um ruidoso espirro.

O Alves da Cunha, grande ator, mas um tanto ou quanto "aloprado", substituiu a frase da peça por êste disparate:

— Leonor, vamos ter bom tempo. Um bode acaba de espirar! — e morreu.

* * *

NO CAFÉ "LE MARIGNAN", na Avenida dos Campos Eliseus, na mesa ao lado da de Georges Feydeau, um jovem e "rebolativo" crítico de teatro dobra e desdobra ,lê e relê, ostensivamente, uma fôlha de papel côr-de-rosa e donde exala um perfume sutil. Como é manifesto o rapaz espera, ansioso, uma pergunta. Feydeau condescende em dirigir-lha:

— Que vem a ser isso?

— Isso o quê?

— Êsse papel perfumado?

O jovem crítico sorri feliz e, tomando uma atitude donjuanesca, diz-lhe:

— Oh! é uma carta apaixonada da minha noiva, uma linda bailarina do Folies Bergère.

— Que ela mandou você entregar a quem?

NO TEATRO GINÁSTICO, a atriz Laura Suarez deveria substituir sua colega Margarida Rey em "Os Direitos da Mulher". Num dos ensaios o diretor Luiz de Lima pediu licença para mostrar-lhe como gostaria que ela conduzisse a personagem. Subiu ao palco e fêz um ato inteirinho da peça para a Suarez, que estava na platéia com outros artistas.

Quando terminou e pediu que a atriz repetisse, ela se levantou e disse:

— Muito bem, Luiz, você estêve ótimo, o papel é seu. Assenta-lhe como uma luva!

E saiu majestosa porta fora.

* * *

DE GINA LOLLOBRIGIDA: Meus amigos, quando vocês tiverem que escolher entre a Brigitte Bardot e a Claudia Cardinalle, escolham então a Sarah Churchill!

(Conclusão da pág. 34)

nas ao lado como nos corredores do teatro é gente perfeitamente normal e decente. Chegei então à conclusão de que o fenômeno se explica por três formas: A primeira é que, se as peças são falhas de espírito e de sentido, os atôres que as representam são, via de regra, excelentes. A segunda é que ninguém reage porque não quer passar por gente "de idéias atrasadas", incapaz de evoluir, mesmo quando não se saiba porque. "Nous vivons" — escrevia recentemente um comentador — "en art comme en sport dans la hantise du dépassement".

As idéias, como a arte, não se dividem mais entre boas e más mas sim entre novas e velhas. Até na religião isso se verifica, como bem mostrou Georges Bernanos.

Emile Willermoz explicava êstes fenômenos com rara felicidade. "As jovens gerações são inquietas e atormentadas. Vivem na Incerteza e na Angústia... Um clima de lucidez, de segurança filosófica e de inteligência pura não lhes pode convir. Mas é evidente que êsse vento de insânia passará com o tempo...

É mais uma contribuição para o estudo dos problemas pertinentes à conduta dos jovens no mundo atual. E é na análise da juventude de hoje que podemos chegar a ter uma idéia do que será o mundo de amanhã.

É fato que vivemos numa obsessão de superar tudo o que existe, no plano material e moral. Pinter e Ionesco já estão envelhecendo O que veremos amanhã?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.42

A TRAGÉDIA AGONIZA

Com um juri presidido por Roger Ferdinand e de que faziam parte Maurice Escande, André Falcon, Jean Paul Roussillon, Abel Gance, George Neveus, Jean Sarment, Christian Casadesus e Jean Mercur, realizou-se há pouco, no Conservatório Dramático em Paris mais um Concurso de Tragédia, ao qual compareceram seis jovens candidatos.

A prova foi curta. Demorou menos de uma hora. Chovia lá fora. Na sala vermelha do Conservatório o ambiente era desanimador. Os resultados exprimiram a decepção do júri e da platéia.

Não foi concedido o primeiro prêmio aos candidatos do sexo masculino. Nem o segundo. As mulheres lograram apenas um segundo prêmio com Ludmilla Dmitrienko-Mikael, aluna de Louis Seigner, que dizia à guiza de consôlo! "Um ano a mais no Conservatório lhe será benéfico, com certeza".

A tragédia agoniza, até mesmo na terra de Corneille, Voltaire e Racine.

OS 75 ANOS DE ODUVALDO VIANA

A 27 de fevereiro dêste ano, o nosso Conselheiro Oduvaldo Viana, completou 75 anos de idade.

Oduvaldo estava veraneando em Cambuquira. A SBAT, com a colaboração do Motel Minas Gerais, levou ao seu sócio fundador a homenagem dos seus confrades, simbolizada num bôlo de aniversário que Oduvaldo partiu e repartiu entre parentes e amigos na pitoresca cidade do sul de Minas.

A foto mostra Oduvaldo e senhora diante do bôlo, cuja velinha sapraria momentos após com o auxílio de seu irrequieto neto ,o Vinícius (filho do Vianinha) que à frente do vovô ilustre, sorri para o fotógrafo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,p.43

23

"O SANTO MILAGROSO"

de LAURO CÉSAR MUNIZ

Cenário de ODILON NOGUEIRA

Direção de WALMOR CHAGAS

ELENCO POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA

Padre José	JORGE CHAIA
Pastor Camilo	RUY AFFONSO
Teresinha	NILDA MARIA
Dito	STÊNIO GARCIA
Cel. Chiquinho	LAFAYETTE GALVÃO
Bispo	FREDI KLEEMANN
Jornalista	JOÃO MANOEL
Mascate	PAULO BARRETO
Juca	PLÍNIO DE BARROS
Mulher	KLEBER MACEDO
Simão	CLÁUDIO MAMBERTI
Takawa	N. N.
Fiel	IVO RODRIGUES

Participaram ainda do elenco, por substituições: Yola Maia, César Augusto e Paulo Hateyer.

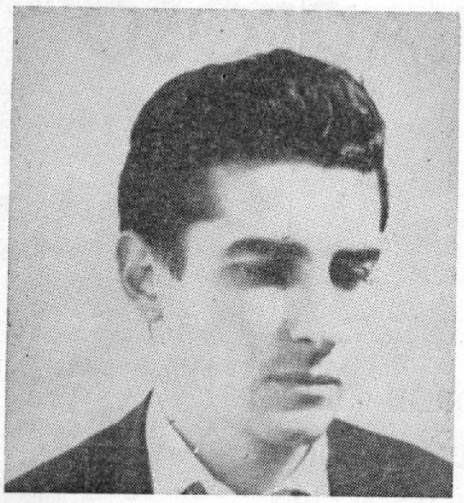
Imagens executadas por	ODILON NOGUEIRA
Pintura de cenários por	ARQUIMEDES
Eletricista e som	GIAN CARLO BORTOLOTTI
Contra-Regra	RENATO PAGLIARO
Camareira	JOSEFINA DE OLIVEIRA
Produção de guarda-roupa	KLEBER MACEDO

A primeira encenação desta peça foi realizada em São Paulo, no Teatro Cacilda Becker, às 21 horas do dia 5 de julho de 1963.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

LAURO CÉSAR MUNIZ

Dados Biográficos



Nascimento em janeiro de 1938 na cidade de Ribeirão Prêto.

Peças montadas por grupos amadores: — "Louco por Loucos" (1958); "Êste Ôvo é Um Galo" (1959); "Os Anjos Censurados" (1960).

Peças montadas na televisão: — "A Bruxa" ou "Terra de Cegos" (1961 e 1966); "Bar de Esquina" (1961); "A Estátua" (1962).

Peças montadas profissionalmente: — "O Santo Milagroso" (1963) — Teatro Cacilda Becker; "A Morte do Imortal" (1966) — Teatro Oficina (Companhia Independente); "A Infidelidade ao Alcance de Todos" — Sociedade Paulista de Comédia (TBC).

Prêmios de teatro: — Melhor Autor Nacional do IV Festival de Teatro Amador de São Paulo — 1959; Primeiro Prêmio de Autor do III Festival de Amadores Teatrais do Estado de São Paulo — 1960 (ambos pela peça "Êste Ôvo é Um Galo"); Prêmio Revelação de Autor da Associação Paulista de Críticos Teatrais — 1963 (pela peça "O Santo Milagroso").

Aluno do curso de Dramaturgia da Escola de Arte Dramática, formado em 1962 (1.º turno do Curso de Dramaturgia).

Peças em preparo: — "O Líder" — 1 ato; "A Comédia Atômica".

O SANTO MILAGROSO

AUGUSTO BOAL

O teatro brasileiro pode orgulhar-se de ser o teatro que mais vêzes nasceu, no mundo inteiro. Cada nova peça nacional é saudada como o "verdadeiro nascimento" da nossa dramaturgia. Existem os nascimentos totais, globais e os nascimentos particulares. Assim, por exemplo, já nasceu o teatro social e o de costumes, o teatro psicológico e o psicanalítico, o teatro de esquerda, de centro e de direita. Já chegou a nascer, — com Nelson Rodrigues, se não me engano, a dramaturgia brasileira "do sentido trágico grego da vida... Enfim, cada peça é um parto laborioso que deixa esperanças de um longo caminho a percorrer. Uma segunda peça não é nunca a continuação dêsse caminho, porém sempre um nôvo nascimento. Assim, contado, parece mentira, mas juro já ter ouvido a seguinte exclamação eufórica: "Com esta peça nasce o verdadeiro triângulo amoroso brasileiro!"

Não sou contra os variegados nascimentos do nosso teatro — já colaborei em alguns. Apenas queria deixar claro que não me parece importante continuar nascendo várias vêzes ao ano, mas sim cuidar do teatro já crescido. O importante não é dar à luz, mas, uma vez dada à luz, fazer nela alguma coisa de útil.

Lauro César me perdoará se não digo que, com "O Santo Milagroso", nasce a comédia ecumênica brasileira. Não nasce. Sua importância, porém, decorre do fato de que ela vem reforçar um caminho pouco desenvolvido — o sadio caminho da sátira.

A grande maioria dos dramaturgos brasileiros — alguns por extrema juventude, outros por extremo desencanto — tendem sempre a uma visão negativa e pessimista da nossa vida social. Certamente são capazes de apontar os erros, as malversações, os engodos, as contradições. Porem raramente vão alem disso. Recolhem-se tristemente à condição de espectadores desalentados pelo rumo torto dos acontecimentos. Em geral, estas peças terminam em suicídio, morte violenta, estagnação, tal como recomendava o reacionário Aristóteles. Ou, quando pior, o herói redime-se espiritual e individualmente, ou volta ao campo a fim de colhêr laranjas — panacéia de todos os males sociais. (V. "O Comício").

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 45

Lauro César recusa todos êsses caminhos tristes e agourentos. Prefere — como diria certo filósofo do século passado, cujo nome não me ocorre no momento — "desembaraçar-se alegremente do seu passado". É neste sentido que "O Santo Milagroso" adquire a sua validade. Nada de gritos de horror contra o ópio do povo, nada de afirmações dogmáticas sôbre a essência do real. Apenas a constatação cômica dos vários usos a que pode ser posto um fenômeno espiritual.

Evidentemente, a falta de **slogans**, de palavras de ordem, pode dar origem a uma certa ambigüidade. Essa ambigüidade impede que esta peça corrompa uma Congregação Mariana, como impede também que seja incluída entre as solenidades oficiais do recente Concílio. Porém, apesar de suave e amena, a peça não perde o seu poder de convencimento ,— antes, o manifesta de forma sutil.

* * *

ODILON NOGUEIRA

A farsa, como gênero de teatro, dá margem para criações às mais variadas e imaginosas no terreno da cenografia. Requer o uso de elementos, os mais simples, na forma mais simples, na forma mais expressiva. Em "O SANTO MILAGROSO", as cenas são rápidas, alternando-se em quatro locais completamente diversos: ponte, sacristia da igreja católica, casa do pastor protestante e praça pública.

Sem prejudicar o ritmo do espetáculo teríamos de encontrar um meio de solucionar — num palco minúsculo como é o do Teatro Cacilda Becker — o tom rápido imprimido ao texto por Lauro César Muniz, e o "aleggro vivace" do Diretor Walmor Chagas...

De comum acôrdo com o Diretor e procurando me aproximar o mais possível do Autor elaboramos o cenário.

Na sua aparente simplicidade o cenário possui um maquinismo funcional, onde os atôres, me tom de farsa, executam o trabalho dos maquinistas, criando à frente dos espectadores o ambiente para a cena seguinte.

Como tudo neste mundo se repete e se renova, poderemos encontrar a origem dêste cenário na antiga "Commedia Dell'Arte", onde pequenos detalhes sugeriam o local da ação. Os objetos e acessórios falsos entrosam-se perfeitamente aos verdadeiros. Casas pintadas em painéis circundam o palco, sugerindo assim a cidadezinha onde se desenvolve a história. No centro do palco, um praticável pouco mais alto que o tablado, representa a casa do pastor protestante e a sacristia da igreja católica. Quatros prismas giratórios, erguidos nos quatro cantos do praticável, dão lugar para que cada face de cada prisma fôsse pintado ou decorado com objetos que a cena requer: quatro nichos com imagens de santos representam a sacristia; livros e quadros de escritura, simboilzam a casa do pastor protestante; árvores pintadas nas faces dos prismas, situam a praça; e em primeiro plano, uma cortina móvel onde está desenhado um parapeito, sugere a ponte. Com leve rotação dos prismas ou correr de cortina, os próprios atôres situam a ação da cena.

Essa foi a solução por nós encontrada. E nos pareecu a melhor, embora a peça dê margem às mais variadas concepções.

Opinião da crítica paulista sôbre "O SANTO MILAGROSO"

ULTIMA HORA — **Antônio Abujamra**

Lauro César Muniz, com essa peça colocase de imediato na linha de frente de nossa adolescente dramaturgia. A partir de personagens profundamente respeitados pelos habitantes das grandes cidades, pois a pureza-safadeza mostrada sem pudor faz rir de imediato, Lauro César Muniz não se intimidou porque o público os reconheceria de imediato e, a partir de uma excelente idéia apresenta uma série de astúcias para com o riso, tentando desmascarar os movimentos cristalizados na consciência coletiva. A engenhosidade das cenas com descobertas literárias de alta comicidade faz o público explodir em gargalhadas animalescas numa crítica violenta à situação cruel das personagens.

Estava faltando para a nossa literatura dramática um autor como Lauro César Muniz. As possibilidades de criar uma teatro popular, sem moralismos preconcebidos e com estrutura demonstrativa, são dêle.

* * *

FÔLHA DE SÃO PAULO — **Oliveira Ribeiro Neto**

Muito promissora nos parece a carreira de Lauro César Muniz como autor teatral com o seu talento e a sua juventude, em face do grande sucesso de público e de aplausos da sua peça "O Santo Milagroso", estreada no Teatro Cacilda Becker.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,R 46

Ação — Pequena cidade do interior paulista.

Época — Indeterminada.

Cenário — Apresenta um setor da cidadezinha. Quatro partes principais o compõem. A maior e que ocupa metade do palco, é a parte posterior da igreja, onde se instala a sacristia. É Quaresma: alguns santos cobertos com o sudário roxo, e dispostos nos ângulos das paredes, em nichos especialmente construídos. Um dos nichos está vazio à espera de seu respectivo santo. Pequena mesa, cadeiras, um genuflexório e um armário grande e rústico. Duas portas: a que se comunica com o altar e a que dá acesso à praça. A segunda parte do cenário, ao fundo e central, é uma pequena ponte em forma de arco acentuado. Esta ponte liga a parte anterior (sacristia) com a terceira parte do cenário que é a casa do Pastor protestante. Pequena sala com algumas peças de móveis antigos. Livros e figuras espalhados. A quarta parte do cenário desenvolve-se até o proscênio e representa parte da praça onde está situada a igreja. Árvores e bancos.

PERSONAGENS

Padre José — velho de sessenta anos.

Pastor Camilo — meia idade, atlético.

Teresinha — irmã do Pastor Camilo, trinta anos.

Dito — sacristão católico, vinte anos.

Coronel Chiquinho — gordo, cinqüenta anos.

Bispo — velho alto e robusto..

Jornalista

Mascate

Juca

Mulher de Juca

Simão — judeu.

Takawa — japonês.

Fiéis

Banda de música

1.º Ato — 1.º quadro — Quinta-feira pela manhã.
2.º quadro — Quinta-feira à noite.

2.º Ato — 3.º quadro — Sexta-feira pela manhã.

3.º Ato — 4.º quadro — Sábado de Aleluia.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.47

PRIMEIRO ATO

1.º Quadro: Quinta-feira pela manhã

Simultâneamente, vindos de suas respectivas igrejas, e carregando vara de pescar e sacolas idênticas, PADRE JOSÉ e PASTOR CAMILO, alcançam a ponte. Inicialmente ao se verem param sem jeito. Depois de rápida hesitação, cumprimentam-se solenemente tirando os respectvios chapéus e fazendo leve reverência. Tomam posição na ponte, nas respectivas extremidades e simètricamente preparam-se para a pesca. Lançam o anzol na água e ali ficam estáticos, na expectativa. Momentos depois vem DITO, da Igreja Católica. Ao ver o Pastor aproxima-se ràpidamente do Padre.

DITO **(Cochichando ao Padre)** — Vê se pesca antes!...

(Dito olha ao Pastor. O Pastor olha para êle e dá a entender que ouviu. O Padre também acaba por olhar ao Pastor. O olhar é de desafio. Voltam à atitude inicial de aparente indiferença. Dito rola pelo parapeito, de um lado para outro, numa torcida respeitável. O Pastor "sente" o peixe! Dito pára, assustado. A vara se curva num arco acentuado. O Padre olha-o em expectativa. O Pastor puxa o anzol, vazio... Dito sorri aliviado. O Pastor volta à posição de expectativa. Dito volta a impacientar-se, rolando pelo parapeito da ponte de um lado para outro. O Padre "sente" o peixe).

DITO **(Entusiasmado)** — Vai! Puxa!

(O Pastor olha apreensivo. O Padre puxa o anzol, vazio... Dito se entristece. Alívio do Pastor. Voltam os três à posição inicial).

DITO — A linha dêle é maior, "seu" vigário!

(É repreendido pelo olhar severo do Padre. Dito escapa para o centro da ponte e continua a torcida. Repentinamente os dois pescadores "sentem" o peixe. Dito anima-se na torcida).

DITO — Calma, "seu" vigário que é nosso!

(A luta continua. As duas varas ao mesmo tempo curvam-se acentuadamente. Os dois puxam os anzóis e as linhas convergem num mesmo peixe! Os três perplexos e momentâneamente sem ação).

DITO **(Boquiaberto)** — O mesmo peixe! **(Debruça-se para ver melhor)**. Baita peixão!

(Os dois párocos estão embaraçados. Entreolham-se. Sorriem discretamente).

DITO — Metade para cada um!

(Começam a recolher o peixe e automàticamente se aproximam ao centro da ponte).

P. JOSÉ **(Cedendo, aponta o peixe)** — Tenha bondade...

P. CAMILO — Pode ficar com êle...

P. JOSÉ — Obrigado, mas em casa somos só dois...

P. CAMILO — Em casa não comemos peixe...

DITO — Racha no meio! Eu vou buscar a faca! **(Sai correndo)**.

(Os pescadores tiram seus anzóis: primeiro o Pastor Camilo, depois Padre José).

P. JOSÉ — Belo peixe! **(Segurando-o)** Veja como pesa!

P. CAMILO — É mesmo! Nunca peguei um assim nesse ribeirão. Já é a terceira vez que venho pescar êste mês.

P. JOSÉ — O senhor aprecia a pesca?

P. CAMILO — Sou um amante dos esportes: pesca, futebol, e natação! E o senhor?

P. JOSÉ — Gosto também... **(Sorri)** Mas já estou ficando velho para isso... Outro dia fui pescar lá embaixo perto da curva, e de tanto ficar agachado, minhas pernas endureceram... Quase não consegui ajoelhar-me no dia seguinte, para rezar... Por pouco não cometi a irreverência de rezar de pé..., **(Pausa breve)**.

P. CAMILO — Eu também já estou sentindo a idade... Quando môço andava e jogava futebol aos sábados e domingos. Agora, só de dar uns chutinhos com meu filho, já boto a língua de fora.

P. JOSÉ — Seu filho também joga futebol?

P. CAMILO — Jôgo no duro, não... Ainda não foi possível formar um quadro de futebol, na Igreja...

P. JOSÉ — Por que?

P. CAMILO — Não temos jogadores suficientes...

P. JOSÉ **(Com ar de superioridade)** — Nós temos três quadros: da "Cruzada", o da "Infância de Cristo" e o dos "Filhos de Maria". Se seu filho quiser, poderá jogar conosco...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.48

Quero dizer... Acho que não haveria mal nenhum...

P. CAMILO — Obrigado... Mas meu filho atualmente estuda na capital... Vivo só com minha irmã. Meus passatempos agora são os jogos moderados: batalha naval, torrinha...

P. JOSÉ — Eu passo meu tempo arquitetando lances no tabuleiro de xadrez...

P. CAMILO — O senhor joga xadrez?!

P. JOSÉ — Jogar com quem? Eu faço de contas que jogo... Nesta cidade não há um cristão que jogue xadrez.

P. CAMILO — Eu jogo!

P. JOSÉ — O senhor joga?

P. CAMILO — Quer dizer... jogava... Agora não existem adversários... **(Embaraço. Pausa).**

P. JOSÉ — Pois é... Nesta terra monótona não se tem o que fazer...

P. CAMILO — Até pouco tempo ainda me divertia, nadando um pouco... Mas depois de um certo acontecimento, perdi a vontade...

P. JOSÉ — O que, senhor Camilo?

P. CAMILO — Vi morrer um pobre homem, sabendo que poderia salvá-lo... Tiraram o coitado do rio, inchado de água e ficaram chacoalhando o homem sem conhecimento nenhum...

P. JOSÉ — O senhor sabia salvar afogado?

P. CAMILO — Sabia e sei! Pratiquei natação muito tempo e aprendi essa arte...

P. JOSÉ — Então, porque não o salvou?

P. CAMILO — Não me deixaram pôr a mão no moribundo! Diziam que era a mão do diabo!

P. JOSÉ — Que absurdo!... E depois?

P. CAMILO — Ficaram esperando o padre chegar...

P. JOSÉ — E o padre tentou salvá-lo?

P. CAMILO — Para a outra vida... Deu-lhe a "extrema-unção"...

P. JOSÉ — Ainda bem!... **(Cai em si)** Êsse afogado não foi o Zé-Perdigueiro?

P. CAMILO — Foi...

P. JOSÉ — Então o padre era eu!

P. CAMILO — Era, sim senhor...

P. JOSÉ — Ora... Eu não sabia que o senhor entendia de salvamento... Sinto muito...

P. CAMILO — Enfim, o que passou, passou... Mas ainda há quem diga por aí que minha igreja é coisa do seu diabo!

P. JOSÉ **(Ofendido)** — Ora, Sr. Camilo...

P. CAMILO — Não seus adeptos mais cultos... e êsses são a minoria.

P. JOSÉ — De certa forma... Aliás, minha paróquia é mesmo muito desigual, não é como a vossa que prima em selecionar a nata da sociedade da nossa cidade...

P. CAMILO — São tôdas pessoas bastante simples...

P. JOSÉ — Simples, Sr. Camilo? Eu conheço muito bem a maioria dêles.

P. CAMILO — Ah, é verdade!... Boa parte já pertenceu à sua paróquia...

P. JOSÉ — O Coronel Chiquinho e todo o pessoal do partido dêle...

P. CAMILO — ...que se converteu há pouco tempo...

P. JOSÉ — O senhor bem sabe o motivo dessa conversão!

P. CAMILO **(Desafiador)** — Evolução natural...

P. JOSÉ **(Perdendo as estribeiras)** — Manobra política! Pura e simples manobra política!

P. CAMILO — Provocada pelo Bispo de sua diocese que usava o púlpito para atacar o Coronel!

P. JOSÉ — Defender o povo, isso sim!... Bem sabe o senhor que o Coronel havia se ligado a elementos subversivos, para angariar os votos dos trabalhadores da Usina de Açúcar.

P. CAMILO — Que mal há nisso?

P. JOSÉ — Que mal há? Todo mundo sabe a côr política do líder dos trabalhadores da Usina!

P. CAMILO — O Zezão é tão cristão quanto eu!

P. JOSÉ — Não duvido!... O principal é saber o quanto o senhor é cristão...

P. CAMILO **(Impulsivo)** — Passe bem, Sr. José... Pode ficar com o peixe...

P. JOSÉ — Como um bom jogador de xadrez, o senhor se retira antes do "mate".

P. CAMILO **(Voltando)** — Eu nunca perderia para o senhor, em terreno nenhum, muito menos numa partida de xadrez... **(Pausa).**

P. JOSÉ — Isto é um desafio?

P. CAMILO — Como queira...

P. JOSÉ — Se não fôsse a situação política existente na cidade, eu teria a satisfação de derrotá-lo em sua própria casa...

P. CAMILO — Pois eu enfrento a situação e irei derrotá-lo em sua casa!

P. JOSÉ — Quando?

P. CAMILO **(Clássico)** — Marque o dia e a hora...

P. JOSÉ — Bem... Eu poderia recebê-lo depois da reza, hoje mesmo...

P. CAMILO — Que hora?

P. JOSÉ — Sete horas!

P. CAMILO — Local...

P. JOSÉ — Na... sacristia da igreja...

P. CAMILO — Na sacristia?!

P. JOSÉ — O senhor se opõe?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P. 49

P. CAMILO — Não... Apenas quero que haja o mais absoluto sigilo, sôbre êsse encontro... O senhor compreende, não é?

P. JOSÉ — Hoje, Quinta-feira Santa, os fiéis passarão a noite velando o "Senhor Morto"... A praça estará vazia e o senhor poderá passar sem ser percebido.

P. CAMILO — La estarei às sete em ponto!

DITO — Pronto! Custei a achar a faca!

(Dito entra com a faca).

P. CAMILO — Com licença... **(Pega a faca e corta o peixe ao meio).**

DITO — Agora vamos tirar a sorte para ver quem fica com a cabeça! Eu vou jogar a medalha de Santo Onofre para cima. Se cair do lado do santo, ganha o "seu" vigário. Se cair do lado das letras, ganha o senhor... **(Joga a medalha e apara-a).**

DITO — Ganhamos! Deus está do nosso lado. **(Entregando)** O rabo é seu!

P. CAMILO — Obrigado. Bem, vou andando... A pesca hoje foi boa... Tive prazer em encontrá-lo... senhor vigário.

P. JOSÉ **(Forçando)** — O prazer foi todo meu... senhor pastor)

(Solene reverência dos dois párocos. Cada qual descendo a ponte dirige-se para sua casa!

DITO **(Entrando na sacristia)** — O senhor viu a nossa sorte? **(Exibe o peixe).**

P. JOSÉ — Eu vi sua malandragem! A medalha tem um santo de cada lado: Santo Onofre e São Gabriel. E caiu do lado de São Gabriel. Deveria ser dêle a cabeça...

DITO — Êle não conhece santo... Azar dêle. Ficou com a bunda!

P. JOSÉ — Dito!...

DITO — Perdão "seu" vigário... Eu disse sem querer. Escapou...

P. JOSÉ — Você anda muito saidinho, ùltimamente. Ainda ontem vieram me dzer que o viram na rua... **(Embaraça-se)** ...na rua das mulheres...

DITO — Eu? Fazendo o quê, "seu" vigário?

P. JOSÉ — Ora, você bem sabe o quê...

DITO — Sei não, "seu" vigário...

(Padre José e Dito colocam os apetrêchos sôbre a mesa. Na casa do Pastor Camilo, Teresinha entra na sala).

P. CAMILO — Teresinha! Teresinha!

TERESINHA — Você me chamou?

P. CAMILO — Prepare êsse peixe para o almôço...

TERESINHA — Cadê o resto? **(Procura na sacola).**

P. CAMILO — Dei a um pobre esfomeado...

TERESINHA **(Pegando uma estampa na sacola)** — Que é isso? Como Jesus está acabado nessa figura!

P. CAMILO **(Tomando a estampa)** — Jesus? Não é Jesus! Onde estava isto?

TERESINHA — Na sacola...

P. CAMILO **(Olha a sacola)** — Esta sacola não é nossa!

TERESINHA — De quem é?

P. CAMILO **(Embaraçado)** — Do... Padre...

TERESINHA — Credo! Do padre católico? **(Míope, pega a estampa)** É êle?

P. CAMILO — É São Pedro! Ponha os óculos, menina!

TERESINHA — Mas Camilo, São Pedro era católico?

P. CAMILO — Já lhe disse um milhão de vezes! Antes de Lutero era tudo a mesma coisa!

TERESINHA — Oh, é mesmo! Eu ando tão esquecida, ùltimamente...

P. CAMILO — Anda aérea! Uma mulher como você tem que se preocupar única e exclusivamente, em servir a Deus.

TERESINHA — Eu não paro um minuto de pensar Nêle... Mas será que Êle pensa em mim, Camilo?

P. CAMILO — Ora Teresinha! Que blasfêmia! Você tem tudo... O que mais pode desejar na vida?

TERESINHA — Bem... já andam me chamando de solteirona. E isso humilha, não humilha?

(Na sacristia, Dito mexe na sacola).

DITO — Que livro é êsse, "seu" vigário?

P. JOSÉ — Uma Bíblia... **(Cai em si)** Esta sacola não é nossa!

DITO — É do Pastor! Credo em cruz, vamos tirar isto daqui! Olha uma maçã!

P. JOSÉ — Deixe aí, não é sua...

DITO — Faz tempo que eu não como uma!

P. JOSÉ — É pecado tirar as coisas alheias, "meu filho"... Ainda mais do Pastor Protestante.

DITO — A gente lava em água benta. **(Esconde a maçã no bôlso).**

P. JOSÉ — Vá até a casa dêle destrocar a sacola...

DITO — Até a igreja protestante?

P. JOSÉ — E volte imediatamente para casa. Não quero mais saber dessas histórias da rua das mulheres!

DITO **(Saindo)** — O senhor não sabe o que está perdendo!

(Na casa do Pàstor Camilo).

P. CAMILO — Precisamos destrocar esta sacola...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 067 P. 50

TERESINHA **(Animando-se)** — Se você quiser, eu vou!

P. CAMILO — Quê isso, Teresinha? Não gosto que você saia na rua sòzinha!

TERESINHA — Se não fôr eu, quem vai então?

P. CAMILO — Acho que não há outra solução. Mas, de óculos!

TERESINHA **(Animada)** — Eu vou e volto num minuto.

P. CAMILO — Não se esqueça Teresinha: o mundo é mau lá fora! Com um simples olhar um homem despe uma mulher... Se você corresponder ao olhar significa a mesma coisa... Você não quer despir um homem, quer?

TERESINHA — Ora, Camilo... Um pouco de sol não me fará mal...

(Pastor Camilo deixa a sala. Teresinha arruma-se diante de um espelho. Na praça, Dito encontra-se com o Coronel Chiquinho).

CORONEL — Dito!

DITO — Coronel Chiquinho!

CORONEL — Diga ao Padre José que preciso falar com êle!

DITO — Êle está na rua das mulheres!

CORONEL — O Padre? Fazendo o quê?...

DITO — Rezando.

CORONEL **(Assusta-se)** — Alguma delas está morrendo? Qual é? Não é a Djanira?!

DITO — Não... Não... O padre está na sacristia. Eu é que estava na rua das mu... Quer dizer, pensando...

CORONEL — Ah... Você me assustou...

DITO — Pode ir lá falar com êle. Agora êle está desocupado.

CORONEL — Agora quem está ocupado sou eu! Preciso tratar dos preparativos do casamento do meu filho.

DITO — É mesmo! O Alberto vai se casar! Vai ter festa, Coronel Chiquinho?

CORONE L— Vai sim... Já comprei doze porcos!

DITO — Êles deveriam se casar na nossa igreja. É bem mais bonita que a outra.

CORONEL **(Desconversando)** — Bem... vou andando... **(De saída)** Avise ao Padre José, que hoje à noite darei um pulo lá para falar com êle.

DITO — Sim senhor...

CORONEL — Lá pelas **sete** horas! **(Sai).**

(Teresinha sai de casa. Alcança a ponte. Dito também. Os dois cruzam-se na ponte. Param, olham para traz e voltam).

DITO — A senhora não é a irmã do Senhor Camilo?

TERESINHA **(Nervosa)** — Sou... Você não é filho do Padre José?

DITO — Filho, não, que padre não tem filho. Eu fui criado por êle...

TERESINHA — Mesma coisa...

DITO — A sacola é a nossa? **(Aponta a dela).**

TERESINHA — É... Essa é a nossa?

DITO — Parece que sim!.

TERESINHA **(Ri desajeitada).**

(Aproximam-se e destrocam as sacolas).

DITO — Já tinha me dito que a senhora era branca como cêra... Agora eu acho que a cêra é branca como a senhora...

TERESINHA — Eu tomo pouco sol.

DITO **(Analisando)** — É pena. Um pouquinho de sol aí, não lhe iria nada mal...

TERESINHA — O sol me arde a pele...

DITO — No comêço arde, depois acostuma. Aliás é assim com tudo... Depois que engrena é u'a maravilha. É só experimentar...

TERESINHA — Uma vez eu dei uma escapulidinha de casa e vi uma procissão da sua igreja. Me lembrei agora de você com aquela roupa... Não era feia, era muito bonita... Minha avó tinha um vestido parecido...

DITO — Ah... Sua avó...

TERESINHA — Você se aborreceu?... **(Aproxima-se).**

DITO — Eu já disse mil vêzes ao "seu" vigário, que nós precisamos de acabar com essa histórai da saia vermelha... As môças da cidade não me "topam" por causa disso.

TERESINHA — Mas as môças não são católicas?

DITO — São católicas dentro da igreja...

TERESINHA — Deve ser uma beleza!

DITO — O quê?

TERESINHA — A igreja por dentro. A missa que vocês rezam...

DITO — A senhora nunca viu?

TERESINHA — Não, mas eu já vi retratos.

DITO — Hoje vai ter reza. Se a senhora quiser ver, é às seis horas. Protestante pode entrar.

TERESINHA — Bem... Agora eu preciso ir embora. Tenho que fritar o peixe. **(Indecisa)** Você não se incomodaria se eu lhe pedir uma coisa?

DITO — Não. Pode pedir...

TERESINHA — Eu preferia que você não me chamasse de senhora. Eu sou solteira há bastante tempo, mas ainda não sou uma senhora...

DITO — Ah... pois não. A senhora manda... Quer dizer, você manda...

TERESINHA **(Ri)** — Repete...

DITO — O que?...

TERESINHA — Você...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.53

DITO — Você...

TERESINHA — Ah... Como é excitante!

DITO — Muito...

TERESINHA — Qual é seu nome, mesmo?

DITO — É Benedito... É feio, eu sei, mas é o nome do santo de devoção de "seu" vigário. São Benedito é meu padrinho.

TERESINHA — Padrinho?

DITO — É... Compadre do "seu" vigário que é meu pai adotivo.

TERESINHA — Eu me chamo Teresinha.

DITO — A devoção do "seu" Camilo é Santa Teresinha?

TERESINHA — Não... Êle não tem dessas devoções...

DITO — Ah, é...

TERESINHA — Ia me esquecendo! **(Pega a estampa de São Pedro)** Isto é seu. São Pedro. Estava na sacola.

DTO — Pra ajuda a pesca... Eu também preciso te dar uma coisa...

TERESINHA — O que é?

DITO — Adivinha...

TERESINHA — Adivinhar como?

DITO — É de comer...

TERESINHA — Então é bom-bom... Como eu gosto de bom-bons!

DITO — É fruta...

TERESINHA — Fruta! Michirica! Eu adoro michiricas!

DITO — Não é...

TERESINHA — Mamão! Eu sou louca por mamão.

DITO — Também não... Feche os olhos... Pode fechar, não se assuste... **(Passa a maçã perto do nariz de Teresinha).**

TERESINHA — Maçã!

DITO — Como você é esperta... Agora dê uma dentadinha...

TERESNHA — Uma dentada na maçã?

(Coloca a maçã ao alcance da bôca de Teresinha. Esta prepara-se para morder. Dito deixa a maçã cair e dá-lhe um beijo rápido).

TERESINHA **(Afastando-se)** — Benedito!

DITO — Que foi?

TERESINHA — Acho que vou ter uma coisa! Meu coração está disparando, como trem!

DITO — Deixa eu ver... **(Coloca a mão sôbre o peito de Teresinha).**

TERESINHA — O coração é mais para cima!

DITO — Pena...

TERESINHA — Você não devia ter feito isso... Eu sou uma moça pura!

DITO — Pura é a mãe de Deus... Você quando muito é uma moça...

TERESINHA — Está passando... **(Suspira)** Passou... Só ficará o pecado. Êste nunca desaparecerá!

DITO — As moças da nossa igreja quando cometem algum pecado, rezam, beijam o santo e o pecado some na hora.

TERESINHA — Será? **(Teresinha hesita, depois beija).**

DITO — Pode ficar com êle, para casos de emergência.

TERESINHA — Obrigada... Até logo... **(Vai saindo).**

DITO — Quando é que poderemos nos encontrar outra vez?

TERESINHA — Acho que nunca mais... Você é de lá **(Aponta a igreja católica)** eu sou de cá... **(Aponta sua igreja).**

DITO — Isto não tem importância... A gente pode até falar com "seu" vigário. Êle sabe dar conselhos sôbre tudo!

TERESINHA — Tenho mêdo do Camilo.

DITO — O "seu" vigário resolve isso. Eu te espero na praça às **sete** em ponto, pra gente ir falar com êle.

TERESINHA — Não sei se vou poder. **(Teresinha vai saindo).**

DITO — Procure escapar de seu irmão. O resto eu resolvo!

(Teresinha vai para sua casa. Dito desce a ponte. O Mascate acaba de se estabelecer com suas bugigangas, na praça).

MASCATE — Aí heim Dito! "Cantando" a solteirona!

DITO — Solteirona é a mãe!

(A luz cai em resistência).

2.º Quadro: Quinta-feira à noite

Os postes iluminam a praça e a ponte. Nos interiores tudo às escuras. O sino toca anunciando o fim da reza. Padre José e Dito entram na sacristia pela porta do altar. O Padre com os paramentos da reza. O sacristão com o hábito próprio. Acende a luz. Começam a tirar os paramentos.

P. JOSÉ — Apagou as velas?

DITO — Ainda não senhor...

P. JOSÉ — É preciso apagar. Estão custando os olhos da cara. Deixe acesa a de Santa Luzia! É promessa do Zé-Ceguinho. Êle está pagando...

DITO **(Apontando a coleta)** — Quanto deu?

P. JOSÉ **(Balança o saco de moedas)** — Menos de noventa...

DITO — Baixou outra vez...

P. JOSÉ — É... Não sei onde vamos parar!

DITO — A igreja está cada vez mais vazia.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

P. JOSÉ — Só um milagre poderá nos salvar!

DITO — Tá tudo pronto, "seu" vigário... Eu vou indo.

P. JOSÉ — Amanhã cedo quando eu chegar, tudo deve estar prontinho... Não se esqueça de trocar o vinho do sacrário; hoje na hora da comunhão, eu bebi vinagre...

DITO — Sim senhor... **(Veste o paletó).**

P. JOSÉ — Faça uma oração a São Benedito antes de sair...

DITO — Já rezei lá no altar.

P. JOSÉ — Não a São Benedito, seu padrinho...

(Dito ajoelha-se diante de uma imagem coberta).

P. JOSÉ — Esta é Nossa Senhora da Aparecida! O seu padrinho é aquêle **(Aponta).**

DITO **(Depois de olhar as duas imagens)** — Ah é... São da mesma alturinha... **(Ajoelha-se diante de São Benedito e reza).**

P. JOSÉ — Você está muito distraído, hoje... Na reza, bateu o sino três vêzes fora de hora...

DITO — Duas vêzes... Na Consagração escorregou da minha mão... **(Pausa)** "Seu" vigário, a igreja dos protestantes é a igreja do diabo?

P. JOSÉ — Quem falou isso?

DITO — Todo mundo diz; Dona Maria das Dores, chefe da irmandade, "seu" Zé do Côro...

P. JOSÉ — Bem, a igreja dêles não é do diabo...

DITO — Então é de Deus também...

P. JOSÉ — É de Deus, mas êles usam meios errados para alcançá-Lo.

DITO — Sei... **(Pausa. Dito pensativo)** O senhor acha errado o casamento de domingo?

P. JOSÉ — O casamento do filho do Coronel Chiquinho com a Edi? **(Pausa)** Errado, errado, não é...

DITO — Mas a Edi é de nossa igreja e o Alberto da igreja de lá...

P. JOSÉ — Ela tem que acompanhar a religião do noivo...

DITO — Não é pecado?

P. JOSÉ — Não... Se êles se gostam, devem se casar. É mandamento de Deus: "Crescei e multiplicai-vos". O único mal para variar cai sôbre a nossa paróquia...

DITO — Por quê?

P. JOSÉ — Com o casamento do Alberto, o Coronel Chiquinho ia mudar para a fazenda e doar a casa dêle para a igreja.

DITO — Aquêle baita casão?!

P. JOSÉ — Inteirinho! E eu pretendia fundar uma escola para os meninos da paróquia... Depois que êle brigou com o Bispo, acho que vai dar o casarão ao senhor Camilo...

DITO — E êle vai fazer uma escola para os protestantes?

P. JOSÉ — Não creio... Acho que êle vai fundar um clube.

DITO — Um clube?!

P. JOSÉ — Uma sociedade recreativa... Não é por dizer, não, mas que a igreja do Sr. Camilo parece um clube de reunião do partido do Coronel, parece...

DITO — É sim: êles ficam tôda noite num pate-papo comprido: o Coronel, o Zezão...

P. JOSÉ — Êsse Zezão não me cheira nada bem...

DITO — Por que?

P. JOSÉ — Lembra da greve da Usina? Aquilo foi trama dêle... Êle recebe ordens de um pessoal da capital, pra fazer essas confusões...

DITO — Pessoal... protestante?

P. JOSÉ — Pior... **(Sussurra)** Comunista...

DITO — Comunista...

P. JOSÉ — Psiu... fale baixo...

DITO — "Creio em Deus-Padre"... **(Benze-se)** — Ih!... Quase sete horas!

P. JOSÉ — Sete horas!

DITO — Preciso ir andando...

P. JOSÉ — Precisa sim...

DITO **(Saindo)** — Olha, "seu" vigário. Eu acho que eu tenho um recado pro senhor... Alguém me falou qualquer coisa. Não me lembro...

P. JOSÉ **(Empurrando-o discretamente)** — Depois você se lembra... Até logo...

DITO — Até logo. **(Sai).**

(Durante a cena anterior, Teresinha saiu de casa, atravessou a ponte e está esperando perto de uma árvore. Dito saindo da sacristia, vai a seu encontro).

TERESINHA — Como vai?...

DITO — Faz tempo que você está aqui?

TERESINHA — Não. Cheguei agora... Por pouco não venho... A sorte foi que meu irmão não me viu sair.

DITO **(Tirando do bôlso)** — Ah!... Isto aqui é uma oração que "previne" as môças contra irmão bravo. Reza-se três vêzes antes de cada refeição e uma vez antes de tomar banho... Dona Maria das Dores disse que não falha.

TERESINHA — A sua religião tem remédio pra tudo! Pra irmão bravo e pra beijo de namorado.

DITO — Por falar nisso, você trouxe o santo?...

TERESINHA — Trouxe...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 53

DITO — Posso então te dar um beijo?

TERESINHA — Outro?

DITO — Um só... Depois você beija o santo...

TERESINHA — Tenho mêdo de morrer do coração.

DITO — Não tem perigo...

TERESINHA — Hoje à tarde, só de me lembrar daquele beijo meu coração dava pinotes... Você me deixa tonta...

DITO — Você ainda não viu nada... **(Aproxima-se e beija Teresinha. O beijo é mais longo que o anterior).**

TERESINHA **(Toma fôlego)** — Dito!... Você abusou

DITO — É só dar dois beijos no santo...

TERESINHA — Com êsse santo, você vai longe... !

DITO — Só mais um. Palavra, que êle não falha. **(Beija).**

(Dito e Teresinha ficam conversando. O Pastor sai de casa ronda a praça, e depois cautelosamente bate à porta da sacristia: três batidas compassadas. Padre José diante de São Benedito).

P. JOSÉ — Dai-me fôrças para engolir as indiretas do senhor Camilo. Eu quero tanto jogar uma partidinha de xadrez... **(Persigna-se e vai abrir a porta).**

P. CAMILO — Boa noite, Senhor José...

P. JOSÉ — Boa noite, Senhor Camilo... Entre... **(O Pastor Camilo entra. Olha com certa curiosidade o ambiente)** Não repare, senhor Camilo... A construção da igreja começou em 1931 e até hoje não terminou. A Diocese não tem podido nos dar muita atenção ùltimamente. Tenha a bondade, sente-se.

P. CAMILO — Ah! Eu trouxe para o senhor ver! A medalha que ganhei no torneio de xadrez do seminário... Prata pura!

P. JOSÉ — Hum... Muito bonita! **(Animado).**

P. JOSÉ — Vou lhe mostrar a minha! **(Pega no armário)** Um São José de ouro! Dezoito quilates!

P. CAMILO — Ouro! **(Pega a medalha)** Saiu da mina?

P. JOSÉ — Que mina?

P. CAMILO — O Vaticano é uma mina de ouro!

P. JOSÉ — O Vaticano é uma mina de fé! **(Encaram-se furiosamente).**

P. CAMILO — De ouro!

P. JOSÉ — De fé!

P. CAMILO — De ouro!

P. JOSÉ **(Olhando para São Benedito)** — De ouro e de fé... **(O Pastor esboça a resposta)** Vamos ao nosso jôgo... Sente-se... Jogue com as brancas...

P. CAMILO — Ah... Antes que me esqueça: como o senhor deve saber, domingo realizarei o casamento do filho do Coronel...

P. JOSÉ — Sei, sei...

P. CAMILO — ...e aconteceu um inesperado!

P. JOSÉ **(Curioso)** — Sim...

P. CAMILO — Vou precisar da sua ajuda...

P. JOSÉ — A Edi quer se casar aqui?!

P. CAMILO — Não... não é bem isso... O meu órgão está trancado e eu perdi a chave. Se arrombar estragarei todo o móvel...

P. JOSÉ — Compreendo... O senhor pode contar com meu órgão.

P. CAMILO **(Sorri)** — Muito obrigado...

P. JOSÉ — Arranjarei um jeito de mandar levá-lo...

P. CAMILO — Oh, não se incomode! Já tenho tudo preparado: Takawa, o japonês e Simão, o judeu, virão buscá-lo amanhã...

P. JOSÉ — Seria bom que guardassem sigilo...

P. CAMILO — Não se preocupe, os dois são inteiramente afastados das nossas atividades...

P. JOSÉ — Ah sim!...

(O Pastor senta-se para o jôgo).

P. JOSÉ — Por falar no casamento... Quanto o senhor vai cobrar pelo do Alberto?

P. CAMILO — O Coronel vai fazer uma doação de cinco mil cruzeiros!

P. JOSÉ —O quê?!

P. CAMILO — Só de flor vai mil!

P. JOSÉ — Mil! O preço que eu cobro para uma casamento!

P. CAMILO — É pouco... O senhor pode aumentar à vontade, não há concorrência...

P. JOSÉ — Minha paróquia é pobre...

P. CAMILO — E está diminuindo, não é?

P. JOSÉ — Como o senhor sabe?

P. CAMILO — A minha está aumentando... **(Pausa rápida. O Padre se controla olhando para São Benedito)** Saio com o peão do rei! **(Alguns lances).**

P. JOSÉ — O Coronel Chiquinho vai doar o casarão, para sua igreja?

P. CAMILO — Parece que sim... depois do casamento... Jogue!

P. JOSÉ — Oh... sim... **(Joga)** Que o senhor pretende fazer?

P. CAMILO — Atacar com o cavalo!

P. JOSÉ — Não! Digo, no casarão...

P. CAMILO — Ah!... Ainda não sei...

P. JOSÉ — Eu fundaria uma escola!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.54

P. CAMILO — É uma boa idéia... Jogue!

P. JOSÉ — O senhor vai fundar?

P. CAMILO — Êste ano não será possível. Meus adeptos são ainda poucos... No ano que vem talvez...

P. JOSÉ **(Vitorioso)** — Eu ainda tenho muitos adeptos! Poderia fundar duas escolas... O que me falta é capital...

P. CAMILO **(Jocosamente)** — Se Lutero não protestasse, poderíamos ter a união de elementos e capital... O Coronel sòzinho garantiria o capital...

P. JOSÉ — E se... **(Pausa)** Não, bobagem...

P. CAMILO — O quê?

P. JOSÉ — Nada. Não daria certo.

P. CAMILO — Essa... união?

P. JOSÉ — Sim, sim...

P. CAMILO — Não podemos nem jogar xadrez...

P. JOSÉ — Poderíamos nos antecipar às recomendações do Concílio Ecumênico. Seria um colégio aparentemente materialista, administrado pelas correntes religiosas da cidade...

P. CAMILO — Criaríamos um ambiente de rivalidade entre os lados...

P. JOSÉ — Tanto melhor! Havendo rivalidade há esfôrço para a predominância e com isso o aproveitamento será maior! Um atleta, só se supera quando outro o ameaça!

P. CAMILO — Atleta! Poderíamos então, estabelecer disputas e competições esportivas entre êles!

P. JOSÉ — Como não?!

P. CAMILO — Futebol!

P. JOSÉ — Natação, xadrez!

P. CAMILO — Poderíamos ter com o tempo dois quadros de futebol: protestante e católico!

P. JOSÉ **(Inflamado)** — Base cristã para edificação de grandes homens. Grandes homens para grandes obras!

P. CAMILO — Grandes jogadores para grandes times!

P. JOSÉ — "Timor Domini principium sapientiae"!

P. CAMILO — "Mens sana in corpore sano".

(Estão no auge da felicidade. O Pastor voltando à realidade, muda de tom).

P. CAMILO — Meus superiores se oporiam... **(Breve pausa. O padre estático).**

P. JOSÉ — Nem os meus, nem os seus superiores precisariam saber que a escola está firmada nessas bases. Haveria uma junta diretora onde nós "convidados" faríamos parte. Nossos superiores hão de convir que a falta de um de nós representa o fortalecimento do outro...

P. CAMILO — Assim poderá dar certo...

P. JOSÉ — Primeiro êle cederá ao senhor que nomeará a junta. Depois a junta resolverá me convidar para maior brilho da democracia dessa cidade... Um vinhozinho para comemorar a fundação do melhor colégio do Brasil!...

P. CAMILO **(Demagogo)** — Antes do vinho uma prece para que tudo dê certo.

(O Pastor afasta-se e reza de pé, num canto. Padre José ajoelhado diante de São Benedito. Terminada as orações, preparam um brinde. Neste meio tempo, na praça, Dito e Teresinha conversam).

TERESINHA — Será que êle atende a gente?

DITO — Atende sim. Você pode deixar que eu explico...

TERESINHA — Ih... Estou tão nervosa...

DITO — Faz "um nome do padre"... **(Faz).**

TERESINHA — Como é?

DITO **(Pegando a mão dela)** — "Em nome do padre, do Filho, do Esprito-Santo, Amem"... Beija a mão! **(Teresinha beija a mão de Dito)** Não, a sua! **Ela obedece).**

TERESINHA — Para quê se fala tudo isso?... Padre, Filho, Santo...

DITO — Não sei... Só sei que dá certo...

(O Coronel Chiquinho surge na praça).

DITO — O Coronel Chiquinho! Me esqueci de dar o recado dêle pro "seu" vigário! Êle vai até à sacristia!

TERESINHA — Com o Coronel lá, nós não podemos ir...

DITO — Vamos primeiro até a igreja e depois que o Coronel sair, nós falamos com o "seu" vigário... **(Saem ràpidament)e.**

(O Coronel Chiquinho bate à porta da sacristia no momento que o Padre José e Pastor Camilo fizeram o brinde. Padre José e Pastor Camilo se assustam. Pânico).

P. CAMILO **(Falando baixo)** — Quem será?...

P. JOSÉ **(Nervoso)** — Não sei...

(O Coronel torna a bater).

P. JOSÉ **(Alto)** — Quem é?

CORONEL — Eu, Padre José!

P. JOSÉ — Eu quem?!

CORONEL — Coronel Chiquinho!

P. CAMILO — Santo Deus!

P. JOSÉ — Meu São Benedito! **(Alto)** Um momento Coronel!

P. CAMILO — E agora?

P. JOSÉ — Agora...

P. CAMILO — Vamos enfrentá-lo!

P. JOSÉ — Êle acaba com a nossa escola!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 65

P. CAMILO — Que importa!

P. JOSÉ — Êle vira ateu e nos manda às favas!

P. CAMILO — Que fazer?...

P. JOSÉ — Saia pela outra porta!

P. CAMILO — No altar?

P. JOSÉ — É...

P. CAMILO — No altar, não...

P. JOSÉ — Santo Deus! Deixe de preconceitos! Vá!

P. CAMILO — Não. No altar, não...

P. JOSÉ — Não é hora para isso... Venha...

(Padre José abre a porta do altar. Faz sinal, chamando o Pastor Camilo).

CORONEL — O senhor vai abrir?!

P. JOSÉ — Um momento, Coronel! Estou me vestindo! **(Baixo)** Vá senhor Camilo!

(Pastor Camilo abre a porta do altar).

P. CAMILO — Deus meu! Olha quem está na igreja!

P. JOSÉ **(Olhando)** — O Dito!

P. CAMILO — Com minha irmã! **(Fecha a porta).**

P. JOSÉ — Minha Nossa Senhora! Que faço? **(Anda de um lado para outro desesperado. Pára diante da imagem de São Benedito).** Iluminai-me meu santo compadre! **(Olha para imagem coberta!. Já sei! (Abre o guarda-roupa).**

P. CAMILO — Não!...

(Padre José pega um pano roxo grande no armário. Estende-o, segurando pelas pontas como toureiro).

P. CAMILO — Como santo?

P. JOSÉ — Como santo!

P. CAMILO **(Recuando)** — Isto nunca!

P. JOSÉ Não há outra saída!

CORONEL — Padre José, aconteceu alguma coisa?

P. JOSÉ — Já vou!...

(O Padre joga o pano sôbre o Pastor que a início se debate. Leva-o assim coberto até o nicho vazio).

P. JOSÉ — Sobe aí... **(O Pastor obedece).** Cruze as mãos na barriga!

(Padre José abre a porta. O Coronel entra).

CORONEL — Com licença, Padre José...

P. JOSÉ — Coronel Chiquinho... **(Nervoso)** Entre...

CORONEL — Estava praticando seu joguinho?

P. JOSÉ — È... Sente-se Coronel...

CORONEL — Não, obrigado padre. Estou de passagem e com pressa. Temos uma reunião no partido marcada para as sete horas. Já estou atrasado...

P. JOSÉ — Ah!... Sim... A campanha vai bem?

CORONEL — De vento em pôpa! Devo ganhar por mais de quinhentos votos de diferença... E digo mais: serei eleito pelos católicos! É claro... Se fôsse depender do voto dos protestantes estava perdido...

P. JOSÉ — Sei... Mas... Sente-se um pouquinho...

CORONEL — Outro dia, Padre José... Vim aqui apenas para convidar oficialmente o senhor, para o casamento do meu filho no domingo...

P. JOSÉ — Ah!... Sim...

CORONEL — Sua presença na festa é indispensável. Ainda mais o senhor que viu o Alberto nascer, que o batizou e o comungou pela primeira vez...

P. JOSÉ — Primeira e única...

CORONEL — Coisas que acontecem, Padre José! Mas Deus é testemunha de que contra o senhor eu nunca tive nada!

P. JOSÉ — Bem sei Coronel...

CORONEL — Minha briga foi totalmente com o bispo!

P. JOSÉ — Águas passadas... Assim determinou a vontade de Deus...

CORONEL — E determinou também que eu me convertesse ao protestantismo. Enquanto D. Arlindo fôr Bispo nesta vida, eu não porei os pés na igreja! **(Aponta a porta do altar).** Bem que eu gostaria que meu filho se casasse aqui. Uma igreja muito mais bonita, mais suntuosa, mais própria para a cerimonha... Mas por causa de D. Arlindo, friso bem, por causa de D. Arlindo, êle vai se casar na igrejinha dos protestantes mesmo...

P.JOSÉ — Só espero que êle seja feliz...

CORONEL — Eu mesmo confesso, padre José: tenho saudades da igreja e de quando puxava a Ave-Maria na Procissão... **(Admira o ambiente)** Eu ajudei a construir tudo isso! Sabe, padre, cá entre nós... De vez em quando, as coisas se apertam e eu rezo para São Benedito. Me lembro do senhor, rezo e as coisas dão certo...

P. JOSÉ — Meu santo compadre não falha, Coronel...

CORONEL — Até quando vou ao culto protestante, faço minhas orações como o senhor me ensinou... Acho que elas valem mais... Aquelas do Pastor Camilo são meio fracotas... Nada como o têrço e a novena da Virgem Santíssima! Olha só... **(Exibe)** Ainda levo a medalha de Santa Madalena comigo. Não levo no pescoço porque não quero que o Pastor Camilo fique sabendo... Coitado êle é um santo...

P. JOSÉ **(Intencional)** — É um santo sim...

CORONEL — Mas nessas coisas de religião êle é meio "tapado"...

P. JOSÉ **(Disfarçando)** — Bem dotado, sim...

CORONEL — Bem, vou andando... O pessoal já está me esperando.

P. JOSÉ **(Incentivando a saída do Coronel)** — Apareça Coronel...

CORONEL — Espero o senhor no domingo, lá em casa! Na igreja sei que não vai mesmo... Mas está certo... Dois bicudos não se beijam...

P. JOSÉ —Pois é...

CORONEL **(Saindo)** — Ainda conto com o seu voto!

P.JOSÉ **(Sorrindo)** — Vamos ver...

CORONEL — Até domingo, Padre José! Se me dá licença... **(Beija a mão do Padre José)** Esta mão me dá sorte! **(Sai).**

P. JOSÉ — Até domingo!

(O Pastor Camilo começa a descobrir-se. Dito e Teresinha entram. O Pastor se ajeita novamente).

DITO — Seu vigário!

P. JOSÉ — Dito!

TERESINHA — Boa noite, seu vigário...

P. JOSÉ — Bo-boa noite...

DITO — Esta é Teresinha, uma amiga...

TERESINHA **(Desapontada)** — Amiga?!

DITO **(Tímido)** — Namorada... **(O Pastor reage).**

P. JOSÉ — Namorada... Bem... **(Estende a mão ao alcance de Teresinha)** Deus a abençoe.

(Pausa rápida. Estáticos: o padre com a mão estendida).

DITO — Beije a mão!

TERESINHA **(Beija a própria mão)** — Fronto...

DITO — Não! A mão do seu vigário! **(Teresinha hesita, depois beija).** É costume, Teresinha... **(Para o padre).** Ela não sabia seu vigário... É que ela é protestante...

P. JOSÉ — Protestante?

DITO **(Medroso)** — Sim senhor...

TERESINHA — Há algum mal nisso, senhor padre?

P. JOSÉ — Não... Não...

DITO — Ela é irmã do senhor Camilo, o pastor...

P. JOSÉ — Sei... sei... **(Embaraça-se).** Sente-se, Dito... Sente-se, Teresinha... **(Tira o chapéu do Pastor Camilo que estava sôbre uma cadeira e esconde-o. Dito e Teresinha sentam-se).** Vamos conversar... **(Pigarreia, procura assunto).**

TERESINHA — Onde está a imagem de São Benedito, seu padrinho?

DITO — Debaixo dêsse pano roxo, como os outros. Na quaresma é costume... A gente só descobre no Sábado de Aleluia... **(Fixando o Pastor Camilo).** Uai... Que santo é êsse, 'seu" vigário?

P. JOSÉ — Ah?... Ah sim! Um santo que chegou agorinha pouco...

DITO — Baita santão! Que santo é?

P. JOSÉ — São... São... São...

TERESINHA — São Sansão?

P. JOSÉ — Não! São Francisco!

DITO — Xavier?

P. JOSÉ — Assis...

TERESINHA — São Francisco de Assis! **(Aproxima-se)** Já ouvi falar muito dêle... Gostaria de ver como êle é!

DITO — Pode levantar o pano, seu vigário?

P. JOSÉ — Não! É pecado!

TERESINHA — Deve ser uma perfeição! Tudo aqui me deslumbra: os vidros coloridos da janela, a pia de batizar, os ouros das paredes, os "veleiros" de vela, os anjos! Tem um parecidíssimo com o Dito!

DITO — É aquêle do altar de Nossa Senhora, seu vigário. Ela cismou que sou eu!

TERESINHA — Nossa Senhora eu conheço da procissão do ano passado! O Camilo ficou sabendo que eu assisti e foi um "tempo quente".

P. JOSÉ — Êle achou ruim, é?...

DITO — Tudo êle acha ruim, seu vigário! Só vendo que homem implicante!

TERESINHA — Êle tem algumas qualidades: come bem, dorme bem e anda muito bem vestido. Uma sujeirinha de nada na roupa, êle acha ruim. E sou eu que limpo!

DITO — Êle não se ajoelha quando reza, para não sujar a calça...

P. JOSÉ — Ora Dito, que bobagem... E você, Teresinha, precisa contar a êle que a[illegible] saindo com o Dito...

TERESINHA — Êle me expulsa de casa! Êle não é compreensivo como o senhor...

P. JOSÉ — Apesar disso, êle precisa saber...

DITO — Será que não dava pro senhor falar com êle?

P. JOSÉ — Eu?...

TERESINHA — Acho melhor não arriscar. Muitas vêzes êle critica o seu vigário...

P. JOSÉ — Critica é?... **(Olha para o Pastor Camilo)** Que tipo de crítica?

DITO — Êle acha ruim do alto-falante da quermesse!

P. JOSÉ — Ora essa! É porque êle não vai!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

TERESINHA — Quem me dera que êle fôsse!

DITO — Êle passa o dia inteiro metido dentro daquele clube dêle!

TERESINHA — Que clube?

DITO — O seu vigário disse que a igreja de vocês parece clube de reunião...

P. JOSÉ — Dito!

DITO — ...reunião do Partido do Coronel Chiquinho...

P. JOSÉ — Eu disse... religião do partido...

DITO — Não senhor, reunião do partido mesmo... Até falou que o Pastor Camilo protegia os comunistas!

(O Pastor Camilo tem ímpetos de se descobrir).

P. JOSÉ — Dito!

TERESINHA — Tirando os defeitos êle não é uma pessoa má...

DITO — Você é uma môça muito bondosa... Eu até gostaria de me casar com você...

TERESINHA **(Animada)** — Casar comigo?... Não brinque, Dito... Meu coração é fraco...

DITO — É sério... Nem que seja pra casar nas duas igrejas!

P. JOSÉ — Você se casaria lá?

DITO — Não. Eu iria lá só para constar... Eu sei que o senhor não vai gostar, mas... O Deus não é o mesmo?

P. JOSÉ — Bem, que é, é...

DITO — Então dá na mesma... O principal é a gente agradar Deus. Os santos não são muito importante...

P. JOSÉ — Quem lhe disse isso?

TERESINHA — Fui eu!

DITO — Quando ela reza, passa por cima dos santos e reza direto a Deus. Por que a gente não faz o mesmo? Acho que assim a oração chega mais depressa...

TERESINHA — Ah!... Mas rezar pra santo é tão bonito! Até gostaria de rezar ajoelhada diante de uma imagem bonita!

DITO — Você quer rezar comigo?

TERESINHA — Eu não sei suas rezas!

DITO — Eu te ensino. **(Arrasta o genuflexório para perto do Pastor)** Ajoelhe aqui... Vamos rezar para São Francisco!

P. JOSÉ — Não!

DITO — Por quê?

P. JOSÉ — Porque... Ainda não está bento!

DITO — Ah, então pode tirar o pano pra ela ver!

P. JOSÉ **(Segurando Dito)** — Não!...

DITO — Se não está bento, pode!

P. JOSÉ — Você não entende nada de liturgia!

TERESINHA — Que quer dizer bento?

DITO — É um negócio que o padre faz para o santo ficar valendo.

TERESINHA — Então "benta" êle, agora...

P. JOSÉ — Agora não... Só amanhã na missa!

TERESINHA — Eu nunca vi a missa! **(Para Dito)** Queria te ver com a tal saia vermelha.

DITO **(Mostrando)** — É esta!

TERESINHA — Que renda bonita! Veste para eu ver!

(Dito se veste).

TERESINHA **(Rindo)** — Tal e qual a roupa que minha avó usava!

DITO — Está vendo seu vigário? Esta roupa é minha diferença!

TERESINHA **(Remendando)** — Em você fica um amor... Você fica nobre, másculo!

DITO **(Animado)** — Eu pego o missal nesta mão... **(Pega-o)** a campainha nesta... **(Pega-a)** e... Você quer ver?

TERESINHA — Quero!

DITO — Então, faz de conta que o "santão" é um santo lá do altar. No começo entro eu e o padre. O padre na frente e eu atrás. **(Aponta o genuflexório)** Ajoelha aqui! **(Teresinha ajoelha).**

P. JOSÉ — Já disse. Isto é pecado!

DITO — Ora seu vigário... Nós não vamos rezar... Me ajude a mostrar como é... Só o comecinho do "Intróito"...

P. JOSÉ — Não... Não!

DITO — Quando eu entrar, você se levanta. Quando eu tocar o sino, você ajoelha. **(Prepara-se e entra. Teresinha levanta-se)** O "seu" vigário vai na frente. Êle diz: **(Emposta a voz)** "In nomine Patris et filii, et Spiritus Sancti. Amem. Introibo ad altare Dei". Eu respondo: **(Diz normalmente)** "Ad Deus qui laetificat juventutem meam". Depois quando chega no "Prefácio", êle fala: **(Emposta a voz)** "Per omnia saecula saeculorum". E eu: "Amém", e o seu vigário: "Dominus Vobiscum". E eu respondo: "Et cum spiritu tuo". **(Toca a campainha. Silêncio. Teresinha ajoelha. Também Dito. Ambiente formado para):**

PASTOR **(Sob o pano, com voz mística)** — "Vossos corações seguem crenças diferentes. Não podem se juntar!"

DITO — MI-LA-GRE!

(Dito e Teresinha abraçam-se tremendo).

P. CAMILO — "Teresinha, vá para sua casa e siga os ensinamentos de seu irmão. Êle é o melhor irmão do mundo, e muito compreen-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.58

sivo. Esqueça Dito para sempre".

(Pausa, longa. Padre José se refaz da situação).

P. JOSÉ — Dito?!

(Pausa)

P. JOSÉ — Dito!

DITO — Heim?!

P. JOSÉ — Leve Terezinha daqui!

DITO — Heim?

P. JOSÉ — Leve Teresinha para casa!

DITO — O senhor escutou?...

P. JOSÉ — Escutei...

DITO — Mila-mila-milagre!

TERESINHA — Jesus...

DITO — A-cende u-ma ve-la! **(Levanta-se)** MILAGRE! MILAGRE! **(Começa a zanzar pela sacristia).**

P. JOSÉ — Dito! Pare com isso!

DITO — MILAGRE! MILAGRE!

(Dito abre a porta da sacristia).

P. JOSÉ — Dito! Onde vai?!

DITO — Tocá o sino!

(Dito sai correndo para a praça).

P. JOSÉ — Dito, meu Deus! **(Vai até à porta. Volta para atender Teresinha que começa a chorar).**

DITO **(Na praça)** — MILAGRE! MILAGRE!

(Afluência de pessoas ao local).

1.º FIEL — Que foi?

DITO — MILAGRE!

2.º FIEL — Onde?

DITO — MILAGRE NA SACRISTIA!

1.º FIEL — MILAGRE NA SACRISTIA!

(Várias pessoas começam a chegar).

2.º FIEL — MILAGRE NA SACRISTIA!

DITO — MILAGREEEE!!! **(Sai correndo).**

(Confusão de vozes que gritam: "MILAGRE NA SACRISTIA"... O sino começa a tocar. Entram pessoas de tods os lados. Alvorôço. Invadem a sacristia. Padre José desesperado num canto, com Teresinha. Confusão geral. O sino continua tocando).

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

Quadro único — Sexta-feira pela manhã.

Madrugada do dia seguinte. JUCA-PROTESTANTE acaba de se instalar na ponte e joga o anzol. Em primeiro plano, vindos da direita, aparecem SIMÃO-JUDEU e TAKAWA-JAPONÊS, carregando o órgão coberto por um pano. PADRE JOSÉ aparece na sacristia com uma bihete na mão. Abre a porta no momento em que os carregadores passam.

P. JOSÉ — Entregues também êsse bilhete!

(Takawa pega-o. Os carregedores dirigem-se à ponte e a atravessam).

JUCA — Bom dia, seu Simão! Bom dia, seu Takawa!

(Simão e Takawa acenam com a cabeça e chegam à casa do Pastor Camilo. Batem à porta. Na sacristia, o Padre José anda aflito de um lado para outro).

P. JOSÉ **(Para o santo)** — Bom dia, meu "santo compadre"... Quero falar com o senhor Camilo e o Juca-Protestante está pescando justo na ponte. Preciso muito de vosso auxílio. Vou enfrentar o sentinela!

(Com certa preocupação, sai da sacristia e chega à ponte).

P. JOSÉ — Bom dia, senhor... Juca!

JUCA — Padre José! Tão cedo! Bom dia!...

P. JOSÉ — Pescando... heim?...

JUCA — É... Um pouquinho...

P. JOSÉ — Logo cedo...

JUCA — Pr'o almôço... A patroa convidou o compadre pra comer em casa, justo hoje, Sexta-feira da Paixão, que ela mais o compadre não come carne...

P. JOSÉ — Já pegou algum?

JUCA — Que o quê... Cheguei agora...

P. JOSÉ — Ontem fiquei mais de hora e meia, com vara em punho e... não peguei nada.

JUCA — Nada?!..

P. JOSÉ — Nada, nada... Aliás, nessa época do ano, não se pega peixe por aqui...

JUCA — Uai, seu padre, dessa eu não sabia...

P. JOSÉ — O melhor é rio acima, perto da cabana do finado Zé-Perdigueiro...

JUCA — Aquêle que morreu afogado?

P. JOSÉ — É...

JUCA — Rio acima?

P. JOSÉ — Lá é jogar minhoca e recolher peixe!

JUCA — Curioso... Os peixes que passam lá, não passam depois por aqui?

P. JOSÉ — Passam...

JUCA — Então deve dar na mesma...

P. JOSÉ — Isto eu não entendo... A natureza às vêzes faz das suas. Só sei que lá pega, e aqui não...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.59

JUCA — Então, vou pra lá... **(Recolhe o anzol)** — Se a pesca fôr boa eu mando alguns p'ro senhor...

(Juca desce a ponte. Padre José começa a atravessá-la. Juca reaparece).

JUCA — "Seu" Vigário?!

P. JOSÉ — Heim?!

JUCA — Ontem de noite escutei um reboliço na praça, os sinos tocaram... Depois eu escutei uma correria em frente da casa... Que aconteceu?

P. JOSÉ — É que...

JUCA — Meu filho chegou em casa dizendo que tinha sido milagre na sacristia... Eu estava meio dormindo, mas ouvi êle contar pra mulher.

P. JOSÉ — Hoje, às oito horas, eu vou esclarecer o acontecimento... Apareça lá!

JUCA — Na igreja?

P. JOSÉ — É...

JUCA — Não é por nada não, seu vigário, mas cada um da gente tem idéia diferente de religião. O senhor sabe: eu sou protestante e o Pastor pode não gostar se eu... bem... minha mulher ainda é de lá da sua igreja... Depois eu me inteiro da história com ela... **(Vai saindo)** Té logo...

P. JOSÉ — Até logo... **(Juca sai).**

(Padre José chega à casa do Pastor e êste já o espera na porta).

P. CAMILO **(Sêcamente)** — Entre...

P. JOSÉ **(Entrando)** — Com licença, senhor Camilo.

P. CAMILO **(Mostrando o bilhete)** — Que é que o senhor acha que eu ainda possa fazer?

P. JOSÉ — Não sei, senhor Camilo, mas eu não posso continuar sòzinho essa situação!

P. CAMILO — Continuar? Não podemos continuar!

P. JOSÉ — Que fazer, então? Contar a verdade a todo mundo?

P. CAMILO — Seria o fim de nossa carreira! Temos que colocar panos quentes na situação. O senhor não deve incentivar seus crentes a homenagear o tal santo milagroso como fêz ontem!

P. JOSÉ — Mas como? A igreja ficou coalhada de gente! Não será fácil de uma hora para outra, tirar da cabeça de tôda aquela gente que o santo não existe... O senhor precisava de ver! No momento em que eu o benzi...

P. CAMILO — Me benzeu?!

P. JOSÉ — Com água benta!

P. CAMILO — Aquêles pinguinhos de água? Eu pensei que fôsse uma goteira ou cano vazando...

P. JOSÉ — Sou padre há trinta anos. Nunca vi tanto júbilo de fé como ontem à noite. Todos estavam quietos, elevados a Deus, na esperança de que São Francisco Xavier, quero dizer, Assis, resolvesse seus problemas, curasse seus males...

P. CAMILO — O senhor acha que tem valor aquela demonstração de fé?

P. JOSÉ — Ninguém sabia que o santo era o senhor...

P. CAMILO — Padre José, não se esqueça de que o senhor é um ministro de Deus!

P. JOSÉ — Êsse milagre é a minha oportunidade de dar a Deus mais de mil devotos conscientes e convictos!

P. CAMILO — Mas isto é uma farsa. É mais um sacrilégio!

P. JOSÉ **(Clássico)** — Os meios não importam quando o fim é para o bem!

(Num canto da praça, o Mascate arruma sua barraquinha).

P. CAMILO — Eu acho que o senhor não está passando bem... O senhor dormiu essa noite?

P. JOSÉ — Dormi, dormi e vi em sonhos a nossa escola cheia de crianças felizes e saudáveis, aprendendo o "ABC" da fé...

P. CAMILO — Que escola?

P. JOSÉ — Nossa escola!

P. CAMILO — Minha não!

P. JOSÉ — Mas, senhor Camilo... Nós havíamos combinado tudo... O time de futebol, os jogos entre êles...

P. CAMILO — Agora é diferente. Nossa união tornou-se impossível! Eu não posso cooperar com essa sua idéia de incentivar a fé por meio de uma farsa...

P. JOSÉ — O senhor entrará apenas com o casarão que o senhor Chiquinho vai doar! Dinheiro eu arranjarei!

P. CAMILO — Arranjará onde?

P. JOSÉ — Ontem, na coleta, as esmolas renderam mais de cinco mil cruzeiros! Duas vêzes mais que o mês passado inteirinho, num só dia!

P. CAMILO — O senhor está comerciando com a fé!

P. JOSÉ — Estou comerciando para o bem geral. Apoiado no santo milagroso eu vou longe, senhor Camilo!

P. CAMILO — Mas os meios...

P. JOSÉ — Importam os fins... Os santos não chegaram a santos de rezar o dia todo! Êles realizaram obras e foram salvos por essas obras!

P. CAMILO — Pela fé! Está no "Livro Sagrado"! "Pela graça sois salvos, por meio da

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, f.60

fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. **Não vem das obras**, para que ninguém se vanglorie". Efésios, capítulo dois, vercículos oito e nove!

P. JOSÉ — "O filho do Homem há de vir na glória de seu Pai com os seus anjos; e então dará a cada um a paga **segundo as suas obras**". Mateus, capítulo dezesseis, versículo vinte e sete! Do mesmo livro...

P. CAMILO — É uma questão de interpretação...

P. JOSÉ — É uma questão de confusão!

P. CAMILO — Cristo, tende piedade de uma alma que se perde!

P. JOSÉ — E o senhor precisa se perder comigo! Com o casarão nós realizaremos a maior obra da cidade!

P. CAMILO — Não daria certo... Numa escola organizada por mim e pelo senhor, poderia se repetir entre os alunos, o namôro impossível de Teresinha e Dito.

P. JOSÉ — Impossível? Senhor Camilo, êles se amam!

P. CAMILO — Eu criei Teresinha dentro da minha igreja, incutindo nela o espírito de minha doutrina, para depois um rapazinho qualquer, um sacristão católico, levá-la e convertê-la às suas idéias. Isto é que não!

P. JOSÉ — É um grave êrro. Cada um de nós deve seguir o caminho que quiser!

P. CAMILO **(Cansado)** — Prefiro não discutir, neste momento.

P. JOSÉ — Então cheguemos a uma conclusão. O senhor vai me ajudar?

P. CAMILO — Bancando o santo de porcelana?

P. JOSÉ — Apenas hoje! Amanhã, Sábado de Aleluia, os santos devem ser descobertos. Até amanhã providenciarei a compra de uma imagem que tenha o seu manequim.

P. CAMILO — Manequim...

P. JOSÉ — Pelo menos que regule com o seu tamanho.

P. CAMILO — Manequim **(Pausa)** Isto mesmo!

P. JOSÉ — Que foi?

P. CAMILO — Tenho um manequim de alfaiate. Êle resolverá o problema!! Tem o meu tamanho!

P. JOSÉ — Será o santo?

P. CAMILO — Me substituirá com vantagens. Pelo menos não ficará resfriado e com torcicolo...

P. JOSÉ — E onde está?

P. CAMILO — No fôrro, junto às bugigangas que guardo.

P. JOSÉ — Ótimo! Ótimo! Por que não lembrou disso antes?

P. CAMILO — Vou buscá-lo; espere um instante.

(Pastor Camilo sai. Padre José tranca a porta cuidadosamente. Na praça aparece o Jornalista: roupa velha, chapéu e u'a máquina fotográfica com "flash". Aproixma-se do Mascate).

JORNALISTA — Bom dia...

MASCATE **(Eloqüente)** — Bom dia, freguês! Aliás, um belo dia! Que deseja? A imagem miniatura de São Francisco milagroso? **(Levanta-o)** Saiu agora do fôrno! Novinha em fôlha! Cheirando tinta! Vai levar?

JORNALISTA — Eu...

MASCATE — Leve também algumas velas: pequenas, médias e grandes, para promessas pequenas, médias e grandes.

JORNALISTA — Não, obrigado... Foi nesta igreja que ontem...

MASCATE — Foi... O senhor não estêve na igreja ontem à noite?

JORNALISTA — Estou chegando agora. Vim de São Paulo. Sou Jornalista.

MASCATE — O santo falou língua de gente, não de missa... Tem gente que viu até o santo se mexer...

JORNALISTA **(Escrevendo)** — O que mais?

MASCATE — Diz que o padre "tava" tão nervoso que na hora da benzeção do santo esparamou água pra todos os lados!

JORNALISTA — É natural...

MASCATE — Padre José é muito bom... Dizem por aí, também, que êle conversa com São Benedito e o santo responde. O povo antes pensava que era caduquice, agora acredita...

JORNALISTA — Que horas êle vem pra cá?

MASCATE — Antes das sete êle abre a igreja...

JORNALISTA — Será que êle me atende para umas fotografias?

MASCATE — Ah atende sim!... Êle é louco por retratos! Tudo quanto é batizado e casamento êle faz questão de sair... Ah! Por falar em retratos, o senhor me iluminou uma idéia na cabeça!

JORNALISTA — Que idéia?

MASCATE — Isto aqui abre, e dentro a gente pode pôr um retrato. O senhor tira retrato do Padre José ao lado de São Francisco e a gente vende pro povo da cidade! Pode dar um dinheirão!

JORNALISTA — E a gente racha o lucro?

MASCATE — Racha no meio! Um brochinho dêsses custa pra mim sete cruzeiros... Os

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.63

retratinhos, uns cem, pequeninos, revelados no Italiano, vai ficar nus três cruzeiros cada um...

JORNALISTA — Total dez cruzeiros.

MASCATE — A gente vende por... sessenta cruzeiros! Tem um lucro de cinqüenta! Vinte e cinco pra cada!

JORNALISTA — Negócio feito!

MASCATE — Abençoado São Francisco!

JORNALISTA **(Pegando a imagem)** — É êste?

MASCATE — A dizer bem a verdade, eu nem sei... Só sei que vou vender como sendo...

JORNALISTA — Como assim?

MASCATE — Ninguém ainda viu a cara da imagem... Está coberta de roxo... O Zé-Oleiro, que me moldou essa imagem de madrugada, é ateu e não conhece São Francisco... **(Aproxima-se e fala baixo)** A fôrma é de Santo Antônio, só que êle pintou uma barba...

JORNALISTA — E São Francisco tem barba?

MASCATE — Deve de ter... De cada dez santos, nove usam barba...

JORNALISTA — E vai vender de monte, heim?

MASCATE — Pois é... Acha que eu podia esperar amanhã pra ver o tal santo? Perdia um dia de trabalho...

JORNALISTA — Só amanhã, por que?

MASCATE — É o Sábado de Aleluia que o padre tira os pano-roxo...

JORNALISTA — Ah, sim!... **(Olhando a imagem)** Se fôr muito diferente é bom o senhor pegar a estrada...

MASCATE — A mulher e os filhos já estão de trouxa pronta... Até amanhã, ao meio-dia, (já tô rico... Cuide aqui do mascate que vou buscar os brochinhos que estão com minha mulher. **(Sai. Em sua casa, Pastor Camilo entra carregando um manequim sorridente).**

P. CAMILO — Aqui está! **(Coloca o manequim de pé)** Da minha altura. A única desvantagem dêle é que eu sou bento e êle não...

P. JOSÉ — Deus me perdoe, mas é questão de um só dia. Para amanhã eu vou encomendar um São Francisco na Capital... O senhor poderia fazer isso para mim...

P. CAMILO — Eu?

P. JOSÉ — Se eu fizer a compra, todo mundo descobrirá.

P. CAMILO — Mas, justo eu?

P. JOSÉ — O senhor não precisa dizer seu nome. Dê apenas o endereço.

P. CAMILO — Um São Francisco do meu tamanho... Será que tem?

P. JOSÉ — Se não tiver... Oh, meu São Benedito, deve ter... Tem que ter. **(Abraça o manequim)** Vamos Francisco!

P. CAMILO — Deixe que eu mando o Takawa e o Simão levar o Francisco...

P. JOSÉ — Bem... É mais seguro. Até qualquer momento...

P. CAMILO — Se precisar de alguma coisa...

P. JOSÉ — Acho que vou precisar.

P. CAMILO — Mande me chamar.

P. JOSÉ — Como?

P. CAMILO — Se o Takawa e o Simão não estiverem por perto, toque o sino!

P. JOSÉ — Tocar o sino?

P. CAMILO — Três toques compassados: dém, dém, dém!

P. JOSÉ — Ótimo! Muito obrigado! Até logo... **(Vai saindo).**

P. CAMILO — Assis ou Xavier?

P. JOSÉ — O que?

P. CAMILO — O Francisco...

P. JOSÉ — Assis!

P. CAMILO — Está bem, até logo...

(Padre José sai. Pastor Camilo deixa a sala. Padre José com muita cautela chega à ponte. Entra o Mascate com os broches).

MASCATE — Lá está o santo padre!

JORNALISTA — Sòzinho! Que maravilha! **(Corre para a ponte)** Bom dia, santo padre! Peço a bênção! **(Beija a mão do padre).**

P. JOSÉ — Deus te abençoe...

JORNALISTA — Posso tirar uma fotografia?

P. JOSÉ — Fotografia de mim?

JORNALISTA — Sim senhor...

P. JOSÉ — Pois não... **(Prepara uma pose na ponte. Sorri).**

JORNALISTA — Por favor padre, não sorria...

P. JOSÉ — Por que?

JORNALISTA — Olhe para aquela nuvem, como se estivesse vendo um bando de anjinhos!

P. JOSÉ — Anjinhos!

JORNALISTA — É para o jornal!

P. JOSÉ — Jornal?!

JORNALISTA — Uma reportagem sôbre o santo evento de ontem!

P. JOSÉ — Oh, não! **(Sai da posição descendo a ponte. O Jornalista atrás).**

JORNALISTA — Divulgação do grande acontecimento!

P. JOSÉ — Não! Nada disso!... **(Dirige-se à igreja).**

JORNALISTA **(Atrás)** — Uma foto apenas, ao lado da imagem milagrosa!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677.P.62

P. JOSÉ **(Para na porta da sacristia)** — Não... Não posso atendê-lo...

JORNALISTA — Deixe de modéetia, santo padre! Suas relações com Deus devem ser divulgadas. Seus superiores se orgulharão do senhor.

P. JOSÉ — Meus superiores?...

JORNALISTA — O Bispo, o Arcebispo, o Cardeal!

P. JOSÉ — O Bispo... Oh! **(Abre a porta)** Com licença...

JORNALISTA **(Tentando entrar)** Uma só!

P. JOSÉ — Por favor... **(Fecha a porta e passa a chave. Suspira encostado à porta)** Uff...

(Em sua casa, Pastor Camilo volta à sala com Takawa e Simão).

P. CAMILO — Vocês vão levar êse manequim até a sacristia da igreja do Padre José. Não deixem ninguém ver vocês entregarem o boneco!

TAKAWA — Vai coberto, como o órgão?

P. CAMILO — Vai... **(Cobre-o)**

SIMÃO — O senhor é sabido, heim? Troca boa, senhor Camilo! O orgão vale muito mais!

(Simão e Takawa carregam o manequim como se fôsse uma pessoa numa rêde. Saem da casa do Pastor, atravessam a ponte e chegam à sacristia. O Jornalista aproxima-se "farejando").

JORNALISTA — Está muito doente?

TAKAWA — Quem?

JORNALISTA — Trouxe para o padre benzer?

SIMÃO — Vamos! **(Saem de perto do Jornalista)**

JORNALISTA — Esperem! **(Bate à porta com estardalhaço)** Senhor padre! Abra a porta! É urgente!

P. JOSÉ — Não insista, rapaz!

JORNALISTA — Tem um homem morrendo!

P. JOSÉ — Morrendo?!

JORNALISTA — Precisa sua benção!

(O padre abre a porta. O jornalista se afasta, toma posição e bate uma foto, no momento em que o padre recolhe os dois carregadores com o manequim. O jornalista corre para a porta, mas esta lhe bate na cara).

JORNALISTA **(Dirige-se ao Mascate)** Tirei a fotografia!

MASCATE — Do padre e do santo?

JORNALISTA — Do padre recolhendo dois fiés carregando um moribundo!

MASCATE — Não serve para a medalha! Precisa ser do padre e do santo!

JORNALISTA — Mas serve para a edição de amanhã do meu jornal! Onde tem um telefone por aqui?

MASCATE — Só na Companhia Telefônica! **(Indica)** — Por esta rua abaixo!

JORNALISTA — Vou já avisar o chefe! **(Sai correndo)**

(Padre José olha cuidadosamente pela porta).

P. JOSÉ — Podem ir. Não digam nada a ninguém!

SIMÃO **(Estendendo a mão)** — Serviço extra, seu José...

P. JOSÉ — Ah, sim... **(Dá o dinheiro).**

(Os dois carregadores deixam a sacristia. Padre José coloca o manequim no nicho e cobre-o com o sudário roxo. Coronel Chiquinho entra na sacristia).

CORONEL — Padre José!

P. JOSÉ **(Assusta-se)** — Coronel...

CORONEL — Beijo suas santas e abençoadas mãos, contrito! **(Beija).**

P. JOSÉ — Coronel... Eu...

CORONEL — A razão tarda, mas não falta! Eis-me de volta ao lar de Deus!

P. JOSÉ — O senhor?!

CORONEL — Padre José: analisei profundamente as minhas relações com Deus e percebi que estava no caminho errado... Esta é a verdadeira casa de Cristo!

P. JOSÉ — Oh, senhor Coronel... Sente-se... **(Puxa a cadeira).**

CORONEL — Não antes de orar profundamente diante da milagrosa imagem de São Francisco Xavier...

P. JOSÉ — Assis...

(O Coronel ajoelha-se diante do manequim).

P. JOSÉ — Coronel! Um momento!

CORONEL — O que?

P. JOSÉ — Não reze ainda...

CORONEL — Por que?

P. JOSÉ — Bem... é que... Antes de rezar para a imagem milagrosa o senhor tem de penitenciar-se diante das outras imagens...

CORONEL **(Levantando-se)** — Ah... sim... Aliás, eu gostaria também de me confessar e comungar...

P. JOSÉ — Quer confessar, Coronel? **(Arrastando o genuflexório)** Ajoelhe aqui!

(O Coronel se ajoelha. O padre senta-se e o abençoa. Passam a falar em tom baixo e solene).

P. JOSÉ — A oração da confissão...

CORONEL — Esqueci-me... Tanto tempo...

P. JOSÉ — Então, vamos direto ao assunto... **(Pausa longa).**

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 63

CORONEL — Bem, o senhor já conhece mais ou menos... o assunto...

P. JOSÉ — Mas o senhor tem que falar...

CORONEL **(Pigarreia)** — Eu... Fui protestante... Briguei com o Bispo dentro da igreja...

P. JOSÉ — Grave, muito grave...

CORONEL — Isto fica entre nós, não é?

P. JOSÉ — E Deus...

CORONEL — Que seja... **(Olha para todos os lados)** Eu desviei dinheiro da prefeitura para a campanha política...

P. JOSÉ — Hum... Eu sabia!...

CORONEL — Quem pichou as paredes da igreja, fui eu mesmo...

P. JOSÉ — Eu mando a conta depois... Prossiga...

CORONEL — Se eu fôr eleito, vou nomear meu filho para um cargo rendoso na Prefeitura...

P. JOSÉ — Vai?!

CORONEL — Vou... Conto porque assim fico livre do pecado...

P. JOSÉ — Isso não vale...

CORONEL — Então, eu torno a me confessar, depois...

P. JOSÉ — Que mais?

CORONEL — Que eu me lembre é só...

P. JOSÉ — Por que o senhor voltou a ser católico?

CORONEL — Bem... Padre José... Um homem do povo como eu não pode se manter afastado da igreja...

P. JOSÉ — Ainda mais em época de eleição, não é?

CORONEL — Ora, Padre José...

P. JOSÉ — E com o eleitorado todo sabendo do milagre de São Francisco...

CORONEL — Aliás, São Francisco é meu protetor... Sempre foi!... Veja meu nome: Coronel vem de Francisco...

P. JOSÉ — São Francisco e Coronel Francisco... Coligação invencível! **(Começam a deixar o tom solene da confissão).**

CORONEL — Bela legenda o senhor me arrumou! Sabe, Padre José... Eu estava pensando. São Francisco merece uma homenagem tôda especial da gente de nossa terra...

P. JOSÉ — Homenagem?!

CORONEL — Alguma coisa nunca vista!

P. JOSÉ — Que poderia ser?

CORONEL — A coisa mais bonita que eu poderia imaginar: **(Levanta-se)** Uma chuva de rosas!

P. JOSÉ — Chuva de rosas?!

CORONEL — Em nome do povo dessa cidade, que eu sempre representei, vou providenciar a chuva!

P. JOSÉ — Quando?

CORONEL — No Sábado de Aleluia, depois da missa, depois que eu me comungar, um avião sobrevoará a praça da igreja e lançará pétalas de rosas!

P. JOSÉ — Um avião?!

CORONEL — Os sinos tocarão e o povo cairá de joelhos elevando suas preces ao grande São Francisco Xavier!

P. JOSÉ — Onde o senhor arranjará o avião?

CORONEL — Ah... Arranjarei... Pode ser aquêle que andou por aí, no ano passado matando gafanhoto.

P. JOSÉ — É verdade!

CORONEL — Momentos depois, a banda entrará tocando uma bela marcha e na frente dois homens carregarão uma faixa: "São Francisco saúda Coronel Francisco". Não, é ao contrário: "Coronel Francisco saúda São Francisco".

P. JOSÉ — Isto não!

CORONEL — Por que?

P. JOSÉ — Acho isso um...

CORONEL **(Cortando)** — O senhor acha isso magnífico, porque, no mesmo momento, farei a entrega da escritura do "casarão" para o senhor fundar sua Escola!

P. JOSÉ **(Estupefato)** — A Escola!

CORONEL — Escola São Francisco Xavier!

P. JOSÉ — Assis!...

CORONEL — E depois, numa festa só, o casamento de Alberto e Edi!

P. JOSÉ — Aqui?

CORONEL — Aqui, de certo!

P. JOSÉ — Vou enfeitar tôda a igreja!

CORONEL — Mandarei vir da Capital um nôvo tapête de veludo!

P. JOSÉ — Vai ser uma maravilha! **(Cai em si)** Coronel!...

CORONEL — Hein?...

P. JOSÉ — A confissão...

CORONEL — Heim... Ah! Sim... **(Ajoelha-se).**

(Voltam ao tom solene).

P. JOSÉ — Algum pecado mais?

CORONEL — Nenhum...

P. JOSÉ — Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, eu o perdôo... De penitência, o senhor reze no altar central... trinta e três Ave-Marias...

CORONEL — Trinta e três?...

P. JOSÉ — Vinte e dois Padre-Nossos... e quatorze Salve-Rainhas...

CORONEL — Quatorze... **(Levanta-se)** Mais nada?...

P. JOSÉ — Só isso...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA

CORONEL — Padre... eu não me lembro de cor a Salve-Rainha.

P. JOSÉ — Troque as quatorze Salve-Rainhas por vinte Padre-Nossos...

CORONEL — Dá na mesma?

P. JOSÉ — Dá...

(O Coronel vai saindo).

P. JOSÉ — Coronel! **(Coronel pára)** O senhor já falou com o Pastor?

CORONEL — Ah!... O Pastor Camilo.. É verdade... Bem, se êle teima em continuar protestante, que podemos fazer, não é?... (Sai)

P. JOSÉ — A Escola! A Escola! **(A São Benedito)** Obrigado meu santo compadre! Prometo que o próximo milagre é seu!

(Na casa do Pastor Camilo. Teresinha com gestos misteriosos, constrói ràpidamente um pequeno altar para o santinho de papel; o santinho ao centro, um vazinho de flôres e uma vela acesa).

TERESINHA **(Ajoelhando-se)** — Ofereço-os, milagroso São Francisco, por intermédio de São Pedro, a linda canção católica: "Louvando a Maria".

(Começa a cantar lendo num papel):

"Louvando a Maria
O povo fiel
A voz repetia
De São Gabriel:
Ave-Ave!
Ave-Maria...
Ave-Ave!
Ave-Maria"...

(O Pastor Camilo entra surpreendendo-a. Teresinha canta "Parabéns a você", levanta-se e esconde ràpidamente o santinho).

P. CAMILO — Que é isso? Para que essa vela?

TERESINHA — Está muito escuro...

P. CAMILO — Escuro?... Acenda a luz...

TERESINHA — Fica muito claro...

P. CAMILO — Não entendo. Que segura na mão?

TERESINHA — Uma... figurinha...

P. CAMILO — Figurinha de que?

TERESINHA — É... Um jogador de futebol...

P. CAMILO — Deixe-me ver.

TERESINHA — Não... é...

P. CAMILO — Me dê isso aqui! **(Estende a mão).**

TERESINHA **(Entrega e foge para o canto)** — Meu São Francisco!...

P. CAMILO — São Pedro! Êle joga no Corintians ou no Palmeiras?

TERESINHA — Ontem, me esqueci de entregar ao padre...

P. CAMILO — Esqueceu-se... **(Com ares sobrenaturais)** Não sei, mas tem qualquer coisa que me diz que você não está dizendo a verdade...

TERESINHA — Que coisa?...

P. CAMILO — Parece um sôpro celeste que me chega aos ouvidos e diz: A Teresinha não está contando tudo...

TERESINHA **(Assustada)** — Bem... eu... eu ganhei êsse santinho de um môço...

P. CAMILO — Muito bem. E quem é o môço?

TERESINHA — Êle viajou, sumiu, nunca mais vai aparecer...

P. CAMILO **(Místico, novamente)** — Oh... Novamente, o "sôpro" me diz que você não está falando sério...

TERESINHA — O môço é... é...

P. CAMILO — Pode falar.

TERESINHA — O Dito, sacristão católico!

P. CAMILO — O Dito, sacristão católico... E por que foi que êle lhe deu êsse santi... essa estampa?

TERESINHA — Porque eu achei bonita.

P. CAMILO **(Crispando-se, sobrenatural)** — Ah! O sôpro! O sôpro novamente em meus ouvidos!

TERESINHA **(Cortando, com resolução)** — Sabe, Camilo... Eu ontem fui à igreja católica, com o Dito, e aconteceu uma coisa tremenda!

P. CAMILO **(Sem dar a mínima importância)** — Aposto que a coisa tremenda foi um milagre...

TERESINHA **(Desapontada)** — Foi...

P. CAMILO — Isso acontece todos os dias na igreja dêle.

TERESINHA — Eu estava com o Dito, na sacristia, e ouvi...

P. CAMILO — Por certo ouviu um santo falar...

TERESINHA — Foi... como é que você sabe?

P. CAMILO — Na minha profissão eu estou acostumado a ouvir isso duas ou três vêzes por dia! Os santos católicos são muito falantes e fabricantes de milagres. Teresinha, como você é ingênua. O que aconteceu com você, ontem, acontece todos os dias, com diversas pessoas: você foi sugestionada!

TERESINHA — Sugestionada?

P. CAMILO — Enganada, iludida!

TERESINHA — Iludida? Mas eu ouvi!

P. CAMILO — Você pensa que ouviu, mas não ouviu nada... Os católicos fantaziam a

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.65

"coisa" de uma tal maneira, que você foi envolvida pelo ambiente que êles criaram.

TERESINHA — Como assim?

P. CAMILO — O Dito não estava vestido com uma roupa vermelha e esquisita, ao invés de vestir um terno comum?

TERESINHA — Uma saia ridícula como a da vovó Camila.

P. CAMILO — Os vitrôs da igreja não eram todos coloridos, com anjos e santos estampados?

TERESINHA — Eram...

P. CAMILO — O sacristão não mandou você ajoelhar-se?

TERESINHA — Mandou.

P. CAMILO — Depois êle falou em latim, para você não entender...

TERESINHA — Falou...

P. CAMILO — Tocou uma campainha que penetra no ouvido...

TERESINHA — Tocou...

P. CAMILO — Nessas alturas, você já estava como que hipnotizada por tudo aquilo... É a técnica que os católicos usam: aguçar a imaginação.

TERESINHA — Quer dizer então, que foi tudo ilusão?

P. CAMILO — Exato!

TERESINHA — O santo não falou nada?...

P. CAMILO — Claro que não! Porcelana não fala. Você já ouviu os pratos e travessas falarem?!

TERESINHA — Não...

P. CAMILO — Pois é porcelana do mesmo jeito!

TERESINHA **(Num estouro de satisfação)** — Que bom! Que bom!

P. CAMILO **(Surprêso)** — Bom?...

TERESINHA — Bom, ótimo, maravilhoso!

P. CAMILO — Eu também acho, mas...

TERESINHA — Eu vou ser desencalhada, Camilo!

P. CAMILO — Desencalhada?!

TERESINHA — O único impecilho era o santo! Agora, eu e o Dito podemos... **(Pausa).**

P. CAMILO — Podem o que?

TERESINHA — Casar... Parece incrível, mas o Dito quer se casar comigo!

P. CAMILO — Casar?...

TERESINHA — Camilo, eu gosto tanto do Dito!

P. CAMILO — Eu acho que você não gosta, não...

TERESINHA — Gosto sim!

P. CAMILO — Não gosta!

TERESINHA — Quer saber mais que eu?

P. CAMILO — Quero!

TERESINHA — Não, Camilo... Isso eu tenho certeza que você não pode saber mais do que eu.

P. CAMILO — Teresinha, o que entende você de homem?

TERESINHA — E você, muito menos, Camilo!

P. CAMILO — Nem parece a minha irmã que eu criei para exemplo número um de pureza...

TERESINHA — Eu percebi logo, desde a primeira vez que aconteceu... **(Pára).**

P. CAMILO — Aconteceu o que? O passeio pela igreja?

TERESINHA — Não... Uma coisa na ponte...

P. CAMILO — Uma coisa? Que coisa?

TERESINHA — Coisas íntimas, Camilo...

P. CAMILO — íntimas!? Você precisa me contar tudo!

TERESINHA — O "sôpro" se encarrega disso...

P. CAMILO — Santo Deus! Teresinha, minha irmã... Você tem que me contar isso...

TERESINHA — Eu tenho vergonha...

P. CAMILO — Vergonha **(Em pânico)** Teresinha, o que foi que aconteceu?

TERESINHA **(Nervosa)** — Benedito e eu...

P. CAMILO — Benedito e você... **(Pausa)** Fale, criatura!

TERESINHA — Não me olhe assim, Camilo...

P. CAMILO — Assim como?

TERESINHA — Nós ficamos sòzinhos na ponte... **(Pára)**

P. CAMILO — Continua...

TERESINHA — Começamos a conversar... Aí êle...

P. CAMILO — Aí êle...

TERESINHA — Me ofereceu...

P. CAMILO — Ofereceu o que?

TERESINHA — A maçã! Colocou a maçã entre nós, deixou-a cair e nós... **(Pausa)** Você compreendeu?...

P. CAMILO — Maçã entre você... MAÇÃ! **(Atordoado)** Gênesis, capítulo três, versículo seis!

TERESINHA — Gênesis?

P. CAMILO — O fruto proibido!

TERESINHA — Daquele momento em diante, eu comecei a amá-lo!

P. CAMILO — Oh céus!

TERESINHA — Eu pequei, Camilo?

P. CAMILO **(Desesperado)** — Você ainda pergunta?

TERESINHA — Mas eu gosto dêle!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P. 66

P. CAMILO — Onde está o vigarista? Viajou?

TERESINHA — Não! Deve estar na igreja.

P. CAMILO — Vái mediatamente falar com êle!

TERESINHA — Falar com êle?

P. CAMILO — E eu falarei com o senhor José!

TERESINHA — Por que?

P. CAMILO — Êle vai se caasr com você!

TERESINHA — Casar? Casar? Você acha que nós podemos?

P. CAMILO — Podem não! DEVEM!

TERESINHA — Camilo **(Abraça-o)** Eu sabia que você me entendia! Aquêle santo não entende de nada!

P. CAMILO — Traga o safado imediatamente até aqui!

(Teresinha está exultante e sai ràpidamente para a ponte).

P. CAMILO **(Trágico)** — O castigo veio rápido como um raio!

(Na sacristia, Dito, que chegara momentos antes, ajuda Padre José a ornamentar o nicho do santo milagroso).

P. JOSÉ — Vou abrir a porta da frente para os fiéis visitarem o milagroso. Coloque a urna de dinheiro perto do nicho. **(Sai).**

(Teresinha chega à sacristia. Bate à porta. Dito abre, ela entra e o abraça de supetão).

TERESINHA — Dito! **(Beija-o).**

DITO — Ei! **(Desvencilha-se)** Que foi?

TERESINHA — Nós vamos casar!

DITO — HEIN?!

TERESINHA — Nós vamos ser marido e mulher!

DITO — Meu santo!... Que deu em você?...

TERESINHA — Êste santo não entende de nada!

DITO — Teresinha!

TERESINHA — Meu irmão acha que nós podemos nos casar!

DITO — Casar contra a vontade de **(Benze-se)** São Francisco milagroso?

TERESINHA — Milagroso uma "ova"!

DITO — Creio em Deus-Padre! **Ajoelha-se)** Meu santo! Perdoai essa hereje!

TERESINHA **(Puxando-o)** — Levanta, Dito! O Camilo aprova o nosso casamento!

DITO — Teu irmão não é santo!

TERESINHA — Êle falou garantido pela Bíblia!

DITO — Que Bíblia?

TERESINHA — Livro dos santos! Se nós não casarmos, estamos contrariando os capítulos da Bíblia.

DITO — A Bíblia não vale nada. Mais vale São Francisco que é santo!

TERESINHA — Quem escreveu a Bíblia foi uma turma de santos: São Mateus, São Lucas, São Marcos, Santa Gênesis... É essa que nós estamos contrariando.

DITO — São Francisco é mais importante. Não se engana nunca.

TERESINHA — O Camilo também nunca se engana em coisas da Bíblia.

DITO — Não adianta, Teresinha! O que São Francisco falou, tá falado... Por mim, bem que eu gostaria de casar. Homem que não casa acaba envelhecendo na rua das mulheres.

TERESINHA — O milagre foi sugestão!

DITO — Sugestão de quem?

TERESINHA — Foi ilusão, mentira!

DITO **(Afasta-se)** — Teresinha, que sacrilégio! Eu escutei muito bem. É melhor você ir embora.

TERESINHA — Você não vai sentir a minha falta?

DITO — São Francisco acima de tudo!

TERESINHA — Está bem... Eu vou embora...

DITO — É ordem do Espríito Santo...

TERESINHA — Espírito de porco, isto sim... **(Pausa)** Bem, Dito, eu estou indo embora...

DITO — Adeus...

TERESINHA **(Oferecida)** — Adeus...

DITO **(Quase cedendo)** — Adeus...

(Teresinha abraça e beija Dito e sai correndo para a ponte. O Padre José entra com o Coronel Chiquinho na sacristia).

P. JOSÉ — Dito, vá até a porta e organize o pessoal em fila.

(Dito, zonzo, dirige-se à porta da rua).

P. JOSÉ — A outra porta, Dito

(Dito abstraído atravessa a cena em toda a extensão e sai. Teresinha chega em sua casa, chorando convulsivamente).

P. CAMILO — Que foi, Teresinha?

TERESINHA — Êle preferiu São Francisco!

P. CAMILO — O quê?!

TERESINHA — Êle não gosta de mim. Não quer casar comigo!

P. CAMILO — Não quer? Nesta altura êle não tem querer! Sem vergonha, aproveitador! Êle vai se casar com você!

TERESINHA — Se êle não gosta de mim, você não pode obrigar!

P. CAMILO — Eu não posso, mas o Dr. Delegado pode! **(Veste o paletó)** Vou pôr a limpo esta situação, agora mesmo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.67

Pastor Camilo sai. Quando dirige-se para a ponte, aparece um grupo de pessoas sequindo dois homens que carregam outro numa rêde suspensa por uma vara. O Pastor Camilo pára na ponte).

1.º FIEL — O Juca caiu n'água e tá morrendo!

2.º FIEL — O Juca tá morrendo!

3.º FIEL — O Juca caiu n'água!

2.º FIEL — Tá moribundo!

4.º FIEL — O moribundo tá morrendo!!

3.º FIEL — Leva p'ra igreja

(Um fiel entra na sacristia).

1.º FIEL — Seu vigário! O Juca tá morrendo!

P. JOSÉ — Que?

(Entra pela porta do altar uma mulher, chorando).

MULHER — "Seu" vigário! Meu marido tá agonizando!

P. JOSÉ — Que foi?

CORONEL — Como foi?

1.º FIEL — Foi pescá rio acima, perto da cabana do finado Zé-Perdigueiro e o barranco despencou com êle!

CORONEL — Que foi fazer lá? Ninguem pesca lá!

1.º FIEL — Êle devia pescar na ponte!

P. JOSÉ — Santo-Deus! Onde está o Juca?

(Entram na sacristia com o moribundo).

MULHER **(Ajoelhando)** — São Francisco milagroso! Saivai meu marido!

P. JOSÉ — Ai, meu São Benedito!

(O povo invade a sacristia. Dito entra).

MULHER **(Em prantos)** — Faz um milagre, meu São Francisco! Por Jesus, Maria, José, Deus, São Onofre e todos os anjos do céu!

(A mulher cai de joelhos Algumas pessoas imitam).

DITO — Uma vela, seu vigário?

P. JOSÉ **(Aflito)** — Não... É melhor... Bem...

CORONEL — Vamos tentar uma massagem!

1.º FIEL — Massagem não resolve!

2.º FIEL — Vamos rezar ao santo, Coronel!

MULHER — Vamos rezar, todo mundo!

CORONEL — Está bem... Eu puxo uma Ave-Maria! **(Ajoelham-se)** "Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco"...

P. JOSÉ — Um momento!!!

CORONEL — "... Bendita sois vós, entre as mulheers, bendito é o fruto...

P. JOSÉ — Esperem! Esperem!!!

CORONEL — "... Vosso ventre, Jesus".

OS FIÉIS — "Santa-Maria, Mãe de Deus, rogai por nós..."

P. JOSÉ **(Pegando um sino e batendo)** — Atenção! **(Pausa)** Atenção! Todos devem ir rezar no altar-mor!

DITO — Todo mundo prá igreja!

(Movimento. Os fiéis começam a sair).

MULHER **(Beijando as mãos do Padre)** — Salve meu marido! Por tudo que lhe é sagrado! É o único que eu tenho! **(Sai).**

1.º FIEL — Isto foi castigo. O Juca nunca veio à igreja!

2.º FIEL — Êle é protestante!

CORONEL — Eu fico com o senhor...

P. JOSÉ — Nada disso, vá puxar a Ave-Maria no altar!

CORONEL — Ah, sim... Isto mesmo **(Sai).**

(A sós, Padre José, Dito e o moribundo).

P. JOSÉ — Dito, vigie a porta... Não deixe ninguém entrar... Preciso de muita concentração.

DITO — Sim senhor...

P. JOSÉ — Toque o sino três vêzes: dém-dém-dém! Só três batidas compassadas...

DITO — Três vêzes?

P. JOSÉ — Compassadas...

DITO — Não pode... Hoje é Sexta-feira da Paixão. É proibido tocar sino...

P. JOSÉ — Oh!...

DITO — Se quer, eu toco matraca...

P. JOSÉ — Não adianta, precisa ser o sino...

DITO — Prá que?...

P. JOSÉ — Para chamar o santo! Bem, toque o sino: em casos de urgência como êste, não faz mal...

DITO — Está bem... **(Sai).**

P. JOSÉ — São Benedito me salve, salvando êsse moribundo! Se o senhor me ajudar, eu prometo dizer ao povo que o senhor ajudou São Francisco! **(Olha para Juca)** Santo-Deus, que aguaceira! Que faço? **(Anda de um lado para o outro. O sino toca três vêzes compassadamente)** Será que o "santo" vem?...

(O Pastor ouve e depois de rápida hesitação, desce a ponte, dirigindo-se à sacristia. O padre abre a porta. A praça está vazia. O Pastor Camilo chega).

P. JOSÉ — Senhor Camilo... Entre! Entre logo!

P. CAMILO **(Ao ver Juca)** — Que foi?

P. JOSÉ — Afogado por minha culpa!

P. CAMILO — Em água benta?

P. JOSÉ — Eu mandei êle pescar rio acima, êle foi e caiu n'água...

(Pastor Camilo tira o paletó e arregaça as mangas).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.68

P. CAMILO — Está mal! Não sei o que posso fazer...

P. JOSÉ — Faça um milagre!

P. CAMILO — Só assim mesmo...

P. JOSÉ — Ah, se êle morre!...

P. CAMILO **(Friccionando Juca)** — Não sei não, pode ser...

P. JOSÉ — O santo pode não falhar!...

(O Pastor Camilo intensifica a massagem).

P. JOSÉ — Fôrça!

(Padre José anda nervosamente de um lado para o outro).

P. CAMILO — Pare de andar, senhor José!

P. JOSÉ — Que posso fazer?

P. CAMILO — O senhor pode me ajudar...

P. JOSÉ **(Arregaçando as mangas)** — Que faço?

P. CAMILO — Faça uma oração!

P. JOSÉ — Oração?! **(Pausa)** Serve católica?

P. CAMILO — O senhor não sabe outra?

P. JOSÉ — Não...

P. CAMILO — Então, "sapeque" a católica...

(Padre José ajoelha-se diante do manequim)

P. CAMILO — Nem sinal de vida!...

P. JOSÉ — Ah... São Francisco, ajudai-me!

P. CAMILO — É o pior caso que já vi...

P. JOSÉ — Eu não fiz por mal... **(Chora)** Perdoai-me!

P. CAMILO — Êle bebeu o rio todo!

P. JOSÉ — Meu São Francisco de Assis!...

P. CAMILO — Venha cá. Segure os braços dêle, assim, para cima!

(Padre José segura. O Pastor faz bruscos movimentos com Juca).

P. CAMILO — Um-Dois! Um-Dois! Levante e abaixe os braços! Um-Dois! Um-Dois!

P. JOSÉ — Um-Dois! Um-Dois! Não me castigai Senhor! Um-Dois! Um-Dois!

P. CAMILO — Fôrça!

P. JOSÉ — Um-Dois! Um-Dois! Um-Dois!

P. CAMILO — Rápido!

P. JOSÉ — Um, dois, um, dois, um, dois, um...

P. CAMILO — Mais! Mais!

P. JOSÉ — Um, dois, um, dois, um...

(O Padre acelera o movimento. Os dois compõem uma cena de movimentos grotescos e rápidos).

P. CAMILO — Está voltando!

P. JOSÉ — Está?!

P. CAMILO — Vamos Juca, reaja!

P. JOSÉ — Vamos!

P. CAMILO — Respire fundo!

P. JOSÉ — Respire!

P. CAMILO — Vamos, homem!

P. JOSÉ — Vamos!...

P. CAMILO — Pare! Largue!

(Juca espirra água pela bôca e balbucia alguma coisa).

P. JOSÉ — Viva!!!

P. CAMILO — Está salvo!

(Padre José e Pastor Camilo abraçam-se alegres).

P. JOSÉ **(Para o manequim)** — Obrigado, meu São Francisco!

P. CAMILO — De nada...

P. JOSÉ — Oh, Pastor... O senhor é um santo!

(Juca reage bem)

P. JOSÉ — Êle está voltando. O senhor precisa ir antes que êle o vejo...

P. CAMILO — Eu vou, mas volto!

P. JOSÉ — Volta?

P. CAMILO — Precisamos falar sôbre um assunto importante!

P. JOSÉ — A Escola?

P. CAMILO — Sôbre Dito e Teresinha!...

P. JOSÉ — Dito e Teresinha...

JUCA **(Balbucia)** — Peixe... peixinho... peixão...

P. JOSÉ — Mais tarde o senhor pode voltar...

JUCA — Peixe... peixinho... peixão...

P. JOSÉ — Depois que o pessoal fôr embora... **(Empurra-o discretamente)** Muito obrigado...

P. CAMILO — Até já...

P. JOSÉ — Até já... Vá com São Francisco! **(Abre a porta e o Pastor Camilo sai).**

P. CAMILO — Obrigado... Prefiro ir sòzinho...

(O Padre se recompõe, acende uma vela e segura-a com expressão de santo. Vai até à porta do altar e abre).

P. JOSÉ — DITO!

DITO **(Entrando)** — Morreu?!

MULHER **(Entrando)** — JUCA! **(Corre para êle)** Juca!

JUCA — Peixe... peixinho, peixão...

MULHER — Vivo! Milagre! Milagre!

(A sacristia é invadida. Alguns crentes correm pela praça até à porta da sacristia).

1.° FIEL — Milagre!

MULHER — O Padre salvou Juca!

2.° FIEL — Milagre na sacristia!

3.° FIEL — O Padre ressuscitou Juca!

4.° FIEL — JUCA RESSUSCITOU!!!

FIÉIS — MILAGRE! MILAGRE! MILAGRE!

(O Jornalista aparece correndo).

DR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.69

JORNALISTA — Com licença... Com licença... **(Entra na sacristia. Dois fiéis carregam Juca para a Praça. A multidão vai atrás, numa verdadeira apoteose. Espocam os "flashs". O Mascate vende imagens(Confusão de vozes).**

1.° FIEL — O Padre José! O Padre José!

2.° FIEL — Onde está êle?!

3.° FIEL — Na sacristia!

JUCA — Peixe... peixinho... peixão...

.....(A multidão pára e volta-se para a porta da sacristia. Dito vai buscar o padre que com ar de santo e vela em punho, aparece na porta. Faz-se respeitoso silêncio).

JUCA — Peixe... peixinho... peixão...

(O povo começa a ajoelhar-se. No meio da multidão, apenas uma pessoa está de pé: é D. ARLINDO, o BISPO que acaba de entrar).

P. JOSÉ **(Pânico)** — D. Arlindo!!! **(Deixa cair a vela).**

FIM DO SEGUNDO ATO

3.° ATO

No cenário, perto do manequim: flôres, muletas, braços de cera, velas. Padre José está escrevendo e contando o dinheiro. O Mascate, na praça, também conta a sua féria. Takawa e Simão, carregando o órgão coberto, atravessam a ponte no sentido contrário ao do ato anterior; dirigem-se à igreja católica. O Jornalista entra e vai ter com o Mascate.

MASCATE — Conseguiu?

JORNALISTA — Que nada! Olhe só! **(Exige fotografias).** O Padre não saiu em quase nenhuma! Nesta, o Zé passou na frente, nesta a mulher do afogado cobriu o santo. Nesta, eu tremi!

MASCATE — Puxa vida! Falta de sorte... Eu já tenho mais de cinqüenta encomendas da medalha com retratos do padre e do santo.

JORNALISTA — A igreja está aberta?

MASCATE — Daqui a pouco é a missa da Aleluia... Vão descobrir os santos e eu tenho que cair fora.

JORNALISTA — Acho que vou fazer uma coisa, não muito católica...

MASCATE — Que coisa?

JORNALISTA — Entrar na sacristia e ficar escondido... Possìvelmente, depois da missa, o padre ajoelhará diante da imagem para uma oração. Aí então, eu bato a chapa e saio correndo!

MASCATE — E onde você vai se esconder?

JORNALISTA — Se não me engano, lá tem um guarda-roupa velho...

MASCATE — É... Vale a pena tentar... Depois a gente revela os retratinhos e coloca na medalha... Mas quem vai vender é você, porque nessas alturas eu já estou no trem.

JORNALISTA — Depois te encontro aqui?

MASCATE — Na estação, esperando o trem.

(O Jornalista sai. O Mascate o acompanha até certo ponto. Pastor Camilo, deixando sua casa, atravessou a ponte e chegou à sacristia. Bate à porta).

P. JOSÉ **(Atendendo)** — Entre depressa!

P. CAMILO — Não se preocupe... A praça está vazia.

(O Pastor Camilo entra. O Mascate retorna a seu lugar).

P. JOSÉ — É uma loucura esta visita! Quase meio-dia! A imagem verdadeira ainda não chegou. O senhor fêz o pedido direitinho?

P. CAMINHO — Deverá chegar no trem das onze e quarenta e cinco. Não se preocupe... Está tudo combinado: Takawa e Simão esperarão na estação e trarão para cá, antes do meio-dia!

P. JOSÉ — Em cima da hora! O Bispo vai querer descobrir as imagens logo depois... Se êle der de cara como o manequim... Nem quero imaginar!

P. CAMILO — Por onde anda êle?

P. JOSÉ — Saiu para visitar as casas dos fiéis que alcançaram graça do santo milagroso. Deu a entender que eu serei transferido para outra Paróquia, se o ambiente criado pelo milagre não o satisfizer...

P. CAMILO — Transferido, depois de trinta anos?

P. JOSÉ — Eu me sentirei como peixe fora d'água! Eu vi nascer esta cidade, construí esta igreja, batizei tôda esta geração e casei os pais... Ai de mim, se não puder morrer aqui e ser enterrado nesse mesmo cemitério... que eu mesmo estreei abençoando Zé-Coveiro, o primeiro morto...

P. CAMILO — Viu os jornais?

P. JOSÉ — Jornais?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0671,P.70

P. CAMILO **(Coloca-os sôbre a mesa. Pegando um)** — "Padre milagroso ressuscita mortos!"

P. JOSÉ — Que exagêro!

P. CAMILO — "Pescador moribundo salvo por São Francisco de Assis!"

P. JOSÉ **(Pegando outro)** — "Cura de doentes por velho padre milagroso"! Oh, o Bispo vai ficar furioso com isso!

P. CAMILO **(Lendo outro)** — "Romarias partem de todos os pontos do Estado rumo à cidade milagrosa". Mais adiante: "Esperam alcançar graças do santo padre".

P. JOSÉ — "Exploração da fé em pequena cidade..." Exploração?!

P. CAMILO — Jornal de esquerda...

P. JOSÉ — Vamos guardar isto! **(Coloca-os no armário).**

P. CAMILO **(Lendo o livro que estava sôbre a mesa)** — Contabilidade do milagre?

P. JOSÉ — É... Estou organizando...

P. CAMILO — Qual o saldo?

P. JOSÉ — Mais de trinta mil cruzeiros em dois dias.

P. CAMILO — Trinta mil! O negócio é rendoso...

P. JOSÉ — Vou empregar tudo na reforma do casarão, para escola!

P. CAMILO **(Sem convencer)** — Muito bem... Conseguiu então o que queria... Além do Coronel, muitas outras pessoas voltaram para sua igreja...

P. JOSÉ — Não se incomode, senhor Camilo... Interêsses políticos!

P. CAMILO — Não... É fé no duro... Muita gente "virou" depois do milagre da salvação do Juca-Protestante, agora Juca-Católico... Todo mundo tem mêdo de ser castigado como o Júca... Minha igreja, hoje, na hora do culto estava vazia de se ouvir o rio passar...

P. JOSÉ — Eu sei o que é sentir-se abandonado...

P. CAMILO **(Suspiro profundo)** — É... **(Intereseiro)** Ainda bem que me resta a escola...

P. JOSÉ — A escola? Mas o senhor não havia desistido?

P. CAMILO — Pensei melhor sôbre o caso e acho que o senhor tem razão: com o casarão nós realizaremos a maior obra da cidade!

P. JOSÉ — E se eu fôr transferido?

P. CAMILO — Farei o possível para levar nossa idéia avante. Não se preocupe...

P. JOSÉ **(Irônico)** — É muita bondade de sua parte...

P. CAMILO — Tenho um nome ótimo para a escola: Escola do Nôvo Pensamento Cristão!

P. JOSÉ — Mas, nessa escola, poderia se repetir entre os alunos o tal "impossível namôro de Dito e Teresinha"...

P. CAMILO — Não é impossível!

P. JOSÉ — Não é mais?

P. CAMILO — Não. Eu evoluí naquele raciocínio, e acabei concordando com o senhor: êles devem continuar juntos pelo casamento!

P. JOSÉ — Casamento?

P. CAMILO — Ainda mais agora! Aliás, sôbre êste assunto, precisamos marcar a data!

P. JOSÉ — Data de que?

P. CAMILO — Data do casamento...

P. JOSÉ — Entre Dito e Teresinha?

P. CAMILO — É claro! O senhor ainda não está a par da situação?

P. JOSÉ — Que situação?

P. CAMILO — Dito não lhe falou nada?

P. JOSÉ — Disse que a Teresinha tinha vindo visitá-lo...

P. CAMILO — Só?

P. JOSÉ — Só... Que mais?

P. CAMILO — Que rapaz safado!

P. JOSÉ — Por que?

P. CAMILO — Por que não quer se casar?

P. JOSÉ — Êle não quer contrariar São Francisco!

P. CAMILO — Êle tem que contrariar São Francisco!

P. JOSÉ — Eu não entendo mais nada!

P. CAMILO — Eu vou ser tio, senhor José!

P. JOSÉ — Tio?

P. CAMILO — Tio do filho de Dito...

P. JOSÉ — Tio do filho... Repete, senhor Camilo, eu acho que não escutei bem...

P. CAMILO — Eu vou ser tio do filho de Dito...

P. JOSÉ **(Analisando devagar)** — O senhor vai ser tio do filho de Dito... **(Pausa)** Acho que o senhor está enganado... O senhor quer com isso dizer que... Dito e Teresinha... **(Embaraço).**

P. CAMILO — Isto mesmo: Dito e Teresinha. **(Embaraço).**

P. JOSÉ — Mas como?!

P. CAMILO — Como todo mundo...

P. JOSÉ — Mas o Dito é um menino tão ingênuo...

P. CAMILO — A Teresinha também... Mas acontece que juntaram as ingenuidades...

P. JOSÉ — E quando foi?...

P. CAMILO — Anteontem...

P. JOSÉ — Anteontem...

P. CAMILO — Na ponte...

P. JOSÉ — Na ponte... Na ponte!

P. CAMILO — Uniram-se e nos uniram!

P. JOSÉ — Na ponte!

P. CAMILO — Êles! Nós, aqui!

S.CPR.TEA.PTE.
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.71

P. JOSÉ — Será difícil convencer Dito!

P. CAMILO — Temos que convencer!

P. JOSÉ — Que diz a Bíblia sôbre isso?

P. CAMILO — A Bíblia não diz nada, mas o Código Penal é bastante claro!

P. JOSÉ — Dito é o maior devoto do santo milagroso!

P. CAMILO — Só há uma solução: o santo voltar atrás!

P. JOSÉ — Os santos não voltam atrás!

P. CAMILO — Nem os delegados, senhor José... E eu falei com o Dr. Delegado...

P. JOSÉ — Nesse caso...

P. CAMILO — São Francisco verificou, de ontem para hoje, que Dito pela sua fé, e Teresinha pelo seu amor, mereciam continuar juntos...

P. JOSÉ — São Francisco vai falar novamente ao Dito?

P. CAMILO — Vai.

P. JOSÉ — É muito arriscado... Pense no Bispo, senhor Camilo... O Bispo!

P. CAMILO — Penso em Teresinha...

P. JOSÉ — Espere o Bispo partir!

P. CAMILO — Quando o Bispo se fôr, poderá levá-lo junto. E sem o senhor eu não poderei fazer o milagre.

P. JOSÉ **(Choroso)** — O Senhor também acha que o Bispo vai me transferir...

P. CAMILO — Preciso pensar em tôdas as hipóteses.

P. JOSÉ — É... até o senhor acha... eu também acho... Estou mesmo perdido...

P. CAMILO — O milagre tem que ser antes do meio-dia!

P. JOSÉ — Eu não sei ser padre noutro lugar...

P. CAMILO — Esta é a última meia hora os santos estão cobertos.

P. JOSÉ — No fundo eu sou um homem feliz...

P. CAMILO — Vamos preparar o nôvo milagre!

P. JOSÉ — Sonhei tanto com a escola...

P. CAMILO — O senhor deve deixar-me a sós com Dito. Mande-o acender uma vela, ou fazer uma oração, que eu farei o milagre...

(Pastor Camilo descobre o manequim, coloca-o dentro do guarda-roupa e fica com o pano na mão. Vindo da esquerda, o Bispo entra na praça. Uma comitiva o acompanha tendo Juca à frente. Durante a cena seguinte o Padre e o Pastor preparam tudo para o nôvo milagre).

BISPO — Obrigada pela companhia!...

JUCA — Disponha, senhor Bispo...

BISPO — Onde está o tal vendedor das imagens?

JUCA — Ali na esquina...

BISPO — Onde está a esquina?

1.º FIEL — No fim desta rua, no começo da outra...

BISPO — Oh... Leve-me até lá... Não enxergo nada sem os óculos!

(A comitiva acompanha a ilustre figura. O Mascate percebe e mansamento vai se retirando).

JUCA — Um momento, mascate!

MASCATE — Ah! Bom dia, senhor Bispo. Deus o guarde...

BISPO — É o senhor que tem para vender uma imagens de São Francisco?

MASCATE — Eu?... Ah... Sim...

BISPO — Deixe-me ver.

(O Mascate entrega uma imagem ao Bispo que a aproxima dos olhos como se a cheirasse).

BISPO — Um pouco diferente, talvez...

MASCATE — Daquele que está no céu?

BISPO — Das outras imagens de São Francisco!

(Os Fiéis apertam o círculo ameaçando o Mascate).

MASCATE — Essa é meio moderna... Futurista!

BISPO — Ah! Futurista!

MASCATE — Como as da capela de Brasília...

BISPO — Por enquanto não posso situá-la em nenhuma corrente de arte clássica ou moderna... Meus óculos estão na bagagem e eu sem êles enxergo muito mal.

MASCATE **(Aliviado)** — É uma pena... O senhor ia gostar muito...

BISPO — Façamos um trato: se esta imagem se assemelhar à imagem da sacristia, muito bem; caso contrário, o senhor vai devolver o dinheiro a todos os compradores e passar alguns dias meditando...

MASCATE — Na igreja?

BISPO — NA CADEIA!!!

MASCATE — Ora, senhor Bispo... Eu garanto que é igual... igualzinha!

BISPO — E não tente fugir!

JUCA — Ah!... Isso vai ser difícil...

BISPO — Não venda mais nada!

MASCATE — Não senhor... **(O Bispo vai se retirando)** A bênção, senhor Bispo...

BISPO **(Embaraçado)** — De-deus o abençoe...

(Os fiéis um a um beijam a mão do Bispo e se retiram. Na sacristia).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, p. 72

P. CAMILO — Agora vá chamar o sacristão. Novamente em cena o verdadeiro santo milagroso!

(O Bispo dirige-se à sacristia. Padre José sai e encontra-se com o Bispo, na porta).

P. JOSÉ **(Assustado)** — SENHOR BISPO!

BISPO — Bom dia, padre...

P. JOSÉ — Bom dia...

BISPO — Tudo preparado para a cerimônia da Aleluia?

P. JOSÉ — Quase tudo...

BISPO — Que vinho usa no sacrário?

P. JOSÉ — O "Pindorama" de uva moscatel do Rio Grande do Sul...

BISPO — Hum... Bom... Pode deixar que eu mesmo celebrarei a santa missa...

P. JOSÉ — Será uma honra para mim...

(Nese ínterim, o Jornalista entra pé ante pé, na sacristia. Vai examinar o guarda-roupa).

BISPO — Estive esta manhã, verificando certas coisas...

P. JOSÉ — Sei... sei...

BISPO — Temos muito que conversar...

P. JOSÉ — Pois não, D. Arlindo...

(O Jornalista acha o manequim no guarda-roupa e uma velha batina. Veste a batina no mnequim, e coloca-o diante do Pastor coberto. Toma posição e bate fotografias do manequim de costas, com o Pastor ao fundo, como santo).

BISPO — O que acha o senhor desta imagem?

P. JOSE — Nada especial...

BISPO — Pois eu preciso analisá-la melhor... Por favor, vá até a casa paroquial e mande trazer minha valise com os óculos...

P. JOSÉ — Pois não...

(Na sacristia, o jornalista começa a olhar todos os santos, levantando os sudários roxos).

BISPO — O senhor vai confessar, padre?

P. JOSÉ **(Assustado)** Confessar... o que?

BISPO — Confessar e comungar.

P. JOSÉ — Ah... sim... Confessarei...

BISPO — Eu o espero na igreja.

(Padre José sai antônito. O Bispo entra na sacristia no momento exato em que o Jornalista prepara-se para levantar o sudário do Pastor).

BISPO — Que significa isto?

JORNALISTA — Ah!... Sua Excelencia, o Bispo!

BISPO — Que deseja?

JORNALISTA — Esperava o senhor para tirar uma foto!

BISPO — Foto?

JORNALISTA — Não se mova! **(Bate ama chapa)** Perfeito! Para a capa da revista das "Famílias Cristãs" de São Paulo!

BISPO — Está pensando que aqui é a casa da sogra?

JORNALISTA — A casa de Deus, senhor Bispo!

BISPO **(Ao manequim)** E o senhor, que deseja?

JORNALISTA — É um modêlo...

BISPO **(Batendo com as mãos no manequim)** Ah, um boneco! Não enxergo nada sem os óculos... **(Pegando o manequim)** Leve seu modêlo daqui!

JORNALISTA — Não, êste manequim...

BISPO — Saia logo, moço! Que petulância!

(O Bispo empurra o jornalista, dando-lhe o manequim. O Jornalista vai ter com o Mascate).

MASCATE — Conseguiu?!

JORNALISTA — Consegui! Até do Bispo!

MASCATE **(Apontando o manequim)** Que é isso?

JORNALISTA — Presente do Bispo... Vamos revelar as fotografias!

MASCATE — Não posso sair daqui... O Bispo percebeu que meu santo era um santo de"araque"... Estou sendo vigiado...

JORNALISTA — Tenho pressa... Até depois...

(O Jornalista sai ràpidamente com o manequim, cruzando com o Padre José e Dito que carrega a valise do Bispo).

P. JOSÉ **(Vendo o manequim)** — Será o Benedito? **(Apressa o passo)** Ou será o Francisco?

(Padre José e Dito entram na sacristia).

P. JOSÉ — Onde está o senhor Bispo?

DITO — Deve está no altar...

P. JOSÉ — Vá até lá verificar... **(Dito sai)** É o Camilo?

P. CAMILO **(Descobrindo a cabeça)** Não, é o Francisco!

P. JOSÉ — Ah, então era o Franc... **(Abre o guarda-roupa)** Ah, meu santo De... Como foi?

P. CAMILO — Sei lá... Uma confusão... Vá chamar o Dito!

P. JOSÉ — Para que?

P. CAMILO — Para o milagre...

P. JOSÉ — Está louco?

P. CAMILO — Tem que ser agora...

(Dito volta. Pastor Camilo se cobre).

DITO — O Bispo está fuzilando de raiva, só porque eu não preparei o altar... Mandou buscar os óculos!

P. JOSÉ **(Pegando a valise)** — Eu os levo... **(De saída)** Faça uma oração ao santo... Quem sabe assim êle pode resolver seu problema... Não... Não faça nada... Depois...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 73

(Sai para o altar).

DITO — Uai... Que deu no "seu" vigário? Vou fazer uma oração, sim... **(Ajoelha-se diante do Pastor).**

P. CAMILO **Voz empostada, sob o pano).** — Dito!... **(Dito pula para traz).**

P. CAMILO — Case-se com Teresinha! Um filho se concebe sob um teto cristão e não sob uma ponte!

DITO — MILAGRE!!!

P. CAMILO — Deus que abençoe você e Teresinha!

DITO **(Começa a fazer estardalhaço)** Milagre! Milagre!

(O Bispo entra correndo. O Padre José atráz).

BISPO — Que foi, menino?

DITO — Êle falou!

BISPO — Quem?

DITO — Milagre!

BISPO — Que foi?

DITO — O santo falou!

BISPO **(Segurando Dito)** — O santo?

DITO — Alcancei a graça! **(Padre José agoniza da porta).**

BISPO **(Balançando Dito)** — Fique quieto!

DITO **(Caindo) de joelhos)** — São Francisco!!!

BISPO — **(Levantando-o)** Deixe disso!

DITO — O santo falou comigo!

BISPO — Deixe de bobagens!

DITO — Eu escutei. Êle disse que eu posso...

BISPO — Pare quieto!

DITO — ... eu posso casar! **(Cai de joelhos).**

BISPO — Isto é pecado!

DITO — Posso casar! Meu amado santo!

BISPO — Deixe de coisas! **Levanta-o.**

DITO — **(cai de joelhos)** Não faça isso!

DITO — Me deixe ajoelhado!

(Bispo anda de um lado para outro).

DITO — "Padre Nosso que estais no céu...

BISPO — Pare!

DITO — ..."venha a nós o Vosso Reino..."

BISPO — Irreverente!

DITO — Eu escutei!

BISPO — Não é possível!

DITO — Foi milagre!

BISPO — Foi nada!

DITO **Levanta-se)** O senhor é um incrédulo!

BISPO — Olhe com quem está falando!

DITO — Com um bispo que nem sabe o que é um milagre! Nunca escutou um santo!

BISPO — Não deturpe as coisas sagradas da igreja!

DITO — Igreja pro senhor é roupa bonita e boa comida!

BISPO — Menino!

DITO — O senhor usa a Igreja pra viver bem!

BISPO — Saia daqui!

DITO — Politiqueiro!

BISPO — SUMA!!!

DITO — Hereje de uma figa!

(Dito sai correndo para a ponte, gritando).

DITO — TERESINHA! TE-RE-SI-NHA!!! **(Sai gritando em direção à casa do Pastor. Da sacristia o Bispo assiste tudo, estupefato).**

BISPO — É o fim do mundo! Eu não entendo mais nada! Escutam santos falar, alcançam graças incríveis! Essas muletas, êsses retratos ,essas peças de cera, êsse sacristão maluco... **(Tira do bôlso)** Sabe o que é isso?

P. JOSÉ — Um prego!...

BISPO — O pagamento de uma graça alcançada por uma mãe! É o cúmulo! O filho engoliu o prego e ela prometeu o prego ao santo se êle ajudasse o filho a... O santo virou purgante! Não sei como pode acontecer isso!

P. JOSÉ — Fé, D. Arlindo... Fé...

BISPO — Fezes, isto sim... Fezes! E não é só isso! Veja essa imagem **(Mostra-a)** Santo Antônio, pintado com barba para ser vendido como São Francisco! Isto é coisa de cadeia!

P. JOSÉ — Não importa a forma da imagem, mas o que ela representa...

BISPO — Pior ainda é a exploração política! Maldito Coronel Chiquinho! O senhor viu a faixa em frente ao comitê político? "Coronel Francisco saúda São Francisco"!

P. JOSÉ — É a redenção do Coronel que volta para nossa igreja...

BISPO — Redenção?! Pois eu vou arrasar mais uma vez com o Coronel! Hoje, durante o sermão vou alertar a população contra êsse ato demagógico e sacrílego do Coronel!

P. JOSÉ — Vai se repetir tudo outra vez!

BISPO — E a culpa é sua, padre! Por isso resolvi transferi-lo para o "Recolhimento de São Pedro", na Capital. Para que dedique seus últimos dias à meditação.

P. JOSÉ — Meditação... Eu meditei a vida tôda... Agora eu quero fazer alguma coisa de útil... Eu não posso deixar esta cidade!

BISPO — Não esqueça a sua condição de obediente servidor de Deus!

P. JOSÉ — Eu nunca servi a Deus!

BISPO — A sua permanência na cidade é prejudicial à nossa diocese...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,V.19.

P. JOSÉ — Prejudicial, D. Arlindo? Justamente agora que eu quero realizar alguma coisa?

(O Bispo enquanto fala, vai tirando os sudários roxos dos santos).

BISPO — Formou-se à sua volta uma crença de santidade e o povo passou a idolatrar uma pessoa e não a insttiuição de Cristo!

P. JOSÉ — Mas eu represento a Igreja!

BISPO — Estamos quase na hora da missa. Durante o evangelho anunciarei ao povo sua partida e exaltarei sua pessoa.

P. JOSÉ — Minha partida, quando?

BISPO — Amanhã, comigo...

P. JOSÉ — Amanhã...

(Todos os santos já estão descobertos, com exceção do Pastor Camilo. O Bispo dirige-se para êle. Padre José percebe a situação).

P. JOSÉ **(Interceptando a passagem)** — Pode deixar. Eu descubro êste! Promessa...

(O Bispo olha desconfiado e retira-se para o altar).

P. CAMILO — Não agüento mais! **(Descobre-se).**

P. JOSÉ — Fique coberto!

P. CAMILO — Logo chega a imagem verdadeira... Era para chegar no trem das onze e quarenta e cinco...

P. JOSÉ — Faltam cinco minutos para o meio-dia... **(Abre a porta da sacristia e olha para a praça)** Nem sinal de santo...

(O Jornalista passa ràpidamente pelo Mascate).

MASCATE — E o trem?

JORNALISTA — O das onze e quarenta e cinco está com uma hora de atraso! **(Sai).**

MASCATE — Estou perdido!

P. JOSÉ — Estou perdido! **(Entra)**

P. CAMILO — Podemos tomar cadeia!

P. JOSÉ — De santo a salafrário!

P. CAMILO — Só temos uma saída!

P. JOSÉ — Qual?!

P. CAMILO — A fuga!

P. JOSÉ — A fuga... não evitará minha excomunhão!

P. CAMILO — Mande o Papa às favas!

P. JOSÉ — O Papa às... não posso...

P. CAMILO — Pense na sua vida!

P. JOSÉ — Pensar em mim? Quem sou eu, sòzinho?

P. CAMILO — Um homem, antes de tudo!

P. JOSÉ — Eu sem a Igreja não sou nada!

P. CAMILO — Cada um de nós é uma igreja sòzinho!

P. JOSÉ — Senhor Camilo... Não é hora para tentar me converter...

P. CAMILO — Eu e o senhor somos duas igrejas! Vamos uni-las e fundar um terceira!

P. JOSÉ — Credo!

P. CAMILO — O senhor abandona o Vaticano e eu abandono a minha igreja! Fundaremos a nossa "Igreja do Nôvo Pensamento Cristão"!

P. JOSÉ — Céus!

P. CAMILO — Iremos para bem longe e iniciaremos a nossa doutrinação! No Acre!

P. JOSÉ — No Acre tem índio!

P. CAMILO **(Meio em delírio)** — Uma Igreja onde não se fale só latim e se leia trechos da Bíblia, mas onde se ensine o povo a pensar e enxergar as injustiças sociais!

P. JOSÉ — Isto me cheira a...

P. CAMILO — Cada membro da Igreja trabalhará não para si e sua família, mas para um fundo geral da Igreja que distribuirá a cada um, segundo as suas necessidades. Não existirão nem ricos, nem pobres nessa maravilhosa comunhão de bens!

P. JOSÉ — Isto é comunismo!

P. CAMILO — Vejo a raiz da nossa Igreja alastrar-se e dominar o país!

P. JOSÉ — O senhor está delirando!

P. CAMILO — ... Ultrapassar as fronteiras, dominar todo o continente, atravessar os mares e chegar do outro lado do mundo! Os japonêses conhecerão nossa doutrina! Os indianos e europeus, também!

P. JOSÉ — Acorde senhor Cami[illegible] **(Chacoalha o Pastor Camilo).**

P. CAMILO — Os americanos e judeus serão doutrinados!

P. JOSÉ — Homem dos céus!

P. CAMILO **(Abraça Padre José numa atitude heróica)** — Vamos! Vamos partir!

(O Bispo entra. Pausa. Embaraço).

BISPO — Quem será o sacristão para iniciarmos a cerimônia? **(Olha o Pastor Camilo)** Que é isso. **(Bate com os nós dos dedos no Pastor)** Outro manequim?

P. JOSÉ — Êste é o senhor Camilo, pastor da Igreja Protestante...

BISPO — Que deseja o senhor no sagrado templo católico?

P. CAMILO — Explique a êle, senhor José...

P. JOSÉ — Eu... Bem... o senhor Camilo...

P. CAMILO — Fale-lhe da "Igreja do Nôvo Pensamento Cristão"!

B$SPO — Igreja do Nôvo Pensamento... o quê?

P. CAMILO — Esta doutrina é...

P. JOSÉ **(Interceptando)** — É que o senhor Camilo veio fazer algumas reclamações, senhor Bispo...

BISPO — Reclamações?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.75

P. CAMILO — Reclamações?

P. JOSÉ — O senhor Camilo pede a minha transferência da cidade...

BISPO — Transferência?! **(Indignado)** Com que petulância o senhor pede a transferência de um ministro da minha Igreja?

P. CAMILO — Eu...

(Pausa)

BISPO — Não tem coragem de enfrentar-me? Vamos, fale a mim e não a meu pobre e indefeso pároco!

P. CAMILO — Bem... é que... êsse... êsse milagre que tomou conta da cidade está prejudicando minhas atividades de evangelizador... Esta farsa...

BISPO — Farsa?!

P. CAMILO — Esta farsa está roubando à minha Igreja os mais dedicados adeptos, guiados pela propaganda demagógica dêsse pároco [illegible]e escuta santos falar, alcança graç[illegible]s incríveis!

BISPO — O povo nunca estêve tão fervoroso!

P. CAMILO — Essas muletas, êsses retratos, essas peças de cera... **(Pegando o prego sôbre a mesa)** êsse prego... Não sei como pode acontecer tudo isso...

BISPO — Fé, senhor Pastor... Fé!

P. CAMILO — Fé... Não é bem isso... O povo está deturpando as coisas da vossa Igreja... Veja essa imagem! **(Pega-a)** Um outro santo, pintado com barba para ser vendido como o santo milagroso!

BISPO — Não importa a forma da imagem, mas o que ela representa!

P. CAMILO — E a exploração política? Há uma faixa em frente ao comitê político do Coronel: "Coronel Francisco salúda São Francisco"!

BISPO — É a... É a...

P. JOSÉ — Redenção...

BISPO — É a redenção do Coronel que volta para nossa Igreja!

P. CAMILO — Formou-se à volta dêsse padre uma crença de santidade e isto é prejudicial à nossa cidade...

BISPO — Prejudicial, por que?

P. CAMILO — O povo passou a idolatrar uma pessoa e não a uma instituição de Cristo... e êle passa a ser um todo-poderoso!

BISPO — Nossos ministros representam nossa Igreja!

P. CAMILO — Êste homem é nocivo à cidade!

BISPO — Convença o povo disto!

P. CAMILO — É necessária e urgente sua transferência!

BISPO — Nunca! Daqui êle não sairá!

(Padre José está boquiaberto. Dito entra da rua).

DITO — Estou atrasado, seu vigário?

P. JOSÉ — Está.

BISPO — E não temos mais assuntos a tratar, senhor Pastor! Passe bem! **(Para Dito)** Você levou a imagem de São Francisco para o altar?

DITO — Eu? Não!... Creguei agora...

BISPO — Pois pode arrumar a trouxa e ir embora. **(Ao Padre)** Onde está a imagem, padre?

P. JOSÉ — A imagem de São Francisco?

DITO — O santo milagroso?

P. CAMILO **(Apontando o nicho vazio)** — Não é esta?

BISPO — Qual?

P. CAMILO — Esta imagem...

BISPO — Imagem?!

P. CAMILO — Imagem de São Francisco, se não me engano...

BISPO — Não vejo!

P. CAMILO — Aqui!

BISPO — Onde?

P. CAMILO — Esta que o padre descobriu agora pouco... que estava coberta com êsse pano... Não é esta, senhor José?

P. JOSÉ — É... é sim...

BISPO — O senhor está vendo?

P. JOSÉ **(Receoso)** — Ali, no nicho...

BISPO **(Aproxima-se)** — No nicho?

(Dito aproixma-se indignado do nicho).

P. CAMILO — A imagem que tanta desordem tem provocado!

P. JOSÉ — Desordem não, senhor Camilo. Milagre!

P. CAMILO — Desordem!

P. JOSÉ — Milagre!

BISPO — Os senhores... Meus óculos! Meus óculos! **(Sai para o altar).**

DITO — O senhor está vendo mesmo?

P. JOSÉ — Sim Dito... **("Assustadíssimo")** Você não vê?!

DITO — Eu...

P. CAMILO — Os pecadores não conseguem ver as imagens milagrosas...

P. JOSÉ — Você não vê, meu filho?

DITO — Vejo... Vejo, sim senhor...

P. CAMILO — Uma vez eu soube de um caso parecido, em vossa Igreja... Só conseguiam ver a imagem milagrosa as pessoas puras, sem pecado!

DITO — Mas eu estou vendo, sim...

(O Bispo volta com os óculos).

DITO — É pra levar o santo para o altar, "seu" vigário?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0617, p. 76

BISPO — Santo? Que santo?

DITO — São Francisco...

BISPO — Onde?

P. CAMILO — Não vê?...

P. JOSÉ — Não vê?

BISPO — Não, ora essa!

DITO — Credo!

BISPO — Ali no nicho?...

DITO — No nicho...

P. CAMILO — Imponente e magnífica!

BISPO — Confesso... Não vejo imagem nenhuma!

DITO — O senhor é pecador!

BISPO — Menino!

DITO — Pecador! Pecador! **(Corre para a porta).**

BISPO — Pare com isso!

DITO — PECADOR!!! **(Sai correndo para a praça)** O Bispo é pecador! O Bispo não vê o santo! **(Sai gritando).**

BISPO — Que gritaria é essa?

P JOSÉ — Não sei...

P. CAMILO — Por certo, Dito está espalhando vossa pilhéria ao povo!

BISPO — Que pilhéria?

P. JOSÉ — Vossa brincadeira, D. Arlindo!

BISPO — Mas que brincaedira, homem?

P. JOSÉ — De não ver a imagem de São Francisco!

BISPO — Eu acho que estou sonhando! Que se passa com vocês? Vocês estão brincando?

P. CAMILO — Como, senhor Bispo?

P. JOSÉ — Brincando, por que?

BISPO **(Desesperado)** — Eu não vejo nada! **(É consolado pelo padre e pastor).**

(Na praça, Coronel Chiquinho reúne três homens).

CORONEL — Essa é a nossa oportunidade! Eu soube que o Bispo quer nos atacar outra vez, durante o sermão! Espalhem pela cidade inteira que êle não consegue ver o santo milagroso, por causa dos seus pecados! **(Os três vão saindo)** Voltem! Tem mais! **(Os três voltam)** Todo-mundo no partido tem que ver o santo! Se houver por acaso algum pecador que não consiga ver, digam a êle para fingir! !Eu quero que nessa cidade inteira, sòmente um homem tenha pecado: o Bispo! **(Faz um sinal. Os três retiram-se, cada qual para um lado).**

(O Coronel Chiquinho dirige-se à sacristia. Entra).

CORONEL — Bom dia, senhores!

P. JOSÉ — Coronel... **(Olha receoso ao Bispo que se recompõe).**

CORONEL **(Diriigndo-se ao nicho vazio)** — Bela imagem, Padre José! Bela imagem! Vê-se logo que é uma imagem milagrosa! Que bela expressão no olhar! **(Ao Pastor Camilo)** Muito bem, Pastor! Veio depor vossa fé junto à imagem milagrosa?!

P. CAMILO — Vim conversar com o Padre José...

CORONEL — Negócios?

BISPO —Reivindicações absurdas! **(Sai para o altar).**

CORONEL — Absurdas? Que deseja o senhor que "sua santidade", o Bispo, não aprova?

P. CAMILO — Fundar uma escola junto ao Padre José.

CORONEL — Uma escola?!

P. CAMILO — A escola do Nôvo Pensamento Cristão!

CORONEL — E o Bispo não permite?...

P. CAMILO — Não deseja a união [illegible] ideais do Padre José com os meus... **(Trágico)** Fracassamos!

CORONEL — Longe disso!

BISPO **(Voltando)** — Vamos iniciar a missa, Padre...

CORONEL **(Provocador)** — Aproveito essa oportunidade para doar aos santos párocos das igrejas de nossa cidade, minha propriedade e meu apoio financeiro, para a construção de uma escola!

BISPO — Toque o sino, Padre! Já passa do meio-dia! **(Sai).**

(Coronel abre a porta da sacristia).

CORONEL — Povo de minha terra! **(As pessoas se agrupam perto da porta)** Êste é o momento de exaltação de nossa fé! Eu me sinto orgulhoso de poder, junto aos santos da nossa cidade, Padre José e Pastor Camilo, anunciar a fundação da escola modelo da cristandade! A Escola do Nôvo... Nôvo o quê?

PADRE e PASTOR — Nôvo Pensamento Cristão?

CORONEL — Nôvo Pensamento Cristão! Vamos todos festejar êsse grande acontecimento, com banda, foguetes e uma chuva de rosas!

(Vivas entre o povo. O Coronel sai acompanhado pelo povo. Fica apenas Teresinha na praça, que dirige-se para a sacristia).

DITO **(Entrando afobado na sacristia)** — Padre José! O Bispo começou a missa sòzinho, e não tem ninguém na igreja!

P. JOSÉ — Oh, meu São Benedito...

P. CAMILO — Não pense mais no Bispo. É carta fora do baralho!

(Teresinha entra na sacristia. Quase desmaia de susto). !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,1.77

TERESINHA — Oh!...

P. CAMILO — Que foi, Teresinha?

(É acudida por todos).

TERESINHA **(Chorando)** — O nicho... o nicho vazio!

P. JOSÉ — Nicho vazio...

TERESINHA — Eu sou uma pecadora!

DITO — Não chore, Teresinha... Eu também não vi o santo...

TERESINHA — Você me levou para o mau caminho, com sua maçã...

P. CAMILO — Ora, não se aborreça... Antes do casamento você verá, pode ter certeza!

TERESINHA — Antes do casamento com Dito?

P. JOSÉ — Mas é preciso que deixem de se encontrar na ponte...

(Simão e Takawa, vindos do fundo, trazem a imagem verdadeira embrulhada em papel e colocada sôbre um andor. Batem à porta da sacristia).

TERESINHA — Se eu voltar a ser como antes, eu vejo o santo?

P. CAMILO — Vê... **(Atende a porta)** Muito antes do que você pensa... **(Fecha a porta).** Agora vá com Dito para a festa! Pela porta do altar...

DITO — O Bispo está rezando a missa... Vamos atrapalhar...

P. CAMILO — Reza de pecador não tem valor...

(Dito e Teresinha saem).

P. CAMILO **(Abrindo a porta)** — Chegou o santo verdadeiro...

SIMÃO **(Entrando)** — O trem atrasou, senhor Camilo...

P. CAMILO — Até que foi bom...

TAKAWA — Quando precisar é só cha[mar]...

SIMÃO — E pagar... **(Estende a mão. O Pastor dá-lhe um níquel. Takawa e Simão saem).**

P. CAMILO — Estamos salvos!

P. JOSÉ — Vamos desembrulhar e mostrar ao povo!

P. CAMILO — Não! Espere! O povo é pecador e não deve ver o santo!

P. JOSÉ — Que?!

P. CAMILO — Para que cada fiel consiga ver o santo, é preciso antes que cumpra uma boa ação para purificação da alma! Vamos esconder a imagem no armário! Deixaremos que a imagem seja vista apenas pelos que merecem!

P. JOSÉ — Apenas os que merecem?...

P. CAMILO — Com êsse incentivo, em breve tôda a cidade poderá ver! Nós julgaremos os bons e os maus... Aos bons mostraremos a imagem...

P. JOSÉ — E aos maus o andar vazio...

P. CAMILO — Teremos o contrôle da população! Contrôle espiritual!

P. JOSÉ — Mas é uma mentura!

P. CAMILO — Os meios não importam quando o fim é para o bem!

P. JOSÉ — Deve haver um meio de dar tudo ao povo dentro da verdade!

(Ouve-se uma banda que se aproxima. Pastor Camilo guarda a imagem no armário).

P. CAMILO — A banda vem aí! Vamos ao encontro do povo com o andor vazio!

P. JOSÉ — Ao encontro do povo?

P. CAMILO — Pegue na outra ponta... **(Levanta o andor)** Vamos, levante!

(O andor é erguido, e os dois religiosos saem carregando-o até à praça).

P. JOSÉ — Não posso... Não posso enganar a todos!

P. CAMILO — Padre, controle-se... O andor está virado. Assim a "imagem" cai...

P. JOSÉ — Vou contar a verdade a todomundo!

P. CAMILO — É o nosso fim!

P. JOSÉ — O começo para êles!

P. CAMILO — Êles vão fazer revolução!

P. JOSÉ — Eu vou ajudar!

P. CAMILO — Quieto... Estão chegando... Faça um ar santificado.

(Entra o cortejo na praça, tendo o Coronel à frente. Dois homens carregam uma faixa: "Coronel Francisco saúda São Francisco").

CORONEL — Silêncio!!! **(A banda pára. Aos poucos, faz-se silêncio).** Ajoelhemos diante da imagem de São Francisco Milagroso! Adoremos esta beleza incomparável, que só os puros e santificados podem ver!

(O Coronel se ajoelha. Aos poucos, tôdas as pessoas vão se ajoelhando. O Bispo aparece com sua valise. Está de partida).

CORONEL — Perdoai, oh santo milagroso, os pecadores dessa cidade, que não conseguem ver vossa deslumbrante beleza!

(O Bispo vagarosamente começa a atravessar a praça. O Padre treme. Todos acompanham o Bispo com o olhar).

MASCATE — Está vendo, senhor Bispo? **(Aponta o andor)** Igualzinha a que eu vendi! Não é mesmo, senhor Bispo?... **(Risadas)** O senhor não pode mais me mandar prender...

(Pausa. O Bispo aproxima-se vagarosamente do andor).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P. 78

BISPO — Igual?! Completamente diferente ,senhor Mascate! Aquela é Santo Antônio! Esta é São Francisco de Assis! Olhe as feições como são diferetnes. Note a expressão dos olhos de São Francisco buscando Deus na sua infinita soberania!

1.º FIEL — Eu quero meu dinheiro de volta!

(O Mascate tenta fugir).

2.º FIEL — Pega!!! Pega!!!

FIÉIS — Pega!!! **(O Mascate é cercado).**

JUCA — Malha o safado!

BISPO — Esperem! **(Nôvo silêncio)** Soltem o rapaz! **(Os fiéis obedecem).** Vamos provar ao santo, que somos todos pessoas de alma pura e coração bom. Perdoemos o gesto feio dessa pobre criatura. É o primeiro passo para ver o santo, para aquêles que por infelicidade ainda não viram... Todos que quiserem ver o santo, devem saber perdoar mesmo os inimigos mais baixos e traiçoeiros.

CORONEL — Eu o perdôo, bondoso Bispo...

BISPO — Eu também o perdôo, ilustre Coronel...

P. JOSÉ — Senhor Bispo... Uma perguntinha... O senhor vai comunicar o fato milagroso ao Arcebispo?

BISPO **(Hesita)** — Si-sim... naturalmente...

P. JOSÉ — E o Arcebispo ao Cardeal?...

BISPO — Por certo...

P. CAMILO — E com seu depoimento o Vaticano reconhecerá o fato?

BISPO — Provàvelmente...

JORNALISTA **(Num urro)** — FURO SENSACIONAL!!! O primeiro do mundo a noticiar! **(Manchete:)** PROCESSO DE CANONIZAÇÃO DE DOIS SANTOS BRASILEIROS!!! **(Sai correndo).**

P. JOSÉ — Um momento... Tenho uma revelação importante a fazer! **(Pausa)** O SANTO É O PASTOR!

P. CAMILO — O SANTO É O PADRE!

(Um tempo).

CORONEL — OS DOIS SÃO SANTOS!!!

UM FIEL — OS DOIS!!!

OUTRO FIEL — OS DOIS SÃO SANTOS!!!

JUCA — VIVA O SANTO PASTOR CAMILO!!!

TODOS — VIVAAA!!!

CORONEL — VIVA O SANTO PADRE JOSÉ!!!

TODOS — VIVAAA!!!

(Todos se aojelham, inclusive o Bispo. Um avião sobrevoa a praça e lança rosas sôbre a multidão. A banda volta a tocar. Pastor Camilo e Padre José divertem-se canônicamente, enquanto o povo reza a seus pés).

F I M

Esta peça só poderá ser apresentada em espetáculo de qualquer natureza, seja por que processo fôr, mediante autorização prévia da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS, que representa o autor, na forma da lei.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.79

O CRUZEIRO — **Accioly Netto**

À maneira da melhor maquiavélica comédia florentina, que faz ridículo de personagens religiosos, sem ofensas contundentes, com grande agilidade dialogal e agudo censo de observação, movimenta seus títeres humanís-simos, com muita simpatia, para demonstrar que tudo o que anda por aí não vai muito bem, em questão de moral e costumes, o que, afinal, não importa fundamentalmente. Uma forte comicidade está presente em quase tôdas as cenas, não só pelas situações criadas onde há uma certa crueldade na dissecação dos personagens, como principalmente no teor literário do texto. O público se diverte aprovando "O Santo Milagroso" com gargalhadas contínuas.

O sucesso que vem coroando "O Santo Milagroso" indica sua permanência em cartaz por muitos meses. Conclusão: ótima comédia, inteligente, maliciosa, com personagens vivos e ação de alta comicidade.

* * *

O ESTADO DE SÃO PAULO — **Décio de Almeida Prado**

Lauro César Muniz, não há dúvida, valeu-se de experiências anteriores do teatro paulista, aprendendo inclusive com algumas farsas apresentadas pelo Teatro de Arena, mas dentro dêsse esquema teatral que dentro de poucos anos começará provàvelmente a aparecer como o perfil de todo um grupo de autores, sabe manter a sua autonomia e a sua fisionomia própria. A sua comicidade, sobretudo menos doutrinária que a de seus companheiros de geração e mais preocupada com o puro jôgo das situações cênicas, não se confunde com a de nenhum outro.

DIONISIO AZEVEDO e LEONARDO VILLAR, numa cêna de "O SANTO MILAGROSO", na versão cinematográfica (1966), Direção de Carlos Coimbra.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,180

TEATRO DE AMADORES UNIDOS
~~TEATRO ALBERA~~ JESIEL FIGUIRÊDO

Cêna de "O SANTO MILAGROSO", na montagem em Curitib
(1965), vendo-se Edson D'Avila, Idelson Santos e Paulo Goulart
(no papel do Pastor Camilo) — Direção de Cláudio Corrêa
e Castro

TEATRO ALBERTO MARANHÃO
RIBEIRA - NATAL

Outra cena da peça mostrando JORGE CHAIA e LAFAYE
GALVÃO, montagem do Teatro Cacilda Becker, São Pa
em 1963.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, p.81

42

Ministério da Justiça
Departamento de Polícia Federal
Serviço de Censura de Diversões Públicas
Turma de Censura de Teatros e Congêneres
Brasília - D.F.

Laudo Censório

Título da Peça: O santo milagroso /////

Nome do Autor: Lauro César Muniz /////

Nome do Tradutor:

Gênero: Comédia - Peça Teatral /////

Entrecho: Falso "santo" provoca rebolíço numa pequena cidade onde o vigário e o pastor protestante mantêm uma situação de inimigos-cordiais, ajudando-se mùtuamente. / /////

Apreciação moral: O filme, sôbre o tema, foi liberado por êste SCDP com Certificado de LIVRE. A estória é interessante e não cria problemas morais, sociais nem religiosos ou políticos. É divertida principalmente porque iverossímel? Creio, portanto, que, se o Diretor de Encenação respeitar o seu público e não usar de má fé na marcação e no guarda-roupa, não criará maiores problemas para nós. ///////

Observações: Se possível, prèviamente observar o ensaio-geral. ///

Classificação final: Livre

Brasília (DF), 23 de maio de 1968

Censor Federal - matrícula nº 1.282.938

W3
9/4

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.82

43

Senhor [illegible] Censura

[illegible] abaixo indicada, com o [illegible] do Censor Dúcios, que procedeu o exame [illegible] mesma.

NOME DA PEÇA: O santo milagroso =

AUTOR:

RESTRIÇÃO SUGERIDA: Livre

OBS:

Em 23.05.68

Chefe [illegible]

VISTO

Encaminhe [illegible] processo à apreciação do Senhor Chefe do SCDP, [illegible] Real.

Em

Chefe [illegible]

DESPACHO

Expedi [illegible] de Censura de acôrdo com voto do Censor

Em

CHEFE [illegible]

W3/t21

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P

Certificado Nº 289/68

PEÇA -/ O SANTO MILAGROSO /-

ORIGINAL DE LAURO CÉSAR MUNIZ

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

VÁLIDO ATÉ 23 de MAIO de 19 69

Brasília, 23 de MAIO de 19 68

MANOEL FELIPE DE SOUZA LEÃO NETO
Chefe do S. C. D. P.

APCA/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 83

M.J.-D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº -01- fôlha nº -10-, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -/ O SANTO MILAGROSO /-

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P.

Original de LAURO CÉSAR MUNIZ

Tradução de

Adaptação de

Produção de TEATRO DE AMADORES UNIDOS -(NATAL- RN)-

Tendo sido censurada em 23 de MAIO de 19 68 e recebido a seguinte classificação: -: L I V R E :- -NENHUMA RESTRIÇÃO DE IDADE-

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ É VÁLIDO, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 23 de MAIO de 19 68

- CARLOS LÚCIO MENEZES -

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,p.84

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.85

EXMO. SR. DIRETOR DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

João Rocha, brasileiro, casado, residente à Rua da Liberdade, 46, Marília, Estado de São Paulo, responsável pelo Grêmio de Amadores de Teatro(GAT), vem mui respeitosamente solicitar a expedição de Certificado Liberatório de Censura para o texto abaixo, juntando, para tanto, o exigido por Lei.

Texto: "O Santo Milagroso"
Autor: Lauro Cesar Muniz
Tradutor: (prejudicado)
Nº de atos: 3 (três)

Nêstes termos
P. Deferimento

Marília(SP), 6 de maio de 1969

João Rocha

M. J. D. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 1922
Em 06/05/1969
Protocolista

RECEBI O PROGRAMA ANEXO
Em ___ de _____ de 19___

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto — de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, — de Paris. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Direitos de Representação Autorização Nº 162739

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: O Santo Milagroso

Original de Jauro Cesar Muniz

Música de

Tradução de

No Teatro Fac. Cun. Econom. Cidade Marília

Emprêsa Orozimbo & Giraldi ou Pela Cia. João Rocha

nos dias para Censura da peça

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de — % — da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ — por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

S. Paulo 12 de Maio de 1969

(pela SBAT)

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677,P.86

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama ,comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes do sautores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, runiões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,p.87

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.° N.° S/Nº
Data

Do: TÉCNICO DE CENSURA- CREDENCIADO BRASIL
Para: SR. CHEFE DA TCTC
Assunto: COMUNICAÇÃO(FAZ)

SENHOR CHEFE,

EM ATENDIMENTO A SUA DETERMINAÇÃO VERBAL PASSO AS VOSSAS MÃOS OS "SCRIPTS" DA PEÇA: O SANTO MILAGROSO", INFORMANDO-VOS QUE HÁ DIFERENÇA ENTRE O PRIMEIRO (CENSURADO) E O SEGUNDO COM A OMISSÃO DE MAIS DE DUAS FÔLHAS REFERENTES AS PAGS 55/56 E 61/62;

INFORMO A V.SA. QUE ESSAS OMISSÕES NÃO ALTERAM O SENTIDO DA CITADA PEÇA, HAVENDO SÒMENTE UMA DIMUNUIÇÃO NO SEGUNDO "SCRIPT".

SEBASTIÃO MINAS BRASIL COELHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.88

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.89

Sr. Chefe da Seção de Censura,

Anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com a informação do Técnico de Censura Minas Brasil, que a examinou,

TÍTULO: O SANTO MILAGROSO
AUTOR: Lauro César Muniz
INFORM.: OMISSÃO DE MAIS DE DUAS FÔLHAS, NÃO ALTERANDO, ENTRETANTO, O SENTIDO DA PEÇA, EM RELAÇÃO AO JÁ CENSURADO QUE FOI CLASSIFICADO COMO LIVRE.

Brasília, 09 de junho de 1969

JOSÉ SAMPAIO BRAGA
Chefe da TCTC

Para o Chefe da TCTC
encaminhar ao Chefe da
SCDP para expedição do
competente certificado

Brasília, 10/6/69

1) De acordo —
2) Verificar ensaio geral.
em 11.06.69

Chefe

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 1209/69

PEÇA -!!!!/ O SANTO MILAGROSO /!!!!-

ORIGINAL DE LAURO CESAR MUNIZ

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 11 de JUNHO de 1974

Brasília, 11 de JUNHO de 1969

Chefe do S. C. D. P. CARLOS LUCIO MENEZES / SUBSTITUTO

LIVRE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P. 90

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 41 de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada –:::/ O SANTO MILAGROSO /:::–

Original de LAURO CESAR MUNIZ

Tradução de

Adaptação de

Produção de GRÊMIO DE AMADORES DE TEATRO(GAT) MARILIA SP.–

Tendo sido censurada em 09 de JUNHO de 1969 e recebido a seguinte classificação: L I V R E.

CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL E À AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME § 1º DO ART. 2º DA LEI 5536/68.–

OBS. ESTE CERTIFICADO SOMENTE E VALIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRITP DA PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP.

Brasília, 11 de JUNHO de 1969

– JOSÉ SAMPAIO BRAGA –
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 93

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.92

: Chefe do SCDP

: Sr. Delegado do DPF/SP.

Providências (solicita)

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pelo Chefe da TCDP dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico dêste Serviço:

1. Assistir ensaios gerais das peças " LINGUA PRESA ", " FUGIR CASAR OU MORRER ", " QUESTÃO DE ESPERA " e " O SANTO MILAGROSO ";

2. Enviar ao SCDP, relatórios minuciosos a respeito dos espetáculos e,

3. entregar a documentação (scripts e certificados) anexa aos interessados, sòmente após autorização desta Chefia, via rádio.

Atenciosamente,

CARLOS LUCIO MENEZES
Chefe do SCDP/Subst.º

Recebi
11/6/69.

Reconhecida como de Utilidade Pública
pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto
— de 1920. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

0677, p 93

Direitos de Representação — Autorização Nº 161297

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: O Santo Milagroso

Original de Lauro Cesar Muniz

Música de ——

Tradução de ——

No Teatro G. Ind. Pres. Vargas Cidade A. Paulo - Mogi das Cruzes

Emprêsa " " Pela Cia. ——

dias para censura da peça

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de ——% —— da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ —— por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

S. Paulo 18 de Outubro de 1969

(pela SBAT)

Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957 de 17-9-945.

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
SUCURSAL DE S. PAULO
DEP. DE AUTORES TEATRAIS
S. Paulo, de 19
VISTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.: 0677, P. 93

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legìtimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes do sautores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, runiões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 94

58
66

261/69-TCTC
31.10.69.

Chefe do SCDP
Delegado Regional do DPF/SP
escritos de peça teatral (devolve)

Senhor Delegado,

Solicitamos as providências cabíveis de Vossa Senhoria no sentido de que seja entregue ao Grupo Ind. Presidente Vargas - Mogi das Cruzes - os escritos da peça teatral " O SANTO MILAGROSO ", de acôrdo com o art. 44 do Dec. 20.493/46 e Portaria 20/69, publicada no D.O. de 14.4.69 (falta requerimento do interessado).

Atenciosamente,

Recebi
31-10-69

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
Chefe do SCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.95

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P96

58

261/69-TCTC
31.10.69.

Chefe do SCDP
Delegado Regional do DPF/SP
escritos de peça teatral (devolve)

Senhor Delegado,

Solicitamos as providências cabíveis de Vossa Senhoria no sentido de que seja entregue ao Grupo Ind. Presidente Vargas - Mogi das Cruzes - os escritos da peça teatral " O SANTO MILAGROSO ", de acôrdo com o art. 44 do Dec. 20.493/46 e Portaria 20/69, publicada no D.O. de 14.4.69 (falta requerimento do interessado).

Atenciosamente,

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
Chefe do SCDP.

Federação Alagoana pelo Progresso Feminino
Fundada a 13 de maio de 1932
Sede Provisória: Av. Clodoaldo da Fonseca, 108
MACEIÓ—AL.

Ilmo. Sr. Diretor do Serviço de Censura e Diversões Públicas.

A ASSOCIAÇÃO TEATRAL DE ALAGOAS, entidade localizada na cidade de MACEIÓ, capital do Estado de Alagoas, registrada no Conselho Nacional de Serviço Social do Ministério da Educação e Cultura, por seu Presidente abaixo assinado, vem requerer se digne Vossa Senhoria mandar proceder a censura da peça " O SANTO MILAGROSO", para o que faz anexar três cópias datilografadas e a respectiva licença da SBAT.

Termos em
Que pede deferimento

Maceió, em 10 de janeiro de 1971.

Laurinda Vieira Mascarenhas - Presidente
Presidente

M. J. D. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 1057
Em 21/01/19 71
Protocolista

REGEBI O PROGRAMA ANEXO
Em ___ de _____ de 19___

BR DFANBSB NS.CPR.TEA PTE 0677.P97

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto — de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, — de Paris. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Direitos de Representação — Autorização Nº 193677

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: O SANTO MILAGROSO

Original de LAURO CÉSAR MUNIZ

Música de /

Tradução de /

No Teatro / Cidade /

Emprêsa / Pela Cia. /

nos dias PARA EFEITO DE CENSURA

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de % / da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ / por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem coom pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

BRASILIA, D.F., 18 de JANEIRO de 1971

Mario Lucio de Moura
(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSP NS CPR TEA PTF 0677, P.98

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juizo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização ,para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legìtimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.99

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.100

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: O Santo Milagroso

b) Título original:

c) Autor: Lauro César Muniz.

d) Tradutor:

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia: Associação Teatral de Alagoas.

h) Classificação da Censura: 12 anos

II) Análise

a) Gênero; Comédia.

b) Argumento: Numa cidade interiorana, onde havia rivalidade entre católicos e protestantes padre e pastor travam amizade. Certo dia, quando um visitava o outro chega na sacristia muitas pessoas e o pastor esconde-se tomando lugar de uma imagem coberta, pois era Semana Santa. Nessas condições diz algo e logo os presentes gritam por milagre. Assim tôda cidade passa crer na nova devoção. Por fim o padre conta ao povo que Santo era o Pastor e todos afirmam que os dois eram Santos.

c) 1 - Mensagem: Mostra como a mente humana deturpa acomtecimentos, ou melhor conduta das massas.

2 - Impressão final: Peça divertida sem maiores implicações.

d) Diálogos: Simples e alegres.

e) Cenas: Subordinadas a ensaio geral.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 101

f) Personagens: Variados: Vigário, Pastor, Sacristão, católicos, protestantes e bispo.

g) Valor educativo: A religião não importa, mas sim o espírito religioso.

III) Conclusão Peça teatral mostrando coesistência pacífica entre um pastor protestante e um padre da Igreja Católica. Opino sua liberação para maiores de 14 anos.

Brasília, 26 de janeiro de 1971

Técnico de Censura - Cart. nº 036

Vilma Duarte do Nascimento.

SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA,

Anexo encaminho a peça abaixo indicada, com o parecer do Técnico de Censura VILMA DUARTE, que a examinou.

Título: O SANTO MILAGROSO

Autor : Lauro Cesar Muniz

Restr.: 14 (QUATORZE) ANOS

Obs: Peça liberada anteriormente com a classificação LIVRE.

Em 28 de janeiro de 1971

MANOEL MIRANDA FERREIRA
CHEFE DA TCTC

Libere-se com a impropriedade de (doze) anos.
12
Geraldino
28.01.71

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.302

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 3457/71

PEÇA ==="O SANTO MILAGROSO"===

ORIGINAL DE LAURO CÉSAR MUNIZ

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 28 de JANEIRO de 1976

Brasilia, 28 de JANEIRO de 1971

Chefe do S. C. D. P.

GEOVA LEMOS CAVALCANTE

PROIBIDO
PARA MENORES DE
12 ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 09, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " O SANTO MILAGROSO "

Original de LAURO CÉSAR MUNIZ

Tradução de

Adaptação de

Produção de A ASSOCIAÇÃO TEATRAL DE ALAGOAS - MACEIÓ/AL.

Tendo sido censurada em 26 de JANEIRO de 19 71 e recebido a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE 12 (DOZE) ANOS. - CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL -

O PRESENTE CERTIFICADO SÓMENTE TERÁ VALIDADE QUANDOA CAOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 28 de JANEIRO de 19 71

MANOEL MIRANDA FERREIRA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 303

DPF-SAv.150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.304

58

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA

MEM. Nº 057 /71-SCDP

DO : Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

PARA : SR. CHEFE DA TCDP/DR/AL

ASS. : Providências (solicita)

Sr.

Solicito suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo indicada, podendo ser entregue o script e o certificado ao interessado caso a classificação estabelecida por êste Serviço esteja de acôrdo com o observado no ensaio geral, devendo, posteriormente, ser remetido o respectivo relatório.

PEÇA: O SANTO MILAGROSO

AUTOR: LAURO CESAR MUNIZ

ENDEREÇO: ASS. TEATRAL DE ALAGOAS; MACEIÓ/AL

Atenciosamente,

GEOVA LEMOS CAVALCANTE
Chefe do SCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.105

31 MAI 1538 24904

Ilmo. Sr. Chefe de Censura de Polícia Federal

Brasília

Eu, JOSE CARLOS PINTO DE CARVALHO , representante do TEATRO DA GENTE, residente à Rua Miguel de Almeida Prado, nº 14 , casado , venho mui respeitosamente requerer à Vv.Ss. que se digne mandar censurar a peça: O SANTO MILAGROSO de autoria de LAURO CESAR MUNIZ , que será representada a partir do dia 1º de Agôsto de 1972 na cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, pelo grupo TEATRO DA GENTE PRODUÇÕES ARTISTICAS LTDA, com cobrança de ingressos.

Junto seguem 3 copias do texto

Autorização da S.B.A.T nº 000210 - Série 1/72 - SP

Nos referidos têrmos

P. deferimento

José Carlos Pinto de Carvalho

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 - Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNSECO

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 — 3.º andar — Rio de Janeiro — GB.
Sucursal de São Paulo: Av. Ipiranga, 1123 - 8.º andar

Autorização

Série 1/72-SP Nº 000210

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade Pública Federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza nos têrmos das leis que protegem o dirieto autoral, a apresentação do texto abaixo caracterizado: O Santo Milagroso

Original de Lauro Cesar Muniz

Música de —

No Teatro T.B.C. Cidade S. Paulo.

Emprêsa Fda Gente PRODART. LTDA. Pela

nos dias = PARA CENSURA DE PEÇA =

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de 10 % DEZ POR CENTO da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de Cr$ 80,00 — por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados em moeda corrente.

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

São Paulo, 25 de Maio de 1972.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS SUCURSAL - SÃO PAULO — 25 MAI 1972 Autorização nº

EMANUELE FULVIRENTI Coordenador (pela SBAT)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677.8.100

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.107

TEATRO DA GENTE

Produções Artisticas Ltda.

Apresenta no

TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA

O Santo Milagroso

Comédia de Lauro Cesar Muniz

Produção de

José Carlos de Carvalho

Lauro Cesar Muniz

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.508

O SANTO MILAGROSO

de LAURO CESAR MUNIZ

Estamos lançando nossa super-produção!

A comédia que já faturou os maiores sucessos do teatro e do cinema brasileiro!

Uma peça que a nova geração precisa conhecer!

No teatro, lançada em 1963 por Cacilda Becker foi considerada pela crítica especializada a maior revelação do ano.

No cinema uma grande produção de Oswaldo Massaini, com Leonardo Vilar, Dionisio Azevedo e Vanja Orico nos papeis principais.

Agora, no Teatro Brasileiro de Comédia, uma nova produção, atualizada e dirigida pelo próprio autor, com um grande e numeroso elenco.

A opinião dos críticos sobre a peça:

A engenhosidade das cenas, com descobertas literárias de alta comicidade, faz o público explodir em gargalhadas, numa crítica à situação cruel das personagens.

(António Abujamra — ULTIMA HORA)

Uma forte comicidade está presente em todas as cenas, não só pelas situações criadas, como principalmente pelo teôr literário do texto. O público se diverte aprovando "O Santo Milagroso" com gargalhadas contínuas. A história de "O Santo Milagroso" se constitui numa das mais divertidas aventuras de nosso teatro contemporâneo.

(Accioly Netto — O CRUZEIRO — GB)

Desta vez o cronista PEDE que assistam a um espetáculo. Por que? Por que "O Santo Milagroso", na sua simplicidade de texto,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 309

é quase genial e por que a interpretação limpa, desataviada de exageros, mas deliciosa, é perfeita. O público vai adorar a estória de Lauro Cesar Muniz.

(Paulo Salgado — QUERIDA — GB)

"O SANTO MILAGROSO" atinge o espectador, sobretudo por deflagrar o mecanismo do riso, que não claudica uma só vez em todo o espetáculo.

(O ESTADO DE SÃO PAULO — São Paulo)

El paulista Lauro Cesar Muñiz inscribe com "El Santo Milagroso" en una de las corrientes del teatro popular más apreciada por el numeroso sector del nuevo arte dramático brasileño. Engendrado por um talento de jocosa orientación, Muñiz opta por la vertiente de la farsa.

(Geraldo Fernandez — MARCHA — Montevideo)

Es muy ingeniosa esta comédia brasileña, describiendo peripécias provincianas de las relaciones profesionales existentes entre un cura y un pastor protestante. La ligera ironia permite que se ataque a todos los habitantes del lugar, com gran sentido de observación y humor.

(Aurora Acevedo Esparza - Cine-Rádio Actualidad - Montevideo)

Lo importante es el brillantismo y la gracia chispeante de las situaciones y los diálogos, que desde el comienzo del espetáculo predispone un clima de alegria mantenido durante toda la comédia.

(J.R.C. — El Dio — Montevideo)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 110

Lauro Cesar Muniz, autor de O SANTO MILAGROSO escreveu entre outras peças:

A INFIDELIDADE AO ALCANCE DE TODOS
O LIDER
A COMÉDIA ATOMICA

Para o cinema fez o roteiro de:

O SANTO MILAGROSO
O ANJO ASSASSINO
A INFIDELIDADE AO ALCANCE DE TODOS
INDEPENDENCIA OU MORTE

Para televisão escreveu as telenovelas:

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR (adaptação)
OS DEUSES ESTÃO MORTOS

Premio de melhor novelista da televisão, Troféu Helena Silveira — 1971.

Premio da Associação Paulista de Críticos Teatrais pela peça O SANTO MILAGROSO.

TEATRO DA GENTE

Produções Artísticas Ltda.

Rua Miguel de Almeida Prado, 14

Tel.: — São Paulo — CEP. 05578

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

62 XXX/68

TÍTULO O SANTO MILAGROSO Peça Teatral

PARECER

Autor: Lauro Cesar Muniz

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Livre, cond. ao ensaio geral

Obra focalizando as tentativas de um padre católico e um pastor protestante em esconder sua amizade de seus fiéis, vez que, na cidadezinha, havia ainda o preconceito religioso.

Comédia interessante, com passagens pitorescas, sem quaisquer impropriedades, mostrando que a fertilidade do pensamento humano, faz com que simples acontecimentos são deturpados.

Sugiro a liberação sem restrições, pois o presente espetáculo já foi liberado por êste Serviço com esta classificação.

Brasília, 12 de junho de 1972.

Lenir de Azevedo Sousa
Téc. de Cens.

Serviço de Diversões Públicas — D. P. F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.111

M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

63 XB/Ed.

TÍTULO O SANTO MILAGROSO - LAURO CÉSAR MUNIZ

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 12 ANOS

Feita a comparação dos textos, constatei tratar-se de peça já censurada e liberada para maiores de 12 anos, conforme certificado nº3457/71 com validade até 28 de janeiro de 1976. Sugiro que se mantenha a mesma classificação anterior.

Brasília, 14 de junho de 1972

CARLOS ALBERTO BRAZ DE SOUZA

Serv. de Censura de Diversões Públicas — D. P. F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.312

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.313

Emitir certificado com im-
propriedade de 12 ANOS, na forma
da Lei, visto tratar-se de texto
já liberado pelo SCDP, com cer-
tificado em vigor.

Em 14.6.72

TCTC

S. Dei. DCDP

De acordo

12 anos

15/6/72

STC

LIBERE-SE
na forma do Decreto
Em 15/6/72
Rogério Nunes

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N. 500/72
Data 19.06.72

Do Chefe da TCTC/ da DCDP/DPF/DF.

Para Chefe da TCDP/DR/DPF/SP

Assunto: PEÇA TEATRAL (Encaminha).

Senhor Chefe,

Solicito de V.Sa., as providências no sentido de que seja entregue ao interessado, a peça teatral intitulada " O SANTO MILAGROSO", com restrições para menores de 12 (doze anos), em 2 (duas) vias e seus respectivos certificados.

Atenciosamente,

VICENTE DE PAULO ALENCAR MONTEIRO.
Ch. da TCTC.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.314

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.115

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 5038/72

PEÇA " O SANTO MILAGROSO "

ORIGINAL DE LAURO CESAR MUNIZ

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 15 de JUNHO de 19 77

Brasília, 15 de JUNHO de 19 72

Chefe do S. C. D. P. ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO
PARA MENORES DE
12 ANOS

M.J.– D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 59, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada O SANTO MILAGROSO "

Original de LAURO CESAR MUNIZ

Tradução de

Adaptação de

Produção de TEATRO DA GENTE - SP

Tendo sido censurada em 12 de JUNHO de 19 72 e recebido a seguinte classificação: PROIBIDO PARA MENORES DE DOZE (12) A NOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL/// O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERA VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 15 de JUNHO de 19 72

HUGO POVOA DA SILVA
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

MVG/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.116

DPF-SA-7014-FES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.317

EXMO. SR. DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE CENSURA FEDERAL - BRASÍLIA -DF

DPF - SR/DPF/SP
22 NOV 1972 054120
RECEBIDO POR .....

JOSÉ GOMES VILAR - RG 3 800 488 - C.E.C. - 139 783 228 - brasileiro, maior, casado, residente à Rua Tenente Nicolau Maffei, 1379 -Presidente Prudente -SP, vem mui respeitosamente requerer a Vossa Excelencia a censura da peça teatral - " O SANTO MILAGROSO "- original de Lauro César Muniz, comédia em três atos . Anexo, 3 (três) cópias do texto autenticadas pela SBAT.

Salientando qur a referida peça deverá ser encenada pelos alunos do Colégio Estadual de Presidente Prudente, se possível, ainda para o corrente ano letivo, nos estabelecimentos de Ensino desta cidade.

Têrmos em que
Pede Deferimento.
Pres. Prudente, 3 de novembro de 1972

Profº José Gomes Vilar RG 3 800 488
Supervisor do GETECO -Grupo Teatral
do Colégio Pres. Prudente - SP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.118

67

67

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

SÃO PAULO
~~Rio de Janeiro~~, 6 de NOVEMBRO de 19 72

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S., para fins de CENSURA (3) cópias da peça:
"O SANTO MILAGROSO"

DE: LAURO CESAR MUNIZ

próxima apresentação da JOSÉ GOMES VILAR

no Teatro DIVERSOS

com estréia marcada para o dia JANEIRO/73

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a maior consideração,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
6 NOV 1972
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto: Dialma Bittencourt
Superintendente

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.319

04/ 68

S. C. T. C.

TÍTULO: O SANTO MILAGROSO

GÊNERO: PEÇA

1) S. ARQUIVO

Documentação: EM ORDEM

Já liberada? : SIM

Cls. Estária anterior: 12 anos

Praça: PRESIDENTE PRUDENTE-SP

DF. 24/11/72

Chefe do Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura: Mardy

Técnico de Censura:

Técnico de Censura:

Data para Exame: de 22/11/72 a 12/12/72

OBS:

DF 21/11/72

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

Emitir certificados de conformidade com o abaixo disposto:

1- Quantidade: 2 (dois)
2- Natureza: Mais Vias
3- Grupo: José Gomes Vilar
4- Local p/ encam: SR/SP
5- Impropriedade: Ramos S/ cortes
6- Prazo Validade: 15/06/77

Em: 04/12/72

P/ SCTC

4) CHEFE S. C.

Sr Diretor DCDP.
- Doze anos -
Em 4/12/72

5) DIRETOR DA D. C. D. P.

LIBERE-SE com impropriedade para menores de 12 anos

Brasília, 4/12/1972

Rogério Nunes

BR.DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.120

M.J. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

69

TÍTULO "O SANTO MILAGROSO" de Lauro Cesar Muniz

PARECER CONFRONTO

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 12 (doze) anos

ESPÉCIE . TEATRO .....
COM CORTES? .. Não .....
BOA QUALIDADE .....
LIV P/ EXPORTAR? .....
DUBLADO? .....
LEGENDADO? .....
VED EXPL COMERCIAL? Não

CENAS Condicionadas ao ensaio geral
ENREDO A convivência e amizade entre um pastor protestante e um padre, numa cidade do interior, cuja
ÉPOCA Indefinida religiosidade é acentuada na população.
GÊNERO Tragi-comédia
LINGUAGEM Simples e adequada ao gênero
MENSAGEM Positiva
PERSONAGEM Diversos
TEMA A valorização e defesa do espírito religioso

OBS: 1. CORTES. ---

2. CONCLUSÃO.

Pelo confronto com os textos anteriormente liberados, verificamos identidade com o texto atual e recomendamos sua liberação com a classificação etária para maiores de 12 anos, desde que observada rigorosamente no ensaio geral, levando-se em conta o tema apresentado.

Brasília, 1º de dezembro de 1972

Marly M. Cavalcanti de Albuquerque

DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.321

Interessado: Teatro Universitário
Daimond.
Pres. Prudente/SP

O SANTO MILAGROSO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 122

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.123

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

MINISTRO

JARBAS PASSARINHO

SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO

Diretor

FELINTO RODRIGUES NETO

SETOR DE DIFUSÃO CULTURAL

Coordenadora

Elza Lamartine de Faria

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.324

Muniz, Lauro César, 1938-
O canto milagroso. Comédia em 3 atos. Rio de Janeiro, Serviço nacional de teatro, 1973.

x, 78 p. 21 cm

1. Teatro — Arte Dramática. I. Título.

869.2B

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677, P. 125

LAURO CÉSAR MUNIZ

O SANTO MILAGROSO

COMÉDIA EM 3 ATOS

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO
RIO DE JANEIRO — 1973

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.52

PERSONAGENS

Padre José — velho de sessenta anos.

Pastor Camilo — meia idade, atlético.

Teresinha — irmã do Pastor Camilo, trinta anos.

Dito — sacristão católico, vinte anos.

Coronel Chiquinho — gordo, cinqüenta anos.

Bispo — velho alto e robusto.

Jornalista

Mascate

Juca

Mulher de Juca

Simão — judeu.

Takawa — japonês.

Fiéis

Banda de música

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P 327

1º Ato — 1º quadro — *Quinta-feira pela manhã.*

2º quadro — *Quinta-feira à noite.*

2º Ato — 3º quadro — *Sexta-feira pela manhã.*

3º Ato — 4º quadro — *Sábado de Aleluia.*

Ação — Pequena cidade do interior paulista.

Época — Indeterminada.

Cenário — Apresenta um setor da cidadezinha. Quatro partes principais o compõem. A maior e que ocupa metade do palco, é a parte posterior da igreja, onde se instala a sacristia. É Quaresma: alguns santos cobertos com o sudário roxo, e dispostos nos ângulos das paredes, em nichos especialmente construídos. Um dos nichos está vazio à espera de seu respectivo santo. Pequena mesa, cadeiras, um genuflexório e um armário grande e rústico. Duas portas: a que se comunica com o altar e a que dá acesso à praça. A segunda parte do cenário, ao fundo e central, é uma pequena ponte em forma de arco acentuado. Esta ponte liga a parte anterior *(sacristia)* com a terceira parte do cenário que é a casa do Pastor protestante. Pequena sala com algumas peças de móveis antigos. Livros e figuras espalhados. A quarta parte do cenário desenvolve-se até o proscênio e representa parte da praça onde está situada a igreja. Árvores e bancos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.128

Se hoje o teatro brasileiro se inclui entre os expoentes dessa manifestação de arte no panorama internacional, esse aprimoramento não constitui uma conquista do presente porque é, na realidade, efeito originário de uma causa benéfica que vem de longe, do alvorecer da nossa história porquanto, através de palcos ao ar livre ou construídos em cabanas, foi que Anchieta transmitiu as mensagens do Cristianismo e da Civilização aos silvícolas que povoavam nosso solo e cujas leis se resumiam nos impulsos da natureza e do instinto.

Posteriormente o teatro passou a ser usado como instrumento de maior profundidade, constituindo-se em elemento de pujança na formação intelectual e moral do nosso povo, glorificando os valores humanos ao mesmo tempo que anulava as falsas e imerecidas auréolas.

O exemplo do jovem apóstolo do Cristianismo, germinando no espírito dos mais autênticos representantes da cultura brasileira, tornou numerosa a constelação de escritores e poetas que deram ao teatro a contribuição do talento literário que os projetou na história.

Os problemas sociais, os costumes, a tradição de cada povo, eram retratados no palco com critério e consciência, dando-se ênfase aos vultos cujas vidas foram inteiramente consagradas ao desenvolvimento da ciência e das artes, sob todos os aspectos.

Autores do mais alto porte colocavam o talento a serviço das boas causas, e engrandecendo a Pátria, engrandeciam-se a si mesmos. Em todos os sentidos o teatro evoluiu, sobretudo tecnicamente, mas dentro

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 129

dele permanecem, vivas e palpitantes, as concepções imperecíveis dessas glórias do passado.

O SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO, na evocação dessas figuras inesquecíveis, tomou a iniciativa de propiciar, às gerações do presente, a oportunidade de um íntimo contato com o pensamento e as obras desses vultos imortais, num retrospecto evolutivo que se estende aos nossos dias, entrelaçando-os ao espírito criador dos autores contemporâneos que dão ao nosso teatro a dimensão cultural e artística de que nos orgulhamos. E, através do SETOR DE DIFUSÃO CULTURAL, responsável pela execução de seus editoriais, apresenta a segunda série de uma seqüência de publicações sob a epígrafe: "COLEÇÃO DRAMATURGIA BRASILEIRA".

Entretanto, para que essa aspiração do SNT se tornasse realidade, os Diretores da SHELL, numa demonstração de apreço às promoções culturais do nosso país, não relutaram em participar da iniciativa, assumindo, a responsabilidade do seu patrocínio.

Não poderíamos fugir ao dever desse registro que põe em relevo a simpatia da SHELL pelos valores históricos que integram a "COLEÇÃO DRAMATURGIA BRASILEIRA", destinada ao enriquecimento das bibliotecas nacionais e internacionais, atestados eloqüentes do aprimoramento cultural do nosso povo, da nossa gente.

FELINTO RODRIGUES NETO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.130

DPF
Fls. N.º 96

PRIMEIRO ATO

1º Quadro: Quinta-feira pela manhã.

Simultaneamente, vindos de suas respectivas igrejas, e carregando vara de pescar e sacolas idênticas, PADRE JOSÉ e PASTOR CAMILO, alcançam a ponte. Inicialmente ao se verem param sem jeito. Depois de rápida hesitação, cumprimentam-se solenemente tirando os respectivos chapéus e fazendo leve reverência. Tomam posição na ponte, nas respectivas extremidades e simetricamente preparam-se para a pesca. Lançam o anzol na água e ali ficam estáticos, na expectativa. Momentos depois vem DITO, da Igreja Católica. Ao ver o Pastor aproxima-se rapidamente do Padre.

DITO *(Cochichando ao Padre)* — Vê se pesca antes!...

(Dito olha ao Pastor. O Pastor olha para ele e dá a entender que ouviu. O Padre também acaba por olhar ao Pastor. O olhar é de desafio. Voltam à atitude inicial de aparente indiferença. Dito rola pelo parapeito, de um lado para outro, numa torcida respeitável. O Pastor "sente" o peixe! Dito pára, assustado. A vara se curva num arco acentuado. O Padre olha-o em expectativa. O Pastor puxa o anzol, vazio... Dito sorri aliviado. O Pastor volta à posição de expectativa. Dito volta a impacientar-se, rolando pelo parapeito da ponte de um lado para outro. O Padre "sente" o peixe).

DITO *(Entusiasmado)* — Vai! Puxa!

(O Pastor olha apreensivo. O Padre puxa o anzol, vazio... Dito se entristece. Alívio do Pastor. Voltam os três à posição inicial).

DITO — A linha dele é maior, "seu" vigário!

(É repreendido pelo olhar severo do Padre. Dito escapa para o centro da ponte e continua a torcida. Repentinamente os dois pescadores "sentem" o peixe. Dito anima-se na torcida).

DITO — Calma, "seu" vigário que é nosso!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.131

(A luta continua. As duas varas ao mesmo tempo curvam-se acentuadamente. Os dois puxam os anzóis e as linhas convergem num mesmo peixe! *Os três perplexos e momentaneamente sem ação).*

DITO *(Boquiaberto)* — O mesmo peixe! *(Debruça-se para ver melhor).* Baita peixão!

(Os dois párocos estão embaraçados. Entreolham-se. Sorriem discretamente).

DITO — Metade para cada um!

(Começam a recolher o peixe e automaticamente se aproximam ao centro da ponte).

P. JOSÉ *(Cedendo, aponta o peixe)* — Tenha a bondade...

P. CAMILO — Pode ficar com ele...

P. JOSÉ — Obrigado, mas em casa somos só dois...

P. CAMILO — Em casa não comemos peixe...

DITO — Racha no meio! Eu vou buscar a faca! *(Sai correndo).*

(Os pescadores tiram seus anzóis: primeiro o Pastor Camilo, depois Padre José).

P. JOSÉ — Belo peixe! *(Segurando-o)* Veja como pesa!

P. CAMILO — É mesmo! Nunca peguei um assim nesse ribeirão. Já é a terceira vez que venho pescar este mês.

P. JOSÉ — O senhor aprecia a pesca?

P. CAMILO — Sou um amante dos esportes: pesca, futebol e natação! E o senhor?

P. JOSÉ — Gosto também... *(Sorri)* Mas já estou ficando velho para isso... Outro dia fui pescar lá embaixo perto da curva, e de tanto ficar agachado, minhas pernas endureceram... Quase não consegui ajoelhar-me no dia seguinte para rezar... Por pouco não cometi a irreverência de rezar de pé... *(Pausa breve).*

P. CAMILO — Eu também já estou sentindo a idade... Quando moço nadava e jogava futebol aos sábados e domingos. Agora, só de dar uns chutinhos com meu filho, já boto a língua de fora.

P. JOSÉ — Seu filho também joga futebol?

P. CAMILO — Jogo no duro, não... Ainda não foi possível formar um quadro de futebol na Igreja...

P. JOSÉ — Por que?

P. CAMILO — Não temos jogadores suficientes...

P. JOSÉ *(Com ar de superioridade)* — Nós temos três quadros: da "Cruzada", o da "Infância de Cristo" e o dos "Filhos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.132

DPF DCDP Fls. N.º 77 Rubrica

de Maria". Se seu filho quiser, poderá jogar conosco... Quero dizer... Acho que não haveria mal nenhum...

P. CAMILO — Obrigado... Mas meu filho atualmente estuda na capital... Vivo só com minha irmã. Meus passatempos agora são os jogos moderados: batalha naval, torrinha...

P. JOSÉ — Eu passo meu tempo arquitetando lances no tabuleiro de xadrez...

P. CAMILO — O senhor joga xadrez?

P. JOSÉ — Jogar com quem? Eu faço de contas que jogo... Nesta cidade não há um cristão que jogue xadrez.

P. CAMILO — Eu jogo!

P. JOSÉ — O senhor joga?

P. CAMILO — Quer dizer... Jogava... Agora não existem adversários... *(Embaraço. Pausa).*

P. JOSÉ — Pois é... Nesta terra monótona não se tem o que fazer...

P. CAMILO — Até pouco tempo ainda me divertia, nadando um pouco... Mas depois de um certo acontecimento, perdi a vontade...

P. JOSÉ — O que, senhor Camilo?

P. CAMILO — Vi morrer um pobre homem, sabendo que poderia salvá-lo... Tiraram o coitado do rio, inchado de água e ficaram chacoalhando o homem sem conhecimento nenhum...

P. JOSÉ — O senhor sabia salvar afogado?

P. CAMILO — Sabia e sei! Pratiquei natação muito tempo e aprendi essa arte...

P. JOSÉ — Então, por que não o salvou?

P. CAMILO — Não me deixaram por a mão no moribundo! Diziam que era a mão do diabo!

P. JOSÉ — Que absurdo!... E depois?

P. CAMILO — Ficaram esperando o padre chegar...

P. JOSÉ — E o padre tentou salvá-lo?

P. CAMILO — Para a outra vida... Deu-lhe a "extrema-unção"...

P. JOSÉ — Ainda bem!... *(Cai em si)* Esse afogado não foi o Zé-Perdigueiro?

P. CAMILO — Foi...

P. JOSÉ — Então o padre era eu!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.133

P. CAMILO — Era, sim senhor...

P. JOSÉ — Ora... Eu não sabia que o senhor entendia de salvamento... Sinto muito...

P. CAMILO — Enfim, o que passou, passou... Mas ainda há quem diga por aí que minha igreja é coisa do seu diabo!

P. JOSÉ *(Ofendido)* — Ora, sr. Camilo...

P. CAMILO — Não são seus adeptos mais cultos... E esses são a minoria.

P. JOSÉ — De certa forma... Aliás, minha paróquia é mesmo muito desigual, não é como a vossa que prima em selecionar a nata da sociedade da nossa cidade...

P. CAMILO — São todas pessoas bastante simples...

P. JOSÉ — Simples, sr. Camilo? Eu conheço muito bem a maioria deles.

P. CAMILO — Ah, é verdade!... Boa parte já pertenceu à sua paróquia...

P. JOSÉ — O Coronel Chiquinho e todo o pessoal do partido dele...

P. CAMILO — ...que se converteu há pouco tempo...

P. JOSÉ — O senhor bem sabe o motivo dessa conversão!

P. CAMILO *(Desafiador)* — Evolução natural...

P. JOSÉ *(Perdendo as estribeiras)* — Manobra política! Pura e simples manobra política!

P. CAMILO — Provocada pelo Bispo de sua diocese que usava o púlpito para atacar o coronel!

P. JOSÉ — Defender o povo, isso sim!... Bem sabe o senhor que o Coronel havia se ligado a elementos subversivos, para angariar os votos dos trabalhadores da Usina de Açúcar.

P. CAMILO — Que mal há nisso?

P. JOSÉ — Que mal há? Todo mundo sabe a cor política do líder dos trabalhadores da Usina!

P. CAMILO — O Zezão é tão cristão quanto eu!

P. JOSÉ — Não duvido!... O principal é saber o quanto o senhor é cristão...

P. CAMILO *(Impulsivo)* — Passe bem, sr. José... Pode ficar com o peixe...

P. JOSÉ — Como um bom jogador de xadrez, o senhor se retira antes do "mate".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677, P.134

DPF
Fls. N.º 98
Rubrica

P. CAMILO *(Voltando)* — Eu nunca perderia para o senhor, em terreno nenhum, muito menos numa partida de xadrez... *(Pausa)*.

P. JOSÉ — Isto é um desafio?

P. CAMILO — Como queira...

P. JOSÉ — Se não fosse a situação política existente na cidade eu teria a satisfação de derrotá-lo em sua própria casa...

P. CAMILO — Pois eu enfrento a situação e irei derrotá-lo em sua casa!

P. JOSÉ — Quando?

P. CAMILO *(Clássico)* — Marque o dia e a hora...

P. JOSÉ — Bem... Eu poderia recebê-lo depois da reza, hoje mesmo...

P. CAMILO — Que hora?

P. JOSÉ — Sete horas!

P. CAMILO — Local...

P. JOSÉ — Na... Sacristia da igreja...

P. CAMILO — Na sacristia?!

P. JOSÉ — O senhor se opõe?

P. CAMILO — Não... Apenas quero que haja o mais absoluto sigilo, sobre esse encontro... O senhor compreende, não é?

P. JOSÉ — Hoje, Quinta-feira Santa, os fiéis passarão a noite velando o "Senhor Morto"... A praça estará vazia e o senhor poderá passar sem ser percebido.

P. CAMILO — Lá estarei às sete em ponto!

DITO — Pronto! Custei a achar a faca!

(Dito entra com a faca).

P. CAMILO — Com licença... *(Pega a faca e corta o peixe ao meio)*.

DITO — Agora vamos tirar a sorte para ver quem fica com a cabeça! Eu vou jogar a medalha de Santo Onofre para cima. Se cair do lado do santo, ganha o "seu" vigário. Se cair do lado das letras, ganha o senhor... *(Joga a medalha e apara-a)*.

DITO — Ganhamos! Deus está do nosso lado. *(Entregando)* O rabo é seu!

P. CAMILO — Obrigado. Bem, vou andando... A pesca hoje foi boa... Tive prazer em encontrá-lo... Senhor vigário.

DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.135

P. José *(Forçando)* — O prazer foi todo meu... Senhor Pastor.

(Solene reverência dos dois párocos. Cada qual descendo a ponte dirige-se para sua casa).

Dito *(Entrando na sacristia)* — O senhor viu a nossa sorte? *(Exibe o peixe).*

P. José — Eu vi sua malandragem! A medalha tem um santo de cada lado: Santo Onofre e São Gabriel. E caiu do lado de São Gabriel. Deveria ser dele a cabeça...

Dito — Ele não conhece santo... Azar dele. Ficou com a bunda!

P. José — Dito!...

Dito — Perdão "seu" vigário... Eu disse sem querer. Escapou...

P. José — Você anda muito saidinho, ultimamente. Ainda ontem vieram me dizer que o viram na rua... *(Embaraça-se)* ...na rua das mulheres...

Dito — Eu? Fazendo o quê, "seu" vigário?

P. José — Ora, você bem sabe o quê...

Dito — Sei não, "seu" vigário...

(Padre José e Dito colocam os apetrechos sobre a mesa. Na casa do Pastor Camilo, Teresinha entra na sala).

P. Camilo — Teresinha! Teresinha!

Teresinha — Você me chamou?

P. Camilo — Prepare esse peixe para o almoço...

Teresinha — Cadê o resto? *(Procura na sacola).*

P. Camilo — Dei a um pobre esfomeado...

Teresinha *(Pegando uma estampa na sacola)* — Que é isso? Como Jesus está acabado nesa figura!

P. Camilo *(Tomando a estampa)* — Jesus? Não é Jesus! Onde estava isto?

Teresinha — Na sacola...

P. Camilo *(Olha a sacola)* — Esta sacola não é nossa!

Teresinha — De quem é?

P. Camilo *(Embaraçado)* — Do... Padre...

Teresinha — Credo! Do Padre católico? *(Míope, pega a estampa)* É ele?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 136

DPF
DCDP
Fls. N.º 79
Rubrica

P. CAMILO — É São Pedro! Ponha os óculos, menina!

TERESINHA — Mas Camilo, São Pedro era católico?

P. CAMILO — Já lhe disse um milhão de vezes! Antes de Lutero era tudo a mesma coisa!

TERESINHA — Oh, é mesmo! Eu ando tão esquecida, ultimamente...

P. CAMILO — Anda aérea! Uma mulher como você tem que se preocupar única e exclusivamente, em servir a Deus.

TERESINHA — Eu não paro um minuto de pensar Nele... Mas será que Ele pensa em mim, Camilo?

P. CAMILO — Ora Teresinha! Que blasfêmia! Você tem tudo... O que mais pode desejar na vida?

TERESINHA — Bem... Já andam me chamando de solteirona. E isso humilha, não humilha?

(Na sacristia, Dito mexe na sacola).

DITO — Que livro é esse, "seu" vigário?

P. JOSÉ — Uma Bíblia... *(Cai em si)* Esta sacola não é nossa!

DITO — É do Pastor! Credo em cruz, vamos tirar isto daqui! Olha uma maçã!

P. JOSÉ — Deixe aí, não é sua...

DITO — Faz tempo que eu não como uma!

P. JOSÉ — É pecado tirar as coisas alheias, "meu filho"... Ainda mais do Pastor Protestante.

DITO — A gente lava em água benta. *(Esconde a maçã no bolso).*

P. JOSÉ — Vá até a casa dele destrocar a sacola...

DITO — Até a igreja protestante?

P. JOSÉ — E volte imediatamente para casa. Não quero mais saber dessas histórias da rua das mulheres!

DITO *(Saindo)* — O senhor não sabe o que está perdendo!

(Na casa do Pastor Camilo).

P. CAMILO — Precisamos destrocar esta sacola...

TERESINHA *(Animando-se)* — Se você quiser, eu vou!

P. CAMILO — Quê isso, Teresinha? Não gosto que você saia na rua sozinha!

TERESINHA — Se não for eu, quem vai então?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P. 137

P. CAMILO — Acho que não há outra solução. Mas, de óculos!

TERESINHA *(Animada)* — Eu vou e volto num minuto.

P. CAMILO — Não se esqueça Teresinha: o mundo é mau lá fora! Com um simples olhar um homem despe uma mulher... Se você corresponder ao olhar significa a mesma coisa... Você não quer despir um homem, quer?

TERESINHA — Ora, Camilo... Um pouco de sol não me fará mal...

(Pastor Camilo deixa a sala. Teresinha arruma-se diante de um espelho. Na praça, Dito encontra-se com o Coronel Chiquinho).

CORONEL — Dito!

DITO — Coronel Chiquinho!

CORONEL — Diga ao Padre José que preciso falar com ele!

DITO — Ele está na rua das mulheres!

CORONEL — O Padre? Fazendo o quê?...

DITO — Rezando.

CORONEL *(Assusta-se)* — Alguma delas está morrendo? Qual é? Não é a Djanira?!

DITO — Não... Não... O Padre está na sacristia. Eu é que estava na rua das mu... Quer dizer, pensando...

CORONEL — Ah... Você me assustou...

DITO — Pode ir lá falar com ele. Agora ele está desocupado.

CORONEL — Agora quem está ocupado sou eu! Preciso tratar dos preparativos do casamento do meu filho.

DITO — É mesmo! O Alberto vai se casar! Vai ter festa, Coronel Chiquinho?

CORONEL — Vai sim... Já comprei doze porcos!

DITO — Eles deveriam se casar na nossa igreja. É bem mais bonita que a outra.

CORONEL *(Desconversando)* — Bem... Vou andando... *(De saída)* Avise ao Padre José, que hoje à noite darei um pulo lá para falar com ele.

DITO — Sim senhor...

CORONEL — Lá pelas sete horas! *(Sai).*

(Teresinha sai de casa. Alcança a ponte. Dito também. Os dois cruzam-se na ponte. Param, olham para trás e voltam).

DITO — A senhora não é a irmã do senhor Camilo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P. 838

DPF
DCDP
Fls. N.º 80
Rubrica

TERESINHA *(Nervosa)* — Sou... Você não é filho do Padre José?

DITO — Filho, não, que padre não tem filho. Eu fui criado por ele...

TERESINHA — Mesma coisa...

DITO — A sacola é a nossa? *(Aponta a dela)*

TERESINHA — É... Essa é a nossa?

DITO — Parece que sim!

TERESINHA *(Ri desajeitada)*.

(Aproximam-se e destrocam as sacolas).

DITO — Já tinham me dito que a senhora era branca como cera... Agora eu acho que a cera é branca como a senhora...

TERESINHA — Eu tomo pouco sol.

DITO *(Analisando)* — É pena. Um pouquinho de sol aí, não lhe iria nada mal...

TERESINHA — O sol me arde a pele...

DITO — No começo arde, depois acostuma. Aliás é assim com tudo... Depois que engrena é u'a maravilha. É só experimentar...

TERESINHA — Uma vez eu dei uma escapulidinha de casa e vi uma procissão da sua igreja. Me lembrei agora de você com aquela roupa... Não era feia, era muito bonita... Minha avó tinha um vestido parecido...

DITO — Ah... Sua avó...

TERESINHA — Você se aborreceu?... *(Aproxima-se)*.

DITO — Eu já disse mil vezes ao "seu" vigário, que nós precisamos de acabar com essa história da saia vermelha... As moças da cidade não me "topam" por causa disso.

TERESINHA — Mas as moças não são católicas?

DITO — São católicas dentro da igreja...

TERESINHA — Deve ser uma beleza!

DITO — O quê?

TERESINHA — A igreja por dentro. A missa que vocês rezam...

DITO — A senhora nunca viu?

TERESINHA — Não, mas eu já vi retratos.

DITO — Hoje vai ter reza. Se a senhora quiser ver, é às seis horas. Protestante pode entrar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.139

TERESINHA — Bem... Agora eu preciso ir embora. Tenho que fritar o peixe. *(Indecisa)* Você não se incomodaria se eu lhe pedir uma coisa?

DITO — Não. Pode pedir...

TERESINHA — Eu preferia que você não me chamasse de senhora. Eu sou solteira há bastante tempo, mas ainda não sou uma senhora...

DITO — Ah... Pois não. A senhora manda... Quer dizer, você manda...

TERESINHA *(Ri)* — Repete...

DITO — O que?...

TERESINHA — Você...

DITO — Você...

TERESINHA — Ah... Como é excitante!

DITO — Muito...

TERESINHA — Qual é seu nome, mesmo?

DITO — É Benedito... É feio, eu sei, mas é o nome do santo de devoção de "seu" vigário. São Benedito é meu padrinho.

TERESINHA — Padrinho?

DITO — É... Compadre do "seu" vigário que é meu pai adotivo.

TERESINHA — Eu me chamo Teresinha.

DITO — A devoção do "seu" Camilo é Santa Teresinha?

TERESINHA — Não... Ele não tem dessas devoções...

DITO — Ah, é...

TERESINHA — Ia me esquecendo! *(Pega a estampa de São Pedro)* Isto é seu. São Pedro. Estava na sacola.

DITO — Pra ajudar a pesca... Eu também preciso te dar uma coisa...

TERESINHA — O que é?

DITO — Adivinha...

TERESINHA — Adivinhar como?

DITO — É de comer...

TERESINHA — Então é bombom... Como eu gosto de bombons!

DITO — É fruta...

TERESINHA — Fruta! Mexerica! Eu adoro mexericas!

DITO — Não é...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.140

DPF
Fls. N.º 81
Rubrica

TERESINHA — Mamão! Eu sou louca por mamão.

DITO — Também não... Feche os olhos... Pode fechar, não se assuste... *(Passa a maçã perto do nariz de Teresinha).*

TERESINHA — Maçã!

DITO — Como você é esperta... Agora dê uma dentadinha...

TERESINHA — Uma dentada na maçã?

(Coloca a maçã ao alcance da boca de Teresinha. Esta prepara-se para morder. Dito deixa a maçã cair e dá-lhe um beijo rápido).

TERESINHA *(Afastando-se)* — Benedito!

DITO — Que foi?

TERESINHA — Acho que vou ter uma coisa! Meu coração está disparando, como trem!

DITO — Deixa eu ver... *(Coloca a mão sobre o peito de Teresinha).*

TERESINHA — O coração é mais para cima!

DITO — Pena...

TERESINHA — Você não devia ter feito isso... Eu sou uma moça pura!

DITO — Pura é a mãe de Deus... Você quando muito é uma moça...

TERESINHA — Está passando... *(Suspira)* Passou... Só ficará o pecado. Este nunca desaparecerá!

DITO — As moças da nossa igreja quando cometem algum pecado, rezam, beijam o santo e o pecado some na hora.

TERESINHA — Será? *(Teresinha hesita, depois beija).*

DITO — Pode ficar com ele, para casos de emergência.

TERESINHA — Obrigada... Até logo... *(Vai saindo).*

DITO — Quando é que poderemos nos encontrar outra vez?

TERESINHA — Acho que nunca mais... Você é de lá *(Aponta a igreja católica)* eu sou de cá... *(Aponta sua igreja).*

DITO — Isto não tem importância... A gente pode até falar com "seu" vigário. Ele sabe dar conselhos sobre tudo!

TERESINHA — Tenho medo do Camilo.

DITO — O "seu" vigário resolve isso. Eu te espero na praça às *sete* em ponto, pra gente ir falar com ele.

TERESINHA — Não sei se vou poder. *(Teresinha vai saindo).*

DITO — Procure escapar de seu irmão. O resto eu resolvo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P 141

(Teresinha vai para sua casa. Dito desce a ponte. O Mascate acaba de se estabelecer com suas bugigangas na praça).

MASCATE — Aí hein Dito! "Cantando" a solteirona!

DITO — Solteirona é a mãe!

(A luz cai em resistência).

2º Quadro: Quinta-feira à noite.

Os postes iluminam a praça e a ponte. Nos interiores tudo às escuras. O sino toca anunciando o fim da reza. Padre José e Dito entram na sacristia pela porta do altar. O Padre com os paramentos da reza. O sacristão com o hábito próprio. Acende a luz. Começam a tirar os paramentos.

P. JOSÉ — Apagou as velas?

DITO — Ainda não senhor...

P. JOSÉ — É preciso apagar. Estão custando os olhos da cara. Deixe acesa a de Santa Luzia! É promessa do Zé-Ceguinho. Ele está pagando...

DITO *(Aponta a coleta)* — Quanto deu?

P. JOSÉ *(Balança o saco de moedas)* — Menos de noventa...

DITO — Baixou outra vez...

P. JOSÉ — É... Não sei onde vamos parar!

DITO — A igreja está cada vez mais vazia.

P. JOSÉ — Só um milagre poderá nos salvar!

DITO — Tá tudo pronto, "seu" vigário... Eu vou indo...

P. JOSÉ — Amanhã cedo quando eu chegar, tudo deve estar prontinho... Não se esqueça de trocar o vinho do sacrário; hoje na hora da comunhão, eu bebi vinagre...

DITO — Sim senhor... *(Veste o paletó).*

P. JOSÉ — Faça uma oração a São Benedito antes de sair...

DITO — Já rezei lá no altar.

P. JOSÉ — Não a São Benedito, seu padrinho...

(Dito ajoelha-se diante de uma imagem coberta).

P. JOSÉ — Esta é Nossa Senhora da Aparecida! O seu padrinho é aquele *(Aponta).*

DITO *(Depois de olhar as duas imagens)* — Ah é... São da mesma alturinha... *(Ajoelha-se diante de São Benedito e reza).*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677, P. 192

DPF
Fls. N.º 82
Rubrica

P. José — Você está muito distraído, hoje... Na reza, bateu o sino três vezes fora de hora...

Dito — Duas vezes... Na Consagração escorregou da minha mão... *(Pausa)* "Seu" vigário, a igreja dos protestantes é a igreja do diabo?

P. José — Quem falou isso?

Dito — Todo mundo diz; Dona Maria das Dores, chefe da irmandade, "seu" Zé do Coro...

P. José — Bem, a igreja deles não é do diabo...

Dito — Então é de Deus também...

P. José — É de Deus, mas eles usam meios errados para alcançá-lo.

Dito — Sei... *(Pausa. Dito pensativo)* O senhor acha errado o casamento de domingo?

P. José — O casamento do filho do Coronel Chiquinho com a Edi? *(Pausa)* Errado, errado, não é...

Dito — Mas a Edi é de nossa igreja e o Alberto da igreja de lá...

P. José — Ela tem que acompanhar a religião do noivo...

Dito — Não é pecado?

P. José — Não... Se eles se gostam, devem se casar. É mandamento de Deus: "Crescei e multiplicai-vos". O único mal para variar cai sobre a nossa paróquia...

Dito — Por quê?

P. José — Com o casamento do Alberto, o Coronel Chiquinho ia mudar para a fazenda e doar a casa dele para a igreja.

Dito — Aquele baita casão?!

P. José — Inteirinho! E eu pretendia fundar uma escola para os meninos da paróquia... Depois que ele brigou com o Bispo, acho que vai dar o casarão ao senhor Camilo...

Dito — E ele vai fazer uma escola para os protestantes?

P. José — Não creio... Acho que ele vai fundar um clube.

Dito — Um clube?!

P. José — Uma sociedade recreativa... Não é por dizer, não, mas que a igreja do sr. Camilo parece um clube de reunião do partido do Coronel, parece...

Dito — É sim: eles ficam toda noite num bate-papo comprido: o Coronel, o Zezão...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P143

P. José — Esse Zezão não me cheira nada bem...

Dito — Por quê?

P. José — Lembra da greve da Usina? Aquilo foi trama dele... Ele recebe ordens de um pessoal da capital, pra fazer essas confusões...

Dito — Pessoal... Protestante?

P. José — Pior... *(Sussurra)* Comunista...

Dito — Comunista...

P. José — Psiu... Fale baixo...

Dito — "Creio em Deus-Padre"... *(Benze-se)* — Ih!... Quase sete horas!

P. José — Sete horas!

Dito — Preciso ir andando...

P. José — Precisa sim...

Dito *(Saindo)* — Olha, "seu" vigário. Eu acho que eu tenho um recado pro senhor... Alguém me falou qualquer coisa. Não me lembro...

P. José *(Empurrando-o discretamente)* — Depois você se lembra... Até logo...

Dito — Até logo. *(Sai)*

(Durante a cena anterior, Teresinha saiu de casa, atravessou a ponte e está esperando perto de uma árvore. Dito saindo da sacristia, vai ao seu encontro).

Teresinha — Como vai?...

Dito — Faz tempo que você está aqui?

Teresinha — Não. Cheguei agora... Por pouco não venho... A sorte foi que meu irmão não me viu sair.

Dito *(Tirando do bolso)* — Ah!... Isto aqui é uma oração que "previne" as moças contra irmão bravo. Reza-se três vezes antes de cada refeição e uma vez antes de tomar banho... Dona Maria das Dores disse que não falha.

Teresinha — A sua religião tem remédio pra tudo! Pra irmão bravo e pra beijo de namorado.

Dito — Por falar nisso, você trouxe o santo?...

Teresinha — Trouxe...

Dito — Posso então te dar um beijo?

Teresinha — Outro?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.144

DPF
D P
Fls. N.º 83
Rubrica

DITO — Um só... Depois você beija o santo...

TERESINHA — Tenho medo de morrer do coração.

DITO — Não tem perigo...

TERESINHA — Hoje à tarde, só de me lembrar daquele beijo meu coração dava pinotes... Você me deixa tonta...

DITO — Você ainda não viu nada... *(Aproxima-se e beija Teresinha. O beijo é mais longo que o anterior).*

TERESINHA *(Toma fôlego)* — Dito!... Você abusou.

DITO — É só dar dois beijos no santo...

TERESINHA — Com esse santo, você vai longe...

DITO — Só mais um. Palavra que ele não falha. *(Beija).*

(Dito e Teresinha ficam conversando. O Pastor sai de casa, ronda a praça, e depois cautelosamente bate à porta da sacristia: três batidas compassadas. Padre José diante de São Benedito).

P. JOSÉ — Dai-me forças para engolir as indiretas do senhor Camilo. Eu quero tanto jogar uma partidinha de xadrez... *(Persigna-se e vai abrir a porta).*

P. CAMILO — Boa noite, senhor José...

P. JOSÉ — Boa noite, senhor Camilo... Entre... *(O Pastor Camilo entra. Olha com certa curiosidade o ambiente)* Não repare, senhor Camilo... A construção da igreja começou em 1931 e até hoje não terminou. A Diocese não tem podido nos dar muita atenção ultimamente. Tenha a bondade, sente-se.

P. CAMILO — Ah! Eu trouxe para o senhor ver! A medalha que ganhei no torneio de xadrez do seminário... Prata pura!

P. JOSÉ — Hum... Muito bonita! *(Animado)* Vou lhe mostrar a minha! *(Pega no armário)* Um São José de ouro! Dezoito quilates!

P. CAMILO — Ouro! *(Pega a medalha)* Saiu da mina?

P. JOSÉ — Que mina?

P. CAMILO — O Vaticano é uma mina de ouro!

P. JOSÉ — O Vaticano é uma mina de fé! *(Encaram-se furiosamente).*

P. CAMILO — De ouro!

P. JOSÉ — De fé!

P. CAMILO — De ouro!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 145

P. José *(Olhando para São Benedito)* — De ouro e de fé... *(O Pastor esboça a resposta)* Vamos ao nosso jogo... Sente-se... Jogue com as brancas...

P. Camilo — Ah... Antes que me esqueça: como o senhor deve saber, domingo realizarei o casamento do filho do Coronel...

P. José — Sei, sei...

P. Camilo — ...e aconteceu um inesperado!

P. José *(Curioso)* — Sim...

P. Camilo — Vou precisar da sua ajuda...

P. José — A Edi quer se casar aqui?!

P. Camilo — Não... Não é bem isso... O meu órgão está trancado e eu perdi a chave. Se arrombar estragarei todo o móvel...

P. José — Compreendo... O senhor pode contar com meu órgão.

P. Camilo *(Sorri)* — Muito obrigado...

P. José — Arranjarei um jeito de mandar levá-lo...

P. Camilo — Oh, não se incomode! Já tenho tudo preparado: Takawa, o japonês e Simão, o judeu, virão buscá-lo amanhã...

P. José — Seria bom que guardassem sigilo...

P. Camilo — Não se preocupe, os dois são inteiramente afastados das nossas atividades.

P. José — Ah sim!...

(O Pastor senta-se para o jogo).

P. José — Por falar no casamento... Quanto o senhor vai cobrar pelo do Alberto?

P. Camilo — O Coronel vai fazer uma doação de cinco mil cruzeiros!

P. José — O quê?!

P. Camilo — Só de flor vai mil!

P. José — Mil! O preço que eu cobro para um casamento!

P. Camilo — É pouco... O senhor pode aumentar à vontade, não há concorrência...

P. José — Minha paróquia é pobre...

P. Camilo — E está diminuindo, não é?

P. José — Como o senhor sabe?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA PT E 0677, P.146

OPF
Fls. N.° 84
Rubrica

P. CAMILO — A minha está aumentando... *(Pausa rápida. O Padre se controla olhando para São Benedito)* Saio com o peão do rei! *(Alguns lances)*.

P. JOSÉ — O Coronel Chiquinho vai doar o casarão, para sua igreja?

P. CAMILO — Parece que sim... Depois do casamento... Jogue!

P. JOSÉ — Oh... Sim... *(Joga)* Que o senhor pretende fazer?

P. CAMILO — Atacar com o cavalo!

P. JOSÉ — Não! Digo, no casarão...

P. CAMILO — Ah!... Ainda não sei...

P. JOSÉ — Eu fundaria uma escola!

P. CAMILO — É uma boa idéia... Jogue!

P. JOSÉ — O senhor vai fundar?

P. CAMILO — Este ano não será possível! Meus adeptos são ainda poucos... No ano que vem talvez...

P. JOSÉ *(Vitorioso)* — Eu ainda tenho muitos adeptos! Poderia fundar duas escolas... O que me falta é capital!...

P. CAMILO *(Jocosamente)* — Se Lutero não protestasse, poderíamos ter a união de elementos e capital... O Coronel sozinho garantiria o capital...

P. JOSÉ — E se... *(Pausa)* Não, bobagem...

P. CAMILO — O quê?

P. JOSÉ — Nada. Não daria certo.

P. CAMILO — Essa... União?

P. JOSÉ — Sim, sim...

P. CAMILO — Não podemos nem jogar xadrez...

P. JOSÉ — Poderíamos nos antecipar às recomendações do Concílio Ecumênico. Seria um colégio aparentemente materialista, administrado pelas correntes religiosas da cidade...

P. CAMILO — Criaríamos um ambiente de rivalidade entre os lados...

P. JOSÉ — Tanto melhor! Havendo rivalidade há esforço para a predominância e com isso o aproveitamento será maior! Um atleta, só se supera quando outro o ameaça!

P. CAMILO — Atleta! Poderíamos então, estabelecer disputas e competições esportivas entre eles!

P. JOSÉ — Como não?!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, p. 147

P. CAMILO — Futebol!

P. JOSÉ — Natação, xadrez!

P. CAMILO — Poderíamos ter com o tempo dois quadros de futebol: protestante e católico!

P. JOSÉ *(Inflamado)* — Base cristã para edificação de grandes homens. Grandes homens para grandes obras!

P. CAMILO — Grandes jogadores para grandes times!

P. JOSÉ — "Timor Domini principium sapientiae"!

P. CAMILO — "Mens sana in corpore sano".

(Estão no auge da felicidade. O Pastor voltando à realidade, muda de tom).

P. CAMILO — Meus superiores se oporiam... *(Breve pausa. O padre estático).*

P. JOSÉ — Nem os meus, nem os seus superiores precisariam saber que a escola está firmada nessas bases. Haveria uma junta diretora onde nós "convidados" faríamos parte. Nossos superiores hão de convir que a falta de um de nós representa o fortalecimento do outro...

P. CAMILO — Assim poderá dar certo...

P. JOSÉ — Primeiro ele cederá ao senhor que nomeará a junta. Depois a junta resolverá me convidar para maior brilho da democracia dessa cidade... Um vinhozinho para comemorar a fundação do melhor colégio do Brasil!...

P. CAMILO *(Demagogo)* — Antes do vinho uma prece para que tudo dê certo.

(O Pastor afasta-se e reza de pé, num canto. Padre José ajoelhado diante de São Benedito. Terminada as orações, preparam um brinde. Neste meio tempo, na praça, Dito e Teresinha conversam).

TERESINHA — Será que ele atende a gente?

DITO — Atende sim. Você pode deixar que eu explico...

TERESINHA — Ih... Estou tão nervosa...

DITO — Faz "um nome do padre"... *(Faz).*

TERESINHA — Como é?

DITO *(Pegando a mão dela)* — "Em nome do Padre, do Filho, do Esprito-Santo, Amém"... Beija a mão! *(Teresinha beija a mão de Dito)* Não, a sua! *(Ela obedece).*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0847, P.198

DPF
DIDOR
Fls. N.º 85
Rubrica

TERESINHA — Para quê se fala tudo isso?... Padre, Filho, Santo...

DITO — Não sei... Só sei que dá certo...

(O Coronel Chiquinho surge na praça).

DITO — O Coronel Chiquinho! Me esqueci de dar o recado dele pro "seu" vigário! Ele vai até a sacristia!

TERESINHA — Com o Coronel lá, nós não podemos ir...

DITO — Vamos primeiro até a igreja e depois que o Coronel sair, nós falamos com o "seu" vigário... *(Saem rapidamente).*

(O Coronel Chiquinho bate à porta da sacristia no momento que o Padre José e o Pastor Camilo fizeram o brinde. Padre José e Pastor Camilo se assustam. Pânico).

P. CAMILO *(Falando baixo)* — Quem será?...

P. JOSÉ *(Nervoso)* — Não sei...

(O Coronel torna a bater).

P. JOSÉ *(Alto)* — Quem é?

CORONEL — Eu, Padre José!

P. JOSÉ — Eu quem?!

CORONEL — Coronel Chiquinho!

P. CAMILO — Santo Deus!

P. JOSÉ — Meu São Benedito! *(Alto)* Um momento Coronel!

P. CAMILO — E agora?

P. JOSÉ — Agora...

P. CAMILO — Vamos enfrentá-lo!

P. JOSÉ — Ele acaba com a nossa escola!

P. CAMILO — Que importa!

P. JOSÉ — Ele vira ateu e nos manda às favas!

P. CAMILO — Que fazer?...

P. JOSÉ — Saia pela outra porta!

P. CAMILO — No altar?

P. JOSÉ — É...

P. CAMILO — No altar, não...

P. JOSÉ — Santo Deus! Deixe de preconceitos! Vá!

P. CAMILO — Não. No altar, não...

P. JOSÉ — Não é hora para isso... Venha...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677, P.349

(Padre José abre a porta do altar. Faz sinal, chamando o Pastor Camilo).

CORONEL — O senhor vai abrir?!

P. JOSÉ — Um momento, Coronel! Estou me vestindo! *(Baixo)* Vá, senhor Camilo!

(Pastor Camilo abre a porta do altar).

P. CAMILO — Deus meu! Olha quem está na igreja!

P. JOSÉ *(Olhando)* — O Dito!

P. CAMILO — Com minha irmã! *(Fecha a porta).*

P. JOSÉ — Minha Nossa Senhora! Que faço? *(Anda de um lado para outro desesperado. Pára diante da imagem de São Benedito).* Iluminai-me meu santo compadre! *(Olha para a imagem coberta!)* Já sei! *(Abre o guarda-roupa).*

P. CAMILO — Não!...

(Padre José pega um pano roxo grande no armário. Estende-o, segurando pelas pontas como toureiro).

P. CAMILO — Como santo?

P. JOSÉ — Como santo!

P. CAMILO *(Recuando)* — Isto, nunca!

P. JOSÉ — Não há outra saída!

CORONEL — Padre José, aconteceu alguma coisa?

P. JOSÉ — Já vou!...

(O Padre joga o pano sobre o Pastor que a início se debate. Leva-o assim coberto até o nicho vazio).

P. JOSÉ — Sobe aí... *(O Pastor obedece).* Cruze as mãos na barriga!

(Padre José abre a porta. O Coronel entra).

CORONEL — Com licença, Padre José...

P. JOSÉ — Coronel Chiquinho... *(Nervoso)* Entre...

CORONEL — Estava praticando seu joguinho?

P. JOSÉ — É... Sente-se Coronel...

CORONEL — Não, obrigado padre. Estou de passagem e com pressa. Temos uma reunião no partido marcada para as sete horas. Já estou atrasado...

P. JOSÉ — Ah!... Sim... A campanha vai bem?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677 P. 350

DPF DCDP Fls. N.º 86 Rubrica

CORONEL — De vento em popa! Devo ganhar por mais de quinhentos votos de diferença... E digo mais: serei eleito pelos católicos! É claro... Se fosse depender do voto dos protestantes estava perdido...

P. JOSÉ — Sei... Mas... Sente-se um pouquinho...

CORONEL — Outro dia, Padre José... Vim aqui apenas para convidar oficialmente o senhor, para o casamento do meu filho no domingo...

P. JOSÉ — Ah!... Sim...

CORONEL — Sua presença na festa é indispensável. Ainda mais o senhor que viu o Alberto nascer, que o batizou e o comungou pela primeira vez...

P. JOSÉ — Primeira e única...

CORONEL — Coisas que acontecem, Padre José! Mas Deus é testemunha de que contra o senhor eu nunca tive nada!

P. JOSÉ — Bem sei, Coronel...

CORONEL — Minha briga foi totalmente com o Bispo!

P. JOSÉ — Águas passadas... Assim determinou a vontade de Deus...

CORONEL — E determinou também que eu me convertesse ao protestantismo. Enquanto D. Arlindo for Bispo nesta vida, eu não porei os pés na igreja! *(Aponta a porta do altar)*. Bem que eu gostaria que meu filho se casasse aqui. Uma igreja muito mais bonita, mais suntuosa, mais própria para a cerimônia... Mas por causa de D. Arlindo, friso bem, por causa de D. Arlindo, ele vai se casar na igrejinha dos protestantes mesmo...

P. JOSÉ — Só espero que ele seja feliz...

CORONEL — Eu mesmo confesso, Padre José: tenho saudades da igreja e de quando puxava a Ave-Maria na Procissão... *(Admira o ambiente)* Eu ajudei a construir tudo isso! Sabe, Padre, cá entre nós... De vez em quando, as coisas se apertam e eu rezo para São Benedito. Me lembro do senhor, rezo e as coisas dão certo...

P. JOSÉ — Meu santo compadre não falha, Coronel...

CORONEL — Até quando vou ao culto protestante, faço minhas orações como o senhor me ensinou... Acho que elas valem mais... Aquelas do Pastor Camilo são meio fracotas... Nada como o terço e a novena da Virgem Santíssima! Olha só... *(Exibe)* Ainda levo a medalha de Santa Madalena comigo. Não levo no pescoço porque não quero que o Pastor Camilo fique sabendo... Coitado ele é um santo...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.151

P. JOSÉ *(Intencional)* — É um santo sim...

CORONEL — Mais nessas coisas de religião ele é meio "tapado"...

P. JOSÉ *(Disfarçando)* — Bem dotado, sim...

CORONEL — Bem, vou andando... O pessoal já está me esperando.

P. JOSÉ *(Incentivando a saída do Coronel)* — Apareça, Coronel...

CORONEL — Espero o senhor no domingo, lá em casa! Na igreja sei que não vai mesmo... Mas está certo... Dois bicudos não se beijam...

P. JOSÉ — Pois é...

CORONEL *(Saindo)* — Ainda conto com o seu voto!

P. JOSÉ *(Sorrindo)* — Vamos ver...

CORONEL — Até domingo, Padre José! Se me dá licença... *(Beija a mão do Padre José)* Esta mão me dá sorte! *(Sai)*.

P. JOSÉ — Até domingo!

(O Pastor Camilo começa a descobrir-se. Dito e Teresinha entram. O Pastor se ajeita novamente).

DITO — Seu vigário!

P. JOSÉ — Dito!

TERESINHA — Boa noite, seu vigário...

P. JOSÉ — Bo-boa noite...

DITO — Esta é Teresinha, uma amiga...

TERESINHA *(Desapontada)* — Amiga?!

DITO *(Tímido)* — Namorada... *(O Pastor reage)*.

P. JOSÉ — Namorada... Bem... *(Estende a mão ao alcance de Teresinha)* Deus a abençoe.

(Pausa rápida. Estáticos: o padre com a mão estendida).

DITO — Beije a mão!

TERESINHA *(Beija a própria mão)* — Pronto...

DITO — Não! A mão do seu vigário! *(Teresinha hesita, depois beija)*. É costume, Teresinha... *(Para o Padre)*. Ela não sabia seu vigário... É que ela é protestante...

P. JOSÉ — Protestante?

DITO *(Medroso)* — Sim senhor...

TERESINHA — Há algum mal nisso, senhor Padre?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.152

DPF D. P. Fls. N.º 87 Rubrica

P. José — Não... Não...

Dito — Ela é irmã do senhor Camilo, o Pastor...

P. José — Sei... Sei... *(Embaraça-se)*. Sente-se, Dito... Sente-se, Teresinha... *(Tira o chapéu do Pastor Camilo que estava sobre uma cadeira e esconde-o. Dito e Teresinha sentam-se)*. Vamos conversar... *(Pigarreia, procura assunto)*.

Teresinha — Onde está a imagem de São Benedito, seu padrinho?

Dito — Debaixo desse pano roxo, como os outros. Na Quaresma é costume... A gente só descobre no Sábado de Aleluia... *(Fixando o Pastor Camilo)* Uai... Que santo é esse, "seu" vigário?

P. José — Ah?... Ah sim! Um santo que chegou agorinha pouco...

Dito — Baita santão! Que santo é?

P. José — São... São... São...

Teresinha — São Sansão?

P. José — Não! São Francisco!

Dito — Xavier

P. José — Assis...

Teresinha — São Francisco de Assis! *(Aproxima-se)* Já ouvi falar muito dele... Gostaria de ver como ele é!

Dito — Pode levantar o pano, seu vigário?

P. José — Não! É pecado!

Teresinha — Deve ser uma perfeição! Tudo aqui me deslumbra: os vidros coloridos da janela, a pia de batizar, os ouros das paredes, os "veleiros" de vela, os anjos! Tem um parecidíssimo com o Dito!

Dito — É aquele do altar de Nossa Senhora, seu vigário. Ela ci mou que sou eu!

Teresinha — Nossa Senhora eu conheço da procissão do ano passado! O Camilo ficou sabendo que eu assisti e foi um "tempo quente".

P. José — Ele achou ruim, é?...

Dito — Tudo ele acha ruim, seu vigário! Só vendo que homem implicante!

Teresinha — Ele tem algumas qualidades: como bem, dorme bem e anda muito bem vestido. Uma sujeirinha de nada na roupa, ele acha ruim. E sou eu que limpo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.153

DITO — Ele não se ajoelha quando reza, para não sujar a calça...

P. JOSÉ — Ora Dito, que bobagem... E você, Teresinha, precisa contar a ele que anda saindo com o Dito...

TERESINHA — Ele me expulsa de casa! Ele não é compreensivo como o senhor...

P. JOSÉ — Apesar disso, ele precisa saber...

DITO — Será que não dava pro senhor falar com ele?

P. JOSÉ — Eu?...

TERESINHA — Acho melhor não arriscar. Muitas vezes ele critica o seu vigário...

P. JOSÉ — Critica é?... *(Olha para o Pastor Camilo)* Que tipo de crítica?

DITO — Ele acha ruim do alto-falante da quermesse!

P. JOSÉ — Ora essa! É porque ele não vai!

TERESINHA — Quem me dera que ele fosse!

DITO — Ele passa o dia inteiro metido dentro daquele clube dele!

TERESINHA — Que clube?

DITO — O seu vigário disse que a igreja de vocês parece clube de reunião...

P. JOSÉ — Dito!

DITO — ...reunião do Partido do Coronel Chiquinho...

P. JOSÉ — Eu disse... Religião do Partido...

DITO — Não senhor, reunião do partido mesmo... Até falou que o Pastor Camilo protegia os comunistas!

(O Pastor Camilo tem ímpetos de se descobrir).

P. JOSÉ — Dito!

TERESINHA — Tirando os defeitos ele não é uma pessoa má...

DITO — Você é uma moça muito bondosa... Eu até gostaria de me casar com você...

TERESINHA *(Animada)* — Casar comigo?... Não brinque, Dito... Meu coração é fraco...

DITO — É sério... Nem que seja para casar nas duas igrejas!

P. JOSÉ — Você se casaria lá?

DITO — Não. Eu iria lá só para constar... Eu sei que o senhor não vai gostar, mas... O Deus não é o mesmo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677,P.154

DPF
Fls. N.° 88
Rubrica

P. José — Bem, que é, é...

Dito — Então dá na mesma... O principal é a gente agradar Deus. Os santos não são muito importantes...

P. José — Quem lhe disse isso?

Teresinha — Fui eu!

Dito — Quando ela reza, passa por cima dos santos e reza direto a Deus. Por que a gente não faz o mesmo? Acho que assim a oração chega mais depressa...

Teresinha — Ah!... Mas rezar pra santo é tão bonito! Até gostaria de rezar ajoelhada diante de uma imagem bonita!

Dito — Você quer rezar comigo?

Teresinha — Eu não sei suas rezas!

Dito — Eu te ensino. *(Arrasta o genuflexório para perto do Pastor)* Ajoelhe aqui... Vamos rezar para São Francisco!

P. José — Não!

Dito — Por quê?

P. José — Porque... Ainda não está bento!

Dito — Ah, então pode tirar o pano para ela ver!

P. José *(Segurando Dito)* — Não!...

Dito — Se não está bento, pode!

P. José — Você não entende nada de liturgia!

Teresinha — Que quer dizer bento?

Dito — É um negócio que o Padre faz para o santo ficar valendo.

Teresinha — Então "benta" ele, agora...

P. José — Agora não... Só amanhã na missa!

Teresinha — Eu nunca vi a missa! *(Para Dito)* Queria te ver com a tal saia vermelha.

Dito *(Mostrando)* — É esta!

Teresinha — Que renda bonita! Veste para eu ver!

(Dito se veste).

Teresinha *(Rindo)* — Tal e qual a roupa que minha avó usava!

Dito — Está vendo, seu vigário? Esta roupa é minha diferença!

Teresinha *(Remendando)* — Em você fica um amor... Você fica nobre, másculo!

Dito *(Animado)* — Eu pego o missal nesta mão... *(Pega-o)* A campainha nesta... *(Pega-a)* E... Você quer ver?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677/P.155

TERESINHA — Quero!

DITO — Então, faz de conta que o "santão" é um santo lá do altar. No começo entro eu e o Padre. O Padre na frente e eu atrás. *(Aponta o genuflexório)* Ajoelha aqui! *(Teresinha ajoelha).*

P. JOSÉ — Já disse. Isto é pecado!

DITO — Ora seu vigário... Nós não vamos rezar... Me ajude a mostrar como é... Só o comecinho do "Intróito"...

P. JOSÉ — Não... Não!

DITO — Quando eu entrar, você se levanta. Quando eu tocar o sino, você ajoelha. *(Prepara-se e entra. Teresinha levanta-se)* O "seu" vigário vai na frente. Ele diz: *(Emposta a voz)* "In nomine Patris et filii, et Spiritus Sancti. Amém. Introibo ad altare Dei". Eu respondo: *(Diz normalmente)* "Ad Deus qui lactificat juventutem meam". Depois quando chega no "Prefácio", ele fala: *(Emposta a voz)* "Per omnia saecula saeculorum". E eu: "Amém, e o seu vigágio: "Dominus Vobiscum". E eu respondo: "Et cum spiritu tuo". *(Toca a campainha. Silencio. Teresinha ajoelha. Também Dito. Ambiente formado para):*

PASTOR *(Sob o pano, com voz mística)* — "Vossos corações seguem crenças diferentes. Não podem se juntar!"

DITO — MI-LA-GRE!

(Dito e Teresinha abraçam-se tremendo).

P. CAMILO — "Teresinha, vá para sua casa e siga os ensinamentos de seu irmão. Ele é o melhor irmão do mundo, e muito compreensivo. E queça Dito para sempre".

(Pausa longa. Padre José se refaz da situação).

P. JOSÉ — Dito?!

(Pausa)

P. JOSÉ — Dito?!
DITO — Hein?!
P. JOSÉ — Leve Teresinha daqui!
DITO — Hein?!
P. JOSÉ — Leve Teresinha para casa!
DITO — O senhor escutou?...
P. JOSÉ — Escutei...
DITO — Mila-mila-milagre!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PE-0677,I.396

DPF N.º 89 Rubrica

DITO — A-cende u-ma ve-la! *(Levanta-se)* MILAGRE! MILAGRE! *(Começa a zanzar pela sacristia).*

P. JOSÉ — Dito! Pare com isso!

DITO — MILAGRE! MILAGRE!

(Dito abre a porta da sacristia).

P. JOSÉ — Dito! Onde vai?!

DITO — Tocá o sino!

(Dito sai correndo para a praça).

P. JOSÉ — Dito, meu Deus! *(Vai até à porta. Volta para atender Teresinha que começa a chorar).*

DITO *(Na praça)* — MILAGRE! MILAGRE!

(Afluência de pessoas ao local).

1º FIEL — Que foi?

DITO — MILAGRE!

2º FIEL — Onde?

DITO — MILAGRE NA SACRISTIA!

1º FIEL — MILAGRE NA SACRISTIA!

(Várias pessoas começam a chegar).

2º FIEL — MILAGRE NA SACRISTIA!

DITO — MILAGREEEE!!! *(Sai correndo).*

(Confusão de vozes que gritam: MILAGRE NA SACRISTIA"... O sino começa a tocar. Entram pessoas de todos os lados. Alvoroço. Invadem a sacristia. Padre José desesperado num canto, com Teresinha. Confusão geral. O sino continua tocando).

FIM DO PRIMEIRO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.157

DPF
Fls. N.º 90
Rubrica

SEGUNDO ATO

Quadro único — Sexta-feira pela manhã.

Madrugada do dia seguinte. JUCA-PROTESTANTE acaba de se instalar na ponte e joga o anzol. Em primeiro plano, vindos da direita, aparecem SIMÃO-JUDEU e TAKAWA-JAPONÊS, carregando o órgão coberto por um pano. PADRE JOSÉ aparece na sacristia com um bilhete na mão. Abre a porta no momento em que os carregadores passam.

P. José — Entregues também esse bilhete!

(Takawa pega-o. Os carregadores dirigem-se à ponte e a atravessam).

Juca — Bom dia, seu Simão! Bom dia seu Takawa!

(Simão e Takawa acenam com a cabeça e chegam à casa do Pastor Camilo. Batem à porta. Na sacristia, o Padre José anda aflito de um lado para outro).

P. José *(Para o santo)* — Bom dia, meu "santo compadre"... Quero falar com o senhor Camilo e o Juca-Protestante está pescando justo na ponte. Preciso muito de vosso auxílio. Vou enfrentar o sentinela!

(Com certa preocupação, sai da sacristia e chega à ponte).

P. José — Bom dia, senhor... Juca!

Juca — Padre José! Tão cedo! Bom dia!...

P. José — Pescando... Hein?...

Juca — É... Um pouquinho...

P. José — Logo cedo...

Juca — Pr'o almoço... A patroa convidou o compadre pra comer em casa, justo hoje, Sexta-feira da Paixão, que ela mais o compadre não come carne...

P. José — Já pegou algum?

Juca — Que o quê... Cheguei agora...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 158

P. José — Ontem fiquei mais de hora e meia, com vara em punho e... Não peguei nada.

Juca — Nada?!...

P. José — Nada, nada... Aliás, nessa época do ano, não se pega peixe por aqui...

Juca — Uai, seu Padre, dessa eu não sabia...

P. José — O melhor é rio acima, perto da cabana do finado Zé-Perdigueiro...

Juca — Aquele que morreu afogado?

P. José — É...

Juca — Rio acima?

P. José — Lá é jogar minhoca e recolher peixe!

Juca — Curioso... Os peixes que passam lá, não passam depois por aqui?

P. José — Passam...

Juca — Então deve dar na mesma...

P. José — Isto eu não entendo... A natureza às vezes faz das suas. Só sei que lá pega, e aqui não...

Juca — Então, vou pra lá... *(Recolhe o anzol)* — Se a pesca for boa eu mando alguns p'ro senhor...

(Juca desce a ponte. Padre José começa a atravessá-la. Juca reaparece).

Juca — "Seu" Vigário?!

P. José — Hein?!

Juca — Ontem de noite escutei um reboliço na praça, os sinos tocaram... Depois eu escutei uma correria em frente da casa... Que aconteceu?

P. José — É que...

Juca — Meu filho chegou em casa dizendo que tinha sido milagre na sacristia... Eu estava meio dormindo, mas ouvi ele contar pra mulher.

P. José — Hoje, às oito horas, eu vou esclarecer o acontecimento... Apareça lá!

Juca — Na igreja?

P. José — É...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.159

DPF
D DP
Fls. N.° 91
Rubrica

JUCA — Não é por nada não, seu vigário, mas cada um da gente tem idéia diferente de religião. O senhor sabe: eu sou protestante e o Pastor pode não gostar se eu... Bem... Minha mulher ainda é de lá da sua igreja... Depois eu me inteiro da história com ela... *(Vai saindo)* Té logo...

P. JOSÉ — Até logo... *(Juca sai).*

(Padre José chega à casa do Pastor e este já o espera na porta).

P. CAMILO *(Secamente)* — Entre...

P. JOSÉ *(Entrando)* — Com licença, senhor Camilo.

P. CAMILO *(Mostrando o bilhete)* — Que é que o senhor acha que eu ainda possa fazer?

P. JOSÉ — Não sei, senhor Camilo, mas eu não posso continuar sozinho nessa situação!

P. CAMILO — Continuar? Não podemos continuar!

P. JOSÉ — Que fazer, então? Contar a verdade a todo mundo?

P. CAMILO — Seria o fim de nossa carreira! Temos que colocar panos quentes na situação. O senhor não deve incentivar seus crentes a homenagear o tal santo milagroso como fez ontem!

P. JOSÉ — Mas como? A igreja ficou coalhada de gente! Não será fácil de uma hora para outra, tirar da cabeça de toda aquela gente que o santo não existe... O senhor precisava ver! No momento em que o benzi...

P. CAMILO — Me benzeu?!

P. JOSÉ — Com água benta!

P. CAMILO — Aqueles pinguinhos de água? Eu pensei que fosse uma goteira ou cano vazando...

P. JOSÉ — Sou padre há trinta anos. Nunca vi tanto júbilo de fé como ontem à noite. Todos estavam quietos, elevados a Deus, na esperança de que São Francisco Xavier, quero dizer, Assis, resolvesse seus problemas, curasse seus males...

P. CAMILO — O senhor acha que tem valor aquela demonstração de fé?

P. JOSÉ — Ninguém sabia que o santo era o senhor...

P. CAMILO — Padre José, não se esqueça de que o senhor é um ministro de Deus!

P. JOSÉ — Esse milagre é a minha oportunidade de dar a Deus mais de mil devotos conscientes e convictos!

P. CAMILO — Mas isto é uma farsa. É mais um sacrilégio!

P. JOSÉ *(Clássico)* — Os meios não importam quando o fim é para o bem!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.160

(Num canto da praça, o Mascate arruma sua barraquinha).

P. CAMILO — Eu acho que o senhor não está passando bem... O senhor dormiu essa noite?

P. JOSÉ — Dormi, dormi e vi em sonhos a nossa escola cheia de crianças felizes e saudáveis, aprendendo o "ABC" da fé...

P. CAMILO — Que escola?

P. JOSÉ — Nossa escola!

P. CAMILO — Minha, não!

P. JOSÉ — Mas, senhor Camilo... Nós havíamos combinado tudo... O time de futebol, os jogos entre eles...

P. CAMILO — Agora é diferente. Nossa união tornou-se impossível! Eu não posso cooperar com essa sua idéia de incentivar a fé por meio de uma farsa...

P. JOSÉ — O senhor entrará apenas com o casarão que o senhor Chiquinho vai doar! Dinheiro eu arranjarei!

P. CAMILO — Arranjará onde?

P. JOSÉ — Ontem, na coleta, as esmolas renderam mais de cinco mil cruzeiros! Duas vezes mais que o mês passado inteirinho, num só dia!

P. CAMILO — O senhor está comerciando com a fé.

P. JOSÉ — Estou comerciando para o bem geral. Apoiado no santo milagroso eu vou longe, senhor Camilo!

P. CAMILO — Mas os meios...

P. JOSÉ — Importam os fins... Os santos não chegaram a santos de rezar o dia todo! Eles realizaram obras e foram salvos por essas obras!

P. CAMILO — Pela fé! Está no "Livro Sagrado"! Pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. *Não vem das obras,* para que ninguém se vanglorie". Efésios, capítulo dois, versículos oito e nove!

P. JOSÉ — "O filho do Homem há de vir na glória de seu Pai com os seus anjos; e então dará a cada um a paga *segundo as suas obras*". Mateus, capítulo dezesseis, versículo vinte e sete! Do mesmo livro...

P. CAMILO — É uma questão de interpretação...

P. JOSÉ — É uma questão de confusão!

P. CAMILO — Cristo, tende piedade de uma alma que se perde!

P. JOSÉ — E o senhor precisa se perder comigo! Com o casarão nós realizaremos a maior obra da cidade!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.161

DPF
DCDP
Fls. N.º 92
Rubrica

P. CAMILO — Não daria certo... Numa escola organizada por mim e pelo senhor, poderia se repetir entre os alunos, o namoro impossível de Teresinha e Dito.

P. JOSÉ — Impossível? Senhor Camilo, eles se amam!

P. CAMILO — Eu criei Teresinha dentro da minha igreja, incutindo nela o espírito de minha doutrina, para depois um rapazinho qualquer, um sacristão católico, levá-la e convertê-la às suas idéias. Isto é que não!

P. JOSÉ — É um grave erro. Cada um de nós deve seguir o caminho que quiser!

P. CAMILO *(Cansado)* — Prefiro não discutir, neste momento.

P. JOSÉ — Então chegamos a uma conclusão. O senhor vai me ajudar?

P. CAMILO — Bancando o santo de porcelana?

P. JOSÉ — Apenas hoje! Amanhã, Sábado de Aleluia, os santos devem ser descobertos. Até amanhã providenciarei a compra de uma imagem que tenha o seu manequim.

P. CAMILO — Manequim...

P. JOSÉ — Pelo menos que regule com o seu tamanho.

P. CAMILO — Manequim? *(Pausa)* Isto mesmo!

P. JOSÉ — Que foi?

P. CAMILO — Tenho um manequim de alfaiate. Ele resolverá o problema!! Tem o meu tamanho!

P. JOSÉ — Será o santo?

P. CAMILO — Me substituirá com vantagens. Pelo menos não ficará resfriado e com torcicolo...

P. JOSÉ — E onde está?

P. CAMILO — No forro, junto às bugigangas que guardo.

P. JOSÉ — Ótimo! Ótimo! Por que não lembrou disso antes?

P. CAMILO — Vou buscá-lo; espere um instante.

(Pastor Camilo sai. Padre José tranca a porta cuidadosamente. Na praça aparece o Jornalista: roupa velha, chapéu e u'a máquina fotográfica com "flash". Aproxima-se do Mascate).

JORNALISTA — Bom dia...

MASCATE *(Eloqüente)* — Bom dia, freguês! Aliás, um belo dia! Que deseja? A imagem miniatura de São Francisco milagroso? *(Levanta-o)* Saiu agora do forno! Novinha em folha! Cheirando tinta! Vai levar?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.162

JORNALISTA — Eu...

MASCATE — Leve também algumas velas: pequenas, médias e grandes, para promessas pequenas, médias e grandes.

JORNALISTA — Não, obrigado... Foi nesta igreja que ontem...

MASCATE — Foi... O senhor não esteve na igreja ontem à noite?

JORNALISTA — Estou chegando agora. Vim de São Paulo. Sou jornalista.

MASCATE — O santo falou língua de gente, não de missa... Tem gente que viu até o santo se mexer...

JORNALISTA *(Escrevendo)* — O que mais?

MASCATE — Diz que o Padre "tava" tão nervoso que na hora da benzeção do santo esparramou água pra todos os lados!

JORNALISTA — É natural...

MASCATE — Padre José é muito bom... Dizem por aí, também, que ele conversa com São Benedito e o santo responde. O povo antes pensava que era caduquice, agora acredita...

JORNALISTA — Que horas ele vem pra cá?

MASCATE — Antes das sete ele abre a igreja...

JORNALISTA — Será que ele me atende para umas fotografias?

MASCATE — Ah atende sim!... Ele é louco por retratos! Tudo quanto é batizado e casamento ele faz questão de sair... Ah! Por falar em retratos, o senhor me iluminou uma idéia na cabeça!

JORNALISTA — Que idéia?

MASCATE — Isto aqui abre, e dentro a gente pode por um retrato. O senhor tira o retrato do Padre José ao lado de São Francisco e a gente vende pro povo da cidade! Pode dar um dinheirão!

JORNALISTA — E a gente racha o lucro?

MASCATE — Racha no meio! Um brochinho desses custa pra mim sete cruzeiros... Os retratinhos, uns cem, pequeninos, revelados no Italiano, vai ficar nuns três cruzeiros cada um...

JORNALISTA — Total dez cruzeiros.

MASCATE — A gente vende por... Sessenta cruzeiros! Tem um lucro de cinqüenta! Vinte e cinco pra cada!

JORNALISTA — Negócio feito!

MASCATE — Abençoado São Francisco!

JORNALISTA *(Pegando a imagem)* — É este?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,p.163

DPF
D. DP
Fls. N.º 93
Rubrica

MASCATE — A dizer bem a verdade, eu nem sei... Só sei que vou vender como sendo...

JORNALISTA — Como assim?

MASCATE — Ninguém ainda viu a cara da imagem... Está coberta de roxo... O Zé-Oleiro, que me moldou essa imagem de madrugada, é ateu e não conhece São Francisco... *(Aproxima-se e fala baixo)* A forma é de Santo Antônio, só que ele pintou uma barba...

JORNALISTA — E São Francisco tem barba?

MASCATE — Deve de ter... De cada dez santos, nove usam barba...

JORNALISTA — E vai vender de monte, hein?

MASCATE — Pois é... Acha que eu podia esperar amanhã pra ver o tal santo? Perdia um dia de trabalho...

JORNALISTA — Só amanhã, por quê?

MASCATE — É o Sábado de Aleluia que o Padre tira os pano-roxo...

JORNALISTA — Ah, sim!... *(Olhando a imagem)* Se for muito diferente é bom o senhor pegar a estrada...

MASCATE — A mulher e os filhos já estão de trouxa pronta... Até amanhã, ao meio-dia, já tô rico... Cuide aqui do mascate que vou buscar os brochinhos que estão com minha mulher. *(Sai. Em sua casa, Pastor Camilo entra carregando um manequim sorridente).*

P. CAMILO — Aqui está! *(Coloca o manequim de pé)* Da minha altura. A única desvantagem dele é que eu sou bento e ele não...

P. JOSÉ — Deus me perdoe, mas é questão de um só dia. Para amanhã eu vou encomendar um São Francisco na Capital... O senhor poderia fazer isso para mim...

P. CAMILO — Eu?

P. JOSÉ — Se eu fizer a compra, todo mundo descobrirá.

P. CAMILO — Mas, justo eu?

P. JOSÉ — O senhor não precisa dizer seu nome. Dê apenas o endereço.

P. CAMILO — Um São Francisco do meu tamanho... Será que tem?

P. JOSÉ — Se não tiver... Oh, meu São Benedito, deve ter... Tem que ter. *(Abraça o manequim)* Vamos Francisco!

P. CAMILO — Deixe que eu mando o Takawa e o Simão levar o Francisco...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

P. José — Bem... É mais seguro. Até qualquer momento...

P. Camilo — Se precisar de alguma coisa...

P. José — Acho que vou precisar...

P. Camilo — Mande me chamar.

P. José — Como?

P. Camilo — Se o Takawa e o Simão não estiverem por perto, toque o sino!

P. José — Tocar o sino?

P. Camilo — Três toques compassados: dém, dém, dém!

P. José — Ótimo! Muito obrigado! Até logo... *(Vai saindo).*

P. Camilo — Assis ou Xavier?

P. José — O que?

P. Camilo — O Francisco...

P. José — Assis!

P. Camilo — Está bem, até logo...

(Padre José sai. Pastor Camilo deixa a sala. Padre José com muita cautela chega à ponte. Entra o Mascate com os broches).

Mascate — Lá está o santo Padre!

Jornalista — Sozinho! Que maravilha! *(Corre para a ponte)* Bom dia, santo Padre! Peço a bênção! *(Beija a mão do Padre).*

P. José — Deus te abençoe...

Jornalista — Posso tirar uma fotografia?

P. José — Fotografia de mim?

Jornalista — Sim senhor...

P. José — Pois não... *(Prepara uma pose na ponte. Sorri).*

Jornalista — Por favor Padre, não sorria...

P. José — Por quê?

Jornalista — Olhe para aquela nuvem, como se estivesse vendo um bailado de anjinhos!

P. José — Anjinhos!

Jornalista — É para o jornal!

P. José — Jornal?!

Jornalista — Uma reportagem sobre o santo evento de ontem!

P. José — Oh, não! *(Sai da posição descendo a ponte. O Jornalista atrás).*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 165
DPF
Fls. N.º 94
Rubrica

JORNALISTA — Divulgação do grande acontecimento!

P. JOSÉ — Não! Nada disso!... *(Dirige-se à igreja).*

JORNALISTA *(Atrás)* — Uma foto apenas, ao lado da imagem milagrosa!

P. JOSÉ *(Pára na porta da sacristia)* — Não... Não posso atendê-lo...

JORNALISTA — Deixe de modéstia, santo padre! Suas relações com Deus devem ser divulgadas. Seus superiores se orgulharão do senhor.

P. JOSÉ — Meus superiores?...

JORNALISTA — O Bispo, o Arcebispo, o Cardeal!

P. JOSÉ — O Bispo... Oh! *(Abre a porta)* Com licença...

JORNALISTA *(Tentando entrar)* — Uma só!

P. JOSÉ — Por favor... *(Fecha a porta e passa a chave. Suspira encostado à porta)* — Uff...

(Em sua casa, Pastor Camilo volta à sala com Takawa e Simão).

P. CAMILO — Vocês vão levar esse manequim até a sacristia da igreja do Padre José. Não deixem ninguém ver vocês entregarem o boneco!

TAKAWA — Vai coberto, como o órgão?

P. CAMILO — Vai... *(Cobre-o).*

SIMÃO — O senhor é sabido, hein? Troca boa, senhor Camilo! O órgão vale muito mais!

(Simão e Takawa carregam o manequim como se fosse uma pessoa numa rede. Saem da casa do Pastor, atravessam a ponte e chegam à sacristia. O Jornalista aproxima-se "farejando").

JORNALISTA — Está muito doente?

TAKAWA — Quem?

JORNALISTA — Trouxe para o Padre benzer?

SIMÃO — Vamos! *(Saem de perto do Jornalista).*

JORNALISTA — Esperem! *(Bate à porta com estardalhaço)* Senhor Padre! Abra a porta! É urgente!

P. JOSÉ — Não insista, rapaz!

JORNALISTA — Tem um homem morrendo!

P. JOSÉ — Morrendo?!

JORNALISTA — Precisa sua bênção!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 166

(O Padre abre a porta. O Jornalista se afasta, toma posição e bate uma foto, no momento em que o Padre recolhe os dois carregadores com o manequim. O Jornalista corre para a porta, mas esta lhe bate na cara).

JORNALSTA *(Dirige-se ao Mascate)* Tirei a fotografia!

MASCATE — Do Padre e do santo?

JORNALISTA — Do Padre recolhendo dois fiéis carregando um moribundo!

MASCATE — Não serve para a medalha! Precisa ser do Padre e do santo!

JORNALISTA — Mas serve para a edição de amanhã do meu jornal! Onde tem um telefone por aqui?

MASCATE — Só na Companhia Telefônica! *(Indica)* — Por esta rua abaixo!

JORNALISTA — Vou já avisar o chefe! *(Sai correndo).*

(Padre José olha cuidadosamente pela porta).

P. JOSÉ — Podem ir. Não digam nada a ninguém!

SIMÃO *(Estendendo a mão)* — Serviço extra, seu José...

P. JOSÉ — Ah, sim... *(Dá o dinheiro).*

(Os dois carregadores deixam a sacristia. Padre José coloca o manequim no nicho e cobre-o com o sudário roxo. Coronel Chiquinho entra na sacristia).

CORONEL — Padre José!

P. JOSÉ *(Assusta-se)* — Coronel...

CORONEL — Beijo suas santas e abençoadas mãos, contrito! *(Beija).*

P. JOSÉ — Coronel... Eu...

CORONEL — A razão tarda, mas não falta! Eis-me de volta ao lar de Deus!

P. JOSÉ — O senhor?!

CORONEL — Padre José: analisei profundamente as minhas relações com Deus e percebi que estava no caminho errado... Esta é a verdadeira casa de Cristo!

P. JOSÉ — Oh, senhor Coronel... Sente-se... *(Puxa a cadeira).*

CORONEL — Não antes de orar profundamente diante da milagrosa imagem de São Francisco Xavier...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.167

DPF
D - DP
N.º 95
Rubrica

P. José — Assis...

(O Coronel ajoelha-se diante do manequim).

P. José — Coronel! Um momento!

Coronel — O que?

P. José — Não reze ainda...

Coronel — Por quê?

P. José — Bem... É que... Antes de rezar para a imagem milagrosa o senhor tem de penitenciar-se diante das outras imagens...

Coronel *(Levantando-se)* — Ah... Sim... Aliás, eu gostaria também de me confessar e comungar...

P. José — Quer confessar, Coronel? *(Arrastando o genuflexório)* Ajoelhe aqui!

(O Coronel se ajoelha. O Padre senta-se e o abençoa. Passam a falar em tom baixo e solene).

P. José — A oração da confis ão...

Coronel — Esqueci-me... Tanto tempo...

P. José — Então, vamos direto ao assunto... *(Pausa longa).*

Coronel — Bem, o senhor já conhece mais ou menos... O assunto...

P. José — Mas o senhor tem que falar...

Coronel *(Pigarreia)* — Eu... Fui protestante... Briguei com o Bispo dentro da igreja...

P. José — Grave, muito grave...

Coronel — Isto fica entre nós, não é?

P. José — E Deus...

Coronel — Que seja... *(Olha para todos os lados)* Eu desviei dinheiro da Prefeitura para a campanha política...

P. José — Hum... Eu sabia!...

Coronel — Quem pichou as paredes da igreja, fui eu mesmo...

P. José — Eu mando a conta depois... Prossiga...

Coronel — Se eu for eleito, vou nomear meu filho para um cargo rendoso na Prefeitura...

P. José — Vai?!

Coronel — Vou... Conto porque assim fico livre do pecado...

P. José — Isso não vale...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

CORONEL — Então, eu torno a me confessar, depois...

P. JOSÉ — Que mais?

CORONEL — Que eu me lembre é só...

P. JOSÉ — Por que o senhor voltou a ser católico?

CORONEL — Bem... Padre José... Um homem do povo como eu não pode se manter afastado da igreja...

P. JOSÉ — Ainda mais em época de eleição, não é?

CORONEL — Ora, Padre José...

P. JOSÉ — E com o eleitorado todo sabendo do milagre de São Francisco...

CORONEL — Aliás, São Francisco é meu protetor... Sempre foi!... Veja meu nome: Chiquinho vem de Francisco...

P. JOSÉ — São Francisco e Coronel Francisco... Coligação invencível! *(Começam a deixar o tom solene da confissão).*

CORONEL — Bela legenda o senhor me arrumou! Sabe, Padre José... Eu estava pensando. São Francisco merece uma homenagem toda especial da gente de nossa terra...

P. JOSÉ — Homenagem?!

CORONEL — Alguma coisa nunca vista!

P. JOSÉ — Que poderia ser?

CORONEL — A coisa mais bonita que eu poderia imaginar: *(Levanta-se)* Uma chuva de rosas!

P. JOSÉ — Chuva de rosas?!

CORONEL — Em nome do povo dessa cidade, que eu sempre representei, vou providenciar a chuva!

P. JOSÉ — Quando?

CORONEL — No Sábado de Aleluia, depois da missa, depois que eu me comungar, um avião sobrevoará a praça da igreja e lançará pétalas de rosas!

P. JOSÉ — Um avião?!

CORONEL — Os sinos tocarão e o povo cairá de joelhos elevando suas preces ao grande São Francisco Xavier!

P. JOSÉ — Onde o senhor arranjará o avião?

CORONEL — Ah... Arranjarei... Pode ser aquele que andou por aí, no ano passado matando gafanhoto.

P. JOSÉ — É verdade!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.169

DPF
D OP
Fls. N.º 96
41 brica

CORONEL — Momentos depois, a banda entrará tocando uma bela marcha e na frente dois homens carregarão uma faixa: "São Francisco saúda Coronel Francisco". Não, é ao contrário: "Coronel Francisco saúda São Francisco".

P. JOSÉ — Isto não!

CORONEL — Por quê??

P. JOSÉ — Acho isso um...

CORONEL *(Cortando)* — O senhor acha isso magnífico, porque, no mesmo momento, farei a entrega da escritura do "casarão" para o senhor fundar sua Escola!

P. JOSÉ *(Estupefato)* — A Escola!

CORONEL — Escola São Francisco Xavier!

P. JOSÉ — Assis!...

CORONEL — E depois, numa festa só, o casamento de Alberto e Edi!

P. JOSÉ — Aqui?

CORONEL — Aqui, de certo!

P. JOSÉ — Vou enfeitar toda a igreja!

CORONEL — Mandarei vir da Capital um novo tapete de veludo!

P. JOSÉ — Vai ser uma maravilha! *(Cai em si)* Coronel!...

CORONEL — Hein?...

P. JOSÉ — A confissão...

CORONEL — Hein... Ah! Sim... *(Ajoelha-se)*.

(Voltam ao tom solene).

P. JOSÉ — Algum pecado mais?

CORONEL — Nenhum...

P. JOSÉ — Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, eu o perdôo... De penitência, o senhor reze no altar central... Trinta e três Ave-Marias...

CORONEL — Trinta e três?...

P. JOSÉ — Vinte e dois Padre-Nosso... E quatorze Salve-Rainhas...

CORONEL — Quatorze... *(Levanta-se)* Mais nada?...

P. JOSÉ — Só isso...

CORONEL — Padre... Eu não me lembro de cor a Salve-Rainha.

P. JOSÉ — Troque as quatorze Salve-Rainhas por vinte Padre-Nossos...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

CORONEL — Dá na mesma?

P. JOSÉ — Dá...

(O Coronel vai saindo).

P. JOSÉ — Coronel! *(Coronel pára)* O senhor já falou com o Pastor?

CORONEL — Ah!... O Pastor Camilo... É verdade... Bem, se ele teima em continuar protestante, que podemos fazer, não é?... *(Sai).*

P. JOSÉ — A Escola! A Escola! *(A São Benedito)* Obrigado meu santo compadre! Prometo que o próximo milagre é seu!

(Na casa do Pastor Camilo, Teresinha com gestos misteriosos, constrói rapidamente um pequeno altar para o santinho de papel: o santinho ao centro, um vazinho de flores e uma vela acesa).

TERESINHA *(Ajoelhando-se)* — Ofereço-os, milagroso São Francisco, por intermédio de São Pedro, a linda canção católica: "Louvando a Maria".

(Começa a cantar lendo num papel):

"Louvando a Maria
O povo fiel
A voz repetia
De São Gabriel:
Ave-Ave!
Ave-Maria...
Ave-Ave!
Ave-Maria"...

(O Pastor Camilo entra surpreendendo-a. Teresinha canta "Parabéns a você", levanta-se e esconde rapidamente o santinho).

P. CAMILO — Que é isso? Para que essa vela?

TERESINHA — Está muito escuro...

P. CAMILO — Escuro?... Acenda a luz...

TERESINHA — Fica muito claro...

P. CAMILO — Não entendo. Que segura na mão?

TERESINHA — Uma... Figurinha...

P. CAMILO — Figurinha de que?

TERESINHA — É... Um jogador de futebol...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA PTR. 0677, f. 373

DPF
Fls. N.º 97
43
Rubrica

P. CAMILO — Deixe-me ver.

TERESINHA — Não... É...

P. CAMILO — Me dê isso aqui! *(Estende a mão).*

TERESINHA *(Entrega e foge para o canto)* — Meu São Francisco!...

P. CAMILO — São Pedro! Ele joga no Corintians ou no Palmeiras?

TERESINHA — Ontem, me esqueci de entregar ao Padre...

P. CAMILO — Esqueceu-se... *(Com ares sobrenaturais)* Não sei, mas tem qualquer coisa que me diz que você não está dizendo a verdade...

TERESINHA — Que coisa?...

P. CAMILO — Parece um sopro celeste que me chega aos ouvidos e diz: A Terezinha não está contando tudo...

TERESINHA *(Assustada)* — Bem... Eu... Eu ganhei esse santinho de um moço...

P. CAMILO — Muito bem. E quem é o moço?

TERESINHA — Ele viajou, sumiu, nunca mais vai aparecer...

P. CAMILO *(Místico, novamente)* — Oh... Novamente, o "sopro" me diz que você não está falando sério...

TERESINHA — O moço é... É...

P. CAMILO — Pode falar.

TERESINHA — O Dito, sacristão católico!

P. CAMILO — O Dito, sacristão católico... E por que foi que ele lhe deu esse santo... Essa estampa?

TERESINHA — Porque eu achei bonita.

P. CAMILO *(Crispando-se, sobrenatural)* — Ah! O sopro! O sopro novamente em meus ouvidos!

TERESINHA *(Cortando, com resolução)* — Sabe, Camilo... Eu ontem fui à igreja católica, com o Dito, e aconteceu uma coisa tremenda!

P. CAMILO *(Sem dar a mínima importância)* — Aposto que a coisa tremenda foi um milagre...

TERESINHA *(Desapontada)* — Foi...

P. CAMILO — Isso acontece todos os dias na igreja dele.

TERESINHA — Eu estava com o Dito, na sacristia, e ouvi...

P. CAMILO — Por certo ouviu um santo falar...

TERESINHA — Foi... Como é que você sabe?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P. 372

P. CAMILO — Na minha profissão eu estou acostumado a ouvir isso duas ou três vezes por dia! Os santos católicos são muito falantes e fabricantes de milagres. Teresinha, como você é ingênua. O que aconteceu com você, ontem, acontece todos os dias, com diversas pessoas: você foi sugestionada!

TERESINHA — Sugestionada?

P. CAMILO — Enganada, iludida!

TERESINHA — Iludida? Mas eu ouvi!

P. CAMILO — Você pensa que ouviu, mas não ouviu nada... Os católicos fantasiam a "coisa" de uma tal maneira, que você foi envolvida pelo ambiente que eles criaram.

TERESINHA — Como assim?

P. CAMILO — O Dito não estava vestido com uma roupa vermelha e esquisita, ao invés de vestir um terno comum?

TERESINHA — Uma saia ridícula como a da vovó Camila.

P. CAMILO — Os vitrôs da igreja não eram todos coloridos, com anjos e santos estampados?

TERESINHA — Eram...

P. CAMILO — O sacristão não mandou você ajoelhar-se ?

TERESINHA — Mandou.

P. CAMILO — Depois ele falou em latim, para você não entender...

TERESINHA — Falou...

P. CAMILO — Tocou uma campainha que penetra no ouvido...

TERESINHA — Tocou...

P. CAMILO — Nessas alturas, você já estava como que hipnotizada por tudo aquilo... É a técnica que os católicos usam: aguçar a imaginação.

TERESINHA — Quer dizer então, que foi tudo ilusão?

P. CAMILO — Exato!

TERESINHA — O santo não falou nada?...

P. CAMILO — Claro que não! Porcelana não fala. Você já ouviu os pratos e travessas falarem?!

TERESINHA — Não...

P. CAMILO — Pois é porcelana do mesmo jeito!

TERESINHA *(Num estouro de satisfação)* — Que bom! Que bom!

P. CAMILO *(Surpreso)* — Bom?...

TERESINHA — Bom, ótimo, maravilhoso!

P. CAMILO — Eu também acho, mas...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.173

DPF
Fls. N.° 98
45 Rubrica

TERESINHA — Eu vou ser descalhada, Camilo!

P. CAMILO — Descalhada?!

TERESINHA — O único impecilho era o santo! Agora, eu e o Dito podemos... *(Pausa)*.

P. CAMILO — Podem o que?

TERESINHA — Casar... Parece incrível, mas o Dito quer se casar comigo!

P. CAMILO — Casar?...

TERESINHA — Camilo, eu gosto tanto do Dito!

P. CAMILO — Eu acho que você não gosta, não...

TERESINHA — Gosto sim!

P. CAMILO — Não gosta!

TERESINHA — Que saber mais que eu?

P. CAMILO — Quero!

TERESINHA — Não, Camilo... Isso eu tenho certeza que você não pode saber mais do que eu.

P. CAMILO — Teresinha, o que entende você de homem?

TERESINHA — E você, muito menos, Camilo!

P. CAMILO — Nem parece a minha irmã que eu criei para exemplo número um de pureza...

TERESINHA — Eu percebi logo, desde a primeira vez que aconteceu... *(Pára)*.

P. CAMILO — Aconteceu o que? O passeio pela igreja?

TERESINHA — Não... Uma coisa na ponte...

P. CAMILO — Uma coisa? Que coisa?

TERESINHA — Coisas íntimas, Camilo...

P. CAMILO — Íntimas!? Você precisa me contar tudo!

TERESINHA — O "sopro" se encarrega disso...

P. CAMILO — Santo Deus! Teresinha, minha irmã... Você tem que me contar isso...

TERESINHA — Eu tenho vergonha...

P. CAMILO — Vergonha? *(Em pânico)* Teresinha, o que foi que aconteceu?

TERESINHA *(Nervosa)* — Benedito e eu...

P. CAMILO — Benedito e você... *(Pausa)* Fale, criatura!

TERESINHA — Não me olhe assim, Camilo...

P. CAMILO — Assim como?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.579

TERESINHA — Nós ficamos sozinhos na ponte... *(Pára)*.

P. CAMILO — Continua...

TERESINHA — Começamos a conversar... Aí ele...

P. CAMILO — Aí ele...

TERESINHA — Me ofereceu...

P. CAMILO — Ofereceu o que?

TERESINHA — A maçã! Colocou a maçã entre nós, deixou-a cair e nós... *(Pausa)* Você compreendeu?...

P. CAMILO — Maçã entre você... MAÇÃ! *(Atordoado)* Gênesis, capítulo três, versículo seis!

TERESINHA — Gênesis?

P. CAMILO — O fruto proibido!

TERESINHA — Daquele momento em diante, eu comecei a amá-lo!

P. CAMILO — Oh céus!

TERESINHA — Eu pequei, Camilo?

P. CAMILO *(Desesperado)* — Você ainda pergunta?

TERESINHA — Mas eu gosto dele!

P. CAMILO — Onde está o vigarista? Viajou?

TERESINHA — Não! Deve estar na igreja.

P. CAMILO — Vai imediatamente falar com ele!

TERESINHA — Falar com ele?

P. CAMILO — E eu falarei com o senhor José!

TERESINHA — Por quê?

P. CAMILO — Ele vai se casar com você!

TERESINHA — Casar? Casar? Você acha que nós podemos?

P. CAMILO — Podem não! DEVEM!

TERESINHA — Camilo! *(Abraça-o)* Eu sabia que você me entendia! Aquele santo não entende de nada!

P. CAMILO — Traga o safado imediatamente até aqui!

(Teresinha está exultante e sai rapidamente para a ponte).

P. CAMILO *(Trágico)* — O castigo veio rápido como um raio!

(Na sacristia, Dito, que chegara momentos antes, ajuda Padre José a ornamentar o nicho do santo milagroso).

P. JOSÉ — Vou abrir a porta da frente para os fiéis visitarem o milagroso. Coloque a urna de dinheiro perto do nicho. *(Sai)*.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677,P.175

DPF
D. CP.
Fls. N.º 99
47
Rubrica

(Teresinha chega à sacristia. Bate à porta. Dito abre, ela entra e o abraça de supetão).

TERESINHA — Dito! *(Beija-o).*

DITO — Ei! *(Desvencilha-se)* Que foi?

TERESINHA — Nós vamos casar!

DITO — HEIN?!

TERESINHA — Nós vamos ser marido e mulher!

DITO — Meu santo!... Que deu em você?...

TERESINHA — Este santo não entende de nada!

DITO — Teresinha!

TERESINHA — Meu irmão acha que nós podemos nos casar!

DITO — Casar contra a vontade de *(Benze-se)* São Francisco milagroso?

TERESINHA — Milagroso uma "ova"!

DITO — Creio em Deus-Padre! *(Ajoelha-se)* Meu santo! Perdoai essa hereje!

TERESINHA *(Puxando-o)* — Levanta, Dito! O Camilo aprova o nosso casamento!

DITO — Teu irmão não é santo!

TERESINHA — Ele falou garantido pela Bíblia!

DITO — Que Bíblia?

TERESINHA — Livro dos santos! Se nós não casarmos, estamos contrariando os capítulos da Bíblia.

DITO — A Bíblia não vale nada. Mais vale São Francisco que é santo!

TERESINHA — Quem escreveu a Bíblia foi uma turma de santos: São Mateus, São Lucas, São Marcos, Santa Gênesis... É essa que nós estamos contrariando.

DITO — São Francisco é mais importante. Não se engana nunca.

TERESINHA — O Camilo também nunca se engana em coisas da Bíblia.

DITO — Não adianta, Teresinha! O que São Francisco falou, tá falado... Por mim, bem que eu gostaria de casar. Homem que não casa acaba envelhecendo na rua das mulheres.

TERESINHA — O milagre foi sugestão!

DITO — Sugestão de quem?

TERESINHA — Foi ilusão, mentira!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677/P.376

DITO *(Afasta-se)* — Teresinha, que sacrilégio! Eu escutei muito bem. É melhor você ir embora.

TERESINHA — Você não vai sentir a minha falta?

DITO — São Francisco acima de tudo!

TERESINHA — Está bem... Eu vou embora...

DITO — É ordem do Espírito Santo...

TERESINHA — Espírito de porco, isto sim... *(Pausa)* Bem, Dito, eu estou indo embora...

DITO — Adeus...

TERESINHA *(Oferecida)* — Adeus...

DITO *(Quase cedendo)* — Adeus...

(Teresinha abraça e beija Dito e sai correndo para a ponte. O Padre José entra com o Coronel Chiquinho na sacristia).

P. JOSÉ — Dito, vá até a porta e organize o pessoal em fila.

(Dito, zonzo, dirige-se à porta da rua).

P. JOSÉ — A outra porta, Dito.

(Dito abstraído atravessa a cena em toda a extensão e sai. Teresinha chega em sua casa, chorando convulsivamente).

P. CAMILO — Que foi, Teresinha?

TERESINHA — Ele preferiu São Francisco!

P. CAMILO — O quê?!

TERESINHA — Ele não gosta de mim. Não quer casar comigo!

P. CAMILO — Não quer? Nesta altura ele não tem querer! Sem-vergonha, aproveitador! Ele vai se casar com você!

TERESINHA — Se ele não gosta de mim, você não pode obrigar!

P. CAMILO — Eu não posso, mas o Dr. Delegado pode! *(Veste o paletó)* Vou por a limpo esta situação, agora mesmo!

(Pastor Camilo sai. Quando dirige-se para a ponte, aparece um grupo de pessoas seguindo dois homens que carregam outro numa rede suspensa por uma vara. O Pastor Camilo pára na ponte).

1º FIEL — O Juca caiu n'água e tá morrendo!

2º FIEL — O Juca tá morrendo!

3º FIEL — O Juca caiu n'água!

2º FIEL — Tá moribundo!

4º FIEL — O moribundo tá morrendo!!

3º FIEL — Leva p'ra igreja

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677,P.177

DPF
D D
Fls. N.º 100
Rubrica

(Um Fiel entra na sacristia).

1º FIEL — Seu vigário! O Juca tá morrendo!

P. JOSÉ — Que?

(Entra pela porta do altar uma mulher, chorando).

MULHER — "Seu" vigário! Meu marido tá agonizando!

P. JOSÉ — Que foi?

CORONEL — Como foi?

1º FIEL — Foi pescá rio acima, perto da cabana do finado Zé-Perdigueiro e o barranco despencou com ele!

CORONEL — Que foi fazer lá? Ninguém pesca lá!

1º FIEL — Ele devia pescar na ponte!

P. JOSÉ — Santo-Deus! Onde está o Juca?

(Entram na sacristia com o moribundo).

MULHER *(Ajoelhando)* — São Francisco milagroso! Salvai meu marido!

P. JOSÉ — Ai, meu São Benedito!

(O povo invade a sacristia. Dito entra).

MULHER *(Em prantos)* — Faz um milagre, meu São Francisco! Por Jesus, Maria, José, Deus, São Onofre e todos os anjos do céu!

(A mulher cai de joelhos. Algumas pessoas a imitam)

DITO — Uma vela, seu vigário?

P. JOSÉ *(Aflito)* — Não... É melhor... Bem...

CORONEL — Vamos tentar uma massagem!

1º FIEL — Massagem não resolve!

2º FIEL — Vamos rezar ao santo, Coronel!

MULHER — Vamos rezar, todo mundo!

CORONEL — E tá bem... Eu puxo uma Ave-Maria! *(Ajoelham-se)* "Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco"...

P. JOSÉ — Um momento!!!

CORONEL — "... Bendita sois vós, entre as mulheres, bendito é o fruto...

P. JOSÉ — Esperem! Esperem!!!

CORONEL — "... Vosso ventre, Jesus".

OS FIÉIS — "Santa-Maria, Mãe de Deus, rogai por nós..."

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.178

P. JOSÉ *(Pegando um sino e batendo)* — Atenção! *(Pausa)* Atenção! Todos devem ir rezar no alta-mor!

DITO — Todo mundo prá igreja!

(Movimento. Os fiéis começam a sair).

MULHER *(Beijando as mãos do Padre)* — Salve meu marido! Por tudo que lhe é sagrado! É o único que eu tenho! *(Sai).*

1º FIEL — Isto foi um castigo. O Juca nunca veio à igreja!

2º FIEL — Ele é protestante!

CORONEL — Eu fico com o senhor...

P. JOSÉ — Nada disso, vá puxar a Ave-Maria no altar!

CORONEL — Ah, sim... Isto mesmo. *(Sai).*

(A sós, Padre José, Dito e o moribundo).

P. JOSÉ — Dito, vigie a porta... Não deixe ninguém entrar... Preciso de muita concentração.

DITO — Sim senhor...

P. JOSÉ — Toque o sino três vezes: dém-dém-dém! Só três batidas compassadas...

DITO — Três vezes?

P. JOSÉ — Compassadas...

DITO — Não pode... Hoje é Sexta-feira da Paixão. É proibido tocar sino...

P. JOSÉ — Oh!...

DITO — Se quer, eu toco matraca...

P. JOSÉ — Não adianta, precisa ser o sino...

DITO — Prá que?...

P. JOSÉ — Para chamar o santo! Bem, toque o sino: em casos de urgência como este não faz mal...

DITO — Está bem... *(Sai).*

P. JOSÉ — São Benedito me salve, salvando esse moribundo! Se o senhor me ajudar, eu prometo dizer ao povo que o senhor ajudou São Francisco! *(Olha para Juca)* Santo-Deus, que aguaceira! Que faço? *(Anda de um lado para o outro. O sino toca três vezes compassadamente)* Será que o "santo" vem?...

(O Pastor ouve e depois de rápida hesitação, desce a ponte, dirigindo-se à sacristia. O Padre abre a porta. A praça está vazia. O Pastor Camilo chega).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA PTE.0677, P.379

DPF
D..DP
Fls. N.º 101
51
Rubrica

P. JOSÉ — Senhor Camilo... Entre! Entre logo!

P. CAMILO *(Ao ver Juca)* — Que foi?

P. JOSÉ — Afogado por minha culpa!

P. CAMILO — Em água benta?

P. JOSÉ — Eu mandei ele pescar rio acima, ele foi e caiu n'água...

(Pastor Camilo tira o paletó e arregaça as mangas).

P. CAMILO — Está mal! Não sei o que posso fazer...

P. JOSÉ — Faça um milagre!

P. CAMILO — Só assim mesmo...

P. JOSÉ — Ah, se ele morre!...

P. CAMILO *(Friccionando Juca)* — Não sei não, pode ser...

P. JOSÉ — O santo pode não falhar!...

(O Pastor Camilo intensifica a massagem).

P. JOSÉ — Força!

(Padre José anda nervosamente de um lado para o outro).

P. CAMILO — Pare de andar, senhor José!

P. JOSÉ — Que posso fazer?

P. CAMILO — O senhor pode me ajudar...

P. JOSÉ *(Arregaçando as mangas)* — Que faço?

P. CAMILO — Faça uma oração!

P. JOSÉ — Oração?! *(Pausa)* Serve católica?

P. CAMILO — O senhor não sabe outra?

P. JOSÉ — Não...

P. CAMILO — Então, "sapeque" a católica...

(Padre José ajoelha-se diante do manequim).

P. CAMILO — Nem sinal de vida!...

P. JOSÉ — Ah... São Francisco, ajudai-me!

P. CAMILO — É o pior caso que já vi...

P. JOSÉ — Eu não fiz por mal... *(Chora)* Perdoai-me!

P. CAMILO — Ele bebeu o rio todo!

P. JOSÉ — Meu São Francisco de Assis!...

P. CAMILO — Venha cá. Segure os braços dele, assim, para cima!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.380

(Padre José segura. O Pastor faz bruscos movimentos com Juca).

P. CAMILO — Um-Dois! Um-Dois! Levante e abaixe os braços! Um-Dois! Um-Dois!

P. JOSÉ — Um-Dois! Um-Dois! Não me castigai Senhor! Um-Dois! Um-Dois!

P. CAMILO — Força!

P. JOSÉ — Um-Dois! Um-Dois! Um-Dois!

P. CAMILO — Rápido!

P. JOSÉ — Um, dois, um, dois, um, dois, um...

P. CAMILO — Mais! Mais!

P. JOSÉ — Um, dois, um, dois, um...

(O Padre acelera o movimento. Os dois compõem uma cena de movimentos grotescos e rápidos).

P. CAMILO — Está voltando!

P. JOSÉ — Está?!

P. CAMILO — Vamos Juca, reaja!

P. JOSÉ — Vamos!

P. CAMILO — Respire fundo!

P. JOSÉ — Respire!

P. CAMILO — Vamos, homem!

P. JOSÉ — Vamos!...

P. CAMILO — Pare! Largue!

(Juca espirra água pela boca e balbucia alguma coisa).

P. JOSÉ — Viva!!!

P. CAMILO — Está salvo!

(Padre José e Pastor Camilo abraçam-se alegres).

P. JOSÉ *(Para o manequim)* — Obrigado, meu São Francisco!

P. CAMILO — De nada...

P. JOSÉ — Oh, Pastor... O senhor é um santo!

(Juca reage bem)

P. JOSÉ — Ele está voltando. O senhor precisa ir antes que ele o veja...

P. CAMILO — Eu vou, mas volto!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.181

DPF
D. OP.
Fls. N.º 102
53 Rubrica

P. JOSÉ — Volta?

P. CAMILO — Precisamos falar sobre um assunto importante!

P. JOSÉ — A Escola?

P. CAMILO — Sobre Dito e Teresinha!...

P. JOSÉ — Dito e Teresinha...

JUCA *(Balbucia)* — Peixe... Peixinho... Peixão...

P. JOSÉ — Mais tarde o senhor pode voltar...

JUCA — Peixe... Peixinho... Peixão...

P. JOSÉ — Depois que o pessoal for embora... *(Empurra-o discretamente)* Muito obrigado...

P. CAMILO — Até já...

P. JOSÉ — Até já... Vá com São Francisco! *(Abre a porta e o Pastor Camilo sai).*

P. CAMILO — Obrigado... Prefiro ir sozinho...

(O Padre se recompõe, acende uma vela e segura-a com expressão de santo. Vai até à porta do altar e abre).

P. JOSÉ — DITO!

DITO *(Entrando)* — Morreu?!

MULHER *(Entrando)* — JUCA! *(Corre para ele)* Juca!

JUCA — Peixe... Peixinho... Peixão...

MULHER — Vivo! Milagre! Milagre!

(A sacristia é invadida. Alguns crentes correm pela praça até à porta da sacristia).

1º FIEL — Milagre!

MULHER — O Padre salvou Juca!

2º FIEL — Milagre na sacristia!

3º FIEL — O Padre ressuscitou Juca!

4º FIEL — JUCA RESSUSCITOU!!!

FIÉIS — MILAGRE! MILAGRE! MILAGRE!

(O Jornalista aparece correndo).

JORNALISTA — Com licença... Com licença... *(Entra na sacristia. Dois fiéis carregam Juca para a Praça. A multidão vai atrás, numa verdadeira apoteose. E pocam os "flashs". O Mascate vende imagens. Confusão de vozes).*

1º FIEL — O Padre José! O Padre José!

2º FIEL — Onde está ele?!

3º FIEL — Na sacristia!

JUCA — Peixe... Peixinho... Peixão...

(A multidão pára e volta-se para a porta da sacristia. Dito vai buscar o Padre que com ar de santo e vela em punho, aparece na porta. Faz-se respeitoso silencio).

JUCA — Peixe... Peixinho... Peixão...

(O povo começa a ajoelhar-se. No meio da multidão, apenas uma pessoa está de pé: é D. ARLINDO, o BISPO que acaba de entrar).

P. JOSÉ *(Pânico)* — D. Arlindo!!! *(Deixa cair a vela).*

FIM DO SEGUNDO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P. 182

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.183

DPF
D SP
Fls. N.º 103
Rubrica

TERCEIRO ATO

No cenário, perto do manequim: flores, muletas, braços de cera, v las. Padre José está escrevendo e contando o dinheiro. O Mascate, na praça, também conta a sua féria. Takawa e Simão, carregando o órgão coberto, atravessam a ponte no sentido contrário ao do ato anterior; dirigem-se à igreja católica. O Jornalista entra e vai ter com o Mascate.

MASCATE — Conseguiu?

JORNALISTA — Que nada! Olhe só! *(Exibe fotografias)*. O Padre não saiu em quase nenhuma! Nesta, o Zé passou na frente, nesta a mulher do afogado cobriu o santo. Nesta, eu tremi!

MASCATE — Puxa vida! Falta de sorte... Eu já tenho mais de cinqüenta encomendas da medalha com retratos do Padre e do santo.

JORNALISTA — A igreja está aberta?

MASCATE — Daqui a pouco é a missa da Aleluia... Vão descobrir os santos e eu tenho que cair fora.

JORNALISTA — Acho que vou fazer uma coisa, não muito católica...

MASCATE — Que coisa?

JORNALISTA — Entrar na sacristia e ficar escondido... Possivelmente, depois da missa, o Padre ajoelhará diante da imagem para uma oração. Aí então, eu bato a chapa e saio correndo!

MASCATE — E onde você vai se esconder?

JORNALISTA — Se não me engano, lá tem um guarda-roupa velho...

MASCATE — É... Vale a pena tentar... Depois a gente revela os retratinhos e coloca na medalha... Mas quem vai vender é você, porque nessas alturas eu já estou no trem.

JORNALISTA — Depois te encontro aqui?

MASCATE — Na estação, esperando o trem.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.589

(O Jornalista sai. O Mascate o acompanha até certo ponto. Pastor Camilo, deixando sua casa, atravessou a ponte e chegou à sacristia. Bate à porta).

P. JOSÉ *(Atendendo)* — Entre depressa!

P. CAMILO — Não se preocupe... A praça está vazia.

(O Pastor Camilo entra. O Mascate retorna a seu lugar).

P. JOSÉ — É uma loucura esta visita! Quase meio-dia! A imagem verdadeira ainda não chegou. O senhor fez o pedido direitinho?

P. CAMILO — Deverá chegar no trem das onze e quarenta e cinco. Não se preocupe... Está tudo combinado: Takawa e Simão esperarão na estação e trarão para cá, antes do meio-dia!

P. JOSÉ — Em cima da hora! O Bispo vai querer descobrir as imagens logo depois... Se ele der de cara com o manequim... Nem quero imaginar!

P. CAMILO — Por onde anda ele?

P. JOSÉ — Saiu para visitar as casas dos fiéis que alcançaram graça do santo milagroso. Deu a entender que eu serei transferido para outra Paróquia, se o ambiente criado pelo milagre não satisfizer...

P. CAMILO — Transferido, depois de trinta anos?

P. JOSÉ — Eu me sentirei como peixe fora d'água! Eu vi nascer esta cidade, construí esta igreja, batizei toda esta geração e casei os pais... Ai de mim, se não puder morrer aqui e ser enterrado nesse mesmo cemitério... Que eu mesmo estreei abençoando Zé-Coveiro, o primeiro morto...

P. CAMILO — Viu os jornais?

P. JOSÉ — Jornais?

P. CAMILO *(Coloca-os sobre a mesa. Pegando um)* — "Padre milagroso ressuscita mortos!"

P. JOSÉ — Que exagero!

P. CAMILO — "Pescador moribundo salvo por São Francisco de Assis!"

P. JOSÉ *(Pegando outro)* — "Cura de doentes por velho Padre milagroso"! Oh, o Bispo vai ficar furioso com isso!

P. CAMILO *(Lendo outro)* — "Romarias partem de todos os pontos do Estado rumo à cidade milagrosa". Mais adiante: "Esperam alcançar graças do santo Padre".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.185

OPF
Fls. N.º 104
57 Rubrica

P. JOSÉ — "Exploração da fé em pequena cidade..." Exploração?!

P. CAMILO — Jornal de esquerda...

P. JOSÉ — Vamos guardar isto! *(Coloca-os no armário).*

P. CAMILO *(Lendo o livro que estava sobre a mesa)* — Contabilidade do milagre?

P. JOSÉ — É... Estou organizando...

P. CAMILO — Qual o saldo?

P. JOSÉ — Mais de trinta mil cruzeiros em dois dias.

P. CAMILO — Trinta mil! O negócio é rendoso...

P. JOSÉ — Vou empregar tudo na reforma do casarão, para escola!

P. CAMILO *(Sem convencer)* — Muito bem... Conseguiu então o que queria... Além do Coronel, muitas outras pessoas voltaram para sua igreja...

P. JOSÉ — Não se incomode, senhor Camilo... Interesses políticos!

P. CAMILO — Não... É fé no duro... Muita gente "virou" depois do milagre da salvação do Juca-Protestante, agora Juca-Católico... Todo mundo tem medo de ser castigado como o Juca... Minha igreja, hoje, na hora do culto estava vazia de se ouvir o rio passar...

P. JOSÉ — Eu sei o que é sentir-se abandonado...

P. CAMILO *(Suspiro profundo)* — É... *(Interesseiro)* Ainda bem que me resta a escola...

P. JOSÉ — A escola? Mas o senhor não havia desistido?

P. CAMILO — Pensei melhor sobre o caso e acho que o senhor tem razão: com o casarão nós realizaremos a maior obra da cidade!

P. JOSÉ — E se eu for transferido?

P. CAMILO — Farei o possível para levar nossa idéia avante. Não se preocupe...

P. JOSÉ *(Irônico)* — É muita bondade de sua parte...

P. CAMILO — Tenho um nome ótimo para a escola: Escola do Novo Pensamento Cristão!

P. JOSÉ — Mas, nessa escola, poderia se repetir entre os alunos o tal "impossível namoro de Dito e Teresinha"...

P. CAMILO — Não é impossível!

P. JOSÉ — Não é mais?

P. CAMILO — Não. Eu evoluí naquele raciocínio, e acabei concordando com o senhor: eles devem continuar juntos pelo casamento!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.386

P. José — Casamento?

P. Camilo — Ainda mais agora! Aliás, sobre este assunto, precisamos marcar a data!

P. José — Data de que?

P. Camilo — Data do casamento...

P. José — Entre Dito e Teresinha?

P. Camilo — É claro! O senhor ainda não está a par da situação?

P. José — Que situação?

P. Camilo — Dito não lhe falou nada?

P. José — Disse que a Teresinha tinha vindo visitá-lo...

P. Camilo — Só?

P. José — Só... Que mais?

P. Camilo — Que rapaz safado!

P. José — Por quê?

P. Camilo — Por quê não quer se casar?

P. José — Ele não quer contrariar São Francisco!

P. Camilo — Ele tem que contrariar São Francisco!

P. José — Eu não entendo mais nada!

P. Camilo — Eu vou ser tio, senhor José!

P. José — Tio?

P. Camilo — Tio do filho de Dito...

P. José — Tio do filho... Repete, senhor Camilo, eu acho que não escutei bem...

P. Camilo — Eu vou ser tio do filho de Dito...

P. José *(Analisando devagar)* — O senhor vai ser tio do filho de Dito... *(Pausa)* Acho que o senhor está enganado... O senhor quer com isso dizer que... Dito e Teresinha... *(Embaraço)*.

P. Camilo — Isto mesmo: Dito e Teresinha. *(Embaraço)*.

P. José — Mas como?!

P. Camilo — Como todo mundo...

P. José — Mas o Dito é um menino tão ingênuo...

P. Camilo — A Teresinha também... Mas acontece que juntaram as ingenuidades...

P. José — E quando foi?...

P. Camilo — Anteontem...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.187

DPF
D. DP
Fls. N.º 105
Rubrica

P. José — Anteontem...

P. Camilo — Na ponte...

P. José — Na ponte... Na ponte!

P. Camilo — Uniram-se e nos uniram!

P. José — Na ponte!

P. Camilo — Eles! Nós, aqui!

P. José — Será difícil convencer Dito!

P. Camilo — Temos que convencer!

P. José — Que diz a Bíblia sobre isso?

P. Camilo — A Bíblia não diz nada, mas o Código Penal é bastante claro!

P. José — Dito é o maior devoto do santo milagroso!

P. Camilo — Só há uma solução: o santo voltar atrás!

P. José — Os santos não voltam atrás!

P. Camilo — Nem os delegados, senhor José... E eu falei com o Dr. Delegado...

P. José — Nesse caso...

P. Camilo — São Francisco verificou, de ontem para hoje, que Dito pela sua fé, e Teresinha pelo seu amor, mereciam continuar juntos...

P. José — São Francisco vai falar novamente ao Dito?

P. Camilo — Vai.

P. José — É muito arriscado... Pense no Bispo, senhor Camilo... O Bispo!

P. Camilo — Penso em Teresinha...

P. José — Espere o Bispo partir!

P. Camilo — Quando o Bispo se for, poderá levá-lo junto. E sem o senhor eu não poderei fazer o milagre.

P. José *(Choroso)* — O senhor também acha que o Bispo vai me transferir...

P. Camilo — Preciso pensar em todas as hipóteses.

P. José — É... Até o senhor acha... Eu também acho... Estou mesmo perdido...

P. Camilo — O milagre tem que ser antes do meio-dia!

P. José — Eu não sei ser padre noutro lugar...

P. Camilo — Esta é a última meia hora que os santos estão cobertos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.188

P. JOSÉ — No fundo eu sou um homem infeliz...

P. CAMILO — Vamos preparar o novo milagre!

P. JOSÉ — Sonhei tanto com a escola...

P. CAMILO — O senhor deve deixar-me a sós com Dito. Mande-o acender uma vela, ou fazer uma oração, que eu farei o milagre...

(Pastor Camilo descobre o manequim, coloca-o dentro do guarda-roupa e fica com o pano na mão. Vindo da esquerda, o Bispo entra na praça. Uma comitiva o acompanha tendo Juca à frente. Durante a cena seguinte o Padre e o Pastor preparam tudo para o novo milagre).

BISPO — Obrigado pela companhia!...

JUCA — Disponha, senhor Bispo...

BISPO — Onde está o tal vendedor das imagens?

JUCA — Ali na esquina...

BISPO — Onde está a esquina?

1º FIEL — No fim desta rua, no começo da outra...

BISPO — Oh... Leve-me até lá... Não enxergo nada sem os óculos!

(A comitiva acompanha a ilustre figura. O Mascate percebe e mansamente vai se retirando).

JUCA — Um momento, Mascate!

MASCATE — Ah! Bom dia, senhor Bispo. Deus o guarde...

BISPO — É o senhor que tem para vender umas imagens de São Francisco?

MASCATE — Eu?... Ah... Sim...

BISPO — Deixe-me ver.

(O Mascate entrega uma imagem ao Bispo que a aproxima dos olhos como se a cheirasse).

BISPO — Um pouco diferente, talvez...

MASCATE — Daquele que está no céu?

BISPO — Das outras imagens de São Francisco!

(Os Fiéis apertam o círculo ameaçando o Mascate).

MASCATE — Essa é meio moderna... Futurista!

BISPO — Ah! Futurista!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 189

DPF
Fls. N. 106
Rubrica

MASCATE — Como as da capela de Brasília...

BISPO — Por enquanto não posso situá-la em nenhuma corrente de arte clássica ou moderna... Meus óculos estão na bagagem e eu sem eles enxergo muito mal.

MASCATE *(Aliviado)* — É uma pena... O senhor ia gostar muito...

BISPO — Façamos um trato: se esta imagem se assemelhar à imagem da sacristia, muito bem; caso contrário, o senhor vai devolver o dinheiro a todos os compradores e passar alguns dias meditando...

MASCATE — Na igreja?

BISPO — NA CADEIA!!!

MASCATE — Ora, senhor Bispo... Eu garanto que é igual... Igualzinha!

BISPO — E não tente fugir!

JUCA — Ah!... Isso vai ser difícil...

BISPO — Não venda mais nada!

MASCATE — Não senhor... *(O Bispo vai se retirando)* A bênção, senhor Bispo...

BISPO *(Embaraçado)* — De-deus o abençoe...

(Os fiéis um a um beijam a mão do Bispo e se retiram. Na sacristia)

P. CAMILO — Agora vá chamar o sacristão. Novamente em cena o verdadeiro santo milagroso!

(O Bispo dirige-se à sacristia. Padre José sai e encontra-se com o Bispo, na porta).

P. JOSÉ *(Assustado)* — SENHOR BISPO!

BISPO — Bom dia, Padre...

P. JOSÉ — Bom dia...

BISPO — Tudo preparado para a cerimônia da Aleluia?

P. JOSÉ — Quase tudo...

BISPO — Que vinho usa no sacrário?

P. JOSÉ — O "Pindorama" de uva moscatel do Rio Grande do Sul...

BISPO — Hum... Bom... Pode deixar que eu mesmo celebrarei a santa missa...

P. JOSÉ — Será uma honra para mim...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.590

(Nesse ínterim, o Jornalista entra pé ante pé, na sacristia. Vai examinar o guarda-roupa).

BISPO — Estive esta manhã, verificando certas coisas...

P. JOSÉ — Sei... Sei...

BISPO — Temos muito que conversar...

P. JOSÉ — Pois não, D. Arlindo...

(O Jornalista acha o manequim no guarda-roupa e uma velha batina. Veste a batina no manequim, e coloca-o diante do Pastor coberto. Toma posição e bate fotografias do manequim de costas, com o Pastor ao fundo, como santo).

BISPO — O que acha o senhor desta imagem?

P. JOSÉ — Nada especial...

BISPO — Pois eu preciso analisá-la melhor... Por favor, vá até a casa paroquial e mande trazer minha valise com os óculos...

P. JOSÉ — Pois não...

(Na sacristia, o Jornalista começa a olhar todos os santos, levantando os sudários roxos).

BISPO — O senhor vai confessar, Padre?

P. JOSÉ *(Assustado)* — Confessar... O que?

BISPO — Confessar e comungar.

P. JOSÉ — Ah... Sim... Confessarei...

BISPO — Eu o espero na igreja.

(Padre José sai atônito. O Bispo entra na sacristia no momento exato em que o Jornalista prepara-se para levantar o sudário do Pastor).

BISPO — Que significa isto?

JORNALISTA — Ah!... Sua Excelência, o Bispo!

BISPO — Que deseja?

JORNALISTA — Esperava o senhor para tirar uma foto!

BISPO — Foto?

JORNALISTA — Não se mova! *(Bate uma chapa)* Perfeito! Para a capa da revista das "Famílias Cristãs" de São Paulo!

BISPO — Está pensando que aqui é a casa da sogra?

JORNALISTA — A casa de Deus, senhor Bispo!

BISPO *(Ao manequim)* — E o senhor, que deseja?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.193

DPF
DCDP
Fls. N.º 107
63
Rubrica

JORNALISTA — É um modelo...

BISPO *(Batendo com as mãos no manequim)* — Ah, um boneco! Não enxergo nada sem os óculos... *(Pegando o manequim)* Leve seu modelo daqui!

JORNALISTA — Não, este manequim...

BISPO — Saia logo, moço! Que petulância!

(O Bispo empurra o Jornalista, dando-lhe o manequim. O Jornalista vai ter com o Mascate).

MASCATE — Conseguiu?!

JORNALISTA — Consegui! Até do Bispo!

MASCATE *(Apontando o manequim)* — Que é isso?

JORNALISTA — Presente do Bispo... Vamos revelar as fotografias!

MASCATE — Não posso sair daqui... O Bispo percebeu que meu santo era um santo de "araque"... Estou sendo vigiado...

JORNALISTA — Tenho pressa... Até depois...

(O Jornalista sai rapidamente com o manequim, cruzando com o Padre José e Dito que carrega a valise do Bispo).

P. JOSÉ *(Vendo o manequim)* — Será o Benedito? *(Apressa o passo)* Ou será o Francisco?

(Padre José e Dito entram na sacristia).

P. JOSÉ — Onde está o senhor Bispo?

DITO — Deve está no altar...

P. JOSÉ — Vá até lá verificar... *(Dito sai)* É o Camilo?

P. CAMILO *(Descobrindo a cabeça)* — Não, é o Francisco!

P. JOSÉ — Ah, então era o Francisco! *(Abre o guarda-roupa)* Ah, meu santo Deus! Como foi?

P. CAMILO — Sei lá... Uma confusão... Vá chamar o Dito!

P. JOSÉ — Para que?

P. CAMILO — Para o milagre...

P. JOSÉ — Está louco?

P. CAMILO — Tem que ser agora...

(Dito volta. Pastor Camilo se cobre).

DITO — O Bispo está fuzilando de raiva, só porque eu não preparei o altar... Mandou buscar os óculos!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.192

P. José *(Pegando a valise)* — Eu os levo... *(De saída)* Faça uma oração ao santo... Quem sabe assim ele pode resolver seu problema... Não... Não faça nada... Depois...

(Sai para o altar).

Dito — Uai... Que deu no "seu" vigário? Vou fazer uma oração, sim... *(Ajoelha-se diante do Pastor).*

P. Camilo *(Voz empostada, sob o pano)* — Dito!... *(Dito pula para trás).*

P. Camilo — Case-se com Teresinha! Um filho se concebe sob um teto cristão e não sob uma ponte!

Dito — MILAGRE!!!

P. Camilo — Deus que abençoe você e Teresinha!

Dito *(Começa a fazer estardalhaço)* — Milagre! Milagre!

(O Bispo entra correndo. O Padre José atrás).

Bispo — Que foi, menino?

Dito — Ele falou!

Bispo — Quem?

Dito — Milagre!

Bispo — Que foi?

Dito — O santo falou!

Bispo *(Segurando Dito)* — O santo?

Dito — Alcancei a graça! *(Padre José agoniza da porta).*

Bispo *(Balançando Dito)* — Fique quieto!

Dito *(Caindo de joelhos)* — São Francisco!!!

Bispo *(Levantando-o)* — Deixe disso!

Dito — O santo falou comigo!

Bispo — Deixe de bobagens!

Dito — Eu escutei. Ele disse que eu posso...

Bispo — Pare, quieto!

Dito — ... eu posso casar! *(Cai de joelhos).*

Bispo — Isto é pecado!

Dito — Posso casar! Meu amado santo!

Bispo — Deixe de coisas! *(Levanta-o).*

Dito *(Cai de joelhos)* — Não faça isso!

Dito — Me deixe ajoelhado!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 193

DPF
Fls. N.º 108
65 Rubrica

(Bispo anda de um lado para outro).

DITO — "Padre Nosso que estais no céu..."

BISPO — Pare!

DITO — ..."venha a nós o Vosso Reino..."

BISPO — Irreverente!

DITO — Eu escutei!

BISPO — Não é possível!

DITO — Foi milagre!

BISPO — Foi nada!

DITO *(Levanta-se)* — O senhor é um incrédulo!

BISPO — Olhe com quem está falando!

DITO — Com um bispo que nem sabe o que é um milagre! Nunca escutou um santo!

BISPO — Não deturpe as coisas sagradas da igreja!

DITO — Igreja pro senhor é roupa bonita e boa comida!

BISPO — Menino!

DITO — O senhor usa a igreja pra viver bem!

BISPO — Saia daqui!

DITO — Politiqueiro!

BISPO — SUMA!!!

DITO — Hereje de uma figa!

(Dito sai correndo para a ponte, gritando).

DITO — TERESINHA! TE-RE-SI-NHA!!! *(Sai gritando em direção à casa do Pastor. Da sacristia o Bispo assiste tudo, estupefato).*

BISPO — É o fim do mundo! Eu não entendo mais nada! Escutam santos falar, alcançam graças incríveis! Essas muletas, esses retratos, essas peças de cera, esse sacristão maluco... *(Tira do bolso)* Sabe o que é isso?

P. JOSÉ — Um prego!...

BISPO — O pagamento de uma graça alcançada por uma mãe! É o cúmulo! O filho engoliu o prego e ela prometeu ao santo se ele ajudasse o filho a... O santo virou purgante! Não sei como pode acontecer isso!

P. JOSÉ — Fé, D. Arlindo... Fé...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.194

BISPO — Fezes, isto sim... Fezes! E não é só isso! Veja essa imagem *(Mostra-a)* Santo Antônio, pintado com barba para ser vendido como São Francisco! Isto é coisa de cadeia!

P. JOSÉ — Não importa a forma da imagem, mas o que ela representa...

BISPO — Pior ainda é a exploração política! Maldito Coronel Chiquinho! O senhor viu a faixa em frente ao comitê político? "Coronel Francisco saúda São Francisco"!

P. JOSÉ — É a redenção do Coronel que volta para nossa igreja...

BISPO — Redenção?! Pois eu vou arrasar mais uma vez com o Coronel! Hoje, durante o sermão vou alertar a população contra esse ato demagógico e sacrílego do Coronel!

P. JOSÉ — Vai se repetir tudo outra vez!

BISPO — E a culpa é sua, Padre! Por isso resolvi transferi-lo para o "Recolhimento de São Pedro", na Capital. Para que dedique seus últimos dias à meditação.

P. JOSÉ — Meditação... Eu meditei a vida toda... Agora eu quero fazer alguma coisa de útil... Eu não posso deixar esta cidade!

BISPO — Não esqueça a sua condição de obediente servidor de Deus!

P. JOSÉ — Eu nunca servi a Deus!

BISPO — A sua permanência na cidade é prejudicial à nossa diocese...

P. JOSÉ — Prejudicial, D. Arlindo? Justamente agora que eu quero realizar alguma coisa?

(O Bispo enquanto fala, vai tirando os sudários roxos dos santos).

BISPO — Formou-se à sua volta uma crença de santidade e o povo passou a idolatrar uma pessoa e não a instituição de Cristo!

P. JOSÉ — Mas eu represento a Igreja!

BISPO — Estamos quase na hora da missa. Durante o evangelho anunciarei ao povo sua partida e exaltarei sua pessoa.

P. JOSÉ — Minha partida, quando?

BISPO — Amanhã, comigo...

P. JOSÉ — Amanhã...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.195

DPF
D DC
Fls. N.º 109
67 Rubrica

(Todos os santos já estão descobertos, com exceção do Pastor Camilo. O Bispo dirige-se para ele. Padre José percebe a situação).

P. José *(Interceptando a passagem)* — Pode deixar. Eu descubro êste! Promessa...

(O Bispo olha desconfiado e retira-se para o altar).

P. Camilo — Não agüento mais! *(Descobre-se).*

P. José — Fique coberto!

P. Camilo — Logo chega a imagem verdadeira... Era para chegar no trem das onze e quarenta e cinco...

P. José — Faltam cinco minutos para o meio-dia... *(Abre a porta da sacristia e olha para a praça)* Nem sinal de santo...

(O Jornalista passa rapidamente pelo Mascate).

Mascate — E o trem?

Jornalista — O das onze e quarenta e cinco está com uma hora de atraso! *(Sai).*

Mascate — Estou perdido!

P. José — Estou perdido! *(Entra).*

P. Camilo — Podemos tomar cadeia!

P. José — De santo a salafrário!

P. Camilo — Só temos uma saída!

P. José — Qual?!

P. Camilo — A fuga!

P. José — A fuga... Não evitará minha excomunhão!

P. Camilo — Mande o Papa às favas!

P. José — O Papa às... Não posso...

P. Camilo — Pense na sua vida!

P. José — Pensar em mim? Quem sou eu, sozinho?

P. Camilo — Um homem, antes de tudo!

P. José — Eu sem a Igreja não sou nada!

P. Camilo — Cada um de nós é uma igreja sozinho!

P. José — Senhor Camilo... Não é hora para tentar me converter...

P. Camilo — Eu e o senhor somos duas igrejas! Vamos uni-las e fundar uma terceira!

P. José — Credo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.396

P. CAMILO — O senhor abandona o Vaticano e eu abandono a minha igreja! Fundaremos a nossa "Igreja do Novo Pensamento Cristão"!

P. JOSÉ — Céus!

P. CAMILO — Iremos para bem longe e iniciaremos a nossa doutrinação! No Acre!

P. JOSÉ — No Acre tem índio!

P. CAMILO *(Meio em delírio)* — Uma Igreja onde não se fale só latim e se leia trechos da Bíblia, mas onde se ensine o povo a pensar e enxergar as injustiças sociais!

P. JOSÉ — Isto me cheira a...

P. CAMILO — Cada membro da Igreja trabalhará não para si e sua família, mas para um fundo geral da Igreja que distribuirá a cada um, segundo as suas necessidades. Não existirão nem ricos, nem pobres nessa maravilhosa comunhão de bens!

P. JOSÉ — Isto é comunismo!

P. CAMILO — Vejo a raiz da nossa Igreja alastrar-se e dominar o país!

P. JOSÉ — O senhor está delirando!

P. CAMILO — ... Ultrapassar as fronteiras, dominar todo o continente, atravessar os mares e chegar do outro lado do mundo! Os japoneses conhecerão nossa doutrina! Os indianos e europeus, também!

P. JOSÉ — Acorde senhor Camilo! *(Chacoalha o Pastor Camilo)*.

P. CAMILO — Os americanos e judeus serão doutrinados!

P. JOSÉ — Homem dos céus!

P. CAMILO *(Abraça Padre José numa atitude heróica)* — Vamos! Vamos partir!

(O Bispo entra. Pausa. Embaraço).

BISPO — Quem será o sacristão para iniciarmos a cerimônia? *(Olha o Pastor Camilo)* Que é isso. *(Bate com os nós dos dedos no Pastor)* Outro manequim?

P. JOSÉ — Este é o senhor Camilo, Pastor da Igreja Protestante...

BISPO — Que deseja o senhor no sagrado templo católico?

P. CAMILO — Explique a ele, senhor José...

P. JOSÉ — Eu... Bem... O senhor Camilo...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,p.197

DRF
D..DP
Fls. N.º 110
Rubrica

P. CAMILO — Fale-lhe da "Igreja do Novo Pensamento Cristão"!

BISPO — Igreja do Novo Pensamento... O quê?

P. CAMILO — Esta doutrina é...

P. JOSÉ *(Interceptando)* — É que o senhor Camilo veio fazer algumas reclamações, senhor Bispo...

BISPO — Reclamações?

P. CAMILO — Reclamações?

P. JOSÉ — O senhor Camilo pede a minha transferência da cidade...

BISPO — Transferência?! *(Indignado)* Com que petulância o senhor pede a transferência de um ministro da minha Igreja?

P. CAMILO — Eu...

(Pausa)

BISPO — Não tem coragem de enfrentar-me? Vamos, fale a mim e não a meu pobre e indefeso pároco!

P. CAMILO — Bem... É que... Esse... Esse milagre que tomou conta da cidade está prejudicando minhas atividades de evangelizador... Esta farsa...

BISPO — Farsa?!

P. CAMILO — Esta farsa está roubando à minha Igreja os mais dedicados adeptos, guiados pela propaganda demagógica desse pároco que escuta santos falar, alcança graças incríveis!

BISPO — O povo nunca esteve tão fervoroso!

P. CAMILO — Essas muletas, esses retratos, essas peças de cera... *(Pegando o prego sobre a mesa)* Esse prego... Não sei como pode acontecer tudo isso...

BISPO — Fé, senhor Pastor... Fé!

P. CAMILO — Fé... Não é bem isso... O povo está deturpando as coisas da vossa Igreja... Veja essa imagem! *(Pega-a)* Um outro santo, pintado com barba para ser vendido como o santo milagroso!

BISPO — Não importa a forma da imagem, mas o que ela representa!

P. CAMILO — E a exploração política? Há uma faixa em frente ao comitê político do Coronel: "Coronel Francisco saúda São Francisco"!

BISPO — É a... É a...

P. JOSÉ — Redenção...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.198

BISPO — É a redenção do Coronel que volta para nossa Igreja!

P. CAMILO — Formou-se à volta desse Padre uma crença de santidade e isto é prejudicial à nossa cidade...

BISPO — Prejudicial, por que?

P. CAMILO — O povo passou a idolatrar uma pessoa e não a uma instituição de Cristo... E ele passa a ser um todo-poderoso!

BISPO — Nossos ministros representam nossa Igreja!

P. CAMILO — Este homem é nocivo à cidade!

BISPO — Convença o povo disto!

P. CAMILO — É necessária e urgente sua transferência!

BISPO — Nunca! Daqui ele não sairá!

(Padre José está boquiaberto. Dito entra da rua).

DITO — Estou atrasado, seu vigário?

P. JOSÉ — Está.

BISPO — E não temos mais assuntos a tratar, senhor Pastor! Passe bem! *(Para Dito)* Você levou a imagem de São Francisco para o altar?

DITO — Eu? Não!... Cheguei agora...

BISPO — Pois pode arrumar a trouxa e ir embora. *(Ao Padre)* Onde está a imagem, Padre?

P. JOSÉ — A imagem de São Francisco?

DITO — O santo milagroso?

P. CAMILO *(Apontando o nicho vazio)* — Não é esta?

BISPO — Qual?

P. CAMILO — Esta imagem...

BISPO — Imagem?!

P. CAMILO — Imagem de São Francisco, se não me engano...

BISPO — Não vejo!

P. CAMILO — Aqui!

BISPO — Onde?

P. CAMILO — Esta que o padre descobriu agora há pouco... Que estava coberta com esse pano... Não é esta, senhor José?

P. JOSÉ — É... É sim...

BISPO — O senhor está vendo?

P. JOSÉ *(Receoso)* — Ali, no nicho...

BISPO *(Aproxima-se)* — No nicho?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677, P.199

DPF D DP Fls. N.° 111 Rubrica

(Dito aproxima-se indignado do nicho).

P. CAMILO — A imagem que tanta desordem tem provocado!

P. JOSÉ — Desordem não, senhor Camilo. Milagre!

P. CAMILO — Desordem!

P. JOSÉ — Milagre!

BISPO — Os senhores... Meus óculos! Meus óculos! *(Sai para o altar).*

DITO — O senhor está vendo mesmo?

P. JOSÉ — Sim Dito... *("Assustadíssimo")* Você não vê?!

DITO — Eu...

P. CAMILO — Os pecadores não conseguem ver as imagens milagrosas...

P. JOSÉ — Você não vê, meu filho?

DITO — Vejo... Vejo, sim senhor...

P. CAMILO — Uma vez eu soube de um caso parecido, em vossa Igreja... Só conseguiam ver a imagem milagrosa as pessoas puras, sem pecado!

DITO — Mas eu estou vendo, sim...

(O Bispo volta com os óculos).

DITO — É pra levar o santo para o altar, "seu" vigário?

BISPO — Santo? Que santo?

DITO — São Francisco...

BISPO — Onde?

P. CAMILO — Não vê?...

P. JOSÉ — Não vê?

BISPO — Não, ora essa!

DITO — Credo!

BISPO — Ali no nicho?...

DITO — No nicho...

P. CAMILO — Imponente e magnífica!

BISPO — Confesso... Não vejo imagem nenhuma!

DITO — O senhor é pecador!

BISPO — Menino!

DITO — Pecador! Pecador! *(Corre para a porta).*

BISPO — Pare com isso!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE0677,P.200

DITO — PECADOR!!! *(Sai correndo para a praça)* O Bispo é pecador! O Bispo não vê o santo! *(Sai gritando)*.

BISPO — Que gritaria é essa?

P. JOSÉ — Não sei...

P. CAMILO — Por certo, Dito está espalhando vossa pilhéria ao povo!

BISPO — Que pilhéria?

P. JOSÉ — Vossa brincadeira, D. Arlindo!

BISPO — Mas que brincadeira, homem?

P. JOSÉ — De não ver a imagem de São Francisco!

BISPO — Eu acho que estou sonhando! Que se passa com vocês? Vocês estão brincando?

P. CAMILO — Como, senhor Bispo?

P. JOSÉ — Brincando, por quê?

BISPO *(Desesperado)* — Eu não vejo nada! *(É consolado pelo Padre e Pastor)*.

(Na praça, Coronel Chiquinho reúne três homens).

CORONEL — Essa é a nossa oportunidade! Eu soube que o Bispo quer nos atacar outra vez, durante o sermão! Espalhem pela cidade inteira que ele não consegue ver o santo milagroso, por causa dos seus pecados! *(Os três vão saindo)* Voltem! Tem mais! *(Os três voltam)* Todo mundo no partido tem que ver o santo! Se houver por acaso algum pecador que não consiga ver, digam a ele para fingir! Eu quero que nessa cidade inteira, somente um homem tenha pecado: o Bispo! *(Faz um sinal. Os três retiram-se, cada qual para um lado)*.

(O Coronel Chiquinho dirige-se à sacristia. Entra).

CORONEL — Bom dia, senhores!

P. JOSÉ — Coronel... *(Olha receoso ao Bispo que se recompõe)*.

CORONEL *(Dirigindo-se ao nicho vazio)* — Bela imagem, Padre José! Bela imagem! Vê-se logo que é uma imagem milagrosa! Que bela expressão no olhar! *(Ao Pastor Camilo)* Muito bem, Pastor! Veio depor vossa fé junto à imagem milagrosa?!

P. CAMILO — Vim conversar com o Padre José...

CORONEL — Negócios?

BISPO — Reivindicações absurdas! *(Sai para o altar)*.

CORONEL — Absurdas? Que deseja o senhor que "sua santidade", o Bispo, não aprova?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.202

DPF
D. DP
Fls. N.º 112
Rubrica

P. CAMILO — Fundar uma escola junto ao Padre José.

CORONEL — Uma escola?!

P. CAMILO — A Escola do Novo Pensamento Cristão!

CORONEL — E o Bispo não permite?...

P. CAMILO — Não deseja a união dos ideais do Padre José com os meus... *(Trágico)* Fracassamos!

CORONEL — Longe disso!

BISPO *(Voltando)* — Vamos iniciar a missa, Padre...

CORONEL *(Provocador)* — Aproveito essa oportunidade para doar aos santos párocos das igrejas de nossa cidade, minha propriedade e meu apoio financeiro, para a construção de uma escola!

BISPO — Toque o sino, Padre! Já passa do meio-dia! *(Sai)*.

(Coronel abre a porta da sacristia).

CORONEL — Povo de minha terra! *(As pessoas se agrupam perto da porta)* Este é o momento de exaltação de nossa fé! Eu me sinto orgulhoso de poder, junto aos santos de nossa cidade, Padre José e Pastor Camilo, anunciar a fundação da escola modelo da cristandade! A Escola do Novo... Novo o quê?

PADRE e PASTOR — Novo Pensamento Cristão!

CORONEL — Novo Pensamento Cristão! Vamos todos festejar esse grande acontecimento, com banda, foguetes e uma chuva de rosas!

(Vivas entre o povo. O Coronel sai acompanhado pelo povo. Fica apenas Teresinha na praça, que dirige-se para a sacristia).

DITO *(Entrando afobado na sacristia)* — Padre José! O Bispo começou a missa sozinho, e não tem ninguém na igreja!

P. JOSÉ — Oh, meu São Benedito...

P. CAMILO — Não pense mais no Bispo. É carta fora do baralho!

(Teresinha entra na sacristia. Quase desmaia de susto).

TERESINHA — Oh!...

P. CAMILO — Que foi, Teresinha?

(É acudida por todos).

TERESINHA *(Chorando)* — O nicho... O nicho vazio!

P. JOSÉ — Nicho vazio...

TERESINHA — Eu sou uma pecadora!

DFANBSB NS.CPR.TEAM 0677, P.202

DITO — Não chore, Teresinha... Eu também não vi o santo...

TERESINHA — Você me levou para o mau caminho, com sua maçã...

P. CAMILO — Ora, não se aborreça... Antes do casamento você verá, pode ter certeza!

TERESINHA — Antes do casamento com Dito?

P. JOSÉ — Mas é preciso que deixem de se encontrar na ponte...

(Simão e Takawa, vindos do fundo, trazem a imagem verdadeira embrulhada em papel e colocada sobre um andor. Batem à porta da sacristia).

TERESINHA — Se eu voltar a ser como antes, eu vejo o santo?

P. CAMILO — Vê... *(Atende a porta)* Muito antes do que você pensa... *(Fecha a porta)*. Agora vá com Dito para a festa! Pela porta do altar...

DITO — O Bispo está rezando a missa... Vamos atrapalhar...

P. CAMILO — Reza de pecador não tem valor...

(Dito e Teresinha saem).

P. CAMILO *(Abrindo a porta)* — Chegou o santo verdadeiro...

SIMÃO *(Entrando)* — O trem atrasou, senhor Camilo...

P. CAMILO — Até que foi bom...

TAKAWA — Quando precisar é só chamar...

SIMÃO — E pagar... *(Estende a mão. O Pastor dá-lhe um níquel. Takawa e Simão saem).*

P. CAMILO — Estamos salvos!

P. JOSÉ — Vamos desembrulhar e mostrar ao povo!

P. CAMILO — Não! Espere! O povo é pecador e não deve ver o santo!

P. JOSÉ — Que?!

P. CAMILO — Para que cada fiel consiga ver o santo, é preciso que cumpra uma boa ação para purificação da alma! Vamos esconder a imagem no armário! Deixaremos que a imagem seja vista apenas pelos que merecem!

P. JOSÉ — Apenas os que merecem?...

P. CAMILO — Com esse incentivo, em breve toda a cidade poderá ver! Nós julgaremos os bons e os maus... Aos bons mostraremos a imagem...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.203

DPF
D DP
Fls. N.º 113
Rubrica

P. JOSÉ — E aos maus o andor vazio...

P. CAMILO — Teremos o controle da população! Controle espiritual!

P. JOSÉ — Mas é uma mentira!

P. CAMILO — Os meios não importam quando o fim é para o bem!

P. JOSÉ — Deve haver um meio de dar tudo ao povo dentro da verdade!

(Ouve-se uma banda que se aproxima. Pastor Camilo guarda a imagem no armário).

P. CAMILO — A banda vem aí! Vamos ao encontro do povo com o andor vazio!

P. JOSÉ — Ao encontro do povo?

P. CAMILO — Pegue na outra ponta... *(Levanta o andor)* Vamos, levante!

(O andor é erguido, e os dois religiosos saem carregando-o até a praça).

P. JOSÉ — Não posso... Não posso enganar a todos!

P. CAMILO — Padre, controle-se... O andor está virado. Assim a "imagem" cai...

P. JOSÉ — Vou contar a verdade a todo mundo!

P. CAMILO — É o nosso fim!

P. JOSÉ — O começo para eles!

P. CAMILO — Eles vão fazer a revolução!

P. JOSÉ — Eu vou ajudar!

P. CAMILO — Quieto... Estão chegando... Faça um ar santificado.

(Entra o cortejo na praça, tendo o Coronel à frente. Dois homens carregam uma faixa: "Coronel Francisco saúda São Francisco").

CORONEL — Silencio!!! *(A banda pára. Aos poucos, faz-se silencio).* Ajoelhemos diante da imagem de São Francisco Milagroso! Adoremos esta beleza incomparável, que só os puros e santificados podem ver!

(O Coronel se ajoelha. Aos poucos, todas as pessoas vão se ajoelhando. O Bispo aparece com sua valise. Está de partida).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 204

CORONEL — Perdoai, oh santo milagroso, os pecadores dessa cidade, que não conseguem ver nossa deslumbrante beleza!

(O Bispo vagarosamente começa a atravessar a praça. O Padre treme. Todos acompanham o Bispo com o olhar).

MASCATE — Está vendo, senhor Bispo? *(Aponta o andor)* Igualzinha a que eu vendi! Não é mesmo, senhor Bispo?... *(Risadas)* O senhor não pode mais me mandar prender...

(Pausa. O Bispo aproxima-se vagarosamente do andor).

BISPO — Igual?! Completamente diferente, senhor Mascate! Aquela é Santo Antônio! Esta é São Francisco de Assis! Olhe as feições como são diferentes. Note a expressão dos olhos de São Francisco buscando Deus na sua infinita soberania!

1º FIEL — Eu quero meu dinheiro de volta!

(O Mascate tenta fugir).

2º FIEL — Pega!!! Pega!!!

FIÉIS — Pega!!! *(O Mascate é cercado).*

JUCA — Malha o safado!

BISPO — Esperem! *(Novo silencio)* Soltem o rapaz! *(Os fiéis obedecem).* Vamos provar ao santo, que somos todos pessoas de alma pura e coração bom. Perdoemos o gesto feio dessa pobre criatura. É o primeiro passo para ver o santo, para aqueles que por infelicidade ainda não viram... Todos que quiserem ver o santo, devem saber perdoar mesmo os inimigos mais baixos e traiçoeiros.

CORONEL — Eu o perdôo, bondoso Bispo...

BISPO — Eu também o perdôo, ilustre Coronel...

P. JOSÉ — Senhor Bispo... Uma perguntinha... O senhor vai comunicar o fato milagroso ao Arcebispo?

BISPO *(Hesita)* — Si-sim... Naturalmente...

P. JOSÉ — E o Arcebispo ao Cardeal?...

BISPO — Por certo...

P. CAMILO — E com o seu depoimento o Vaticano reconhecerá o fato?

BISPO — Provavelmente...

JORNALISTA *(Num urro)* — FURO SENSACIONAL!!! O primeiro do mundo a noticiar! *(Manchete:)* PROCESSO DE CANONIZAÇÃO DE DOIS SANTOS BRASILEIROS!!! *(Sai correndo).*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.205

DPF
DP
Fls. N.º 114
Rubrica

P. José — Um momento... Tenho uma revelação importante a fazer! *(Pausa)* O SANTO É O PASTOR!

P. Camilo — O SANTO É O PADRE!

(Um tempo).

Coronel — OS DOIS SÃO SANTOS!!!

Um Fiel — OS DOIS!!!

Outro Fiel — OS DOIS SÃO SANTOS!!!

Juca — VIVA O SANTO PASTOR CAMILO!!!

Todos — VIVAAA!!!

Coronel — VIVA O SANTO PADRE JOSÉ!!!

Todos — VIVAAA!!!

(Todos se ajoelham, inclusive o Bispo. Um avião sobrevoa a praça e lança rosas sobre a multidão. A banda volta a tocar. Pastor Camilo e Padre José divertem-se canonicamente, enquanto o povo reza a seus pés).

F I M

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 206

Este livro foi transcrito da publicação
Revista de Teatro nº 356,
Março/Abril de 1967, da SBAT.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
0677,l.207

DPF
Fls. N.° 115
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.208

DPF
D. DP
Fls. N.º 116
Rubrica

243/72-SC/DCDP 1º DEZEMBRO 2

SUPERINTENDENTE REGIONAL/SP

"O SANTO MILAGROSO"

LAURO CEZAR MUNIZ

: SUPERINTENDENTE,

DIVERSOS

01 09

DPF
Fls. N.º 117
Rubrica

117

" O SANTO MILAGROSO "

LAURO CEZAR MUNIZ

JOSE GOMES VILAR - SP

1º DEZEMBRO 72

PROIBIDO PARA MENORES DE 12 (DOZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL/// O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERA VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PLO DCDP.

04 DEZEMBRO 72

PROIBIDO PARA MENORES DE 12 (DOZE) ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
0677, p.209

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 230

289/72

" O SANTO MILAGROSO "

LAURO CEZAR MUNIZ

15 JULHO 77

13 DEZEMBRO 72

PROIBIDO PARA MENORES DE 12 DOZE ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.211

DPF
D. OP
Fls. N.º 1188
Rubrica

ILMO SR. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL- BRASILIA.

11 SET 1030 050662

113

Elza Pereira, abaixo assinado, brasileira, solteira, coordenadora do grupo de Teatro da "Vila Casoni", vem muito respeitosamente, requerer que seja liberado o texto anexo " O Santo Milagroso" de Lauro Cesar Munis, para efeitos de encenação por este grupo, nesta cidade. Se possível, gostaria que V.Sas., enviassem posteriormente, o texto para o Departamento de polícia Federal de Londrina (Pr)

N.Termos
P.Deferimento

Londrina, 3o de agôsto de 1973.

Elza Pereira

DPF
DCDP
Fls. N.º 119
Rubrica

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro, 12 de Junho de 19 73

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,

para fins de CENSURA (3) cópias da peça:
O SANTO MILAGROSO

DE: Lauro Cesar Muniz

próxima apresentação da Grupo Teatro de "Vila Casoni"

Londrina PR no Teatro

com estréia marcada para o dia

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior consideração,

Djalma Bittencourt
Superintendente

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS - RIO - SBAT

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.252

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677.P.213

TEATRO

DPF
DP
Fls. Nº 120
Rubrica

TÍTULO O SANTO MILAGROSO

1) S. ARQUIVO Nélias

Documentação Em Ordem

Clas. Anterior 12 anos

Praça LONDRINA - PR

Obs.:

DF. 13 / 9 / 73

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura Vilma

Técnico de Censura —

Técnico de Censura —

Data para Exame de 17/09/73 a 19/09/73

DF. 14/09/73

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

De acordo com o parecer 7991/73 - Doze (12) Anos - sem cortes condicionado, entretanto, ao ensaio geral. Emita-se os certificados, observada a validade dos anteriores.

21/9/73

F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SC/DCDP

4) SERVIÇO DE CENSURA

Sr. Diretor

De acordo com o parecer 7791/73 - Doze anos.

Em 21-9-73

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 21/9/1973

Rogério Nunes

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 21
Rubrica

1991 173

TÍTULO O SANTO MILAGROSO.Autor Lauro Cezar Muniz

PARECER

Classificação Etária 12 anos.

Nesta data procedi ao exame do script da peça teatral " O Santo Milagroso " da autoria de Lauro Cezar Muniz, constando tratar-se obra já liberada várias vezes por esta divisão para maiores de 12 anos, nada encontrando que impeça sua liberação para a referida faixa etária, porém ficando condicionada ao exame do ensaio geral.

Brasília, 19 de setembro de 1973.

Vilma Duarte do Nascimento.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 214

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.215

DPF
DCDP
Fls. N.º 122
Rubrica

873/73-SCTC/SC/DCDP 20 SETEMBRO 3

: Superintendente Regional do DPF/PARANÁ

"O SANTO MILAGROSO"

LAURO CEZAR MUNIZ

Superintendente:

LONDRINA/PARANÁ

FVAN/fd

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.236

DPF
D DP
Fls. N.º 123
Rubrica

289/73

O SANTO MILAGROSO

LAURO CEZAR MUNIZ

15 JULHO 77

21 SETEMBRO 73

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE DOZE ANOS

O SANTO MILAGROSO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

LAURO CEZAR MUNIZ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 237

GRUPO TEATRO DE " VILA CASONI " -LONDRINA PR.

ELZA PEREIRA

19 SETEMBRO 73

PROIBIDO PARA MENORES DE 12 (DOZE) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DE SEU # SCRIPT " DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

21 SETEMBRO 73

DEUSDETH BUZLAMAQUI

MLON

SOCIEDADE DRAMÁTICO MUSICAL CARLOS GOMES

Declarada de utilidade pública: municipal lei nº 888-31/5/59-Estadual lei nº 2728-16/6/61 Federal lei nº 70602-23/5/72-D. O. 4572-25/5/72. Considerada como entidade de fins filantrópicos pelo decreto nº1117-1/6/72. Reconhecida no conselho nacional de serviço social pelo processo nº 276759/69. Isenta de imposto de renda pelo processo D. R. F. nº 4840/69 C. G. C. 82 653 403/001. Insc. estadual 1.759. Sede: Rua 15 de Novembro, 1.181 Blumenau – DDD 0473 – Fone: 22-08-28 – Santa Catarina

SDM CARLOS GOMES

DPF DCDP S. 124 Rubrica

MJ-DPF-SRA/BSB
18 JUN 09 34 74 037091
RECEBIDO POR .....

Blumenau, 6 de junho de 1974

A
Divisão de Censura Federal
Brasilia- D.F.

Prezado Senhor

Pela presente estamos remetendo tres vias da peça de Lauro Cesar Muniz - O SANTO MILAGROSO - para o devido exame da Censura Federal.

Em anexo estamos enviando também a autorização da Sociedade Brasileira dos Autores Teatrais.

Sendo o que nos apresenta o ensejo, despedimo-nos.

Lindolf Bell
Vice-presid. de Assuntos Teatrais

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 238

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677, P.239

DPF
DCDP
Fls. N.º 125
Rubrica

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores de Música.
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Direitos de Representação — Autorização Nº 202248

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu § único, e 27, do decreto n.º 5492, de 16-7-1920, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-932, a representação da peça teatral:

O Santo Milagroso

Original de Lauro Cesar Muniz

Música de —

Tradução de —

No Teatro Carlos Gomes Cidade Blumenau

nos dias a determinar

sob a condições do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de — % — da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ a determinar por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilisando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competente — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada nas primeiras vias dos recibo oficiais da SBAT.

(pela SBAT)

Isenta de sêlo — Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.220

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de Agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com séde no Rio de Janeiro.

Paragr. 1.º — E' facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Policia ou em Juizo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artistica nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

Paragr. 2.º — Para o disposto no paragr. 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

Paragr. 4.º — A prova de filiação á **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n. 4.790, de 2 de Janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorisação, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legítimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto N. 5.492, de 16 de Julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n, 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela rádio telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

Paragr. Unico — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artisticas ou difusões, rádio telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções ai realisadas.

Decreto N. 18.527, de 10 de Dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realisarem em teatros, cinematografos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto N. 21.111, de 1 Março de 1932:

Art. 35, paragr. 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precidida da indicação dos nomes dos autores.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677, P.221

TEATRO

DPF
DCDP
fls. N.º 126

TÍTULO O SANTO MILAGROSO.

1) S. ARQUIVO

Documentação Em ordem
Clas. Anterior 12
Praça BLUMENAU - SC
Obs.:

DF. 20/6/74

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura
Técnico de Censura
Técnico de Censura
Data para Exame de __/__/__ a __/__/__
DF. __/__/__

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

12 anos

3) S. C. T. C. Conforme Parecer Nº 16768/74, DPDC:
I A Insp. Exp. para emitir os certificados com faixa etária de 12 anos, sem cortes, condicionando todavia ao material geral.
II A consideração do Sr. Chefe do S. C.

Em 08/07/74
Manuel Simões
Chefe do S.C.T.C.

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em 11/07/1974
Wilson de Queiroz Garcia
Chefe do S-C

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
D.C.D.P.
Fls. N.º 127
Rubrica

PARECER Nº 1676/74

TÍTULO: " O SANTO MILAGROSO "

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 12 (DOZE) ANOS.

127

Tendo confrontado o texto da peça teatral o SANTO MILAGROSO com o original constante do processo, constatei haver identidade entre ambos, podendo portanto ser liberado com a mesma classificação etária que vem sendo observada, qual seja, impróprio para menores de 12 anos.

Brasília, 28 de junho de 1974.

Ivelice Gomes de Andrade

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 222

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.223

DPF
DCDP
Fls. N.º 128
Rubrica

491/74-SCTC/SC/DCDP 04, julho 4

Diretor do Departamento de Polícia Federal - SC

O SANTO MILAGROSO

Lauro C. Muniz

Diretor:

Blumenau -SC

MFCG/rs

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.224

DPF
DCDP
Fls. N.º 129

289/74

: O SANTO MILAGROSO

: LAURO CÉSAR MUNIZ

PROIBIDO PARA MENORES DE 12 DOZE ANOS

10 JULHO 79

10 JULHO 74

ROGÉRIO NUNES

: O SANTO MILAGROSO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677,P.225

: LAURO CÉSAR MUNIZ

: LINDOLF BELL

28 JUNHO 74

PROIBIDO PARA MENORES DE 12 (DOZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUAN DO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.::::::::::::

10 JULHO 74

WILSON DE QUEIROZ GARCIA

MHF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677,P.226

MJ-DPF-SRA/BSB
OUT 10 41 24 065422

DPF - SR/GB
N.º 27
Rub.

DPF
DCDP
Fls. N.º 1308
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS-DPF

Of. nº 737 /74-SCDP-SR/GB Em /21.10/1974

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto censura de peça

Ref. prot. 39.496/74-SR/GB

FICHADO
S. A. DCDP

De ordem
ao arquivo
em 24 10 74
Ruth Negales
Chefe do SA/DCDP

Peça "O SANTO MILAGROSO"
.....
.....
Autor Lauro César Muniz
.....
Guia da SBAT, datada de 17.10.74

Senhor Diretor,

Para fins de exame censório, encaminho a essa DCDP, em 3 (tres) vias, o texto da peça teatral acima referenciada e, na oportunidade, renovo a V.Sa. os protestos de estima e distinta consideração.

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do SCDP-SR/GB-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677, P.227

DPF
D DP
Fls. N.º 131
Rubrica

MJ-DPF SR/GB

18 OUT 1444 74 39496

Rio de Janeiro, 17 de Outubro de 1974.

RECEBIDO POR:
SRA/FICHADO

136
91

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D.P.F.
Brasilia, D.F.

Ao SCC:
Encaminhar à DCDP para os fins competentes.
Rio, 21/10/74
Wilson Muniz
Chefe do SCDP/SR/GB.

Saudações

O GRUPO TEATRAL BACCO, na pessoa de seu Diretor Presidente, Sr. José Pereira de Souza, vem requerer junto à / esse órgão, a CENSURA da peça " O SANTO MILAGROSO ", de Lauro Cesar Muniz. Com a estreia prevista para a 1º Quinzena de Janeiro de 1975, no Teatro do Colégio Santa Madalena Sofia , nesta cidade do Rio de Janeiro, GB.

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a maior consideração.

José Pereira de Souza
JOSÉ PEREIRA DE SOUZA
Diretor Presidente

BR DFANBSB NS.CPR.TEA PTE. 0677,P.228

DPF
DCDP
Fls. N.º 132
Rubrica

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

127

Rio de Janeiro, 17 de Outubro de 1974

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S., para fins de CENSURA (TRES) cópias da peça:

O SANTO MILAGROSO

DE: LAURO CESAR MUNIZ

próxima apresentação da Grupo Teatral BACCO

no Teatro COLEGIO SANTA MADALENA SOFIA

com estréia marcada para o dia 1ª Quinzena de Janeiro de 1975

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos com a maior consideração,

por Djalma Bittencourt
Superintendente

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.229

DPF
DCDP
Fls. N.º 133
Rubrica

Rio de Janeiro, 17 de Outubro de 1974.

138

" O SANTO MILAGROSO "

de LAURO CESAR MUNIZ

Cenário- PAULO CESAR DA SILVA RANGEL

Direção- OLAF WOLFGANG BORDALO KALICINSKI e
LUIZ CASTRO DO NASCIMENTO

ELENCO POR ORDEM DE ENTRADA

Padre José- PAULO CESAR DA SILVA RANGEL

Pastor Camilo- RICHARD MAURUS BORDALO KALICINSKI

Trerezinha- ROSANGELA BENASSI

Dito- CLAUDIO GOMES

Cel. Chiquinho- OLAF WOLFGANG BORDALO KALICINSKI

Bispo- CARLOS ALBERTO DE ARAUJO

Jornalista- ALICE DE OLIVEIRA

Mascate- ROBERTO FERNANDES BULHÕES

Juca- PAULO LOPES CORREA

Mulher- SUELI ROSA

Simão- ELIZABETH DE OLIVEIRA

Takawa- NEUZA DE OLIVEIRA

FICHA TECNICA

Contra Regra- CELSO ABEL VALERIANO

Figurino- ROSANGELA BENASSI

Iluminação- LUIZ CASTRO DO NASCIMENTO

Maquilagem- MONICA HILDEGARD B. KALICINSKI

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.230

DPF
D.C.D.P.
Fls. N.º 134
Rubrica

TEATRO

TÍTULO O Santo Milagroso

1) S. ARQUIVO

Documentação em ordem

Clas. Anterior 12 anos

Praça Rio de Janeiro - GB

Obs.:

DF. 24/10/74

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF. __/__/__

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. Concordo com o parecer Nº 21360/74.

Emita-se os certificados 10 ANOS sem cortes, condicionado, todavia, ao exame do ensaio seca!

À consideração do Senhor Chefe do S. C. Em 04/11/74

Manoel Francisco Clavery Guido
Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres / SC

4) SERVIÇO DE CENSURA

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
Conforma do parecer
05/11/1974

Manoel Francisco Clavery Guido
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 135
Rubrica

PARECER Nº 21.360 / 74

TÍTULO: "O SANTO MILAGROSO"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 10 (dez) anos

Procedendo ao confronto do texto ora indicado para exame com o anterior constante do processo, da peça teatral acima discriminada, observei a identidade dos mesmos, nada impedindo a liberação do texto atual.

Contudo, com respeito à classificação etária, opino que seja estabelecida para a faixa dos dez anos vez que a impropriedade de 12 anos, com a qual a peça vem sendo aprovada, conforme está estabelecido no certificado de censura nº 289/74, inexiste na legislação específica para teatro.

Brasília, 01 de novembro de 1974

Maria das Graças Sampaio Pinhati

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 231

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 232

DPF
DCDP
Fls. N.º 136
Rubrica

06/11/74

917/74-SCTC/SC/DCDP

Superintendente Regional do DPF na Guanabara

" O SANTO MILAGROSO"

Lauro Cesar Muniz

Superintendente:

Rio de Janeiro-GB

MFCG/rs

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677 P. 233

DPF
DCDP
N.º 137
Rubrica

CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

289/74

: O SANTO MILAGROSO

: LAURO CÉSAR MUNIZ

05 NOVEMBRO 79

05 NOVEMBRO 74

ROCÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE DEZ ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 234

: O SANTO MILAGROSO

: LAURO C. MUNIZ

: GRUPO TEATRAL BACCO - GB -

JOSÉ P. DE SOUZA

1º NOVEMBRO 74

PROIBIDO PARA MENORES DE 10 (DEZ) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUAN DO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.::::::::::::

05 NOVEMBRO 74

MANOEL FRANCISCO D. GUIDO - SUBST.

MHF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.235

DPF
DCDP
Fls. N.º 138
Rubrica

De ordem
ao arquivo
em 23/06/75
Ruth Morales
Chefe da SA/DCDP

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

FICHADO
S. A. DCDP

São Paulo , 18 de Junho de 1975

Ilmo. Sr.
Diretor do Departamento de Censura Federal
(Departamento de Polícia Federal)
Brasilia D F

MJ-DPF SR/SP
18 JUN 1721 75 20049

RECEBIDO POR:
SRA/FICHADO

DPF DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, tres copias da peça

"O SANTO MILAGROSO"

Original de LAURO CESAR MUNIZ

Tradução de XXXXXXXXXXXXXXXXX

Próxima apresentação de GRUPO DE TEATRO AMADOR PREFEITURA MUNICIPAL

Teatro ..... Cidade DIADEMA E OUTRAS

Estado SÃO PAULO

A estréia está prevista para 20 DE JULHO DE 1975.

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração,

Pela SBAT,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
18 JUN 1975
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, l.236

DPF
DCDP
Fls. N.º 139
Rubrica

D.P.F. - DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Ilmo.Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

(DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL)

GRUPO DE TEATRO AMADOR PREFEITURA MUNICI= PAL DE DIADEMA, através de seu representante abaixo assinado vem requerer a V.Sa que se digne mandar censurar a peça "O SANTO MILAGROSO", de autoria de Lauro Cesar Muniz que deverá ser representada a partir do dia 20 de julho proximo na cidade de Diadema e outras do interior do Estado.

Para tanto junta a esse requerimento tres cópias do referido texto.

Nestes termos,

P.Deferimento.

P/ G.T.A.P.M.DE DIADEMA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.237

DPF
DCDP
Fls. N.º 140
Rubrica
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
D. P. F.

TEATRO

TÍTULO O SANTO MILAGROSO

1) S. ARQUIVO

Documentação EM ORDEM

Clas. Anterior 10 anos

Praça SÃO PAULO - SP

Obs.:

DF. 24/06/75

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF.__/__/__

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

3) S. C. T. C. Concordo c/o parecer nº 5864-75.
1 — À Seção de Expedientes para emitir certificado com impropriedade até 10 anos, sem cortes, visto haver certificado com validade até 1979! Todavia, condicionado ao exame do ensaio geral.
2 — À consideração do Sr. Chefe do S.C. Em 2-07-75

Gleriosaldo de Carvalho Queiroz
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres / SC

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 04/07/1975
Rogério Nunes

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

D.C.P. Fls. N.º 141 Rubrica

D. P. F. - DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 5864/75

179

TÍTULO: "O SANTO MILAGROSO" - de Lauro César Muniz

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 10 (dez) anos c/ CORTE

Procedendo ao confronto da peça em aprêço com o texto original, verificamos a identidade dos // "scripts". Sugerimos, apenas, a supressão da palavra assinalada às fls. 04, apesar de ter sido mantido no original, por se tratar de termo inconveniente para ser apresentado/ ao público infantil.

Obedecido o CORTE supramencionado, somos pela manutenção da faixa etária dada anteriormente: 10 (dez) anos.

Brasília (DF.), 30 de junho de 1975.

Jeanete Maria de Oliveira Farias

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677,P.238

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 239

DPF
DCDP
Fls. N.º 142
Rubrica

D.C.P. - DIVISÃO DE CENSURA DE PUBLICAÇÕES

527/75 SCTC/SC/DCDP

Superintendente Regional do DPF em São Paulo

O SANTO MILAGROSO

LAURO CEZAR MUNIZ

Superintendente:

São Paulo - SP

MFCG/ecp

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 240

DPF
DCDP N.º 143
Rubrica
D.P.F. DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

289/75

: O SANTO MILAGROSO

: LAURO CÉSAR MUNIZ

PROIBIDO PARA MENORES DE 10 DEZ ANOS

03 JULHO 80

03 JULHO 75

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.241

: O SANTO MILAGROSO

: LAURO C. MUNIZ

GRUPO DE TEATRO AMADOR PREFEITURA MUNICIPAL DE DIADEMA - SP -

30 JUNHO 75

PROIBIDO PARA MENORES DE 10 (DEZ) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QDO. ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.:::::::::::::::::::

REQUERENTE:

03 JULHO 75

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.242

MJ-DPF-SRA/DSB
-3 MAI 0922 Nº 017477

DPF
DCDP
Fls. N.º 144
Rubrica

Campina Grande, 26 de abril de 1976

D.C.D.P. - DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Ilmº Sr. Chefe

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL

Divisão de Censura de Diversões Públicas

Brasilia - DF

HILDA FERNANDES DOS SANTOS, brasileira, Presi - dente da Sociedade de Amigos do Bairro de Monte Santo - Campina Gran de - Pb, vem mui respeitosamente encaminhar a V.Sª, o texto em tres (03) vias da peça "O SANTO MILAGROSO", para encenação no Festival de Teatro de Amigos do Bairro a ser realizado em Campina Grande-Pb, no período de 19 à 25 de maio do corrente ano.

Na certeza de que seremos atendidos aproveita mos a oportunidade para apresentar protestos de estima e distinta consideração.

Atenciosamente,

Hilda Fernandes dos Santos

HILDA FERNANDES DOS SANTOS

- Presidente da Sociedade de A.Bairro de Monte Santo /:

ENDEREÇO:
R. Diogo da Costa, 308
Campina Grande - PB
58.100

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 243

DPF 165
DCDP
Fls. N.º 122
Rubrica

133

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Campina Grande, 27 de Abril de 1976

D.P.F. DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Ao
Diretor do Departamento de Polícia Federal
do D.P.F.
BRASILIA -DF.

Presado Senhor,

Levo ao conhecimento de V.Sa., que o Grupo da Sociedade de Amigos do Bairro de Monte Santo, nada deve ao SBAT / local, e está autorisado a montar a Peça O SANTO MILAGROSO, de autria de Louro Cesar Muniz.

Nada mais para o momento e desde já ao inteiro dispor de V.Sa., mui

Atenciosamente,

P/ João Correia de Araújo.
Maria Aliete de Sousa

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677

TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 146
Rubrica

D.P.F. - DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

TÍTULO O SANTO MILAGROSO

LAURO CEZAR MUNIZ

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 10 ANOS -

Praça CAMPINA GRANDE - PB

Obs.:

DF. 1 / 6 / 5 / 76

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dez anos, 3/ cortes e com os dados constantes do requerimento de censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 02 de junho de 1976

Maria Arlete R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

13/4

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE. 10 anos na forma do parecer, processo anterior

Em, 03 / junho / 1976

Arésio Teixeira Peixoto
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 147

PARECER Nº 3263 / 76

TÍTULO: "O SANTO MILAGROSO" - Lauro Cezar Muniz

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 10 (dez) anos

Peça Teatral - Confronto

Peça já liberada com a classificação de doze e dez anos respectivamente, sendo que esta última, encontra-se com certificado em vigor.

Procedendo ao confronto do atual texto com o constante do processo, observamos total identidade entre os mesmos, razão que nos leva a opinar para que seja mantido o critério anterior - IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZ ANOS.

Brasília, 27 de maio de 1976

Geralda de Macedo Coelho

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.245

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.246

DCDP N° 148 Rubrica
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D. P. F.

03/6/76

415/76-SCTC/SC/DCDP

Superintendente Regional do DPF na Paraíba-SR/PB

"O SANTO MILAGROSO"

Lauro Cesar Muniz

Superintendente:

Campina Grande-PB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677, P.247

DPF
DCDP
Fls. N.º 149
Rubrica
D. P. F.
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

121

137

289/76

: O SANTO MILAGROSO

LAURO CÉSAR MUNIZ

02 JUNHO 81

02 JUNHO 76

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 10 DEZ ANOS

Coriolano de R C Fagundes

p/ ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P248

: O SANTO MILAGROSO

: LAURO C. MUNIZ

: SOCIEDADE DE AMIGOS DO BAIRRO DE MONTE SANTO - PB -
HILDA F. DOS SANTOS

02 JUNHO 76

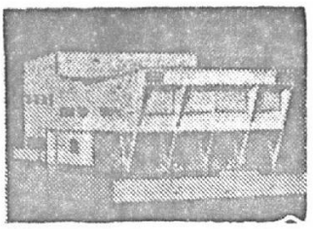
PROIBIDO PARA MENORES DE 10 (DEZ) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 10 ANOS

02 JUNHO 76

CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

mhf



Grupo de Amadores Teatrais "Viriato Corrêa"

FUNDADO EM 28 DE JULHO DE 1937

Entidade Artística-Beneficente Reconhecida de Utilidade Pública: { Municipal — Lei n. 51, de 29/11/1949 Estadual — Lei n. 3.100, de 21/11/1956

Registrado: { Conselho Nacional de Serviço Social Conselho Estadual de Serviço Social (RJ)

SEDE PRÓPRIA: PRAÇA SÃO SEBASTIÃO ★ TRÊS RIOS — E. DO RIO

DPF DCDP Fls. N.º 150 Rubrica

Ofício nº 57/76

Ilmo. Sr.
Rogério Nunes
Diretor do Departamento de Censura de Diversões Publicas
Departamento de Polícia Federal
Brasília - D.F.

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D.P.F.

FICHADO S. A. DCDP

Prezado Senhor:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V.Ss. para fins de CENSURA, três (3) cópias das peças:

01) MULHER ZERO KILOMETRO..... Edgar G. Alves
02) Rosa das SETE SAIAS..... Anselmo Domingos
03) A GRANDE DOTIACHEM..... Isaac Gondim Filho
04) Amo TODAS AS MULHERES.....José Vanderley e Daniel - Rocha
05 O SANTO MILAGROSO..... Lauro Cesar Muniz

As representações serão no VI FESTIVAL DE TEATRO DO ESTUDANTE DE TRÊS RIOS - NO TEATRO CELSO PEÇANHA, iniciando na primeira quinzena de agosto, com a peça MULHER ZERO KILOMETRO.

Confiantes no seu acatamento ao nosso pedido, o mais breve possível, subscrevemo-nos,

Atenciosamente,

À SCTC,
para providencia
Em 22/6/76

Arésio Teixeira Peixoto
Chefe do Serviço de Censura/DCDP
SUBSTITUTO

J. Maia
Maria J. Maia
Secretária

Três Rios, 21 de junho de 1976.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.249

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

DPF
D.C.D.P.
Fls. N.º 151
DIVISÃO
Rubrica
D. P. F.
CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Rio de Janeiro, 16 de Junho de 1976

Ilmo. Sr.
Diretor do Departamento de Censura Federal
(Departamento de Polícia Federal)
Brasilia D F

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, tres copias da peça

O SANTO MILAGROSO

Original de Lauro Cesar Muniz

Tradução de

Próxima apresentação de VI Festival de Teatro Estudantil

Teatro Celso Peçanha Cidade Tres Rios

Estado Rio de Janeiro

A estréia está prevista para Outubro de 1976

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração,

Pela SBAT,

SBAT

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.250

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677.P.253

TEATRO

TÍTULO O SANTO MILAGROSO

Laudo Cesar Muniz

DPF DCDP Fls. N.º 13 Rubrica

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 10 ANOS

Praça RJ

Obs.:

DF. / 06 / 7 / 76

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS · D.P.F.

Em de de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dez anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de Censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: —

Brasília-DF, 19 de julho de 1976

p/ Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE. 10 anos na forma do parecer, processo anterior

Em, 23 / 07 / 1976

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677.29

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

D.P.F. DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DPF DCDP Fls. N.º 153 Rubrica

PARECER Nº 4112 / 76

TÍTULO: O SANTO MILAGROSO
Autor: Lauro César Muniz
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 10 (DEZ) ANOS
Peça Teatral

Procedendo ao confronto de textos da peça teatral - O SANTO MILAGROSO, de autoria de Lauro César Muniz, observamos perfeita identidade de conteúdo.

Sugerimos sua liberação com a mesma impropriedade anteriormente imposta, ou seja, 10 (DEZ) ANOS, condicionada ao ensaio geral.

Brasília, 19 de julho de 1976

Maria José Bezerra de Lima

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.253

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D.P.F.
DPF
DCDP
Fls. N.º 154
Rubrica

22/8/79

640/76-SCTC/SC/DCDP

Superintendente Regional do DPF no Rio de Janeiro

O SANTO MILAGROSO

Lauro Cezar Muniz

Superintendente:

RIO DE JANEIRO-RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.254

DPF
DCDP
Fls. N.º 155
Rubrica
D.P.F. DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

289/76

: O SANTO MILAGROSO

: LAURO CÉSAR MUNIZ

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZ ANOS

22 JULHO 81

22 JULHO 76

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677.P.255

: O SANTO MILAGROSO

A. : LAURO CÉSAR MUNIZ

: VI FESTIVAL DE TEATRO ESTUDANTIL - RJ -
JACIRA G. MAIA

PROIBIDO PARA MENORES DE 10 (DEZ) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

22 JULHO 76

ARÉSIO T. PEIXOTO

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.256

DPF
DCDP
Fls. N.º 156
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M. J. DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

OF. Em, 10 de agosto de 1976.
Nº. 4661/76-SCDP/SR/SP

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS D.P.F.

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75/DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto - das peças teatrais "LIÇÃO DE MULHER" original de Abelha Read, "O SANTO MILAGROSO" original de Lauro Cesar Muniz, "NN 77" - original de José Amauri de Oliveira, "A OFENSA" original de ' John Hopkins, "O PATINHO PRETO" original de Walter Quaglia, - "O PLANETA DOS PALHAÇOS" original de Paschoal L. Tudech, "PE- TER PAN" original de Telassim Rodrigues, "PRECISA-SE" origi- ' nal de José Mario Sousa, "ABRA OS OLHOS E ACREDITE NAS PALA - VRAS" original de Palma Travassos, "O BICHO PAPÃO" original - de Carlinhos Silveira, "UM INIMIGO DO POVO" original de Ibsen "ONTEM, HOJE E PRIMAVERA" original de Clovis dos Santos, "A - SOPA DE PEDRA" original de T. Belinky.

Outrossim, informo que os demais itens da ' referida Portaria serão cumpridos por este SCDP, para poste - rior remessa à DCDP.

Na oportunidade, renovo a V.S., protestos ' de estima e consideração.

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DR. ROGERIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
B R A S I L I A/DF

ILMO. SR. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DEPARTAMENTO DA POLICIA FEDERAL SR/ SÃO PAULO.-

DPF
DCDP
Fls. N.º 137
Rubrica

D.P.F. - DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Pretendendo encenar o texto de Lauro César Muniz-"OSANTO MILAGROSO"- na sede social do Vila Souza Atlético Clube (Guarujá-Sp.), o TEPOC- Teatro Popular de Cubatão, por seu Diretor-Artístico, o Sr. BENEDITO GOMES RIBEIRO, brasileiro - BA., solteiro, nascido aos 28/agôsto/1.934, filho de João Gomes Ribeiro e de Alina de Freitas Ribeiro, matricula nº 1819 no Sindicato dos Artistas e Técnicos em espetáculos de Diversões do Estado da Guanabara, vem mui respeitosamente submeter à V. douta apreciação, requerendo, após supridas as exigencias legais, a aprovação do texto supra mencionado, para a referida apresentação.

Nestes termos,
P. e E. Deferimento.
Cubatão, 03 de agôsto de 1.976.-

B. Gomes Ribeiro

BENEDITO GOMES RIBEIRO
Diretor-Artístico

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 257

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.268

412.

FICHADO S.A. DCDP

MJ - DPF - SRA/BSB
-9 SET 1975 051889

DPF SRA
DCDP
Fls. N.º 158
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

M. J. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

RECEBIDO POR

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS D.P.F.

Of. nº 4193/75-SCDP/SR/SP em 08 de setembro de 1975.

Senhor Diretor

Com o presente encaminho a V.Sa., para os devidos fins, os relatórios de ensaios gerais das peças teatrais "O JUMENTO E O CAPATAZ" original de Marco A. R. de Oliveira, "O NOVO OTELLO" original de Joaquim M. de Macedo, "AS AVENTURAS DE RIPIÓ LACRAIA" de autoria de Francisco de Assis, "A BRUXINHA QUE ERA BOA" original de Mª Clara Machado, "MOTO PERPETUO" de autoria de H. Saraiva, "MALAZARTE" original de Graça Aranha, "PIQUENIQUE NO FRONT" original de Fernando Arrabal, "LOS PALOS" original de Salvador Tavora, "A VIUVA DO TIBURCIO" autoria de Adail Viana e Julio Moreno, "O PALHAÇO DO MILHO SÓ A FORÇA" original de Tatiana Belynky, "AS CASADAS SOLTEIRAS" original de Martins Pena, "O CRISTO NU" original de Carlos A. Sofredini, "O SANTO MILAGROSO" autoria de Lauro C. Munis, "A FALECIDA" original de N. Rodrigues, "O AMANTE DE MINHA MULHER" original de Odaléa M. Cunha, "OS IRMÃOS DAS ALMAS" original de M. Pena.

Na oportunidade, renovo a V.Sa., protestos de estima e consideração.

ROGERIO NUNES
Diretor do DCDP

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmº. Sr.
DR. ROGERIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
B R A S I L I A/DF.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 259

DPF
DCDP
Fls. N.º 259
Rubrica

Parecer 193/75

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D. P. F.

O SANTO MILAGROSO - LAURO CESAR MUNIZ

10 (dez) anos

Procedi à verificação do ensaio geral da peça teatral supra citada de autoria de Lauro Cesar Muniz na cidade de Diadema - Estado de São Paulo.
A peça teatral tem como tema as desavenças entre um pastor protestante e um padre.
As marcações de cena, expressões corporais e vestuário estão de acordo com a / legislação censória vigente e com a faixa etária acima discriminada.

São Paulo, 18 de agosto de 1975.

Sônia A. Lourenço Malago

Sônia Aparecida Lourenço Malago
Técnica de Censura nº. 296

S.Paulo, 19/08/75

1. De acordo com o parecer censório, encaminhe-se à Brasilia.

Chefe SCDP/SR/DPF.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.260

TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 1609
Rubrica
DIVISÃO DE DIVERSÕES PÚBLICAS

TÍTULO O Santo Milagroso

Mauro Cesar Muniz

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 10 anos c/ cortes

Praça São Paulo - SP

Obs.:

DF. 17/08/79

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dez anos, com cortes e com os dados constantes do requerimento de fls. 03, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: corte ind.

Brasília-DF, 20 de set. de 1976

Maria Ariete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

172

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: 10 anos com cortes.

Brasília-DF, 22/09/76

Ceriolano de Loyola Cabral Fagundes
Chefe do Serviço de Censura - D.C.D.P.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

D.P.F. DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 161
Rubrica

PARECER Nº 5176 / 76

133

TÍTULO: O SANTO MILAGROSO

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 10 anos com corte

Procedendo ao confronto do texto remetido para censura, com outro existente em nossos arquivos, verifiquei a identidade dos mesmos, podendo receber a classificação com impropriedade para menores de 10 anos indicada anteriormente. Corte assinalado à fls. 03.

Brasília, 15 de setembro de 1976

Teresa Cristina dos Reis Marra

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.263

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.262

DPF
DCDP
Fls. N.º 162
Rubrica

DIVISÃO DE DIVERSÕES PÚBLICAS

887/76-SCTC/SC/DCDP

Superintendente Regional do DPF em São Paulo

"O SANTO MILAGROSO"

Lauro Cezar Muniz

Superintendente:

São Paulo-SP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.263

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
D. P. F.

DPF
DCDP
Fls. N.º 263
Rubrica

137

COM CORTES

289/76

: O SANTO MILAGROSO

: LAURO CÉSAR MUNIZ

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZ ANOS

22 SETEMBRO 81

22 SETEMBRO 76

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 269

: O SANTO MILAGROSO

COM CORTES

: LAURO CÉSAR MUNIZ

: TEPOC - SP

20 SETEMBRO 76

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 10 (DEZ) ANOS. CORTE INDICADO À PAG. 03. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS.

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZ ANOS

Coriolano de Loiola C. Fagundes

22 SETEMBRO 76

CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

mhf

Of. 404/77, 17.01.77
SCDP-SR/SP

DPF
DCDP
Fls. N.º 164
Rubrica

Parecer 434/76

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS · D. P. F.

" O SANTO MILAGROSO "

"IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 10 ANOS"

Trata-se de mais uma obra de Lauro Cesar Muniz, já divulgada, inclusive em filme, apresentando, principalmente, uma tentativa de diálogo, entre um padre e um pastor.

O debate entre ambos ou a parte cômica / da peça, o milagre feito pelo pastor, é como / que um pretexto para uma maior aproximação entre representantes da fé que, apesar de pregarem um mesmo credo, têm idéias um tanto antagônicas.

Toda a encenação do espetáculo está colocada num rítmo alegre e descontraído, mesmo em se tratando de um assunto sério.

Levando-se em consideração sua temática e, ainda, tendo em vista liberações anteriores, ratificamos, pois, a faixa etária supramencionada ou seja: 10 anos.

São Paulo, em 16 de novembro de 1 976.

Eliel José de Sousa

De acordo com o Parecer.
Expedir Cert. Prov. e remeter o processo à DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.265

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.266

DPF
DCDP
Fls. N.º 165
Rubrica

Parecer 435/76

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
D.P.F.

" O SANTO MILAGROSO "

Para maiores de 14 anos

Peça teatral de autoria de Lauro Cesar Muniz .

A história gira en torno das situações embaraçosas e engraçadas em que se envolvem dois representantes da igreja, um padre católico e um pastor protestante, que pensam em uma união das duas igrejas para fundarem um colégio.

Quando estão juntos na sacristia, são surpreendidos por pessoas que chegam e o pastor se esconde em um nicho cobrindo-se com um manto roxo.

Quem entra na sacristia é o próprio sacristão - acompanhado da irmã do pastor, apaixonados um pelo outro.

O pastor ouvindo a conversa entre os dois, aproveita-se de sua condição de "santo" e aconselha os jovens a se separarem, em razão das religiões diferentes.

A situação se complica pois pensam tratar-se de um milagre e os dois sacerdotes são forçados a simularem acreditar no milagre do "santo" que fala com os fieis, pois não podem retratar-se. A história assim segue, envolvendo toda a cidade, o bispo, políticos e jornalistas, até que finalmente encontram a solução, colocando uma imagem verdadeira no nicho e afinal conseguem o que se haviam proposto, que era unirem as duas igrejas para beneficiar a cidade.

A peça já tem certificado de liberação válido - até junho de 1.977 com impropriedade para maiores de 12 anos.

Em razão desta faixa etária não estar mais em vigor para tetaro, opino pela liberação para maiores de 14 anos ~~condicionada ao que for observado no ensaio~~ geral.

De acordo c/o Parecer
Proceder ao Ensaio-geral
[illegible]
Cp SLDP/SR/SP.

São Paulo, 6 de setembro de 1.976

Maria de Lourdes Arbizu O.Leite

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.267

DPF
DCDP
Fls. N.º 166
Rubrica

Parecer 436/76 pl

"O santo milagroso" - (teatro)

proibida

Senhor Chefe do SCDP/SR/SP

Opino pela proibição do texto da peça "O santo milagroso", de Lauro Cesar Muniz, por ofender e ser motivo de escárnio às religiões e seus ministros, infringindo portanto os decs. 20493/46, artº 41, "f" e 51134/61, artº 2º, item VI.

A peça apresenta dois ministros religiosos - um sacerdote católico e um pastor protestante- que se aliam para a fundação de um colégio.

As situações hilariantes que se criam no desenrolar do enredo constituem o ponto alto da comédia; veja-se, por ex. (fls. 11): o tal "santo milagroso ou milagreiro" passa a ser o pastor protestante!... A cena da confissãodo coronel politiqueiro é um flagrante desrespeito ao Sacramento da Confissão! Um acinte à Religião Católica!

Não se pode admitir que se faça comédia com as coisas de Deus, envolvendo questões de fé, religiões e seus ministros ! E ressalte-se: não tenho a menor dúvida de que a interpretação dos atores, ainda que atendo-se rigidamente ao texto, daria margem aos mais variados lances de ridículo, ofensivos à Religião Católica, predominante no Brasil.

São Paulo, 10 de setembro de 1976

[illegible] Lemos Dias
- Téc. de Cens.- (Cart. 307)

Avoco o presente para acompanhar o Parecer do Tec. Censura Maria de Lourdes
Ch SCDP/SR/SP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.268

DPF
DCDP
Fls. N.º 167
Rubrica

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
D. P. F.

Of.nº 166/77-SCTC/SC/DCDP

, 27 de janeiro de 1.977

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

: Sr. Superintendente Regional do DPF em São Paulo

: Encaminhamento (faz)

Ref.Of.nº 404/77-SCDP-SR/SP

Senhor Superintendente:

De acordo com a Portaria nº 042/75-DCDP, de 26.11.75 e em atenção ao ofício em referência, encaminho a V.Sª. as anexas 1ª e 2ª vias / do certificado da peça teatral intitulada " O SANTO MILAGROSO" de Laurá Cezar Muniz.

Na oportunidade, renovo a V.Sª. protestos de estima e consideração.

ROGÉRIO NUNES
Diretor DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.269

DPF
DCDP
Fls. N.º 168
Rubrica

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS · D. P. F.

289/77

: O SANTO MILAGROSO

LAURO CÉSAR MUNIZ

15 JULHO 77

31 JANEIRO 77

ROGÉRIO NUNES

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 10 DEZ ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677.P. 270

: O SANTO MILAGROSO

: LAURO CÉSAR MUNIZ

MORDAÇA PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA. - SP.

JOÃO TADEU DE OLIVEIRA

28 JANEIRO 77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 10 (DEZ) ANOS. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

31 JANEIRO 77 CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P. 271

DPF-SRA
M.n.º 2
Rub.

MJ-DPF-SRA/BSB
-5 JAN 1014 E 000428

FICHADO
S.A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
M. J. - DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

RECEBIDO POR

DPF
DCDP
Fls. N.º 169
Rubrica

SRA/FICHADO

OF.
Nº. 382/77-SCDP/SR/SP

Em, 03 de janeiro de 1977.

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
D. P. F.

De ordem
ao S.C.
em 06.01.77

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº. 042/75/DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto das peças teatrais "UTOPIA III" original de Ricardo de Freitas Peres' Domingues, "A GRANDE ESTIAGEM" original de Isaac Gondim, "ABRÃO E SARA" original de João Mohana, "O SANTO MILAGROSO" original de Lauro Cesar Muniz, "O XERIFE DE ABOBORA CITY" original de William Zarur, "COMO COMER GENTE SEM FAZER FORÇA" OU "COMO SER ANTROPOFAGO" original de Werp Gomes, "A HORA E A VEZ DO TEATRO INFANTO JUVENIL" original de Elifas Alves.

Outrossim, informo que os demais itens da referida Portaria serão cumpridos por este SCDP, para posterior remessa à DCDP.

Na oportunidade, renovo a V.S., protestos de estima e consideração.

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmº. Sr.
DR. ROGERIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
B R A S I L I A/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, p. 272

TEATRO

DPF DCDP Fls. N.º 170 Rubrica

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D. P. F.

156

TÍTULO O Santo Milagroso

Mauro César Oliveira

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 10 anos c/ cortes

Praça São Paulo — SP

Obs.:

DF. 12/ 01/ 77/

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de 10 (dez) anos, sem cortes e de acordo com os dados constantes do requerimento de Censura, condicionada ao exame geral. Obs.:

Brasília-DF, 18 de janeiro de 1977

Jeanete M.ª de Oliveira Farias
Ch. SCTC - SC/DCDP
Substituto

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 31 de janeiro de 1977

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 273

UPF
DCDP
Fls. N.º 1719
Rubrica
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D. P. F.

Sr. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS DE SP.

MORDAÇA PRODUÇOES ARTISTICAS LTDA., c com sede à Rua 13 de Maiò 134, pretendendo encenar o espetáculo " A HORA E A VEZ DO TEATRO INFANTO JUVENIL" de Elifas Alves, vem / mui respeitosamente solicitar a V.Sa., que se digne a mandar e fetuar o exame censório cujos textos seguem anexo.

NESTES TERMOS
P.DEFERIMENTO.

São Paulo 20 de Dezembro de 1976.

JOÃO TADEU DE OLIVEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.274

DPF
DCDP
Fls. N.º 172
Rubrica

168
gl

084/77-SCTC/SC/DCDP 13 janeiro 77

São Paulo

382/77-SCDP-SR/SP

"O SANTO MILAGROSO"

Lauro C. Muniz

289,

10 anos, com cortes.

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677, P.275

MJ-DPF-SRA/BSB

12 AGO 1959 025447

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
Departamento de Polícia Federal
Superintendência Regional no R. G. Norte

RECEBIDO POR:

DPF-SRA
L. n.º 01
Rub.

DPF
DCDP
Fls. N.º 173
Rubrica

SRA/FICHADO

Natal, 09 de agôsto de 1977.

OFICIO Nº 1277/77-SCDP/SR/RN.

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
D.P.F.

De ordem
Ao Arquivo.
Em 12-8-77

FICHADO
S.A. DCDP

Senhor Diretor:

Com o presente encaminho a V. Sa., para fins de censura, a peça "O SANTO MILAGROSO", de Lauro César Muniz, em três vias acompanhada de requerimento do Superintendente do Serviço Social da Indústria nêste Estado.

Aproveito o ensejo para reiterar a V. Sa., protestos de elevada estima e distinta consideração.

HUGO PÓVOA DA SILVA.
Delegado de Polícia Federal.
Superintendente Regional.

Ilmo. Sr.
Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas.
BRASILIA-DF.

DPF/RN

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.276

DPF
D. DP.
Fls. N.º 174

SESI

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA
Departamento Regional
Rio Grande do Norte

Av. Rio Branco, 571. 8.º Andar
End. Telegráfico - SESINORTE
CEP 59.000 - Natal - RN

Natal, 20 de junho de 1977

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
D. P. F.

Of. nº 182/77-SUP

Senhor Diretor,

O Serviço Social da Indústria - SESI - Departamento Regional do Rio Grande do Norte, submete a esse Serviço de Censura, em três (03) cópias mimeografadas, o texto "O SANTO MILAGROSO", de Lauro Cézar Muniz, que se pretende seja encenada pelo TEATRO OPERÁRIO DE NATAL - Grupo pertencente ao SESI/RN.

Enviamos em anexo, o Atestado da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT.

Aguardando pronunciamento de Vossa Senhoria, agradecemos, subscrevendo-nos

atenciosamente

Antonio Julio de Souza Bruno
Superintendente

Ilmº. Sr.
DIRETOR DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS
BRASÍLIA - DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.274

DPF
DCDP
Fls. N.º 175
Rubrica

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3.º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
D. P. F.

DECLARAÇÃO

DECLARO, para os fins que se facam necessario que o TEATRO AMADORES UNIDOS, até a presente data nada deve a SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAI

Natal, 09 de agosto de 1977

João Gibson
Rep. da S B A T

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677.P278

TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 176
Rubrica

TÍTULO O Santo Milagroso

Mauro César Muniz

1) ~~S.C.T.C.~~ Arquivo

Clas. Anterior 10 anos

Praça Natal - RN

Obs.:

DF. 16/08/77/

Resp. pela elaboração do Processo

4) SERVIÇO DE CENSURA

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D.P.F.

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

Em de de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de Dez anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de Cens., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 25 de agosto de 1977

Maria Arlete P. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
Brasília DF / /
Classificação:
COM O PROCESSO ANTERIOR
LIBERE-SE DE CONFORMIDADE

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE
COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: dez (10) anos.

Brasília-DF, 26/08/1977

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 177
Rubrica

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS · D. P. F.

PARECER Nº 3509 / 77

TÍTULO: " O SANTO MILAGROSO" autor: Lauro Cezar Muniz.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 10 anos.

Procedi ao confronto dos dois últimos textos da peça teatral, acima mencionada, e, constatei que são idênticos na linguagem e conteúdo. Poderá ser liberado com a mesma impropriedade verificada anteriormente, ou seja: 10 anos.

Brasília, 23 de agosto de 1977.

Glaucia Baena Soares.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 279

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.280

DPF
DCDP
Fls. N.º 178
Rubrica

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D. P. F.

166

1242/77-SCTC/SC/DCDP 24/08 7

Superintendente Regional do DPF no Rio Grande do Norte

"O SANTO MILAGROSO"

Laura Cezar Muniz

Superintendente:

NATAL-RN

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677.P.281

DPF
DCDP
Fls. N.º 179
Rubrica

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
D. P. F.

289/77

: O SANTO MILAGROSO

: LAURO CÉSAR MUNIZ

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 10 DEZ ANOS

05 NOVEMBRO 79

26 77

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.282

: O SANTO MILAGROSO

: LAURO CÉSAR MUNIZ

TEATRO OPERÁRIO DE NATAL - SESI - RN

ANTÔNIO JÚLIO DE SOUZA BRUNO

25 AGOSTO 77

: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 10 (DEZ) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

26 AGOSTO 77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

mhf

412

FICHADO
S.A. DCDP

MJ-DPF-SRA/BSB

14 SET 10 17 77 028244

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

RECEBIDO POR

MJ/DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S.PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Nº 7.062/77-SCDP/SR/SP

Em, 12 de setembro de 1977.

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D.P.F.

Senhor Diretor

Em cumprimento ao qué determina a Portaria nº 042/75-DCDP, estamos remetendo a V.S., os relatórios de textos e ensaios gerais das peças teatrais "PONTO DE PARTIDA" original de Gianfrancesco Guarnieri; "O SANTO MILAGROSO" original de Lauro César Muniz; "DEFUNTO FRESCO" original de Renato Pereira e José Vasconcelos e "O GRITO CALADO" original de Sebastião Francisco dos Santos.

Outrossim, aproveitamos o ensejo para solicitar a V.S., a remessa dos certificados das peças teatrais acima mencionadas.

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DR. ROGÉRIO NUNES
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
BRASILIA/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 283

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF DCDP Fls. N.º 181 Rubrica

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D.P.F.

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: Peça Teatral:"O SANTO MILAGROSO"- de: Lauro César Muniz

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 anos. - s/c

De acordo c/o Parecer
c/ SEDP/SR/SP

RELATÓRIO- ENSAIO GERAL

TEXTO:

Estória vivida por um padre católico, um pastor protestante, um sacristão, a irmã do pastor, o coronel todo-poderoso, e figuras secundárias ao tema central, que é a disposição e interpretação que cada religião dispensa a seus preceitos e dogmas eclesiásticos.

Apesar das divergencias de opiniões, os dois religiosos se interdependem formando um todo caracteristico, onde as situações vividas por ambos, pelo sacristão e seu "caso" com a irmã do Pastor, dão um sentido cômico de alto valor na sua mensagem, assim como fazem sentir a necessidade de coesão que deverá existir entre formações diversas com um fim humano, onde os meios não são tão radicais quando os fins são dirigidos ao bem comum.

As figuras do pastor e do padre são simbólicas, podendo-se deduzir que forças contrárias quando são da mesma intensidade, se anulam formando uma única diferente das duas primeiras, dando origem à novas idéias e relações sintomáticas, que podem servir de utilidades ainda não previstas.

CONCLUSÃO: Pelo exame constatado no Ensaio Geral, confirmo a faixa etária proposta anteriormente, nada constatando que possa alterar seu procedimento.

São Paulo, 03 de maio de 1977

Dirce Camargo de Abreu - TC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 284

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
D.D.P.
Fls. N.º 182
Rubrica

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D.P.F.

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "O SANTO MILAGROSO" - Peça teatral

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 (catorze) anos

De acordo. E geral

Procedemos à verificação do texto da peça teatral "O SANTO MILAGROSO" de autoria de Lauro Cesar Muniz. Trata-se de uma comédia envolvendo um padre católico e um pastor protestante cuja filha se apaixona pela sacristão da igreja, o que culmina na união das duas igrejas em benefício da cidade.

Opinamos pela sua liberação para maires de 14 (catorze) anos.

São Paulo, 04 de janeiro de 1977.

Sônia A. Lourenço Malago

Sônia Aparecida Lourenço Malago
T.C. 296

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.285

DPF-742

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 183
Rubrica

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: " O SANTO MILAGROSO"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Para maiores de 14 anos

De acordo. À Superintendência

Peça teatral de autoria de Lauro Cesar Muniz.

A estória gira em torno de situações embaraçosas e engraçadas em que se envolvem dois representantes da igreja, um padre católico e um pastor protestante, que pensam na união das duas igrejas para fundarem um colégio.

Quando estão juntos na sacristia, são surpreendidos por algumas pessoas que chegam e o pastor se esconde em um nicho, cobrindo-se com um manto roxo.

Quem entra na sacristia é o próprio sacristão acompanhado da irmã do pastor, apaixonados um pelo outro.

O pastor ao ouvir a conversa entre os dois, aproveita-se de sua condição de "santo" e aconselha os jovens a se separarem, em razão das religiões diferentes.

A situação se complica pois pensam tratar-se de um milagre e os dois sacerdotes são forçados a simularem crer no milagre do santo que fala com os fieis. Assim segue a trama envolvendo toda a cidade, o bispo, políticos e jornalistas até que finalmente encontram a solução, colocando uma imagem verdadeira no nicho e afinal conseguem o que haviam se proposto que era unirem as duas igrejas para beneficiarem a cidade.

A peça já tem certificado de liberação válido até junho de 1.977 para maiores de 12 anos.

Em razão desta faixa etária não estar mais em vigor para teatro, opino pela liberação para maiores de 14 anos.

São Paulo, 03 de janeiro de 1.977

Maria de Lourdes Arbizu O.Leite

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.286 DPF-742

FICHADO
S. A. DCDP

MJ-DPF-SRA/BSB
-4 NOV 10 13 77 032554

DPF
DCDP
Fls. N.º 184
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL

SRA/FICHAR

Of.....nº 1131 /77 -SCDP/SR/DPF-RJ Em 27/10 /1977

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas-SR/DPF-RJ

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-DPF

Assunto : Encaminhamento (faz)

Ref.: Prot. nº 10.405/1977 -SR/DPF-RJ - SCDP

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D. P. F.

Peça: " O SANTO MILAGROSO "

Autor: Lauro Cesar Muniz

Tradução:

Adaptação:

Requerente: Ubirajara José Picanço de Miranda

Senhor Diretor:

Para cumprimento do que dispõe o sub-item 1.1 da Portaria nº 42/75-DCDP, de 26.11.75, encaminho a Vossa Senhoria um exemplar do texto da peça acima referenciada.

Renovo-lhe, neste ensejo, os protestos de minha consideração e distinguido apreço.

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do SCDP/SR/DPF/RJ

LSL/.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.287

TEATRO

DPF DCDP Fls. N.º 185 Rubrica

TÍTULO O SANTO MILAGROSO

1) ~~S.C.T.C.~~ ARQUIVO

Clas. Anterior 10 anos

Praça Rio de Janeiro - RJ

Obs.:

DF. 07 / 11 / 77 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de 10 anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de fls., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 03 de jan. de 1977

Maria Adele L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

DIVISÃO DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D.P.F.

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: dez (10) anos, sem cortes.
Brasília-DF, 05 / jan. / 1978

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 288

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.289

DPF
DCDP
Fls. N.º 286
Rubrica
D.P.F. DIVERSÕES PÚBLICAS - DMIG

Ofício nº 1893/77-SCTC/SC/DCDP 17/11/77

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

: Sr. Superintendente Regional do DPF no Rio de Janeiro

Devolução - faz -

Senhor Superintendente:

Em atenção ao Ofício nº 1131/77-SCDP/SR/RJ, restituimos a V.Sa., o texto da peça teatral "O SANTO MILAGROSO", de autoria de Lauro Cezar Miniz, em razão do mesmo está ilegível, impossibilitando assim o competente exame censório.

Na oportunidade, reiteramos a V.Sa. protestos de estima e consideração.

ROGÉRIO NUNES
Diretor/DCDP

FICHADO S.A. DCDP

MJ-DPF-SRA/BSB

14 DEZ 1014 036300

SRA, FICHADO Fls. N.º 187 Rubrica

DPF-SRA Fls. N.º Rub.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL

RECEBIDO POR:

Oficio nº 1332/77 - SCDP/SR/RJ **Em** 09.12.77

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto : Encaminhamento (faz)

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D.P.F.

Senhor Diretor:

Em atenção ao teor do oficio nº 1893/77-SCTC/SC/DCDP, encaminho a V.Sª. o texto da peça teatral intitulada " O SANTO MILAGROSO ", de Lauro Cesar Muniz.

Ao ensejo, apresento a V.Sª. protestos de estima e consideração.

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do SCDP/SR/RJ

APGF/LSL.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.290

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF DCDP Fls. N.º 188 Rubrica

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS D.P.F.

PARECER Nº 30 / 78

TÍTULO: "O Santo Milagroso".

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 10 anos.

Comédia em 3 atos de Lauro César Muniz.

Ao se proceder o confronto dos textos da referida o-/ bra, verificou-se haver perfeita identidade em seus conteúdos e formas. A obra trata-se de uma farsa de costumes sociais e religiosos, onde o autor cuja preocupação maior é a comédia em sí. No ponto de vista censório a obra não oferece nada / que possa comprometê-la, ao qual ratificamos a impropriedade constante no certificado 289/77: Impróprio para menores de 10 (dez) anos.

Êste é o parecer.

Ivan Batista Machado

Brasília (DF), 28 de Dezembro de 1977.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, f. 291

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF DCDP Fls. N.º 189 Rubrica

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS · D. P. F.

Brasília, DF.

Em 03.janeiro.1978

OF. Nº 018/78-SCTC/SC/DCDP

Do Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Ao Sr. Superintendente Regional do DPF no Rio de Janeiro

Assunto Encaminhamento - faz

Senhor Superintendente,

De acordo com a Portaria nº 042/75-DCDP, encaminhamos a V.
minhamos a V. Sa. as anexas 1ª e 2ª vias dos certificados de '' censura das peças teatrais: NOITE DOS ASSASSINOS" de José Triana, "O SANTO MILAGROSO" de Lauro Cézar Muniz, "SE CHOVESSE VOCES ESTRAGAVAM TODOS" de Clovis Levi e Tânia Pacheco, "AVENTURA DE UM DIABO MALANDRO" de Maria Helena Kuhner e "ERA UMA VÊZ, DE VERDADE, TIRADENTES" de Marilia da Gamam Monteiro.

Na oportunidade, renovamos nossos protestos de estima e consideração.

ROGÉRIO NUNES
DIRETOR DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.292

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.293

DPF
DCDP
Fls. N.º 190
Rubrica

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D. P. F.

289/78

: O SANTO MILAGROSO

: LAURO CÉSAR MUNIZ

05 NOVEMBRO 79

05 JANEIRO 78

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 10 DEZ ANOS

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677,P.294

: O SANTO MILAGROSO

: LAURO C. MUNIZ

03 JANEIRO 78

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 10 (DEZ) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUAN DO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

05 JANEIRO 78 CARLOS A. MOLTMARI DE CARVALHO

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.295

FICHADO
S. A. DCDP

MJ-DPF-SRA/BSB

DPF - SRA
Fl. nº 0191
Rub.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Superintendência Regional na Paraíba

MAI 1978 013620

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - D. P. F.

SRA/FICHADO

OF. Nº · 763 /78-SCDP/SR/PB

João Pessoa/PB, 22 de maio de 1978

Senhor Diretor:

A fim de ser submetido a exame censório, encaminhamos a V.Sª., duas peças teatrais: "O SANTO MILAGROSO", de autoria de Lauro Cesar Muniz e "O PONTO FINAL", de autoria de José Mota Victor, juntamente com declarações dos autores e requerimentos das partes interresadas na liberação dos espetáculos.

Ao ensejo, renovamos os protestos de estima e consideração.

Bel. Pedro Fernandes de Sousa
Chefe da Censura Federal / Pb
DPF/SR/PB

Ilmº Sr.
Dr. ROGÉRIO NUNES
MD. Diretor da DCDP/DPF/BSB
BRASÍLIA/DF

DPF
DCDP
Fls. N.º 192
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
D. P. F.

GRUPO TEATRAAL "SERGIO CARDOSO"

Campina Grande, 12 de maio de 1978

Ilmo. Sr.
Chefe do Departamento de Censura e Diverçoẽs Públicas
D.C.D.P.
Joãe pessoa - Pb

Ilmo. Sr.

José Carlos dos Santo, brasileiro, carteira de Identidade nº 187. 267. Responçavel pelo Grupo Teatral "Sergio - Cardoso", encaminha a V.Sª. o Texto em (3) tres vias da peça Teatral " O SANTO MILAGROSO" , de Lauro Cesar Muniz, para - ser Censurada por V.Sª., para que possa ser apresentada no mes de junho.

Esperamos encontra em V.Sª. o acolhimento de sempre aqui renovamos nossos protestos de estima e admiração.

Atenciosamente

José Carlos dos Santos
P/Grupo Teatral "Sergio Cardoso

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 296

DPF
DCDP
Fls. N.º 193

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores de Música.
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil

Campina Grande, 19 de maio de 1978

A QUEM INTERESSA POSA

Declaro pelo presente que O GrupoTeatral Sergio Cardoso, desta cidade, devera encenar a peça Teatral "OSSANTO MILAGROSO" do autor Lauro Cesar Muniz, no dia 27 de julho no Teatro Municipal, desta cidade cujo Grupo, nada deve a SBAT.

Sem outro assunto sou

Atenciosamente

João Correia de Araujo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 297

TEATRO

DPF DCDP Fls. N.º 194 Rubrica
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS · D. P. F.

TÍTULO O SANTO MILAGROSO

163

1) ~~S.C.~~ Arquivo

Clas. Anterior 10 anos

Praça João Pessoa - PB

Obs.:

DF. 06 / 06 / 78 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados com a classificação: impróprio para menores de dez anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de fls., condicionada ao exame do censor geral. Obs.:

Brasília-DF, 03 de julho de 1978

Maria Arlete R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: 10 anos. Sem cortes.

Brasília-DF, 04/07/78

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.298

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF DCDP Fls. N.º 195 Rubrica

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS · D. P. F.

PARECER Nº 2.173 / 78

TÍTULO: "O SANTO MILAGROSO" - Autor: LAURO CÉZAR MUNIZ

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 10 (DEZ) ANOS

O texto confrontado apresenta identidade de conteúdo, certificado em vigor até novembro/79.

Opino pela liberação, mantendo a mesma classificação etária.

Brasília, 23 de junho de 1 978

MARIA ADRINEIDE PINHEIRO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 299

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 300

DPF
DCDP
Fls. N.º 196
Rubrica

289/78

O SANTO MILAGROSO

LAURO CÉSAR MUNIZ

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZ ANOS
10

05 NOVEMBRO 79

04 JULHO 78

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,p. 301

O SANTO MILAGROSO

LAURO CESAR MUNIZ

GRUPO TEATRAL SÉRGIO CARDOSO - PB

JOSÉ CARLOS DOS SANTOS

03 JULHO 78

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 10 (DEZ) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

04 JULHO 78

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

ofb

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.302

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 147
Rubrica

938/78-SCTC-SC-DCDP 30 de junho 78

Superintendente Regional do DPF na Paraíba

"O SANTO MILAGROSO"

Lauro César Muniz

Superintendente:

em Campina Grande-PB.

ROGÉRIO NUNES

SRA/FICHADO
MJ - DPF - SRA/BSB
7 MAI 10 12 ≈ 014366
RECEBIDO POR:
DPF - SRA
Fl. nº 198
Rub.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

FICHADO
S. A. DCDP

Ofício nº 219/79-SCDP/SR/RJ Em , 16 de maio de 1979

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto : Encaminhamento (faz)

De ordem ao Arquivo em 18579

Senhor Diretor:

Encaminho a V. Sa. um texto da peça teatral, pareceres e o ensaio geral "O SANTO MILAGROSO" de Lauro Cesar Muniz liberada com a impropriedade para menores de 14 anos.

Na oportunidade, renovo a V.Sa. protestos de estima e consideração.

JOEL CARLOS TAVARES DE ALMEIDA
Chefe do SCDP/SR/RJ
- em exercício -

OP/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 303

MOD. 23

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 199
Rubrica

Título -OSanto Milagroso
Autor-Lauro Cěsar Muniz
Comparativo-
CLASSIFICAÇÃO-14 anos

613

521 (sem efeito) ver parecer nº 613

Leitura comparativa,confere com a original na integra,e como tal pode ser levada em encenação pois a mesma não foge as normas censórias.

Rio 17-04-1979

Téc-C.Guterres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 304

MOD. 32

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERÇÕES PÚBLICAS DO DPF.

DPF
DCDP
Fls. N.º 200
Rubrica

PEÇA TEATRAL: "O SANTO MILAGROSO"
Original d: LAURO CÉSAR MUNIZ.
Leitura Comparativa.
Classificação: 10 anos.

619

Senhor Chefe do SCDP.

Examinei a peça acima, intitulada "O Santo Milagroso" e conferi o textoe constatei tratar-se do mesmo examinado anteriormente por este SCDP. Opino pela sua encenação com a impropriedade para menores até 10 anos.

Rio de Janeiro, 20 de Abril de 1979.

Maria R. de Almeida

Maria ~~Ribeiro de~~ Almeida
Técnica de Censura
Mat. 1.939.756.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 305

TEATRO

DPF DCDP Fls. N.º 201 Rubrica

TÍTULO O Santo milagroso

Roberto Cesar Muniz

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 10 anos

Praça Rio de Janeiro - R.J

Obs.:

DF. 21 / 05 / 79 /

Sabina N. Gomes
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: 10 (DEZ) ANOS

SEM CORTES

Brasília - DF, 29 / 05 / 79

Em de de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 10 anos, Sem cortes, condicionado ao exame do ensaio geral.

Obs.: Certificado em vigor (10 anos) até novembro.

Brasília-DF, 23 de Maio de 1979

Celli A. Carvalhêdo

P.S. Apesar dos textos permanecerem idênticos, consta no ofício nº 219 SR/DPF/RS indicação p/ maiores de 14 anos. Mas foi remetido relatório sobre ensaio geral.

Brasília – DF de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 306

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, R.307

DPF
DCDP
Fls. N.º 202
Rubrica

289/79

" O SANTO MILAGROSO "

LAURO CESAR MUNIZ

05 NOVEMBRO 79

24 MAIO 79.

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

PROIBIDO PARA MENORES DE 10 DEZ ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, p. 308

" O SANTO MILAGROSO "

LAURO CESAR MUNIZ

RJ

23 MAIO 79

IMPROPRIA PARA MENORES DE 10 (DEZ) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

24 MAIO 79

ELIEL JOSE DE SOUSA - SUBSTITUTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.309

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 103
Rubrica

OF. Nº 381/79-SCTC/SC/DCDP 23 de maio de 1979

RJ

OFs. 219/ 215/197/ 216/ 79-SCDP/SR/RJ

: "O SANTO MILAGROSO", de Lauro Cezar Muniz- "VAMOS JOGAR O JOGO DO JOGO", de Antonio Fernandes Bezerra- " OS CAVALOS", de Rubem Fonseca- "OS BONS TEMPOS VOLTARAM, Original: VOULEZ-VOUS DANSER AVEC MOI, de Ricardo Meirelles.

ELIEL JOSÉ DE SOUSA
Chefe do SC/DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.330

SRA/FICHADO

F. S.A. DCDP

MJ-DPF-SRA/BSB
29 MAI 1500 015405
DPF SRA Fl. nº 1204 Rub.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

D.P.F. / SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RECEBIDO POR

193

Belo Horizonte, 28 de maio de 1979

Ofício nº..026/79 SCDP

Ass: Peça teatral (encaminha)

De ordem ao Requerido. Em 31.5.79

Senhor Diretor,

Com este, encaminhamos a Vossa Senhoria a peça teatral "O SANTO MILAGROSO", de autoria de Lauro Ce - sar Muniz, juntamente com a guia da SBAT e o parecer da Tec de Censura. Em estando de acordo, solicitamos obsequiosas providências no sentido de ser expedido o respectivo certificado.

Ao ensejo, renovamos a Vossa Senhoria a nossa manifestação de estima e distinta consideração.

Chefe do SCDP/SR-MG

Ilmº. Sr.
Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Do Departamento de Polícia Federal
Brasília DF

BR DFANBSB NO.SP ...

DPF
DCDP
Fls. N.º 205
Rubrica

194

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

PARECER Nº: 023/79

TITULO: "O SANTO MILAGROSO"

AUTOR: LAURO CESAR MUNIZ

APRESENTAÇÃO: GRUPO TEATRAL ABERTURA

CLASSIFICAÇÃO: 14 anos

O santo milagroso é uma estória de preconceitos. Duas igrejas, através de seus párocos, degladeiam-se em busca de um número maior de fiéis. Para isso, imiscuem-se até na política local com o firme propósito de angariar recursos financeiros, com o coronal da cidade, para a construção de uma escola.

Mas, os padres, separados pelo antagonismo das religiões: católica e protestante, não se sentem felizes na solidão do celibato e da fé. Mesmo se agredindo com algumas insinuações, acabam travando amizade. Desta nasce o milagre: o afilhado do Padre católico enamora-se da sobrinha do padre protestante e numa visita à sacristia da igreja católica, onde se encontravam aqueles dois párocos deliciando-se na batalha do xadrez e da crença, os dois jovens obrigam padre José a se esconder sob o pano roxo usado para ocultar as estátuas na semana da paixão. Alí, feito uma estátua de santo, D. José ouve as queixas de sua sobrinha e no momento em que ela é pedida em casamento por Dito, o protegido de D. Camilo, manifesta-se contra. Os dois jovens acreditam na estátua do santo que fala e a partir daí toda a máquina de milagres começa a funcionar: repórteres aparecem, fotógrafos vendem santinhos, o coronel reconcilia-se com o catolicismo e une seu nome ao do santo, nas faixas de propaganda eleitoral; o bispo chega à cidade e com o caos formado nada resta aos padres a não ser continuar com a farsa e prosseguir com o milagre.

L.C.M.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 206
Rubrica

continuação...

L.C.M. com um humor satírico, critica a falsidade da fé, manipulada segundo interesses políticos e econômicos, usando-se / para isso da ignorância e credulidade do povo.

As situações são colocadas jocosamente, não sendo usados quaisquer palavras grosseiras ou imorais, pelo que opino pela liberação para a faixa etária de 14 anos.

B.H. 9 de abril de 1979

Mirtes Spitale de Queiroz

MIRTES SPITALE DE QUEIROZ
MAT.2.416.893.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P 312

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677/P.333

Quer artig 196 definitivo

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

DPF DCDP Fls. N.º 207 Rubrica

Belo Horizonte, 23 de março de 1 979

Ilmo. Sr.
Deretor da Divisão de Censura de Diverções
Públicas do Departamento de Censura Federal
70000 - BRASILIA - DF

Senhor Diretor:

Com a presenta, temos a satisfação de encaminhar a V. Sª., para fins de CENSURA, três cópias da peça "O Santo Milagroso"

Original de Lauro Cesar Muniz
Tradução de =================
Proxima apresentação G. Teatral Abertura
Local Marilia
Cidade B. Horizonte Estado Minas

A estréia está prevista para 1º quinzena de julho/79

Sem outro particular, no momento, aproveitamos a oportunidade para reiterar-lhe protestos de elevado apreço.

Atenciosamente,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
SUCURSAL DE MINAS GERAIS

Pinheiro

(por) Maria Helena Vieira Silva - Rept e Geral

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677, P. 314

TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 208
Rubrica

197

TÍTULO O Santo Milagroso

Lauro Cesar Muniz

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 10 anos

Praça Belo Horizonte - MG

Obs.:

DF. 06 / 06 / 79 /

Calina N. Gomes
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Sr. Chefe do S.C.

O texto enviado pelo SCDP/SR/MG é idêntico ao constante de nosso arquivo, não havendo, portanto, alterações que impliquem em elevação da impropriedade estabelecida até agora por este DCDP. Acrescente-se a isso, o fato da peça possuir certificado ainda em vigor. Assim, proponho seja mantida a classificação anterior (10 anos), discordando da sugestão contida no parecer 023/79 (14 anos).

Brasília – DF 06 de Junho de 1.979

Helli Prudente Carvalhedo

4) SERVIÇO DE CENSURA

Ao Sr. Diretor da DCDP:

De acordo com a liberação anterior, em virtude de ter ainda o certificado em vigor.

Em, 07/06/79

Cliel José de Sousa
Matr. 2 095 665

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.335

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 10 anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.:

Brasília-DF, 21 de Junho de 1979

Hellé Prudente Carvalhedo
Matr. 74157791

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: 10 (DEZ) ANOS.

Brasília-DF, 22 / 6 / 79

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 316

DPF DCDP Fls. N.º 209 Rubrica

11 JUN 1714 00

198

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

RADIOGRAMA

PREÂMBULO

Espécie: OFICIAL | Número: | Data:
Origem: | Palavras: | Hora:

ENDEREÇO

SCDP/SR/MG

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 220 11 6 79 PEÇA TEATRAL BIPT ABRASPAS O SANTO MILAGROSO VG LAURO CEZAR MUNIZ FECHASPA VG LIBERADA DCDP MAIORES DEZ ANOS VG CTF VIGOR PT LIBERADA SCDP/SR/MG MAIORES QUATORZE ANOS VG SOL INFO CONSTA ALGUM FATO NOVO JUSTIF ELEVAÇAO IMPROPRIEDADE PT DCDP

Cliel José de Sousa
Matr. 2 095 665

Assinatura ou rubrica do expedidor.

DPF-34

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.317

SRA/FICHADO

MJ - DPF - SRA/BSB
19 JUN 1530 017653

DPF - SRA
Fl. nº 210
Rub.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DPF / SR / MG - SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RECEBIDO POR

199

FICHADO
S A DCDP

Belo Horizonte, 18 de junho de 1979

Ofício nº. 034/79 - SCDP

Ass: Peça teatral O SANTO MILAGROSO

Refer: Rd nº 22 - 11/6/79 - DCDP

7ª Seção de Teatro. em 20.6.79

Senhor Diretor

Em atenção à solicitação contida no radiograma acima mencionado, informamos a V. Sª. de que houve equívoco' por parte deste SCDP, na proposta de faixa etária da peça em questão.

Solicitamos seja expedido o certificado na conformidade das normas desse órgão superior, ficando este Serviço atento para o caso de haver alteração, quando do ensaio geral.

Aproveitamos a oportunidade para renovar a nossa manifestação de estima e apreço.

Janise de Morais
Chefe do SCDP/DPF/SR-MG

Ilmº. Sr.
Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Do Departamento de Polícia Federal
Brasília DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, p. 318

DCDP Fls. N.º 211 Rubrica

289/79

" O SANTO MILAGROSO "

LAURO CESAR MUNIZ

05 NOVEMBRO 79.

21 JUNHO 79.

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZ ANOS

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677.p.319

" O SANTO MILAGROSO "

LAURO CESAR MUNIZ

SBAT/MG

21 JUNHO 79

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 10 (DEZ) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

21 JUNHO 79.

ELIEL JOSÉ DE SOUSA - SUBSTITUTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677,P.320

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 212
Rubrica

OF.

276/79-SA/DCDP

22 - JUNHO - 79.

Chefe do SCDP - SR/MG

" O SANTO MILAGROSO "

Lauro Cesar Muniz

Chefe:

em B. Horizonte-MG.

p/ JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677, P. 321

DPF
DCDP
Fls. N.º 213
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

"O SANTO MILAGROSO"

"LAURO CESAR MUNIZ"

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677, P. 322

DPF DCDP Fls. N.º 214 Rubrica

00275

203

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S.PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF. 1586/81

Nº 1586/81- SCDP/SR/SP Em 16 de MARÇO de 1981

Senhor Diretor

De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, estamos encaminhando a V.S. uma via do texto e relatórios de leitura e de ensaio geral da (s) peça (s) teatral (is):

01- DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA X Plinio Marcos -2754-81-DCDP
02- ZÉ DA VACA X Ana Maria Amaral 2755-81-DCDP
03- ANDAR...SEM PARAR...DE TRANSFORMAR X Maria Luiza Lacerda 2756-81-DCDP
04- DE MOFINA A PALATESTA X Alceu Nunes -2757-81-DCDP
05- TURISTAS DO OUTRO MUNDO X Ana Maria Barreto e Alberto Centurião -2758-81-DCDP
06- NO MUNDO DA MARAVILHA X Oswaldo de Jesus Heinsberg -2759-81-DCDP
07- O SANTO MILAGROSO X Lauro Cesar Muniz 2760-81-DCDP
08- O CASAMENTO DO PEQUENO BIRGUÊS X Bertoldt Brecht 2761-81-DCDP
09- DARCY DO ANUNCIO X Nelson Calinay e Kleber Afonso -2753-81-DCDP
10- BENT X Martin Sherman 2762-81-DCDP
11- O BONZ MAGICO OU A MAGA MAIUCA X José Roberto Caparolle 2763-81-DCDP

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

JOSÉ AUGUSTO COSTA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DR. JOSÉ VIEIRA MADEIRA
DD. Diretor da DCDP
BRASILIA/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.323

MJ - DPF - DCDP - SSB
16 JAN 09 43 81
19 MAI 1124 002760
RECEBIDO POR

Fls. N.º 215
Rubrica

204

RECEBIDO POR:

PICHAD DCDP

AO

DEPARTAMENTO DE CENSURA FEDERAL

S. R. - S. P.

O Serviço Social da Indústria - SESI, de São Paulo, com séde à Avenida Paulista, 1 313 - 5º Andar, vem mui respeitosamente requerer a V. Sa., que se digne mandar censurar a peça " O SANTO MIIAGROSO " de Lauro César Muniz, que será apresentada a partir do dia 13 de Fevereiro de 1 981 no Teatro Popular do SESI - 1, sito à Avenida Paulista, 1 313, pelo Teatro Popular do SESI, sem cobrança de ingressos.

Nêstes Têrmos

P. Deferimento

LOURIVAL LEAL SCOVINO

R. G. nº 5 562 615 - S. P.

São Paulo, 16 de Janeiro de 1 981

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677, P. 324

DPF
Fls. N.º 206
Rubrica

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

São Paulo , 15 de Janeiro de 19 81

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Estado de São Paulo

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, três cópias da peça

" O SANTO MILAGROSO"

Original de LAURO CESAR MUNIZ

Tradução de

Próxima apresentação de SERVIÇO SOCIAL DA INDUSTRIA

Teatro POPULAR DO SESI Cidade São Paulo

Estado São Paulo

A estréia está prevista para 13 de Fevereiro de 1981

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Pela SBAT.
15 JAN 1981
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto:

40 blocos 50x2

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.325

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DPF
DCDP
Fls. N.º 217
Rubrica

808/81

"O SANTO MILAGROSO"

Para maiores de 10 anos
Leitura de texto

EXPEÇA-SE CERTIFICADO DE ACORDO COM PARECER DOS CENSO
RÉS
Em 09 / 03 / 81
José Augusto Costa
Chefe do S.C.D.P.

Peça teatral de autoria de Lauro Cesar Muniz.

A estória gira em torno de situações embaraçosas e cômicas em que se envolvem um padre e um pastor protestante.

Ambos pensam na união das duas igrejas para fundarem um colégio. Quando estão juntos na sacristia, são surpreendidos por algumas pessoas que chegam e o pastor se esconde em um nicho, cobrindo-se com um manto roxo. Quem entra é o próprio sacristão acompanhado pela irmã do pastor. Ambos estão apaixonados e trocam juras de amor. O pastor ao ouvir a conversa dos dois, aproveita se de sua condição de "santo" e aconselha os jovens a separação em virtude da diferença de religiões. A situação se complica pois ambos pensam tratar-se de um milagra e os dois sacerdotes são tambem forçados a simularem crer no milagre do santo que fala com os fieis. Assim segue a trama envolvendo toda a cidade, o bispo, políticos e jornalistas até que finalmente encontaram a solução, colocando uma imagem verdadeira no nicho e afinal conseguindo o que inicialmente haviam proposto um ao outro que é unir as duas Igrejas para benefício da cidade.

A farsa é ingenua e alegre e com mensagem positiva. O texto já sobejamente conhecido e repetidamente encenado, nada tem que possa contrariar normas censórias.

Opino pela liberação para maiores de 10 anos, sugerindo a supressão do ensaio geral, pelas razões expostas.

São Paulo, 16 de janeiro de 1.981

Maria de Lourdes Arbizu O.Leite-T.C.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.326

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DCDP
Fls. N.º 218
Rubrica

809/81

LEITURA DE TEXTO: " O SANTO MILAGROSO " de Lauro César Muniz

10 ANOS

EXPEÇA-SE CERTIFICADO DE ACORDO COM PARECER DOS CENSORES
Em 09 / 03 / 81
José Augusto Costa
Chefe do SCCP

NOME DA PEÇA: " O SANTO MILAGROSO "
AUTOR: Lauro César Muniz
RESPONSÁVEL: SESI
Nº DE PERSONAGENS: 23
COMÉDIA

Trata-se de uma farsa ingênua, com predominância de situações cômicas, cuja ação passa-se numa pequena cidade do interior paulista, e é dividida em tres atos. Já encenada inúmeras vezes a presente obra comporta 23 personagens, sendo os principais o " Padre José " e o " Pastor Camilo ". Estes, pensam em se unirem com a finalidade da criação de um colégio, para favorecer a comunidade local.

Quando estão na sacristia discutindo sobre a obra são surpreendidos por algumas pessoas, desta maneira, o " Pastor Camilo ", esconde-se num pequeno altar e cobre-se com um manto roxo. No entanto, quem havia entrado era " Teresinha ", sua irmã e o namorado " Dito ", um católico, sacristão da Igreja. Estes, por causa da diferença de crenças, namoram escondidos.

Abismado, o pastor, num gesto impensado, finge-se de santo e aconselha aos jovens a separação, devido as religiões antagônicas. Aqueles julgam tratar-se de um milagre e a situação complica-se, envolvendo toda a cidade e suas pessoas mais importantes, devido ao grande acontecimento.

O desfecho alegre, contenta a todos, realiza-se a união das duas igrejas e o grande beneficiado é a própria cidade.

O texto inteligente, com mensagens positivas a-pesar de ingênuo, pode ser apreciado por um público de pequena faixa etária.

Pelo exposto acima, opino pela LIBERAÇÃO integral do texto com a seguinte impropriedade, para menores de 10 ANOS.

São Paulo, 30 de janeiro de 1.981.

Maria Urania Leite Correia Lima - TC.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 327

Fls. N.º 219
Rubrica
900/81

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

ENSAIO GERAL " O SANTO MILAGROSO"

IO ANOS Grupo Profissional

EXPEÇA-SE CERTIFICADO DE ACORDO COM PARECER DOS CENSORES
Em 12/03/81
José Augusto Costa
Chefe do ... P

Título: " O SANTO MILAGROSO"
Autor: Lauro César Muniz
Responsável: Grupo de Teatro do SESI

Trata-se de comédia de costumes, ambientada numa cidade interiorana, em 1962.

Os personagens centrais, um padre católico e um pastor protestante, disputam, ferrenhamente, a fé da reduzida população, bem como os favores do rico coronel "Chico"; este, por sua / vez, oscila entre as duas religiões, segundo seus interesses políticos.

Surpreendidos na sacristia da igreja, quando se encontram às escondidas para jogar xadres, criam uma situação de milagre, na tentativa de ocultar o pastor às vistas do povo. O lu-/ gar entra em polvorosa, o bispo aparece, a imprensa se faz presente, o coronel se vê atarantado: Teresinha, irmã do pastor e Dito, sacristão da igreja, que namoram sem consentimento, separam-se / de vez.

Após grande confusão dáse o desfecho feliz: as duas correntes acabam unidas, pelo casamento dos apaixonados e pela / criação de uma obra comunitária, de grande valia para o município surgida de uma doação do coronel Chico.e administrada por ambos / os chefes religiosos.

Cenários, vestimentas e marcação cuidados, numa grande montagem, compondo um espetáculo alegre, em nada infringindo o disposto na legislação censória, pelo que opino por sua liberação, para maiores de dez anos.

São Paulo, 09/ março/ 1981

REGINA CÉLIA VIANNA- TC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.328

TEATRO

DPF
Fls. N.º 200
Rubrica

TÍTULO "O SANTO MILAGROSO"

"LAURO CESAR MUNIZ"

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 10 ANOS

Praça SÃO PAULO / SP

Obs.:

DF. ___ / 23 / 03 / 81

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: impróprio para menores de 10 (dez) anos, sem cortes, condicionado ao exame do ensaio.

Obs.: Conste Censura Geral

Brasília 25 de 03 de 1981

Nelly Prudente Carvalhedo
Mat. 2.415.791

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: 10 (dez) anos
Brasília-DF 21/4/81

Arésio Teixeira Peixoto
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,f.329

DPF
DCDP
Fls. N.º 221
Rubrica

904/81-SE/DCDP 24-04-81

Superintendente Regional do DPF em São Paulo

1-TRAÇOS DO DESTINO"; "BOM DIA NÃO É PALAVRÃO"; "ARENA CONTA ZUMBÍ"; "BENT"; "O DIA QUE RAPTARAM O PAPA"; "O SANTO MILAGROSSO"; "ARLEQUINADAS ou "A NOVA VELHA HISTÓRIA DE ARLEQUIM PIERRÔ"; "COLOMBINA , SEUS PATRÕES e "A AMEAÇA"

Superintendente:

São Paulo

José V. Madeira

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, l. 330

DPF
DCDP
Fls. N.º 221
Rubrica

0289

"O SANTO MILAGROSO"

"MAURO CESAR MUNIZ"

10 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZ ANOS

10 ABRIL 86

10 ABRIL 81

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 331

" SANTO MILAGROSO"

"LAURO CÉSAR MUNIZ"

"LOURIVAL LEAL SCOVINO" SÃO PAULO/SP

25 MARÇO 81

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 10 (DEZ) ANOS. O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZ ANOS
10

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677, P.332

MJ-DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
CÓDIGO - 08202
16 AGO 1037 005818

DPF
DCDP
Fls. N.º 223
Rubrica

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DCDP/DCS

OFÍCIO nº 5845/84-SCDP EM, Curitiba, 15 de Agôsto de 1.984

DO Chefe do SCDP/SR/PR

ENDEREÇO SR/DPF/PR

AO Ilma Sra Diretora da DCDP/DPF

ASSUNTO CERTIFICADO DEFINITIVO (solicita)

Senhora Diretora,

Para expedição do competente Certificado definitivo, estamos encaminhando o Processo referente à peça teatral intitulada " O SANTO MILAGROSO ", de Lauro César Muniz, liberada por êste Serviço com impropriedade para menores de 10 anos a requerimento de Cláudio César dos Santos do Grupo Teatral VIKING , da VOLVO Veículos e Motores do Brasil S/A desta Capital.

Na oportunidade, renovamos nossos protestos de consideração e estima.

Atenciosamente,

TC Benedito Zumas Fº
Chefe do SCDP/SR/PR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677,P. 334

(VOLVO DO BRASIL MOTORES E VEICULOS S/A)

1 – **EMPRESA OU GRUPO** (Se houver)

Nome: GRUPO TEATRAL VIKING CGC:

Sede: LATERAL DIREITA RODOVIA DO CAFÉ
CIDADE INDUSTRIAL DE CTBA CEP: 80.000

Diretor ou Responsável: ANTONIO A. B. AMARAL

2 – **DADOS DO AUTOR**

Nome: LAURO CESAR MUNIZ

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

3 – **PARCERIA**

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: Curitiba, 26/07/84

Ass.:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677, P. 333

DPF DCDP Fls. N.º 324 Rubrica 2636 260784 15:00

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CLAUDIO CESAR PINHEIRO
Requerente

BRASILEIRO, ATENDENTE
Nacionalidade Profissão

Carteira de Identidade 3.916.216.4
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à AV. MARGINAL Nº 11
ESTRIBO AHÚ, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a (s) TEXTO TEATRAL abaixo relacionada (s),
Espécie

de autoria de: LAURO CESAR MUNIS

O SANTO MILAGROSO.
Título (s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

Curitiba 26/07/84
Local e Data

Requerente

Anexos:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 335

DPF
DCDP
Fls. N.º 225
Rubrica

Ilmo.Sr.
Diretor do Departamento de
Censura
Nesta Capital

Prezado Senhor

ANTONIO APARECIDO BITTENCOURT DO AMARAL, identidade 5.964.090-SP, na qualidade de Coordenador do Grupo do Teatro Viking, da Associação dos funcionários da Volvo do Brasil Motores e Veículos S.A., vem através deste mui respeitosamente, solicitar a apreciação do texto "O SANTO MILAGROSO" de Lauro Cesar Muniz, o qual está sendo montado para apresentações no período de 16 a 26.08.84, no Teatro Guaíra, Auditório Glauco Flores de Sá Brito, às 21:00 horas.

Neste termos pede deferimento

Curitiba, 26 de julho de 1984

ANTONIO APARECIDO B.DO AMARAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, p. 336

DPF
D. DP.
Fls. N.º 226
Rubrica

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sède: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

Curitiba , 26 de julho de 19 84

Ilmo. Sr.

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
N/Capital.

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, três cópias da peça

"O SANTO MILAGROSO"

Original de LAURO CESAR MUNIZ

Tradução de

Próxima apresentação de GRUPO VIKING

Teatro AUDIT GLAUCO F DE SA BRITO Cidade CURITIBA

Estado PR

A estréia está prevista para 16/08/84.

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

Pela SBAT,

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Sucursal do Paraná

RD Nº 977/DCDP 300784 - 10 anos
cert. nº 289,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.337

LAURO CÉSAR MUNIZ

O SANTO MILAGROSO

COMÉDIA EM 3 ATOS

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO
RIO DE JANEIRO — 1973

DPF
Fls. N.º 32
Rubrica
DEL. DE POL. FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677, P. 338

PERSONAGENS

Padre José — velho de sessenta anos.
Pastor Camilo — meia idade, atlético.
Teresinha — irmã do Pastor Camilo, trinta anos.
Dito — sacristão católico, vinte anos.
Coronel Chiquinho — gordo, cinqüenta anos.
Bispo — velho alto e robusto.
Jornalista
Mascate
Juca
Mulher de Juca
Simão — judeu.
Takawa — japonês.
Fiéis
Banda de música

1º Ato — 1º quadro — *Quinta-feira pela manhã.*
2º quadro — *Quinta-feira à noite.*
2º Ato — 3º quadro — *Sexta-feira pela manhã.*
3º Ato — 4º quadro — *Sábado de Aleluia.*

Ação — Pequena cidade do interior paulista.

Época — Indeterminada.

Cenário — Apresenta um setor da cidadezinha. Quatro partes principais o compõem. A maior e que ocupa metade do palco, é a parte posterior da igreja, onde se instala a sacristia. É Quaresma: alguns santos cobertos com o sudário roxo, e dispostos nos ângulos das paredes, em nichos especialmente construídos. Um dos nichos está vazio à espera de seu respectivo santo. Pequena mesa, cadeiras, um genuflexório e um armário grande e rústico. Duas portas: a que se comunica com o altar e a que dá acesso à praça. A segunda parte do cenário, ao fundo e central, é uma pequena ponte em forma de arco acentuado. Esta ponte liga a parte anterior *(sacristia)* com a terceira parte do cenário que é a casa do Pastor protestante. Pequena sala com algumas peças de móveis antigos. Livros e figuras espalhados. A quarta parte do cenário desenvolve-se até o proscênio e representa parte da praça onde está situada a igreja. Árvores e bancos.

DPF DCDP Fls. N.º 228 Rubrica
DEP. DE FCL. FED. Paraná

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 06771.554

PRIMEIRO ATO

1º Quadro: Quinta-feira pela manhã.

Simultaneamente, vindos de suas respectivas igrejas, e carregando vara de pescar e sacolas idênticas, PADRE JOSÉ e PASTOR CAMILO, alcançam a ponte. Inicialmente ao se verem param sem jeito. Depois de rápida hesitação, cumprimentam-se solenemente tirando os respectivos chapéus e fazendo leve reverência. Tomam posição na ponte, nas respectivas extremidades e simetricamente preparam-se para a pesca. Lançam o anzol na água e ali ficam estáticos, na expectativa. Momentos depois vem DITO, da Igreja Católica. Ao ver o Pastor àproxima-se rapidamente do Padre.

DITO *(Cochichando ao Padre)* — Vê se pesca antes!...

(Dito olha ao Pastor. O Pastor olha para ele e dá a entender que ouviu. O Padre também acaba por olhar ao Pastor. O olhar é de desafio. Voltam à atitude inicial de aparente indiferença. Dito rola pelo parapeito, de um lado para outro, numa torcida respeitável. O Pastor "sente" o peixe! Dito pára, assustado. A vara se curva num arco acentuado. O Padre olha-o em expectativa. O Pastor puxa o anzol, vazio... Dito sorri aliviado. O Pastor volta à posição de expectativa. Dito volta a impacientar-se, rolando pelo parapeito da ponte de um lado para outro. O Padre "sente" o peixe).

DITO *(Entusiasmado)* — Vai! Puxa!

(O Pastor olha apreensivo. O Padre puxa o anzol, vazio... Dito se entristece. Alívio do Pastor. Voltam os três à posição inicial).

DITO — A linha dele é maior, "seu" vigário!

(É repreendido pelo olhar severo do Padre. Dito escapa para o centro da ponte e continua a torcida. Repentinamente os dois pescadores "sentem" o peixe. Dito anima-se na torcida).

DITO — Calma, "seu" vigário que é nosso!

DEP. DE POL. FED. DPF DCDP Fls. N.º 22 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.340

(A luta continua. As duas varas ao mesmo tempo curvam-se acentuadamente. Os dois puxam os anzóis e as linhas convergem num mesmo peixe! Os três perplexos e momentaneamente sem ação).

DITO *(Boquiaberto)* — O mesmo peixe! *(Debruça-se para ver melhor)*. Baita peixão!

(Os dois párocos estão embaraçados. Entreolham-se. Sorriem discretamente).

DITO — Metade para cada um!

(Começam a recolher o peixe e automaticamente se aproximam ao centro da ponte).

P. JOSÉ *(Cedendo, aponta o peixe)* — Tenha a bondade...

P. CAMILO — Pode ficar com ele...

P. JOSÉ — Obrigado, mas em casa somos só dois...

P. CAMILO — Em casa não comemos peixe...

DITO — Racha no meio! Eu vou buscar a faca! *(Sai correndo)*.

(Os pescadores tiram seus anzóis: primeiro o Pastor Camilo, depois Padre José).

P. JOSÉ — Belo peixe! *(Segurando-o)* Veja como pesa!

P. CAMILO — É mesmo! Nunca peguei um assim nesse ribeirão. Já é a terceira vez que venho pescar este mês.

P. JOSÉ — O senhor aprecia a pesca?

P. CAMILO — Sou um amante dos esportes: pesca, futebol e natação! E o senhor?

P. JOSÉ — Gosto também... *(Sorri)* Mas já estou ficando velho para isso... Outro dia fui pescar lá embaixo perto da curva, e de tanto ficar agachado, minhas pernas endureceram... Quase não consegui ajoelhar-me no dia seguinte para rezar... Por pouco não cometi a irreverência de rezar de pé... *(Pausa breve)*.

P. CAMILO — Eu também já estou sentindo a idade... Quando moço nadava e jogava futebol aos sábados e domingos. Agora, só de dar uns chutinhos com meu filho, já boto a língua de fora.

P. JOSÉ — Seu filho também joga futebol?

P. CAMILO — Jogo no duro, não... Ainda não foi possível formar um quadro de futebol na Igreja...

P. JOSÉ — Por que?

P. CAMILO — Não temos jogadores suficientes...

P. JOSÉ *(Com ar de superioridade)* — Nós temos três quadros: da "Cruzada", o da "Infância de Cristo" e o dos "Filhos de Maria". Se seu filho quiser, poderá jogar conosco... Quero dizer... Acho que não haveria mal nenhum...

P. CAMILO — Obrigado... Mas meu filho atualmente estuda na capital... Vivo só com minha irmã. Meus passatempos agora são os jogos moderados: batalha naval, torrinha...

P. JOSÉ — Eu passo meu tempo arquitetando lances no tabuleiro de xadrez...

P. CAMILO — O senhor joga xadrez?

P. JOSÉ — Jogar com quem? Eu faço de contas que jogo... Nesta cidade não há um cristão que jogue xadrez.

P. CAMILO — Eu jogo!

P. JOSÉ — O senhor joga?

P. CAMILO — Quer dizer... Jogava... Agora não existem adversários... *(Embaraço. Pausa)*.

P. JOSÉ — Pois é... Nesta terra monótona não se tem o que fazer...

P. CAMILO — Até pouco tempo ainda me divertia, nadando um pouco... Mas depois de um certo acontecimento, perdi a vontade...

P. JOSÉ — O que, senhor Camilo?

P. CAMILO — Vi morrer um pobre homem, sabendo que poderia salvá-lo... Tiraram o coitado do rio, inchado de água e ficaram chacoalhando o homem sem conhecimento nenhum...

P. JOSÉ — O senhor sabia salvar afogado?

P. CAMILO — Sabia e sei! Pratiquei natação muito tempo e aprendi essa arte...

P. JOSÉ — Então, por que não o salvou?

P. CAMILO — Não me deixaram por a mão no moribundo! Diziam que era a mão do diabo!

P. JOSÉ — Que absurdo!... E depois?

P. CAMILO — Ficaram esperando o padre chegar...

P. JOSÉ — E o padre tentou salvá-lo?

P. CAMILO — Para a outra vida... Deu-lhe a "extrema-unção"...

P. JOSÉ — Ainda bem!... *(Cai em si)* Esse afogado não foi o Zé-Perdigueiro?

P. CAMILO — Foi...

P. JOSÉ — Então o padre era eu!

DCDP DPF N.º 230 Rubrica

P. CAMILO — Era, sim senhor...

P. JOSÉ — Ora... Eu não sabia que o senhor entendia de salvamento... Sinto muito...

P. CAMILO — Enfim, o que passou, passou... Mas ainda há quem diga por aí que minha igreja é coisa do seu diabo!

P. JOSÉ *(Ofendido)* — Ora, sr. Camilo...

P. CAMILO — Não são seus adeptos mais cultos... E esses são a minoria.

P. JOSÉ — De certa forma... Aliás, minha paróquia é mesmo muito desigual, não é como a vossa que prima em selecionar a nata da sociedade da nossa cidade...

P. CAMILO — São todas pessoas bastante simples...

P. JOSÉ — Simples, sr. Camilo? Eu conheço muito bem a maioria deles.

P. CAMILO — Ah, é verdade!... Boa parte já pertenceu à sua paróquia...

P. JOSÉ — O Coronel Chiquinho e todo o pessoal do partido dele...

P. CAMILO — ...que se converteu há pouco tempo...

P. JOSÉ — O senhor bem sabe o motivo dessa conversão!

P. CAMILO *(Desafiador)* — Evolução natural...

P. JOSÉ *(Perdendo as estribeiras)* — Manobra política! Pura e simples manobra política!

P. CAMILO — Provocada pelo Bispo de sua diocese que usava o púlpito para atacar o coronel!

P. JOSÉ — Defender o povo, isso sim!... Bem sabe o senhor que o Coronel havia se ligado a elementos subversivos, para angariar os votos dos trabalhadores da Usina de Açúcar.

P. CAMILO — Que mal há nisso?

P. JOSÉ — Que mal há? Todo mundo sabe a cor política do líder dos trabalhadores da Usina!

P. CAMILO — O Zezão é tão cristão quanto eu!

P. JOSÉ — Não duvido!... O principal é saber o quanto o senhor é cristão...

P. CAMILO *(Impulsivo)* — Passe bem, sr. José... Pode ficar com o peixe...

P. JOSÉ — Como um bom jogador de xadrez, o senhor se retira antes do "mate".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.341

P. CAMILO *(Voltando)* — Eu nunca perderia para o senhor, em terreno nenhum, muito menos numa partida de xadrez... *(Pausa)*.

P. JOSÉ — Isto é um desafio?

P. CAMILO — Como queira...

P. JOSÉ — Se não fosse a situação política existente na cidade eu teria a satisfação de derrotá-lo em sua própria casa...

P. CAMILO — Pois eu enfrento a situação e irei derrotá-lo em sua casa.

P. JOSÉ — Quando?

P. CAMILO *(Clássico)* — Marque o dia e a hora...

P. JOSÉ — Bem... Eu poderia recebê-lo depois da reza, hoje mesmo...

P. CAMILO — Que hora?

P. JOSÉ — Sete horas!

P. CAMILO — Local...

P. JOSÉ — Na... Sacristia da igreja...

P. CAMILO — Na sacristia?!

P. JOSÉ — O senhor se opõe?

P. CAMILO — Não... Apenas quero que haja o mais absoluto sigilo, sobre esse encontro... O senhor compreende, não é?

P. JOSÉ — Hoje, Quinta-feira Santa, os fiéis passarão a noite velando o "Senhor Morto"... A praça estará vazia e o senhor poderá passar sem ser percebido.

P. CAMILO — Lá estarei às sete em ponto!

DITO — Pronto! Custei a achar a faca!

(Dito entra com a faca).

P. CAMILO — Com licença... *(Pega a faca e corta o peixe ao meio)*.

DITO — Agora vamos tirar a sorte para ver quem fica com a cabeça! Eu vou jogar a medalha de Santo Onofre para cima. Se cair do lado do santo, ganha o "seu" vigário. Se cair do lado das letras, ganha o senhor... *(Joga a medalha e apara-a)*.

DITO — Ganhamos! Deus está do nosso lado. *(Entregando)* O rabo é seu!

P. CAMILO — Obrigado. Bem, vou andando... A pesca hoje foi boa... Tive prazer em encontrá-lo... Senhor vigário.

DCDP Fls. N.º 23 Rubrica

P. José *(Forçando)* — O prazer foi todo meu... Senhor Pastor.

(Solene reverência dos dois párocos. Cada qual descendo a ponte dirige-se para sua casa).

Dito *(Entrando na sacristia)* — O senhor viu a nossa sorte? *(Exibe o peixe).*

P. José — Eu vi sua malandragem! A medalha tem um santo de cada lado: Santo Onofre e São Gabriel. E caiu do lado de São Gabriel. Deveria ser dele a cabeça...

Dito — Ele não conhece santo... Azar dele. Ficou com a bunda!

P. José — Dito!...

Dito — Perdão "seu" vigário... Eu disse sem querer. Escapou...

P. José — Você anda muito saidinho, ultimamente. Ainda ontem vieram me dizer que o viram na rua... *(Embaraça-se)* ...na rua das mulheres...

Dito — Eu? Fazendo o quê, "seu" vigário?

P. José — Ora, você bem sabe o quê...

Dito — Sei não, "seu" vigário...

(Padre José e Dito colocam os apetrechos sobre a mesa. Na casa do Pastor Camilo, Teresinha entra na sala).

P. Camilo — Teresinha! Teresinha!

Teresinha — Você me chamou?

P. Camilo — Prepare esse peixe para o almoço...

Teresinha — Cadê o resto? *(Procura na sacola).*

P. Camilo — Dei a um pobre esfomeado...

Teresinha *(Pegando uma estampa na sacola)* — Que é isso? Como Jesus está acabado nesta figura!

P. Camilo *(Tomando a estampa)* — Jesus? Não é Jesus! Onde estava isto?

Teresinha — Na sacola...

P. Camilo *(Olha a sacola)* — Esta sacola não é nossa!

Teresinha — De quem é?

P. Camilo *(Embaraçado)* — Do... Padre...

Teresinha — Credo! Do Padre católico? *(Miope, pega a estampa)* É ele?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, p. 342

P. Camilo — É São Pedro! Ponha os óculos, menina!

Teresinha — Mas Camilo, São Pedro era católico?

P. Camilo — Já lhe disse um milhão de vezes! Antes de Lutero era tudo a mesma coisa!

Teresinha — Oh, é mesmo! Eu ando tão esquecida, ultimamente...

P. Camilo — Anda aérea! Uma mulher como você tem que se preocupar única e exclusivamente, em servir a Deus.

Teresinha — Eu não paro um minuto de pensar Nele... Mas será que Ele pensa em mim, Camilo?

P. Camilo — Ora Teresinha! Que blasfêmia! Você tem tudo... O que mais pode desejar na vida?

Teresinha — Bem... Já andam me chamando de solteirona. E isso humilha, não humilha?

(Na sacristia, Dito mexe na sacola).

Dito — Que livro é esse, "seu" vigário?

P. José — Uma Bíblia... *(Cai em si)* Esta sacola não é nossa!

Dito — É do Pastor! Credo em cruz, vamos tirar isto daqui! Olha uma maçã!

P. José — Deixe aí, não é sua...

Dito — Faz tempo que eu não como uma!

P. José — É pecado tirar as coisas alheias, "meu filho"... Ainda mais do Pastor Protestante.

Dito — A gente lava em água benta. *(Esconde a maçã no bolso).*

P. José — Vá até a casa dele destrocar a sacola...

Dito — Até a igreja protestante?

P. José — E volte imediatamente para casa. Não quero mais saber dessas histórias da rua das mulheres!

Dito *(Saindo)* — O senhor não sabe o que está perdendo!

(Na casa do Pastor Camilo).

P. Camilo — Precisamos destrocar esta sacola...

Teresinha *(Animando-se)* — Se você quiser, eu vou!

P. Camilo — Quê isso, Teresinha? Não gosto que você saia na rua sozinha!

Teresinha — Se não for eu, quem vai então?

DPF DCDR Fls. N.º 232 Rubrica

P. CAMILO — Acho que não há outra solução. Mas, de óculos!

TERESINHA *(Animada)* — Eu vou e volto num minuto.

P. CAMILO — Não se esqueça Teresinha: o mundo é mau lá fora! Com um simples olhar um homem despe uma mulher... Se você corresponder ao olhar significa a mesma coisa... Você não quer despir um homem, quer?

TERESINHA — Ora, Camilo... Um pouco de sol não me fará mal...

(Pastor Camilo deixa a sala. Teresinha arruma-se diante de um espelho. Na praça, Dito encontra-se com o Coronel Chiquinho).

CORONEL — Dito!

DITO — Coronel Chiquinho!

CORONEL — Diga ao Padre José que preciso falar com ele!

DITO — Ele está na rua das mulheres!

CORONEL — O Padre? Fazendo o quê?...

DITO — Rezando.

CORONEL *(Assusta-se)* — Alguma delas está morrendo? Qual é? Não é a Djanira?!

DITO — Não... Não... O Padre está na sacristia. Eu é que estava na rua das mu... Quer dizer, pensando...

CORONEL — Ah... Você me assustou...

DITO — Pode ir lá falar com ele. Agora ele está desocupado.

CORONEL — Agora quem está ocupado sou eu! Preciso tratar dos preparativos do casamento do meu filho.

DITO — É mesmo! O Alberto vai se casar! Vai ter festa, Coronel Chiquinho?

CORONEL — Vai sim... Já comprei doze porcos!

DITO — Eles deveriam se casar na nossa igreja. É bem mais bonita que a outra.

CORONEL *(Desconversando)* — Bem... Vou andando... *(De saída)* Avise ao Padre José, que hoje à noite darei um pulo lá para falar com ele.

DITO — Sim senhor...

CORONEL — Lá pelas sete horas! *(Sai).*

(Teresinha sai de casa. Alcança a ponte. Dito também. Os dois cruzam-se na ponte. Param, olham para trás e voltam).

DITO — A senhora não é a irmã do senhor Camilo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.343

TERESINHA *(Nervosa)* — Sou... Você não é filho do Padre José?

DITO — Filho, não, que padre não tem filho. Eu fui criado por ele...

TERESINHA — Mesma coisa...

DITO — A sacola é a nossa? *(Aponta a dela)*

TERESINHA — É... Essa é a nossa?

DITO — Parece que sim!

TERESINHA *(Ri desajeitada).*

(Aproximam-se e destrocam as sacolas).

DITO — Já tinham me dito que a senhora era branca como cera... Agora eu acho que a cera é branca como a senhora...

TERESINHA — Eu tomo pouco sol.

DITO *(Analisando)* — É pena. Um pouquinho de sol aí, não lhe iria nada mal...

TERESINHA — O sol me arde a pele...

DITO — No começo arde, depois acostuma. Aliás é assim com tudo... Depois que engrena é uma maravilha. É só experimentar...

TERESINHA — Uma vez eu dei uma escapulidinha de casa e vi uma procissão da sua igreja. Me lembrei agora de você com aquela roupa... Não era feia, era muito bonita... Minha avó tinha um vestido parecido...

DITO — Ah... Sua avó...

TERESINHA — Você se aborreceu?... *(Aproxima-se).*

DITO — Eu já disse mil vezes ao "seu" vigário, que nós precisamos de acabar com essa história da saia vermelha... As moças da cidade não me "topam" por causa disso.

TERESINHA — Mas as moças não são católicas?

DITO — São católicas dentro da igreja...

TERESINHA — Deve ser uma beleza!

DITO — O quê?

TERESINHA — A igreja por dentro. A missa que vocês rezam...

DITO — A senhora nunca viu?

TERESINHA — Não, mas eu já vi retratos.

DITO — Hoje vai ter reza. Se a senhora quiser ver, é às seis horas. Protestante pode entrar.

DPF DCDP Fls. Nº 233 SCDP Regional no P

TERESINHA — Bem... Agora eu preciso ir embora. Tenho que fritar o peixe. *(Indecisa)* Você não se incomodaria se eu lhe pedir uma coisa?

DITO — Não. Pode pedir...

TERESINHA — Eu preferia que você não me chamasse de senhora. Eu sou solteira há bastante tempo, mas ainda não sou uma senhora...

DITO — Ah... Pois não. A senhora manda... Quer dizer, você manda...

TERESINHA *(Ri)* — Repete...

DITO — O que?...

TERESINHA — Você...

DITO — Você...

TERESINHA — Ah... Como é excitante!

DITO — Muito...

TERESINHA — Qual é seu nome, mesmo?

DITO — É Benedito... É feio, eu sei, mas é o nome do santo de devoção de "seu" vigário. São Benedito é meu padrinho.

TERESINHA — Padrinho?

DITO — É... Compadre do "seu" vigário que é meu pai adotivo.

TERESINHA — Eu me chamo Teresinha.

DITO — A devoção do "seu" Camilo é Santa Teresinha?

TERESINHA — Não... Ele não tem dessas devoções...

DITO — Ah, é...

TERESINHA — Ia me esquecendo! *(Pega a estampa de São Pedro)* Isto é seu. São Pedro. Estava na sacola.

DITO — Pra ajudar a pesca... Eu também preciso te dar uma coisa...

TERESINHA — O que é?

DITO — Adivinha...

TERESINHA — Adivinhar como?

DITO — É de comer...

TERESINHA — Então é bombom... Como eu gosto de bombons!

DITO — É fruta...

TERESINHA — Fruta! Mexerica! Eu adoro mexericas!

DITO — Não é...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 342

TERESINHA — Mamão! Eu sou louca por mamão.

DITO — Também não... Feche os olhos... Pode fechar, não se assuste... *(Passa a maçã perto do nariz de Teresinha).*

TERESINHA — Maçã!

DITO — Como você é esperta... Agora dê uma dentadinha...

TERESINHA — Uma dentada na maçã!

(Coloca a maçã ao alcance da boca de Teresinha. Esta prepara-se para morder. Dito deixa a maçã cair e dá-lhe um beijo rápido).

TERESINHA *(Afastando-se)* — Benedito!

DITO — Que foi?

TERESINHA — Acho que vou ter uma coisa! Meu coração está disparando, como trem!

DITO — Deixa eu ver... *(Coloca a mão sobre o peito de Teresinha).*

TERESINHA — O coração é mais para cima!

DITO — Pena...

TERESINHA — Você não devia ter feito isso... Eu sou uma moça pura!

DITO — Pura é a mãe de Deus... Você quando muito é uma moça..

TERESINHA — Está passando... *(Suspira)* Passou... Só ficará o pecado. Este nunca desaparecerá!

DITO — As moças da nossa igreja quando cometem algum pecado, rezam, beijam o santo e o pecado some na hora.

TERESINHA — Será? *(Teresinha hesita, depois beija).*

DITO — Pode ficar com ele, para casos de emergência.

TERESINHA — Obrigada... Até logo... *(Vai saindo).*

DITO — Quando é que poderemos nos encontrar outra vez?

TERESINHA — Acho que nunca mais... Você é de lá *(Aponta a igreja católica)* eu sou de cá... *(Aponta sua igreja).*

DITO — Isto não tem importância... A gente pode até falar com "seu" vigário. Ele sabe dar conselhos sobre tudo!

TERESINHA — Tenho medo do Camilo.

DITO — O "seu" vigário resolve isso. Eu te espero na praça às *sete* em ponto, pra gente ir falar com ele.

TERESINHA — Não sei se vou poder. *(Teresinha vai saindo).*

DITO — Procure escapar de seu irmão. O resto eu resolvo!

DPF DCDP Fls. N. 0134 Rubrica SCDP Regional no Paraná

(Teresinha vai para sua casa. Dito desce a ponte. O Mascate acaba de se estabelecer com suas bugigangas na praça).

MASCATE — Aí hein Dito! "Cantando" a solteirona!

DITO — Solteirona é a mãe!

(A luz cai em resistência).

P. José - Em nome do Pai, do Filho e do Esp. Santo
Fieis - Amem
P. José - Ide em paz e o senhor vos acompanhe
Fieis - Amem seja

2º Quadro: Quinta-feira à noite.

Os postes iluminam a praça e a ponte. Nos interiores tudo às escuras. O sino toca anunciando o fim da reza. Padre José e Dito entram na sacristia pela porta do altar. O Padre com os paramentos da reza. O sacristão com o hábito próprio. Acende a luz. Começam a tirar os paramentos.

P. JOSÉ — Apagou as velas?

DITO — Ainda não senhor...

P. JOSÉ — É preciso apagar. Estão custando os olhos da cara. Deixe acesa a de Santa Luzia! É promessa do Zé-Ceguinho. Ele está pagando...

DITO *(Aponta a coleta)* — Quanto deu?

P. JOSÉ *(Balança o saco de moedas)* — Menos de noventa...

DITO — Baixou outra vez...

P. JOSÉ — É... Não sei onde vamos parar!

DITO — A igreja está cada vez mais vazia.

P. JOSÉ — Só um milagre poderá nos salvar!

DITO — Tá tudo pronto, "seu" vigário... Eu vou indo...

P. JOSÉ — Amanhã cedo quando eu chegar, tudo deve estar prontinho... Não se esqueça de trocar o vinho do sacrário; hoje na hora da comunhão, eu bebi vinagre...

DITO — Sim senhor... *(Veste o paletó).*

P. JOSÉ — Faça uma oração a São Benedito antes de sair...

DITO — Já rezei lá no altar.

P. JOSÉ — Não a São Benedito, seu padrinho...

(Dito ajoelha-se diante de uma imagem coberta).

P. JOSÉ — Esta é Nossa Senhora da Aparecida! O seu padrinho é aquele *(Aponta).*

DITO *(Depois de olhar as duas imagens)* — Ah é... São da mesma alturinha... *(Ajoelha-se diante de São Benedito e reza).*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.345

P. JOSÉ — Você está muito distraído, hoje... Na reza, bateu o sino três vezes fora de hora...

DITO — Duas vezes... Na Consagração escorregou da minha mão... *(Pausa)* "Seu" vigário, a igreja dos protestantes é a igreja do diabo?

P. JOSÉ — Quem falou isso?

DITO — Todo mundo diz; Dona Maria das Dores, chefe da irmandade, "seu" Zé do Coro...

P. JOSÉ — Bem, a igreja deles não é do diabo...

DITO — Então é de Deus também...

P. JOSÉ — É de Deus, mas eles usam meios errados para alcançá-lo.

DITO — Sei... *(Pausa. Dito pensativo)* O senhor acha errado o casamento de domingo?

P. JOSÉ — O casamento do filho do Coronel Chiquinho com a Edi? *(Pausa)* Errado, errado, não é...

DITO — Mas a Edi é de nossa igreja e o Alberto da igreja de lá...

P. JOSÉ — Ela tem que acompanhar a religião do noivo...

DITO — Não é pecado?

P. JOSÉ — Não... Se eles se gostam, devem se casar. É mandamento de Deus: "Crescei e multiplicai-vos". O único mal para variar cai sobre a nossa paróquia...

DITO — Por quê?

P. JOSÉ — Com o casamento do Alberto, o Coronel Chiquinho ia mudar para a fazenda e doar a casa dele para a igreja.

DITO — Aquele baita casão?!

P. JOSÉ — Inteirinho! E eu pretendia fundar uma escola para os meninos da paróquia... Depois que ele brigou com o Bispo, acho que vai dar o casarão ao senhor Camilo...

DITO — E ele vai fazer uma escola para os protestantes?

P. JOSÉ — Não creio... Acho que ele vai fundar um clube.

DITO — Um clube?!

P. JOSÉ — Uma sociedade recreativa... Não é por dizer, não, mas que a igreja do sr. Camilo parece um clube de reunião do partido do Coronel, parece...

DITO — É sim: eles ficam toda noite num bate-papo comprido: o Coronel, o Zezão...

DPF DCDP Fls. N.º 235 Rubrica

P. José — Esse Zezão não me cheira nada bem. Arrumando xadrez

Dito — Por quê?

P. José — Lembra da greve da Usina? Aquilo foi trama dele... Ele recebe ordens de um pessoal da capital, pra fazer essas confusões...

Dito — Pessoal... Protestante?

P. José — Pior... *(Sussurra)* Comunista...

Dito — Comunista...

P. José — Psiu... Fale baixo...

Dito — "Creio em Deus-Padre"... *(Benze-se)* — Ih!... Quase sete horas!

P. José — Sete horas!

Dito — Preciso ir andando...

P. José — Precisa sim...

Dito *(Saindo)* — Olha, "seu" vigário. Eu acho que eu tenho um recado pro senhor... Alguém me falou qualquer coisa. Não me lembro...

P. José *(Empurrando-o discretamente)* — Depois você se lembra... Até logo...

Dito — Até logo. *(Sai)*

(Durante a cena anterior, Teresinha saiu de casa, atravessou a ponte e está esperando perto de uma árvore. Dito saindo da sacristia, vai ao seu encontro).

Teresinha — Como vai?...

Dito — Faz tempo que você está aqui?

Teresinha — Não. Cheguei agora... Por pouco não venho... A sorte foi que meu irmão não me viu sair.

Dito *(Tirando do bolso)* — Ah!... Isto aqui é uma oração que "previne" as moças contra irmão bravo. Reza-se três vezes antes de cada refeição e uma vez antes de tomar banho... Dona Maria das Dores disse que não falha.

Teresinha — A sua religião tem remédio pra tudo! Pra irmão bravo e pra beijo de namorado.

Dito — Por falar nisso, você trouxe o santo?...

Teresinha — Trouxe...

Dito — Posso então te dar um beijo?

Teresinha — Outro?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,p.346

Dito — Um só... Depois você beija o santo...

Teresinha — Tenho medo de morrer do coração.

Dito — Não tem perigo...

Teresinha — Hoje à tarde, só de me lembrar daquele beijo meu coração dava pinotes... Você me deixa tonta...

Dito — Você ainda não viu nada... *(Aproxima-se e beija Teresinha. O beijo é mais longo que o anterior).*

Teresinha *(Toma fôlego)* — Dito!... Você abusou.

Dito — É só dar dois beijos no santo...

Teresinha — Com esse santo, você vai longe...

Dito — Só mais um. Palavra que ele não falha. *(Beija).*

(Dito e Teresinha ficam conversando. O Pastor sai de casa, ronda a praça, e depois cautelosamente bate à porta da sacristia: três batidas compassadas. Padre José diante de São Benedito).

P. José — Dai-me forças para engolir as indiretas do senhor Camilo. Eu quero tanto jogar uma partidinha de xadrez... *(Persigna-se e vai abrir a porta).*

P. Camilo — Boa noite, senhor José...

P. José — Boa noite, senhor Camilo... Entre... *(O Pastor Camilo entra. Olha com certa curiosidade o ambiente)* Não repare, senhor Camilo... A construção da igreja começou em 1931 e até hoje não terminou. A Diocese não tem podido nos dar muita atenção ultimamente. Tenha a bondade, sente-se.

P. Camilo — Ah! Eu trouxe para o senhor ver! A medalha que ganhei no torneio de xadrez do seminário... Prata pura!

P. José — Hum... Muito bonita! *(Animado)* Vou lhe mostrar a minha! *(Pega no armário)* Um São José de ouro! Dezoito quilates!

P. Camilo — Ouro! *(Pega a medalha)* Saiu da mina?

P. José — Que mina?

P. Camilo — O Vaticano é uma mina de ouro!

P. José — O Vaticano é uma mina de fé! *(Encaram-se furiosamente).*

P. Camilo — De ouro!

P. José — De fé!

P. Camilo — De ouro!

DPF DCDP Fls. N.º 236 POL FED SCDP Patrimônio Nacional

P. José *(Olhando para São Benedito)* — De ouro e de fé... *(O Pastor esboça a resposta)* Vamos ao nosso jogo... Sente-se... Jogue com as brancas...

P. Camilo — Ah... Antes que me esqueça: como o senhor deve saber, domingo realizarei o casamento do filho do Coronel...

P. José — Sei, sei...

P. Camilo — ...e aconteceu um inesperado!

P. José *(Curioso)* — Sim...

P. Camilo — Vou precisar da sua ajuda...

P. José — A Edi quer se casar aqui?!

P. Camilo — Não... Não é bem isso... O meu órgão está trancado e eu perdi a chave. Se arrombar estragarei todo o móvel...

P. José — Compreendo... O senhor pode contar com meu órgão.

P. Camilo *(Sorri)* — Muito obrigado...

P. José — Arranjarei um jeito de mandar levá-lo...

P. Camilo — Oh, não se incomode! Já tenho tudo preparado: Takawa, o japonês e Simão, o judeu, virão buscá-lo amanhã...

P. José — Seria bom que guardassem sigilo...

P. Camilo — Não se preocupe, os dois são inteiramente afastados das nossas atividades.

P. José — Ah sim!...

(O Pastor senta-se para o jogo).

P. José — Por falar no casamento... Quanto o senhor vai cobrar pelo do Alberto?

P. Camilo — O Coronel vai fazer uma doação de cinco mil cruzeiros!

P. José — O quê?!

P. Camilo — Só de flor vai mil!

P. José — Mil! O preço que eu cobro para um casamento!

P. Camilo — É pouco... O senhor pode aumentar à vontade, não há concorrência...

P. José — Minha paróquia é pobre...

P. Camilo — E está diminuindo, não é?

P. José — Como o senhor sabe?

P. Camilo — A minha está aumentando... *(Pausa rápida. O Padre se controla olhando para São Benedito)* Saio com o peão do rei! *(Alguns lances).*

P. José — O Coronel Chiquinho vai doar o casarão, para sua igreja?

P. Camilo — Parece que sim... Depois do casamento... Jogue!

P. José — Oh... Sim... *(Joga)* Que o senhor pretende fazer?

P. Camilo — Atacar com o cavalo!

P. José — Não! Digo, no casarão...

P. Camilo — Ah!... Ainda não sei...

P. José — Eu fundaria uma escola!

P. Camilo — É uma boa idéia... Jogue!

P. José — O senhor vai fundar?

P. Camilo — Este ano não será possível! Meus adeptos são ainda poucos... No ano que vem talvez...

P. José *(Vitorioso)* — Eu ainda tenho muitos adeptos! Poderia fundar duas escolas... O que me falta é capital!...

P. Camilo *(Jocosamente)* — Se Lutero não protestasse, poderíamos ter a união de elementos e capital... O Coronel sozinho garantiria o capital...

P. José — E se... *(Pausa)* Não, bobagem...

P. Camilo — O quê?

P. José — Nada. Não daria certo.

P. Camilo — Essa... União?

P. José — Sim, sim...

P. Camilo — Não podemos nem jogar xadrez...

P. José — Poderíamos nos antecipar às recomendações do Concílio Ecumênico. Seria um colégio aparentemente materialista, administrado pelas correntes religiosas da cidade...

P. Camilo — Criaríamos um ambiente de rivalidade entre os lados...

P. José — Tanto melhor! Havendo rivalidade há esforço para a predominância e com isso o aproveitamento será maior! Um atleta, só se supera quando outro o ameaça!

P. Camilo — Atleta! Poderíamos então, estabelecer disputas e competições esportivas entre eles!

P. José — Como não?!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 347

DPF DCDP Fls. N.º 237 Rubrica

P. CAMILO — Futebol!

P. JOSÉ — Natação, xadrez!

P. CAMILO — Poderíamos ter com o tempo dois quadros de futebol: protestante e católico!

P. JOSÉ *(Inflamado)* — Base cristã para edificação de grandes homens. Grandes homens para grandes obras!

P. CAMILO — Grandes jogadores para grandes times!

P. JOSÉ — "Timor Domini principium sapientiae"!

P. CAMILO — "Mens sana in corpore sano".

(Estão no auge da felicidade. O Pastor voltando à realidade, muda de tom).

P. CAMILO — Meus superiores se oporiam... *(Breve pausa. O padre cstático).*

P. JOSÉ — Nem os meus, nem os seus superiores precisariam saber que a escola está firmada nessas bases. Haveria uma junta diretora onde nós "convidados" faríamos parte. Nossos superiores hão de convir que a falta de um de nós representa o fortalecimento do outro...

P. CAMILO — Assim poderá dar certo...

P. JOSÉ — Primeiro ele cederá ao senhor que nomeará a junta. Depois a junta resolverá me convidar para maior brilho da democracia dessa cidade... Um vinhozinho para comemorar a fundação do melhor colégio do Brasil!...

P. CAMILO *(Demagogo)* — Antes do vinho uma prece para que tudo dê certo.

(O Pastor afasta-se e reza de pé, num canto. Padre José ajoelhado diante de São Benedito. Terminada as orações, preparam um brinde: Neste meio tempo, na praça, Dito e Teresinha conversam).

TERESINHA — Será que ele atende a gente?

DITO — Atende sim. Você pode deixar que eu explico...

TERESINHA — Ih... Estou tão nervosa...

DITO — Faz "um nome do padre"... *(Faz).*

TERESINHA — Como é?

DITO *(Pegando a mão dela)* — "Em nome do Padre, do Filho, do Esprito-Santo, Amém"... Beija a mão! *(Teresinha beija a mão de Dito)* Não, a sua! *(Ela obedece).*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677; p 348

TERESINHA — Para quê se fala tudo isso?... Padre, Filho, Santo...

DITO — Não sei... Só sei que dá certo...

(O Coronel Chiquinho surge na praça).

DITO — O Coronel Chiquinho! Me esqueci de dar o recado dele pro "seu" vigário! Ele vai até a sacristia!

TERESINHA — Com o Coronel lá, nós não podemos ir...

DITO — Vamos primeiro até a igreja e depois que o Coronel sair, nós falamos com o "seu" vigário... *(Saem rapidamente).*

(O Coronel Chiquinho bate à porta da sacristia no momento que o Padre José e o Pastor Camilo fizeram o brinde. Padre José e Pastor Camilo se assustam. Pânico).

P. CAMILO *(Falando baixo)* — Quem será?...

P. JOSÉ *(Nervoso)* — Não sei...

(O Coronel torna a bater).

P. JOSÉ *(Alto)* — Quem é?

CORONEL — Eu, Padre José!

P. JOSÉ — Eu quem?!

CORONEL — Coronel Chiquinho!

P. CAMILO — Santo Deus!

P. JOSÉ — Meu São Benedito! *(Alto)* Um momento Coronel!

P. CAMILO — E agora?

P. JOSÉ — Agora...

P. CAMILO — Vamos enfrentá-lo!

P. JOSÉ — Ele acaba com a nossa escola!

P. CAMILO — Que importa!

P. JOSÉ — Ele vira ateu e nos manda às favas!

P. CAMILO — Que fazer?...

P. JOSÉ — Saia pela outra porta!

P. CAMILO — No altar?

P. JOSÉ — É...

P. CAMILO — No altar, não...

P. JOSÉ — Santo Deus! Deixe de preconceitos! Vá!

P. CAMILO — Não. No altar, não...

P. JOSÉ — Não é hora para isso... Venha...

DPF DCDP Fls. N.º 238 Rubrica

(Padre José abre a porta do altar. Faz sinal, chamando o Pastor Camilo).

CORONEL — O senhor vai abrir?!

P. JOSÉ — Um momento, Coronel! Estou me vestindo! *(Baixo)* Vá, senhor Camilo!

(Pastor Camilo abre a porta do altar).

P. CAMILO — Deus meu! Olha quem está na igreja!

P. JOSÉ *(Olhando)* — O Dito!

P. CAMILO — Com minha irmã! *(Fecha a porta).*

P. JOSÉ — Minha Nossa Senhora! Que faço? *(Anda de um lado para outro desesperado. Pára diante da imagem de São Benedito).* Iluminai-me meu santo compadre! *(Olha para a imagem coberta!)* Já sei! *(Abre o guarda-roupa).*

P. CAMILO — Não!...

(Padre José pega um pano roxo grande no armário. Estende-o, segurando pelas pontas como toureiro).

P. CAMILO — Como santo?

P. JOSÉ — Como santo!

P. CAMILO *(Recuando)* — Isto, nunca!

P. JOSÉ — Não há outra saída!

CORONEL — Padre José, aconteceu alguma coisa?

P. JOSÉ — Já vou!...

(O Padre joga o pano sobre o Pastor que a início se debate. Leva-o assim coberto até o nicho vazio).

P. JOSÉ — Sobe aí... *(O Pastor obedece).* Cruze as mãos na barriga!

(Padre José abre a porta. O Coronel entra).

CORONEL — Com licença, Padre José...

P. JOSÉ — Coronel Chiquinho... *(Nervoso)* Entre...

CORONEL — Estava praticando seu joguinho?

P. JOSÉ — É... Sente-se Coronel...

CORONEL — Não, obrigado padre. Estou de passagem e com pressa. Temos uma reunião no partido marcada para as sete horas. Já estou atrasado...

P. JOSÉ — Ah!... Sim... A campanha vai bem?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 349

CORONEL — De vento em popa! Devo ganhar por mais de quinhentos votos de diferença... E digo mais: serei eleito pelos católicos! É claro... Se fosse depender do voto dos protestantes estava perdido...

P. JOSÉ — Sei... Mas... Sente-se um pouquinho...

CORONEL — Outro dia, Padre José... Vim aqui apenas para convidar oficialmente o senhor, para o casamento do meu filho no domingo...

P. JOSÉ — Ah!... Sim...

CORONEL — Sua presença na festa é indispensável. Ainda mais o senhor que viu o Alberto nascer, que o batizou e o comungou pela primeira vez...

P. JOSÉ — Primeira e única...

CORONEL — Coisas que acontecem, Padre José! Mas Deus é testemunha de que contra o senhor eu nunca tive nada!

P. JOSÉ — Bem sei, Coronel...

CORONEL — Minha briga foi totalmente com o Bispo!

P. JOSÉ — Águas passadas... Assim determinou a vontade de Deus...

CORONEL — E determinou também que eu me convertesse ao protestantismo. Enquanto D. Arlindo for Bispo nesta vida, eu não porei os pés na igreja! *(Aponta a porta do altar).* Bem que eu gostaria que meu filho se casasse aqui. Uma igreja muito mais bonita, mais suntuosa, mais própria para a cerimônia... Mas por causa de D. Arlindo, friso bem, por causa de D. Arlindo, ele vai se casar na igrejinha dos protestantes mesmo...

P. JOSÉ — Só espero que ele seja feliz...

CORONEL — Eu mesmo confesso, Padre José: tenho saudades da igreja e de quando puxava a Ave-Maria na Procissão... *(Admira o ambiente)* Eu ajudei a construir tudo isso! Sabe, Padre, cá entre nós... De vez em quando, as coisas se apertam e eu rezo para São Benedito. Me lembro do senhor, rezo e as coisas dão certo...

P. JOSÉ — Meu santo compadre não falha, Coronel...

CORONEL — Até quando vou ao culto protestante, faço minhas orações como o senhor me ensinou... Acho que elas valem mais... Aquelas do Pastor Camilo são meio fracotas... Nada como o terço e a novena da Virgem Santíssima! Olha só... *(Exibe)* Ainda levo a medalha de Santa Madalena comigo. Não levo no pescoço porque não quero que o Pastor Camilo fique sabendo... Coitado ele é um santo...

DPF DCDP Fls. N.º 239 Rubrica

P. José *(Intencional)* — É um santo sim...

Coronel — Mais nessas coisas de religião ele é meio "tapado"...

P. José *(Disfarçando)* — Bem dotado, sim...

Coronel — Bem, vou andando... O pessoal já está me esperando.

P. José *(Incentivando a saída do Coronel)* — Apareça, Coronel...

Coronel — Espero o senhor no domingo, lá em casa! Na igreja sei que não vai mesmo... Mas está certo... Dois bicudos não se beijam...

P. José — Pois é...

Coronel *(Saindo)* — Ainda conto com o seu voto!

P. José *(Sorrindo)* — Vamos ver...

Coronel — Até domingo, Padre José! Se me dá licença... *(Beija a mão do Padre José)* Esta mão me dá sorte! *(Sai)*.

P. José — Até domingo!

(O Pastor Camilo começa a descobrir-se. Dito e Teresinha entram. O Pastor se ajeita novamente).

Dito — Seu vigário!

P. José — Dito!

Teresinha — Boa noite, seu vigário...

P. José — Bo-boa noite...

Dito — Esta é Teresinha, uma amiga...

Teresinha *(Desapontada)* — Amiga?!

Dito *(Tímido)* — Namorada *(O Pastor reage)*.

P. José — Namorada... Bem... *(Estende a mão ao alcance de Teresinha)* Deus a abençoe.

(Pausa rápida. Estáticos: o padre com a mão estendida).

Dito — Beije a mão!

Teresinha *(Beija a própria mão)* — Pronto...

Dito — Não! A mão do seu vigário! *(Teresinha hesita, depois beija)*. É costume, Teresinha... *(Para o Padre)*. Ela não sabia seu vigário... É que ela é protestante...

P. José — Protestante?

Dito *(Medroso)* — Sim senhor...

Teresinha — Há algum mal nisso, senhor Padre?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677, P. 350

P. José — Não... Não...

Dito — Ela é irmã do senhor Camilo, o Pastor...

P. José — Sei... Sei... *(Embaraça-se)*. Sente-se, Dito... Sente-se, Teresinha... *(Tira o chapéu do Pastor Camilo que estava sobre uma cadeira e esconde-o. Dito e Teresinha sentam-se)*. Vamos conversar... *(Pigarreia, procura assunto)*. Tira mesa do port

Teresinha — Onde está a imagem de São Benedito, seu padrinho?

Dito — Debaixo desse pano roxo, como os outros. Na Quaresma é costume... A gente só descobre no Sábado de Aleluia... *(Fixando o Pastor Camilo)* Uai... Que santo é esse, "seu" vigário?

P. José — Ah?... Ah sim! Um santo que chegou agorinha pouco...

Dito — Baita santão! Que santo é?

P. José — São... São... São...

Teresinha — São Sansão?

P. José — Não! São Francisco!

Dito — Xavier

P. José — Assis...

Teresinha — São Francisco de Assis! *(Aproxima-se)* Já ouvi falar muito dele... Gostaria de ver como ele é!

Dito — Pode levantar o pano, seu vigário?

P. José — Não! É pecado! Vai p/perto "Santo"

Teresinha — Deve ser uma perfeição! Tudo aqui me deslumbra: os vidros coloridos da janela, a pia de batizar, os ouros das paredes, os "veleiros" de vela, os anjos! Tem um parecidíssimo com o Dito!

Dito — É aquele do altar de Nossa Senhora, seu vigário. Ela achou que sou eu!

Teresinha — Nossa Senhora eu conheço da procissão do ano passado! O Camilo ficou sabendo que eu assisti e foi um "tempo quente".

P. José — Ele achou ruim, é?...

Dito — Tudo ele acha ruim, seu vigário! Só vendo que homem implicante!

Teresinha — Ele tem algumas qualidades: como bem, dorme bem e anda muito bem vestido. Uma sujeirinha de nada na roupa, ele acha ruim. E sou eu que limpo!

DITO — Ele não se ajoelha quando reza, para não sujar a calça...

P. JOSÉ — Ora Dito, que bobagem... E você, Teresinha, precisa contar a ele que anda saindo com o Dito...

TERESINHA — Ele me expulsa de casa! Ele não é compreensivo como o senhor...

P. JOSÉ — Apesar disso, ele precisa saber...

DITO — Será que não dava pro senhor falar com ele?

P. JOSÉ — Eu?...

TERESINHA — Acho melhor não arriscar. Muitas vezes ele critica o seu vigário...

P. JOSÉ — Critica é?... *(Olha para o Pastor Camilo)* Que tipo de crítica?

DITO — Ele acha ruim do alto-falante da quermesse!

P. JOSÉ — Ora essa! É porque ele não vai!

TERESINHA — Quem me dera que ele fosse!

DITO — Ele passa o dia inteiro metido dentro daquele clube dele!

TERESINHA — Que clube?

DITO — O seu vigário disse que a igreja de vocês parece clube de reunião...

P. JOSÉ — Dito!

DITO — ...reunião do Partido do Coronel Chiquinho...

P. JOSÉ — Eu disse... Religião do Partido...

DITO — Não senhor, reunião do partido mesmo... Até falou que o Pastor Camilo protegia os comunistas!

(O Pastor Camilo tem ímpetos de se descobrir).

P. JOSÉ — Dito!

TERESINHA — Tirando os defeitos ele não é uma pessoa má...

DITO — Você é uma moça muito bondosa... Eu até gostaria de me casar com você...

TERESINHA *(Animada)* — Casar comigo?... Não brinque, Dito... Meu coração é fraco...

DITO — É sério... Nem que seja para casar nas duas igrejas!

P. JOSÉ — Você se casaria lá?

DITO — Não. Eu iria lá só para constar... Eu sei que o senhor não vai gostar, mas... O Deus não é o mesmo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677, P.351

P. JOSÉ — Bem, que é, é...

DITO — Então dá na mesma... O principal é a gente agradar Deus. Os santos não são muito importantes...

P. JOSÉ — Quem lhe disse isso?

TERESINHA — Fui eu!

DITO — Quando ela reza, passa por cima dos santos e reza direto a Deus. Por que a gente não faz o mesmo? Acho que assim a oração chega mais depressa.. (Vou tomar vinho)

TERESINHA — Ah!... Mas rezar pra santo é tão bonito! Até gostaria de rezar ajoelhada diante de uma imagem bonita!

DITO — Você quer rezar comigo?

TERESINHA — Eu não sei suas rezas!

DITO — Eu te ensino. *(Arrasta o genuflexório para perto do Pastor)* Ajoelhe aqui... Vamos rezar para São Francisco!

P. JOSÉ — Não!

DITO — Por quê?

P. JOSÉ — Porque... Ainda não está bento!

DITO — Ah, então pode tirar o pano para ela ver!

P. JOSÉ *(Segurando Dito)* — Não!...

DITO — Se não está bento, pode!

P. JOSÉ — Você não entende nada de liturgia!

TERESINHA — Que quer dizer bento?

DITO — É um negócio que o Padre faz para o santo ficar valendo.

TERESINHA — Então "benta" ele, agora... Vou tomar vinho

P. JOSÉ — Agora não... Só amanhã na missa!

TERESINHA — Eu nunca vi a missa! *(Para Dito)* Queria te ver com a tal saia vermelha.

DITO *(Mostrando)* — É esta!

TERESINHA — Que renda bonita! Veste para eu ver! *(Dito se veste).*

TERESINHA *(Rindo)* — Tal e qual a roupa que minha avó usava!

DITO — Está vendo, seu vigário? Esta roupa é minha diferença!

TERESINHA *(Remendando)* — Em você fica um amor... Você fica nobre, másculo!

DITO *(Animado)* — Eu pego o missal nesta mão... *(Pega-o)* A campainha nesta... *(Pega-a)* E... Você quer ver?

TERESINHA — Quero!

DITO — Então, faz de conta que o "santão" é um santo lá do altar. No começo entro eu e o Padre. O Padre na frente e eu atrás. *(Aponta o genuflexório)* Ajoelha aqui! *(Teresinha ajoelha).*

P. JOSÉ — Já disse. Isto é pecado!

DITO — Ora seu vigário... Nós não vamos rezar... Me ajude a mostrar como é... Só o comecinho do "Intróito"...

P. JOSÉ — Não... Não! Saio

DITO — Quando eu entrar, você se levanta. Quando eu tocar o sino, você ajoelha. *(Prepara-se e entra. Teresinha levanta-se)* O "seu" vigário vai na frente. Ele diz: *(Exposta a voz)* "In nomine Patris et filii, et Spiritus Sancti. Amém. Introibo ad altare Dei". Eu respondo: *(Diz normalmente)* "Ad Deus qui lactificat juventutem meam". Depois quando chega no "Prefácio", ele fala: ~~*(Exposta a voz)* "Per cuntia saecula saeculorum". E eu: "Amém, e o seu vigário: "Dominus Vobiscum". E eu respondo: "Et cum spiritu tuo". *(Toca a campainha. Silencio. Teresinha ajoelha. Também Dito. Ambiente formado para).*~~

PASTOR *(Sob o pano, com voz mística)* — "Vossos corações seguem crenças diferentes. Não podem se juntar!"

DITO — MI-LA-GRE!

(Dito e Teresinha abraçam-se tremendo).

P. CAMILO — "Teresinha, vá para sua casa e siga os ensinamentos de seu irmão. Ele é o melhor irmão do mundo, e muito compreensivo. Esqueça Dito para sempre".

(Pausa longa. Padre José se refaz da situação).

P. JOSÉ — Dito?!

(Pausa)

P. JOSÉ — Dito?!
DITO — Hein?!
P. JOSÉ — Leve Teresinha daqui!
DITO — Hein?!
P. JOSÉ — Leve Teresinha para casa!
DITO — O senhor escutou?...
P. JOSÉ — Escutei...
DITO — Mila-mila-milagre!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.352

DITO — A-cende u-ma ve-la! *(Levanta-se)* MILAGRE! MILAGRE! *(Começa a zanzar pela sacristia).*

P. JOSÉ — Dito! Pare com isso!
DITO — MILAGRE! MILAGRE!

(Dito abre a porta da sacristia).

P. JOSÉ — Dito! Onde vai?!
DITO — Tocá o sino!

(Dito sai correndo para a praça).

P. JOSÉ — Dito, meu Deus! *(Vai até à porta. Volta para atender Teresinha que começa a chorar).*

DITO *(Na praça)* — MILAGRE! MILAGRE!

(Afluência de pessoas ao local).

1º FIEL — Que foi?
DITO — MILAGRE!
2º FIEL — Onde?
DITO — MILAGRE NA SACRISTIA!
1º FIEL — MILAGRE NA SACRISTIA!

(Várias pessoas começam a chegar).

2º FIEL — MILAGRE NA SACRISTIA!
DITO — MILAGREEEE!!! *(Sai correndo).*

(Confusão de vozes que gritam: MILAGRE NA SACRISTIA"... O sino começa a tocar. Entram pessoas de todos os lados. Alvoroço. Invadem a sacristia. Padre José desesperado num canto, com Teresinha. Confusão geral. O sino continua tocando).

FIM DO PRIMEIRO ATO

DFF DCDP Fls. N.º 242 Rubrica

SEGUNDO ATO

Quadro único — Sexta-feira pela manhã.

Madrugada do dia seguinte. JUCA-PROTESTANTE acaba de se instalar na ponte e joga o anzol. Em primeiro plano, vindos da direita, aparecem SIMÃO-JUDEU e TAKAWA-JAPONÊS, carregando o órgão coberto por um pano. PADRE JOSÉ aparece na sacristia com um bilhete na mão. Abre a porta no momento em que os carregadores passam.

P. José — Entregues também esse bilhete!

(Takawa pega-o. Os carregadores dirigem-se à ponte e a atravessam).

Juca — Bom dia, seu Simão! Bom dia seu Takawa!

(Simão e Takawa acenam com a cabeça e chegam à casa do Pastor Camilo. Batem à porta. Na sacristia, o Padre José anda aflito de um lado para outro).

P. José *(Para o santo)* — Bom dia, meu "santo compadre"... Quero falar com o senhor Camilo e o Juca-Protestante está pescando justo na ponte. Preciso muito de vosso auxílio. Vou enfrentar o sentinela!

(Com certa preocupação, sai da sacristia e chega à ponte).

P. José — Bom dia, senhor... Juca!

Juca — Padre José! Tão cedo! Bom dia!...

P. José — Pescando... Hein?...

Juca — É... Um pouquinho...

P. José — Logo cedo...

Juca — Pr'o almoço... A patroa convidou o compadre pra comer em casa, justo hoje, Sexta-feira da Paixão, que ela mais o compadre não come carne...

P. José — Já pegou algum?

Juca — Que o quê... Cheguei agora...

Esta tudo muito bem hoje é 6ª F. Santa, dia de muita oração, de muita paz, o orgão já esta na casa do P. Camilo, mas estou com um problemão

começo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.353

DEP. DE POL. FEDERAL DPF DCOP Fls. N.º 24 Rubrica

P. José — Ontem fiquei mais de hora e meia, com vara em punho e... Não peguei nada.

Juca — Nada?!...

P. José — Nada, nada... Aliás, nesta época do ano, não se pega peixe por aqui...

Juca — Uai, seu Padre, dessa eu não sabia...

P. José — O melhor é rio acima, perto da cabana do finado Zé-Perdigueiro...

Juca — Aquele que morreu afogado?

P. José — É...

Juca — Rio acima?

P. José — Lá é jogar minhoca e recolher peixe!

Juca — Curioso... Os peixes que passam lá, não passam depois por aqui?

P. José — Passam...

Juca — Então deve dar na mesma...

P. José — Isto eu não entendo... A natureza às vezes faz das suas. Só sei que lá pega, e aqui não...

Juca — Então, vou pra lá... *(Recolhe o anzol)* — Se a pesca for boa eu mando alguns p'ro senhor...

(Juca desce a ponte. Padre José começa a atravessá-la. Juca reaparece).

Juca — "Seu" Vigário?!

P. José — Hein?!

Juca — Ontem de noite escutei um reboliço na praça, os sinos tocaram... Depois eu escutei uma correria em frente da casa... Que aconteceu?

P. José — É que...

Juca — Meu filho chegou em casa dizendo que tinha sido milagre na sacristia... Eu estava meio dormindo, mas ouvi ele contar pra mulher.

P. José — Hoje, às oito horas, eu vou esclarecer o acontecimento... Apareça lá!

Juca — Na igreja?

P. José — É...

Juca — Não é por nada não, seu vigário, mas cada um da gente tem idéia diferente de religião. O senhor sabe: eu sou protestante e o Pastor pode não gostar se eu... Bem... Minha mulher ainda é de lá da sua igreja... Depois eu me inteiro da história com ela... *(Vai saindo)* Té logo...

P. José — Até logo... *(Juca sai)*.

(Padre José chega à casa do Pastor e este já o espera na porta).

P. Camilo *(Secamente)* — Entre...

P. José *(Entrando)* — Com licença, senhor Camilo.

P. Camilo *(Mostrando o bilhete)* — Que é que o senhor acha que eu ainda possa fazer?

P. José — Não sei, senhor Camilo, mas eu não posso continuar sozinho nessa situação!

P. Camilo — Continuar? Não podemos continuar!

P. José — Que fazer, então? Contar a verdade a todo mundo?

P. Camilo — Seria o fim de nossa carreira! Temos que colocar panos quentes na situação. O senhor não deve incentivar seus crentes a homenagear o tal santo milagroso como fez ontem!

P. José — Mas como? A igreja ficou coalhada de gente! Não será fácil de uma hora para outra, tirar da cabeça de toda aquela gente que o santo não existe... O senhor precisava ver! No momento em que me benzi...

P. Camilo — Me benzeu?!

P. José — Com água benta!

P. Camilo — Aqueles pinguinhos de água? Eu pensei que fosse uma goteira ou cano vazando...

P. José — Sou padre há trinta anos. Nunca vi tanto júbilo de fé como ontem à noite. Todos estavam quietos, elevados a Deus, na esperança de que São Francisco Xavier, quero dizer, Assis, resolvesse seus problemas, curasse seus males...

P. Camilo — O senhor acha que tem valor aquela demonstração de fé?

P. José — Ninguém sabia que o santo era o senhor...

P. Camilo — Padre José, não se esqueça de que o senhor é um ministro de Deus!

P. José — Esse milagre é a minha oportunidade de dar a Deus mais de mil devotos conscientes e convictos!

P. Camilo — Mas isto é uma farsa. É mais um sacrilégio!

P. José *(Clássico)* — Os meios não importam quando o fim é para o bem!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,p.354

(Num canto da praça, o Mascate arruma sua barraquinha).

P. CAMILO — Eu acho que o senhor não está passando bem... O senhor dormiu essa noite?

P. JOSÉ — Dormi, dormi e vi em sonhos a nossa escola cheia de crianças felizes e saudáveis, aprendendo o "ABC" da fé...

P. CAMILO — Que escola?

P. JOSÉ — Nossa escola!

P. CAMILO — Minha, não!

P. JOSÉ — Mas, senhor Camilo... Nós havíamos combinado tudo... O time de futebol, os jogos entre eles...

P. CAMILO — Agora é diferente. Nossa união tornou-se impossível! Eu não posso cooperar com essa sua idéia de incentivar a fé por meio de uma farsa...

P. JOSÉ — O senhor entrará apenas com o casarão que o senhor Chiquinho vai doar! Dinheiro eu arranjarei!

P. CAMILO — Arranjará onde?

P. JOSÉ — Ontem, na coleta, as esmolas renderam mais de quinhentos mil cruzeiros! Duas vezes mais que o mês passado inteirinho, num só dia!

P. CAMILO — O senhor está comerciando com a fé.

P. JOSÉ — Estou comerciando para o bem geral. Apoiado no santo milagroso eu vou longe, senhor Camilo!

P. CAMILO — Mas os meios...

P. JOSÉ — Importam os fins... Os santos não chegaram a santos de rezar o dia todo! Eles realizaram obras e foram salvos por essas obras!

P. CAMILO — Pela fé! Está no "Livro Sagrado"! Pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. *Não vem das obras*, para que ninguém se vanglorie". Efésios, capítulo dois, versículos oito e nove!

P. JOSÉ — "O filho do Homem há de vir na glória de seu Pai com os seus anjos; e então dará a cada um a paga *segundo as suas obras*". Mateus, capítulo dezesseis, versículo vinte e sete! Do mesmo livro...

P. CAMILO — É uma questão de interpretação...

P. JOSÉ — É uma questão de confusão!

P. CAMILO — Cristo, tende piedade de uma alma que se perde!

P. JOSÉ — E o senhor precisa se perder comigo! Com o casarão nós realizaremos a maior obra da cidade!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 355

P. CAMILO — Não daria certo... Numa escola organizada por mim e pelo senhor, poderia se repetir entre os alunos, o namoro impossível de Teresinha e Dito.

P. JOSÉ — Impossível? Senhor Camilo, eles se amam! Teresinha entra

P. CAMILO — Eu criei Teresinha dentro da minha igreja, incutindo nela o espírito de minha doutrina, para depois um rapazinho qualquer, um sacristão católico, levá-la e convertê-la às suas idéias. Isto é que não!

P. JOSÉ — É um grave erro. Cada um de nós deve seguir o caminho que quiser!

P. CAMILO *(Cansado)* — Prefiro não discutir, neste momento.

P. JOSÉ — Então cheguemos a uma conclusão. O senhor vai me ajudar?

P. CAMILO — Bancando o santo de porcelana?

P. JOSÉ — Apenas hoje! Amanhã, Sábado de Aleluia, os santos devem ser descobertos. Até amanhã providenciarei a compra de uma imagem que tenha o seu manequim.

P. CAMILO — Manequim...

P. JOSÉ — Pelo menos que regule com o seu tamanho.

P. CAMILO — Manequim? *(Pausa)* Isto mesmo!

P. JOSÉ — Que foi?

P. CAMILO — Tenho um manequim de alfaiate. Ele resolverá o problema!! Tem o meu tamanho!

P. JOSÉ — Será o santo?

P. CAMILO — Me substituirá com vantagens. Pelo menos não ficará resfriado e com torcicolo...

P. JOSÉ — E onde está?

P. CAMILO — No forro, junto às bugigangas que guardo.

P. JOSÉ — Ótimo! Ótimo! Por que não lembrou disso antes?

P. CAMILO — Vou buscá-lo; espere um instante.

(Pastor Camilo sai. Padre José tranca a porta cuidadosamente. Na praça aparece o Jornalista: roupa velha, chapéu e u'a máquina fotográfica com "flash". Aproxima-se do Mascate).

JORNALISTA — Bom dia...

MASCATE *(Eloqüente)* — Bom dia, freguês! Aliás, um belo dia! Que deseja? A imagem miniatura de São Francisco milagroso? *(Levanta-o)* Saiu agora do forno! Novinha em folha! Cheirando tinta! Vai levar?

DPF DCDP Fls. N.º 245 Rubrica

JORNALISTA — Eu...

MASCATE — Leve também algumas velas: pequenas, médias e grandes, para promessas pequenas, médias e grandes.

JORNALISTA — Não, obrigado... Foi nesta igreja que ontem...

MASCATE — Foi... O senhor não esteve na igreja ontem à noite?

JORNALISTA — Estou chegando agora. Vim de São Paulo. Sou jornalista.

MASCATE — O santo falou língua de gente, não de missa... Tem gente que viu até o santo se mexer...

JORNALISTA *(Escrevendo)* — O que mais?

MASCATE — Diz que o Padre "tava" tão nervoso que na hora da benzeção do santo esparramou água pra todos os lados!

JORNALISTA — É natural...

MASCATE — Padre José é muito bom... Dizem por aí, também, que ele conversa com São Benedito e o santo responde. O povo antes pensava que era caduquice, agora acredita...

JORNALISTA — Que horas ele vem pra cá?

MASCATE — Antes das sete ele abre a igreja...

JORNALISTA — Será que ele me atende para umas fotografias?

MASCATE — Ah atende sim!... Ele é louco por retratos! Tudo quanto é batizado e casamento ele faz questão de sair... Ah! Por falar em retratos, o senhor me iluminou uma idéia na cabeça!

JORNALISTA — Que idéia?

MASCATE — Isto aqui abre, e dentro a gente pode por um retrato. O senhor tira o retrato do Padre José ao lado de São Francisco e a gente vende pro povo da cidade! Pode dar um dinheirão!

JORNALISTA — E a gente racha o lucro?

MASCATE — Racha no meio! Um brochinho desses custa pra mim sete cruzeiros... Os retratinhos, uns cem, pequeninos, revelados no Italiano, vai ficar nuns três cruzeiros cada um...

JORNALISTA — Total dez cruzeiros.

MASCATE — A gente vende por... Sessenta cruzeiros! Tem um lucro de cinqüenta! Vinte e cinco pra cada!

JORNALISTA — Negócio feito!

MASCATE — Abençoado São Francisco!

JORNALISTA *(Pegando a imagem)* — É este?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,f. 356

MASCATE — A dizer bem a verdade, eu nem sei... Só sei que vou vender como sendo...

JORNALISTA — Como assim?

MASCATE — Ninguém ainda viu a cara da imagem... Está coberta de roxo... O Zé-Oleiro, que me moldou essa imagem de madrugada, é ateu e não conhece São Francisco... *(Aproxima-se e fala baixo)* A forma é de Santo Antônio, só que ele pintou uma barba...

JORNALISTA — E São Francisco tem barba?

MASCATE — Deve de ter... De cada dez santos, nove usam barba...

JORNALISTA — E vai vender de monte, hein?

MASCATE — Pois é... Acha que eu podia esperar amanhã pra ver o tal santo? Perdia um dia de trabalho...

JORNALISTA — Só amanhã, por quê?

MASCATE — É o Sábado de Aleluia que o Padre tira os panos roxo...

JORNALISTA — Ah, sim!... *(Olhando a imagem)* Se for muito diferente é bom o senhor pegar a estrada...

MASCATE — A mulher e os filhos já estão de trouxa pronta... Até amanhã, ao meio-dia, já tô rico... Cuide aqui do mascate que vou buscar os brochinhos que estão com minha mulher. *(Sai. Em sua casa, Pastor Camilo entra carregando um manequim sorridente).*

P. CAMILO — ~~Aqui está~~! *(Coloca o manequim de pé)* Da minha altura. A única desvantagem dele é que eu sou bento e ele não...

P. JOSÉ — Deus me perdoe, mas é questão de um só dia. Para amanhã eu vou encomendar um São Francisco na Capital... O senhor poderia fazer isso para mim...

P. CAMILO — Eu?

P. JOSÉ — Se eu fizer a compra, todo mundo descobrirá.

P. CAMILO — Mas, justo eu?

P. JOSÉ — O senhor não precisa dizer seu nome. Dê apenas o endereço.

P. CAMILO — Um São Francisco do meu tamanho... Será que tem?

P. JOSÉ — Se não tiver... Oh, meu São Benedito, deve ter... Tem que ter. *(Abraça o manequim)* Vamos Francisco!

P. CAMILO — ~~Deixe que eu mando o Takawa e o Simão levar o Francisco...~~ Deixe que mais tarde eu levo o Francisco

DPF DCDP Fls. N.º 276 Rubrica SCDP

P. José — Bem... É mais seguro. Até qualquer momento...

P. Camilo — Se precisar de alguma coisa...

P. José — Acho que vou precisar...

P. Camilo — Mande me chamar.

P. José — Como?

P. Camilo — ~~Se o Takawa o o Simão~~ não estiverem por perto, toque o sino!

P. José — Tocar o sino?

P. Camilo — Três toques compassados: dém, dém, dém!

P. José — Ótimo! Muito obrigado! Até logo... *(Vai saindo).*

P. Camilo — Assis ou Xavier?

P. José — O que?

P. Camilo — O Francisco...

P. José — Assis!

P. Camilo — Está bem, até logo...

(Padre José sai. Pastor Camilo deixa a sala. Padre José com muita cautela chega à ponte. Entra o Mascate com os broches).

Mascate — Lá está o santo Padre!

Jornalista — Sozinho! Que maravilha! *(Corre para a ponte)* Bom dia, santo Padre! Peço a bênção! *(Beija a mão do Padre).*

P. José — Deus te abençoe...

Jornalista — Posso tirar uma fotografia?

P. José — Fotografia de mim?

Jornalista — Sim senhor...

P. José — Pois não... *(Prepara uma pose na ponte. Sorri).*

Jornalista — Por favor Padre, não sorria...

P. José — Por quê?

Jornalista — Olhe para aquela nuvem, como se estivesse vendo um bailado de anjinhos!

P. José — Anjinhos!

Jornalista — É para o jornal!

P. José — Jornal?!

Jornalista — Uma reportagem sobre o santo evento de ontem!

P. José — Oh, não! *(Sai da posição descendo a ponte. O Jornalista atrás).*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.357

Jornalista — Divulgação do grande acontecimento!

P. José — Não! Nada disso!... *(Dirige-se à igreja).*

Jornalista *(Atrás)* — Uma foto apenas, ao lado da imagem milagrosa!

P. José *(Pára na porta da sacristia)* — Não... Não posso atendê-lo...

Jornalista — Deixe de modéstia, santo padre! Suas relações com Deus devem ser divulgadas. Seus superiores se orgulharão do senhor.

P. José — Meus superiores?...

Jornalista — O Bispo, o Arcebispo, o Cardeal!

P. José — O Bispo... Oh! *(Abre a porta)* Com licença...

Jornalista *(Tentando entrar)* — Uma só!

P. José — Por favor... *(Fecha a porta e passa a chave. Suspira encostado à porta)* — Uff...

(Em sua casa, Pastor Camilo volta à sala com Takawa e Simão).

P. Camilo — Vocês vão levar esse manequim até a sacristia da igreja do Padre José. Não deixem ninguém ver vocês entregarem o boneco!

Takawa — Vai coberto, como o órgão?

P. Camilo — Vai... *(Cobre-o).*

Simão — O senhor é sabido, hein? Troca boa, senhor Camilo! O órgão vale muito mais!

(Simão e Takawa carregam o manequim como se fosse uma pessoa numa rede. Saem da casa do Pastor, atravessam a ponte e chegam à sacristia. O Jornalista aproxima-se "farejando").

Jornalista — Está muito doente?

Takawa — Quem?

Jornalista — Trouxe para o Padre benzer?

Simão — Vamos! *(Saem de perto do Jornalista).*

Jornalista — Esperem! *(Bate à porta com estardalhaço)* Senhor Padre! Abra a porta! É urgente!

P. José — Não insista, rapaz!

Jornalista — Tem um homem morrendo!

P. José — Morrendo?!

Jornalista — Precisa sua bênção!

DPF DCDP Fls. Nº 24 Rubrica

(O Padre abre a porta. O Jornalista se afasta, toma posição e bate uma foto, no momento em que o Padre recolhe os dois carregadores com o manequim. O Jornalista corre para a porta, mas esta lhe bate na cara).

JORNALSTA *(Dirige-se ao Mascate)* Tirei a fotografia!

MASCATE — Do Padre e do santo?

JORNALISTA — Do Padre recolhendo dois fiéis carregando um moribundo!

MASCATE — Não serve para a medalha! Precisa ser do Padre e do santo!

JORNALISTA — Mas serve para a edição de amanhã do meu jornal! Onde tem um telefone por aqui?

MASCATE — Só na Companhia Telefônica! *(Indica)* — Por esta rua abaixo!

JORNALISTA — Vou já avisar o chefe! *(Sai correndo).*

(Padre José olha cuidadosamente pela porta).

P. JOSÉ — Podem ir. Não digam nada a ninguém!

SIMÃO *(Estendendo a mão)* — Serviço extra, seu José...

P. JOSÉ — Ah, sim... *(Dá o dinheiro).*

(Os dois carregadores deixam a sacristia. Padre José coloca o manequim no nicho e cobre-o com o sudário roxo. Coronel Chiquinho entra na sacristia).

CORONEL — Padre José!

P. JOSÉ *(Assusta-se)* — Coronel...

CORONEL — Beijo suas santas e abençoadas mãos, contrito! *(Beija).*

P. JOSÉ — Coronel... Eu...

CORONEL — A razão tarda, mas não falta! Eis-me de volta ao lar de Deus!

P. JOSÉ — O senhor?!

CORONEL — Padre José: analisei profundamente as minhas relações com Deus e percebi que estava no caminho errado... Esta é a verdadeira casa de Cristo!

P. JOSÉ — Oh, senhor Coronel... Sente-se... *(Puxa a cadeira).*

CORONEL — Não antes de orar profundamente diante da milagrosa imagem de São Francisco Xavier...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677, P. 358

P. JOSÉ — Assis...

(O Coronel ajoelha-se diante do manequim).

P. JOSÉ — Coronel! Um momento!

CORONEL — O que?

P. JOSÉ — Não reze ainda...

CORONEL — Por quê?

P. JOSÉ — Bem... É que... Antes de rezar para a imagem milagrosa o senhor tem de penitenciar-se diante das outras imagens...

CORONEL *(Levantando-se)* — Ah... Sim... Aliás, eu gostaria também de me confessar e comungar...

P. JOSÉ — Quer confessar, Coronel? *(Arrastando o genuflexório)* Ajoelhe aqui! Em nome do Pai, do Filho...

(O Coronel se ajoelha. O Padre senta-se e o abençoa. Passam a falar em tom baixo e solene).

P. JOSÉ — A oração da confissão...

CORONEL — Esqueci-me... Tanto tempo...

P. JOSÉ — Então, vamos direto ao assunto... *(Pausa longa).*

CORONEL — Bem, o senhor já conhece mais ou menos... O assunto...

P. JOSÉ — Mas o senhor tem que falar...

CORONEL *(Pigarreia)* — Eu... Fui protestante... Briguei com o Bispo dentro da igreja...

P. JOSÉ — Grave, muito grave...

CORONEL — Isto fica entre nós, não é?

P. JOSÉ — E Deus...

CORONEL — Que seja... *(Olha para todos os lados)* Eu desviei dinheiro da Prefeitura para a campanha política...

P. JOSÉ — Hum... Eu sabia!...

CORONEL — Quem pichou as paredes da igreja, fui eu mesmo...

P. JOSÉ — Eu mando a conta depois... Prossiga...

CORONEL — Se eu for eleito, vou nomear meu filho para um cargo rendoso na Prefeitura...

P. JOSÉ — Vai?!

CORONEL — Vou... Conto porque assim fico livre do pecado...

P. JOSÉ — Isso não vale...

DPF DCDP Fls. N.º 208 Rubrica

CORONEL — Então, eu torno a me confessar, depois...

P. JOSÉ — Que mais?

CORONEL — Que eu me lembre é só...

P. JOSÉ — Por que o senhor voltou a ser católico?

CORONEL — Bem... Padre José... Um homem do povo cómo eu não pode se manter afastado da igreja...

P. JOSÉ — Ainda mais em época de eleição, não é?

CORONEL — Ora, Padre José...

P. JOSÉ — E com o eleitorado todo sabendo do milagre de São Francisco...

CORONEL — Aliás, São Francisco é meu protetor... Sempre foi!... Veja meu nome: Chiquinho vem de Francisco...

P. JOSÉ — São Francisco e Coronel Francisco... Coligação invencível! *(Começam a deixar o tom solene da confissão).*

CORONEL — Bela legenda o senhor me arrumou! Sabe, Padre José... Eu estava pensando. São Francisco merece uma homenagem toda especial da gente de nossa terra...

P. JOSÉ — Homenagem?!

CORONEL — Alguma coisa nunca vista!

P. JOSÉ — Que poderia ser?

CORONEL — A coisa mais bonita que eu poderia imaginar: *(Levanta-se)* Uma chuva de rosas!

P. JOSÉ — Chuva de rosas?!

CORONEL — Em nome do povo dessa cidade, que eu sempre representei, vou providenciar a chuva!

P. JOSÉ — Quando?

CORONEL — No Sábado de Aleluia, depois da missa, depois que eu me comungar, um avião sobrevoará a praça da igreja e lançará pétalas de rosas!

P. JOSÉ — Um avião?!

CORONEL — Os sinos tocarão e o povo cairá de joelhos elevando suas preces ao grande São Francisco Xavier!

P. JOSÉ — Onde o senhor arranjará o avião?

CORONEL — Ah... Arranjarei... Pode ser aquele que andou por aí, no ano passado matando gafanhoto.

P. JOSÉ — É verdade!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.359

CORONEL — Momentos depois, a banda entrará tocando uma bela marcha e na frente dois homens carregarão uma faixa: "São Francisco saúda Coronel Francisco". Não, é ao contrário: "Coronel Francisco saúda São Francisco".

P. JOSÉ — Isto não!

CORONEL — Por quê??

P. JOSÉ — Acho isso um...

CORONEL *(Cortando)* — O senhor acha isso magnífico, porque, no mesmo momento, farei a entrega da escritura do "casarão" para o senhor fundar sua Escola!

P. JOSÉ *(Estupefato)* — A Escola!

CORONEL — Escola São Francisco Xavier!

P. JOSÉ — Assis!...

CORONEL — E depois, numa festa só, o casamento de Alberto e Edi!

P. JOSÉ — Aqui?

CORONEL — Aqui, de certo!

P. JOSÉ — Vou enfeitar toda a igreja!

CORONEL — Mandarei vir da Capital um novo tapete de veludo!

P. JOSÉ — Vai ser uma maravilha! *(Cai em si)* Coronel!...

CORONEL — Hein?...

P. JOSÉ — A confissão...

CORONEL — Hein... Ah! Sim... *(Ajoelha-se).*

(Voltam ao tom solene).

P. JOSÉ — Algum pecado mais?

CORONEL — Nenhum...

P. JOSÉ — Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, eu o perdôo... De penitência, o senhor reze no altar central... Trinta e três Ave-Marias...

CORONEL — Trinta e três?...

P. JOSÉ — Vinte e dois Padre-Nosso... E quatorze Salve-Rainhas...

CORONEL — Quatorze... *(Levanta-se)* Mais nada?...

P. JOSÉ — Só isso...

CORONEL — Padre... Eu não me lembro de cor a Salve-Rainha.

P. JOSÉ — Troque as quatorze Salve-Rainhas por vinte Padre-Nossos...

DPF DCDP Fls. N.º 249 Rubrica

CORONEL — Dá na mesma?

P. JOSÉ — Dá...?

(O Coronel vai saindo).

P. JOSÉ — Coronel! *(Coronel pára)* O senhor já falou com o Pastor?

CORONEL — Ah!... O Pastor Camilo... É verdade... Bem, se ele teima em continuar protestante, que podemos fazer, não é?... *(Sai).*

P. JOSÉ — A Escola! A Escola! *(A São Benedito)* Obrigado meu santo compadre! Prometo que o próximo milagre é seu!

(Na casa do Pastor Camilo, Teresinha com gestos misteriosos, constrói rapidamente um pequeno altar para o santinho de papel: o santinho ao centro, um vazinho de flores e uma vela acesa).

TERESINHA *(Ajoelhando-se)* — Ofereço-os, milagroso São Francisco, por intermédio de São Pedro, a linda canção católica: "Louvando a Maria".

(Começa a cantar lendo num papel):

"Louvando a Maria
O povo fiel
A voz repetia
De São Gabriel:
Ave-Ave!
Ave-Maria...
Ave-Ave!
Ave-Maria"...

(O Pastor Camilo entra surpreendendo-a. Teresinha canta "Parabéns a você", levanta-se e esconde rapidamente o santinho).

P. CAMILO — Que é isso? Para que essa vela?

TERESINHA — Está muito escuro...

P. CAMILO — Escuro?... Acenda a luz...

TERESINHA — Fica muito claro...

P. CAMILO — Não entendo. Que segura na mão?

TERESINHA — Uma... Figurinha...

P. CAMILO — Figurinha de que?

TERESINHA — É... Um jogador de futebol...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.360

P. CAMILO — Deixe-me ver.

TERESINHA — Não... É...

P. CAMILO — Me dê isso aqui! *(Estende a mão).*

TERESINHA *(Entrega e foge para o canto)* — Meu São Francisco!...

P. CAMILO — São Pedro! Ele joga no Corintians ou no Palmeiras?

TERESINHA — Ontem, me esqueci de entregar ao Padre...

P. CAMILO — Esqueceu-se... *(Com ares sobrenaturais)* Não sei, mas tem qualquer coisa que me diz que você não está dizendo a verdade...

TERESINHA — Que coisa?...

P. CAMILO — Parece um sopro celeste que me chega aos ouvidos e diz: A Terezinha não está contando tudo...

TERESINHA *(Assustada)* — Bem... Eu... Eu ganhei esse santinho de um moço...

P. CAMILO — Muito bem. E quem é o moço?

TERESINHA — Ele viajou, sumiu, nunca mais vai aparecer...

P. CAMILO *(Místico, novamente)* — Oh... Novamente, o "sopro" me diz que você não está falando sério...

TERESINHA — O moço é... É...

P. CAMILO — Pode falar.

TERESINHA — O Dito, sacristão católico!

P. CAMILO — O Dito, sacristão católico... E por que foi que ele lhe deu esse santo... Essa estampa?

TERESINHA — Porque eu achei bonita.

P. CAMILO *(Crispando-se, sobrenatural)* — Ah! O sopro! O sopro novamente em meus ouvidos!

TERESINHA *(Cortando, com resolução)* — Sabe, Camilo... Eu ontem fui à igreja católica, com o Dito, e aconteceu uma coisa tremenda!

P. CAMILO *(Sem dar a mínima importância)* — Aposto que a coisa tremenda foi um milagre...

TERESINHA *(Desapontada)* — Foi...

P. CAMILO — Isso acontece todos os dias na igreja dele..

TERESINHA — Eu estava com o Dito, na sacristia, e ouvi...

P. CAMILO — Por certo ouviu um santo falar...

TERESINHA — Foi... Como é que você sabe?

DPF DCPR Fls. N.º 250 Rubrica DEP. DE POL. SCOP Regional no Paraná

P. CAMILO — Na minha profissão eu estou acostumado a ouvir isso duas ou três vezes por dia! Os santos católicos são muito falantes e fabricantes de milagres. Teresinha, como você é ingênua. O que aconteceu com você, ontem, acontece todos os dias, com diversas pessoas: você foi sugestionada!

TERESINHA — Sugestionada?

P. CAMILO — Enganada, iludida!

TERESINHA — Iludida? Mas eu ouvi!

P. CAMILO — Você pensa que ouviu, mas não ouviu nada... Os católicos fantasiam a "coisa" de uma tal maneira, que você foi envolvida pelo ambiente que eles criaram.

TERESINHA — Como assim?

P. CAMILO — O Dito não estava vestido com uma roupa vermelha e esquisita, ao invés de vestir um terno comum?

TERESINHA — Uma saia ridícula como a da vovó Camila.

P. CAMILO — Os vitrôs da igreja não eram todos coloridos, com anjos e santos estampados?

TERESINHA — Eram...

P. CAMILO — O sacristão não mandou você ajoelhar-se?

TERESINHA — Mandou.

P. CAMILO — Depois ele falou em latim, para você não entender...

TERESINHA — Falou...

P. CAMILO — Tocou uma campainha que penetra no ouvido...

TERESINHA — Tocou...

P. CAMILO — Nessas alturas, você já estava como que hipnotizada por tudo aquilo... É a técnica que os católicos usam: aguçar a imaginação.

TERESINHA — Quer dizer então, que foi tudo ilusão?

P. CAMILO — Exato!

TERESINHA — O santo não falou nada?...

P. CAMILO — Claro que não! Porcelana não fala. Você já ouviu os pratos e travessas falarem?!

TERESINHA — Não...

P. CAMILO — Pois é porcelana do mesmo jeito!

TERESINHA *(Num estouro de satisfação)* — Que bom! Que bom!

P. CAMILO *(Surpreso)* — Bom?...

TERESINHA — Bom, ótimo, maravilhoso!

P. CAMILO — Eu também acho, mas...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,l.363

TERESINHA — Eu vou ser descençalhada, Camilo!

P. CAMILO — Descençalhada?!

TERESINHA — O único impecilho era o santo! Agora, eu e o Dito podemos... *(Pausa)*.

P. CAMILO — Podem o que?

TERESINHA — Casar... Parece incrível, mas o Dito quer se casar comigo!

P. CAMILO — Casar?...

TERESINHA — Camilo, eu gosto tanto do Dito!

P. CAMILO — Eu acho que você não gosta, não...

TERESINHA — Gosto sim!

P. CAMILO — Não gosta!

TERESINHA — Que saber mais que eu?

P. CAMILO — Quero!

TERESINHA — Não, Camilo... Isso eu tenho certeza que você não pode saber mais do que eu.

P. CAMILO — Teresinha, o que entende você de homem?

TERESINHA — E você, muito menos, Camilo!

P. CAMILO — Nem parece a minha irmã que eu criei para exemplo número um de pureza...

TERESINHA — Eu percebi logo, desde a primeira vez que aconteceu... *(Pára)*.

P. CAMILO — Aconteceu o que? O passeio pela igreja?

TERESINHA — Não... Uma coisa na ponte...

P. CAMILO — Uma coisa? Que coisa?

TERESINHA — Coisas íntimas, Camilo...

P. CAMILO — Íntimas!? Você precisa me contar tudo!

TERESINHA — O "sopro" se encarrega disso...

P. CAMILO — Santo Deus! Teresinha, minha irmã... Você tem que me contar isso...

TERESINHA — Eu tenho vergonha...

P. CAMILO — Vergonha? *(Em pânico)* Teresinha, o que foi que aconteceu?

TERESINHA *(Nervosa)* — Benedito e eu...

P. CAMILO — Benedito e você... *(Pausa)* Fale, criatura!

TERESINHA — Não me olhe assim, Camilo...

P. CAMILO — Assim como?

DPF DCDP Fls. N.º 251 Rubrica

TERESINHA — Nós ficamos sozinhos na ponte... *(Pára)*.

P. CAMILO — Continua...

TERESINHA — Começamos a conversar... Aí ele...

P. CAMILO — Aí ele...

TERESINHA — Me ofereceu...

P. CAMILO — Ofereceu o que?

TERESINHA — A maçã! Colocou a maçã entre nós, deixou-a cair e nós... *(Pausa)* Você compreendeu?...

P. CAMILO — Maçã entre você... MAÇÃ! *(Atordoado)* Gênesis, capítulo três, versículo seis!

TERESINHA — Gênesis?

P. CAMILO — O fruto proibido!

TERESINHA — Daquele momento em diante, eu comecei a amá-lo!

P. CAMILO — Oh céus!

TERESINHA — Eu pequei, Camilo?

P. CAMILO *(Desesperado)* — Você ainda pergunta?

TERESINHA — Mas eu gosto dele!

P. CAMILO — Onde está o vigarista? Viajou?

TERESINHA — Não! Deve estar na igreja.

P. CAMILO — Vai imediatamente falar com ele!

TERESINHA — Falar com ele?

P. CAMILO — E eu falarei com o senhor José!

TERESINHA — Por quê?

P. CAMILO — Ele vai se casar com você!

TERESINHA — Casar? Casar? Você acha que nós podemos?

P. CAMILO — Podem não! DEVEM!

TERESINHA — Camilo! *(Abraça-o)* Eu sabia que você me entendia! Aquele santo não entende de nada!

P. CAMILO — Traga o safado imediatamente até aqui!

(Teresinha está exultante e sai rapidamente para a ponte).

P. CAMILO *(Trágico)* — O castigo veio rápido como um raio!

(Na sacristia, Dito, que chegara momentos antes, ajuda Padre José a ornamentar o nicho do santo milagroso).

Arrumando vasos Flores próximo ao Santo

P. JOSÉ — Vou abrir a porta da frente para os fiéis visitarem o milagroso. Coloque a urna de dinheiro perto do nicho. *(Sai)*.

(Teresinha chega à sacristia. Bate à porta. Dito abre, ela entra e o abraça de supetão).

TERESINHA — Dito! *(Beija-o)*.

DITO — Ei! *(Desvencilha-se)* Que foi?

TERESINHA — Nós vamos casar!

DITO — HEIN?!

TERESINHA — Nós vamos ser marido e mulher!

DITO — Meu santo!... Que deu em você?...

TERESINHA — Este santo não entende de nada!

DITO — Teresinha!

TERESINHA — Meu irmão acha que nós podemos nos casar!

DITO — Casar contra a vontade de *(Benze-se)* São Francisco milagroso?

TERESINHA — Milagroso uma "ova"!

DITO — Creio em Deus-Padre! *(Ajoelha-se)* Meu santo! Perdoai essa hereje!

TERESINHA *(Puxando-o)* — Levanta, Dito! O Camilo aprova o nosso casamento!

DITO — Teu irmão não é santo!

TERESINHA — Ele falou garantido pela Bíblia!

DITO — Que Bíblia?

TERESINHA — Livro dos santos! Se nós não casarmos, estamos contrariando os capítulos da Bíblia.

DITO — A Bíblia não vale nada. Mais vale São Francisco que é santo!

TERESINHA — Quem escreveu a Bíblia foi uma turma de santos: São Mateus, São Lucas, São Marcos, Santa Gênesis... É essa que nós estamos contrariando.

DITO — São Francisco é mais importante. Não se engana nunca.

TERESINHA — O Camilo também nunca se engana em coisas da Bíblia.

DITO — Não adianta, Teresinha! O que São Francisco falou, tá falado... Por mim, bem que eu gostaria de casar. Homem que não casa acaba envelhecendo na rua das mulheres.

TERESINHA — O milagre foi sugestão!

DITO — Sugestão de quem?

TERESINHA — Foi ilusão, mentira!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.362

DITO *(Afasta-se)* — Teresinha, que sacrilégio! Eu escutei muito bem. É melhor você ir embora.

TERESINHA — Você não vai sentir a minha falta?

DITO — São Francisco acima de tudo!

TERESINHA — Está bem... Eu vou embora...

DITO — É ordem do Espírito Santo...

TERESINHA — Espírito de porco, isto sim... *(Pausa)* Bem, Dito, eu estou indo embora...

DITO — Adeus...

TERESINHA *(Oferecida)* — Adeus...

DITO *(Quase cedendo)* — Adeus...

(Teresinha abraça e beija Dito e sai correndo para a ponte. O Padre José entra com o Coronel Chiquinho na sacristia).

P. JOSÉ — Dito, vá até a porta e organize o pessoal em fila.

(Dito, zonzo, dirige-se à porta da rua).

P. JOSÉ — A outra porta, Dito.

(Dito abstraído atravessa a cena em toda a extensão e sai. Teresinha chega em sua casa, chorando convulsivamente).

P. CAMILO — Que foi, Teresinha?

TERESINHA — Ele preferiu São Francisco!

P. CAMILO — O quê?!

TERESINHA — Ele não gosta de mim. Não quer casar comigo!

P. CAMILO — Não quer? Nesta altura ele não tem querer! Sem-vergonha, aproveitador! Ele vai se casar com você!

TERESINHA — Se ele não gosta de mim, você não pode obrigar!

P. CAMILO — Eu não posso, mas o Dr. Delegado pode! *(Veste o paletó)* Vou por a limpo esta situação, agora mesmo!

(Pastor Camilo sai. Quando dirige-se para a ponte, aparece um grupo de pessoas seguindo dois homens que carregam outro numa rede suspensa por uma vara. O Pastor Camilo pára na ponte).

1º FIEL — O Juca caiu n'água e tá morrendo!

2º FIEL — O Juca tá morrendo!

3º FIEL — O Juca caiu n'água!

2º FIEL — Tá moribundo!

4º FIEL — O moribundo tá morrendo!!

3º FIEL — Leva p'ra igreja

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 363

(Um Fiel entra na sacristia).

1º FIEL — Seu vigário! O Juca tá morrendo!

P. JOSÉ — Que?

(Entra pela porta do altar uma mulher, chorando).

MULHER — "Seu" vigário! Meu marido tá agonizando!

P. JOSÉ — Que foi?

CORONEL — Como foi?

1º FIEL — Foi pescá rio acima, perto da cabana do finado Zé-Perdigueiro e o barranco despencou com ele!

CORONEL — Que foi fazer lá? Ninguém pesca lá!

1º FIEL — Ele devia pescar na ponte!

P. JOSÉ — Santo-Deus! Onde está o Juca?

(Entram na sacristia com o moribundo).

MULHER *(Ajoelhando)* — São Francisco milagroso! Salvai meu marido!

P. JOSÉ — Ai, meu São Benedito!

(O povo invade a sacristia. Dito entra).

MULHER *(Em prantos)* — Faz um milagre, meu São Francisco! Por Jesus, Maria, José, Deus, São Onofre e todos os anjos do céu!

(A mulher cai de joelhos. Algumas pessoas a imitam)

DITO — Uma vela, seu vigário?

P. JOSÉ *(Aflito)* — Não... É melhor... Bem...

CORONEL — Vamos tentar uma massagem!

1º FIEL — Massagem não resolve!

2º FIEL — Vamos rezar ao santo, Coronel!

MULHER — Vamos rezar, todo mundo!

CORONEL — E tá bem... Eu puxo uma Ave-Maria! *(Ajoelham-se)* "Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco"...

P. JOSÉ — Um momento!!

CORONEL — "... Bendita sois vós, entre as mulheres, bendito é o fruto...

P. JOSÉ — Esperem! Esperem!!

CORONEL — "... Vosso ventre, Jesus".

OS FIÉIS — "Santa-Maria, Mãe de Deus, rogai por nós..."

DPF DCDP Fls. 253 Rubrica

P. José *(Pegando um sino e batendo)* — Atenção! *(Pausa)* Atenção! Todos devem ir rezar no alta-mor!

Dito — Todo mundo prá igreja!

(Movimento. Os fiéis começam a sair).

Mulher *(Beijando as mãos do Padre)* — Salve meu marido! Por tudo que lhe é sagrado! É o único que eu tenho! *(Sai).*

1º fiel — Isto foi um castigo. O Juca nunca veio à igreja!

2º fiel — Ele é protestante!

Coronel — Eu fico com o senhor...

P. José — Nada disso, vá puxar a Ave-Maria no altar!

Coronel — Ah, sim... Isto mesmo. *(Sai).*

(A sós, Padre José, Dito e o moribundo).

P. José — Dito, vigie a porta... Não deixe ninguém entrar... Preciso de muita concentração.

Dito — Sim senhor...

P. José — Toque o sino três vezes: dém-dém-dém! Só três batidas compassadas...

Dito — Três vezes?

P. José — Compassadas!..

Dito — Não pode... Hoje é Sexta-feira da Paixão. É proibido tocar sino...

P. José — Oh!..

Dito — Se quer, eu toco matraca...

P. José — Não adianta, preciso ser o sino...

Dito — Prá que?...

P. José — Para chamar o santo! Bem, toque o sino: em casos de urgência como este não faz mal...

Dito — E tá bem... *(Sai).*

P. José — São Benedito me salve, salvando esse moribundo! Se o senhor me ajudar, eu prometo dizer ao povo que o senhor ajudou São Francisco! *(Olha para Juca)* Santo-Deus, que aguaceira! Que faço? *(Anda de um lado para o outro. O sino toca três vezes compassadamente)* Será que o "santo" vem?..

(O Pastor ouve e depois de rápida hesitação, desce a ponte, dirigindo-se à sacristia. O Padre abre a porta. A praça está vazia. O Pastor Camilo chega).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677,P.364

P. José — Senhor Camilo... Entre! Entre logo!

P. Camilo *(Ao ver Juca)* — Que foi?

P. José — Afogado por minha culpa!

P. Camilo — Em água benta?

P. José — Eu mandei ele pescar rio acima, ele foi e caiu n'água.

(Pastor Camilo tira o paletó e arregaça as mangas).

P. Camilo — Está mal! Não sei o que posso fazer...

P. José — Faça um milagre!

P. Camilo — Só assim mesmo...

P. José — Ah, se ele morre!..

P. Camilo *(Friccionando Juca)* — Não sei não, pode ser...

P. José — O santo pode não falhar!...

(O Pastor Camilo intensifica a massagem).

P. José — Força!

(Padre José anda nervosamente de um lado para o outro).

P. Camilo — Pare de andar, senhor José!

P. José — Que posso fazer?

P. Camilo — O senhor pode me ajudar...

P. José *(Arregaçando as mangas)* — Que faço?

P. Camilo — Faça uma oração!

P. José — Oração?! *(Pausa)* Serve católica?

P. Camilo — O senhor não sabe outra?

P. José — Não.

P. Camilo — Então, "sapeque" a católica...

(Padre José ajoelha-se diante do manequim).

P. Camilo — Nem sinal de vida!...

P. José — Ah... São Francisco, ajudai-me!

P. Camilo — É o pior caso que já vi...

P. José — Eu não fiz por mal... *(Chora)* Perdoai-me!

P. Camilo — Ele bebeu o rio todo!

P. José — Meu São Francisco de Assis!..

P. Camilo — Venha cá. Segure os braços dele, assim, para cima!

DPF DCDP Fls. N.º 254 Rubrica

(Padre José segura. O Pastor faz bruscos movimentos com Juca).

P. CAMILO — Um-Dois! Um-Dois! Levante e abaixe os braços! Um-Dois! Um-Dois!

P. JOSÉ — Um-Dois! Um-Dois! Não me castigai Senhór! Um-Dois! Um-Dois!

P. CAMILO — Força!

P. JOSÉ — Um-Dois! Um-Dois! Um-Dois!

P. CAMILO — Rápido!

P. JOSÉ — Um, dois, um, dois, um, dois, um...

P. CAMILO — Mais! Mais!

P. JOSÉ — Um, dois, um, dois, um...

(O Padre acelera o movimento. Os dois compõem uma cena de movimentos grotescos e rápidos).

P. CAMILO — Está voltando!

P. JOSÉ — Está?!

P. CAMILO — Vamos Juca, reaja!

P. JOSÉ — Vamos!

P. CAMILO — Respire fundo!

P. JOSÉ — Respire!

P. CAMILO — Vamos, homem!

P. JOSÉ — Vamos!..

P. CAMILO — Pare! Largue!

(Juca espirra água pela boca e balbucia alguma coisa).

P. JOSÉ — Viva!

P. CAMILO — Está salvo!

(Padre José e Pastor Camilo abraçam-se alegres).

P. JOSÉ *(Para o manequim)* — Obrigado, meu São Francisco!

P. CAMILO — De nada...

P. JOSÉ — Oh, Pastor... O senhor é um santo!

(Juca reage bem)

P. JOSÉ — Ele está voltando. O senhor precisa ir antes que ele o veja...

P. CAMILO — Eu vou, mas volto!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.365

P. JOSÉ — Volta?

P. CAMILO — Precisamos falar sobre um assunto importante!

P. JOSÉ — A Escola?

P. CAMILO — Sobre Dito e Teresinha!...

P. JOSÉ — Dito e Teresinha...

JUCA *(Balbucia)* — Peixe... Peixinho... Peixão...

P. JOSÉ — Mais tarde o senhor pode voltar...

JUCA — Peixe... Peixinho... Peixão...

P. JOSÉ — Depois que o pessoal for embora... *(Empurra-o discretamente)* Muito obrigado...

P. CAMILO — Até já...

P. JOSÉ — Até já... Vá com São Francisco! *(Abre a porta e o Pastor Camilo sai).*

P. CAMILO — Obrigado... Prefiro ir sozinho...

(O Padre se recompõe, acende uma vela e segura-a com expressão de santo. Vai até à porta do altar e abre).

P. JOSÉ — DITO!

DITO *(Entrando)* — Morreu?!

MULHER *(Entrando)* — JUCA! *(Corre para ele)* Juca!

JUCA — Peixe... Peixinho... Peixão...

MULHER — Vivo! Milagre! Milagre!

(A sacristia é invadida. Alguns crentes correm pela praça até à porta da sacristia).

1º FIEL — Milagre!

MULHER — O Padre salvou Juca!

2º FIEL — Milagre na sacri tia!

3º FIEL — O Padre ressuscitou Juca!

4º FIEL — JUCA RESSUSCITOU!!!

FIÉIS — MILAGRE! MILAGRE! MILAGRE!

(O Jornalista aparece correndo).

JORNALISTA — Com licença... Com licença... *(Entra na sacristia. Dois fiéis carregam Juca para a Praça. A multidão vai atrás, numa verdadeira apoteose. Espocam os "flashs". O Mascate vende imagens. Confusão de vozes).*

DPF DCOP Fls. N.º 255 Rubrica
Superintendência Regional no Paraná

1º FIEL — O Padre José! O Padre José!

2º FIEL — Onde está ele?!

3º FIEL — Na sacristia!

JUCA — Peixe... Peixinho... Peixão...

(A multidão pára e volta-se para a porta da sacristia. Dito vai buscar o Padre que com ar de santo e vela em punho, aparece na porta. Faz-se respeitoso silencio).

JUCA — Peixe... Peixinho... Peixão...

(O povo começa a ajoelhar-se. No meio da multidão, apenas uma pessoa está de pé: é D. ARLINDO, o BISPO que acaba de entrar).

P. José *(Pânico)* — D. Arlindo!! *(Deixa cair a vela).*

FIM DO SEGUNDO ATO

TERCEIRO ATO

No cenário, perto do manequim: flores, muletas, braços de cera, velas. Padre José está escrevendo e contando o dinheiro. O Mascate, na praça, também conta a sua féria. Takawa e Simão, carregando o órgão coberto, atravessam a ponte no sentido contrário ao do ato anterior; dirigem-se à igreja católica. O Jornalista entra e vai ter com o Mascate.

MASCATE — Conseguiu?

JORNALISTA — Que nada! Olhe só! *(Exibe fotografias)*. O Padre não saiu em quase nenhuma! Nesta, o Zé passou na frente, nesta a mulher do afogado cobriu o santo. Nesta, eu tremi!

MASCATE — Puxa vida! Falta de sorte... Eu já tenho mais de cinqüenta encomendas da medalha com retratos do Padre e do santo.

JORNALISTA — A igreja está aberta?

MASCATE — Daqui a pouco é a missa da Aleluia... Vão descobrir os santos e eu tenho que cair fora.

JORNALISTA — Acho que vou fazer uma coisa, não muito católica...

MASCATE — Que coisa?

JORNALISTA — Entrar na sacristia e ficar escondido... Possivelmente, depois da missa, o Padre ajoelhará diante da imagem para uma oração. Aí então, eu bato a chapa e saio correndo!

MASCATE — E onde você vai se esconder?

JORNALISTA — Se não me engano, lá tem um guarda-roupa velho...

MASCATE — É... Vale a pena tentar... Depois a gente revela os retratinhos e coloca na medalha... Mas quem vai vender é você, porque nessas alturas eu já estou no trem.

JORNALISTA — Depois te encontro aqui?

MASCATE — Na estação, esperando o trem.

DPF DCDP Fls. N.º 256 Rubrica
DEP. DE POL. SCDP Brasil no Paraná
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677,P.366

(O Jornalista sai. O Mascate o acompanha até certo ponto. Pastor Camilo, deixando sua casa, atravessou a ponte e chegou à sacristia. Bate à porta).

P. José *(Atendendo)* — Entre depressa!

P. Camilo — Não se preocupe... A praça está vazia.

(O Pastor Camilo entra. O Mascate retorna a seu lugar).

P. José — É uma loucura esta visita! Quase meio-dia! A imagem verdadeira ainda não chegou. O senhor fez o pedido direitinho?

P. Camilo — Deverá chegar no trem das onze e quarenta e cinco. Não se preocupe... Está tudo combinado: Takawa e Simão esperarão na estação e trarão para cá, antes do meio-dia!

P. José — Em cima da hora! O Bispo vai querer descobrir as imagens logo depois... Se ele der de cara com o manequim... Nem quero imaginar!

P. Camilo — Por onde anda ele?

P. José — Saiu para visitar as casas dos fiéis que alcançaram graça do santo milagroso. Deu a entender que eu serei transferido para outra Paróquia, se o ambiente criado pelo milagre não satisfizer...

P. Camilo — Transferido, depois de trinta anos?

P. José — Eu me sentirei como peixe fora d'água! Eu vi nascer esta cidade, construí esta igreja, batizei toda esta geração e casei os pais... Ai de mim, se não puder morrer aqui e ser enterrado nesse mesmo cemitério... Que eu mesmo estreei abençoando Zé-Coveiro, o primeiro morto...

P. Camilo — Viu os jornais?

P. José — Jornais?

P. Camilo *(Coloca-os sobre a mesa. Pegando um)* — "Padre milagroso ressuscita mortos!"

P. José — Que exagero!

P. Camilo — "Pescador moribundo salvo por São Francisco de Assis!"

P. José *(Pegando outro)* — "Cura de doentes por velho Padre milagroso"! Oh, o Bispo vai ficar furioso com isso!

P. Camilo *(Lendo outro)* — "Romarias partem de todos os pontos do Estado rumo à cidade milagrosa". Mais adiante: "Esperam alcançar graças do santo Padre".

P. José — "Exploração da fé em pequena cidade..." Exploração?!

P. Camilo — Jornal de esquerda...

P. José — Vamos guardar isto! *(Coloca-os no armário).*

P. Camilo *(Lendo o livro que estava sobre a mesa)* — Contabilidade do milagre?

P. José — É... Estou organizando...

P. Camilo — Qual o saldo?

P. José — Mais de trinta mil cruzeiros em dois dias!

P. Camilo — Trinta mil! O negócio é rendoso...

P. José — Vou empregar tudo na reforma do casarão, para escola!

P. Camilo *(Sem convencer)* — Muito bem... Conseguiu então o que queria... Além do Coronel, muitas outras pessoas voltaram para sua igreja...

P. José — Não se incomode, senhor Camilo... Interesses políticos!

P. Camilo — Não... É fé no duro... Muita gente "virou" depois do milagre da salvação do Juca-Protestante, agora Juca-Católico... Todo mundo tem medo de ser castigado como o Juca... Minha igreja, hoje, na hora do culto estava vazia de se ouvir o rio passar...

P. José — Eu sei o que é sentir-se abandonado.

P. Camilo *(Suspiro profundo)* — É... *(Interesseiro)* Ainda bem que me resta a escola...

P. José — A escola? Mas o senhor não havia desistido?

P. Camilo — Pensei melhor sobre o caso e acho que o senhor tem razão: com o casarão nós realizaremos a maior obra da cidade!

P. José — E se eu for transferido?

P. Camilo — Farei o possível para levar nossa idéia avante. Não se preocupe...

P. José *(Irônico)* — É muita bondade de sua parte!...

P. Camilo — Tenho um nome ótimo para a escola: Escola do Novo Pensamento Cristão!

P. José — Mas, nessa escola, poderia se repetir entre os alunos o tal "impossível namoro de Dito e Teresinha"...

P. Camilo — Não é impossível!

P. José — Não é mais?

P. Camilo — Não. Eu evoluí naquele raciocínio, e acabei concordando com o senhor: eles devem continuar juntos pelo casamento!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, p. 367

P. José — Casamento?

P. Camilo — Ainda mais, agora! Aliás, sobre este assunto, precisamos marcar a data!

P. José — Data de quê?

P. Camilo — Data do casamento...

P. José — Entre Dito e Teresinha?

P. Camilo — É claro! O senhor ainda não está a par da situação?

P. José — Que situação?

P. Camilo — Dito não lhe falou nada?

P. José — Disse que a Teresinha tinha vindo visitá-lo...

P. Camilo — Só?

P. José — Só... Que mais?

P. Camilo — Que rapaz safado!

P. José — Por quê?

P. Camilo — Por quê não quer se casar?

P. José — Ele não quer contrariar São Francisco!

P. Camilo — Ele tem que contrariar São Francisco!

P. José — Eu não entendo mais nada!

P. Camilo — Eu vou ser tio, senhor José!

P. José — Tio?

P. Camilo — Tio do filho de Dito...

P. José — Tio do filho... Repete, senhor Camilo, eu acho que não escutei bem...

P. Camilo — Eu vou ser tio do filho de Dito...

P. José *(Analisando devagar)* — O senhor vai ser tio do filho de Dito... *(Pausa)* Acho que o senhor está enganado... O senhor quer com isso dizer que... Dito e Teresinha... *(Embaraço)*.

P. Camilo — Isto mesmo: Dito e Teresinha. *(Embaraço)*.

P. José — Mas como?

P. Camilo — Como todo mundo...

P. José — Mas o Dito é um menino tão ingênuo...

P. Camilo — A Teresinha também... Mas acontece que juntaram as ingenuidades...

P. José — E quando foi?...

P. Camilo — Anteontem...

P. José — Anteontem...

P. Camilo — Na ponte...

P. José — Na ponte... Na ponte!

P. Camilo — Uniram-se e nos uniram!

P. José — Na ponte!

P. Camilo — Eles! Nós, aqui!

P. José — Será difícil convencer Dito!

P. Camilo — Temos que convencer!

P. José — Que diz a Bíblia sobre isso?

P. Camilo — A Bíblia não diz nada, mas o Código Penal é bastante claro!

P. José — Dito é o maior devoto do santo milagroso!

P. Camilo — Só há uma solução: o santo voltar atrás!

P. José — Os santos não voltam atrás!

P. Camilo — Nem os delegados, senhor José... E eu falei com o Dr. Delegado...

P. José — Nesse caso...

P. Camilo — São Francisco verificou, de ontem para hoje, que Dito pela sua fé, e Teresinha pelo seu amor, mereciam continuar juntos...

P. José — São Francisco vai falar novamente ao Dito?

P. Camilo — Vai.

P. José — É muito arriscado... Pense no Bispo, senhor Camilo... O Bispo!

P. Camilo — Penso em Teresinha...

P. José — Espere o Bispo partir!

P. Camilo — Quando o Bispo se for, poderá levá-lo junto. E sem o senhor eu não poderei fazer o milagre.

P. José *(Choroso)* — O senhor também acha que o Bispo vai me transferir...

P. Camilo — Preciso pensar em todas as hipóteses.

P. José — É... Até o senhor acha... Eu também acho... Estou mesmo perdido...

P. Camilo — O milagre tem que ser antes do meio-dia!

P. José — Eu não sei ser padre noutro lugar...

P. Camilo — Esta é a última meia hora que os santos estão cobertos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677,P.368

DPF DCDP Fls. N.º 258 Rubrica

P. JOSÉ — No fundo eu sou um homem infeliz...

P. CAMILO — Vamos preparar o novo milagre!

P. JOSÉ — Sonhei tanto com a escola...

P. CAMILO — O senhor deve deixar-me a sós com Dito. Mande-o acender uma vela, ou fazer uma oração, que eu farei o milagre...

(Pastor Camilo descobre o manequim, coloca-o dentro do guarda-roupa e fica com o pano na mão. Vindo da esquerda, o Bispo entra na praça. Uma comitiva o acompanha tendo Juca à frente. Durante a cena seguinte o Padre e o Pastor preparam tudo para o novo milagre).

BISPO — Obrigado pela companhia!...

JUCA — Disponha, senhor Bispo...

BISPO — Onde está o tal vendedor das imagens?

JUCA — Ali na esquina...

BISPO — Onde está a esquina?

1º FIEL — No fim desta rua, no começo da outra...

BISPO — Oh... Leve-me até lá... Não enxergo nada sem os óculos!

(A comitiva acompanha a ilustre figura. O Mascate percebe e mansamente vai se retirando).

JUCA — Um momento, Mascate!

MASCATE — Ah! Bom dia, senhor Bispo. Deus o guarde...

BISPO — É o senhor que tem para vender umas imagens de São Francisco?

MASCATE — Eu!... Ah... Sim...

BISPO — Deixe-me ver.

(O Mascate entrega uma imagem ao Bispo que a aproxima dos olhos como se a cheirasse).

BISPO — Um pouco diferente, talvez...

MASCATE — Daquele que está no céu?

BISPO — Das outras imagens de São Francisco!

(Os Fiéis apertam o círculo ameaçando o Mascate).

MASCATE — Essa é meio moderna... Futurista!

BISPO — Ah! Futurista!

BR DEANRSR NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.369

MASCATE — Como as da capela de Brasília...

BISPO — Por enquanto não posso situá-la em nenhuma corrente de arte clássica ou moderna... Meus óculos estão na bagagem e eu sem eles enxergo muito mal.

MASCATE *(Aliviado)* — É uma pena... O senhor ia gostar muito...

BISPO — Façamos um trato: se esta imagem se assemelhar à imagem da sacristia, muito bem; caso contrário, o senhor vai devolver o dinheiro a todos os compradores e passar alguns dias meditando...

MASCATE — Na igreja?

BISPO — NA CADEIA!!!

MASCATE — Ora, senhor Bispo... Eu garanto que é igual... Igualzinha!

BISPO — E não tente fugir!

JUCA — Ah!... Isso vai ser difícil...

BISPO — Não venda mais nada!

MASCATE — Não senhor... *(O Bispo vai se retirando)* A bênção, senhor Bispo...

BISPO *(Embaraçado)* — De-deus o abençoe...

(Os fiéis um a um beijam a mão do Bispo e se retiram. Na sacristia)

P. CAMILO — Agora vá chamar o sacristão. Novamente em cena o verdadeiro santo milagroso!

(O Bispo dirige-se à sacristia. Padre José sai e encontra-se com o Bispo, na porta).

P. JOSÉ *(Assustado)* — SENHOR BISPO!

BISPO — Bom dia, Padre...

P. JOSÉ — Bom dia...

BISPO — Tudo preparado para a cerimônia da Aleluia?

P. JOSÉ — Quase tudo...

BISPO — Que vinho usa no sacrário?

P. JOSÉ — O "Pindorama" de uva moscatel do Rio Grande do Sul...

BISPO — Hum... Bom... Pode deixar que eu mesmo celebrarei a santa missa...

P. JOSÉ — Será uma honra para mim...

DPF DCDR Fls. N.º 259 Rubrica

(Nesse ínterim, o Jornalista entra pé ante pé, na sacristia. Vai examinar o guarda-roupa).

BISPO — Estive esta manhã, verificando certas coisas...

P. JOSÉ — Sei... Sei...

BISPO — Temos muito que conversar...

P. JOSÉ — Pois não, D. Arlindo...

(O Jornalista acha o manequim no guarda-roupa e uma velha batina. Veste a batina no manequim, e coloca-o diante do Pastor coberto. Toma posição e bate fotografias do manequim de costas, com o Pastor ao fundo, como santo).

BISPO — O que acha o senhor desta imagem?

P. JOSÉ — Nada especial...

BISPO — Pois eu preciso analisá-la melhor... Por favor, vá até a casa paroquial e mande trazer minha valise com os óculos...

P. JOSÉ — Pois não...

Saio

(Na sacristia, o Jornalista começa a olhar todos os santos, levantando os sudários roxos).

BISPO — O senhor vai confessar, Padre?

P. JOSÉ *(Assustado)* — Confessar... O quê?

BISPO — Confessar e comungar.

P. JOSÉ — Ah... Sim... Confessarei...

BISPO — Eu o espero na igreja.

(Padre José sai atônito. O Bispo entra na sacristia no momento exato em que o Jornalista prepara-se para levantar o sudário do Pastor).

BISPO — Que significa isto?

JORNALISTA — Ah!... Sua Excelência, o Bispo!

BISPO — Que deseja?

JORNALISTA — Esperava o senhor para tirar uma foto!

BISPO — Foto?

JORNALISTA — Não se mova! *(Bate uma chapa)* Perfeito! Para a capa da revista das "Famílias Cristãs" de São Paulo!

BISPO — Está pensando que aqui é a casa da sogra?

JORNALISTA — A casa de Deus, senhor Bispo!

BISPO *(Ao manequim)* — E o senhor, que deseja?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 370

JORNALISTA — É um modelo...

BISPO *(Batendo com as mãos no manequim)* — Ah, um boneco! Não enxergo nada sem os óculos... *(Pegando o manequim)* Leve seu modelo daqui!

JORNALISTA — Não, este manequim...

BISPO — Saia logo, moço! Que petulância!

(O Bispo empurra o Jornalista, dando-lhe o manequim. O Jornalista vai ter com o Mascate).

MASCATE — Conseguiu?!

JORNALISTA — Consegui! Até do Bispo!

MASCATE *(Apontando o manequim)* — Que é isso?

JORNALISTA — Presente do Bispo... Vamos revelar as fotografias!

MASCATE — Não posso sair daqui... O Bispo percebeu que meu santo era um santo de "araque"... Estou sendo vigiado...

JORNALISTA — Tenho pressa... Até depois...

(O Jornalista sai rapidamente com o manequim, cruzando com o Padre José e Dito que carrega a valise do Bispo).

P. JOSÉ *(Vendo o manequim)* — Será o Benedito? *(Apressa o passo)* Ou será o Francisco?

(Padre José e Dito entram na sacristia).

P. JOSÉ — Onde está o senhor Bispo?

DITO — Deve está no altar...

P. JOSÉ — Vá até lá verificar... *(Dito sai)* É o Camilo?

P. CAMILO *(Descobrindo a cabeça)* — Não, é o Francisco!

P. JOSÉ — Ah, então era o Francisco! *(Abre o guarda-roupa)* Ah, meu santo Deus! Como foi?

P. CAMILO — Sei lá... Uma confusão... Vá chamar o Dito!

P. JOSÉ — Para que?

P. CAMILO — Para o milagre...

P. JOSÉ — Está louco?

P. CAMILO — Tem que ser agora...

(Dito volta. Pastor Camilo se cobre).

DITO — O Bispo está fuzilando de raiva, só porque eu não preparei o altar... Mandou buscar os óculos!

DPF DCDP Fls. N.º 260 Rubrica
SCOP Sup. Regional no Paraná

P. José *(Pegando a valise)* — Eu os levo... *(De saída)* Faça uma oração ao santo... Quem sabe assim ele pode resolver seu problema... Não... Não faça nada... Depois...

(Sai para o altar).

Dito — Uai... Que deu no "seu" vigário? Vou fazer uma oração, sim... *(Ajoelha-se diante do Pastor).*

P. Camilo *(Voz empostada, sob o pano)* — Dito!... *(Dito pula para trás).*

P. Camilo — Case-se com Teresinha! Um filho se concebe sob um teto cristão e não sob uma ponte!

Dito — MILAGRE!!!

P. Camilo — Deus que abençoe você e Teresinha!

Dito *(Começa a fazer estardalhaço)* — Milagre! Milagre!

(O Bispo entra correndo. O Padre José atrás).

Bispo — Que foi, menino?

Dito — Ele falou!

Bispo — Quem?

Dito — Milagre!

Bispo — Que foi?

Dito — O santo falou!

Bispo *(Segurando Dito)* — O santo?

Dito — Alcancei a graça! *(Padre José agoniza da porta).*

Bispo *(Balançando Dito)* — Fique quieto!

Dito *(Caindo de joelhos)* — São Francisco!!!

Bispo *(Levantando-o)* — Deixe disso!

Dito — O santo falou comigo!

Bispo — Deixe de bobagens!

Dito — Eu escutei. Ele disse que eu posso...

Bispo — Pare, quieto!

Dito — ... eu posso casar! *(Cai de joelhos).*

Bispo — Isto é pecado!

Dito — Posso casar! Meu amado santo!

Bispo — Deixe de coisas! *(Levanta-o).*

Dito *(Cai de joelhos)* — Não faça isso!

Dito — Me deixe ajoelhado!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677, P.371

(Bispo anda de um lado para outro).

Dito — "Padre Nosso que estais no céu..."

Bispo — Pare!

Dito — ..."venha a nós o Vosso Reino..."

Bispo — Irreverente!

Dito — Eu escutei!

Bispo — Não é possível!

Dito — Foi milagre!

Bispo — Foi nada!

Dito *(Levanta-se)* — O senhor é um incrédulo!

Bispo — Olhe com quem está falando!

Dito — Com um bispo que nem sabe o que é um milagre! Nunca escutou um santo!

Bispo — Não deturpe as coisas sagradas da igreja!

Dito — Igreja pro senhor é roupa bonita e boa comida!

Bispo — Menino!

Dito — O senhor usa a igreja pra viver bem!

Bispo — Saia daqui!

Dito — Politiqueiro!

Bispo — SUMA!!!

Dito — Hereje de uma figa!

(Dito sai correndo para a ponte, gritando).

Dito — TERESINHA! TE-RE-SI-NHA!!! *(Sai gritando em direção à casa do Pastor. Da sacristia o Bispo assiste tudo, estupefato).*

Bispo — É o fim do mundo! Eu não entendo mais nada! Escutam santos falar, alcançam graças incríveis! Essas muletas, esses retratos, essas peças de cera, esse sacristão maluco... *(Tira do bolso)* Sabe o que é isso?

P. José — Um prego!..

Bispo — O pagamento de uma graça alcançada por uma mãe! É o cúmulo! O filho engoliu o prego e ela prometeu ao santo se ele ajudasse o filho a... O santo virou purgante! Não sei como pode acontecer isso!

P. José — Fé. D. Arlindo... Fé...

DPF DOPP Fls. N.º 261 Rubrica
DEP. DE POL. FEDERAL SCDP Regional no Paraná

BISPO — Fezes, isto sim... Fezes! E não é só isso! Veja essa imagem *(Mostra-a)* Santo Antônio, pintado com barba para ser vendido como São Francisco! Isto é coisa de cadeia!

P. JOSÉ — Não importa a forma da imagem, mas o que ela representa...

BISPO — Pior ainda é a exploração política! Maldito Coronel Chiquinho! O senhor viu a faixa em frente ao comitê político? "Coronel Francisco saúda São Francisco"!

P. JOSÉ — É a redenção do Coronel que volta para nossa igreja...

BISPO — Redenção?! Pois eu vou arrasar mais uma vez com o Coronel! Hoje, durante o sermão vou alertar a população contra esse ato demagógico e sacrílego do Coronel!

P. JOSÉ — Vai se repetir tudo outra vez!

BISPO — E a culpa é sua, Padre! Por isso resolvi transferi-lo para o "Recolhimento de São Pedro", na Capital. Para que dedique seus últimos dias à meditação.

P. JOSÉ — Meditação... Eu meditei a vida toda... Agora eu quero fazer alguma coisa de útil... Eu não posso deixar esta cidade!

BISPO — Não esqueça a sua condição de obediente servidor de Deus!

P. JOSÉ — Eu nunca servi a Deus!

BISPO — A sua permanência na cidade é prejudicial à nossa diocese...

P. JOSÉ — Prejudicial, D. Arlindo? Justamente agora que eu quero realizar alguma coisa?

(O Bispo enquanto fala, vai tirando os sudários roxos dos santos).

BISPO — Formou-se à sua volta uma crença de santidade e o povo passou a idolatrar uma pessoa e não a instituição de Cristo!

P. JOSÉ — Mas eu represento a Igreja!

BISPO — Estamos quase na hora da missa. Durante o evangelho anunciarei ao povo sua partida e exaltarei sua pessoa.

P. JOSÉ — Minha partida, quando?

BISPO — Amanhã, comigo...

P. JOSÉ — Amanhã...

(Todos os santos já estão descobertos, com exceção do Pastor Camilo. O Bispo dirige-se para ele. Padre José percebe a situação).

P. JOSÉ *(Interceptando a passagem)* — Pode deixar. Eu descubro este! Promessa...

(O Bispo olha desconfiado e retira-se para o altar).

P. CAMILO — Não agüento mais! *(Descobre-se).*

P. JOSÉ — Fique coberto!

P. CAMILO — Logo chega a imagem verdadeira... Era para chegar no trem das onze e quarenta e cinco...

P. JOSÉ — Faltam cinco minutos para o meio-dia... *(Abre a porta da sacristia e olha para a praça)* Nem sinal de santo...

(O Jornalista passa rapidamente pelo Mascate).

MASCATE — E o trem?

JORNALISTA — O das onze e quarenta e cinco está com uma hora de atraso! *(Sai).*

MASCATE — Estou perdido!

P. JOSÉ — Estou perdido! *(Entra).*

P. CAMILO — Podemos tomar cadeia!

P. JOSÉ — De santo a salafrário!

P. CAMILO — Só temos uma saída!

P. JOSÉ — Qual?

P. CAMILO — A fuga!

P. JOSÉ — A fuga... Não evitará minha excomunhão!

P. CAMILO — Mande o Papa às favas!

P. JOSÉ — O Papa às... Não posso...

P. CAMILO — Pense na sua vida!

P. JOSÉ — Pensar em mim? Quem sou eu, sozinho?

P. CAMILO — Um homem, antes de tudo!

P. JOSÉ — Eu sem a Igreja não sou nada!

P. CAMILO — Cada um de nós é uma igreja sozinho!

P. JOSÉ — Senhor Camilo... Não é hora para tentar me converter...

P. CAMILO — Eu e o senhor somos duas igrejas! Vamos uni-las e fundar uma terceira!

P. JOSÉ — Credo!

DPF DCDP Fls. N.º 262 Rubrica
DEP. DE POL. SCDP
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, p. 372

P. Camilo — O senhor abandona o Vaticano e eu abandono a minha igreja! Fundaremos a nossa "Igreja do Novo Pensamento Cristão"!

P. José — Céus!

P. Camilo — Iremos para bem longe e iniciaremos a nossa doutrinação! No Acre!

P. José — No Acre tem índio!

P. Camilo *(Meio em delírio)* — Uma Igreja onde não se fale só latim e se leia trechos da Bíblia, mas onde se ensine o povo a pensar e enxergar as injustiças sociais!

P. José — Isto me cheira a...

P. Camilo — Cada membro da Igreja trabalhará não para si e sua família, mas para um fundo geral da Igreja que distribuirá a cada um, segundo as suas necessidades. Não existirão nem ricos, nem pobres nessa maravilhosa comunhão de bens!

P. José — Isto é comunismo!

P. Camilo — Vejo a raiz da nossa Igreja alastrar-se e dominar o país!

P. José — O senhor está delirando!

P. Camilo — ... Ultrapassar as fronteiras, dominar todo o continente, atravessar os mares e chegar do outro lado do mundo! Os japoneses conhecerão nossa doutrina! Os indianos e europeus, também!

P. José — Acorde senhor Camilo! *(Chacoalha o Pastor Camilo)*.

P. Camilo — Os americanos e judeus serão doutrinados!

P. José — Homem dos céus!

P. Camilo *(Abraça Padre José numa atitude heróica)* — Vamos! Vamos partir!

(O Bispo entra. Pausa. Embaraço).

Bispo — Quem será o sacristão para iniciarmos a cerimônia? *(Olha o Pastor Camilo)* Que é isso. *(Bate com os nós dos dedos no Pastor)* Outro manequim?

P. José — Este é o senhor Camilo, Pastor da Igreja Protestante.

Bispo — Que deseja o senhor no sagrado templo católico?

P. Camilo — Explique a ele, senhor José...

P. José — Eu... Bem... O senhor Camilo?..

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677,p.373

P. Camilo — Fale-lhe da "Igreja do Novo Pensamento Cristão"!

Bispo — Igreja do Novo Pensamento... O quê?

P. Camilo — Esta doutrina é...

P. José *(Interceptando)* — É que o senhor Camilo veio fazer algumas reclamações, senhor Bispo...

Bispo — Reclamações?

P. Camilo — Reclamações?

P. José — O senhor Camilo pede a minha transferência da cidade.

Bispo — Transferência?! *(Indignado)* Com que petulância o senhor pede a transferência de um ministro da minha Igreja?

P. Camilo — Eu...

(Pausa)

Bispo — Não tem coragem de enfrentar-me? Vamos, fale a mim e não a meu pobre e indefeso pároco!

P. Camilo — Bem... É que... Esse... Esse milagre que tomou conta da cidade está prejudicando minhas atividades de evangelizador... Esta farsa...

Bispo — Farsa?!

P. Camilo — Esta farsa está roubando à minha Igreja os mais dedicados adeptos, guiados pela propaganda demagógica desse pároco que escuta santos falar, alcança graças inefáveis!

Bispo — O povo nunca esteve tão fervoroso!

P. Camilo — Essas muletas, esses retratos, essas peças de cera... *(Pegando o prego sobre a mesa)* Esse prego... Não sei como pode acontecer tudo isso...

Bispo — Fé, senhor Pastor... Fé!

P. Camilo — Fé... Não é bem isso... O povo está deturpando as coisas da vossa Igreja... Veja essa imagem! *(Pega-a)* Um outro santo, pintado com barba para ser vendido como o santo milagroso!

Bispo — Não importa a forma da imagem, mas o que ela representa!

P. Camilo — E a exploração política? Há uma faixa em frente ao comitê político do Coronel: "Coronel Francisco saúda São Francisco"!

Bispo — É a... É a...

P. José — Redenção.

DPF DCDP Fls. 263 Rubrica

BISPO — É a redenção do Coronel que volta para nossa Igreja!

P. CAMILO — Formou-se à volta desse Padre uma crença de santidade e isto é prejudicial à nossa cidade...

BISPO — Prejudicial, por que?

P. CAMILO — O povo passou a idolatrar uma pessoa e não a uma instituição de Cristo... E ele passa a ser um todo-poderoso!

BISPO — Nossos ministros representam nossa Igreja!

P. CAMILO — Este homem é nocivo à cidade!

BISPO — Convença o povo disto!

P. CAMILO — É necessária e urgente sua transferência!

BISPO — Nunca! Daqui ele não sairá!

(Padre José está boquiaberto. Dito entra da rua).

DITO — Estou atrasado, seu vigário?

P. JOSÉ — Está.

BISPO — E não temos mais assuntos a tratar, senhor Pastor! Passe bem! *(Para Dito)* Você levou a imagem de São Francisco para o altar?

DITO — Eu? Não!... Cheguei agora...

BISPO — Pois pode arrumar a trouxa e ir embora. *(Ao Padre)* Onde está a imagem, Padre?

P. JOSÉ — A imagem de São Francisco?

DITO — O santo milagroso?

P. CAMILO *(Apontando o nicho vazio)* — Não é esta?

BISPO — Qual?

P. CAMILO — Esta imagem...

BISPO — Imagem?!

P. CAMILO — Imagem de São Francisco, se não me engano...

BISPO — Não vejo!

P. CAMILO — Aqui!

BISPO — Onde?

P. CAMILO — Esta que o padre descobriu agora há pouco... Que estava coberta com esse pano... Não é esta, senhor José?

P. JOSÉ — É... É sim...

BISPO — O senhor está vendo?

P. JOSÉ *(Receoso)* — Ali, no nicho...

BISPO *(Aproxima-se)* — No nicho?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.374

(Dito aproxima-se indignado do nicho).

P. CAMILO — A imagem que tanta desordem tem provocado!

P. JOSÉ — Desordem não, senhor Camilo. Milagre!

P. CAMILO — Desordem!

P. JOSÉ — Milagre!

BISPO — Os senhores... Meus óculos! Meus óculos! *(Sai para o altar).*

DITO — O senhor está vendo mesmo?

P. JOSÉ — Sim, Dito. *("Assustadíssimo")* Você não vê?!

DITO — Eu...

P. CAMILO — Os pecadores não conseguem ver as imagens milagrosas...

P. JOSÉ — Você não vê, meu filho?

DITO — Vejo... Vejo, sim senhor...

P. CAMILO — Uma vez eu soube de um caso parecido, em vossa Igreja... Só conseguiam ver a imagem milagrosa as pessoas puras, sem pecado!

DITO — Mas eu estou vendo, sim...

(O Bispo volta com os óculos).

DITO — É pra levar o santo para o altar, "seu" vigário?

BISPO — Santo? Que santo?

DITO — São Francisco...

BISPO — Onde?

P. CAMILO — Não vê?...

P. JOSÉ — Não vê?

BISPO — Não, ora essa!

DITO — Credo!

BISPO — Ali no nicho?...

DITO — No nicho...

P. CAMILO — Imponente e magnífica!

BISPO — Confesso... Não vejo imagem nenhuma!

DITO — O senhor é pecador!

BISPO — Menino!

DITO — Pecador! Pecador! *(Corre para a porta).*

BISPO — Pare com isso!

Vou Senhor

DPF DCDP Fls. N.º 264 Rubrica

DITO — PECADOR!!! *(Sai correndo para a praça)* O Bispo é pecador! O Bispo não vê o santo! *(Sai gritando)*.

BISPO — Que gritaria é essa?

P. JOSÉ — Não sei...

P. CAMILO — Por certo, Dito está espalhando vossa pilhéria ao povo!

BISPO — Que pilhéria?

P. JOSÉ — Vossa brincadeira, D. Arlindo!

BISPO — Mas que brincadeira, homem?

P. JOSÉ — De não ver a imagem de São Francisco!

BISPO — Eu acho que estou sonhando! Que se passa com vocês? Vocês estão brincando?

P. CAMILO — Como, senhor Bispo?

P. JOSÉ — Brincando, por quê?

BISPO *(Desesperado)* — Eu não vejo nada! *(É consolado pelo Padre e Pastor)*.

(Na praça, Coronel Chiquinho reúne três homens).

CORONEL — Essa é a nossa oportunidade! Eu soube que o Bispo quer nos atacar outra vez, durante o sermão! Espalhem pela cidade inteira que ele não consegue ver o santo milagroso, por causa dos seus pecados! *(Os três vão saindo)* Voltem! Tem mais! *(Os três voltam)* Todo mundo no partido tem que ver o santo! Se houver por acaso algum pecador que não consiga ver, digam a ele para fingir! Eu quero que nessa cidade inteira, somente um homem tenha pecado: o Bispo! *(Faz um sinal. Os três retiram-se, cada qual para um lado)*.

(O Coronel Chiquinho dirige-se à sacristia. Entra).

CORONEL — Bom dia, senhores!

P. JOSÉ — Coronel... *(Olha receoso ao Bispo que se recompõe)*.

CORONEL *(Dirigindo-se ao nicho vazio)* — Bela imagem, Padre José! Bela imagem! Vê-se logo que é uma imagem milagrosa! Que bela expressão no olhar! *(Ao Pastor Camilo)* Muito bem, Pastor! Veio depor vossa fé junto à imagem milagrosa?!

P. CAMILO — Vim conversar com o Padre José...

CORONEL — Negócios?

BISPO — Reivindicações absurdas! *(Sai para o altar)*.

CORONEL — Absurdas? Que deseja o senhor que "sua santidade", o Bispo, não aprova?

P. CAMILO — Fundar uma escola junto ao Padre José.

CORONEL — Uma escola?!

P. CAMILO — A Escola do Novo Pensamento Cristão!

CORONEL — E o Bispo não permite?...

P. CAMILO — Não deseja a união dos ideais do Padre José com os meus... *(Trágico)* Fracassamos!

CORONEL — Longe disso!

BISPO *(Voltando)* — Vamos iniciar a missa, Padre...

CORONEL *(Provocador)* — Aproveito essa oportunidade para doar aos santos párocos das igrejas de nossa cidade, minha propriedade e meu apoio financeiro, para a construção de uma escola!

BISPO — Toque o sino, Padre! Já passa do meio-dia! *(Sai)*.

(Coronel abre a porta da sacristia).

CORONEL — Povo de minha terra! *(As pessoas se agrupam perto da porta)* Este é o momento de exaltação de nossa fé! Eu me sinto orgulhoso de poder, junto aos santos de nossa cidade, Padre José e Pastor Camilo, anunciar a fundação da escola modelo da cristandade! A Escola do Novo... Novo o quê?

PADRE e PASTOR — Novo Pensamento Cristão!

CORONEL — Novo Pensamento Cristão! Vamos todos festejar esse grande acontecimento, com banda, foguetes e uma chuva de rosas!

(Vivas entre o povo. O Coronel sai acompanhado pelo povo. Fica apenas Teresinha na praça, que dirige-se para a sacristia).

DITO *(Entrando afobado na sacristia)* — Padre José! O Bispo começou a missa sozinho, e não tem ninguém na igreja!

P. JOSÉ — Oh, meu São Benedito!...

P. CAMILO — Não pense mais no Bispo. É carta fora do baralho!

(Teresinha entra na sacristia. Quase desmaia de susto).

TERESINHA — Oh!...

P. CAMILO — Que foi, Teresinha?

(É acudida por todos).

TERESINHA *(Chorando)* — O nicho... O nicho vazio!

P. JOSÉ — Nicho vazio...

TERESINHA — Eu sou uma pecadora!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 375

DITO — Não chore, Teresinha... Eu também não vi o santo...

TERESINHA — Você me levou para o mau caminho, com sua maçã...

P. CAMILO — Ora, não se aborreça... Antes do casamento você verá, pode ter certeza!

TERESINHA — Antes do casamento com Dito?

P. JOSÉ — Mas é preciso que deixem de se encontrar na ponte.

(Simão e Takawa, vindos do fundo, trazem a imagem verdadeira embrulhada em papel e colocada sobre um andor. Batem à porta da sacristia).

TERESINHA — Se eu voltar a ser como antes, eu vejo o santo?

P. CAMILO — Vê... *(Atende a porta)* Muito antes do que você pensa... *(Fecha a porta)* Agora vá com Dito para a festa! Pela porta do altar...

DITO — O Bispo está rezando a missa... Vamos atrapalhar...

P. CAMILO — Reza de pecador não tem valor...

(Dito e Teresinha saem).

P. CAMILO *(Abrindo a porta)* — Chegou o santo verdadeiro...

SIMÃO *(Entrando)* — O trem atrasou, senhor Camilo...

P. CAMILO — Até que foi bom...

TAKAWA — Quando precisar é só chamar...

SIMÃO — E pagar... *(Estende a mão. O Pastor dá-lhe um níquel. Takawa e Simão saem).*

P. CAMILO — Estamos salvos!

P. JOSÉ — Vamos desembrulhar e mostrar ao povo!

P. CAMILO — Não! Espere! O povo é pecador e não deve ver o santo!

P. JOSÉ — Que?!

P. CAMILO — Para que cada fiel consiga ver o santo, é preciso que cumpra uma boa ação para purificação da alma! Vamos esconder a imagem no armário! Deixaremos que a imagem seja vista apenas pelos que merecem!

P. JOSÉ — Apenas os que merecem?.

P. CAMILO — Com esse incentivo, em breve toda a cidade poderá ver! Nós julgaremos os bons e os maus... Aos bons mostraremos a imagem...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.376

P. JOSÉ — E aos maus o andor vazio...

P. CAMILO — Teremos o controle da população! Controle espiritual!

P. JOSÉ — Mas é uma mentira!

P. CAMILO — Os meios não importam quando o fim é para o bem!

P. JOSÉ — Deve haver um meio de dar tudo ao povo dentro da verdade!

(Ouve-se uma banda que se aproxima. Pastor Camilo guarda a imagem no armário).

P. CAMILO — A banda vem aí! Vamos ao encontro do povo com o andor vazio!

P. JOSÉ — Ao encontro do povo!

P. CAMILO — Pegue na outra ponta... *(Levanta o andor)* Vamos, levante!

(O andor é erguido, e os dois religiosos saem carregando-o até a praça).

P. JOSÉ — Não posso... Não posso enganar a todos!

P. CAMILO — Padre, controle-se... O andor está virado. Assim a "imagem" cai...

P. JOSÉ — Vou contar a verdade a todo mundo!

P. CAMILO — É o nosso fim!

P. JOSÉ — O começo para eles!

P. CAMILO — Eles vão fazer a revolução!

P. JOSÉ — Eu vou ajudar!

P. CAMILO — Quieto... Estão chegando... Faça um ar santificado.

(Entra o cortejo na praça, tendo o Coronel à frente. Dois homens carregam uma faixa: "Coronel Francisco saúda São Francisco").

CORONEL — Silencio!!! *(A banda pára. Aos poucos, faz-se silencio).* Ajoelhemos diante da imagem de São Francisco Milagroso! Adoremos esta beleza incomparável, que só os puros e santificados podem ver!

(O Coronel se ajoelha. Aos poucos, todas as pessoas vão se ajoelhando. O Bispo aparece com sua valise. Está de partida).

DPF Fls. N.º 266 Rubrica

CORONEL — Perdoai, oh santo milagroso, os pecadores dessa cidade, que não conseguem ver nossa deslumbrante beleza!

(O Bispo vagarosamente começa a atravessar a praça. O Padre treme. Todos acompanham o Bispo com o olhar).

MASCATE — Está vendo, senhor Bispo? *(Aponta o andor)* Igualzinha a que eu vendi! Não é mesmo, senhor Bispo?... *(Risadas)* O senhor não pode mais me mandar prender...

(Pausa. O Bispo aproxima-se vagarosamente do andor).

BISPO — Igual?! Completamente diferente, senhor Mascate! Aquela é Santo Antônio! Esta é São Francisco de Assis! Olhe as feições como são diferentes. Note a expressão dos olhos de São Francisco buscando Deus na sua infinita soberania!

1º FIEL — Eu quero meu dinheiro de volta!

(O Mascate tenta fugir).

2º FIEL — Pega!!! Pega!!!

FIÉIS — Pega!!! *(O Mascate é cercado).*

JUCA — Malha o safado!

BISPO — Esperem! *(Novo silêncio)* Soltem o rapaz! *(Os fiéis obedecem)*. Vamos provar ao santo, que somos todos pessoas de alma pura e coração bom. Perdoemos o gesto feio dessa pobre criatura. É o primeiro passo para ver o santo, para aqueles que por infelicidade ainda não viram... Todos que quiserem ver o santo, devem saber perdoar mesmo os inimigos mais baixos e traiçoeiros.

CORONEL — Eu o perdôo, bondoso Bispo...

BISPO — Eu também o perdôo, ilustre Coronel...

P. JOSÉ — Senhor Bispo... Uma perguntinha... O senhor vai comunicar o fato milagroso ao Arcebispo?

BISPO *(Hesita)* — Si-sim... Naturalmente...

P. JOSÉ — E o Arcebispo ao Cardeal?...

BISPO — Por certo...

P. CAMILO — E com o seu depoimento o Vaticano reconhecerá o fato?

BISPO — Provavelmente...

JORNALISTA *(Num urro)* — FURO SENSACIONAL!!! O primeiro do mundo a noticiar! *(Manchete:)* PROCESSO DE CANONIZAÇÃO DE DOIS SANTOS BRASILEIROS!!! *(Sai correndo)*.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677 P.377

P. JOSÉ — Um momento... Tenho uma revelação importante a fazer *(Pausa)* O SANTO É O PASTOR!

P. CAMILO — O SANTO É O PADRE!

(Um tempo).

Todos:

CORONEL — OS DOIS SÃO SANTOS!!!

UM FIEL — OS DOIS!!!

OUTRO FIEL — OS DOIS SÃO SANTOS!!!

JUCA — VIVA O SANTO PASTOR CAMILO!!!

TODOS — VIVAAA!!!

CORONEL — VIVA O SANTO PADRE JOSÉ!!!

TODOS — VIVAAA!!!

(Todos se ajoelham, inclusive o Bispo. Um avião sobrevoa a praça e lança rosas sobre a multidão. A banda volta a tocar. Pastor Camilo e Padre José divertem-se canonicamente, enquanto o povo reza a seus pés).

FIM

Raquel - Esperem ---- Sabem quem vem chegando? O Papa.

DPF DCDP Fls. Nº 267 Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.378

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DPF
Fls. N.º 268
Rubrica

Parecer nº 235/84-SCDP/SR/PR

xxxxxx 01 de julho de 1984.

TC Francisco Surek

SR/DPF/PR

Ilmº. Sr. Chefe do SCDP/SR/PR

Parecer de exame de texto teatral (apresenta)

Título da peça: "O SANTO MILAGROSO".
Autor: Lauro César Muniz.
Produtor: Grupo de Teatro Viking.
Requerente: Antonio Aparecido Bittencourt do Amaral.

A citada peça é uma comédia em que é explorado o boato de que a imagem de São Francisco de Assis falou, sob o pano roxo, em Semana Santa. Na verdade, quem mantém-se sob o sudário é o pastor protestante, Camilo, temeroso de ser flagrado em sacristia católica, onde joga xadrez. Em recomendações, o / pastor disfarçado de santo dissuade e depois persuade o sacristão Dito a casar-se com a namorada deflorada. A paróquia e os comerciantes exploram a farsa econômicamente e o coronel fá-la politicamente. Finalmente, ao ser providenciada uma imagem de São Francisco, do tamanho do pastor, este opina mostrá-la só / aos cristãos virtuosos para incentivar a perfeição dos demais, numa aplicação da filosofia de que o fim justifica os meios.

Em mensagem principal a peça revela as veleidades das Igrejas Católica e protestante e cogita na fundação de uma terceira, denominada "A Escola do Novo Pensamento Cristão", destinada a fazer o povo perceber e combater as injustiças sociais. Esta mensagem é negativa porque pretende desprezar a Igreja Universal, só porque as imperfeições estão em seus adeptos.

Negativamente, ainda, os interesses eleitoreiros ensejam que o coronel se ligue a elementos subversivos; Ele, ainda, ciente de que o bispo iria criticá-lo em sermão, convida o povo a mentir que vê o santo, em andor vazio, para que

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTF 0677,P.379

DPF
Fls. N.º 269
Rubrica

só o bispo seja considerado pecador; Dito desvirgina a irmã do pastor e insinua que o vigário perca a pureza, na rua das mu - lheres; O pastor aconselha o padre José a desobedecer o Papa , que o ameaça de excomunhão (pág. 67); - o bispo inverte seus / conceitos, ao discutir com o pastor.

É positiva a idéia de que a Igreja católica aceita em seu convívio tanto pobres como ricos, sem selecionar a nata da sociedade e a de que a Igreja protestante é, também, considerada divina, com o senão de que ela se utiliza de meios errados para alcançá-lo.

O script é impresso em linguagem formal e dotado de flechas e traços, dando a entender que não será encenado ipsis litteris.

O grau de persuasão da peça é grande e o público alvo são os adolescentes.

Opinamos pela liberação da peça "O SANTO MILAGROSO" para maiores de 10 (dez) anos, por ter condições de confundir valores religiosos e porque, segundo o radiograma 977/84-DCDP de 30/7/84, essa é a classificação vigente até 1986.

Francisco Surek.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTF 0677,P.380

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DPF
Fls. Nº 240
Rubrica

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Do TC Lilian Filus Curitiba, 02 de agôsto de 1 984

Ao Sr. Chefe do SCDP/SR/PR

ASsunto: Parecer nº 237/84 (encaminha)

Análise de texto teatral

TÍTULO: "O Santo Milagroso"

AUTOR: Lauro Cesar Muniz

REQUERENTE: Antonio Aparecido Bittencourt do Amaral - Grupo de Teatro "Viking", da Associação dos Funcionários da Volvo do Braisl Motores e Veículos S.A.

PARECER: pela liberação PARA MAIORES DE 10 ANOS, por ser comédia de costumes

O texto enfoca episódios ocorridos numa cidade do interior, no período pascoalino, tendo por base o relacionamento dos dois chefes espirituais do lugar, ou seja, o padre José e o pastor Camilo. Ambas as igrejas passam por um período de transição: enquanto a do padre regride, devido um atrito entre o Bispo D. Arlindo e o coronel Chiquinho, este, "convertendo-se" ao protestantismo e levando seu séquito, concorreu para o crescimento da outra. No entanto, ressentidos da monotonia local, os religiosos com binam se unir, a fim de que seus anseios (a prática de seus hobbys preferidos, além da criação, no casarão a ser doado pelo coronel, de uma escola, com competições entre os dois grupos de fiéis) se tornem realidade. A partir daí, os mesmos são envolvidos em situações em que, a desatenção pelos seus dogmas, se tornam uma exigência. Um dos pontos críticos é o romance entre Terezinha, a irmã do pastor e Dito, o sacristão. Para afastá-los, o pastor, disfarçado em santo, faz uma curta prédica, fato que passa a ser reconhecido como milagre, iniciando-se, então, a especulação comercial (venda de imagens por mascate), jornalística e política (com a "desconversão" do coronel), em torno do assunto. Esta atmosfera se afirma quando Juca é salvo de afogamento. Apreensivo por um equívoco, o pastor passa a exigir o casamento dos jovens. Mas, para isso, deverá convencer, como santo, a Dito que, em sua euforia

BR DFANBSB NS.CPR.TEA PTE.0677,P.381

DPF DCDR Fls. N.271 Rubrica

agride o Bispo, recém-chegado e impede-o de convencer àquele da irrealidade dos milagres. Sua presença dificultaria, ainda:

- a substituição, no nicho, de Camilo por uma imagem do seu porte;
- o comércio do mascate e do jornalista forasteiro que, em suas tentativas de fotografar o padre, por pouco não descobriu toda a farsa;
- a redenção do coronel. Sentindo em perigo a escola, o padre, já ameaçado de transferência, lança mão de uma tática: apresenta o pastor com naturalidade, justificando a sua presença com reivindicações que enfraqueceriam a ação da Igreja Católica e, juntamente com os outros, finge enxergar a imagem, desconcertando completamente o superior, que deverá passar por único pecador. O estratagema de que o pecado impede a visualização do santo, será utilizado para incentivar o povo na prática do Bem, pois nas procissões o nicho sairá vazio. Apesar de ludibriado, o Bispo dá provas de sua superioridade perdoando o mascate. A peça termina com o furo jornalístico do "processo de canonização dos dois santos brasileiros", com os religiosos "encarnando" santos, sob a festa programada pelo coronel, em homenagem a São Francisco de Assis, com a presença do Papa.

A mensagem da peça é positiva:

- apesar de mostrar como as conveniências pessoais (tanto de leigos como de superiores hierárquicos religiosos) são capazes de sobrepujar as convicções religiosas, a dos últimos envolve, também, os interesses da comunidade. Tanto assim, que: o julgamento dos acontecimentos, pelo Bispo, foram imparciais; que o pastor e padre, impossibilitados de "dar tudo ao povo dentro da verdade" e inconformados com a sua posição de "meditadores" preferiram justificar os meios na busca do Bem, ou seja, a implantação de uma Igreja mais atuante, com preocupações sociais. O pastor, mais despreendido, prega uma Igreja em bases socialistas: que ensine o povo a pensar e a enxergar as injustiças sociais e que doe a cada um segundo as suas necessidades, com os recursos de um fundo formado pela contribuição de todos;
- desmistifica os milagres, apontando-os, assim como a imprensa sensacionalista, como agentes de histeria coletiva;
- condena o fanatismo religioso e suas conseqüências negativas;
- mostra como a mentira leva, fatalmente, a uma "bola de neve".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,p.382

DPF
DCDP
Fls. N.º 272
Rubrica

A peça, ainda: alerta para a ligação incorreta existente entre "justiceiros sociais" e comunistas; valoriza o Ser Humano, em si mesmo, como uma Igreja; mostra como as Leis Civis complementam as Divinas; critica a riqueza do Vaticano, a corrupção e as mordomias políticas; valoriza a concorrência e a rivalidade como fatores de aperfeiçoamento pessoal.

A peça adequas-e a qualquer tipo de público, especialmente às comunidades religiosas das pequenas cidades.

A linguagem é formal, existindo apenas um termo de baixo calão.

O grau de persuasão é parcial: a peça visa mais o entretenimento e talvez, por isso, apresente os personagens com certa superficialidade. Em que pese os esforços pela expansão do Ecumenismo, os chefes espirituais são mostrados como bastante maleáveis, mesmo nos pirncípios fundamentais de suas doutrinas e os leigos, como totalmente ignorantes, como fantoches facilmente manipuláveis, fatos que não correspondem à realidade.

Considerando que a peça:

- apresenta a derrota da Verdade, ainda que motivada pela prôcura do Bem;
- envolve instituição e autoridades religiosas;
- valoriza, como verdadeira, a imprensa esquerdista, elementos que (aliados à pregação de uma Igreja com bases socialistas) podem ser deturpados pelos menores;
- é uma comédia, fator que atenua os efeitos negativos que ela possa ter, ratificamos a impropriedade para MENORES DE 10 ANOS, por ser comédia de costumes, já estabelecida pela DCDP.

É o nosso parecer.

Lilian Filus
Técnica de Censura.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.383

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
DCDP
Fls. N.º 273
Rubrica

PARECER nº 0.238/84-SCDP Curitiba, 02 de Agôsto de 1.984
TÍTULO : " O Santo Milagroso "
AUTOR : Lauro César Muniz
PRODUÇÃO : Grupo Teatral VIKING (Volvo do Brasil S/A) - Ctba/PR
REQUERENTE: Cláudio César Pinheiro
CLASSIFIC.: 10 anos - " Comédia de Costumes "

O texto tem registro na DCDP classificando-o para maiores de 10 anos, conforme certificado nº 0.289 válido até 100486.

Resume-se o enredo num pretenso milagre ocorrido numa paróquia do interior, onde uma imagem de São / Francisco de Assis teria falado com o sacristão, recomendando-lhe/ não se casar com a irmã do pastor protestante; na verdade, o " santo " era o próprio pastor coberto pelas vestes roxas da quaresma e que se escondera no " nicho " vazio temendo ser visto em companhia do padre na sacristia da igreja.

A partir disso, o próprio sacristão / encarregou-se de espalhar a notícia do " milagre " no lugarejo, / atraindo multidões dali e de fora, fazendo adeptos do pastor se / converterem à Igreja Católica, bem como resultando na vinda do bispo da diocese para averiguar o ocorrido; após inúmeras trapalhadas todos festejam os dois milagrosos: o padre e o pastor!

Deixa o texto como mensagem principal positiva a necessidade da honestidade no trato com as pessoas, / principalmente em se tratando de lidar com a fé pública: no enredo, apesar de bem sucedidos, os protagonistas se viram em grandes/ apuros face à fraude que armaram. Da mesma forma, chama a atenção/ para a coragem necessária para desfazer mal-entendidos, antes que as consequências negativas se avolumem, mesmo que isso pareça prejudicar interesses momentâneos.

A linguagem é simples, coloquial, adequada ao argumento, não merecendo restrições.

O público alvo deverá ser o geral, se bem que agradará mais aos adeptos de uma boa comédia, e o grau de persuasão é forte pois que o enredo é atraente, despertando certa/ ansiedade pelo que poderá acontecer a cada nova situação criada.

Embora tratando de maneira, até certo ponto, irreverente a aura mística da religiosidade popular, mes-// clando com ela interesses pessoais, políticos e projeção social , é uma comédia leve a atraente que muito divertirá a platéia. Baseados nesses aspecto satírico do ambiente religioso interiorano é /

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

que consideramos o texto como uma " comédia de costumes " restri
to a um público maior de 10 anos, visando não criar ou estimular
falsos conceitos e visões distorcidas em personalidades infantis
menores, ratificando a classificação constante na DCDP.

É o Parecer.

DPF
DCDP
Fls. N.º 44
Rubrica

TC Benedito Zumas Fº
Chefe da SCDP/SR/PR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,p. 384

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA PTE. 0677, P. 385

DPF DCDP Fls. N.º 275 Rubrica

Parecer nº 274/84-SCDP/SR/PR

xxxxx 15 de agosto de 1984

TC Paulo de Tarso Kloeckner

SR/DPF/PR

Ilmo. Sr. Chefe do SCDP/SR/PR

Parecer de exame de ensaio geral de peça (apresenta)

Título da peça teatral: O SANTO MILAGROSO
Autor: Lauro Cesar Muniz
Produção do grupo de teatro "Viking" da Ass. dos Func. da Volvo do Brasil Motores e Veículos S.A.
Requerente: Antônio Aparecido Bittencourt do Amaral

No dia 14 de agosto de 1984, às 19:00, assistimos, no Auditório Glauco Flores de Sá Brito, do Teatro Guaíra - Curitiba, ao Ensaio Geral da peça supra citada.

A ação se passa numa cidadezinha do interior, envolvendo o padre e seu sacristão, o pastor e sua irmã, o Coronel da região, paroquianos e um jornalista vindo de fora.

O cenário é composto de 4 partes: de um lado, do meio ao fundo, a sacristia do templo católico, com nichos de santos nas paredes; de outro, do meio ao fundo, a sala da casa do pastor; em frente, num lado, uma parte da praça; finalmente, no outro, uma pequena ponte em arco. Jogo de luzes fazem a conveniente iluminação desta ou daquela parte.

A peça toda se constitui em encontros e desencontros entre o padre e o pastor, cada qual transformando seu trabalho pastoral numa verdadeira disputa pelos fiéis do lugar, mas sendo o objetivo maior, no momento, a construção de uma escola paroquial, com o padre tentando reconduzir ao seu redil o Coronel Chiquinho que, brigado com o bispo, havia se passado para o lado do pastor, e, com ele, a valiosa ajuda para a construção da escola. O curioso era que quando aumentava a frequência numa igreja, diminuia na outra, e vice-versa, conforme os acontecimentos. No momento, a católica via diminuir a frequência de fiéis, para alegria do pastor que observava "aumento de fé"

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 386

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DPF
DIDP
Fls. N.º 276
Rubrica

na sua. Alguns fatos inesperados, porém, vieram tirar o sono do pastor: o namoro de sua irmã com o sacristão e o pretenso milagre da estátua"que falava" na igreja católica, fato esse que acarretou imediata debandada de fiéis da protestante para a católica, para gáudio do padre que viu o "fervor" o as rendas aumentarem e o Coronel passando para o seu lado. E o pastor desesperado, principalmente porque sabia do embuste do milagre, porque fora ele que falara, oculto sob um pano roxo(era Semana Santa) no nicho,ainda vazio,de um santo: estava escondido ali para não ser visto com o padre a quem fora visitar - era escândalo! E falara quando viu sua irmã com o sacristão ali, passando por "santo" conselheiro então, crendo que seria a fórmula mágica para assustar e dissuadir do namoro a irmã e o sacristão. Acabou provocando a maior reviravolta na cidade com o "milagre da estátua que fala", a ponto de vir o bispo para saber o que se passava. Após mais quiproquós, acabam todos acertados, com o padre e p pastor passando a trabalhar juntos, embora o "milagre" não seja esclarecido para não "desorientar" os fiéis.

Houve fidelidade ao texto. A peça é leve, diverte de fato. Pelo exame do ensaio geral, julgamos adequada a impropriedade dada, para maiores de 10 anos, devido a irreverência, ~~imderada~~, ressalve-se, com que são tratadas pessoas e coisas ligadas à religião, e que poderia repercutir negativamente na mente de menores dessa faixa.

TC Paulo de Tarso Kloeckner

BR DFANBSB NS.CPR.TEA PTE 0677, f. 388

" O Santo Milagroso "

Lauro Cézar Muniz

x.x.x.x.x.x.x.x

.x.x.x.x.x.x.

Grupo Teatral VIKING (VOLVO do Brasil S/A) - Curitiba/PR

Cláudio César dos Santos

02 Agôsto 84

Impróprio p/menores de 10 anos - Condicionado ao exame de Ensaio Geral. Este Certificado somente terá validade quando acompanhado do texto devidamente carimbado e rubricado pelo SCDP/SR/PR . x.x.x.x.x.x.x

Curitiba,
xxxxxx 06 Agôsto 84

TC Francisco Surek
xxxxxxxxxxxxxxxxxx
Chefe da SCCen/SCDP/SR/PR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.387

DPF
DCDP
N.º 277
Rubrica
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SCDP
Sup. Regional no Paraná

0059/84-SCDP/SR/PR - PROVISÓRIO -

" O SANTO MILAGROSO "

Lauro Cézar Muniz

. . . . . 06 Outubro 84

" COMÉDIA DE COSTUMES "

10 ANOS

Curitiba, 06 Agôsto 84

TC Benedito Zumas Fº
Chefe da SCDP/SR/PR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677,P.389

TEATRO

DPF
D D
Fls. N.º 278
Rubrica

TÍTULO " O SANTO MILAGROSO "

AUTOR DA PEÇA: LAURO CÉSAR MUNIZ.

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 10ANOS

Praça SCDP/SR/PR.

Obs.:

DF. 16 / AGOSTO / DE / 1984

Resp. pela elaboração do Processo
ADILSON

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação imprópria para menores de 10 (dez) anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.: 1 - Comédia de costumes

Brasília-DF, 17 de agosto de 1984

Elsio M. Renato
TC - Mat. 1227

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de para o qual os censores propõem a classificação etária de 10 (dez) anos.

Brasília-DF, 17 de agosto de 1984

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parece
Em, 17/08/1984

Solange M. T. Hernandes
Diretora da DCDP

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF DCDP Fls. N.º 279 Rubrica

ESPETACULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº	EMISSÃO	VALIDADE
289	17 DE AGOSTO 1984	17 DE AGOSTO 1989

TÍTULO: "O SANTO MILAGROSO"

AUTOR (ES): LAURO CÉSAR MUNIZ

CLASSIFICAÇÃO: 10 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZ ANOS

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE: COMÉDIA DE COSTUMES

Solange M. T. Hernandes
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP
ASSINATURA

TÍTULO: "O SANTO MILAGROSO"

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL CERTIFICADO Nº 289

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: CLAUDIO CESAR PINHEIRO *CURITIBA/PR*

DECISÃO: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 10 (DEZ) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 390

NEI DE OLIVEIRA
Chefe do SC /DCDP
ASSINATURA

Brasília, 17 DE AGOSTO DE 1984.

GRC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.391

DPF
DCDP
Fls. N.º 280
Rubrica

22 de agosto de 1984

1.493/84-SE/DCDP

PR

"O SANTO MILAGROSO", de autoria de Lauro César Muniz.

Atenciosamente,

Solange M. F. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

DPF
DCDP
Fls. N.º 281
Rubrica

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
CÓDIGO - 08202
JAN 14 52 85 000113
DCDP/BSB

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO ESP. SANTO
SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Ofício nº03/85-SCDP/SR/DPF/ES Em 02 de janeiro de 1985

Do: Chefe da SCDP/SR/DPF/ES
A : Sra. Dra. Solange Maria Teixeira Hernandes
M.D. Diretora da DCDP/DPF
Assunto: Encaminhamento (faz)

Senhora Diretora

Encaminhamos a V.Sa. os textos, os pareceres e o certificado provisório da peça teatral intitulada: "O SANTO MILAGROSO" de autoria de Lauro Cezar Muniz.

Respeitosamente
MBViana
Marília Perazo Viana
Chefe da SCDP/SR/DPF/ES, em exercício

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 392

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, f. 393

DPF
fls. Nº 282
Rubrica

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Maria Lina Grillo Reis
Requerente

brasileira — Professora
Nacionalidade — Profissão

Carteira de Identidade 183.832 - Superintendência Geral Policia Civil-ES
N.º e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Rua Novaes de Melo, 28

, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a(s) peça teatral abaixo relacionada(s)
Espécie

de autoria de: Lauro Cezar Muniz

"O Santo Milagroso"
Título(s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

C. de Itapemirim, 19 novembro 1984.
Local e Data

Maria Lina Grillo Reis.
Requerente

Anexos:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.394

1 – EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: Grupo Genesis de Teatro CGC: _____

Sede: Rua Novaes de Melo, 28

Cachoeiro de Itapemirim CEP: 29300

Diretor ou Responsável: Aureliano Mazzocco

2 – DADOS DO AUTOR

Nome: O Santo Milagroso - Lauro Cezar Muniz

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

3 – PARCERIA

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: C. de Itapemirim, 19 novembro 1984.

Ass.: Maria Luisa Grillo Reis.

DPF-1085

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.395

DPF DCDP Fls. N.º 283 Rubrica

O SANTO ERRAGROSO

Lauro César Muniz

PERSONAGENS

Padre José - velho de sessenta anos.

Pastor Camilo - meia idade, atlético.

Teresinha - irmã do Pastor Camilo, trinta anos.

Dito - sacristão católico, vinte anos.

Coronel Chiquinho - gordo, cinquenta anos.

Bispo - velho alto e robusto.

Jornalista

Mascate

Juca

Mulher de Juca

Simão - judeu

Tanawa - japonês

Fiéis

Banda de música

1º ATO - 1º quadro - Quinta-feira pela manhã.
2º quadro - Quinta-feira à noite.

2º ATO - 3º quadro - Sexta-feira pela manhã.

3º ATO - 4º quadro - Sábado de Aleluia.

AÇÃO - Pequena cidade do interior paulista.

ÉPOCA - Indeterminada.

CENÁRIO - Apresenta um setor da cidadezinha. Quatro partes principais o compõem. A maior e que ocupa metade do palco, é a parte posterior da igreja, onde se instala a sacristia. É Quaresma: alguns santos cobertos com o sudário roxo, e dispostos nos ângulos das paredes, em nichos especialmente construídos. Um dos nichos está vazio à espera de seu respectivo santo. Pequena mesa, cadeiras, um genuflexório e um armário grande e rústico. Duas portas: a que se comunica com o altar e a que dá acesso à praça. A segunda parte do cenário, ao fundo e central, é uma pequena ponte em forma de arco acentuado. Esta ponte liga a parte anterior (sacristia) com a terceira parte do cenário que é a casa do Pastor protestante. Pequena sala com algumas peças de móveis antigos. Livros e figuras espalhados. A quarta parte do cenário desenvolve-se até o

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, p. 396

DPF DCDP Fls. N.º 284 Rubrica

PRIMEIRO ATO

1º Quadro: Quinta-feira pela manhã.

Simultaneamente, vindos de suas respectivas igrejas, e carregando vara de pescar e sacolas idênticas, PADRE JOSÉ e PASTOR CAMILO, alcançam a ponte. Inicialmente ao se verem param sem jeito. / Depois de rápida hesitação, cumprimentam-se solenemente tirando os respectivos chapéus, e fazendo leve reverência. Tomam posição na ponte, nas respectivas extremidades e simetricamente preparam-se para a pesca. Lançam o anzol na água e ali ficam estáticos, na expectativa. Momentos depois vem DITO, da Igreja Católica. Ao ver o Pastor aproxima-se rapidamente do Padre.

DITO (Cochichando)ao Padre) - Vê se pesca antes!...
(Dito olha ao Pastor. O Pastor olha para ele e dá a entender que ouviu. O Padre também acaba por olhar ao Pastor. O olhar é de desafio. Voltam a atitude inicial de aparente indiferença. Dito rola pelo parapeito, de um lado para outro, numa torcida respeitável. O Pastor "sente" o peixe! Dito pára, assustado. A vara se curva num arco acentuado. O Padre olha-o em expectativa. O Pastor puxa o anzol, vazio... Dito sorri aliviado. O Pastor volta à posição de expectativa. Dito volta a impacientar-se, rolando pelo parapeito da ponte de um lado para outro. O padre "sente" o peixe).

DITO(Entusiasmado) - Vai! Puxa!
(O Pastor olha apreensivo. O Padre puxa o anzol, vazio... Dito se entristece. Alívio do Pastor. Voltam os três a posição inicial).

DITO- A linha dele é maior, "seu" vigário!

(É repreendido pelo olhar severo do Padre. Dito escapa para o centro da ponte e continua a torcida. Repentinamente os dois pescadores "sentem" o peixe. Dito anima-se na torcida).

DITO - Calma, "seu" vigário que é nosso!

(A luta continua. As duas varas ao mesmo tempo curvam-se acentuadamente. Os dois puxam os anzóis e as linhas convergem num mesmo peixe! Os três perplexos e momentaneamente sem ação).

DITO (Boquiaberto)- O mesmo peixe! (Debruça-se para ver melhor). BAITA peixão !

(os dois párocos estão embaraçados. Entreolham-se. Sorriem discretamente).

DITO - Metade para cada um !
(Começam a recolher o peixe e automaticamente se aproximam do centro da ponte).

P. JOSÉ (Cedendo, aponta o peixe)- Tenha a bondade...

P. CAMILO - Pode ficar com ele ...

P. JOSÉ - Obrigado, mas em casa somos só dois ...

P. CAMILO - Em casa não comemos peixe ...

DITO - Racha no meio! Eu vou buscar a faca !(Sai correndo).
(Os pescadores tiram seus anzóis: primeiro o Pastor Camilo, depois o Padre José).

P. JOSÉ - Belo peixe! (Segurando-o) Veja como pesa!

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P 397

DPF
DCDP
Fls. N.º 285
Rubrica

P. CAMILO - É mesmo! Nunca peguei um assim nesse ribeirão. Já é a terceira vez que venho pescar este mês.

P. JOSÉ - O senhor aprecia a pesca?

P. CAMILO - Sou um amante dos esportes: pesca, futebol e natação! E o senhor?

P.JOSÉ - Gosto t ambém ...(Sorri) Mas já estou ficando velho para isso... Outro dia fui pescar lá embaixo perto da curva, e de tanto ficar agachado, minhas pernas endureceram... Quase não consegui ajoelhar-me no dia seguinte para rezar... Por pouco não cometi a irreverência de rezar de pé... (Pausa breve).

P.CAMILO - Eu também já estou sentindo a idade... Quando moço nadava e jogava futebol aos sábados e domingos. Agora,só de dar uns chutinhos com meu filho, já boto a língua de fora.

P. JOSÉ - Seu filho t ambém joga futebol?

P.CAMILO- Jogo no duro, não... Ainda não foi possivel formar um quadro de futebol na Igreja...

P. JOSÉ - Por que ?

P.CAMILO - Não temos jogadores suficientes...

P.JOSÉ - (Com ar de superioridade) - Nós temos três quadros: da "Cruzada", o da "Infância de Cristo" e o dos "Filhos de Maria". Se seu filho quiser, poderá jogar conosco...Quero dizer... Acho que não haveria mal nenhum...

P. CAMILO - Obriga do... Mas meu filho atualmente estuda na capital... Vivo só com minha irmã. Meus passatempos agora são os jogos moderados: batalha naval, torrinha...

P. JOSÉ - Eu passo meu te mpo arquitetando lances no tabuleiro de xadrez...

P. CAMILO - O senhor joga xadrez?

P. JOSÉ - Jogar com quem? Eu faço de contas que jogo... Mas de fato não há um cristão que jogue xadrez.

P. CAMILO - Eu jog o !

P. JOSÉ O senhor joga?

P. CAMILO - Quer dizer ... Jogava... Agora não existem adversários... (Embaraço. Pausa).

DEP?.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS CPR TEA PTE 0677, P. 398

DPF DCDP Fls. N.º 286 Rubrica

P. JOSÉ - Pois é ... Nesta terra monótona não se tem o que fazer...

P. CAMILO - Até pouco tempo ainda me divertia, nadando um pouco... Mas depois de um certo acontecimento, perdi a vontade...

P. JOSÉ - O que, senhor Camilo?

P. CAMILO - Vi morrer um pobre homem, sabendo que poderia salvá-lo... Tiraram o coitado do rio, inchado de água e ficaram chacoalhando o homem sem conhecimento nenhum...

P. JOSÉ - O senhor sabia salvar afogado ?

P. CAMILO - Sabia e sei ! Pratiquei natação muito tempo e aprendi essa arte...

P. JOSÉ - Então, por que não o salvou ?

P. Camilo - Não me deixaram por a mão no moribundo ! Diziam que era a mão do diabo !

P. JOSÉ - Que absurdo !... E depois ?

P. CAMILO - Ficaram esperando o padre chegar ...

P. JOSÉ - E o padre tentou salvá-lo ?

P. CAMILO - Para a outra vida... Deu-lhe a "extrema-unção"...

P. JOSÉ - Ainda bem !... (Cai em si) Esse afogado não foi o Zé-Perdigueiro?

P. CAMILO - Foi...

P. JOSÉ - Então o padre era eu !

P. CAMILO - Era, sim senhor ...

P. JOSÉ - Ora... Eu não sabia que o senhor entendia de salvamento... Sinto muito...

P. CAMILO - Enfim, o que passou, passou... Mas ainda há que [illegible] aí que minha igreja é coisa do seu diabo !

POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - DEPT.º - CENSURA FEDERAL

P. JOSÉ (Ofendido) - Ora, sr. Camilo ...

P. CAMILO - Não são seus adeptos mais cultos... E esses [illegible]

P. JOSÉ - De certa forma... Aliás, minha paróquia é mesmo muito desigual, não o como a vossa que prima em selecionar a nata da sociedade da nossa cidade...

P. CAMILO - São todas pessoas bastante simples...

P. JOSÉ - Simples, s.r. Camilo ? Eu conheço muito bem a maioria dele[illegible]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677,P.399

DPF DCDP Fls. N.º 287 Rubrica

P. CAMILO - Ah, é verdade !... Boa parte já pertenceu à sua paróquia...

P. JOSÉ - O Coronel Chiquinho e todo o pessoal do partido dele...

P. CAMILO - ... que se converteu há pouco tempo ...

P. JOSÉ - O senhor bem sabe o motiv o dessa conversão !

P. CAMILO - (Desafiador) - Evolução natural ...

P. JOSÉ - (Perdendo as estribeiras)- Manobra política! Pura e simples manobra política !

P. CAMILO - Provocada pelo Bispo de sua diocese que usava o púlpito para atacar o coronel !

P. JOSÉ - Defender o povo, isso sim !... Bem sabe o senhor que o Coronel havia se ligado a elementos subversivos, para angariar os votos dos trabalhadores da Usina de Açúcar.

P. CAMILO - Que mal há nisso ?

P. JOSÉ - Que mal há ? Todo mundo sabe a cor política do líder dos trabalha dores da Usina !

P. CAMILO - O Zezão é tão cristão quanto eu !

P. JOSÉ - Não duvido !... O principal é saber o quanto o senhor é cristão...

P. CAMILO (Impulsivo)- Passe bem, sr. José... Pode ficar com o peixe...

P. JOSÉ - Como um bom jogador de xadrez, o senhor se retira antes do " mate ".

P. CAMILO (Voltando) - Eu nunca perderia para o senhor, em terreno algum nenhum, muito menos numa partida de xadrez...(Pausa)

P. JOSÉ - Isto é um desafio ?

P. CAMILO - Como queira ...

P. JOSÉ - Se não fosse a situação política existente na [illegible] teria a satisfação de derrotá-lo em sua própria casa...

P. CAMILO - Pois eu enfrento a situação e irei derrotá-lo em sua casa.

P. JOSÉ - QUando ?

P. CAMILO (Clássico) - Marque o dia e a hora...

P. JOSÉ - Bem... Eu poderia recebê-lo depois da reza, joje mesmo...

P. CAMILO - Que hora?

P. JOSÉ - Sete horas !

P. CAMILO - Local ....

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 400

DPF DCDP Fls. N.º 288 Rubrica

P. JOSÉ - Na ... Sacristia da igreja ...

P. CAMILO - Na sacristia ?!

P. JOSÉ - O senhor se opõe ?

P. CAMILO - Não... Apenas quero que haja o mais absoluto sigilo, sobre esse encontro... O senhor compree nde, não é ?

P. JOSÉ - Hoje, Quinta-feira Santa, os fiéis passarão a noite velando o " Senhor Morto "... A praça estará vazia e o senhor poderá passar sem ser percebido.

P. CAMILO - Lá estarei às sete em ponto !

DITO - Pronto ! Custei a achar a faca !
(Dito entra com a faca)

P. CAMILO - Com licença...(Pega a faca e corta o peixe ao meio).

DITO - Agora vamos tirar a sorte para ver quem fica com a cabeça! Eu vou jogar a medalha de Santo Onofre para cima. Se cair do lado do santo, ganha o "seu" vigário. Se cair do lado das letras, ganha o senhor...(Joga a medalha e apara-a).

DITO - Ganhamos ! Deus está do nosso lado.(Entregando) O rabo é seu!

P. CAMILO - Obrigado, Bem, vou andando... A pesca hoje foi boa... Tive prazer em encontrá-lo... Senhor vigário.

P. JOSÉ (Forçando) - O prazer foi todo meu... Senhor Pastor.
(Solene reverência dos dois párocos. Cada qual descendo a ponte dirige-se para sua casa).

DITO (Entrando na sacristia)- O senhor viu a nossa sorte?(Exibe o peixe).

P. JOSÉ - Eu vi sua malandragem! A medalha tem um santo de cada lado: Santo Onofre e São Gabriel. E caiu do lado de São Gabriel. Deveria ser dele a cabeça...

DITO - Ele não conhece santo... Azar dele. Ficou com a cabeça.

P. JOSÉ - Dito !...

DITO - Perdão "seu" vigário... Eu disse sem querer. Escapou.

P. JOSÉ - Você anda muito saidinho, ultimamente. Ainda ontem vieram me dizer que o viram na rua...(Embaraça-se)...na rua das mulheres...

DITO - Eu ? Fazendo o quê, "seu" vigário ?

P. JOSÉ - Ora, você bem sabe o quê ...

DITO - Sei não, "seu" vigário ...
(Padre José e Dito colocam os apetrechos sobre a mesa. Na casa

DEP.T.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.401

DPF DCDP Fls. N.289 Rubrica

P. CAMILO - Teresinha! Teresinha !

TERESINHA - Você me chamou ?

P. CAMILO - Prepare esse peixe para o almoço...

TERESINHA- Cadê o resto ?(Procura na sacola).

P. CAMILO - Dei a um pobre esfomeado...

TERESINHA (Pegando uma estampa na sacola)- Que é isso ? Como Jesus está acabado nessa figura !

P. CAMILO -(Tomando a estampa) - Jesus? Não é Jesus! Onde estava isto?

TERESINHA - Na sacola...

P. CAMILO (Olha a sacola)- Esta sacola não é nossa !

TERESINHA - De quem é ?

P. CAMILO(Embaraçado)- Do... Padre ...

TERESINHA - Credo ! Do Padre católico? (Míope, pega a estampa) é ele?

P. CAMILO - É São Pedro! Ponha os óculos, menina !

TERESINHA- Mas Camilo, São Pedro era católico?

P. CAMILO - Já lhe disse um milhão de vezes! Antes de Lutero era tudo a mesma coisa !

TERESINHA - Oh, é mesmo ! Eu ando tão esquecida, ultimamente...

P. CAMILO - Anda aérea ! Uma mulher como você tem que se preocupar ùnica e exclusivamente, em servir a Deus.

TERESINHA - Eu não paro um minut o de pensar Nele... Mas será que Ele pensa em mim, Camilo ?

P. CAMILO - Ora Teresinha ! Que blasfêmia ! Você tem tudo... O que mais pode desejar na vida ?

TERESINHA - Bem ... Já andam me chamando de solteirona. E isso humilha, não humilha ?

(Na sacristia, Dito mexe na sacola).

DITO - Que livro é asse, "seu" vigário?

P. JOSÉ - Uma Bíblia...(Cai em si) Esta sacola não é nossa !

DITO - É do Pastor! Credo em cruz, vamos tirar isto daqui! Olha uma maçã !

P. JOSÉ - Deixe aí, não é sua ...

DITO - Faz tempo que eu não como uma !

P. JOSÉ - É pecado tirar as coisas alheias, "meu filho"...Ainda mais

DEPTº POLÍCIA FEDERAL - SR/ES CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.402

DPF DCDP Fls. N.º 290 Rubrica

DITO - A gente lava em água benta. (Esconde a maçã no bolso).

P. JOSÉ - Vá até a casa dele destrocar a sacola...

DITO - Até a igreja protestante ?

P. JOSÉ - E volte imediatamente pa ra casa. Não quero mais saber dessas histórias da rua das mulheres !

DITO (Saindo)- O senhor não sabe o que está perdendo !

(Na casa do Pastor Camilo).

P. CAMILO - Precisamos destrocar esta sacola ...

TERESINHA(Animando-se)- Se você quiser, eu vou !

P. CAMILO - Quê isso, Teresinha? Não gosto que você saia na rua sozinha !

TERESINHA - Se não for eu, quem vai então ?

P. CAMILO - Acho que não há outra solução. Mas, de óculos !

TERESINHA (Animada)- Eu vou e volto num minuto.

P. CAMILO - Não se esqueça Teresinha: o mundo é mau lá fora ! Com um simples olhar um homem despe uma mulher... Se você corresponder ao olhar significa a mesma coisa... Você não quer despir um homem, quer?

TERESINHA - Ora, Camilo ... Um pouco de sol não me fará mal ...

(Pastor Camilo deixa a sala. Teresinha arruma-se diante de um espelhõm. Na praça, Dito encontra-se com o Coronel Chiquinho).

CORONEL - Dito !

DITO - Coronel Chiquinho !

CORONEL - Diga ao Padre José que preciso falar com ele !

DITO - Ele está na rua das mulheres !

CORONEL - O Padre ? Fazendo o quê ?...

DITO - Rezando.

CORONEL(Assusta-se)- Alguma delas está morrendo ? Qual é ? Não é a Djanira ?!

DITO - Não...Não... O padre está na sacristia. Eu é que estava na rua das mu... Quer dizer, pensando...

CORONEL - Ah... Você me assustou...

DITO - Pode ir lá falar com ele. Agora ele está desocupado.

CORONEL - Agora quem está ocupado sou eu ! Preciso tratar dos preparativos do casamento do meu filho.

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677, P. 403

DPF DCDP Fls. N.º 291 Rubrica

CORONEL - Vai sim ... Já comprei doze porcos !

DITO - Eles deveriam se casar na nossa igreja. É bem mais bonita que a outr.

CORONEL (Desconversando) - Bem... Vou andando...(De saída) Avise ao Padre josé, que hoje à noite darei um pulo lá para falar com ele.

DITO- Sim senhor...

CORONEL - Lá pelas sete horas ! (Sai).

(Teresinha sai de casa. Alcança a ponte. Dito também. Os dois cruzam-se na ponte. Param, olham para trás e voltam).

DITO- A senhora não é a irmã do senhor Camilo ?

TERESINHA(Nervosa)- Sou... Você não é filho do Padre José ?

DITO- Filho, não, que padre não tem filho. Eu fui criado por ele...

TERESINHA - Mesma coisa...

DITO - A sacola é a nossa? (Aponta a dela)

TERESINHA - É... Essa é a nossa ?

DITO - Parece que sim !

TERESINHA (Ri desajeitada).

(Aproximam-se e destrocam as sacolas).

DITO - Já tinhamme dito que a senhora era branca como cera. Agora eu acho que a cera é branca como a senhora...

TERESINHA - Eu tomo pouco sol.

DITO (Analisando)- É pena. Um pouquinho de sol aí, não ficaria nada mal...

TERESINHA - O sol me arde a pele...

DITO - No começo arde, depois acostuma. Aliás é assim com tudo... Depois que engrena é u'a maravilha. É só experimentar...

TERESINHA - Uma vez eu dei uma escapulidinha de casa e vi uma procissão da sua igreja. Me lembrei agora de você com aquela roupa... Não era feia, era muito bonita... Minha avó tinha um vestido parecido...

DITO - Ah ... Sua avó ....

TERESINHA - VOCÊ se aborreceu ? ... (Aproxima-se).

DITO - Eu já disse mil vezes ao "seu" vigário, que nós precisamos de acabar com essa história da saia vermelha... As moças da cidade não me "topam" por causa disso.

TERESINHA - Mas as moças não são católicas ?

DITO - São católicas [illegible]

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 404

DPF DCDP Fls. N.º 342 Rubrica

DITO - O quê ?

TERESINHA - MEIN A igreja por dentro. A missa que vocês rezam...

DITO - A senhora nunca viu ?

TERESINHA - Não, mas eu já vi retratos.

DITO - Hoje vai ter reza. Se a senhora quiser ver, é às seis horas. Protestante pode entrar.

TEREZINHA - Bem ... Agora eu preciso ir embora. Tenho que fritar o peixe. (Indecisa) Você não se incomodaria se eu lhe pedir uma coisa?

DITO - Não. Pode pedir ...

TERESINHA - Eu preferia que você não me chamasse de senhora. Eu sou solteira há bastante tempo, mas ainda não sou uma senhora.

DITO - Ah... Pois não. A senhora manda... Quer dizer, você manda...

TERESINHA (Ri) - Repete...

DITO - O que ?...

TERESINHA - VOCÊ ...

DITO - Você ...

TERESINHA - Ah ... Como é excitante !

DITO - MUITO ...

TERESINHA - QUAL é seu nome, mesmo ?

DITO - É Benedito... É feio, eu sei, mas é o nome do santo de devoção de "seu" vigário. São Benedito é meu padrinho.

TERESINHA - Padrinho ?

DITO - É... Compadre do "seu" vigário que é meu pai adotivo.

TERESINHA - Eu me chamo Teresinha.

DITO - A devoção do "seu" Camilo é Santa Teresinha ?

TERESINHA - Não ... Ele não tem dessas devoções ...

DITO - Ah, é ....

TERESINHA - Ia me esquecendo ! (Pega a estampa de São Pedro) Isto é seu. São Pedro. Estava na sacola.

DITO - Pra ajudar a pesca... Eu também preciso de dar uma coisa...

TERESINHA - O que é ?

DITO - Adivinha ...

TERESINHA - Adivinhar como ?

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 405

DPF DCDP Fls. N.º 243 Rubrica

TERESINHA - Então é bombom... Como eu gosto de vombons !

DITO - è fruta ...

TERESINHA - Fruta ! Mexerica ! Eu adoro mexericas !

DITO - Não é ...

TERESINHA - Mamão ! Eu sou louca por mamão.

DITO - Também não ... Feche os olhos ... Pode fechar, não se assuste... (Passa a maçã perto do nariz de Terezinha).

TERESINHA - Maçã !

DITO - Como você é esperta ... Agora dê uma dentadinha ...

TERESINHA - Uma dentada na maçã ?

XXXXX (Coloca a maçã ao alcance da boca de Teresinha. Esta prepara-se para morder. Dito deixa a maçã cair e dá-lhe um beijo rápido).

TEREZINHA (Afastando-se) - Benedito !

DITO - Que foi ?

TERESINHA - Acho que vou ter uma coisa ! Meu coração está disparando, como trem !

DITO - Deixa eu ver ... (Coloca a mão sobre o peito de Teresinha).

TERESINHA - O coração é mais para cima !

DITO - PENA ...

TERESINHA - Você não devia ter feito isso ... Eu sou uma moça pura!

DITO - Pura é a mãe de Deus ... Você quando muito é uma moça ...

TERESINHA - Está passando ...(Suspiro) Passou... Só ficará o pecado. Este nunca desaparecerá!

DITO - As moças da nossa igreja quando cometem algum pecado, rezam, beijam o santo e o pecado some na hora.

TERESINHA - Será ? (Teresinha hesita, depois beija).

DITO - Pode ficar com ele, para casos de emergência.

TERESINHA - Obrigada... Até logo... (Vai saindo).

DITO - Quando é que poderemos nos encontrar outra vez?

TEREZINHA - Acho que nunca mais ... Você é de lá.(Aponta a igreja católica) eu sou de cá ... (Aponta sua igreja).

DITO - Isto não te m importância... A gente pode até falar com o seu vigário. Ele sabe dar conselhos sobre tudo !

TERESINHA - Tenho medo do Camilo.

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 406

DPF DCDP Fls. N.º 294 Rubrica

DITO - O "seu" vigário resolve isso. Eu te espero na praça às sete em ponto, pra gente ir falar com ele.

TEREZINHA - Não sei se vou poder. (Terezinha vai saindo).

DITO - Procure escapar de seu irmão. O resto eu resolvo !

(Terezinha vai para sua casa. Dito desce a ponte. O Mascate acaba de se estabelecer com suas bugigangas na praça).

MASCATE - Aí hein Dito ! "Cantando " a solteirona !

DITO - Solteirona é a mãe !

(A luz cai em resistência).

2º Quadro: Quinta-feira à noite.

Os postes iluminam a praça e a ponte. Nos interiores tudo às escuras. O sino toca anunciando o fim da reza. Padre José e Dito entram na sacristia pela porta do altar. O Padre com os paramentos da reza. O sacristão com o hábito próprio. Acende a luz. Começam a tirar os paramentos.

P. JOSÉ - Apagou as velas ?

DITO - Ainda não senhor ...

P. JOSÉ - É preciso apagar. Estão custando os olhos da cara. Deixe acesa a de Santa Luzia ! É promessa do Zé-Ceguinho. Ele está pagando...

DITO (A ponta a coleta) - Quanto deu ?

P. JOSÉ -(Balança o saco de moedas)- Menos de noventa....

DITO - Baixou outra vez ...

P. JOSÉ - É... Não sei onde vamos parar !

DITO - A igreja está cada vez mais vazia.

P. JOSÉ - Só um milagre poderá nos salvar !

DITO - Tá tudo pronto, "seu" vigário... Eu vou indo...

P. JOSÉ - Amanhã cedo quando eu chegar, tudo deve estar prontinho... Nã o se esqueça de trocar o vinho do sacrário, hoje na hora da comunhão, eu bebi v inagre...

DITO - Sim senhor .... (Veste o paletó).

P. JOSÉ - Faça uma oração a São Benedito antes de saier...

DITO - Já rezei lá no altar.

P. JOSÉ - Não a São Benedito, seu padrinho...

(Dito ajoelha-se diante de uma imagem coberta).

P. JOSÉ - Esta é Nossa Senhora da Aparecida ! O seu padrinho é aquele (Aponta).

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TFA PTE.0677,P.407

DPF DCDP Fls. N.º 295 Rubrica

DITO - (Depois de olhar as duas imagens) - Ah é ... São da mesma alturinha ...(Ajoelha-se diante de São Benedito e reza).

P. JOSÉ - Você está muito distraído, hoje... Na reza, bateu o sino três vezes fora de hora ...

DITO - Duas vezes... Na Consagração escorregou da minha mão ...(Pausa) "Seu" vigário, a igreja dos protestantes é a igreja do diabo ?

P. JOSÉ - Quem falou isso ?

DITO - Todo mundo diz; Dona Maria das Dores, chefe da irmandade, "seu" Zé do Coro...

P. JOSÉ - Bem, a igreja deles não é do diabo ...

DITO - Então é de Deus também ...

P. JOSÉ - É de Deus, mas eles usam meios errados para alcançá-lo.

DITO - Sei...(Pausa.. Dito pensativo) O senhor acha errado o casamento de domingo ?

P. JOSÉ - O casamento do filho do Coronel Chiquinho com a Edi ?(Pausa) Errado, errado, não é ...

DITO - Mas a Edi é de nossa igreja e o Alberto da igreja de lá ...

P. JOSÉ - Ela tem que acompanhar a religião do noivo...

DITO - Não é pecado ?

P. JOSÉ - Não... Se eles se gostam, devem se casar. É mandamento de Deus: "Crescei e multiplicai-vos". O único mal para variar cai sobre a nossa paróquia...

DITO - Por quê ?

P. JOSÉ - Com o casamento do Alberto, o Coronel Chiquinho ia mudar para a fazenda e doar a casa dele para a igreja.

DITO - Aquele baita casão ?!

P. JOSÉ - Inteirinho! E eu pretendia fundar uma escola para os meninos da paróquia... Depois que ele brigou com o Bispo, acho que vai dar o casarão ao senhor Camilo...

DITO - E ele vai fazer uma escola para os protestantes ?

P. JOSÉ - Não creio... Acho que ele vai fundar um clube.

DITO - Um clube ?!

P. JOSÉ - Uma sociedade recreativa... Não é por dizer, não, mas que a igreja do sr. Camilo parece um clube de reunião do partido do Coronel, parece ....

POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - DEPT.º CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P. 408

DPF DCDP Fls. N. 296 Rubrica

14

DITO - É sim! eles ficam toda noite num bate-papo comprido: o Coronel, o Zezão ...

P. JOSÉ - Esse Zezão não me cheira nada bem ...

DITO - Por quê ?

P. JOSÉ - Lembra da greve da Usina? Aquilo foi trama dele... Ele recebe ordens de um pessoal da capital, pra fazer essas confusões...

DITO - Pessoal ... Protestante ?

P. JOSÉ - Pior ... (Sussurra) Comunista...

DITO - Comunista...

P. JOSÉ - Psiu ... Fale baixo ...

DITO - "Creio em Deus-Padre"...(Benze-se) - Ih!... Quase sete horas!

P. JOSÉ - Sete horas !

DITO - Preciso ir andando ...

P. JOSÉ - Precisa sim ...

DITO - (Saindo)- Olha "seu" vigário. Eu acho que eu tenho um recado pro senhor... Alguém me falou qualquer coisa. Não me lembro...

P. JOSÉ (Empurrando-o discretamente)- Depois você se lembra... Até logo ...

DITO - Até logo. (Sai)

(Durante a cena anterior, Teresinha saiu de casa, atravessou a ponte e está esperando perto de uma árvore. Dito saindo da sacristia, vai ao seu encontro).

TERESINHA - Como vai ?...

DITO - Faz tempo que você está aqui ?

TERESINHA - Não. Cheguei agora...Por pouco não venho... A sorte foi que meu irmão não me viu sair.

DITO (Tirando do bolso)- Ah!...Isto aqui é uma oração que "previne" as moças contra irmão bravo. Reza-se três vezes antes de cada refeição e uma vez ante s de tomar banho... Dona Maria das Dores disse que não falha.

TERESINHA - A sua religião tem remédio pra tudo! Pra irmão bravo e pra beijo de namorado.

DITO - Por falar nisso, você trouxe o santo ?...

TERESINHA - Trouxe ...

DITO - Posso então te dar um beijo ?

POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - DEPT.º CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677,P.409

DPF DCDP Fls. N.º 297 Rubrica

DITO - Um só ... Depois você beija o santo ...

TERESINHA - Tenho medo de morrer do coração.

DITO - Não tem perigo...

TERESINHA - Hoje à tarde, só de me lembrar daquele beijo meu co - ração dava pinotes ... Você me deixa tonta ...

DITO - Você ainda não viu nada...(Aproxima-se e beija Teresinha . O beijo é mais longo que o anterior).

Teresinha (Toma fôlego) - Dito !... Você abusou.

DITO - É só dois beijos no santo ...

Teresinha - Com esse santo, você vai longe...

DITO - Só mais um. Palavra que ele não falha. (Beija).

(Dito e Teresinha ficam conversando. O Pastor sai de casa, ron da a praça, e depois cautelosamente bate à porta da sacristia: três batidas compassadas. Padre José diante de São Benedito).

P. JOSÉ - Dai-me forças para engolir as indiretas do senhor Camilo . Eu quero tanto jogar uma partidinha de xadrez ...(Persigna-se e vai abrir a porta).

P. CAMILO - Boa noite, senhor José ...

P. JOSÉ - Boa noite, senhor Camilo... Entre...(O Pastor Camilo entra. Olha com certa curiosidade o ambiente). Não repare, senhor Camilo... A construção da igreja começou em 1931 e até hoje não terminou. A Diocese não tem podido nos dar muita atenção ultimamente. Tenha a bondade, sente-se.

P. CAMILO - Ah ! Eu trouxe para o senhor Vê ! A medalha que ganhei no torneio de xadrez do seminário... Prata pura !

P. JOSÉ - Hum ... Muito bonita !(Animado) Vou lhe mostrar a Minha! (Pega no armário) Um São José de ouro! Dezoito quilates !

P. CAMILO - Ouro ! (Pega a medalha) Saiu da mina ?

P. JOSÉ - Que mina ?

P. CAMILO - O Vaticano é uma mina de ouro !

P. JOSÉ - O Vaticano é uma mina de fé ! (Encaram-se furiosamente).

P. CAMILO - De ouro !

P. JOSÉ - De fé !

P. CAMILO - De ouro !

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.410

DPF DCDP Fls. N.º 298 Rubrica

P. JOSÉ (Olhando para São Benedito) - De ouro e de fé...(O Pastor esboça a resposta) Vamos ao nosso jogo ... Sente-se... Joguei com as brancas...

P. CAMILO - Ah ...Antes que me esqueça: como o senhor deve saber, domingo realizarei o casamento do filho do Coronel...

P. JOSÉ - Sei, sei ...

P, CAMILO - ... e aconteceu um inesperado !

P. JOSÉ (Curioso) - Sim ...

P. CAMILO - Vou precisar da sua ajuda ...

P. JOSÉ - A Edi quer se casar aqui ?!

P. CAMILO - Não... Não é bem isso... O meu órgão está trancado e eu perdi a chave. Se arrombar estragarei todo o móvel...

P. JOSÉ - Compreendo ... O senhor pode contar com meu órgão.

P. CAMILO (Sorri) - Muito obrigado ...

P. JOSÉ - Arranjarei um jeito de mandar levá-lo ...

P. CAMILO - Oh, não se incomode ! Já tenho tudo preparado: Takawa, o japonês e Simão, o judeu, virão buscá-lo amanhã...

P. JOSÉ - Seria bom que guardassem sigilo ...

P. CAMILO - Não se preocupe, os dois são inteiramente afastados das nossas atividades.

P. JOSÉ - Ah sim!...

(O Pastor senta-se para o jogo).

P. JOSÉ - Por falar no casamento ... Quanto o senhor vai cobrar pelo do Alberto ?

P. CAMILO - O Coronel vai fazer uma doação de cinco mil cruzeiros !

P. JOSÉ - O quê ?!

P. CAMILO - Só de flor vai mil !

P. JOSÉ - Mil! O preço que eu cobro para um casamento!

P. CAMILO - É pouco... O senhor pode aumentar à vontade, não há concorrência...

P. JOSÉ - Minha paróquia é pobre ...

P. CAMILO - E está diminuindo, não é ?

P. JOSÉ - Como o senhor sabe ?

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.411

DPF DCDP Fls. N.º 299 Rubrica

P. CAMILO - A minha está aumentando ...(Pausa rápida. O Padre se controla olhando para São Benedito) Saio com o peão do rei! (Alguns lances).

P. JOSÉ - O Coronel Chiquinho vai doar o casarão, para sua igreja?

P. CAMILO - Parece que sim... Depois do casamento...Jogue !

P. JOSÉ - Oh... Simm...(Joga) Que o senhor pretende fazer?

P. CAMILO - Atacar com o cavalo !

P. JOSÉ - Não! Digo, no casarão ...

P. CAMILO - Ah!... Ainda não sei ....

P. JOSÉ - Eu fundaria uma escola!

P. CAMILO - É uma boa idéia ...Jogue !

P. JOSÉ - O senhor vai fundar ?

P. CAMILO - Este ano não será possível! Meus adeptos são ainda poucos... No ano que vem talvez...

P. JOSÉ - (Vitorioso) - Eu ainda tenho muitos adeptos! Poderia fundar duas escolas ... O que me falta é capital !...

P. CAMILO (Jocosamente) - Se Lutero não protestasse, poderíamos / ter a união de elementos e capital... O Coronel sozinho garantiria o capital ...

P. JOSÉ - E se ... (Pausa) Não, bobagem...

P. CAMILO - O quê ?

P. JOSÉ - Nada. Não daria certo.

P. CAMILO - Essa ... União ?

P. JOSÉ - Sim, sim ....

P. CAMILO - Não podemos nem jogar xadrez...

P. JOSÉ - Poderíamos nos antecipar às recomendações do Concílio Ecumênico. Seria um colégio aparentemente materialista, administrado pelas correntes religiosas da cidade ...

P. CAMILO - Criaríamos um ambiente de rivalidade entre os lados...

P. JOSÉ - Tanto melhor! Havendo rivalidade há esforço para a predominância e com isso o aproveitamento será maior! Um atleta, só se supera quando outro o ameaça !

P. CAMILO - Atleta! Poderíamos então, estabelecer disputas e competições esportivas entre eles !

P. JOSÉ - Como não ?!

DEPT.º POLICIA FEDERAL - SR/ES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 412

DPF
DCDP
Fls. N.º 300
Rubrica

P. CAMILO - Futebol !

P. JOSÉ - Natação, xadrez !

P. CAMILO - Poderíamos ter com o tempo dois quadros de futebol: protestante e católico !

P. JOSÉ (Inflamado) - Base cristã para edificação de grandes homens para grandes obras!

P. CAMILO - Grandes jogadores para grandes times !

P. JOSÉ - " Timor Domini principium sapientiae" !

P. CAMILO - " Mens sana in corpore sano ".

(Estão no auge da felicidade. O Pastor voltando à realidade muda de tom).

P. CAMILO - Meus superiores se oporiam...(Breve pausa.O padre estático).

P. JOSÉ - Nem os meus, nem os seus superiores precisariam saber que a escola está firmada nessas bases. Haveria uma junta diretora onde nós "convidados" faríamos parte. Nossos superiores hão de convir que a falta de um de nós representa o fortalecimento do outro...

P. CAMILO - Assim poderá dar certo ...

P. JOSÉ - Primeiro ele cederá ao senhor que nomeará a junta. Depois a junta resolverá me convidar para maior brilho da democracia dessa cidade... Um vinhozinho para comemorar a fundação do melhor colégio do Brasil !...

P. CAMILO (Demagogo) - Antes do vinho uma prece para que tudo dê certo.

(O Pastor afasta-se e reza de pé, num canto. Padre José ajoelhado diante de São Benedito. Terminada as orações, preparam um brinde. Neste meio tempo, na praça, Dito e Teresinha conversam).

TERESINHA - Será que ele atende a gente ?

DITO - Atende sim. Você pode deixar que eu explico ...

TERESINHA - Ih .... Estou tão nervosa...

DITO - Faz "um nome do padre "...(Faz).

TERESINHA - Como é ?

DITO (Passando a mão dela)- "Em nome do Padre, do Filho, do Espírito Santo, Amém"...Beija a mão! (Teresinha beija a mão de Dito) Não, a sua ! (Ela obedece).

TERESINHA - Para quê se fala tudo isso?...Padre, Filho, Santo...

DEP.T.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P113

DPF DCDP Fls. N.º 301 Rubrica

DITO - Não sei ... Só sei que dá certo ...

(O Coronel Chiquinho surge na praça).

DITO - O Coronel Chiquinho! Me esqueci de dar o recado dele pro "seu" vigário! Ele vai até a sacristia !

TERESINHA - Com o Coronel lá, nós não podemos ir ...

DITO - Vamos primeiro até a igreja e depois que o Coronel saiir, nós falamos com o "seu" vigário...(Saem rapidamente).

(O Coronel Chiquinho bate à porta da sacristia no momento que o Padre José e o Pastor Camilo fizeram o brinde. Padre José e Pastor Camilo se assustam. Pânico).

P. CAMILO (Falando baixo) - Quem será ?...

P. JOSÉ (Nervoso) - Não sei ...

(O Coronel torna a bater).

P. JOSÉ (Alto) - Quem é ?

CORONEL - Eu, Padre José !

P. JOSÉ - Eu quem ?!

CORONEL - Coronel Chiquinho !

P. CAMILO - Santo Deus !

P. JOSÉ - Meu São Benedito! (Alto) Um momento Coronel !

P. CAMILO - E agora ?

P. JOSÉ - Agora ...

P. CAMILO - Vamos enfrentá-lo !

P. JOSÉ - Ele acaba com a nossa escola !

P. CAMILO - Que importa !

P. JOSÉ - Ele vira ateu e nos manda às favas !

P. CAMILO - Que fazer ?...

P. JOSÉ - Saia pela outra porta !

P. CAMILO - No altar ?

P. JOSÉ - É ...

P. CAMILO - No altar, não ...

P. JOSÉ - Santo Deus! Deixe de preconceitos! Vá !

P. CAMILO - Não. No altar, não ...

P. JOSÉ - Não é hora para isso... Venha ...

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 414

DPF DCDP Fls. N.º 302 Rubrica

(Padre José abre a porta do altar. Faz sinal, chamando o Pastor Camilo).

CORONEL - O senhor vai abrir ?!

P. JOSÉ - Um momento, Coronel! Estou me vestindo! (Baixo) Vá senhor Camilo !

(Pastor Camilo abre a porta do altar).

P. CAMILO - Meu Deus ! Olha quem está na igreja !

P. JOSÉ (Olhando) - O Dito !

P. CAMILO - Com minha irmã ! (Fecha a porta).

P. JOSÉ - Minha Nossa Senhora! Que faço?(Anda de um lado para outro desesperado. Pára diante da imagem de São Benedito). Iluminai-me meu santo compadre ! (Olha para a imagem coberta !) Já sei ! (Abre o guarda-roupa).

P. CAMILO - Não ! ...

(Padre José pega um pano roxo grande ao armário, Estende-o, segurando pelas pontas como toureiro).

P. CAMILO - Como santo ?

P. JOSÉ - Como santo !

P. CAMILO (Recuando) - Isto, nunca !

P. JOSÉ - Não há outra saída !

CORONEL - Padre José, aconteceu alguma coisa ?

P. JOSÉ - Já vou ! ...

(O Padre joga o pano sobre o Pastor que a início se debate. Leva-o assim coberto até o nicho vazio).

P. JOSÉ - Sobe aí ...(O Pastor obedece). Cruze as mãos na barriga!

(Padre José abre a porta. O Coronel entra).

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES CENSURA FEDERAL

CORONEL - Com licença, Padre José...

P. JOSÉ - Coronel Chiquinho...(Nervoso) Entre...

CORONEL - Estava praticando seu joguinho ?

P. JOSÉ - É ... Sente-se Coronel ...

CORONEL - Não, obrigado padre. Estou de passagem e com pressa. Temos uma reunião no partido marcado para as sete horas. Já estou atrasado ...

P. JOSÉ - Ah !...Sim... A campanha vai bem ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.415

DPF DCDP Fls. N.303 Rubrica

CORONEL - De vento em popa ! Devo ganhar por mais de quinhentos votos de diferença... E digo mais: serei aloito pelos católicos! É claro ... Se fosse depender do voto dos protestantes estava / perdido...

P. JOSÉ - Sei ... Mas ... Sente-se um puquinho...

CORONEL - Outro dia, Padre José ... Vim aqui apenas para convidar oficialmente o senhor, para o casamento do meu filho no domingo...

P. JOSÉ - Ah ! ... Sim ...

CORONEL - Sua presença na festa é indispensável. Ainda mais o senhor que viu o Alberto nascer, que o batizou e o comungou pela / primeira vez...

P. JOSÉ - Primeira e única ...

CORONEL - Coisas que acontecem, Padre José! Mas Deus é testemunha de que contra o senhor eu nunca tive nada !

P. JOSÉ - Bem sei, Coronel ...

CORONEL - Minha briga foi totalmente com o Bispo !

P. JOSÉ - Águas passadas ... Assim determinou a vontade de Deus...

CORONEL - E determinou também que eu me convertesse ao protestantismo. Enquanto D.Arlindo for Bispo nesta vida, eu não porei os pés na igreja ! (Aponta a porta do altar). Bem que eu gostaria que meu filho se casasse aqui. Uma igreja muito mais bonita, mais suntuosa, mais própria para a cerimônia... Mas por causa de D. Arlindo, friso bem, por causa de D. Arlindo, ele vai se casar na igrejinha dos protestantes mesmo ...

POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - DEPT.o CENSURA FEDERAL

P. JOSÉ - Só espero que ele seja feliz ...

CORONEL - Eu mesmo confesso, Padre José : tenho saudades da igreja e de quando puxava a Ave-Maria na Procissão...(Admira o ambiente) Eu ajudei a construir tudo isso! Sabe, Padre, cá entre nós ... De vez em quando, as coisas se apertam e eu rezo para São Benedito. Me lembro do senhor, rezo e as coisas dão certo ...

P. JOSÉ - Meu santo compadre não falha, Coronel ...

CORONEL - Até quando vou ao culto protestante, faço minhas orações como o senhor me ensinou...Acho que elas valem mais...Aquelas do Pastor Camilo são meio fracotas...Nada como o terço e a novena da Virgem Santíssima! Olha só...(Exibe) Ainda levo a medalha de Santa Madalena comigo. Não levo no pescoço porque não quero que o Pastor Camilo fique sabendo...Coitado ele é um santo ...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.416

DPF
DCDP
Fls. Nº 304
Rubrica

P. JOSÉ (Intencional) - Êum santo sim ...

CORONEL - Mais nessas coisas de religião ele é meio "tapado"...

P. JOSÉ (Disfarçando) - Bem dotado, sim ...

CORONEL - Bem, vou andando... O pessoal já está me esperando.

P. JOSÉ (Incentivando a saída do Coronel) - Apareça, Coronel...

CORONEL - Espero o senhor no domingo, lá em casa! Na igreja sei que não vai mesmo...Mas está certo ... Dois bicudos não se beijam...

P. JOSÉ - Pois é ...

CORONEL (Saindo) - Ainda conto com o seu voto !

P. JOSÉ (Sorrindo) - Vamos ver ...

CORONEL - Até domingo, Padre José! Se me dá licença...(Beija a mão do Padre José) Esta mão me dá sorte! (Sai).

P. JOSÉ - Até domingo !

(O Pastor Camilo começa a descobrir-se. Dito e Teresinha entram. O Pastor se ajeita novamente).

DITO - Seu vigário !

P. JOSÉ - DITO !

TERESINHA - Boa noite, seu vigário ...

P. JOSÉ - Bo-boa noite...

DITO - Esta é Teresinha, uma amiga...

TERESINHA (Desapontada) - Amiga ?!

DITO (Tímido) - Namorada ... (O Pastor reage).

P. JOSÉ - Namorada... Bem ...(Estende a mão ao alcance de Teresinha) Deus a abençoe.

(Pausa rápida. Estáticos: o padre com a mão estendida).

DITO - Beija a mão !

TERESINHA (Beija a própria mão) - Pronto ...

DITO - Não! A mão do seu vigário!(Teresinha hesita, depois beija) É costume, Teresinha...(Para o Padre). Ela não sabia seu vigário... É que ela é protestante...

P. JOSÉ - Protestante ?

DITO (Medroso) - Sim senhor ...

TERESINHA - Há algum mal nisso, senhor Padre ?

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 417

DPF DCDP Fls. N.º 305 Rubrica

P. JOSÉ - Não... Não ...

DITO - Ela é irmã do senhor Camilo, o Pastor ...

P. JOSÉ - Sei...Sei...(Embaraça-se). Sente-se, Dito... Sente-se, Teresinha...(Tira o chapéu do Pastor Camilo que estava sobre uma cadeira e esconde-o. Dito e Teresinha sentam-se). Vamos conversar... (Pigarreia, procura assunto).

TERESINHA - Onde está a imagem de São Benedito, seu padrinho ?

DITO - Debaixo desse pano roxo, como os outros. Na Quaresma é costume... A gente só descobre no Sábado de Aleluia...(Fixando o Pastor Camilo) Uai... Que santo é esse, "seu" vigário ?

P. JOSÉ - Ah ? ... Ah sim! Um santo que chegou agorinha pouco...

DITO - Baita santão ! Que santo é ?

P. JOSÉ - São... São... São...

TERESINHA - São Sansão ?

P. JOSÉ - Não! São Francisco !

DITO - Xavier

P. JOSÉ - Assis ...

TERESINHA - São Francisco de Assis! (Aproxima-se) Já ouvi falar muito dele... Gostaria de ver como ele é !

DITO - Pode levantar o pano, seu vigário ?

P. JOSÉ - Não ! É pecado !

TERESINHA - Deve ser uma perfeição! Tudo aqui me deslumbra... os vidros coloridos da ~~XXXXX~~ janela, a pia de batizar, os ouros das paredes, os "veleiros" de vela, os anjos! Tem um parecidíssimo com o Dito !

DITO - É aquele do altar de Nossa Senhora, seu vigário. Ela cismou que sou eu !

TERESINHA - Nossa Senhora eu conheço da procissão do ano passado! O Camilo ficou sabendo que eu assisti e foi um "tempo quente".

P. JOSÉ - Ele achou ruim, é ?...

DITO - Tudo ele acha ruim, seu vigário! Só vendo que homem implicante !

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, p. 418

DPF DCDP Fls. N.º 306 Rubrica

TERESINHA - Ele tem algumas qualidades: como bem, dorme bem e anda muito bem vestido. Uma sujeirinha de nada na roupa, ele acha ruim. E sou eu que limpo !

DITO - Ele não se ajoelha quando reza, para não sujar a calça...

P. JOSÉ - Ora Dito, que bobagem... É você, Teresinha, precisa contar a ele que anda saindo com o Dito...

TERESINHA - Ele me expulsa de casa! Ele não é compreensivo como o senhor...

P. JOSÉ - Apesar disso, ele precisa saber ...

DITO - Será que não dava pro senhor falar com ele ?

P. JOSÉ - Eu ? ...

TERESINHA - Acho melhor não arriscar. Muitas vezes ele critica o seu vigário...

P. JOSÉ - Critica é ?...(Olha para o Pastor Camilo) Que tipo de crítica ?

DITO - Ele acha ruim do alto-falante da quermesse !

P. JOSÉ - Ora essa! É porque ele não vai !

TERESINHA - Quem me dera que ele fosse !

DITO - Ele passa o dia inteiro metido dentro daquele clube dele !

TERESINHA - Que clube ?

DITO - O seu vigário disse que a igreja de vocês parece clube de reunião...

P. JOSÉ - DIto !

DITO - ... reunião do Partido do Coronel Chiquinho ...

P. JOSÉ - Eu disse .... Religião do Partido ...

DITO - Não senhor, reunião do partido mesmo... Até falou que o Pastor Camilo protegia os comunistas !

(O Pastor Camilo tem ímpetos de se descobrir).

P. JOSÉ - Dito !

TERESINHA - Tirando os defeitos ele não é uma pessoa má...

DITO - Você é uma moça muito bondosa...Eu até gostaria de me casar com você ...

TERESINHA(Animada) - Casar comigo?...Não brinque, Dito...Meu coração é fraco...

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 419

DPF DCDP Fls. N.º 307 Rubrica

DITO - É sério...Nem que seja para casar nas duas igrejas!

P. JOSÉ - Você se casaria lá ?

DITO - Não. Eu iria lá só para constar... Eu sei que o senhor não vai gostar, mas... O Deus não é o mesmo ?

P.JosÉ - Bem, que é, é ...

DITO - Então dá na mesma...O principal é a gente agradar Deus. Os santos não são muito importantes...

P. JOSÉ - Quem lhe disse isso ?

TERESINHA - Fui eu !

DITO - Quando ela reza, passa por cima dos santos e reza direto a Deus. Por que a gente não faz o mesmo? Acho que assim a oração chega mais depressa....

TERESINHA - Ah!... Mas rezar pra santo é tão bonito! Até gostaria de rezar ajoelhada diante de uma imagem bonita!

DITO - Você quer rezar comigo ?

TERESINHA - Eu não sei suas rezas !

DITO - Eu te ensino (Arrasta o genuflexório para perto do Pastor) Ajoelhe aqui... Vamos rezar para São Francisco !

P. JOSÉ - Não !

DITO - Por quê ?

P. JOSÉ - Porque... Ainda não está bento !

DITO - Ah, então pode tirar o pano para ela ver !

P. JOSÉ (Segurando Dito) - Não !...

DITO - Se não está bento, pode !

P. JOSÉ - Você não entende nada de liturgia!

TERESINHA - Que quer dizer bento?

DITO - É um negócio que o Padre faz para o santo ficar valendo.

TERESINHA - Então " benta " ele, agora...

P. JOSÉ - Agora não... Só amanhã na missa!

TERESINHA - Eu nunca vi a missa! (Para Dito) Queria te ver com a tal saia vermelha.

DITO (Mostrando) - É esta !

TERESINHA - Que renda bonita! Veste para eu ver !

(Dito se veste).

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 420

DPF DCDP Fls. N.º 308 Rubrica

TERESINHA (Rindo) - Tal e qual a roupa que minha avó usava !

DITO - Está vendo, seu vigário? Esta roupa é minha diferença!

TERESINHA(Remendando)- Em você fica um amor... Você fica nobre, másculo !

DITO (Animado) - Eu pego o missal nesta mão ...(Pega-o) A campainha nesta ...(pega-a) E... Você quer ver ?

TERESINHA - Quero !

DITO - Então, faz de conta que o "santão" é um santo lá do altar. No começo entro eu e o Padre. O Padre na frente e eu atrás.(Aponta o genuflexório) Ajoelha aqui!(Teresinha ajoelha).

P. JOSÉ - Já disse. Isto é pecado !

DITO - Ora seu vigário...Nós não vamos rezar...Me ajude a mostrar como é ... Só o começinho do "Introíto"...

P. JOSÉ - Não... Não...

DITO- Quando eu entrar, você se levanta. Quando eu tocar o sino, você ajoelha. (Prepara-se e entra. Teresinha levanta-se) O "seu" vigário vai na frente. Ele diz:(Emposta a voz) "In nomine Patris et filii, et Spiritus Sancti. Amém. Introibo ad altare Dei". Eu respondo:(Diz normalmente) "Ad Deus qui laetificat juventutem meam". Depois quando chega no "Prefácio", ele fala: (Emposta a voz) "Per omnia saecula saeculorum". E eu: " Amém, e o seu vigário: "Dominus Vobiscum". E eu respondo: " Et cum spiritu tuo". (Toca a campainha. Silencio. Teresinha ajoelha. Também Dito. Ambiente formado para):

PASTOR (Sob o pano, com voz mística) - "Vossas corações seguem crenças diferentes. Não podem se juntar !"

DITO - MI-LA-GRE !

(Dito e Teresinha abraçam-se tremendo)

P. CAMILO - " Teresinha, vá para sua casa e siga os ensinamentos de seu irmão. Ele é o melhor irmão do mundo, e muito compreensivo. Esqueça Dito para sempre ".

(Pausa longa. Padre José se refaz da situação).

P. JOSÉ - DITO ?!

(PAUSA)

P. JOSÉ - Dito ?!

DITO - Hein ?!

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.421

DPF DCDP Fls. N.º 309 Rubrica

P. JOSÉ - Leve Teresinha daqui!

DITO - Hein ?!

P. JOSÉ - LEVE Teresinha para casa !

DITO - O senhor escutou?...

P. JOSÉ - Escutei...

DITO - Mila-mila-milagre !

DITO - A-cende u-ma ve-la ! (Levanta-se) MILAGRE ! MILAGRE ! (Começa a zanzar pela sacristia).

P. JOSÉ - Dito ! Pare com isso !

DITO - MILAGRE ! MILAGRE !

(Dito abre a porta da sacristia).

P. JOSÉ - Dito ! Onde vai ?!

DITO - TOCÁ o sino !

(Dito sai correndo para a praça).

P. JOSÉ - Dito, meu Deus !(Vai até à porta. Volta para atender Teresinha que começa a chorar).

DITO (Na praça) - MILAGRE ! MILAGRE !

(Afluência de pessoas ao local).

1º FIEL - Que foi ?

DITO - = MILAGRE !

2º FIEL - Onde ?

DITO - MILAGRE NA SACRISTIA !

1º FIEL - MILAGRE NA SACRISTIA !

(Várias pessoas começam a chegar).

2º FIEL - MILAGRE NA SACRISTIA !

DITO - MILAGREEEE !!! (Sai correndo)

(Confusão de vozes que gritam: MILAGRE NA SACRISTIA... O sino começa a tocar. Entram pessoas de todos os lados. Alvoroço. Invadem a sacristia. Padre José desesperado num canto, com Teresinha. Confusão geral. O sino continua tocando).

FIM DO PRIMEIRO ATO

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 422

DPF DCDP Fls. N.º 310 Rubrica

SEGUNDO ATO

Quadro único - Sexta-feira pela manhã

Madrugada do dia seguinte. JUCA-PROTESTANTE acaba de se instalar na ponte e joga o anzol. Em primeiro plano, vindos da direita, aparecem SIMÃO-JUDEU e TAKAWA-JAPONÊS, carregando o órgão coberto por um pano. PADRE JOSÉ aparece na sacristia com um bilhete na mão. Abre a porta no momento em que os carregadores passam.

P. JOSÉ - Entregues também esse bilhete !

(Takawa pega-o. Os carregadores dirigem-se à ponte e a atravessam).

JUCA - Bom dia, seu Simão! Bom dia seu Takawa!

(Simão e Takawa acenam com a cabeça e chegam à casa do Pastor Camilo. Batem à porta. Na sacristia, o Padre José anda aflito de um lado para outro).

P. JOSÉ (Para o santo)- Bom dia, meu "santo compadre"... Quero falar com o senhor Camilo e o Juca-Prostestante está pescando justo na ponte. Preciso muito de vosso auxílio. Vou enfrentar o sentinela !

(Com certa preocupação, sai da sacristia e chega à ponte).

P. JOSÉ - Bom dia, senhor ...Juca !

JUCA - Padre José ! Tão cedo ! Bom dia !...

P. JOSÉ - Pescando... Hein ?...

JUCA - É... Um pouquinho...

P. JOSÉ - Logo cedo ...

JUCA - Pr'o almoço... A patroa convidou o compadre pra comer em casa, justo hoje, Sexta-feira da Paixão, que ela mais o compadre não come carne ...

P. JOSÉ - Já pegou algum ?

JUCA - Que o quê... Cheguei agora...

P. JOSÉ - Ontem fiquei mais de hora e meia, com vara em punho e ... Não peguei nada.

JUCA - Nada ?!...

P. JOSÉ - Nada, nada... Aliás, nessa época do ano, não se pega peixe por aqui...

JUCA - Uai, seu Padre, dessa eu não sabia...

P. JOSÉ - O melhor é rio acima, perto da cabana do finado [illegible] gueiro ...

JUCA - Aquele que morreu afogado ?

P. JOSÉ - É ...

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SNIES - CENSURA FEDERAL 1970

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 423

DPF DCDP Fls. N.º 311 Rubrica

P. JOSÉ - Lá é jogar minhoca e recolher peixe !

JUCA - Curioso... Os peixes que passam lá, não passam depois por aqui?

P. JOSÉ - Passam ...

JUCA - Então deve dar na mesma ...

P. JOSÉ - Isto eu não entendo... A natureza às vezes faz das duas . Só sei que lá pega, e aqui não...

JUCA - Então, vou pra lá...(Recolhe o anzol)- Se a pesca for boa eu mando alguns p'ro senhor ...

(Juca desce a ponte. Padre José começa a atravessá-la. Juca reaparece).

JUCA - "Seu" Vigário ?!

P. JOSÉ - Hein ?!

JUCA - Ontem de noite escutei um reboliço na praça, os sinos tocaram ... Depois eu escutei uma correria em frente da casa... Que aconteceu?

P. JOSÉ - É que ...

JUCA - Meu filho chegou em casa dizendo que tinha sido milagre na sacristia... Eu estava meio dormindo, mas ouvi ele contar pra mulher...

P. JOSÉ - Hoje, às oito horas, eu vou esclarecer o acontecimento. Apareça lá !

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES CENSURA FEDERAL

JUCA - Na igreja ?

P. JOSÉ - É ...

JUCA - Não é por nada não, seu vigário, mas cada um da gente tem uma idéia diferente de religião. O senhor sabe: eu sou protestante e o Pastor pode não gostar se eu... Bem... Minha mulher ainda é de lá da sua igreja... Depois eu me inteiro da história com ela...(Vai saindo) Té logo...

P. JOSÉ - Até logo ... (Juca sai).

(Padre José chega à casa do Pastor e este já o espera na porta).

P. CAMILO (Secamente) - Entre ...

P. JOSÉ -(Entrando) - Com licença, senhor Camilo.

P. Camilo -(Mostrando o bilhete)- Que é que o senhor acha que eu ainda possa fazer ?

P. JOSÉ - Não sei, senhor Camilo, mas eu não posso continuar sozinho nessa situação !

P. CAMILO - Continuar ? Não podemos continuar !

P. JOSÉ - Que fazer, então? Contar a verdade a todo mundo ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 424

DPF
DCDP
Fls. N.º 312
Rubrica

P. CAMILO - Seria o fim de nossa carreira! Temos que colocar panos quentes na situação. O senhor não deve incentivar seus crentes a homenagear o tal santo milagroso como fez ontem !

P. JOSÉ - Mas como ? A igreja ficou coalhada de gente ! Não será fácil de uma hora para outra, tirar da cabeça de toda aquela gente que o santo não existe... O senhor precisava ver ! No momento em que o benzi ...

P. CAMILO - Me benzeu ?!

P. JOSÉ - Com água benta !

P. CAMILO - Aqueles pinguinhos de água? Eu pensei que fosse uma goteira ou cano vazando ...

P. JOSÉ - Sou padre há trinta anos. Nunca vi tanto júbilo de fé como ontem à noite. Todos estavam quietos, elevados a Deus, na esperança de que São Francisco Xavier, quero dizer, Assis, resolvesse seus problemas, curasse seus males...

P. CAMILO - O senhor acha que tem valor aquela demonstração de fé ?

P. JOSÉ - Ninguém sabia que o santo era o senhor...

P. CAMILO - Padre José, não se esqueça de que o senhor é um ministro de Deus!

P. JOSÉ - Esse milagre é a minha oportunidade de dar a Deus mais de mil devotos conscientes e convictos !

P. CAMILO - Mas isto é uma farsa. É mais um sacrilégio !

P; JOSÉ (Clássico)- Os meios não importam quando o fim é para o bem!

(Num canto da praça, o Mascate arruma sua barraquinha).

P. CAMILO - Eu acho que o senhor não está passando bem ...O senhor dormiu essa noite ?

P. JOSÉ - Dormi, dormi e vi em sonhos a nossa escola cheia de crianças felizes e saudáveis, aprendendo o " ABC " da fé ...

POLÍCIA FEDERAL - SR/ES
DEPT.º
CENSURA FEDERAL

P. CAMILO - QUe escola ?

P. JOSÉ - Nossa escola !

P. CAMILO - Minha, não !

P. JOSÉ - Mas, senhor Camilo...Nós havíamos combinado tudo: o time de futebol, os jogos entre eles...

P. CAMILO - Agora é diferente. Nossa união tornou-se impossível! Eu não posso cooperar com essa sua idéia de incentivar a fé por meio de uma farsa...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, p. 425

DPF
DCDP
Fls. N.º 313
Rubrica

P. JOSÉ - O senhor entrará apenas com o casarão que o senhor Chiquinho vai doar ! Dinheiro eu arranjarei !

P. CAMILO - Arranjará onde ?

P. JOSÉ - Ontem, na coleta, as esmolas renderam mais de cinco mil cruzeiros ! Duas vezes mais que o mês passado inteirinho, num só dia!

P. CAMILO - O senhor está comerciando com a fé.

P. JOSÉ - Estou comerciando para o bem geral. Apoiado no santo milagroso eu vou longe, senhor Camilo !

P. CAMILO - Mas os meios ...

P. JOSÉ - Importam os fins... Os santos não chegaram a santos de rezar o dia todo ! Eles realizaram obras e foram salvos por essas obras!

P. CAMILO - Pela fé! Está no "Livro Sagrado"! Pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. "Não vem das obras, para que ninguém se vanglorie". Efésios, capítulo dois, versículos oito e nove !

P. JOSÉ - " O filho do Homem há de vir na glória de seu Pai com os anjos. e então dará a cada um a paga segundo as suas obras". Mateus, capítulo dezesseis, versículo vinte e sete! Do mesmo livro!

POLÍCIA FEDERAL - SR/ES
DEPT.º
CENSURA FEDERAL

P. CAMILO - É uma questão de interpretação...

P. JOSÉ - É uma questão de confusão !

P. CAMILO - Cristo, tende piedade de uma alma que se pe[illegible]

P. JOSÉ - E o senhor precisa se perder comigo! Com o casarão nós realizaremos a maior obra da cidade !

P. CAMILO - Não daria certo... Numa escola organizada por mim e pelo senhor, poderia se repetir entre os alunos, o namoro impossível de Teresinha e Dito.

P. JOSÉ - Impossível ? Senhor Camilo, eles se amam !

P. CAMILO - Eu criei Teresinha dentro da minha igreja, incutindo nela o espírito de minha doutrina, para depois um rapazinho qualquer, um sacristão católico, levá-la e convertê-la às suas idéias. Isto é que não !

P. JOSÉ - É um grave erro. Cada um de nós deve seguir o caminho que quizer!

P. CAMILO (Cansado) - Prefiro não discutir, neste momento.

P. JOSÉ - Então cheguemos a uma conclusão. O senhor vai me ajudar ?

P. CAMILO - Bancando o santo de porcelana ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.426

DPF
DCDP
Fls. N.º 314
Rubrica

P. JOSÉ - Apenas hoje! Amanhã, Sábado de Aleluia, os santos devem ser descobertos. Até amanhã providenciarei a compra de uma imagem que tenha o seu manequim.

P. CAMILO - Manequim ...

P. JOSÉ - Pelo menos que regule com o seu tamanho.

P. CAMILO - Manequim ? (Pausa) Isto mesmo !

P. JOSÉ - Que foi ?

P. CAMILO - Tenho um manequim de alfaiate. Ele resolverá o proble - ma !! Tem o meu tamanho !

P. JOSÉ - Será o santo ?

P. CAMILO - Me substituirá com vantagens. Pelo menos não ficará res- friado e com torcicolo...

P. JOSÉ - E onde está ?

P. CAMILO - No forro, junto às bugigangas que guardo.

P. JOSÉ - Ótimo ! Ótimo! Por que não lembrou disso antes ?

P. CAMILO - Vou buscá-lo; espere um instante.

(Pastor Camilo sai. Padre José tranca a porta cuidadosamente. Na praça aparece o Jornalista: roupa velha, chapéu e u'a má - quina fotográfica com "flash". Aproxima-se do Mascate).

POLÍCIA FEDERAL - SR/ES
DEPT.º
CENSURA FEDERAL

JORNALISTA- Bom dia...

MASCATE (Eloqüente) - Bom dia, freguês! Aliás, um belo dia! Que deseja? A imagem miniatura de São Francisco milagroso? (Levanta-o) Saiu agora do forno ! Novinha em folha! Cheirando tinta ! Vai levar?

JORNALISTA - Eu ...

MASCATE - Leve também algumas velas; pequenas, médias e grandes, pa- ra promessas pequenas, médias e grandes.

JORNALISTA - Não, obrigado... Foi nesta igreja ~~XXXXXXX~~ que ontem...

MASCATE - Foi ... O senhor não esteve na igreja ontem à noite ?

JORNALISTA - Estou chegando agora. Vim de São Paulo. Sou jornalista.

MASCATE - O santo falou língua de gente, não de missa... Tem gente que viu até o santo se mexer ...

JORNALISTA (Escrevendo) - O que mais ?

MASCATE - Diz que o Padre "tava" tão nervoso que na hora da benza - ção do santo esparramou água pra todos os lados !

JORNALISTA - É natural ...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.427

DPF
DCDP
Fls. N.º 315
Rubrica

MASCATE - Padre José é muito bom ... Dizem por aí, também, que ele conversa com São Benedito e o santo responde. O povo antes pensava que era caduquice, agora acredita ...

JORNALISTA - Que horas ele vem pra cá ?

MASCATE - Antes das sete ele abre a igreja ...

JORNALISTA - Será que ele me atende para umas fotografias?

MASCATE - Ah atende sim ! ... Ele é louco por retratos! Tudo quanto é batizado e casamento ele faz questão de sair... Ah! Por falar em retratos, o senhor me iluminou uma idéia na cabeça !

JORNALISTA - Que idéia ?

MASCATE - Isto aqui abre, e dentro a gente pode por um retrato. O senhor tira o retrato do Padre José ao lado de São Francisco e a gente vende pro povo da cidade ! Pode dar um dinheirão !

JORNALISTA - E a gente racha o lucro ?

MASCATE - Racha no meio ! Um brochinho desses custa pra mim sete cruzeiros... Os retratinhos, uns cem, pequeninos, revelados no Italiano, vai ficar nuns três cruzeiros cada um ...

JORNALISTA - Total dez cruzeiros.

MASCATE - A gente vende por ... Sessenta cruzeiros! Tem um lucro de cinquenta ! Vinte e cinco pra cada !

JORNALISTA - Negócio feito !

MASCATE - Abençoado São Francisco !

JORNALISTA (Pegando a imagem) - É este ?

MASCATE - A dizer bem a verdade, eu nem sei ... Só sei que vou vender como sendo ...

DEPT.º PUBLICAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

JORNALISTA - Como assim ?

MASCATE - Ninguém ainda viu a cara XXXXXXX da imagem... E tá coberta de roxo... O Zé-Oleiro, que me moldou essa imagem de madrugada, é ateu e não conhece São Francisco ...(Aproxima-se e fala baixo) A forma é de Santo Antônio, só que ele pintou uma barba ...

JORNALISTA - E São Francisco tem barba ?

MASCATE - Deve de ter ... De cada dez santos, nove usam barba...

JORNALISTA - E vai vender de monte, hein ?

MASCATE - Pois é ... Acha que eu podia esperar amanhã pra ver o tal santo ? Perdia um dia de trabalho ...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P. 428

DPF
DCDP
Fls. Nº 316
Rubrica

MASCATE - É o Sábado de Aleluia que o Padre tira os pano-roxo...

JORNALISTA - Ah, sim !...(Olhando a imagem) Se for muito diferente é bom o senhor pegar a estrada ...

MASCATE - A mulher e os filhos já estão de trouxa pronta... Até / amanhã, ao meio-dia, já tô rico... Cuide aqui do mascate que vou buscar os brochinhos que estão com minha mulher. (Sai. Em sua casa, Pastor Camilo entra carregando um manequim sorridente).

P. CAMILO - Aqui está ! (Coloca o manequim de pé) Da minha altura. A única desvantagem dele é que eu sou bento e ele não...

P. JOSÉ - Deus me perdoe, mas é questão de um só dia. Para amanhã eu vou encomendar um São Francisco na Capital... O senhor poderia fazer isso para mim ...

P. CAMILO - Eu ?

P. JOSÉ - Se eu fizer a compra, todo mundo descobrirá.

P. CAMILO - Mas, justo eu ?

P. JOSÉ - O senhor não precisa dizer seu nome. Dê apenas o endereço.

P. CAMILO - Um São Francisco do meu tamanho... Será que tem ?

P. JOSÉ - Se não tiver... Oh, meu São Benedito, deve ter... Tem que ter. (Abraça o manequim) Vamos Francisco !

P. CAMILO - Deixe que eu mando o Takawa e Simão levar o Francisco...

P. JOSÉ - Bem ... É mais seguro. Até qualquer momento...

P. CAMILO - Se precisar de alguma coisa ...

P. JOSÉ - Acho que vou precisar ...

P. CAMILO - Mande me chamar.

P. JOSÉ - Como ?

P. CAMILO - Se o Takawa e o Simão não estiverem por perto, toque o sino !

P. JOSÉ - Tocar o sino ?

P. CAMILO - Três toques compassados: dém, dém, dém !

P. JOSÉ - Ótimo ! Muito obrigado ! Até logo... (Vai saindo).

P. CAMILO - Assis ou Xavier ?

P. JOSÉ - O que ?

P. CAMILO - O Francisco ...

P. JOSÉ - Assis !

P. CAMILO - Mas é bem até logo.

POLÍCIA FEDERAL - DEPT.º - SR/5 - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 429

DPF DCDP Fls. N.º 317 Rubrica

(Padre José sai, Pastor Camilo deixa a sala. Padre José com muita cautela chega à ~~XXXX~~ ponte. Entra o Mascate com os broches).

MASCATE - Lá está o santo Padre !

JORNALISTA - Sozinho ! Que maravilha ! (Corre para a ponte) Bom dia, santo Padre ! Peço a bênçâo !(Beija a mão do Padre).

P. JOSÉ - Deus te abençoe ...

JORNALISTA - Posso tirar uma fotografia ?

P. JOSÉ - Fotografia de mim ?

JORNALISTA - Sim senhor ...

P. JOSÉ - Pois não ...(Prepara uma pose na ponte. Sorri).

JORNALISTA - Por favor Padre, não sorria ...

P. JOSÉ - Por quê ?

JORNALISTA - Olhe para aquela nuvem, como se estivesse vendo um bailado de anjinhos !

P. JOSÈ - Anjinhos !

JORNALISTA - É para o jornal !

P. JOSÉ - Jornal ?!

JORNALISTA - Uma reportagem sobre o santo evento de ontem !

P. JOSÉ - Oh, não (Sai da posição descendo a ponte. O Jornalista atrás).

JORNALISTA - Divulgação do grande acontecimento !

P. JOSÉ - N ão ! N ada disso ! ...(Dirige-se à igreja).

JORNALISTA (Atrás) - Uma foto apenas, ao lado da imagem milagrosa !

P. JOSÉ (Pára na porta da sacristia) - Não... Não posso atendê-lo...

JORNALISTA - Deixe de modéstia, santo padre ! Suas relações com Deus devem ser divulgadas. Seus superiores se orgulharão do senhor.

P. JOSÉ - Meus superiores ? ...

JORNALISTA - O Bispo, o Arcebispo, o Cardeal !

P. JOSÉ - O Bispo ... Oh ! (Abre a porta) Com licença...

JORNALISTA (Tentando entrar) - Uma só !

P. JOSÉ - Por favor ... (Fecha aporta e passa a chave. Suspira encostado à porta) - Uff ...

(Em sua casa, Pastor Camilo volta à sala com Takawa e Simão)

P. CAMILO - Vocês vão levar esse manequim até a sacristia da igreja

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P430

DPF DCDP Fls. N.º 518 Rubrica

TAKAWA - Vai coberto, como o órgão ?

P. CAMILO - Vai ... (Cobre-o).

SIMÃO - O senhor é sabido, hein ? Troca boa, senhor Camilo ! O órgão vale muito mais !

(Simão e Takawa carregam o manequim como se fosse uma pessoa numa rede. Saem da casa do Pastor, atravessam a ponte e chegam à sacristia. O Jornalista aproxima-se " farejando ").

JORNALISTA - Está muito doente ?

TAKAWA - Quem ?

JORNALISTA - Trouxe para o Padre benzer ?

SIMÃO - Vamos ! (Saem de perto do Jornalista).

JORNALISTA - Esperem ! (Bate à porta com estardalhaço) Senhor Padre ! Abra a porta ! É urgente !

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES CENSURA FEDERAL

P. JOSÉ - Não insista, rapaz !

JORNALISTA = Tem um homem morrendo !

P. JOSÉ - Morrendo ?!

JORNALISTA - Precisa sua bênção !

(O Padre abre a porta. O Jornalista se afasta, toma posição e bate uma foto, no momento em que o Padre recolhe os dois carregadores com o manequim. O Jornalista corre para a porta, mas esta lhe bate na cara).

JORNALISTA (Dirige-se ao Mascate) Tirei a fotografia !

MASCATE - Do Padre e do santo ?

JORNALISTA - Do Padre recolhendo dois fiéis carregando um moribundo!

MASCATE - Não serve para a medalha ! Precisa ser do Padre e do santo!

JORNALISTA - Mas serve para a edição de amanhã do meu jornal ! Ontem de tem um telefone por aqui ?

MASCATE - Só na Companhia Telefônica ! (Indica) - Por esta rua abaixo !

JORNALISTA - Vou já avisar o chefe ! (Sai correndo).

(Padre José olha cuidadosamente pela porta).

P. JOSÉ - Podem ir. Não digam nada a ninguém !

SIMÃO (Estendendo a mão) - Serviço extra, seu José...

P. JOSÉ - Ah, sim ... (Dá o dinheiro).

(Os dois carregadores deixam a sacristia. Padre José coloca o manequim no nicho e cobre-o com o sudário roxo. Coronel Chiquinho entra na sacristia).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 431

DPF DCDP Fls. N.º 319 Rubrica

CORONEL - Padre José !

P. JOSÉ (A ssusta-se) - Coronel ...

CORONEL - Beijo suas santas e abençoadas mãos, contrito! (Beija)

P. JOSÉ - Coronel ... Eu ...

CORONEL - A razão tarda, mas não falta ! Eis-me de volta ao lar de Deus !

P. JOSÉ - O senhor ?!

CORONEL - Padre José: analisei profundamente as minhas relações com Deus e percebi que estava no caminho errado... Esta é a verdadeira casa de Cristo !

P. JOSÉ - Oh, senhor Coronel... Sente-se ...(Puxa a cadeira).

CORONEL - N ão antes de orar profundamente diante da milagrosa imagem de São Francisco Xavier ...

P. JOSÉ - Assis ...

(O Coronel ajoelha-se diante do manequim).

POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - DEP.T.º - CENSURA FEDERAL

P. JOSÉ - Coronel ! Um momento !

CORONEL - O que ?

P. JOSÉ - Não reze ainda ...

CORONEL - Por quê ?

P. JOSÉ - Bem .... É que ... Antes de rezar para a imagem milagrosa o senhor tem de penitenciar-se diante das outras imagens ...

CORONEL (Levantando-se) - Ah... Sim... Aliás, eu gostaria também de me confessar e comungar ....

P. JOSÉ - Quer confessar, Coronel ? (Arrastando o genuflexório) / Ajoelhe aqui !

(O coronel se ajoelha. O Padre senta-se e o abençoa. Passam a falar em tom baixo e solene).

P. JOSÉ - A oração da confissão ...

CORONEL - Esqueci-me .... Tanto tempo ...

P. JOSÉ - Então, vamos direto ao assunto... (Pausa longa).

CORONEL - Bem, o senhor já conhece mais ou menos... O assunto ...

P. JOSÉ - Mas o senhor tem que falar ...

CORONEL (Pigarreia) - Eu... Fui protestante... Briguei com o Bispo dentro da igreja ...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.432

DPF
DCDP
Fls. N.º 320
Rubrica

CORONEL - Isto fica entre nós, não é ?

P. JOSÉ - E Deus ...

CORONEL - Que seja ... (Olha para todos os lados) Eu desviei dinheiro da Prefeitura para a campanha política ...

P. JOSÉ - Hum ... Eu sabia ! ...

CORONEL - Quem pichou as paredes da igreja, fui eu mesmo...

P. JOSÉ - Eu mando a conta depois ... Prossiga ...

CORONEL - Se eu for eleito, vou nomear meu filho para um cargo rendoso na Prefeitura ...

P. JOSÉ - Vai ?!

CORONEL - Vou... Conto porque assim fico livre do pecado...

P. JOSÉ - Isso não vale ...

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES
CENSURA FEDERAL

CORONEL - Então, eu torno a me confessar, depois ...

P. JOSÉ - Que mais ?

CORONEL - Que eu me lembre é só ...

P. JOSÉ - Por que o senhor voltou a ser católico ?

CORONEL - Bem ... Padre José... Um homem do povo como eu não pode se manter afastado da igreja ...

P. JOSÉ - Ainda mais em época de eleição, não é ?

CORONEL - Ora, Padre José ...

P. JOSÉ - E com o eleitorado todo sabendo do milagre de São Francisco...

CORONEL - Aliás, São Francisco é meu protetor... Sempre foi !... Veja meu nome: Chiquinho vem de Francisco ...

P. JOSÉ - São Francisco e Coronel Francisco... Coligação invencível! (Começam a deixar o tom solene da confissão).

CORONEL - Bela legenda o senhor me arrumou ! Sabem Padre José... Eu estava pensando. São Francisco merece uma homenagem toda especial da ~~XXXXXX~~ gente de nossa terra ...

P. JOSÉ - Homenagem ?!

CORONEL - Alguma coisa nunca vista !

P. JOSÉ - Que poderia ser ?

CORONEL - A coisa mais bonita que eu poderia imaginar:(Levanta-se) Uma chuva de rosas !

P. JOSÉ - Chuva de rosas ?!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.433

DPF DCDP Fls. N.º 321 Rubrica

CORONEL - Em nome do povo dessa cidade, que eu sempre representei, vou providenciar a chuva !

P. JOSÉ - Quando ?

CORONEL - No Sábado de Aleluia, depois da missa, depois que eu me comungar, um avião sobrevoará a praça da igreja e lançará pétalas de rosas !

P. HOSÉ - Um avião ?!

CORONEL - Os sinos tocarão e o povo cairá de joelhos elevando suas preces ao grande São Francisco Xavier !

P. JOSÉ - Onde o senhor arranjará o avião ?

CORONEL - Ah ... Arranjarei... Pode ser aquele que andou por aí, no ano passado matando gafanhoto.

P. JOSÉ - É verdade !

CORONEL - Momentos depois, a banda entrará tocando uma bela marcha e na frente dois homens carregarão uma faixa: " São Francisco saúda Coronel Francisco ". Não, é ao contrário: "Coronel Francisco sáúda São Francisco ".

P. JOSÉ - Isto não !

CORONEL - Por quê ??

P. JOSÉ - Acho isso um ...

CORONEL (Cortando) - O senhor acha isso magnífico, porque no mesmo momento, farei a entrega da escritura do "casarão" para o senhor fundar sua Escola !

POLÍCIA FEDERAL - SR/ES DEPT.º CENSURA FEDERAL

P. JOSÉ (Estupefato) - A Escola !

CORONEL - Escola São Francisco Xavier !

P. JOSÉ - Assis !...

CORONEL - E depois, numa festa só, o casamento de Alberto e Eva !

P. JOSÉ - Aqui ?

CORONEL - Aqui, de certo !

P. JOSÉ - Vou enfeitar toda a igreja !

CORONEL - Mandarei vir da Capital um novo tapete de veludo!

P. JOSÉ - Vai ser uma maravilha! (Cai em si) Coronel !...

CORONEL - Hein ?...

P. JOSÉ - A confissão ...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.434

DPF DCDP Fls. N.º 322 Rubrica

CORONEL - Hein ... Ah ! Sim ... (Ajoelha-se)
(Voltam ao tom solene).

P. JOSÉ - Algum pecado mais ?

CORONEL - Nenhum ...

P. JOSÉ - Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, eu o perdôo ... De penitência, o senhor reze no altar central... Trinta e três Ave-Marias...

CORONEL - Trinta e três ?...

P. JOSÉ - Vinte e dois Padre-Nosso... E quatorze Salve- Rainhas...

CORONEL - Quatorze...(Levanta-se) Mais nada ?...

P. JOSÉ - Só isso ...

CORONEL - Padre... Eu não me lembro de cor a Salve-Rainha.

P. JOSÉ - Troques a quatorze Salve-Rainhas por vinte Padre-Nossos...

CORONEL - Dá na mesma ?

P. JOSÉ - D-á...
(O Coronel vai dairdo).

P. JOSÉ - CORONEL ! (Coronel pára) O senhor já falou com o Pastor?

CORONEL - Ah! ... O Pastor Camilo... É verdade... Bem se ele teima em continuar protestante, que podemos fazer, não é ?...(Sai).

P. JOSÉ - A Escola! A Escola!(A São Benedito) Obrigado meu santo compadre! Prometo que o próximo milagre é seu !.

(Na casa do Pastor Camilo, Teresinha com gestos misteriosos, constrói rapidamente um pequeno altar para o santinho de papel: o santinho ao centro, um vazinho de flores e uma vela acesa).

TERESINHA -(Ajoelhando-se)- Ofereço-os, milagroso São Francisco, por intermédio de São Pedro, a linda canção católica: "Louvando a Maria ".
(Começa a cantar lendo num papel):

"Louvando a Maria
O povo fiel
A voz repetia
De São Gabriel:
Ave-Ave !
Ave-Maria...
Ave-Ave!
Ave-Maria"...

(O Pastor Camilo entra supreendendo-a. Teresinha canta "Parabéns a você", levanta-se e esconde rapidamente o santinho).

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.485

DPF DCDP Fls. N.º 323 Rubrica

P. CAMILO - Que é isso ? Para que essa vela ?

TERESINHA - Está muito escuro ...

P. CAMILO - Escuro ?... Acenda a luz ...

TERESINHA - Fica muito claro ...

P. CAMILO - Não entendo. Que segura na mão É

TERESINHA - Uma ... Figurinha ...

P. CAMILO - Figurinha de qua ?

TERESINHA- É... Um jogador de futebol...

P. CAMILO - Deixe-me ver.

TERESINHA - Não ... É ...

P. CAMILO - Me dê isso aqui! (Estende a mão).

TERESINHA (Entrega e foge para o canto)- Meu São Francisco!...

P. CAMILO - São Pedro! Ele joga no Corintians ou no Palmeiras?

TERESINHA - Ontem, me esqueci de entregar ao Padre...

P. CAMILO - Esqueceu-se...(Com ares sobrenaturais) Não sei, mas tem qualquer coisa que me diz que você não está dizendo a verdade...

TERESINHA - Que coisa ?...

P. CAMILO - Parece um sopro celeste que me chega aos ouvidos e diz: A Teresinha não está contando tudo...

TERESINHA (Assustada)- Bem... Eu... Eu ganhei esse santinho de um moço ...

P. CAMILO - Muito bem, E quem é o moço ?

TERESINHA - Ele viajou, sumiu, nunca mais vai aparecer...

P. CAMILO -(Místico, novamente)- Oh... Novamente, o "sopro" me diz que você não está falando sério...

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

TERESINHA - O moço é ... É ...

P. CAMILO - Pde falar.

TERESINHA - O Dito, sacristão católico !

P. CAMILO - O Dito, sacristão católico... E por que foi que ele lhe deu esse santo... Essa estampa ?

TERESINHA - Porque eu achei bonita.

P. CAMILO (Crispando-se, sobrenatural)- Ah! O sopro! O sopro novamente em meus ouvidos !

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677, P.436

DPF DCDP Fls. N.º 324 Rubrica

TERESINHA(CORtando, com resolução)- Sabe, Camilo... Eu ontem fui à igreja católica, com o Dito, e aconteceu uma coisa tre - menda !

P. CAMILO (Sem dar a mínima importância)- Aposto que a coisa tremenda foi um milagre ...

TERESINHA (Desapontada) - Foi ...

P. CAMILO - Isso acontece todos os dias na igreja dele,

TERESINHA - Eu estava com Dito, na sacristia, e ouvi ...

P. CAMILO - Por certo ouviu um santo falar ...

TERESINHA - Foi ... Como é que você sabe ?

P. CAMILO - Na minha profissão eu estou acostumado a ouvir isso duas ou três vezes ao dia ! Os santos católicos são muito falantes e fabricantes de milagres. Teresinha, como você é ingênua. O que aconteceu com você, ontem, acontece todos os dias, com diversas pessoas: você foi sugestionada !

TERESINHA - Sugestionada ?

P. CAMILO - Enganada, iludida !

TERESINHA - Iludida ? Mas eu puvi !

P. CAMILO - Você pensa que ouviu, mas não ouviu nada... Os católicos fantasiam a "coisa' de uma tal maneira, que você foi envolvida pelo ambiente que eles criaram.

TERESINHA - Como assim ?

P. CAMILO - O Dito não estava vestido com uma roupa vermelha e esquisita, ao invés de vestir um terno comum ?

TERESINHA - Uma saia ridícula como a da vovó Camila.

P. CAMILO - Os vitrôs da igreja não eram todos coloridos, com anjos estampados ?

TERESINHA - Eram ...

P. CAMILO - O sacristão não mandou você ajoelhar-se ?

TERESINHA - Mandou.

P. CAMILO - Depois ele falou em latim, para você não entender...

TERESINHA - Falou ...

P. CAMILO - Tocou uma campainha que penetra no ouvido...

TERESINHA - Tocou ...

P. CAMILO- Nessas alturas você já estava como que hipnotizada / por tudo aquilo... É a técnica que os católicos usam: aguçar a imaginação.

POLÍCIA FEDERAL - SR/ES DEPT.º CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,f. 437

DPF DCDP Cls. N.º 355 Rubrica

TERESINHA - Quer dizer então, que foi tudo ilusão ?

P. CAMILO - Exato !

TERESINEA - O santo não falou nada ? ...

P. CAMILO - Claro que não ! Porcelana não fala. Você já ouviu os pratos e travessas falarem ?!

TERESINHA - Não ...

P. CAMILO - Pois é porcelana do mesmo jeito !

TERESINEA (Num estouro de satisfação)- Que bom! Que bom !

P. CAMILO (Surpresc) - Bom ? ...

TERESINHA - Bom, ótimo, maravilhosc !

P. CAMILO - Eu também acho, mas ...

TERESINEA - Eu vou ser desencalhada, Camilo ?

P. CAMILO - Desencalhada ?!

TERESINHA - O único impecilho era o santo ! Agora, eu e o Dito podemos ... (Pausa).

P. CAMILO - Podem o que ?

TERESINEA - Casar... Parece inerível, mas o Dito quer se casar comigo !

P. CAMILO - Casar ? ...

TERESINEA - Camilo, eu gosto tanto do Dito !

P. CAMILO - Eu acho que você não gosta, não ...

TERESINHA - Gosto sim !

P. CAMILO - Não gosta !

TERESINHA - Quer saber mais que eu ?

P. CAMILO - Quero !

TERESINHA - Não, Camilo ... Isso eu tenho certeza que você não pode saber mais do que eu.

P. CAMILO - Teresinha, o que entende você de homem ?

TERESINHA - E você, muito menos, Camilo !

P. CAMILO - Nem parece a minha irmã que eu criei para exemplo número um de pureza ...

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.438

DPF
DCDP
Fls. N.º 326
Rubrica

TERESINHA - Eu percebi logo, desde a primeira vez que aconteceu... (RAINHA Pára)

P. CAMILO - Aconteceu o que ? O passeio pela igreja ?

TERESINHA - Não ... Uma coisa na ponte ...

P. CAMILO - Uma coisa ? Que coisa ?

TERESINHA - Coisas íntimas, Camilo ...

P. CAMILO - Íntimas !? Você precisa me contar tudo !

TERESINHA - O "sopro" se encarrega disso ...

P. CAMILO - Santo Deus ! Teresinha, minha irmã... Você tem que me contar isso ...

TERESINHA - Eu tenho vergonha ...

P. CAMILO - Vergonha ? (Em pânico) Teresinha, o que foi que aconteceu ?

TERESINHA (Nervosa) - Benedito e eu ...

P. CAMILO - Benedito e você... (Pausa) Fale, criatura !

TERESINHA - Não me olhe assim, Camilo ...

P. CAMILO - Assim como ?

TERESINHA - Nós ficamos sozinhos na ponte ... (Pára).

P. CAMILO - Continua ...

TERESINHA - Começamos a conversar... Aí ele ...

P. CAMILO - Aí ele ...

TERESINHA - Me ofereceu ...

P. CAMILO - Ofereceu o que ?

TERESINHA - A maçã ! Colocou a maçã entre nós, deixou-a cair e nós... (Pausa) Você compreendeu ? ...

P. CAMILO - Maçã entre você ... MAÇÃ ! (Atordoado) Gênesis, capítulo três, versículo seis !

TERESINHA - Gênesis ?

P. CAMILO - O fruto proibido !

TERESINHA - Daquele momento em diante, eu comecei a amá-lo !

P. CAMILO - Oh céus !

TERESINHA - Eu pequei, Camilo ?

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.439

DPF DCDP Fls. N.327 Rubrica

P. CAMILO (Desesperado) - Você ainda pergunta ?

TERESINHA - Mas eu gosto dele !

P. CAMILO - Onde está o vigarista ? Viajou ?

TERESINHA - Não ! Deve estar na igreja.

P. CAMILO - Vai imediatamente falar com ele !

TERESINHA - Falar com ele ?

P. CAMILO - E eu falarei com o senhor José !

TERESINHA - Por quê ?

P. CAMILO - Ele vai se casar com você !

TERESINHA - Casar ? Casar ? Você acha que nós podemos ?

P. CAMILO - Podem não ! DEVEM !

TERESINHA - Camilo ! (Abraça-o) Eu sabia que você me entendia ! Aquele santo não entende de nada !

P. CAMILO - Traga o safado imediatamente até aqui !

(Teresinha está exultante e sai rapidamente para a ponte).

P. CAMILO (Trágico). O castigo veio rápido como um raio !

(Na sacristia, Dito, que chegara momentos antes, ajuda Padre José a ornamentar o nicho do santo milagroso).

P. JOSÉ - Vou abrir a porta da frente para os fiéis visitarem o milagroso. Coloque a urna de dinheiro perto do nicho. (Sai).

(Teresinha chega à sacristia. Bate à porta. Dito abre, ela entra e o abraça de supetão).

TERESINHA - Dito ! (Beija-o).

DITO - Ei ! (Desvencilha-se) Que foi ?

TERESINHA - Nós vamos casar !

DITO - HEIN ?!

TERESINHA - Nós vamos ser marido e mulher !

DITO - Meu santo ! ... Que deu em você ? ...

TERESINHA - Este santo não entende de nada !

DITO - Teresinha !

TERESINHA - Meu irmão acha que nós podemos nos casar !

DITO - Casar contra a vontade de (Benze-se) São Francisco milagroso ?

TERESINHA - Milagroso uma " ova " !

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, p. 440

DPF DCDP Fls. N.º 328 Rubrica

DITO - Creio em Deus-Padre ! (Ajoelha-se) Meu santo ! Perdoai essa hereje !

TERESINHA (Puxando-o)- Levanta, Dito ! O Camilo aprova oo nosso casamento !

DITO - Teu irmão não é santo !

TERESINHA - Ele falou garantido pela Bíblia !

DITO - Que Bíblia ?

TERESINHA - Livro dos santos ! Se nós não casarmos, estamos con - trariando os capítulos da Bíblia.XX

DITO - A Bíblia não vale nada. Mais vale São Francisco que é santo !

TERESINHA - Quem escreveu a Bíblia foi uma turma de santos: São Ma - teus, São Lucas, São Marcos, Santa Gênesis... É essa que nós estamos contrariando.

DITO - São Francisco é mais importante. Não se engana nunca.

TERESINHA - O Camilo também nunca se engana em coisa da Bíblia.

DITO - Não adianta, Teresinha ! O que São Francisco falou, tá fala- do ... Por mim, bem que eu gostaria de casar. Homem que não casa / acaba envelhecendo na rua das mulheres.

TERESINHA - O milagre foi sugestão !

DITO - Sugestão de quem ?

TERESINHA - Foi ilusão, mentira !

DITO (Afasta-se) - Teresinha, que sacrilégio ! Eu escutei muito bem. É melhor você ir embora.

POLÍCIA FEDERAL - SR/ES DEPT.º CENSURA FEDERAL

TERESINHA - Você não vai sentir a minha falta ?

DITO - São Francisco acima de tudo !

TERESINHA - Está bem ... Eu vou embora ...

DITO - É ordem do Espírito Santo ...

TERESINHA - Espírito de porco, isto sim... (Pausa) Bem, Dito, eu estou indo embora ...

DITO - Adeus ...

TERESINHA (Oferecida) - Adeus ...

DITO (Quase cedendo) - Adeus...

(Teresinha abraça e beija Dito e sai correndo para a ponte. O Padre José entra com o Coronel Chiquinho na sacristia).

P. JOSÉ - Dito, vá até a porta e organize o pessoal em fila.

(DITO, zonzo, dirige-se à porta da rua).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA PTE 0677,P.441

DPF DCDP Fls. N.º 329 Rubrica

P. JOSÉ - Dito, vá até a porta e organize o pessoal em fila.
(Dito, zonzo, dirige-se à porta da rua).

P. JOSÉ - A outra porta, Dito.

(Dito abstraído atravessa a cena em toda a extensão e sai. Teresinha chega em sua casa, chorando convulsivamente).

P. CAMILO - Que foi, Teresinha ?

TERESINHA - Ele preferiu São Francisco !

P. CAMILO - O quê ?!

TERESINHA - Ele não gosta de mim. Não quer casar comigo !

P. CAMILO - Não quer ? Nesta altura ele não tem querer ! Sem-vergonha, aproveitador ! Ele vai se casar com você !

TERESINHA - Se ele não gosta de mim, você não pode obrigar !

P. CAMILO - Eu não posso, mas o Dr. Delegado pode ! (Veste o paletó) Vou por a limpo esta situação, agora mesmo !

(Pastor Camilo sai. Quando dirige-se para a ponte, aparece um grupo de pessoas seguindo dois homens que carregam outro numa rede suspensa por uma vara. O Pastor Camilo pára na ponte).

1º FIEL - O juca caiu n'água e tá morrendo !

2º FIEL - O Juca tá morrendo !

3º FIEL - O Juca caiu n'água !

2º FIEL - Tá moribindo !

4º FIEL - O moribundo tá morrendo !!

3º FIEL - Leva p'ra igreja.
(Um fiel entra na sacristia)

POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - DEPT.º CENSURA FEDERAL

1º FIEL - Seu vigário ! O Juca tá morrendo !

P. JOSÉ - Que ?
(Entra pela porta do altar uma mulher, chorando).

MULHER - "Seu" vigário ! Meu marido tá agonizando !

P. JOSÉ - Que foi ?

CORONEL - Como foi ?

1º FIEL - Foi pescá rio acima, perto da cabana do finado Zé-Perdigueiro e o barranco despencou com ele !

CORONEL - Que foi fazer lá ? Ninguém pesca lá !

1 º FIEL - Ele devia pescar na ponte !

P. JOSÉ - Santo-Deus ! Onde está o Juca ?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 442

DPF DCDP Fls. N.º 330 Rubrica

(Entram na sacristia com o moribundo).

MULHER (Ajoelhando) - São Francisco milagroso ! Salvai meu marido!

P. JOSÉ - Ai, meu São Benedito !

(O povo invade a sacristia. Dito entra).

MULHER (Em prantos) - Faz um milagre, meu São Francisco !Por Jesus, Maria, José, Deus, São Onofre e todos os anjos do céu !

(A mulher cai de joelhos. Algumas pessoas a imitam).

DITO - Uma vela, seu vigário ?

P. JOSÉ (Aflito) - Não ... É melhor ... Bem ...

CORONEL - Vamos tentar uma massagem !

1º FIEL - Massagem não resolve !

2º FIEL - Vamos rezar ao santo, Coronel !

MULHER - Vamos rezar, todo mundo !

CORONEL - E tá bem ... Eu puxo uma Ave-Maria ! (Ajoelham-se)"Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco"...

P. JOSÉ - Um momento !!!

CORONEL - "... Bendita sois vós, entre as mulheres, bendito é o fruto ...

P. JOSÉ - Esperem ! Esperem !!!

CORONEL - "... Vosso ventre, Jesus ".

OS FIÉIS - "Santa-Maria, Mãe de Deus, rogai por nós ... "

P. JOSÉ (pegando um sino e batendo) - Atenção ! (Pausa) Atenção! Todos devem ir rezar no altar-mor !

DITO - Todo mundo prá igreja !

(Movimento. Os fiéis começam a sair).

MULHER (Beijando as mãos do Padre) - Salve meu marido ! Por tudo que lhe é sagrado ! É o único que eu tenho ! (Sai).

1º FIEL - Isto foi um castigo. O Juca nunca veio à igreja.

2º FIEL - Ele é protestante !

CORONEL - Eu fico com o senhor ...

P. JOSÉ - Nada disso, vá puxar a Ave-Maria no altar !

CORONEL - Ah, sim... Isto mesmo. (Sai).

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.448

DPF DCDP Fls. N.º 331 Rubrica

(A sós, Padre José, Dito e o moribundo).

P. JOSÉ - Dito, vigie a porta... Não deixe ninguém entrar...Preciso de muita concentração.

DITO - Sim senhor ...

P. JOSÉ - Toque o sino três vezes: dém-dém-dém ! Só três batidas / compassadas ...

DITO - Três vezes ?

P. JOSÉ - Compassadas ...

DITO - Não pode ... Hoje é Sexta-feira da Paixão. É proíbido tocar o sino ...

P. JOSÉ - Oh ! ...

DITO - Se quer, eu toco matraca ...

P. JOSÉ - Não adianta, precisa ser o sino ...

DITO - Prá que ?

P. JOSÉ - Para chamar o santo ! Bem, toque o sino: em casos de ur - gência como este não faz mal ...

DITO - Está bem ... (Sai).

P. JOSÉ - São Benedito me salve, salvando esse moribundo! Se o se - nhor me ajudar, eu prometo dizer ao povo que o senhor ajudou São / Francisco ! (Olha para Juca) Santo-Deus, que aguaceira ! Que faço? (Anda de um lado para o outro. O sino toca três vezes compassada - mente) Será que o "santo" vem ? ...

(O Pastor ouve e depois de rápida hesitação, desce a ponte, di- rigindo-se à sacristia. O Padre abre a porta. A praça está va- zia. O Pastor Camilo chega).

P. JOSÉ - Senhor Camilo ... Entre ! Entre logo !

P. CAMILO (Ao ver Juca) - Que foi ?

P. JOSÉ - Afogado por minha culpa !

P. CAMILO - Em água benta ?

P. JOSÉ - Eu mandei ele pescar rio acima, ele foi e caiu n'água...

(Pastor Camilo tira o paletó e arregaça as mangas).

P. CAMILO - Está mal ! Não sei o que posso fazer ...

P. JOSÉ - Faça um milagre !

P. CAMILO - Só assim mesmo ...

P. JOSÉ - Ah, se ele morre ! ...

P. CAMILO - (Friccionando Juca) - Não sei não, pode ser...

DEP.T.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 444

DPF DCDP Fls. N.º 332 Rubrica

P. JOSÉ - O santo pode não falhar ! ...

(O Pastor Camilo intensifica a massagem).

P. JOSÉ - Força !

(Padre José anda nervosamente de um lado para o outro).

P. CAMILO - Pare de andar, senhor José !

P. JOSÉ - Que posso fazer ?

P. CAMILO - O senhor pode me ajudar ...

P. JOSÉ (Arregaçando as mangas) - Que faço ?

P. CAMILO - Faça uma oração !

P. JOSÉ - Oração ?! (Pausa) Serve católica ?

P. CAMILO - O senhor não sabe outra ?

P. JOSÉ - Não ...

P. CAMILO - Então, "sapeque" a católica ...

(Padre José ajoelha-se diante do manequim).

P. CAMILO - Nem sinal de vida ! ...

P. JOSÉ - Ah ... São Francisco, ajudai-me !

P. CAMILO - É o pior caso que já vi ...

P. JOSÉ - Eu não fiz por mal ... (Chora) Perdoai-me !

P. CAMILO - Ele bebeu o rio todo !

P. JOSÉ - Meu São Francisco de Assis ! ...

P. CAMILO - Venha cá. Segure os braços dele, assim, para cima !

(Padre José segura. O Pastor faz bruscos movimentos com Juca).

P. CAMILO - Um-Dois! Um-Dois! Levante e abaixe os braços ! Um-Dois! Um-Dois !

P. JOSÉ - Um-Dois! Um-Dois! Não me castigai Senhor! Um-Dois! Um-Dois!

P. CAMILO - Força !

P. JOSÉ - Um-Dois ! Um-Dois ! Um-Dois !

P. CAMILO - Rápido !

P. JOSÉ - Um, dois, um, dois, um, dois, um ...

P. CAMILO - Mais ! Mais !

P. JOSÉ - Um, dois, um dois, um ...

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.445

DPF DCDP Fls. N.º 333 Rubrica

(Padre acelera o movimento. Os dois compõem uma cena de movimentos grotescos e rápidos).

P. CAMILO - Está voltando !

P. JOSÉ - Está ?!

P. CAMILO - Vamos Juca, reaja !

P. JOSÉ - Vamos !

P. CAMILO - Respire fundo !

P. JOSÉ - Respire !

P. CAMILO - Vamos, homem !

P. JOSÉ - Vamos ! ...

P. CAMILO - Pare ! Largue !

(Juca espirra água pela boca e balbucia alguma coisa).

P. JOSÉ - Viva !!!

P. CAMILO - Está salvo !

(Padre José e Pastor Camilo abraçam-se alegres).

P. JOSÉ (Para o manequim) - Obrigado, meu São Francisco !

P. CAMILO - De nada ...

P. JOSÉ - Oh, Pastor ... O senhor é um santo !

(Juca reage bem)

P. JOSÉ - Ele está voltando. O senhor precisa ir antes que ele o veja ...

P. CAMILO - Eu vou, mas volto !

P. JOSÉ - Volta ?

P. CAMILO - Precisamos falar sobre um assunto importante !

P. JOSÉ - A Escola ?

P. CAMILO - Sobre Dito e Teresinha !...

P. JOSÉ - Dito e Teresinha ...

JUCA (Balbucia) - Peixe ... Peixinho ... Peixão ...

P. JOSÉ - Mais tarde o senhor pode voltar ...

JUCA - Peixe ... Peixinho ... Peixão ...

P. JOSÉ - Depois que o pessoal for embora ...(Empurra-o discreta - mente) Muito Obrigado ...

P. CAMILO - Até já ...

P. JOSÉ - Até já ... Vá com São Francisco! (Abre a porta e o Pastor Camilo sai).

POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - DEPT.º CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. D677, P.446

DPF DCDP Fls. N.º 334 Rubrica

P. CAMILO - Obrigado ... Prefiro ir sozinho ...

(O Padre se recompõe, acende uma vela e segura-a com expressão de santo. Vai até à porta do altar e abre).

P. JOSÉ - DITO !

DITO(Entrando) - Morreu ?!

MULHER (ENtrando) - JUCA ! (Corre para ele) Juca !

JUCA - Peixe ... Peixinho ... Peixão ...

MULHER - Vivo ! Milagre ! Milagre !

(A sacristia é invadida. Alguns crentes correm pela praça até à porta da sacristia).

1º FIEL - Milagre !

MULHER - O Padre salvou Juca !

2º FIEL - Milagre na sacristia !

3º Fiel - O Padre ressuscitou Juca !

4º FIEL - JUCA RESSUSCITOU !!!

FIÉIS - MILAGRE ! MILAGRE ! MILAGRE !

(O Jornalista aparece correndo)

JORNALISTA - Com licença... Com licença...(Entra na sacristia. Dois fiéis carregam Juca para a Praça. A multidão vai atrás, numa verdadeira apoteose. Espocam os "flashs". O Mascate vende imagens. Confusão de vozes).

1º FIEL - O Padre José ! O Padre José !

2º FIEL - Onde está ele ?!

3º FIEL - Na sacristia !

JUCA - Peixe ... Peixinho ... Peixão ...

(A multidão pára e volta-se para a porta da sacristia. Dito vai buscar o Padre que com ar de santo e vela em punho, aparece na porta. Faz-se respeitoso silencio).

JUCA - PEIXE ;;; Peixinho .... Peixão ...

(O povo começa a ajoelhar-se. No meio da multidão, apenas uma pessoa está de pé: é D. ARLINDO, o BISPO que acaba de entrar).

P. JOSÉ (Pânico) - D. Arlindo !!! (Deixa cair a vela).

FIM DO SEGUNDO ATO

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.447

DPF DCDP Fls. N.º 335 Rubrica

TERCEIRO ATO

No cenário, perto do manequim: flores, muletas, braços de cera, velas. Padre José está escrevendo e contando dinheiro. O Mascate, na praça, também conta a sua féria. Joaquim e Simão, carregando o órgão coberto, atravessam a ponte no sentido contrário ao do ato anterior; dirigem-se à igreja católica. A Jornalista entra e vai ter com o Mascate.

MASCATE- Consegui ?

JORNALISTA- Que nada! Olhe só! (Exibe fotografias). O Padre não saiu em quase nenhuma! Nesta, o Zé passou na frente, nesta a mulher do afogado cobriu o santo. Nesta, eu tremi !

MASCATE- Puxa vida ! Falta de sorte ... Eu já tenho mais de cinquenta encomendas da medalha com retratos do Padre e do santo.

JORNALISTA- A igreja está aberta ?

MASCATE- Daqui a pouco é a missa da Aleluia... Vão descobrir os santos e eu tenho que cair fora.

JORNALISTA- Acho que vou fazer uma coisa, não muito católica...

MASCATE- Que coisa ?

JORNALISTA- Entrar na sacristia e ficar escondido... Possivelmente, depois da missa, o Padre ajoelhará diante da imagem para uma oração. Aí então, eu bato a chapa e saio correndo !

MASCATE- E onde você vai se esconder ?

JORNALISTA- Se não me engano, lá tem um guarda-roupa velho ...

MASCATE- É ... Vale a pena tentar ... Depois a gente revela os retratinhos e coloca na medalha ... Mas quem vai vender é você, porque nessas alturas eu já estou no trem.

JORNALISTA- Depois te encontro aqui ?

MASCATE- Na estação, esperando o trem.

(A Jornalista sai. O Mascate a acompanha até certo ponto. Pastor Camilo, deixando sua casa, atravessa a ponte e chegou à sacristia. Bate à porta).

POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - DEPT.º - CENSURA FEDERAL

P. JOSÉ (Atendendo)- Entre depressa !

P. CAMILO- Não se preocupe ... A praça está vazia.

(O Pastor Camilo entra. O Mascate retorna a seu lugar).

P. JOSÉ - É uma loucura esta visita ! Quase meio-dia ! A imagem verdadeira ainda não chegou. O senhor deu o pedido direitinho ?

P. CAMILO - Deverá chegar no trem das onze e quarenta e cinco. Não se preocupe ... Está tudo combinado: Joaquim e Simão esperarão na estação e trarão para cá, antes do meio-dia !

EXXXXSÃO-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.448

DPF DCDP Fls. N.º 336 Rubrica 2

P. JOSÉ- Em cima da hora ! O Bispo vai querer descobrir as imagens logo depois ... Se ele der de cara com o manequim ... Nem quero imaginar!

P. CAMILO- Por onde anda ele ?

P. JOSÉ - Saiu para visitar as casas dos fiéis que alcançaram graça do santo milagroso. Deu a entender que eu serei transferido para outra Paróquia, se o ambiente criado pelo milagre não satisfizer ...

P. CAMILO- Transferido, depois de trinta anos ?

P. JOSÉ - Eu me sentirei como peixe fora d'água ! Eu vi nascer esta cidade, construí esta igreja, batizei toda esta geração e casei os pais... Ai de mim, se não puder morrer aqui e ser enterrado nesse mesmo cemitério ... Que eu mesmo estreei abençoando Zé-Coveiro, o primeiro morto ...

P. CAMILO- Viu os jornais ?

P. JOSÉ - Jornais ?

P. CAMILO (Coloca-os sobre a mesa. Pegando um) - "Padre milagroso ressuscita mortos !"

P. JOSÉ - Que exagero !

P. CAMILO- "Pescador moribundo salvo por São Francisco de Assis !"

P. JOSÉ -(Pegando outro)- "Cura de doentes por velho Padre milagroso"! Oh, o Bispo vai ficar furioso com isso !

P. CAMILO (lendo outro)- "Romarias partem de todos os pontos do Estado rumo à cidade milagrosa". Mais adiante : "Esperam alcançar graças do santo Padre".

P. JOSÉ - "Exploração da fé em pequena cidade..." Exploração ?!

P. CAMILO- Jornal de esquerda ...

P. JOSÉ - Vamos guardar isto ! (Coloca-os no armário).

P. CAMILO (Lendo o livro que estava sobre a mesa)- Contabilidade do milagre ?

P. JOSÉ - É ... Estou organizando ...

P. CAMILO- Qual o saldo ?

P. JOSÉ - Mais de trinta mil cruzeiros em dois dias.

P. CAMILO- Trinta mil ! O negócio é rendoso ...

P. JOSÉ - Vou empregar na reforma do casarão, para escola !

P. CAMILO (Sem convecer)- Muito bem ... Conseguiu então o que queria... Além do Coronel, muitas outras pessoas voltaram para sua igreja...

P. JOSÉ- Não se incomode, senhor Camilo... Interesses políticos !

P. CAMILO- Não ... É fé no duro ... Muita gente "virou" depois do mi-

DEP7.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 449

DPF DCDP Fls. N.º 337 Rubrica

lagre da salvação do Juca-Protestante, agora Juca-Católico... Todo mundo tem medo de ser castigado como o Juca... Minha igreja, hoje, na hora do culto estava vazia de se ouvir o rio passar...

P. JOSÉ - Eu sei o que é sentir-se abandonado ...

P. CAMILO (Suspiro profundo)- É ... (Interesseiro) Ainda bem que me resta a escola ...

P. JOSÉ - A escola ? Mas o senhor não havia desistido ?

P. CAMILO- Pensei melhor sobre o caso e acho que o senhor tem razão: com o casarão nós realizaremos a maior obra da cidade !

P. JOSÉ - E se eu for transferido ?

P. CAMILO- Farei o possível para levar nossa idéia avante. Não se preocupe ...

P. JOSÉ (Irônico)- É muita bondade de sua parte ...

P. CAMILO- Tenho um nome ótimo para a escola: Escola do Novo Pensamento Cristão !

P. JOSÉ - Mas, nessa escola, poderia se repetir entre os alunos o tal " impossível namoro de Dito e Teresinha "...

P. CAMILO- Não é impossível !

P. JOSÉ - Não é mais ?

P. CAMILO- Não. Eu evoluí naquele raciocínio, e acabei concordando com o senhor: eles devem continuar juntos pelo casamento !

P. JOSÉ- Casamento ?

P. CAMILO- Ainda mais agora ! Aliás, sobre este assunto, precisamos marcar a data !

P JOSÉ - Data de que ?

P. CAMILO- Data do casamento ...

P. JOSÉ - Entre Dito e Teresinha ?

P. CAMILO- É claro ! O senhor ainda não está a par da situação ?

P. JOSÉ- Que situação ?

P. CAMILO- Dito não lhe falou nada ?

P. JOSÉ - Disse que a Teresinha tinha vindo visitá-lo .

P. CAMILO - Só ?

P. JOSÉ - Só ... Que mais ?

P. CAMILO - Que rapaz safado !

P. JOSÉ - Por quê ?

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.450

DPF
DCDP
Fls. N.º 338
Rubrica

P. CAMILO- Por quê não quer se casar ?

P. JOSÉ- Ele não quer contrariar São Francisco !

P. CAMILO- Ele tem que contrariar São Francisco !

P. JOSÉ- Eu não entendox mais nada !

P. CAMILO- Eu vou ser tio, senhor José !

P. JOSÉ - Tio ?

P. CAMILO- Tio do filho de Dito ...

P. JOSÉ - Tio do filho ... Repete, senhor Camilo, eu acho que não escutei bem ...

P. CAMILO- Eu vou ser tio do filho de Dito ...

P. JOSÉ (Analisando devagar) - O senhor vai ser tio do filho de Dito ... (Pausa) Acho que o senhor está enganado... O senhor quer com isso dizer que ... Dito e Teresinha ... (Embaraço).

P. CAMILO- Isto mesmo: Dito e Teresinha. (Embaraço).

P. JOSÉ - Mas como ?!

P. CAMILO- Como todo mundo ...

P. JOSÉ - Mas o Dito é um menino tão ingênuo ...

P. CAMILO- A Teresinha também ... Mas acontece que juntaram as ingenuidades...

P. JOSÉ - E quando foi ? ...

P. CAMILO- Anteontem ...

P. JOSÉ - Anteontem ...

P. CAMILO- Na ponte ...

P. JOSÉ - Na pnte ... Na ponte !

P. CAMILO- Uniram-se e nos uniram !

P. JOSÉ - Na ponte !

P. CAMILO- Eles ! Nós, aqui !

P. JOSÉ- Será difícil convenser Dito !

P. CAMILO- Temos que convencer !

P. JOSÉ - Que diz a Bíblia sobre isso ?

P. CAMILO- A Bíblia não diz nada, mas o Código Penal é bastante claro!

P. JOSÉ- Dito é o maior devoto do santo milagroso !

P. CAMILO- Só há uma solução: o santo voltar atrás !

P. JOSÉ - Os santos não voltam atrás !

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES
CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.451

DPF DCDP Fls. N.º 339 Rubrica

P. CAMILO- Nem os delegafos, senhor José ... E eu falei com o Dr. Delegado ...

P. JOSÉ - Nesse caso ...

P. CAMILO- São Francisco verificou, de ontem para hoje, que Dito pela sua fé, e Teresinha pelo seu amor, mereciam continuar juntos ...

P. JOSÉ - São Francisco vai falar novamente ao Dito ?

P. CAMILO- Vai.

P. JOSÉ- É muito arriscado ... Pense no Bispo, senhor Camilo...O Bispo!

P. CAMILO- Penso em Teresinha...

P. JOSÉ - Espere o Bispo partir !

P. CAMILO- Quando o Bispo se for, poderá levá-lo junto. E sem o senhor eu não poderei fazer o milagre.

P. JOSÉ (CHOROSO)- O senhor também acha que o Bispo vai me transferir...

P. CAMILO- Preciso pensar em todas as hipóteses.

P. JOSÉ- É... Até o senhor acha ... Eu também acho ...Estou mesmo perdido

P. CAMILO- O milagre tem que ser antes do meio-dia !

P. JOSÉ - Eu não sei ser padre noutro lugar ...

P. CAMILO- Esta é a última meia hora que os santos estão cobertos.

P. JOSÉ - No fundo eu sou um homem infeliz...

P. CAMILO- Vamos preparar o novo milagre!

P. JOSÉ - Sonhei tanto com a escola ...

P. CAMILO- O senhor deve deixar-me a sós com Dito. Mande-o acender uma vela, ou fazer uma oração, que eu farei o milagre ...

(Pastor Camilo descobre o manequim, coloca-o dentro do guarda-roupa e fica com o pano na mão. Vindo da esquerda, o Bispo entra na praça. Uma comitiva o acompanha tendo Juca a frente. Durante a cena seguinte o Padre e o Pastor preparam tudo para o novo milagre).

BISPO- Obrigado pela companhia ! ...

JUCA- Disponha, senhor Bispo ...

BISPO- Onde está o tal vendedor das imagens ?

JUCA- Ali na esquina ...

BISPO- Onde está a esquina ?

1º FIEL- No fim desta rua, no começo da outra ...

BISPO- Oh... Leve-me até lá... Não enxergo nada sem os óculos !

(A comitiva acompanha a ilustre figura. O Mascate percebe e mansamente vai se retirando).

POLÍCIA FEDERAL - DEPT.º SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR.DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.482

DPF DCDP Fls. N.º 340 Rubrica

BISPO- Bom dia, Padre ...

P. JOSÉ - Bom dia ...

BISPO- Tudo preparado para a cerimônia da Aleluia ?

P. JOSÉ - Quase tudo ...

BISPO- Que vinho usa no sacrário ?

P. JOSÉ - O " Pindorama " de uva moscatel do Rio Grande do Sul ...

BISPO - Hum ... Bom ... Pode deixar que eu mesmo celebrarei a santa missa ...

P. JOSÉ - Será uma honra para mim ...

(Nesse interim; a Jornalista entra pé ante pé, na sacristia. Vai examinar o guarda-roupa).

BISPO- Estive esta manhã, verificando certas coisas ...

P. JOSÉ - Sei ... Sei ...

BISPO - Temos muito que conversar ...

P. JOSÉ - Pois não, D. Arlindo ...

(A Jornalista acha o manequim no guarda-roupa e uma velha batina. Veste a batina no manequim, e coloca-o diante do Pastor coberto. Toma posição e bate fotografias do manequim de costas, com o Pastor ao fundo, como santo).

BISPO - O que acha o senhor desta imagem ?

P. JOSÉ - Nada especial ...

BISPO - Pois eu preciso analisá-la melhor ... Por favor, vá até a casa paroquial e mande trazer minha valise com os óculos ...

P. JOSÉ - Pois não ...

(Na sacristia, a Jornalista começa a olhar todos os santos, levantando os sudários roxos).

BISPO - O senhor vai confessar, Padre ?

P. JOSÉ -(Assustado)- Confessar ... O que ?

BISPO - Confessar e comungar.

P. JOSÉ - Ah ... Sim ... Confessarei ...

BISPO - Eu o espero na igreja.

(Padre José sai atônico. O Bispo entra na sacristia no momento exato em que a Jornalista propara-se para levantar o sudário do Pastor).

BISPO- O que significa isto ?

... Jornalista, o Bispo !

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P453

DPF
DCDP
Fls. N.º 341
Rubrica

JORNALISTA - Esperava o senhor para tirar uma foto !

BISPO - Foto ?

JORNALISTA - Não se mova ! (Bate uma chapa) Perfeito ! Para a capa da revista das " Famílias Cristãs " de São Paulo !

BISPO - Está pensando que aqui é a casa da sogra ?

JORNALISTA - A casa de Deus, senhor Bispo !

Bispo (Ao manequim)- E o senhor, que deseja ?

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES
CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P454

DPF DCDP Fls. N.º 342 Rubrica

JORNALISTA - É um modelo ...

BISPO -(Batendo com as mãos no manequim)- Ah, um boneco! Não enxergo nada sem os óculos ...(Pegando o manequim) Leve seu modelo daqui !

JORNALISTA - Não, este manequim ...

BISPO - Saia logo, moça ! Que petulância !

(O Bispo empurra a Jornalista, dando-lhe o manequim. A Jornalista vai ter com o Mascate).

MASCATE - Conseguiu ?!

JORNALISTA - Consegui ! Até do Bispo !

MASCATE (Apontando o manequim)- Que é isso ?

JORNALISTA - Presente do Bispo ... Vamos revelar as fotografias !

MASCATE - Não posso ~~XX~~ sair daqui ... O Bispo percebeu que meu santo era um santo de "araque" ... Estou sendo vigiado ...

JORNALISTA - Tenho pressa ... Até ~~XXX~~ depois ...

(A Jornalista sai rapidamente com o manequim, cruzando com o Padre José e Dito que carrega a valise do Bispo).

P. JOSÉ (Vendo o manequim)- Será o Benedito ? (Apressa o passo) Ou será o Francisco ?

(Padre José e Dito entram na sacristia)

P. JOSÉ - Onde está o senhor Bispo ?

DITO - Deve está no altar ...

P. JOSÉ - Vá até lá verificar ... (Dito sai) É o Camil

P. CAMILO (descobrindo a cabeça)- Não, é o Francisco !

P. JOSÉ - Ah, então era o Francisco! (Abre o guarda-roupa) Ai, meu santo Deus ! Como foi ?

P. CAMILO - Sei lá ... Uma confusão ... Vá chamar o Dito !

P. JOSÉ - Para que ?

P. CAMILO - Para o milagre ...

P. JOSÉ - Está louco ?

P. CAMILO - Tem que ser agora ...

(Dito volta. Pastor Camilo se cobre).

DITO - O Bispo está fuzilando de raiva, só porque eu não preparei o altar ... Mandou buscar os óculos !

POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - DEPT.º CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.455

DPF DCDP Fls. N.º 343 Rubrica

P. JOSÉ (Pegando a valise) - Eu os levo ... (De saída) Faça uma oração ao santo ... Quem sabe assim ele pode resolver seu problema... Não ... Não faça nada ... Depois ...

(Sai para o altar)

DITO - Uai ... Que deu no "seu" vigário ? Vou fazer uma oração, sim... (Ajoelha-se diante do Pastor).

P. CAMILO (voz empostada, sob o pano)- Dito !... (Dito pula para trás).

P. CAMILO - Case-se com Teresinha ! Um filho se concebe sob um teto cristão e não sob uma ponte !

DITO - MILAGRE !!!

P. CAMILO - Deus que abençoe você e Teresinha !

DITO (Começa a fazer estardalhaço) - Milagre ! Milagre !

(O Bispo entra correndo. O Padre José atrás).

BISPO - Que foi, menina ?

DITO - Ele falou !

BISPO - Quem ?

DITO - Milagre !

BISPO - Que foi ?

DITO - O santo falou !

BISPO (segurando Dito) - O santo ?

DITO - Alcancei a graça . (Padre José agoniza da porta).

BISPO (Balançando Dito) - Fique quieto !

DITO (Caindo de joelhos) - São Francisco !!!

BISPO (Levantando-o) - Deixe disso !

DITO - O santo falou comigo !

BISPO - Deixe de bobagens !

DITO - Eu escutei. Ele disse que eu posso ...

BISPO - Pare, quieto !

DITO - ... eu posso casar ! (Sai de joelhos).

BISPO - Isto é pecado !

DITO - Posso casar ! Viva o santo !

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.456

DPF DCDP Fls. N.º 344 Rubrica

C

BISPO - Deixe de coisas ! (Levanta-o).

DITO (Cai de joelhos) - Não faça isso !

DITO - Me deixe ajoelhado !

(Bispo anda de um lado para outro).

DITO - " Padre Nosso que estais no céu ..."

BISPO - Pare !

DITO - ...2 venha a nós o Vosso Reino ... "

BISPO - Irreverente !

DITO - Eu escutei !

BISPO - Não é possível !

DITO - Foi milagre !

BISPO - Foi nada !

DITO (Levanta-se) - O senhor é um incrédulo !

BISPO - Olhe com quem está falando !

DITO - Com um bispo que nem sabe o que é um milagre ! Nunca escutou um santo !

BISPO - Não deturpe as coisas sagradas da igreja !

DITO - Igreja pro senhor é roupa bonita e boa comida !

BISPO - Menino !

DITO - O senhor usa a igreja pra K viver bem !

BISPO - Saia daqui !

DITO - Politiqueiro ! BISPO

BISPO - SUMA !!!

DITO - Hereje de uma figa !

(Dito sai correndo para a ponte, fritando).

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES CENSURA FEDERAL

DITO - TERESINHA ! TE-RE-SI-NHA !!! (Sai gritando em direção à casa do Pastor. Da sacristia o Bispo assiste tudo, estupefato).

BISPO - É o fim do mundo! Eu não entendo mais nada !Escutam santos falar, alcançam graças incríveis ! Essas muletas, esses retratos, essas peças de cera, esse sacristão maluco...(Tira do bolso) Sabe o que é isso ?

P. JOSÉ - Um prego !...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.457

DPF
DCDP
Fls. N.º 345
Rubrica

D

BISPO - O pagamento de uma graça alcançada por uma mãe ! É o cúmulo! O filho engoliu o prego e ela prometeu ao santo se ele ajudasse o filho a ... O santo virou purgante ! Não sei como pode acontecer isso !

P. JOSÉ - Fé, D.Arlindo... Fé ...

BISPO - Fezes, isto sim ... Fezes ! E não é só isso ! Veja essa imagem (Mostra-a) Santo Antônio, pintado com barba para ser vendido como São Francisco ! Isto é coisa de cadeia !

P. JOSÉ - Não importa a forma da imagem, mas o que ela representa...

BISPO - Pior ainda é a exploração política! Maldito Coronel Chiquinho ! O senhor viu a faixa em frente ao comitê político ? "Coronel Francisco saúda São Francisco "!

P. JOSÉ - É a redenção do Coronel que volta para nossa igreja ...

BISPO - Redenção ?! Pois eu vou arrasar mais uma vez com o Coronel ! Hoje, durante o sermão vou alertar a população contra esse ato demagógico e sacrílego do Coronel !

P. JOSÉ - Vai se repetir tudo outra vez !

BISPO - E a culpa é sua Padre ! Por isso resolvi transferi-lo para o "Recolhimento de São Pedro ", na Capital. Para que dedique seus últimos dias à meditação.

P. JOSÉ - Meditação ... Eu meditei a vida toda ... Agora eu quero fazer alguma coisa de útil ... Eu não posso deixar esta cidade !

BISPO - Não esqueça a sua condição de obediente servidor de Deus !

P. JOSÉ - Eu nunca servi a Deus !

BISPO - A sua permanência na cidade é prejudicial à nossa diocese ...

P. JOSÉ - Prejudicial, D.Arlindo? Justamente agora que eu quero realizar alguma coisa?

(O Bispo enquanto fala, vai tirando os sudários roxos dos santos).

BISPO - Formou-se à sua volta uma crença de santidade e o povo passou a idolatrar uma pessoa e não a instituição de Cristo !

P. JOSÉ - Mas eu represento a Igreja !

BISPO - Estamos quase na hora da missa. Durante o evangelho anunciarei ao povo sua partida e exaltarei sua pessoa.

P. JOSÉ - Minha partida, quando ?

DEPT.º POLICIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, p. 458

DPF
DCDP
Fls. N.º 346
Rubrica

(Todos os santos já estão descobertos, com exceção do Pastor Camilo. O Bispo dirige-se para ele. Padre José percebe a situação).

P. JOSÉ (Interceptando a passagem)- Pode deixar. Eu descubro este! Promessa ...

(O Bispo olha desconfiado e retira-se para o altar).

P. CAMILO - Não agüento mais ! (Descobre-se).

P. JOSÉ - Fique coberto !

P. CAMILO - Logo chega a imagem verdadeira... Era para chegar no trem das onze e quarenta e cinco ...

P. JOSÉ - Faltam cinco minutos para o meio-dia ...(Abre a porta da sacristia e olha para a praça). Nem sinal de santo ...

(A Jornalista passa rapidamente pelo Mascate).

MASCATE - E o trem ?

JORNALISTA - O das onze e quarenta e cinco está com uma hora de atraso! (Sai).

MASCARE - Estou perdido !

P. JOSÉ - Estou perdido ! (Entra).

P. CAMILO - Podemos tomar cadeia !

P. JOSÉ - De santo a salafrário !

P. CAMILO - Só temos uma saída !

P. JOSÉ - Qual ?!

P. CAMILO - A fuga !

P. JOSÉ - A fuga ... Não evitará minha excomunhão !

P. CAMILO - Mande o Papa às favas !

P. JOSÉ - O Papa às ... Não posso ...

P. CAMILO - Pense na sua vida !

P. JOSÉ - Pensar em mim ? Quem sou eu, sozinho ?

P. CAMILO - Um homem, antes de tudo !

P. JOSÉ - Eu sem a Igreja não sou nada !

P. CAMILO - Cada um de nós é uma igreja sozinho !

P. JOSÉ - Senhor Camilo... Não é hora para tentar me converter...

P. CAMILO - Eu e o senhor somos duas igrejas ! Vamos uni-las e fundar uma terceira !

P. JOSÉ - Oração !

DEPT.º FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677.P.459

DPF
DCDP
Fls. N.º 347
Rubrica

F

P. CAMILO - O senhor abandona o Vaticano e eu abandono a minha igreja ! Fundaremos a nossa " Igreja do Novo Pensamento Cristão "!

P. JOSÉ - Céus !

P. CAMILO - Iremos para bem longe e iniciaremos a nossa doutrinação! No Acre !

P. JOSÉ - No Acre tem índio !

P.CAMILO (Meio em delírio) - Uma igreja onde não se fale só latim e se leia trechos da Bíblia, mas onde se ensine o povo a pensar e enxergar as injustiças sociais !

P. JOSÉ - Isto me cheira a ...

P. CAMILO - Cada membro da Igreja trabalhará não para si e sua família, mas para um fundo geral da Igreja que distribuirá a cada um, segundo as suas necessiadades. Não existirão nem ricos, nem pobres nessa maravilhosa comunhão de bens !

P. JOSÉ - Isto é comunismo !

P. CAMILO - Vejo a raiz da nossa Igreja alastrar-se e dominar o país!

P. JOSÉ - O senhor está delirando !

P. CAMILO - ... Ultrapassar as fronteiras, dominar todo o continente, atravessar os mares e chegar do outro lado do mundo ! Os japoneses conhecerão nossa doutrina ! Os indianos e europeus, também !

P. JOSÉ - Acorde senhor Camilo ! (Chacoalha o Pastor Camilo)

P. CAMILO - Os americanos e judeus serão doutrinados !

P. JOSÉ - Homem dos céus !

P. CAMILO (Abraça Padre José numa atitude heróica) - Vamos. Vamos partir !

(O Bispo entra. Pausa. Embaraço)

BISPO - Quem será o sacristão para iniciarmos a cerimônia ? (Olha o Pastor Camilo) Que é isso. (Bate com os nós dos dedos no Pastor) Outro manequim ?

P. JOSÉ - Este é o senhor Camilo, Pastor da Igreja Protestante...

BISPO - Que deseja o senhor no sagrado templo católico ?

P. CAMILO - Explique a ele, senhor José ...

[illegible] Bem ... O senhor Camilo ...

[illegible] "Igreja do Novo Pensamento Cristão" [illegible]

[illegible] que ?

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.460

DPF
DCDP
Fls. N.º 348
Rubrica

P. JOSÉ (Interceptando) - É que o senhor Camilo veio fazer algumas reclamações, senhor Bispo ...

BISPO - Reclamações ?

P. CAMILO - Reclamações ?

P. JOSÉ - O senhor Camilo pede a minha transferência da cidade ...

BISPO - Transferência ?! (Indignado) Com que petulância o senhor pede a transferência de um ministro da minha Igreja ?

P. CAMILO - Eu ...

(Pausa)

BISPO - Não tem coragem de enfrentar-me ? Vamos, fale a mim e não a meu pobre e indefeso pároco !

P. CAMILO - Bem ... É que ... Esse ... Esse milagre que tomou conta da cidade está prejudicando minhas atividades de evangelizador... Esta farsa ...

BISPO - Farsa ?!

P. CAMILO - Esta farsa está roubando à minha Igreja os mais dedicados adeptos, guiados pela propaganda demagógica desse pároco que escuta santos falar, alcança graças incríveis !

DEPT. POLÍCIA FEDERAL SR/ES
CENSURA FEDERAL

BISPO - O povo nunca esteve tão fervoroso !

P. CAMILO - Essas muletas, esses retratos, essas peças de cera. (Pegando o prego sobre a mesa) Esse prego ... Não sei como pode acontecer tudo isso ...

BISPO - Fé, senhor Pastor ... Fé !

P. CAMILO - Fé ... Não é bem isso ... O povo está deturpando as coisas da vossa Igreja... Veja essa imagem! (Pega-a) Um outro santo, pintado com barba para ser vendido como o santo milagroso !

BISPO - Não importa a forma da imagem, mas o que ela representa !

P. CAMILO - E a exploração política? Há uma faixa em frente ao comitê político do Coronel: "Coronel Francisco saúda São Francisco"!

BISPO - É a ... É a ...

P. JOSÉ - Redenção ...

BISPO - É a redenção do Coronel que volta para nossa Igreja !

[illegible] dessa Padre uma crença de santidade e [illegible] a cidade ...

[illegible]

[illegible] pessoa e não a uma institui-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 461

DPF DCDP Fls. N.º 349 Rubrica

BISPO - Nossos ministros representam nossa Igreja !

P. CAMILO - Este homem é nocivo à cidade !

BISPO - Convença o povo disto !

P. CAMILO - É necessária e urgente sua transferência !

BISPO - Nunca ! Daqui ele não sairá !

(Padre José está boquiaberto. Dito entra da rua).

DITO - Estou atrasado, seu vigário ?

P. JOSÉ - Está.

BISPO - E não temos mais assuntos a tratar, senhor Pastor ! Passe bem ! (Para Dito) Você levou a imagem de São Francisco para o altar?

DITO - Eu ? Não ! ... Cheguei agora ...

BISPO - Pois pode arrumar a trouxa e ir embora. (Ao Padre) Onde está a imagem, Padre ?

P. JOSÉ - A imagem de São Francisco ?

DITO - O santo milagroso ?

P. CAMILO (Apontando o nicho vazio) - Não é esta ?

BISPO - Qual ?

P. CAMILO - Esta imagem ...

BISPO - Imagem ?!

P. CAMILO - Imagem de São Francisco, se não me engano ...

BISPO - Não vejo !

P. CAMILO - Aqui !

BISPO - Onde ?

P. CAMILO - Esta que o padre descobriu agora há pouco... Que estava coberta com esse pano... Não é esta, senhor José ?

P. JOSÉ - É ... É sim ...

BISPO - O senhor está vendo ?

P. JOSÉ (Receoso) Ali, no nicho ...

BISPO (Aproxima-se) - No nicho ?

(Dito aproxima-se indignado do nicho).

P. JOSÉ - A imagem que tanto desordem tem provocado !

P. CAMILO - Milagre !

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677.P.462

DPF DCDP Fls. N.º 350 Rubrica

BISPO - Os senhores ... Meus óculos ! Meus óculos ! (Sai para o altar)

DITO - O senhor está vendo mesmo ?

P. JOSÉ - Sim Dito ... (" Assustadíssimo") Você não vê ?!

DITO - Eu ...

P. CAMILO - Os pecadores não conseguem ver as imagens milagrosas...

P. JOSÉ - Você não vê, meu filho ?

DITO - Vejo ... Vejo, sim senhor ...

P. CAMILO - Uma vez eu soube de um caso parecido, em vossa Igreja... Só conseguiam ver a imagem milagrosa as pessoas puras, sem pecado!

DITO - Mas eu estou vendo, sim ...

(O Bispo volta com os óculos).

DITO - É pra levar o santo para o altar, "seu" vigário ?

BISPO - Santo ? Que santo ?

DITO - São Francisco ...

BISPO - Onde ?

P. CAMILO - Não vê ?...

P. JOSÉ - Não vê ?

BISPO - Não, ora essa !

DITO - Credo !

BISPO - Ali no nicho ?...

DITO - No nicho ...

P. CAMILO - Imponente e magnífica !

BISPO - Confesso ... Não vejo imagem nenhuma !

DITO - O senhor é pecador !

BISPO - Menino !

DITO - Pecador ! Pecador ! (Corre para a porta).

BISPO - Pare com isso !

DITO - PECADOR !!! (Sai correndo para a praça) O Bispo é pecador! O Bispo não vê o santo ! (Sai gritando).

BISPO - Com gritaria e esse ?

[illegible] vossa pilhéria ao povo !

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.463

DPF
DCDP
Fls. N.º 351
Rubrica

P. JOSÉ - Vossa brincadeira, D. Arlindo !

BISPO - Mas que brincadeira, homem ?

P. JOSÉ - De não ver a imagem de São Francisco !

BISPO - Eu acho que estou sonhando! Que se passa com vocês ? Vocês estão brincando ?

P. CAMILO - Como, senhor Bispo ?

P. JOSÉ - Brincando, por quê ?

BISPO (Desesperado) - Eu não vejo nada ! (É consolado pelo Padre e Pastor).

(Na praça, Coronel Chiquinho reúne três homens).

CORONEL - Essa é a nossa oportunidade! Eu soube que o Bispo quer nos atacar outra vez, durante o sermão! Espalhem pela cidade inteira que ele não consegue ver o santo milagroso, por causa dos seus pecados! (Os três vão saindo) Voltem ! Tem mais ! (Os três voltam) Todo mundo no partido tem que ver o santo ! Se houver por acaso algum pecador que não consiga ver, digam a ele para fingir! Eu quero que nessa cidade inteira, somente um homem tenha pecado: o Bispo! (Faz um sinal. Os três retiram-se, cada qual para um lado).

(O Coronel Chiquinho dirige-se à sacristia. Entra).

CORONEL - Bom dia, senhores !

P. JOSÉ - Coronel ...(Olha receoso ao Bispo que se recompõe).

CORONEL (Dirigindo-se ao nicho vazio)- Bela imagem, Padre José ! Bela imagem ! Vê-se logo que é uma imagem milagrosa! Que bela expressão no olhar ! (Ao Pastor Camilo) Muito bem, Pastor ! Veio depor vossa fé junto à imagem milagrosa ?!

P. CAMILO - Vim conversar com o Padre José ...

CORONEL - Negócios ?

BISPO - Reivindicações absurdas! (Sai para o altar).

CORONEL - Absurdas ? Que deseja o senhor que " sua santidade ", o Bispo, não aprova ?

P. CAMILO - Fundar uma escola junto ao Padre José.

CORONEL - Uma escola ?!

P. CAMILO - A Escola do Novo Pensamento Cristão !

CORONEL - O Bispo não permite ? ...

[illegible] ...ção dos ideais do Padre José com os meus...

[illegible]

[illegible]

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 464

DPF
DCDP
Fls. N.º 352
Rubrica

L

BISPO (Voltando) - Vamos iniciar a missa, Padre ...

CORONEL (Provocador)- Aproveito essa oportunidade para doar aos santos párocos das igrejas de nossa cidade, minha propriedade e meu apoio financeiro, para a construção de uma escola !

BISPO - Toque o sino, Padre ! Já passa do meio-dia! (Sai)

(Coronel abre a porta da sacristia).

CORONEL - Povo de minha terra ! (As pessoas se agrupam perto da porta) Este é o momento de exaltação de nossa fé ! Eu me sinto orgulhoso de poder, junto aos santos de nossa cidade, Padre José e Pastor Camilo, anunciar a fundação da escola modelo da cristandade! A Escola do Novo ... Novo o quê ?

PADRE e PASTOR - Novo Pensamento Cristão !

CORONEL - Novo Pensamento Cristão! Vamos todos festejar esse grande acontecimento, com banda, foguetes e uma chuva de rosas !

(Vivas entre o povo. O Coronel sai acompanhado pelo povo. Fica apenas Teresinha na praça, que dirige-se para a sacristia).

DITO (Entrando afobado na sacristia)- Padre Jose! O Bispo começou a missa sozinho, e não tem ninguém na igreja !

P. JOSÉ - Oh, meu São Benedito ...

P. CAMILO - Não pense mais no Bispo. É carta fora do baralho !

(Teresinha entra na sacristia. Quase desmaia de susto).

TERESINHA - Oh ! ...

P. CAMILO - Que foi, Teresinha ?

(É acudida por todos).

TERESINHA (CHorando)- O nicho ... O nicho vazio !

P. JOSÉ - Nicho vazio ...

TERESINHA - Eu sou uma pecadora !

DITO - Não chore, Teresinha ... Eu também não vi o santo ...

TERESINHA - Você me levou para o mau caminho, com sua maçã ...

P. CAMILO - Ora, não se aborreça ... Antes do casamento você verá, pode ter certeza !

TERESINHA - Antes do casamento com Dito ?

[illegible] que deixem de se encontrar na ponte ...

[illegible] do fundo, trazem a imagem verdadeira em [illegible] sobre um andor. Batem à porta da sacristia)

[illegible] antes, eu vejo o santo ?

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677.P.469

DPF DCDP Fls. N.º 353 Rubrica

M

P. CAMILO - Vê ... (Atende a porta) Muito antes do que você pensa... (Fecha a porta). Agora vá com Dito para a festa ! Pela porta do altar.

DITO - O Bispo está rezando a missa ... Vamos atrapalhar...

P. CAMILO - Reza de pecador não tem valor ...

(Dito e Teresinha saem).

P. CAMILO (Abrindo a porta)- Chegou o santo verdadeiro...

SIMÃO (Entrando) - O trem atrasou, senhor Camilo ...

P. CAMILO - Até que foi bom ...

TAKAWA - Quando precisar é só chamar ...

SIMÃO - E pagar ... (Estende a mão. O Pastor dá-lhe um níquel. Takawa e Simão saem).

P. CAMILO - Estamos salvos !

P. JOSÉ - Vamos desembrulhar e mostrar ao povo !

P. CAMILO - Não ! Espere ! O povo é pecador e não deve ver o santo !

P. JOSÉ - Que ?!

P. CAMILO - Para que cada fiel consiga ver o santo, é preciso que cumpra uma boa ação para purificação da alma ! Vamos esconder a imagem no armário ! Deixaremos que a imagem seja vista apenas pelos que merecem !

P. JOSÉ - Apenas os que merecem ? ...

P. CAMILO - Com esse incentivo, em breve toda a cidade poderá ver ! Nós julgaremos os bons e os maus ... Aos bons mostraremos a imagem...

P. JOSÉ - E aos maus o andor vazio ...

P. CAMILO - Teremos o controle da população ! Controle espiritual !

P. JOSÉ - Mas é uma mentira !

P. CAMILO - Os meios não importam quando o fim é para o bem [illegible]

P. JOSÉ - Deve haver um meio de dar tudo ao povo dentro da [illegible]

(Ouve-se uma banda que se aproxima. Pastor Camilo guarda a imagem no armário).

P. CAMILO - A banda vem aí ! Vamos ao encontro do povo com o andor vazio !

P. JOSÉ - Ao encontro do povo ?

P. CAMILO - Pegue na outra ponta ... (Levanta o andor) Vamos, levante.

(O andor é erguido e os dois religiosos saem carregando-o até a

[illegible] organar a todos !

DEPTº POLÍCIA FEDERAL - SR/ES CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 466

DPF DCDP Fls. N.º 354 Rubrica

N

P. CAMILO - Padre, controle-se ... O andor está virado. Assim a "imagem " cai ...

P. JOSÉ - Vou contar a verdade a todo mundo !

P. CAMILO - É o nosso fim !

P. JOSÉ - O começo para eles !

P. CAMILO - Eles vão fazer a revolução !

P. JOSÉ - Eu vou ajudar !

P. CAMILO - Quieto ... Estão chegando ... Faça um ar santificado.

(Entra o cortejo na praça, tendo o Coronel à frente. Dois homens carregam uma faixa: " Coronel Francisco saúda São Francisco").

CORONEL - Silencio !!! (A banda pára. Aos poucos, faz-se silencio). Ajoelhemos diante da imagem de São Francisco Milagroso ! Adoremos esta beleza incomparável, que só os puros e santificados podem ver !

(O Coronel se ajoelha. Aos poucos, todas as pessoas vão se ajoelhando. O Bispo aparece com sua valise. Está de partida).

CORONEL - Perdoai, oh santo milagroso, os pecadores dessa cidade, que não conseguem ver nossa deslumbrante beleza !

(O Bispo vagarosamente começa a atravessar a praça. O Padre treme. Todos acompanham o Bispo com o olhar).

MASCATE - Está vendo, senhor Bispo ? (Aponta o andor) N Igualzinha a que eu vendi ! Não é mesmo, senhor Bispo ? ... (Risadas) O senhor não pode mais me mandar prender ...

(Pausa. O Bispo aproxima-se vagarosamente do andor).

BISPO - Igual ?! Completamente diferente, senhor Mascate ! Aquela é Santo Antônio ! Esta é São Francisco de Assis ! Olhe as feições como são diferentes. Note a expressão dos olhos de São Francisco buscando Deus na sua infinita soberania !

1º FIEL - Eu quero meu dinheiro de volta !

(O Mascate tenta fugir)

2º FIEL - Pega !!! Pega !!!

FIÉIS - PEGA !!! (O Mascate é cercado).

JUCA - [illegible] !

[illegible]) Solte o rapaz ! (Os fiéis obede- [illegible] todos pessoas de alma pura e [illegible] criatura. É o primeiro passo [illegible] infelicidade ainda não [illegible]

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS CPR.TEA.PTE 0677,P.467

DPF DCDP Fls. N.º 355 Rubrica

ram ... Todos que quiseram ver o santo, devem saber perdoar mesmo os inimigos mais baixos e traiçoeiros.

COLONEL - Eu o perdôo, bondoso Bispo ...

BISPO - Eu também o perdôo, ilustre Coronel ...

P. JOSÉ - Senhor Bispo ... Uma perguntinha ... O senhor vai comunicar o fato milagroso ao Arcebispo ?

BISPO -(Hesita)- Si-sim ... Naturalmente ...

P. JOSÉ - E o Arcebispo ao Cardeal ? ...

BISPO - Por certo ...

P. CAMILO - E com o seu depoimento o Vaticano reconhecerá o fato ?

BISPO - Provavelmente ...

JORNALISTA (Num canto) - FURO SENSACIONAL !!! O primeiro do mundo a noticiar ! (Manchetes) PROCESSO DE CANONIZAÇÃO DE DOIS SANTOS BRASILEIROS !!! (Sai correndo).

P. JOSÉ - Um momento ... Tenho uma revelação importante a fazer ! (Pausa) O SANTO É O PASTOR !

P. CAMILO - O SANTO É O PADRE !

(um tempo)

CORONEL - OS DOIS SÃO SANTOS !!!

UM FIEL - OS DOIS !!!

OUTRO FIEL - OS DOIS SÃO SANTOS !!!

JUCA - VIVA O SANTO PASTOR CAMILO !!!

TODOS - VIVAAA !!!

CORONEL - VIVA O SANTO PADRE JOSÉ !!!

TODOS - VIVAAA !!!

(todos se ajoelham, inclusive o Bispo. Um avião sobrevoa a praça e lança rosas sobre a multidão. A banda volta a tocar. Pastor Camilo e Padre José divertem-se calculadamente, enquanto o povo reza a seus pés).

F I M

DEPT.º POLÍCIA FEDERAL - SR/ES - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.468

DPF
DCDP
Fls. N.º 356
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO ESP. SANTO

SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Título da Peça: "O Santo Milagroso"
Autor: Lauro Cesar Muniz
Assunto: Liberação de Texto

O texto é uma comédia que focaliza a amizade existente entre um padre da Igreja Católica e um Pastor Protestante que é mantida em segredo, durante algum tempo, devido às intransigências de seus superiores mas, finalmente, se unem formando uma crença que se propõe à prática do bem e ao amor ao próximo.

A mensagem principal é uma crítica ao fanatismo religioso que não admite convivência pacífica entre as diversas seitas e à ingenuidade do povo que se deixa engamar por falsos santos e milagres, considero positiva uma vez que as próprias religiões já adotaram o Ecumenismo e, ao mesmo tempo, é um alerta para os indivíduos que se deixam enganar tão facilmente.

O público alvo é o adulto , a linguagem é normal sem termos chulos.

Considero o grau de persuasão alto por ser uma peça bem escrita e abordar um tema tão polêmico como o religioso.

Considerando que o tema é irreverente, sugerimos a liberação com impropriedade para 10 anos.

Vitória, 03 de dezembro de 1984.

Marliana

Bel. Marília Perazo Via a
Técnica de Censura
Matr. 022.351

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 469

DPF
DCDP
Fls. N.º 357
Rubrica

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO ESPIRITO SANTO

S.C.D.P./SR/DPF/ES

ASSUNTO : Exame de Texto

TÍTULO : " O SANTO MILAGROSO "

AUTOR : Lauro Cesar Muniz

CLASSIFICAÇÃO : 10 anos

Peça teatral, tem como tema o relacionamento de dois religiosos pertencentes a igrejas diferentes.

Mensagem positiva, pois mostra, que mesmo pertencendo a seitas distintas, as pessoas podem conviver pacificamente.

O público alvo é o adulto e a linguagem é adequada.

Pelo exposto e por apresentar de orma irreverente o tema, opino pela liberação com a impropriedade de dez anos.

Vitória-ES, 03 de dezembro de 198 4

LUIZ PAULO DIAS DE MATTOS
TÉC.CENS.MAT.Nº 2.415.802

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0672, P. 470

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DPF
DCDP
FIS. N.º 358
Rubrica

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 34/84

PEÇA "O SANTO MILAGROSO"

ORIGINAL DE LAURO CESAR MUNIZ

APROVADO PELA D.C.D.P. VÁLIDO ATÉ 05 de fevereiro de 19 85

CLASSIFICAÇÃO
Impróprio para menores de 10 anos.

Justificativa da Impropriedade:
TEMA IRREVERENTE

POLÍCIA FEDERAL DEPTº CENSURA FEDERAL

Vitória, Brasília, 05 de dezembro de 19 84

Bel. Rogério Freitas Fróes
CHEFE DA S.C.D.P./SR/ES
Diretor da DCDP

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada " O SANTO MILAGROSO "

Original de LAURO CESAR MUNIZ

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por Maria Lina Grillo Reis

Tendo sido censurada em 05 de dezembro de 1984 e recebido a seguinte classificação: Impróprio para menores de 10 anos

Vitória 05 dezembro 84

Brasília, ____ de ____ de 19____

Chefe do Serviço de Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677 p 47

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0877.P.472

TEATRO

DPF
DCDP
Fls. N.º 359
Rubrica

TÍTULO * O SANTO MILAGROSO *

AUTOR DA PEÇA: LAURO CÉSAR MUNIZ *

1) ARQUIVO

Clas. Anterior * 10 ANOS *

Praça * SCDP/SR/ES *

Obs.:

DF. 07 / JAN. / DE / 1985

Resp. pela elaboração do Processo

ADILSON

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 10 (dez) anos, sem cortes, condicionado ao exame do ensaio geral.

Obs.:

Brasília-DF, 08 de 01 de 19 85

Joana Batista Passos
Sub. Eventual do Chefe SCTC/DCDP
Mat. 2.417.073

Brasília-DF de de 1.9

J. D. - Certo irreverência

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de para o qual os censores propõem a classificação etária de 10 (dez) anos

Brasília-DF 09 de 01 de 19 85

Nei de Oliveira
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

Em de de 1.9

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 09 / 01 / 19 85

DPF-538

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DPF
Fls. N.º 360
Rubrica

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº	EMISSÃO	VALIDADE
289	09 JANEIRO 1985	09 JANEIRO 1990

TÍTULO: "O SANTO MILAGROSO"

AUTOR (ES): LAURO CESAR MUNIZ

CLASSIFICAÇÃO: 10 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZ ANOS

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE: CERTA IRREVERÊNCIA

JOSUÉ GUEDES
Diretor da DCDP
ASSINATURA

TÍTULO: "O SANTO MILAGROSO"

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL — CERTIFICADO Nº 289

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: MARIA LINA GRILLO REIS *CACHOEIRA DE ITAPEMIRIM/ES*

DECISÃO: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 10 (DEZ) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.473

CLEUSA MARIA BARROS DORNELES
Chefe do SC - DCDP
ASSINATURA

Brasília, 09 DE janeiro DE 19 85.

RMS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

DPF
DCDP
Fls. N.º 361
Rubrica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.474

10 de janeiro de 1985

48/85-SE/DCDP

ES

"O SANTO MILAGROSO", de autoria Lauro César Muniz.

Atenciosamente,

JOSUÉ GUEDES
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,V.475

DIVISÃO DE TELECOM SC - DMG
22 AGO 09 35 86 000313
ENCAMINHADO A

0821.2013

611461DPFEB BR
851088DPFE BR
DE FLA/CE 126 18 211700P
DCDP - BSB
1225/210886 -SCDP/SR/CE PT SOL INFO QUE CONSTA PEÇA TEATRAL O SANTO MILAGROSO AUT DE LAURO CESAR MUNIZ PT

SR/CE

RECEBIDO EM 22-08-86
AS: 10:04 HS

Recebi às 15:0
Em 22/08/86
Mat. 6190636

NNNN
TR OPOR:
RC POR :

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

3ª VIA

PARA USO DA ESTAÇÃO

25 AGO 11 22 86 000312

PREÂMBULO

Espécie: OFICIAL | Número: | Data:

Origem: | Palavras: | Hora:

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

ENDEREÇO

SCDP/SR/CE = FLA =

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 634/DCDP de 25 8 86 RERA NR 1225/86-SCDP/CE VG INFO PEÇA " O SANTO MILAGROSO " LIB DEZ ANOS - CERT VAL 09.01.90 - JI. CERTA IRREVERENCIA PT DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677, P 176

Assinatura ou rubrica do expedidor

Raymundo Custáquio de Mesquita
Chefe do Serviço de Censura-DCDP

DPF-84

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL 007067

MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL/CE

DCDP / BSB

Ofício nº 39/86 - SCDP/SR/CE

Fortaleza Ce 5 de Setembro/86

Do: Chefe do SCDP/SR/CE

Ao: Sr. Diretor da DCDP

Assunto: Estatística referente ao mês de agosto/86

Anexo: Cópia do Ofício 38/86-SCDP/SR/CE de 4 de set encaminhado ao Diretor Executivo do CNDA.

Senhor Diretor:

Encaminho a V.Sa. o Mapa Estatístico deste Serviço, referente ao mês de agosto, acompanhado do texto referente à peça teatral " O SANTO MILAGROSO" de autoria de Lauro César Muniz , bem como relatórios de "script" e de ensaio geral da referida.

À oportunidade, renovo a V.Sa. os meus protestos de consideração e apreço.

Francisca Iêda Augusto Fernandes

Chefe do SCDP/SR/CE

Cotiolano de L. C. Fagundes
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 477

SR/DPF/CE - Cód. 011.222 - Papel Aperg. 24 Kg. Branco - 10.000 fls. - Dim. 297x210 mm - 02/86

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MJ - DPF - CENSURA/CE
PROT. Nº 1968
DATA: 27 AGO 1986
T. C.

.... Maria .das . Graças . Rodrigues . de . Carvalho . Musy .....
REQUERENTE

..... brasileira ....., ... professora .....
NACIONALIDADE PROFISSÃO

Carteira de Identidade ... 3.158.774 ..... Instituto . Félix . Pacheco . - . RJ. .....
Nº E ÓRGÃO EXPEDIDOR

residente e domiciliado à . . Rua . Pintor . Antônio . Bandeira, . 1654, . apto. . 602 .....

... Praia . do . Futuro . - . Fortaleza - Ce. ....., vem

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas

censórias vigentes, a(s) . . Peça . Teatral ..... abaixo relacionada(s),
ESPÉCIE

de autoria de: .... Lauro . César . Muniz .....

....." . O . SANTO . MILAGROSO . " .....
TITULO(S)

.....

.....

.....

.....

.....

Nestes termos,

Pede deferimento

. Fortaleza, . 21 . de . agosto . de . 1986. .....
LOCAL E DATA

.....
REQUERENTE

Anexos:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677.P.478

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 479

1 — EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: Grupo Mirante de Teatro Amador da UNIFOR CGC: -

Sede: Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

CEP:

Diretor ou Responsável: Maria das Graças Rodrigues de Carvalho Musy

2 — DADOS DO AUTOR

Nome:

Pseudônimo : Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

3 — PARCEIRA

Nome:

Pseudônimo : Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Nome:

Pseudônimo : Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço:

CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (exetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA:

Ass.:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,480

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SCDP
SRJCE

PERSONAGENS

Padre José — velho de sessenta anos.

Pastor Camilo — meia idade, atlético.

Teresinha — irmã do Pastor Camilo, trinta anos.

Dito — sacristão católico, vinte anos.

Coronel Chiquinho — gordo, cinqüenta anos.

Bispo — velho alto e robusto.

Jornalista

Mascate

Juca

Mulher de Juca

Simão — judeu.

Takawa — japonês.

Fiéis

Banda de música

1º Ato — 1º quadro — *Quinta-feira pela manhã.*

2º quadro — *Quinta-feira à noite.*

2º Ato — 3º quadro — *Sexta-feira pela manhã.*

3º Ato — 4º quadro — *Sábado de Aleluia.*

Ação — Pequena cidade do interior paulista.

Época — Indeterminada.

Cenário — Apresenta um setor da cidadezinha. Quatro partes principais o compõem. A maior e que ocupa metade do palco, é a parte posterior da igreja, onde se instala a sacristia. É Quaresma: alguns santos cobertos com o sudário roxo, e di postos nos ângulos das paredes, em nichos especialmente construídos. Um dos nichos está vazio à espera de seu respectivo santo. Pequena mesa, cadeiras, um genuflexório e um armário grande e rústico. Duas portas: a que se comunica com o altar e a que dá acesso à praça. A segunda parte do cenário, ao fundo e central, é uma pequena ponte em forma de arco acentuado. Esta ponte liga a parte anterior *(sacristia)* com a terceira parte do cenário que é a casa do Pastor protestante. Pequena sala com algumas peças de móveis antigos. Livros e figuras espalhados. A quarta parte do cenário desenvolve-se até o proscênio e representa parte da praça onde está situada a igreja. Árvores e bancos.

dele permanecem, vivas e palpitantes, as concepções imperecíveis dessas glórias do passado.

O SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO, na evocação dessas figuras inesquecíveis, tomou a iniciativa de propiciar, às gerações do presente, a oportunidade de um íntimo contato com o pensamento e as obras desses vultos imortais, num retrospecto evolutivo que se estende aos nossos dias, entrelaçando-os ao espírito criador dos autores contemporâneos que dão ao nosso teatro a dimensão cultural e artística de que nos orgulhamos. E, através do SETOR DE DIFUSÃO CULTURAL, responsável pela execução de seus editoriais, apresenta a segunda série de uma seqüência de publicações sob a epígrafe: "COLEÇÃO DRAMATURGIA BRASILEIRA".

Entretanto, para que essa aspiração do SNT se tornasse realidade, os Diretores da SHELL, numa demonstração de apreço às promoções culturais do nosso país, não relutaram em participar da iniciativa, assumindo, a responsabilidade do seu patrocínio.

Não poderíamos fugir ao dever desse registro que põe em relevo a simpatia da SHELL pelos valores históricos que integram a "COLEÇÃO DRAMATURGIA BRASILEIRA", destinada ao enriquecimento das bibliotecas nacionais e internacionais, atestados eloqüentes do aprimoramento cultural do nosso povo, da nossa gente.

FELINTO RODRIGUES NETO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.481

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SCDP
SR/CE

PRIMEIRO ATO

1º Quadro: Quinta-feira pela manhã.

Simultaneamente, vindos de suas respectivas igrejas, e carregando vara de pescar e sacolas idênticas, PADRE JOSÉ e PASTOR CAMILO, alcançam a ponte. Inicialmente ao se verem param sem jeito. Depois de rápida hesitação, cumprimentam-se solenemente tirando os respectivos chapéus e fazendo leve reverência. Tomam posição na ponte, nas respectivas extremidades e simetricamente preparam-se para a pesca. Lançam o anzol na água e ali ficam estáticos, na expectativa. Momentos depois vem DITO, da Igreja Católica. Ao ver o Pastor aproxima-se rapidamente do Padre.

DITO *(Cochichando ao Padre)* — Vê se pesca antes!...

(Dito olha ao Pastor. O Pastor olha para ele e dá a entender que ouviu. O Padre também acaba por olhar ao Pastor. O olhar é de desafio. Voltam à atitude inicial de aparente indiferença. Dito rola pelo parapeito, de um lado para outro, numa torcida respeitável. O Pastor "sente" o peixe! Dito pára, assustado. A vara se curva num arco acentuado. O Padre olha-o em expectativa. O Pastor puxa o anzol, vazio... Dito sorri aliviado. O Pastor volta à posição de expectativa. Dito volta a impacientar-se, rolando pelo parapeito da ponte de um lado para outro. O Padre "sente" o peixe).

DITO *(Entusiasmado)* — Vai! Puxa!

(O Pastor olha apreensivo. O Padre puxa o anzol, vazio... Dito se entristece. Alívio do Pastor. Voltam os três à posição inicial).

DITO — A linha dele é maior, "seu" vigário!

(É repreendido pelo olhar severo do Padre. Dito escapa para o centro da ponte e continua a torcida. Repentinamente os dois pescadores "sentem" o peixe. Dito anima-se na torcida).

DITO — Calma, "seu" vigário que é nosso!

(A luta continua. As duas varas ao mesmo tempo curvam-se entuadamente. Os dois puxam os anzóis e as linhas convergem m mesmo peixe! Os três perplexos e momentaneamente sem ação).

DITO *(Boquiaberto)* — O mesmo peixe! *(Debruça-se para ver elhor)*. Baita peixão!

(Os dois párocos estão embaraçados. Entreolham-se. Sorriem scretamente).

DITO — Metade para cada um!

(Começam a recolher o peixe e automaticamente se aproximam centro da ponte).

P. JOSÉ *(Cedendo, aponta o peixe)* — Tenha a bondade...

P. CAMILO — Pode ficar com ele...

P. JOSÉ — Obrigado, mas em casa somos só dois...

P. CAMILO — Em casa não comemos peixe...

DITO — Racha no meio! Eu vou buscar a faca! *(Sai correndo)*.

(Os pescadores tiram seus anzóis: primeiro o Pastor Camilo, epois Padre José).

P. JOSÉ — Belo peixe! *(Segurando-o)* Veja como pesa!

P. CAMILO — É mesmo! Nunca peguei um assim nesse ribeirão. á é a terceira vez que venho pescar este mês.

P. JOSÉ — O senhor aprecia a pesca?

P. CAMILO — Sou um amante dos esportes: pesca, futebol e atação. E o senhor?

P. JOSÉ — Gosto também... *(Sorri)* Mas já estou ficando velho ara isso... Outro dia fui pescar lá embaixo perto da curva, e e tanto ficar agachado, minhas pernas endureceram... Quase ão consegui ajoelhar-me no dia seguinte para rezar... Por pouco ão cometi a irreverência de rezar de pé... *(Pausa breve)*.

P. CAMILO — Eu também já estou sentindo a idade... Quando oço nadava e jogava futebol aos sábados e domingos. Agora, só e dar uns chutinhos com meu filho, já boto a língua de fora.

P. JOSÉ — Seu filho também joga futebol?

P. CAMILO — Jogo no duro, não... Ainda não foi possível rmar um quadro de futebol na Igreja...

P. JOSÉ — Por que?

P. CAMILO — Não temos jogadores suficientes...

P. JOSÉ *(Com ar de superioridade)* — Nós temos três quaros: da "Cruzada", o da "Infância de Cristo" e o dos "Filhos

de Maria". Se seu filho quiser, poderá jogar conosco... Quero dizer... Acho que não haveria mal nenhum...

P. CAMILO — Obrigado... Mas meu filho atualmente estuda na capital... Vivo só com minha irmã. Meus passatempos agora são os jogos moderados: batalha naval, torrinha...

P. JOSÉ — Eu passo meu tempo arquitetando lances no tabuleiro de xadrez...

P. CAMILO — O senhor joga xadrez?

P. JOSÉ — Jogar com quem? Eu faço de contas que jogo... Nesta cidade não há um cristão que jogue xadrez.

P. CAMILO — Eu jogo!

P. JOSÉ — O senhor joga?

P. CAMILO — Quer dizer... Jogava... Agora não existem adversários... *(Embaraço. Pausa)*.

P. JOSÉ — Pois é... Nesta terra monótona não se tem o que fazer...

P. CAMILO — Até pouco tempo ainda me divertia, nadando um pouco... Mas depois de um certo acontecimento, perdi a vontade...

P. JOSÉ — O que, senhor Camilo?

P. CAMILO — Vi morrer um pobre homem, sabendo que poderia salvá-lo... Tiraram o coitado do rio, inchado de água e ficaram chacoalhando o homem sem conhecimento nenhum...

P. JOSÉ — O senhor sabia salvar afogado?

P. CAMILO — Sabia e sei! Pratiquei natação muito tempo e aprendi essa arte...

P. JOSÉ — Então, por que não o salvou?

P. CAMILO — Não me deixaram por a mão no moribundo! Diziam que era a mão do diabo!

P. JOSÉ — Que absurdo!... E depois?

P. CAMILO — Ficaram esperando o padre chegar...

P. JOSÉ — E o padre tentou salvá-lo?

P. CAMILO — Para a outra vida... Deu-lhe a "extrema-unção"...

P. JOSÉ — Ainda bem!... *(Cai em si)* Esse afogado não foi o Zé-Perdigueiro?

P. CAMILO — Foi...

P. JOSÉ — Então o padre era eu!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SCDP
SR/CE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.482

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677, P.483

P. CAMILO — Era, sim senhor...

P. JOSÉ — Ora... Eu não sabia que o senhor entendia de salvamento... Sinto muito...

P. CAMILO — Enfim, o que passou, passou... Mas ainda há quem diga por aí que minha igreja é coisa do seu diabo!

P. JOSÉ *(Ofendido)* — Ora, sr. Camilo...

P. CAMILO — Não são seus adeptos mais cultos... E esses são a minoria.

P. JOSÉ — De certa forma... Aliás, minha paróquia é mesmo muito desigual, não é como a vossa que prima em selecionar a nata da sociedade da nossa cidade...

P. CAMILO — São todas pessoas bastante simples...

P. JOSÉ — Simples, sr. Camilo? Eu conheço muito bem a maioria deles.

P. CAMILO — Ah, é verdade!... Boa parte já pertenceu à sua paróquia...

P. JOSÉ — O Coronel Chiquinho e todo o pessoal do partido dele...

P. CAMILO — ...que se converteu há pouco tempo...

P. JOSÉ — O senhor bem sabe o motivo dessa conversão!

P. CAMILO *(Desafiador)* — Evolução natural...

P. JOSÉ *(Perdendo as estribeiras)* — Manobra política! Pura e simples manobra política!

P. CAMILO — Provocada pelo Bispo de sua diocese que usava o púlpito para atacar o coronel!

P. JOSÉ — Defender o povo, isso sim!... Bem sabe o senhor que o Coronel havia se ligado a elementos subversivos, para angariar os votos dos trabalhadores da Usina de Açúcar.

P. CAMILO — Que mal há nisso?

P. JOSÉ — Que mal há? Todo mundo sabe a cor política do líder dos trabalhadores da Usina!

P. CAMILO — O Zezão é tão cristão quanto eu!

P. JOSÉ — Não duvido!... O principal é saber o quanto o senhor é cristão...

P. CAMILO *(Impulsivo)* — Passe bem, sr. José... Pode ficar com o peixe...

P. JOSÉ — Como um bom jogador de xadrez, o senhor se retira antes do "mate".

P. CAMILO *(Voltando)* — Eu nunca perderia para o senhor, em terreno nenhum, muito menos numa partida de xadrez... *(Pausa)*.

P. JOSÉ — Isto é um desafio?

P. CAMILO — Como queira...

P. JOSÉ — Se não fosse a situação política existente na cidade eu teria a satisfação de derrotá-lo em sua própria casa...

P. CAMILO — Pois eu enfrento a situação e irei derrotá-lo em sua casa!

P. JOSÉ — Quando?

P. CAMILO *(Clássico)* — Marque o dia e a hora...

P. JOSÉ — Bem... Eu poderia recebê-lo depois da reza, hoje mesmo...

P. CAMILO — Que hora?

P. JOSÉ — Sete horas!

P. CAMILO — Local...

P. JOSÉ — Na... Sacristia da igreja...

P. CAMILO — Na sacristia?!

P. JOSÉ — O senhor se opõe?

P. CAMILO — Não... Apenas quero que haja o mais absoluto sigilo, sobre esse encontro... O senhor compreende, não é?

P. JOSÉ — Hoje, Quinta-feira Santa, os fiéis passarão a noite velando o "Senhor Morto"... A praça estará vazia e o senhor poderá passar sem ser percebido.

P. CAMILO — Lá estarei às sete em ponto!

DITO — Pronto! Custei a achar a faca!

(Dito entra com a faca).

P. CAMILO — Com licença... *(Pega a faca e corta o peixe ao meio)*.

DITO — Agora vamos tirar a sorte para ver quem fica com a cabeça! Eu vou jogar a medalha de Santo Onofre para cima. Se cair do lado do santo, ganha o "seu" vigário. Se cair do lado das letras, ganha o senhor... *(Joga a medalha e apara-a)*.

DITO — Ganhamos! Deus está do nosso lado. *(Entregando)* O rabo é seu!

P. CAMILO — Obrigado. Bem, vou andando... A pesca hoje foi boa... Tive prazer em encontrá-lo... Senhor vigário.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCDP SR/CE

P. José *(Forçando)* — O prazer foi todo meu... Senhor Pastor.

(Solene reverência dos dois párocos. Cada qual descendo a ponte dirige-se para sua casa).

Dito *(Entrando na sacristia)* — O senhor viu a nossa sorte? *(Exibe o peixe).*

P. José — Eu vi sua malandragem! A medalha tem um santo de cada lado: Santo Onofre e São Gabriel. E caiu do lado de São Gabriel. Deveria ser dele a cabeça...

Dito — Ele não conhece santo... Azar dele. Ficou com a bunda!

P. José — Dito!...

Dito — Perdão "seu" vigário... Eu disse sem querer. Escapou...

P. José — Você anda muito saidinho, ultimamente. Ainda ontem vieram me dizer que o viram na rua... *(Embaraça-se)* ...na rua das mulheres...

Dito — Eu? Fazendo o quê, "seu" vigário?

P. José — Ora, você bem sabe o quê...

Dito — Sei não, "seu" vigário...

(Padre José e Dito colocam os apetrechos sobre a mesa. Na casa do Pastor Camilo, Teresinha entra na sala).

P. Camilo — Teresinha! Teresinha!

Teresinha — Você me chamou?

P. Camilo — Prepare esse peixe para o almoço...

Teresinha — Cadê o resto? *(Procura na sacola).*

P. Camilo — Dei a um pobre esfomeado...

Teresinha *(Pegando uma estampa na sacola)* — Que é isso? Como Jesus está acabado nesta figura!

P. Camilo *(Tomando a estampa)* — Jesus? Não é Jesus! Onde estava isto?

Teresinha — Na sacola...

P. Camilo *(Olha a sacola)* — Esta sacola não é nossa!

Teresinha — De quem é?

P. Camilo *(Embaraçado)* — Do... Padre...

Teresinha — Credo! Do Padre católico? *(Míope, pega a estampa)* É ele?

P. Camilo — É São Pedro! Ponha os óculos, menina!

Teresinha — Mas Camilo, São Pedro era católico?

P. Camilo — Já lhe disse um milhão de vezes! Antes de Lutero era tudo a mesma coisa!

Teresinha — Oh, é mesmo! Eu ando tão esquecida, ultimamente...

P. Camilo — Anda aérea! Uma mulher como você tem que se preocupar única e exclusivamente, em servir a Deus.

Teresinha — Eu não paro um minuto de pensar Nele... Mas será que Ele pensa em mim, Camilo?

P. Camilo — Ora Teresinha! Que blasfêmia! Você tem tudo... O que mais pode desejar na vida?

Teresinha — Bem... Já andam me chamando de solteirona. E isso humilha, não humilha?

(Na sacristia, Dito mexe na sacola).

Dito — Que livro é esse, "seu" vigário?

P. José — Uma Bíblia... *(Cai em si)* Esta sacola não é nossa!

Dito — É do Pastor! Credo em cruz, vamos tirar isto daqui! Olha uma maçã!

P. José — Deixe aí, não é sua...

Dito — Faz tempo que eu não como uma!

P. José — É pecado tirar as coisas alheias, "meu filho"... Ainda mais do Pastor Protestante.

Dito — A gente lava em água benta. *(Esconde a maçã no bolso).*

P. José — Vá até a casa dele destrocar a sacola...

Dito — Até a igreja protestante?

P. José — E volte imediatamente para casa. Não quero mais saber dessas histórias da rua das mulheres!

Dito *(Saindo)* — O senhor não sabe o que está perdendo!

(Na casa do Pastor Camilo).

P. Camilo — Precisamos destrocar esta sacola...

Teresinha *(Animando-se)* — Se você quiser, eu vou!

P. Camilo — Quê isso, Teresinha? Não gosto que você saia na rua sozinha!

Teresinha — Se não for eu, quem vai então?

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCDP SRIE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677.P 484

P. CAMILO — Acho que não há outra solução. Mas, de óculos!

TERESINHA *(Animada)* — Eu vou e volto num minuto.

P. CAMILO — Não se esqueça Teresinha: o mundo é mau lá fora! Com um simples olhar um homem despe uma mulher... Se você corresponder ao olhar significa a mesma coisa... Você não quer despir um homem, quer?

TERESINHA — Ora, Camilo... Um pouco de sol não me fará mal...

(Pastor Camilo deixa a sala. Teresinha arruma-se diante de um espelho. Na praça, Dito encontra-se com o Coronel Chiquinho).

CORONEL — Dito!

DITO — Coronel Chiquinho!

CORONEL — Diga ao Padre José que preciso falar com ele!

DITO — Ele está na rua das mulheres!

CORONEL — O Padre? Fazendo o quê?...

DITO — Rezando.

CORONEL *(Assusta-se)* — Alguma delas está morrendo? Qual é? Não é a Djanira?!

DITO — Não... Não... O Padre está na sacristia. Eu é que estava na rua das mu... Quer dizer, pensando...

CORONEL — Ah... Você me assustou...

DITO — Pode ir lá falar com ele. Agora ele está desocupado.

CORONEL — Agora quem está ocupado sou eu! Preciso tratar dos preparativos do casamento do meu filho.

DITO — É mesmo! O Alberto vai se casar! Vai ter festa, Coronel Chiquinho?

CORONEL — Vai sim... Já comprei doze porcos!

DITO — Eles deveriam se casar na nossa igreja. É bem mais bonita que a outra.

CORONEL *(Desconversando)* — Bem... Vou andando... *(De saída)* Avise ao Padre José, que hoje à noite darei um pulo lá para falar com ele.

DITO — Sim senhor...

CORONEL — Lá pelas sete horas! *(Sai).*

(Teresinha sai de casa. Alcança a ponte. Dito também. Os dois cruzam-se na ponte. Param, olham para trás e voltam).

DITO — A senhora não é a irmã do senhor Camilo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.485

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

TERESINHA *(Nervosa)* — Sou... Você não é filho do Padre José?

DITO — Filho, não, que padre não tem filho. Eu fui criado por ele...

TERESINHA — Mesma coisa...

DITO — A sacola é a nossa? *(Aponta a dela)*

TERESINHA — É... Esta é a nossa?

DITO — Parece que sim!

TERESINHA *(Ri desajeitada).*

(Aproximam-se e destrocam as sacolas).

DITO — Já tinham me dito que a senhora era branca como cera... Agora eu acho que a cera é branca como a senhora...

TERESINHA — Eu tomo pouco sol.

DITO *(Analisando)* — É pena. Um pouquinho de sol aí, não lhe iria nada mal...

TERESINHA — O sol me arde a pele...

DITO — No começo arde, depois acostuma. Aliás é assim com tudo... Depois que engrena é uma maravilha. É só experimentar...

TERESINHA — Uma vez eu dei uma escapulidinha de casa e vi uma procissão da sua igreja. Me lembrei agora de você com aquela roupa... Não era feia, era muito bonita... Minha avó tinha um vestido parecido...

DITO — Ah... Sua avó...

TERESINHA — Você se aborreceu?... *(Aproxima-se).*

DITO — Eu já disse mil vezes ao "seu" vigário, que nós precisamos de acabar com essa história da saia vermelha... As moças da cidade não me "topam" por causa disso.

TERESINHA — Mas as moças não são católicas?

DITO — São católicas dentro da igreja...

TERESINHA — Deve ser uma beleza!

DITO — O quê?

TERESINHA — A igreja por dentro. A missa que vocês rezam...

DITO — A senhora nunca viu?

TERESINHA — Não, mas eu já vi retratos.

DITO — Hoje vai ter reza. Se a senhora quiser ver, é às seis horas. Protestante pode entrar.

TERESINHA — Bem... Agora eu preciso ir embora. Tenho que fritar o peixe. *(Indecisa)* Você não se incomodaria se eu lhe pedir uma coisa?

DITO — Não. Pode pedir...

TERESINHA — Eu preferia que você não me chamasse de senhora. Eu sou solteira há bastante tempo, mas ainda não sou uma senhora...

DITO — Ah... Pois não. A senhora manda... Quer dizer, você manda...

TERESINHA *(Ri)* — Repete...

DITO — O que?...

TERESINHA — Você...

DITO — Você...

TERESINHA — Ah... Como é excitante!

DITO — Muito...

TERESINHA — Qual é seu nome, mesmo?

DITO — É Benedito... É feio, eu sei, mas é o nome do santo de devoção de "seu" vigário. São Benedito é meu padrinho.

TERESINHA — Padrinho?

DITO — É... Compadre do "seu" vigário que é meu pai adotivo.

TERESINHA — Eu me chamo Teresinha.

DITO — A devoção do "seu" Camilo é Santa Teresinha?

TERESINHA — Não... Ele não tem dessas devoções...

DITO — Ah, é...

TERESINHA — Ia me esquecendo! *(Pega a estampa de São Pedro)* Isto é seu. São Pedro. Estava na sacola.

DITO — Pra ajudar a pesca... Eu também preciso te dar uma coisa...

TERESINHA — O que é?

DITO — Adivinha...

TERESINHA — Adivinhar como?

DITO — É de comer...

TERESINHA — Então é bombom... Como eu gosto de bombons!

DITO — É fruta...

TERESINHA — Fruta! Mexerica! Eu adoro mexericas!

DITO — Não é...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.486

MINISTÉRIO DA POLÍCIA FEDERAL DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCOP SRCE

TERESINHA — Mamão! Eu sou louca por mamão.

DITO — Também não... Feche os olhos... Pode fechar, não se assuste... *(Passa a maçã perto do nariz de Teresinha).*

TERESINHA — Maçã!

DITO — Como você é esperta... Agora dê uma dentadinha...

TERESINHA — Uma dentada na maçã?

(Coloca a maçã ao alcance da boca de Teresinha: Esta prepara-se para morder. Dito deixa a maçã cair e dá-lhe um beijo rápido).

TERESINHA *(Afastando-se)* — Benedito!

DITO — Que foi?

TERESINHA — Acho que vou ter uma coisa! Meu coração está disparando, como trem!

DITO — Deixa eu ver... *(Coloca a mão sobre o peito de Teresinha).*

TERESINHA — O coração é mais para cima!

DITO — Pena...

TERESINHA — Você não devia ter feito isso... Eu sou uma moça pura!

DITO — Pura é a mãe de Deus... Você quando muito é uma moça...

TERESINHA — Está passando... *(Suspira)* Passou... Só ficará o pecado. Este nunca desaparecerá!

DITO — As moças da nossa igreja quando cometem algum pecado, rezam, beijam o santo e o pecado some na hora.

TERESINHA — Será? *(Teresinha hesita, depois beija).*

DITO — Pode ficar com ele, para casos de emergência.

TERESINHA — Obrigada... Até logo... *(Vai saindo).*

DITO — Quando é que poderemos nos encontrar outra vez?

TERESINHA — Acho que nunca mais... Você é de lá *(Aponta a igreja católica)* eu sou de cá... *(Aponta sua igreja).*

DITO — Isto não tem importância... A gente pode até falar com "seu" vigário. Ele sabe dar conselhos sobre tudo!

TERESINHA — Tenho medo do Camilo.

DITO — O "seu" vigário resolve isso. Eu te espero na praça às *sete* em ponto, pra gente ir falar com ele.

TERESINHA — Não sei se vou poder. *(Teresinha vai saindo).*

DITO — Procure escapar de seu irmão. O resto eu resolvo!

(Teresinha vai para sua casa. Dito desce a ponte. O Mascate acaba de se estabelecer com suas bugigangas na praça).

MASCATE — Aí hein Dito! "Cantando" a solteirona!

DITO — Solteirona é a mãe!

(A luz cai em resistência).

2º Quadro: Quinta-feira à noite.

Os postes iluminam a praça e a ponte. Nos interiores tudo às escuras. O sino toca anunciando o fim da reza. Padre José e Dito entram na sacristia pela porta do altar. O Padre com os paramentos da reza. O sacristão com o hábito próprio. Acende a luz. Começam a tirar os paramentos.

P. JOSÉ — Apagou as velas?

DITO — Ainda não senhor...

P. JOSÉ — É preciso apagar. Estão custando os olhos da cara. Deixe acesa a de Santa Luzia! É promessa do Zé-Ceguinho. Ele está pagando...

DITO *(Aponta a coleta)* — Quanto deu?

P. JOSÉ *(Balança o saco de moedas)* — Menos de noventa...

DITO — Baixou outra vez...

P. JOSÉ — É... Não sei onde vamos parar!

DITO — A igreja está cada vez mais vazia.

P. JOSÉ — Só um milagre poderá nos salvar!

DITO — Tá tudo pronto, "seu" vigário... Eu vou indo...

P. JOSÉ — Amanhã cedo quando eu chegar, tudo deve estar prontinho... Não se esqueça de trocar o vinho do sacrário; hoje na hora da comunhão, eu bebi vinagre...

DITO — Sim senhor... *(Veste o paletó).*

P. JOSÉ — Faça uma oração a São Benedito antes de sair...

DITO — Já rezei lá no altar.

P. JOSÉ — Não a São Benedito, seu padrinho...

(Dito ajoelha-se diante de uma imagem coberta).

P. JOSÉ — Esta é Nossa Senhora da Aparecida! O seu padrinho é aquele *(Aponta).*

DITO *(Depois de olhar as duas imagens)* — Ah é... São da mesma alturinha... *(Ajoelha-se diante de São Benedito e reza).*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.487

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCDP SVICE

P. JOSÉ — Você está muito distraído, hoje... Na reza, bateu o sino três vezes fora de hora...

DITO — Duas vezes... Na Consagração escorregou da minha mão... *(Pausa)* "Seu" vigário, a igreja dos protestantes é a igreja do diabo?

P. JOSÉ — Quem falou isso?

DITO — Todo mundo diz; Dona Maria das Dores, chefe da irmandade, "seu" Zé do Coro...

P. JOSÉ — Bem, a igreja deles não é do diabo...

DITO — Então é de Deus também...

P. JOSÉ — É de Deus, mas eles usam meios errados para alcançá-lo.

DITO — Sei... *(Pausa. Dito pensativo)* O senhor acha errado o casamento de domingo?

P. JOSÉ — O casamento do filho do Coronel Chiquinho com a Edi? *(Pausa)* Errado, errado, não é...

DITO — Mas a Edi é de nossa igreja e o Alberto da igreja de lá...

P. JOSÉ — Ela tem que acompanhar a religião do noivo...

DITO — Não é pecado?

P. JOSÉ — Não... Se eles se gostam, devem se casar. É mandamento de Deus: "Crescei e multiplicai-vos". O único mal para variar cai sobre a nossa paróquia...

DITO — Por quê?

P. JOSÉ — Com o casamento do Alberto, o Coronel Chiquinho ia mudar para a fazenda e doar a casa dele para a igreja.

DITO — Aquele baita casão?!

P. JOSÉ — Inteirinho! E eu pretendia fundar uma escola para os meninos da paróquia... Depois que ele brigou com o Bispo, acho que vai dar o casarão ao senhor Camilo...

DITO — E ele vai fazer uma escola para os protestantes?

P. JOSÉ — Não creio... Acho que ele vai fundar um clube.

DITO — Um clube?!

P. JOSÉ — Uma sociedade recreativa... Não é por dizer, não, mas que a igreja do sr. Camilo parece um clube de reunião do partido do Coronel, parece...

DITO — É sim: eles ficam toda noite num bate-papo comprido: o Coronel, o Zezão...

P. JOSÉ — Esse Zezão não me cheira nada bem...

DITO — Por quê?

P. JOSÉ — Lembra da greve da Usina? Aquilo foi trama dele... Ele recebe ordens de um pessoal da capital, pra fazer essas confusões...

DITO — Pessoal... Protestante?

P. JOSÉ — Pior... *(Sussurra)* Comunista...

DITO — Comunista...

P. JOSÉ — Psiu... Fale baixo...

DITO — "Creio em Deus-Padre"... *(Benze-se)* — Ih!... Quase sete horas!

P. JOSÉ — Sete horas!

DITO — Preciso ir andando...

P. JOSÉ — Precisa sim...

DITO *(Saindo)* — Olha, "seu" vigário. Eu acho que eu tenho um recado pro senhor... Alguém me falou qualquer coisa. Não me lembro...

P. JOSÉ *(Empurrando-o discretamente)* — Depois você se lembra... Até logo...

DITO — Até logo. *(Sai)*

(Durante a cena anterior, Teresinha saiu de casa, atravessou a ponte e está esperando perto de uma árvore. Dito saindo da sacristia, vai ao seu encontro).

TERESINHA — Como vai?...

DITO — Faz tempo que você está aqui?

TERESINHA — Não. Cheguei agora... Por pouco não venho. A sorte foi que meu irmão não me viu sair.

DITO *(Tirando do bolso)* — Ah!... Isto aqui é uma oração que "previne" as moças contra irmão bravo. Reza-se três vezes antes de cada refeição e uma vez antes de tomar banho... Dona Maria das Dores disse que não falha.

TERESINHA — A sua religião tem remédio pra tudo! Pra irmão bravo e pra beijo de namorado.

DITO — Por falar nisso, você trouxe o santo?...

TERESINHA — Trouxe...

DITO — Posso então te dar um beijo?

TERESINHA — Outro?

BR DFANBSB.NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.488

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCDP

DITO — Um só... Depois você beija o santo...

TERESINHA — Tenho medo de morrer do coração.

DITO — Não tem perigo...

TERESINHA — Hoje à tarde, só de me lembrar daquele beijo meu coração dava pinotes... Você me deixa tonta...

DITO — Você ainda não viu nada... *(Aproxima-se e beija Teresinha. O beijo é mais longo que o anterior).*

TERESINHA *(Toma fôlego)* — Dito!... Você abusou.

DITO — É só dar dois beijos no santo...

TERESINHA — Com esse santo, você vai longe...

DITO — Só mais um. Palavra que ele não falha. *(Beija).*

(Dito e Teresinha ficam conversando. O Pastor sai de casa, ronda a praça, e depois cautelosamente bate à porta da sacristia: três batidas compassadas. Padre José diante de São Benedito).

P. JOSÉ — Dai-me forças para engolir as indiretas do senhor Camilo. Eu quero tanto jogar uma partidinha de xadrez... *(Persigna-se e vai abrir a porta).*

P. CAMILO — Boa noite, senhor José...

P. JOSÉ — Boa noite, senhor Camilo... Entre... *(O Pastor Camilo entra. Olha com certa curiosidade o ambiente)* Não repare, senhor Camilo... A construção da igreja começou em 1931 e até hoje não terminou. A Diocese não tem podido nos dar muita atenção ultimamente. Tenha a bondade, sente-se.

P. CAMILO — Ah! Eu trouxe para o senhor ver! A medalha que ganhei no torneio de xadrez do seminário... Prata pura!

P. JOSÉ — Hum... Muito bonita! *(Animado)* Vou lhe mostrar a minha! *(Pega no armário)* Um São José de ouro! Dezoito quilates!

P. CAMILO — Ouro! *(Pega a medalha)* Saiu da mina?

P. JOSÉ — Que mina?

P. CAMILO — O Vaticano é uma mina de ouro!

P. JOSÉ — O Vaticano é uma mina de fé! *(Encaram-se furiosamente).*

P. CAMILO — De ouro!

P. JOSÉ — De fé!

P. CAMILO — De ouro!

P. José *(Olhando para São Benedito)* — De ouro e de fé... *(O Pastor esboça a resposta)* Vamos ao nosso jogo... Sente-se... Jogue com as brancas...

P. Camilo — Ah... Antes que me esqueça: como o senhor deve saber, domingo realizarei o casamento do filho do Coronel...

P. José — Sei, sei...

P. Camilo — ...e aconteceu um inesperado!

P. José *(Curioso)* — Sim...

P. Camilo — Vou precisar da sua ajuda...

P. José — A Edi quer se casar aqui?!

P. Camilo — Não... Não é bem isso... O meu órgão está trancado e eu perdi a chave. Se arrombar estragarei todo o móvel...

P. José — Compreendo... O senhor pode contar com meu órgão.

P. Camilo *(Sorri)* — Muito obrigado...

P. José — Arranjarei um jeito de mandar levá-lo...

P. Camilo — Oh, não se incomode! Já tenho tudo preparado: Takawa, o japonês e Simão, o judeu, virão buscá-lo amanhã...

P. José — Seria bom que guardassem sigilo...

P. Camilo — Não se preocupe, os dois são inteiramente afastados das nossas atividades.

P. José — Ah sim!...

(O Pastor senta-se para o jogo).

P. José — Por falar no casamento... Quanto o senhor vai cobrar pelo do Alberto?

P. Camilo — O Coronel vai fazer uma doação de cinco mil cruzeiros!

P. José — O quê?!

P. Camilo — Só de flor vai mil!

P. José — Mil! O preço que eu cobro para um casamento!

P. Camilo — É pouco... O senhor pode aumentar à vontade, não há concorrência...

P. José — Minha paróquia é pobre...

P. Camilo — E está diminuindo, não é?

P. José — Como o senhor sabe?

P. Camilo — A minha está aumentando... *(Pausa rápida. O Padre se controla olhando para São Benedito)* Saio com o peão do rei! *(Alguns lances).*

P. José — O Coronel Chiquinho vai doar o casarão, para sua igreja?

P. Camilo — Parece que sim... Depois do casamento... Jogue!

P. José — Oh... Sim... *(Joga)* Que o senhor pretende fazer?

P. Camilo — Atacar com o cavalo!

P. José — Não! Digo, no casarão...

P. Camilo — Ah!... Ainda não sei...

P. José — Eu fundaria uma escola!

P. Camilo — É uma boa idéia... Jogue!

P. José — O senhor vai fundar?

P. Camilo — Este ano não será possível! Meus adeptos são ainda poucos... No ano que vem talvez...

P. José *(Vitorioso)* — Eu ainda tenho muitos adeptos! Poderia fundar duas escolas... O que me falta é capital!...

P. Camilo *(Jocosamente)* — Se Lutero não protestasse, poderíamos ter a união de elementos e capital... O Coronel sozinho garantiria o capital...

P. José — E se... *(Pausa)* Não, bobagem...

P. Camilo — O quê?

P. José — Nada. Não daria certo.

P. Camilo — Essa... União?

P. José — Sim, sim...

P. Camilo — Não podemos nem jogar xadrez...

P. José — Poderíamos nos antecipar às recomendações do Concílio Ecumênico. Seria um colégio aparentemente materialista, administrado pelas correntes religiosas da cidade...

P. Camilo — Criaríamos um ambiente de rivalidade entre os lados...

P. José — Tanto melhor! Havendo rivalidade há esforço para a predominância e com isso o aproveitamento será maior! Um atleta, só se supera quando outro o ameaça!

P. Camilo — Atleta! Poderíamos então, estabelecer disputas e competições esportivas entre eles!

P. José — Como não?!

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCDP SR/RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677,P.489

P. CAMILO — Futebol!

P. JOSÉ — Natação, xadrez!

P. CAMILO — Poderíamos ter com o tempo dois quadros de futebol: protestante e católico!

P. JOSÉ *(Inflamado)* — Base cristã para edificação de grandes homens. Grandes homens para grandes obras!

P. CAMILO — Grandes jogadores para grandes times!

P. JOSÉ — "Timor Domini principium sapientiae"!

P. CAMILO — "Mens sana in corpore sano".

(Estão no auge da felicidade. O Pastor voltando à realidade, muda de tom).

P. CAMILO — Meus superiores se oporiam... *(Breve pausa. O padre estático).*

P. JOSÉ — Nem os meus, nem os seus superiores precisariam saber que a escola está firmada nessas bases. Haveria uma junta diretora onde nós "convidados" faríamos parte. Nossos superiores hão de convir que a falta de um de nós representa o fortalecimento do outro...

P. CAMILO — Assim poderá dar certo...

P. JOSÉ — Primeiro ele cederá ao senhor que nomeará a junta. Depois a junta resolverá me convidar para maior brilho da democracia dessa cidade... Um vinhozinho para comemorar a fundação do melhor colégio do Brasil!...

P. CAMILO *(Demagogo)* — Antes do vinho uma prece para que tudo dê certo.

(O Pastor afasta-se e reza de pé, num canto. Padre José ajoelhado diante de São Benedito. Terminada as orações, preparam um brinde. Neste meio tempo, na praça, Dito e Teresinha conversam).

TERESINHA — Será que ele atende a gente?

DITO — Atende sim. Você pode deixar que eu explico...

TERESINHA — Ih... Estou tão nervosa...

DITO — Faz "um nome do padre"... *(Faz).*

TERESINHA — Como é?

DITO *(Pegando a mão dela)* — "Em nome do Padre, do Filho, do Esprito-Santo, Amém"... Beija a mão! *(Teresinha beija a mão de Dito)* Não, a sua! *(Ela obedece).*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 490

MJ DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCDP SR/CE

TERESINHA — Para quê se fala tudo isso?... Padre, Filho, Santo...

DITO — Não sei... Só sei que dá certo...

(O Coronel Chiquinho surge na praça).

DITO — O Coronel Chiquinho! Me esquecí de dar o recado dele pro "seu" vigário! Ele vai até a sacristia!

TERESINHA — Com o Coronel lá, nós não podemos ir...

DITO — Vamos primeiro até a igreja e depois que o Coronel sair, nós falamos com o "seu" vigário... *(Saem rapidamente).*

(O Coronel Chiquinho bate à porta da sacristia no momento que o Padre José e o Pastor Camilo fizeram o brinde. Padre José e Pastor Camilo se assustam. Pânico).

P. CAMILO *(Falando baixo)* — Quem será?...

P. JOSÉ *(Nervoso)* — Não sei...

(O Coronel torna a bater).

P. JOSÉ *(Alto)* — Quem é?

CORONEL — Eu, Padre José!

P. JOSÉ — Eu quem?!

CORONEL — Coronel Chiquinho!

P. CAMILO — Santo Deus!

P. JOSÉ — Meu São Benedito! *(Alto)* Um momento Coronel!

P. CAMILO — E agora?

P. JOSÉ — Agora...

P. CAMILO — Vamos enfrentá-lo!

P. JOSÉ — Ele acaba com a nossa escola!

P. CAMILO — Que importa!

P. JOSÉ — Ele vira ateu e nos manda às favas!

P. CAMILO — Que fazer?...

P. JOSÉ — Saia pela outra porta!

P. CAMILO — No altar?

P. JOSÉ — É...

P. CAMILO — No altar, não...

P. JOSÉ — Santo Deus! Deixe de preconceitos! Vá!

P. CAMILO — Não. No altar, não...

P. JOSÉ — Não é hora para isso... Venha...

(Padre José abre a porta do altar. Faz sinal, chamando o Pastor Camilo).

CORONEL — O senhor vai abrir?!

P. JOSÉ — Um momento, Coronel! Estou me vestindo! *(Baixo)* Vá, senhor Camilo!

(Pastor Camilo abre a porta do altar).

P. CAMILO — Deus meu! Olha quem está na igreja!

P. JOSÉ *(Olhando)* — O Dito!

P. CAMILO — Com minha irmã! *(Fecha a porta).*

P. JOSÉ — Minha Nossa Senhora! Que faço? *(Anda de um lado para outro desesperado. Pára diante da imagem de São Benedito).* Iluminai-me meu santo compadre! *(Olha para a imagem coberta!)* Já sei! *(Abre o guarda-roupa).*

P. CAMILO — Não!...

(Padre José pega um pano roxo grande no armário. Estende-o, segurando pelas pontas como toureiro).

P. CAMILO — Como santo?

P. JOSÉ — Como santo!

P. CAMILO *(Recuando)* — Isto, nunca!

P. JOSÉ — Não há outra saída!

CORONEL — Padre José, aconteceu alguma coisa?

P. JOSÉ — Já vou!...

(O Padre joga o pano sobre o Pastor que a início se debate. Leva-o assim coberto até o nicho vazio).

P. JOSÉ — Sobe aí... *(O Pastor obedece).* Cruze as mãos na barriga!

(Padre José abre a porta. O Coronel entra).

CORONEL — Com licença, Padre José...

P. JOSÉ — Coronel Chiquinho... *(Nervoso)* Entre...

CORONEL — Estava praticando seu joguinho?

P. JOSÉ — É... Sente-se Coronel...

CORONEL — Não, obrigado padre. Estou de passagem e com pressa. Temos uma reunião no partido marcada para as sete horas. Já estou atrasado...

P. JOSÉ — Ah!... Sim... A campanha vai bem?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 491

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCDP

CORONEL — De vento em popa! Devo ganhar por mais de quinhentos votos de diferença... E digo mais: serei eleito pelos católicos! É claro... Se fosse depender do voto dos protestantes estava perdido...

P. JOSÉ — Sei... Mas... Sente-se um pouquinho...

CORONEL — Outro dia, Padre José... Vim aqui apenas para convidar oficialmente o senhor, para o casamento do meu filho no domingo...

P. JOSÉ — Ah!... Sim...

CORONEL — Sua presença na festa é indispensável. Ainda mais o senhor que viu o Alberto nascer, que o batizou e o comungou pela primeira vez...

P. JOSÉ — Primeira e única...

CORONEL — Coisas que acontecem, Padre José! Mas Deus é testemunha de que contra o senhor eu nunca tive nada!

P. JOSÉ — Bem sei, Coronel...

CORONEL — Minha briga foi totalmente com o Bispo!

P. JOSÉ — Águas passadas... Assim determinou a vontade de Deus...

CORONEL — E determinou também que eu me convertesse ao protestantismo. Enquanto D. Arlindo for Bispo nesta vida, eu não porei os pés na igreja! *(Aponta a porta do altar).* Bem que eu gostaria que meu filho se casasse aqui. Uma igreja muito mais bonita, mais suntuosa, mais própria para a cerimônia... Mas por causa de D. Arlindo, friso bem, por causa de D. Arlindo, ele vai se casar na igrejinha dos protestantes mesmo...

P. JOSÉ — Só espero que ele seja feliz...

CORONEL — Eu mesmo confesso, Padre José: tenho saudades da igreja e de quando puxava a Ave-Maria na Procissão... *(Admira o ambiente)* Eu ajudei a construir tudo isso! Sabe, Padre, cá entre nós... De vez em quando, as coisas se apertam e eu rezo para São Benedito. Me lembro do senhor, rezo e as coisas dão certo...

P. JOSÉ — Meu santo compadre não falha, Coronel...

CORONEL — Até quando vou ao culto protestante, faço minhas orações como o senhor me ensinou... Acho que elas valem mais... Aquelas do Pastor Camilo são meio fracotas... Nada como o terço e a novena da Virgem Santíssima! Olha só... *(Exibe)* Ainda levo a medalha de Santa Madalena comigo. Não levo no pescoço porque não quero que o Pastor Camilo fique sabendo... Coitado ele é um santo...

P. José *(Intencional)* — É um santo sim...

Coronel — Mais nessas coisas de religião ele é meio "tapado"...

P. José *(Disfarçando)* — Bem dotado, sim...

Coronel — Bem, vou andando... O pessoal já está me esperando.

P. José *(Incentivando a saída do Coronel)* — Apareça, Coronel...

Coronel — Espero o senhor no domingo, lá em casa! Na igreja sei que não vai mesmo... Mas está certo... Dois bicudos não se beijam...

P. José — Pois é...

Coronel *(Saindo)* — Ainda conto com o seu voto!

P. José *(Sorrindo)* — Vamos ver...

Coronel — Até domingo, Padre José! Se me dá licença... *(Beija a mão do Padre José)* Esta mão me dá sorte! *(Sai)*.

P. José — Até domingo!

(O Pastor Camilo começa a descobrir-se. Dito e Teresinha entram. O Pastor se apavita novamente).

Dito — Seu vigário!

P. José — Dito!

Teresinha — Boa noite, seu vigário...

P. José — Bo-boa noite...

Dito — Esta é Teresinha, uma amiga...

Teresinha *(Desapontada)* — Amiga?!

Dito *(Tímido)* — Namorada... *(O Pastor reage)*.

P. José — Namorada... Bem... *(Estende a mão ao alcance de Teresinha)* Deus a abençoe.

(Pausa rápida. Estáticos: o padre com a mão estendida).

Dito — Beije a mão!

Teresinha *(Beija a própria mão)* — Pronto...

Dito — Não! A mão do seu vigário! *(Teresinha hesita, depois beija)*. É costume, Teresinha... *(Para o Padre)*. Ela não sabia seu vigário... É que ela é protestante...

P. José — Protestante?

Dito *(Medroso)* — Sim senhor...

Teresinha — Há algum mal nisso, senhor Padre?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,p.492

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCDP SR/DF

P. José — Não... Não...

Dito — Ela é irmã do senhor Camilo, o Pastor...

P. José — Sei... Sei... *(Embaraça-se)*. Sente-se, Dito... Sente-se, Teresinha... *(Tira o chapéu do Pastor Camilo que estava sobre uma cadeira e esconde-o. Dito e Teresinha sentam-se)*. Vamos conversar... *(Pigarreia; procura assunto)*.

Teresinha — Onde está a imagem de São Benedito, seu padrinho?

Dito — Debaixo desse pano roxo, como os outros. Na Quaresma é costume... A gente só descobre no Sábado de Aleluia... *(Fixando o Pastor Camilo)* Uai... Que santo é esse, "seu" vigário?

P. José — Ah?... Ah sim! Um santo que chegou agorinha pouco...

Dito — Baita santão! Que santo é?

P. José — São... São... São...

Teresinha — São Sansão?

P. José — Não! São Francisco!

Dito — Xavier

P. José — Assis...

Teresinha — São Francisco de Assis! *(Aproxima-se)* Já ouvi falar muito dele... Gostaria de ver como ele é!

Dito — Pode levantar o pano, seu vigário?

P. José — Não! É pecado!

Teresinha — Deve ser uma perfeição! Tudo aqui me deslumbra: os vidros coloridos da janela, a pia de batizar, os ouros das paredes, os "veleiros" de vela, os anjos! Tem um parecidíssimo com o Dito!

Dito — É aquele do altar de Nossa Senhora, seu vigário. Ela disse que sou eu!

Teresinha — Nossa Senhora eu conheço da procissão do ano passado! O Camilo ficou sabendo que eu assisti e foi um "tempo quente".

P. José — Ele achou ruim, é?...

Dito — Tudo ele acha ruim, seu vigário! Só vendo que homem implicante!

Teresinha — Ele tem algumas qualidades: come bem, dorme bem e anda muito bem vestido. Uma sujeirinha de nada na roupa, ele acha ruim. E sou eu que limpo!

DITO — Ele não se ajoelha quando reza, para não sujar a calça...

P. JOSÉ — Ora Dito, que bobagem... E você, Teresinha, precisa contar a ele que anda saindo com o Dito...

TERESINHA — Ele me expulsa de casa! Ele não é compreensivo como o senhor...

P. JOSÉ — Apesar disso, ele precisa saber...

DITO — Será que não dava pro senhor falar com ele?

P. JOSÉ — Eu?...

TERESINHA — Acho melhor não arriscar. Muitas vezes ele critica o seu vigário...

P. JOSÉ — Critica é?... *(Olha para o Pastor Camilo)* Que tipo de crítica?

DITO — Ele acha ruim do alto-falante da quermesse!

P. JOSÉ — Ora essa! É porque ele não vai!

TERESINHA — Quem me dera que ele fosse!

DITO — Ele passa o dia inteiro metido dentro daquele clube dele!

TERESINHA — Que clube?

DITO — O seu vigário disse que a igreja de vocês parece clube de reunião...

P. JOSÉ — Dito!

DITO — ...reunião do Partido do Coronel Chiquinho...

P. JOSÉ — Eu disse... Religião do Partido...

DITO — Não senhor, reunião do partido mesmo... Até falou que o Pastor Camilo protegia os comunistas!

(O Pastor Camilo tem ímpetos de se descobrir).

P. JOSÉ — Dito!

TERESINHA — Tirando os defeitos ele não é uma pessoa má...

DITO — Você é uma moça muito bondosa... Eu até gostaria de me casar com você...

TERESINHA *(Animada)* — Casar comigo?... Não brinque, Dito... Meu coração é fraco...

DITO — É sério... Nem que seja para casar nas duas igrejas!

P. JOSÉ — Você se casaria lá?

DITO — Não. Eu iria lá só para constar... Eu sei que o senhor não vai gostar, mas... O Deus não é o mesmo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P. 493

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCDP SR/CE

P. JOSÉ — Bem, que é, é...

DITO — Então dá na mesma... O principal é a gente agradar Deus. Os santos não são muito importantes...

P. JOSÉ — Quem lhe disse isso?

TERESINHA — Fui eu!

DITO — Quando ela reza, passa por cima dos santos e reza direto a Deus. Por que a gente não faz o mesmo? Acho que assim a oração chega mais depressa...

TERESINHA — Ah!... Mas rezar pra santo é tão bonito! Até gostaria de rezar ajoelhada diante de uma imagem bonita!

DITO — Você quer rezar comigo?

TERESINHA — Eu não sei suas rezas!

DITO — Eu te ensino. *(Arrasta o genuflexório para perto do Pastor)* Ajoelhe aqui... Vamos rezar para São Francisco!

P. JOSÉ — Não!

DITO — Por quê?

P. JOSÉ — Porque... Ainda não está bento!

DITO — Ah, então pode tirar o pano para ela ver!

P. JOSÉ *(Segurando Dito)* — Não!...

DITO — Se não está bento, pode!

P. JOSÉ — Você não entende nada de liturgia!

TERESINHA — Que quer dizer bento?

DITO — É um negócio que o Padre faz para o santo ficar valendo.

TERESINHA — Então "benta" ele, agora...

P. JOSÉ — Agora não... Só amanhã na missa!

TERESINHA — Eu nunca vi a missa! *(Para Dito)* Queria te ver com a tal saia vermelha.

DITO *(Mostrando)* — É esta!

TERESINHA — Que renda bonita! Veste para eu ver!

(Dito se veste).

TERESINHA *(Rindo)* — Tal e qual a roupa que minha avó usava!

DITO — Está vendo, seu vigário? Esta roupa é minha diferença!

TERESINHA *(Remendando)* — Em você fica um amor... Você fica nobre, másculo!

DITO *(Animado)* — Eu pego o missal nesta mão... *(Pega-o)* A campainha nesta... *(Pega-a)* E... Você quer ver?

TERESINHA — Quero!

DITO — Então, faz de conta que o "santão" é um santo lá do altar. No começo entro eu e o Padre. O Padre na frente e eu atrás. *(Aponta o genuflexório)* Ajoelha aqui! *(Teresinha ajoelha).*

P. JOSÉ — Já disse. Isto é pecado!

DITO — Ora seu vigário... Nós não vamos rezar... Me ajude a mostrar como é... Só o comecinho do "Intróito"...

P. JOSÉ — Não... Não!

DITO — Quando eu entrar, você se levanta. Quando eu tocar o sino, você ajoelha. *(Prepara-se e entra. Teresinha levanta-se)* O "seu" vigário vai na frente. Ele diz: *(Emposta a voz)* "In nomine Patris et filii, et Spiritus Sancti. Amém. Introibo ad altare Dei". Eu respondo: *(Diz normalmente)* "Ad Deus qui lactificat juventutem meam". Depois quando chega no "Prefácio", ele fala: *(Emposta a voz)* "Per omnia saecula saeculorum". E eu: "Amém, e o seu vigário: "Dominus Vobiscum". E eu respondo: "Et cum spiritu tuo". *(Toca a campainha. Silêncio. Teresinha ajoelha. Também Dito. Ambiente formado para):*

PASTOR *(Sob o pano, com voz mística)* — "Vossos corações seguem crenças diferentes. Não podem se juntar!"

DITO — MI-LA-GRE!

(Dito e Teresinha abraçam-se tremendo).

P. CAMILO — "Teresinha, vá para sua casa e siga os ensinamentos de seu irmão. Ele é o melhor irmão do mundo, e muito compreensivo. Esqueça Dito para sempre".

(Pausa longa. Padre José se refaz da situação).

P. JOSÉ — Dito?!

(Pausa)

P. JOSÉ — Dito?!
DITO — Hein?!
P. JOSÉ — Leve Teresinha daqui!
DITO — Hein?!
P. JOSÉ — Leve Teresinha para casa!
DITO — O senhor escutou?...
P. JOSÉ — Escutei...
DITO — Mila-mila-milagre!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.494

MJ DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCDP SEIOC

DITO — A-cende u-ma ve-la! *(Levanta-se)* MILAGRE! MILAGRE! *(Começa a zanzar pela sacristia).*

P. JOSÉ — Dito! Pare com isso!
DITO — MILAGRE! MILAGRE!

(Dito abre a porta da sacristia).

P. JOSÉ — Dito! Onde vai?!
DITO — Tocá o sino!

(Dito sai correndo para a praça).

P. JOSÉ — Dito, meu Deus! *(Vai até à porta. Volta para atender Teresinha que começa a chorar).*

DITO *(Na praça)* — MILAGRE! MILAGRE!

(Afluência de pessoas ao local).

1º FIEL — Que foi?
DITO — MILAGRE!
2º FIEL — Onde?
DITO — MILAGRE NA SACRISTIA!
1º FIEL — MILAGRE NA SACRISTIA!

(Várias pessoas começam a chegar).

2º FIEL — MILAGRE NA SACRISTIA!
DITO — MILAGREEEE!!! *(Sai correndo).*

(Confusão de vozes que gritam: MILAGRE NA SACRISTIA"... O sino começa a tocar. Entram pessoas de todos os lados. Alvoroço. Invadem a sacristia. Padre José desesperado num canto, com Teresinha. Confusão geral. O sino continua tocando).

FIM DO PRIMEIRO ATO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SCDP
SR/CE

SEGUNDO ATO

Quadro único — Sexta-feira pela manhã.

Madrugada do dia seguinte. JUCA-PROTESTANTE acaba de se instalar na ponte e joga o anzol. Em primeiro plano, vindos da direita, aparecem SIMÃO-JUDEU e TAKAWA-JAPONÊS, carregando o órgão coberto por um pano. PADRE JOSÉ aparece na sacristia com um bilhete na mão. Abre a porta no momento em que os carregadores passam.

P. José — Entregues também esse bilhete!

(Takawa pega-o. Os carregadores dirigem-se à ponte e a atravessam).

Juca — Bom dia, seu Simão! Bom dia seu Takawa!

(Simão e Takawa acenam com a cabeça e chegam à casa do Pastor Camilo. Batem à porta. Na sacristia, o Padre José anda aflito de um lado para outro).

P. José *(Para o santo)* — Bom dia, meu "santo compadre"... Quero falar com o senhor Camilo e o Juca-Protestante está pescando justo na ponte. Preciso muito de vosso auxílio. Vou enfrentar o sentinela!

(Com certa preocupação, sai da sacristia e chega à ponte).

P. José — Bom dia, senhor... Juca!

Juca — Padre José! Tão cedo! Bom dia!...

P. José — Pescando... Hein?...

Juca — É... Um pouquinho...

P. José — Logo cedo...

Juça — Pr'o almoço... A patroa convidou o compadre pra comer em casa, justo hoje, Sexta-feira da Paixão, que ela mais o compadre não come carne...

P. José — Já pegou algum?

Juca — Que o quê... Cheguei agora...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,p. 495

P. José — Ontem fiquei mais de hora e meia, com vara em punho e... Não peguei nada.

Juca — Nada?!...

P. José — Nada, nada... Aliás, nesta época do ano, não se pega peixe por aqui...

Juca — Uai, seu Padre, desta eu não sabia...

P. José — O melhor é rio acima, perto da cabana do finado Zé-Perdigueiro...

Juca — Aquele que morreu afogado?

P. José — É...

Juca — Rio acima?

P. José — Lá é jogar minhoca e recolher peixe!

Juca — Curioso... Os peixes que passam lá, não passam depois por aqui?

P. José — Passam...

Juca — Então deve dar na mesma...

P. José — Isto eu não entendo... A natureza às vezes faz das suas. Só sei que lá pega, e aqui não...

Juca — Então, vou pra lá... *(Recolhe o anzol)* — Se a pesca for boa eu mando alguns p'ro senhor...

(Juca desce a ponte. Padre José começa a atravessá-la. Juca reaparece).

Juca — "Seu" Vigário?!

P. José — Hein?!

Juca — Ontem de noite escutei um reboliço na praça, os sinos tocaram... Depois eu escutei uma correria em frente da casa... Que aconteceu?

P. José — É que...

Juca — Meu filho chegou em casa dizendo que tinha sido milagre na sacristia... Eu estava meio dormindo, mas ouvi ele contar pra mulher.

P. José — Hoje, às oito horas, eu vou esclarecer o acontecimento... Apareça lá!

Juca — Na igreja?

P. José — É...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.496

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SCDP
SR/CE

Juca — Não é por nada não, seu vigário, mas cada um da gente tem idéia diferente de religião. O senhor sabe: eu sou protestante e o Pastor pode não gostar se eu... Bem... Minha mulher ainda é de lá da sua igreja... Depois eu me inteiro da história com ela... *(Vai saindo)* Té logo...

P. José — Até logo... *(Juca sai).*

(Padre José chega à casa do Pastor e este já o espera na porta).

P. Camilo *(Secamente)* — Entre...

P. José *(Entrando)* — Com licença, senhor Camilo.

P. Camilo *(Mostrando o bilhete)* — Que é que o senhor acha que eu ainda possa fazer?

P. José — Não sei, senhor Camilo, mas eu não posso continuar sozinho nessa situação!

P. Camilo — Continuar? Não podemos continuar!

P. José — Que fazer, então? Contar a verdade a todo mundo?

P. Camilo — Seria o fim de nossa carreira! Temos que colocar panos quentes na situação. O senhor não deve incentivar seus crentes a homenagear o tal santo milagroso como fez ontem!

P. José — Mas como? A igreja ficou coalhada de gente! Não será fácil de uma hora para outra, tirar da cabeça de toda aquela gente que o santo não existe... O senhor precisava ver! No momento em que o benzi...

P. Camilo — Me benzeu?!

P. José — Com água benta!

P. Camilo — Aqueles pinguinhos de água? Eu pensei que fosse uma goteira ou cano vazando...

P. José — Sou padre há trinta anos. Nunca vi tanto júbilo de fé como ontem à noite. Todos estavam quietos, elevados a Deus, na esperança de que São Francisco Xavier, quero dizer, Assis, resolvesse seus problemas, curasse seus males...

P. Camilo — O senhor acha que tem valor aquela demonstração de fé?

P. José — Ninguém sabia que o santo era o senhor...

P. Camilo — Padre José, não se esqueça de que o senhor é um ministro de Deus!

P. José — Esse milagre é a minha oportunidade de dar a Deus mais de mil devotos conscientes e convictos!

P. Camilo — Mas isto é uma farsa. É mais um sacrilégio!

P. José *(Clássico)*. — Os meios não importam quando o fim é para o bem!

(Num canto da praça, o Mascate arruma sua barraquinha).

P. CAMILO — Eu acho que o senhor não está passando bem... O senhor dormiu essa noite?

P. JOSÉ — Dormi, dormi e vi em sonhos a nossa escola cheia de crianças felizes e saudáveis, aprendendo o "ABC" da fé...

P. CAMILO — Que escola?

P. JOSÉ — Nossa escola!

P. CAMILO — Minha, não!

P. JOSÉ — Mas, senhor Camilo... Nós havíamos combinado tudo... O time de futebol, os jogos entre eles...

P. CAMILO — Agora é diferente. Nossa união tornou-se impossível! Eu não posso cooperar com essa sua idéia de incentivar a fé por meio de uma farsa...

P. JOSÉ — O senhor entrará apenas com o casarão que o senhor Chiquinho vai doar! Dinheiro eu arranjarei!

P. CAMILO — Arranjará onde?

P. JOSÉ — Ontem, na coleta, as esmolas renderam mais de cinco mil cruzeiros! Duas vezes mais que o mês passado inteirinho, num só dia!

P. CAMILO — O senhor está comerciando com a fé.

P. JOSÉ — Estou comerciando para o bem geral. Apoiado no santo milagroso eu vou longe, senhor Camilo!

P. CAMILO — Mas os meios...

P. JOSÉ — Importam os fins... Os santos não chegaram a santos de rezar o dia todo! Eles realizaram obras e foram salvos por essas obras!

P. CAMILO — Pela fé! Está no "Livro Sagrado"! Pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. *Não vem das obras*, para que ninguém se vanglorie". Efésios, capítulo dois, versículos oito e nove!

P. JOSÉ — "O filho do Homem há de vir na glória de seu Pai com os seus anjos; e então dará a cada um a paga *segundo as suas obras*". Mateus, capítulo dezesseis, versículo vinte e sete! Do mesmo livro...

P. CAMILO — É uma questão de interpretação...

P. JOSÉ — É uma questão de confusão!

P. CAMILO — Cristo, tende piedade de uma alma que se perde!

P. JOSÉ — E o senhor precisa se perder comigo! Com o casarão nós realizaremos a maior obra da cidade!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677.P.497

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCDP SR/CE

P. CAMILO — Não daria certo... Numa escola organizada por mim e pelo senhor, poderia se repetir entre os alunos, o namoro impossível de Teresinha e Dito.

P. JOSÉ — Impossível? Senhor Camilo, eles se amam!

P. CAMILO — Eu criei Teresinha dentro da minha igreja, incutindo nela o espírito de minha doutrina, para depois um rapazinho qualquer, um sacristão católico, levá-la e convertê-la às suas idéias. Isto é que não!

P. JOSÉ — É um grave erro. Cada um de nós deve seguir o caminho que quiser!

P. CAMILO *(Cansado)* — Prefiro não discutir, neste momento.

P. JOSÉ — Então cheguemos a uma conclusão. O senhor vai me ajudar?

P. CAMILO — Bancando o santo de porcelana?

P. JOSÉ — Apenas hoje! Amanhã, Sábado de Aleluia, os santos devem ser descobertos. Até amanhã providenciarei a compra de uma imagem que tenha o seu manequim.

P. CAMILO — Manequim...

P. JOSÉ — Pelo menos que regule com o seu tamanho.

P. CAMILO — Manequim? *(Pausa)* Isto mesmo!

P. JOSÉ — Que foi?

P. CAMILO — Tenho um manequim de alfaiate. Ele resolverá o problema!! Tem o meu tamanho!

P. JOSÉ — Será o santo?

P. CAMILO — Me substituirá com vantagens. Pelo menos não ficará resfriado e com torcicolo...

P. JOSÉ — E onde está?

P. CAMILO — No forro, junto às bugigangas que guardo.

P. JOSÉ — Ótimo! Ótimo! Por que não lembrou disso antes?

P. CAMILO — Vou buscá-lo; espere um instante.

(Pastor Camilo sai. Padre José tranca a porta cuidadosamente. Na praça aparece o Jornalista: roupa velha, chapéu e uma máquina fotográfica com "flash". Aproxima-se do Mascate).

JORNALISTA — Bom dia...

MASÇATE *(Eloqüente)* — Bom dia, freguês! Aliás, um belo dia! Que deseja? A imagem miniatura de São Francisco milagroso? *(Levanta-o)* Saiu agora do forno! Novinha em folha! Cheirando tinta! Vai levar?

JORNALISTA — Eu...

MASCATE — Leve também algumas velas: pequenas, médias e grandes, para promessas pequenas, médias e grandes.

JORNALISTA — Não, obrigado... Foi nesta igreja que ontem... MASCATE — Foi... O senhor não esteve na igreja ontem à noite?

JORNALISTA — Estou chegando agora. Vim de São Paulo. Sou jornalista.

MASCATE — O santo falou língua de gente, não de missa... Tem gente que viu até o santo se mexer...

JORNALISTA *(Escrevendo)* — O que mais?

MASCATE — Diz que o Padre "tava" tão nervoso que na hora da benzeção do santo esparramou água pra todos os lados!

JORNALISTA — É natural...

MASCATE — Padre José é muito bom... Dizem por aí, também, que ele conversa com São Benedito e o santo responde. O povo antes pensava que era caduquice, agora acredita...

JORNALISTA — Que horas ele vem pra cá?

MASCATE — Antes das sete ele abre a igreja...

JORNALISTA — Será que ele me atende para umas fotografias?

MASCATE — Ah atende sim!... Ele é louco por retratos! Tudo quanto é batizado e casamento ele faz questão de sair... Ah! Por falar em retratos, o senhor me iluminou uma idéia na cabeça!

JORNALISTA — Que idéia?

MASCATE — Isto aqui abre, e dentro a gente pode por um retrato. O senhor tira o retrato do Padre José ao lado de São Francisco e a gente vende pro povo da cidade! Pode dar um dinheirão!

JORNALISTA — E a gente racha o lucro?

MASCATE — Racha no meio! Um brochinho desses custa pra mim sete cruzeiros... Os retratinhos, uns cem, pequeninos, revelados no Italiano, vai ficar nuns três cruzeiros cada um...

JORNALISTA — Total dez cruzeiros.

MASCATE — A gente vende por... Sessenta cruzeiros! Tem um lucro de cinqüenta! Vinte e cinco pra cada!

JORNALISTA — Negócio feito!

MASCATE — Abençoado São Francisco!

JORNALISTA *(Pegando a imagem)* — É este?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.498

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SCDP
SRJCE

MASCATE — A dizer bem a verdade, eu nem sei... Só sei que vou vender como sendo...

JORNALISTA — Como assim?

MASCATE — Ninguém ainda viu a cara da imagem... Está coberta de roxo... O Zé-Oleiro, que me moldou essa imagem de madrugada, é ateu e não conhece São Francisco... *(Aproxima-se e fala baixo)* A forma é de Santo Antônio, só que ele pintou uma barba...

JORNALISTA — E São Francisco tem barba?

MASCATE — Deve de ter... De cada dez santos, nove usam barba...

JORNALISTA — E vai vender de monte, hein?

MASCATE — Pois é... Acha que eu podia esperar amanhã pra ver o tal santo? Perdia um dia de trabalho...

JORNALISTA — Só amanhã, por quê?

MASCATE — É o Sábado de Aleluia que o Padre tira os panos roxo...

JORNALISTA — Ah, sim!... *(Olhando a imagem)* Se for muito diferente é bom o senhor pegar a estrada...

MASCATE — A mulher e os filhos já estão de trouxa pronta... Até amanhã, ao meio-dia, já tô rico... Cuide aqui do mascate que vou buscar os brochinhos que estão com minha mulher. *(Sai. Em sua casa, Pastor Camilo entra carregando um manequim sorridente).*

P. CAMILO — Aqui está! *(Coloca o manequim de pé)* Da minha altura. A única desvantagem dele é que eu sou bento e ele não...

P. JOSÉ — Deus me perdoe, mas é questão de um só dia. Para amanhã eu vou encomendar um São Francisco na Capital... O senhor poderia fazer isso para mim...

P. CAMILO — Eu?

P. JOSÉ — Se eu fizer a compra, todo mundo descobrirá.

P. CAMILO — Mas, justo eu?

P. JOSÉ — O senhor não precisa dizer seu nome. Dê apenas o endereço.

P. CAMILO — Um São Francisco do meu tamanho... Será que tem?

P. JOSÉ — Se não tiver... Oh, meu São Benedito, deve ter... Tem que ter. *(Abraça o manequim)* Vamos Francisco!

P. CAMILO — Deixe que eu mando o Takawa e o Simão levar o Francisco...

P. JOSÉ — Bem... É mais seguro. Até qualquer momento...

P. CAMILO — Se precisar de alguma coisa...

P. JOSÉ — Acho que vou precisar...

P. CAMILO — Mande me chamar.

P. JOSÉ — Como?

P. CAMILO — Se o Takawa e o Simão não estiverem por perto, toque o sino!

P. JOSÉ — Tocar o sino?

P. CAMILO — Três toques compassados: dém, dém, dém!

P. JOSÉ — Ótimo! Muito obrigado! Até logo... *(Vai saindo).*

P. CAMILO — Assis ou Xavier?

P. JOSÉ — O que?

P. CAMILO — O Francisco...

P. JOSÉ — Assis!

P. CAMILO — Está bem, até logo...

(Padre José sai. Pastor Camilo deixa a sala. Padre José com muita cautela chega à ponte. Entra o Mascate com os broches).

MASCATE — Lá está o santo Padre!

JORNALISTA — Sozinho! Que maravilha! *(Corre para a ponte)* Bom dia, santo Padre! Peço a bênção! *(Beija a mão do Padre).*

P. JOSÉ — Deus te abençoe...

JORNALISTA — Posso tirar uma fotografia?

P. JOSÉ — Fotografia de mim?

JORNALISTA — Sim senhor...

P. JOSÉ — Pois não... *(Prepara uma pose na ponte. Sorri).*

JORNALISTA — Por favor Padre, não sorria...

P. JOSÉ — Por quê?

JORNALISTA — Olhe para aquela nuvem, como se estivesse vendo um bailado de anjinhos!

P. JOSÉ — Anjinhos!

JORNALISTA — É para o jornal!

P. JOSÉ — Jornal?!

JORNALISTA — Uma reportagem sobre o santo evento de ontem!

P. JOSÉ — Oh, não! *(Sai da posição descendo a ponte. O Jornalista atrás).*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.499

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCDP SR/CE

JORNALISTA — Divulgação do grande acontecimento!

P. JOSÉ — Não! Nada disso!... *(Dirige-se à igreja).*

JORNALISTA *(Atrás)* — Uma foto apenas, ao lado da imagem milagrosa!

P. JOSÉ *(Pára na porta da sacristia)* — Não... Não posso atendê-lo...

JORNALISTA — Deixe de modéstia, santo padre! Suas relações com Deus devem ser divulgadas. Seus superiores se orgulharão do senhor.

P. JOSÉ — Meus superiores?...

JORNALISTA — O Bispo, o Arcebispo, o Cardeal!

P. JOSÉ — O Bispo... Oh! *(Abre a porta)* Com licença...

JORNALISTA *(Tentando entrar)* — Uma só!

P. JOSÉ — Por favor... *(Fecha a porta e passa a chave. Suspira encostado à porta)* — Uff...

(Em sua casa, Pastor Camilo volta à sala com Takawa e Simão).

P. CAMILO — Vocês vão levar esse manequim até a sacristia da igreja do Padre José. Não deixem ninguém ver vocês entregarem o boneco!

TAKAWA — Vai coberto, como o órgão?

P. CAMILO — Vai... *(Cobre-o).*

SIMÃO — O senhor é sabido, hein? Troca boa, senhor Camilo! O órgão vale muito mais!

(Simão e Takawa carregam o manequim como se fosse uma pessoa numa rede. Saem da casa do Pastor, atravessam a ponte e chegam à sacristia. O Jornalista aproxima-se "farejando").

JORNALISTA — Está muito doente?

TAKAWA — Quem?

JORNALISTA — Trouxe para o Padre benzer?

SIMÃO — Vamos! *(Saem de perto do Jornalista).*

JORNALISTA — Esperem! *(Bate à porta com estardalhaço)* Senhor Padre! Abra a porta! É urgente!

P. JOSÉ — Não insista, rapaz!

JORNALISTA — Tem um homem morrendo!

P. JOSÉ — Morrendo?!

JORNALISTA — Precisa sua bênção!

(O Padre abre a porta. O Jornalista se afasta, toma posição e bate uma foto, no momento em que o Padre recolhe os dois carregadores com o manequim. O Jornalista corre para a porta, mas esta lhe bate na cara).

JORNALSTA *(Dirige-se ao Mascate)* Tirei a fotografia!

MASCATE — Do Padre e do santo?

JORNALISTA — Do Padre recolhendo dois fiéis carregando um moribundo!

MASCATE — Não serve para a medalha! Precisa ser do Padre e do santo!

JORNALISTA — Mas serve para a edição de amanhã do meu jornal! Onde tem um telefone por aqui?

MASCATE — Só na Companhia Telefônica! *(Indica)* — Por esta rua abaixo!

JORNALISTA — Vou já avisar o chefe! *(Sai correndo).*

(Padre José olha cuidadosamente pela porta).

P. JOSÉ — Podem ir. Não digam nada a ninguém!

SIMÃO *(Estendendo a mão)* — Serviço extra, seu José...

P. JOSÉ — Ah, sim... *(Dá o dinheiro).*

(Os dois carregadores deixam a sacristia. Padre José coloca o manequim no nicho e cobre-o com o sudário roxo. Coronel Chiquinho entra na sacristia).

CORONEL — Padre José!

P. JOSÉ *(Assusta-se)* — Coronel...

CORONEL — Beijo suas santas e abençoadas mãos, contrito! *(Beija).*

P. JOSÉ — Coronel... Eu...

CORONEL — A razão tarda, mas não falta! Eis-me de volta ao lar de Deus!

P. JOSÉ — O senhor?!

CORONEL — Padre José: analisei profundamente as minhas relações com Deus e percebi que estava no caminho errado... Esta é a verdadeira casa de Cristo!

P. JOSÉ — Oh, senhor Coronel... Sente-se... *(Puxa a cadeira).*

CORONEL — Não antes de orar profundamente diante da milagrosa imagem de São Francisco Xavier...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 500

MJ DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCDP SR/CE

P. JOSÉ — Assis...

(O Coronel ajoelha-se diante do manequim).

P. JOSÉ — Coronel! Um momento!

CORONEL — O que?

P. JOSÉ — Não reze ainda...

CORONEL — Por quê?

P. JOSÉ — Bem... É que... Antes de rezar para a imagem milagrosa o senhor tem de penitenciar-se diante das outras imagens...

CORONEL *(Levantando-se)* — Ah... Sim... Aliás, eu gostaria também de me confessar e comungar...

P. JOSÉ — Quer confessar, Coronel? *(Arrastando o genuflexório)* Ajoelhe aqui!

(O Coronel se ajoelha. O Padre senta-se e o abençoa. Passam a falar em tom baixo e solene).

P. JOSÉ — A oração da confissão...

CORONEL — Esqueci-me... Tanto tempo...

P. JOSÉ — Então, vamos direto ao assunto... *(Pausa longa).*

CORONEL — Bem, o senhor já conhece mais ou menos... O assunto...

P. JOSÉ — Mas o senhor tem que falar...

CORONEL *(Pigarreia)* — Eu... Fui protestante... Briguei com o Bispo dentro da igreja...

P. JOSÉ — Grave, muito grave...

CORONEL — Isto fica entre nós, não é?

P. JOSÉ — E Deus...

CORONEL — Que seja... *(Olha para todos os lados)* Eu desviei dinheiro da Prefeitura para a campanha política...

P. JOSÉ — Hum... Eu sabia!...

CORONEL — Quem pichou as paredes da igreja, fui eu mesmo...

P. JOSÉ — Eu mando a conta depois... Prossiga...

CORONEL — Se eu for eleito, vou nomear meu filho para um cargo rendoso na Prefeitura...

P. JOSÉ — Vai?!

CORONEL — Vou... Conto porque assim fico livre do pecado...

P. JOSÉ — Isso não vale...

CORONEL — Então, eu torno a me confessar, depois...

P. JOSÉ — Que mais?

CORONEL — Que eu me lembre é só...

P. JOSÉ — Por que o senhor voltou a ser católico?

CORONEL — Bem... Padre José... Um homem do povo como eu não pode se manter afastado da igreja...

P. JOSÉ — Ainda mais em época de eleição, não é?

CORONEL — Ora, Padre José...

P. JOSÉ — E com o eleitorado todo sabendo do milagre de São Francisco...

CORONEL — Aliás, São Francisco é meu protetor... Sempre foi!... Veja meu nome: Chiquinho vem de Francisco...

P. JOSÉ — São Francisco e Coronel Francisco... Coligação invencível! *(Começam a deixar o tom solene da confissão).*

CORONEL — Bela legenda o senhor me arrumou! Sabe, Padre José... Eu estava pensando. São Francisco merece uma homenagem toda especial da gente de nossa terra...

P. JOSÉ — Homenagem?!

CORONEL — Alguma coisa nunca vista!

P. JOSÉ — Que poderia ser?

CORONEL — A coisa mais bonita que eu poderia imaginar: *(Levanta-se)* Uma chuva de rosas!

P. JOSÉ — Chuva de rosas?!

CORONEL — Em nome do povo dessa cidade, que eu sempre representei, vou providenciar a chuva!

P. JOSÉ — Quando?

CORONEL — No Sábado de Aleluia, depois da missa, depois que eu me comungar, um avião sobrevoará a praça da igreja e lançará pétalas de rosas!

P. JOSÉ — Um avião?!

CORONEL — Os sinos tocarão e o povo cairá de joelhos elevando suas preces ao grande São Francisco Xavier!

P. JOSÉ — Onde o senhor arranjará o avião?

CORONEL — Ah... Arranjarei... Pode ser aquele que andou por aí, no ano passado matando gafanhoto.

P. JOSÉ — É verdade!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.501

CORONEL — Momentos depois, a banda entrará tocando uma bela marcha e na frente dois homens carregarão uma faixa: "São Francisco saúda Coronel Francisco". Não, é ao contrário: "Coronel Francisco saúda São Francisco".

P. JOSÉ — Isto não!

CORONEL — Por quê??

P. JOSÉ — Acho isso um...

CORONEL *(Cortando)* — O senhor acha isso magnífico, porque, no mesmo momento, farei a entrega da escritura do "casarão" para o senhor fundar sua Escola!

P. JOSÉ *(Estupefato)* — A Escola!

CORONEL — Escola São Francisco Xavier!

P. JOSÉ — Assis!...

CORONEL — E depois, numa festa só, o casamento de Alberto e Edi!

P. JOSÉ — Aqui?

CORONEL — Aqui, de certo!

P. JOSÉ — Vou enfeitar toda a igreja!

CORONEL — Mandarei vir da Capital um novo tapete de veludo!

P. JOSÉ — Vai ser uma maravilha! *(Cai em si)* Coronel!...

CORONEL — Hein?...

P. JOSÉ — A confissão...

CORONEL — Hein... Ah! Sim... *(Ajoelha-se).*

(Voltam ao tom solene).

P. JOSÉ — Algum pecado mais?

CORONEL — Nenhum...

P. JOSÉ — Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, eu o perdôo... De penitência, o senhor reze no altar central... Trinta e três Ave-Marias...

CORONEL — Trinta e três?...

P. JOSÉ — Vinte e dois Padre-Nosso... E quatorze Salve-Rainhas...

CORONEL — Quatorze... *(Levanta-se)* Mais nada?...

P. JOSÉ — Só isso...

CORONEL — Padre... Eu não me lembro de cor a Salve-Rainha.

P. JOSÉ — Troque as quatorze Salve-Rainhas por vinte Padre-Nossos...

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL SCDP SR/CE

CORONEL — Dá na mesma?

P. JOSÉ — Dá...

(O Coronel vai saindo).

P. JOSÉ — Coronel! *(Coronel pára)* O senhor já falou com o Pastor?

CORONEL — Ah!... O Pastor Camilo... É verdade... Bem, se ele teima em continuar protestante, que podemos fazer, não é?... *(Sai).*

P. JOSÉ — A Escola! A Escola! *(A São Benedito)* Obrigado meu santo compadre! Prometo que o próximo milagre é seu!

(Na casa do Pastor Camilo, Teresinha com gestos misteriosos, constrói rapidamente um pequeno altar para o santinho de papel: o santinho ao centro, um vazinho de flores e uma vela acesa).

TERESINHA *(Ajoelhando-se)* — Ofereço-os, milagroso São Francisco, por intermédio de São Pedro, a linda canção católica: "Louvando a Maria".

(Começa a cantar lendo num papel):

"Louvando a Maria
O povo fiel
A voz repetia
De São Gabriel:
Ave-Ave!
Ave-Maria...
Ave-Ave!
Ave-Maria"...

(O Pastor Camilo entra surpreendendo-a. Teresinha canta "Parabéns a você", levanta-se e esconde rapidamente o santinho).

P. CAMILO — Que é isso? Para que essa vela?

TERESINHA — Está muito escuro...

P. CAMILO — Escuro?... Acenda a luz...

TERESINHA — É a muito claro...

P. CAMILO — Não entendo. Que segura na mão?

TERESINHA — Uma... Figurinha...

P. CAMILO — Figurinha de que?

TERESINHA — É... Um jogador de futebol...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.502

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCDP SR/CE MJ

P. CAMILO — Deixe-me ver.

TERESINHA — Não... É...

P. CAMILO — Me dê isso aqui! *(Estende a mão).*

TERESINHA *(Entrega e foge para o canto)* — Meu São Francisco!...

P. CAMILO — São Pedro! Ele joga no Corintians ou no Palmeiras?

TERESINHA — Ontem, me esqueci de entregar ao Padre...

P. CAMILO — Esqueceu-se... *(Com ares sobrenaturais)* Não sei, mas tem qualquer coisa que me diz que você não está dizendo a verdade...

TERESINHA — Que coisa?...

P. CAMILO — Parece um sopro celeste que me chega aos ouvidos e diz: A Terezinha não está contando tudo...

TERESINHA *(Assustada)* — Bem... Eu... Eu ganhei esse santinho de um moço...

P. CAMILO — Muito bem. E quem é o moço?

TERESINHA — Ele viajou, sumiu, nunca mais vai aparecer...

P. CAMILO *(Místico, novamente)* — Oh... Novamente, o "sopro" me diz que você não está falando sério...

TERESINHA — O moço é... É...

P. CAMILO — Pode falar.

TERESINHA — O Dito, sacristão católico!

P. CAMILO — O Dito, sacristão católico... E por que foi que ele lhe deu esse santo... Essa estampa?

TERESINHA — Porque eu achei bonita.

P. CAMILO *(Crispando-se, sobrenatural)* — Ah! O sopro! O sopro novamente em meus ouvidos!

TERESINHA *(Cortando, com resolução)* — Sabe, Camilo... Eu ontem fui à igreja católica, com o Dito, e aconteceu uma coisa tremenda!

P. CAMILO *(Sem dar a mínima importância)* — Aposto que a coisa tremenda foi um milagre...

TERESINHA *(Desapontada)* — Foi...

P. CAMILO — Isso acontece todos os dias na igreja dele.

TERESINHA — Eu estava com o Dito, na sacristia, e ouvi...

P. CAMILO — Por certo ouviu um santo falar...

TERESINHA — Foi... Como é que você sabe?

P. CAMILO — Na minha profissão eu estou acostumado a ouvir isso duas ou três vezes por dia! Os santos católicos são muito falantes e fabricantes de milagres. Teresinha, como você é ingênua. O que aconteceu com você, ontem, acontece todos os dias, com diversas pessoas: você foi sugestionada!

TERESINHA — Sugestionada?

P. CAMILO — Enganada, iludida!

TERESINHA — Iludida? Mas eu ouvi!

P. CAMILO — Você pensa que ouviu, mas não ouviu nada... Os católicos fantasiam a "coisa" de uma tal maneira, que você foi envolvida pelo ambiente que eles criaram.

TERESINHA — Como assim?

P. CAMILO — O Dito não estava vestido com uma roupa vermelha e esquisita, ao invés de vestir um terno comum?

TERESINHA — Uma saia ridícula como a da vovó Camila.

P. CAMILO — Os vitrôs da igreja não eram todos coloridos, com anjos e santos estampados?

TERESINHA — Eram...

P. CAMILO — O sacristão não mandou você ajoelhar-se?

TERESINHA — Mandou.

P. CAMILO — Depois ele falou em latim, para você não entender...

TERESINHA — Falou...

P. CAMILO — Tocou uma campainha que penetra no ouvido...

TERESINHA — Tocou...

P. CAMILO — Nessas alturas, você já estava como que hipnotizada por tudo aquilo... É a técnica que os católicos usam: aguçar a imaginação.

TERESINHA — Quer dizer então, que foi tudo ilusão?

P. CAMILO — Exato!

TERESINHA — O santo não falou nada?...

P. CAMILO — Claro que não! Porcelana não fala. Você já ouviu os pratos e travessas falarem?!

TERESINHA — Não...

P. CAMILO — Pois é porcelana do mesmo jeito!

TERESINHA *(Num estouro de satisfação)* — Que bom! Que bom!

P. CAMILO *(Surpreso)* — Bom?...

TERESINHA — Bom, ótimo, maravilhoso!

P. CAMILO — Eu também acho, mas...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, p. 503

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCDP SR/CE

TERESINHA — Eu vou ser descalhada, Camilo!

P. CAMILO — Descalhada?!

TERESINHA — O único impecilho era o santo! Agora, eu e o Dito podemos... *(Pausa)*.

P. CAMILO — Podem o que?

TERESINHA — Casar... Parece inerível, mas o Dito quer se casar comigo!

P. CAMILO — Casar?...

TERESINHA — Camilo, eu gosto tanto do Dito!

P. CAMILO — Eu acho que você não gosta, não...

TERESINHA — Gosto sim!

P. CAMILO — Não gosta!

TERESINHA — Que saber mais que eu?

P. CAMILO — Quero!

TERESINHA — Não, Camilo... I so eu tenho certeza que você não pode saber mais do que eu.

P. CAMILO — Teresinha, o que entende você de homem?

TERESINHA — E você, muito menos, Camilo!

P. CAMILO — Nem parece a minha irmã que eu criei para exemplo número um de pureza...

TERESINHA — Eu percebi logo, desde a primeira vez que aconteceu... *(Pára)*.

P. CAMILO — Aconteceu o que? O passeio pela igreja?

TERESINHA — Não... Uma coisa na ponte...

P. CAMILO — Uma coisa? Que coisa?

TERESINHA — Coisas íntimas, Camilo...

P. CAMILO — Íntimas!? Você precisa me contar tudo!

TERESINHA — O "sopro" se encarrega disso...

P. CAMILO — Santo Deus! Teresinha, minha irmã... Você tem que me contar isso...

TERESINHA — Eu tenho vergonha...

P. CAMILO — Vergonha? *(Em pânico)* Teresinha, o que foi que aconteceu?

TERESINHA *(Nervosa)* — Benedito e eu...

P. CAMILO — Benedito e você... *(Pausa)* Fale, criatura!

TERESINHA — Não me olhe assim, Camilo...

P. CAMILO — Assim como?

TERESINHA — Nós ficamos sozinhos na ponte... *(Pára).*

P. CAMILO — Continua...

TERESINHA — Começamos a conversar... Aí ele...

P. CAMILO — Aí ele...

TERESINHA — Me ofereceu...

P. CAMILO — Ofereceu o que?

TERESINHA — A maçã! Colocou a maçã entre nós, deixou-a cair e nós... *(Pausa)* Você compreendeu?...

P. CAMILO — Maçã entre você... MAÇÃ! *(Atordoado)* Gênesis, capítulo três, versículo seis!

TERESINHA — Gênesis?

P. CAMILO — O fruto proibido!

TERESINHA — Daquele momento em diante, eu comecei a amá-lo!

P. CAMILO — Oh céus!

TERESINHA — Eu pequei, Camilo?

P. CAMILO *(Desesperado)* — Você ainda pergunta?

TERESINHA — Mas eu gosto dele!

P. CAMILO — Onde está o vigarista? Viajou?

TERESINHA — Não! Deve estar na igreja.

P. CAMILO — Vai imediatamente falar com ele!

TERESINHA — Falar com ele?

P. CAMILO — E eu falarei com o senhor José!

TERESINHA — Por quê?

P. CAMILO — Ele vai se casar com você!

TERESINHA — Casar? Casar? Você acha que nós podemos?

P. CAMILO — Podem não! DEVEM!

TERESINHA — Camilo! *(Abraça-o)* Eu sabia que você me entendia! Aquele santo não entende de nada!

P. CAMILO — Traga o safado imediatamente até aqui!

(Teresinha está exultante e sai rapidamente para a ponte).

P. CAMILO *(Trágico)* — O castigo veio rápido como um raio!

(Na sacristia, Dito, que chegara momentos antes, ajuda Padre José a ornamentar o nicho do santo milagroso).

P. JOSÉ — Vou abrir a porta da frente para os fiéis visitarem o milagroso. Coloque a urna de dinheiro perto do nicho. *(Sai).*

BR DFANBSB NS.CPR TEA PTE 0677,P.504

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SCDP
SR/CE

(Teresinha chega à sacristia. Bate à porta. Dito abre, ela entra e o abraça de supetão).

TERESINHA — Dito! *(Beija-o).*

DITO — Ei! *(Desvencilha-se)* Que foi?

TERESINHA — Nós vamos casar!

DITO — HEIN?!

TERESINHA — Nós vamos ser marido e mulher!

DITO — Meu santo!... Que deu em você?...

TERESINHA — Este santo não entende de nada!

DITO — Teresinha!

TERESINHA — Meu irmão acha que nós podemos nos casar!

DITO — Casar contra a vontade de *(Benze-se)* São Francisco milagroso?

TERESINHA — Milagroso uma "ova"!

DITO — Creio em Deus-Padre! *(Ajoelha-se)* Meu santo! Perdoai essa hereje!

TERESINHA *(Puxando-o)* — Levanta, Dito! O Camilo aprova o nosso casamento!

DITO — Teu irmão não é santo!

TERESINHA — Ele falou garantido pela Bíblia!

DITO — Que Bíblia?

TERESINHA — Livro dos santos! Se nós não casarmos, estamos contrariando os capítulos da Bíblia.

DITO — A Bíblia não vale nada. Mais vale São Francisco que é santo!

TERESINHA — Quem escreveu a Bíblia foi uma turma de santos: São Mateus, São Lucas, São Marcos, Santa Gênesis... É essa que nós estamos contrariando.

DITO — São Francisco é mais importante. Não se engana nunca.

TERESINHA — O Camilo também nunca se engana em coisas da Bíblia.

DITO — Não adianta, Teresinha! O que São Francisco falou, tá falado... Por mim, bem que eu gostaria de casar. Homem que não casa acaba envelhecendo na rua das mulheres.

TERESINHA — O milagre foi sugestão!

DITO — Sugestão de quem?

TERESINHA — Foi ilusão, mentira!

DITO *(Afasta-se)* — Teresinha, que sacrilégio! Eu escutei muito bem. É melhor você ir embora.

TERESINHA — Você não vai sentir a minha falta?

DITO — São Francisco acima de tudo!

TERESINHA — Está bem... Eu vou embora...

DITO — É ordem do Espírito Santo...

TERESINHA — Espírito de porco, isto sim... *(Pausa)* Bem, Dito, eu estou indo embora...

DITO — Adeus...

TERESINHA *(Oferecida)* — Adeus...

DITO *(Quase cedendo)* — Adeus...

(Teresinha abraça e beija Dito e sai correndo para a ponte. O Padre José entra com o Coronel Chiquinho na sacristia).

P. JOSÉ — Dito, vá até a porta e organize o pessoal em fila.

(Dito, zonzo, dirige-se à porta da rua).

P. JOSÉ — A outra porta, Dito.

(Dito abstraído atravessa a cena em toda a extensão e sai. Teresinha chega em sua casa, chorando convulsivamente).

P. CAMILO — Que foi, Teresinha?

TERESINHA — Ele preferiu São Francisco!

P. CAMILO — O quê?!

TERESINHA — Ele não gosta de mim. Não quer casar comigo!

P. CAMILO — Não quer? Nesta altura ele não tem querer! Sem-vergonha, aproveitador! Ele vai se casar com você!

TERESINHA — Se ele não gosta de mim, você não pode obrigar!

P. CAMILO — Eu não posso, mas o Dr. Delegado pode! *(Veste o paletó)* Vou por a limpo esta situação, agora mesmo!

(Pastor Camilo sai. Quando dirige-se para a ponte, aparece um grupo de pessoas seguindo dois homens que carregam outro numa rede suspensa por uma vara. O Pastor Camilo pára na ponte).

1º FIEL — O Juca caiu n'água e tá morrendo!

2º FIEL — O Juca tá morrendo!

3º FIEL — O Juca caiu n'água!

2º FIEL — Tá moribundo!

4º FIEL — O moribundo tá morrendo!!

3º FIEL — Leva p'ra igreja

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 505

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCDP SR/CE

(Um Fiel entra na sacristia).

1º FIEL — Seu vigário! O Juca tá morrendo!

P. JOSÉ — Que?

(Entra pela porta do altar uma mulher, chorando).

MULHER — "Seu" vigário! Meu marido tá agonizando!

P. JOSÉ — Que foi?

CORONEL — Como foi?

1º FIEL — Foi pescá rio acima, perto da cabana do finado Zé-Perdigueiro e o barranco despencou com ele!

CORONEL — Que foi fazer lá? Ninguém pesca lá!

1º FIEL — Ele devia pescar na ponte!

P. JOSÉ — Santo-Deus! Onde está o Juca?

(Entram na sacristia com o moribundo).

MULHER *(Ajoelhando)* — São Francisco milagroso! Salvai meu marido!

P. JOSÉ — Ai, meu São Benedito!

(O povo invade a sacristia. Dito entra).

MULHER *(Em prantos)* — Faz um milagre, meu São Francisco! Por Jesus, Maria, José, Deus, São Onofre e todos os anjos do céu!

(A mulher cai de joelhos. Algumas pessoas a imitam)

DITO — Uma vela, seu vigário?

P. JOSÉ *(Aflito)* — Não... É melhor... Bem...

CORONEL — Vamos tentar uma massagem!

1º FIEL — Massagem não resolve!

2º FIEL — Vamos rezar ao santo, Coronel!

MULHER — Vamos rezar, todo mundo!

CORONEL — E tá bem... Eu puxo uma Ave-Maria! *(Ajoelham-se)* "Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco"...

P. JOSÉ — Um momento!!!

CORONEL — "... Bendita sois vós, entre as mulheres, bendito é o fruto...

P. JOSÉ — Esperem! Esperem!!!

CORONEL — "... Vosso ventre, Jesus".

OS FIÉIS — "Santa-Maria, Mãe de Deus, rogai por nós..."

P. José *(Pegando um sino e batendo)* — Atenção! *(Pausa)* Atenção! Todos devem ir rezar no alta-mor!

Dito — Todo mundo prá igreja!

(Movimento. Os fiéis começam a sair).

Mulher *(Beijando as mãos do Padre)* — Salve meu marido! Por tudo que lhe é sagrado! É o único que eu tenho! *(Sai).*

1º fiel — Isto foi um castigo. O Juca nunca veio à igreja!

2º fiel — Ele é protestante!

Coronel — Eu fico com o senhor...

P. José — Nada disso, vá puxar a Ave-Maria no altar!

Coronel — Ah, sim... Isto mesmo. *(Sai).*

(A sós, Padre José, Dito e o moribundo).

P. José — Dito, vigie a porta... Não deixe ninguém entrar... Preciso de muita concentração.

Dito — Sim senhor...

P. José — Toque o sino três vezes: dém-dém-dém! Só três batidas compassadas...

Dito — Três vezes?

P. José — Compassadas...

Dito — Não pode... Hoje é Sexta-feira da Paixão. É proibido tocar sino...

P. José — Oh!...

Dito — Se quer, eu toco matraca...

P. José — Não adianta, precisa ser o sino...

Dito — Prá que?...

P. José — Para chamar o santo! Bem, toque o sino: em casos de urgência como este não faz mal...

Dito — Está bem... *(Sai).*

P. José — São Benedito me salve, salvando esse moribundo! Se o senhor me ajudar, eu prometo dizer ao povo que o senhor ajudou São Francisco! *(Olha para Juca)* Santo-Deus, que aguaceira! Que faço! *(Anda de um lado para o outro. O sino toca três vezes compassadamente)* Será que o "santo" vem?...

(O Pastor ouve e depois de rápida hesitação, desce a ponte, dirigindo-se à sacristia. O Padre abre a porta. A praça está vazia. O Pastor Camilo chega).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677.P.506

M.J. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL DPF SCDP

P. José — Senhor Camilo... Entre! Entre logo!

P. Camilo *(Ao ver Juca)* — Que foi?

P. José — Afogado por minha culpa!

P. Camilo — Em água benta?

P. José — Eu mandei ele pescar rio acima, ele foi e caiu n'água...

(Pastor Camilo tira o paletó e arregaça as mangas).

P. Camilo — Está mal! Não sei o que posso fazer...

P. José — Faça um milagre!

P. Camilo — Só assim mesmo...

P. José — Ah, se ele morre!...

P. Camilo *(Friccionando Juca)* — Não sei não, pode ser...

P. José — O santo pode não falhar!...

(O Pastor Camilo intensifica a massagem).

P. José — Força!

(Padre José anda nervosamente de um lado para o outro).

P. Camilo — Pare de andar, senhor José!

P. José — Que posso fazer?

P. Camilo — O senhor pode me ajudar...

P. José *(Arregaçando as mangas)* — Que faço?

P. Camilo — Faça uma oração!

P. José — Oração?! *(Pausa)* Serve católica?

P. Camilo — O senhor não sabe outra?

P. José — Não...

P. Camilo — Então, "sapeque" a católica...

(Padre José ajoelha-se diante do manequim).

P. Camilo — Nem sinal de vida!...

P. José — Ah... São Francisco, ajudai-me!

P. Camilo — É o pior caso que já vi...

P. José — Eu não fiz por mal... *(Chora)* Perdoai-me!

P. Camilo — Ele bebeu o rio todo!

P. José — Meu São Francisco de Assis!...

P. Camilo — Venha cá. Segure os braços dele, assim, para cima!

(Padre José segura. O Pastor faz bruscos movimentos com Juca).

P. CAMILO — Um-Dois! Um-Dois! Levante e abaixe os braços! Um-Dois! Um-Dois!

P. JOSÉ — Um-Dois! Um-Dois! Não me castigai Senhor! Um-Dois! Um-Dois!

P. CAMILO — Força!

P. JOSÉ — Um-Dois! Um-Dois! Um-Dois!

P. CAMILO — Rápido!

P. JOSÉ — Um, dois, um, dois, um, dois, um...

P. CAMILO — Mais! Mais!

P. JOSÉ — Um, dois, um, dois, um...

(O Padre acelera o movimento. Os dois compõem uma cena de movimentos grotescos e rápidos).

P. CAMILO — Está voltando!

P. JOSÉ — Está?!

P. CAMILO — Vamos Juca, reaja!

P. JOSÉ — Vamos!

P. CAMILO — Respire fundo!

P. JOSÉ — Respire!

P. CAMILO — Vamos, homem!

P. JOSÉ — Vamos!...

P. CAMILO — Pare! Largue!

(Juca espirra água pela boca e balbucia alguma coisa).

P. JOSÉ — Viva!!!

P. CAMILO — Está salvo!

(Padre José e Pastor Camilo abraçam-se alegres).

P. JOSÉ *(Para o mancquim)* — Obrigado, meu São Francisco!

P. CAMILO — De nada...

P. JOSÉ — Oh, Pastor... O senhor é um santo!

(Juca reage bem)

P. JOSÉ — Ele está voltando. O senhor precisa ir antes que ele o veja...

P. CAMILO — Eu vou, mas volto!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.507

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SCDP SESOE

P. JOSÉ — Volta?

P. CAMILO — Precisamos falar sobre um assunto importante!

P. JOSÉ — A Escola?

P. CAMILO — Sobre Dito e Teresinha!...

P. JOSÉ — Dito e Teresinha...

JUCA *(Balbucia)* — Peixe... Peixinho... Peixão...

P. JOSÉ — Mais tarde o senhor pode voltar...

JUCA — Peixe... Peixinho... Peixão...

P. JOSÉ — Depois que o pessoal for embora... *(Empurra-o discretamente)* Muito obrigado...

P. CAMILO — Até já...

P. JOSÉ — Até já... Vá com São Francisco! *(Abre a porta e o Pastor Camilo sai).*

P. CAMILO — Obrigado... Prefiro ir sozinho...

(O Padre se recompõe, acende uma vela e segura-a com expressão de santo. Vai até à porta do altar e abre).

P. JOSÉ — DITO!

DITO *(Entrando)* — Morreu?!

MULHER *(Entrando)* — JUCA! *(Corre para ele)* Juca!

JUCA — Peixe... Peixinho... Peixão...

MULHER — Vivo! Milagre! Milagre!

(A sacristia é invadida. Alguns crentes correm pela praça até à porta da sacristia).

1º FIEL — Milagre!

MULHER — O Padre salvou Juca!

2º FIEL — Milagre na sacristia!

3º FIEL — O Padre ressuscitou Juca!

4º FIEL — JUCA RESSUSCITOU!!!

FIÉIS — MILAGRE! MILAGRE! MILAGRE!

(O Jornalista aparece correndo).

JORNALISTA — Com licença... Com licença... *(Entra na sacristia. Dois fiéis carregam Juca para a Praça. A multidão vai atrás, numa verdadeira apoteose. Espocam os "flashs". O Mascate vende imagens. Confusão de vozes).*

1º FIEL — O Padre José! O Padre José!

2º FIEL — Onde está ele?!

3º FIEL — Na sacristia!

JUCA — Peixe... Peixinho... Peixão...

(A multidão pára e volta-se para a porta da sacristia. Dito vai buscar o Padre que com ar de santo e vela em punho, aparece na porta. Faz-se respeitoso silencio).

JUCA — Peixe... Peixinho... Peixão...

(O povo começa a ajoelhar-se. No meio da multidão, apenas uma pessoa está de pé: é D. ARLINDO, o BISPO que acaba de entrar).

P. José *(Pânico)* — D. Arlindo!!! *(Deixa cair a vela).*

FIM DO SEGUNDO ATO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 508

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL SCDP SR/6 E

TERCEIRO ATO

No cenário, perto do manequim: flores, muletas, braços de cera, velas. Padre José está escrevendo e contando o dinheiro. O Mascate, na praça, também conta a sua féria. Takawa e Simão, carregando o órgão coberto, atravessam a ponte no sentido contrário ao do ato anterior; dirigem-se à igreja católica. O Jornalista entra e vai ter com o Mascate.

MASCATE — Conseguiu?

JORNALISTA — Que nada! Olhe só! *(Exibe fotografias)*. O Padre não saiu em quase nenhuma! Nesta, o Zé passou na frente, nesta a mulher do afogado cobriu o santo. Nesta, eu tremi!

MASCATE — Puxa vida! Falta de sorte... Eu já tenho mais de cinqüenta encomendas da medalha com retratos do Padre e do santo.

JORNALISTA — A igreja está aberta?

MASCATE — Daqui a pouco é a missa da Aleluia... Vão descobrir os santos e eu tenho que cair fora.

JORNALISTA — Acho que vou fazer uma coisa, não muito católica...

MASCATE — Que coisa?

JORNALISTA — Entrar na sacristia e ficar escondido... Possivelmente, depois da missa, o Padre ajoelhará diante da imagem para uma oração. Aí então, eu bato a chapa e saio correndo!

MASCATE — E onde você vai se esconder?

JORNALISTA — Se não me engano, lá tem um guarda-roupa velho...

MASCATE — É... Vale a pena tentar... Depois a gente revela os retratinhos e coloca na medalha... Mas quem vai vender é você, porque nessas alturas eu já estou no trem.

JORNALISTA — Depois te encontro aqui?

MASCATE — Na estação, esperando o trem.

(O Jornalista sai. O Mascate o acompanha até certo ponto. Pastor Camilo, deixando sua casa, atravessou a ponte e chegou à sacristia. Bate à porta).

P. JOSÉ *(Atendendo)* — Entre depressa!

P. CAMILO — Não se preocupe... A praça está vazia.

(O Pastor Camilo entra. O Mascate retorna a seu lugar).

P. JOSÉ — É uma loucura esta visita! Quase meio-dia! A imagem verdadeira ainda não chegou. O senhor fez o pedido direitinho?

P. CAMILO — Deverá chegar no trem das onze e quarenta e cinco. Não se preocupe... Está tudo combinado: Takawa e Simão esperarão na estação e trarão para cá, antes do meio-dia!

P. JOSÉ — Em cima da hora! O Bispo vai querer descobrir as imagens logo depois... Se ele der de cara com o manequim... Nem quero imaginar!

P. CAMILO — Por onde anda ele?

P. JOSÉ — Saiu para visitar as casas dos fiéis que alcançaram graça do santo milagroso. Deu a entender que eu serei transferido para outra Paróquia, se o ambiente criado pelo milagre não satisfizer...

P. CAMILO — Transferido, depois de trinta anos?

P. JOSÉ — Eu me sentirei como peixe fora d'água! Eu vi nascer esta cidade, construí esta igreja, batizei toda esta geração e casei os pais... Ai de mim, se não puder morrer aqui e ser enterrado nesse mesmo cemitério... Que eu mesmo estreei abençoando Zé-Coveiro, o primeiro morto...

P. CAMILO — Viu os jornais?

P. JOSÉ — Jornais?

P. CAMILO *(Coloca-os sobre a mesa. Pegando um)* — "Padre milagroso ressuscita mortos!"

P. JOSÉ — Que exagero!

P. CAMILO — "Pescador moribundo salvo por São Francisco de Assis!"

P. JOSÉ *(Pegando outro)* — "Cura de doentes por velho Padre milagroso"! Oh, o Bispo vai ficar furioso com isso!

P. CAMILO *(Lendo outro)* — "Romarias partem de todos os pontos do Estado rumo à cidade milagrosa". Mais adiante: "Esperam alcançar graças do santo Padre".

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P 509

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL S C D P

P. JOSÉ — "Exploração da fé em pequena cidade..." Exploração?!

P. CAMILO — Jornal de esquerda...

P. JOSÉ — Vamos guardar isto! *(Coloca-os no armário).*

P. CAMILO *(Lendo o livro que estava sobre a mesa)* — Contabilidade do milagre?

P. JOSÉ — É... Estou organizando...

P. CAMILO — Qual o saldo?

P. JOSÉ — Mais de trinta mil cruzeiros em dois dias.

P. CAMILO — Trinta mil! O negócio é rendoso...

P. JOSÉ — Vou empregar tudo na reforma do casarão, para escola!

P. CAMILO *(Sem convencer)* — Muito bem... Conseguiu então o que queria... Além do Coronel, muitas outras pessoas voltaram para sua igreja...

P. JOSÉ — Não se incomode, senhor Camilo... Interesses políticos!

P. CAMILO — Não... É fé no duro... Muita gente "virou" depois do milagre da salvação do Juca-Protestante, agora Juca-Católico... Todo mundo tem medo de ser castigado como o Juca... Minha igreja, hoje, na hora do culto estava vazia de se ouvir o rio passar...

P. JOSÉ — Eu sei o que é sentir-se abandonado...

P. CAMILO *(Suspiro profundo)* — É... *(Interesseiro)* Ainda bem que me resta a escola...

P. JOSÉ — A escola? Mas o senhor não havia desistido?

P. CAMILO — Pensei melhor sobre o caso e acho que o senhor tem razão: com o casarão nós realizaremos a maior obra da cidade!

P. JOSÉ — E se eu for transferido?

P. CAMILO — Farei o possível para levar nossa idéia avante. Não se preocupe...

P. JOSÉ *(Irônico)* — É muita bondade de sua parte...

P. CAMILO — Tenho um nome ótimo para a escola: Escola do Novo Pensamento Cristão!

P. JOSÉ — Mas, nessa escola, poderia se repetir entre os alunos o tal "impossível namoro de Dito e Teresinha"...

P. CAMILO — Não é impossível!

P. JOSÉ — Não é mais?

P. CAMILO — Não. Eu evoluí naquele raciocínio, e acabei concordando com o senhor: eles devem continuar juntos pelo casamento!

P. José — Casamento?

P. Camilo — Ainda mais agora! Aliás, sobre este assunto, precisamos marcar a data!

P. José — Data de que?

P. Camilo — Data do casamento...

P. José — Entre Dito e Teresinha?

P. Camilo — É claro! O senhor ainda não está a par da situação?

P. José — Que situação?

P. Camilo — Dito não lhe falou nada?

P. José — Disse que a Teresinha tinha vindo visitá-lo...

P. Camilo — Só?

P. José — Só... Que mais?

P. Camilo — Que rapaz safado!

P. José — Por quê?

P. Camilo — Por quê não quer se casar?

P. José — Ele não quer contrariar São Francisco!

P. Camilo — Ele tem que contrariar São Francisco!

P. José — Eu não entendo mais nada!

P. Camilo — Eu vou ser tio, senhor José!

P. José — Tio?

P. Camilo — Tio do filho de Dito...

P. José — Tio do filho... Repete, senhor Camilo, eu acho que não escutei bem...

P. Camilo — Eu vou ser tio do filho de Dito...

P. José *(Analisando devagar)* — O senhor vai ser tio do filho de Dito... *(Pausa)* Acho que o senhor está enganado... O senhor quer com isso dizer que... Dito e Teresinha... *(Embaraço)*.

P. Camilo — Isto mesmo: Dito e Teresinha. *(Embaraço)*.

P. José — Mas como?!

P. Camilo — Como todo mundo...

P. José — Mas o Dito é um menino tão ingênuo...

P. Camilo — A Teresinha também... Mas acontece que juntaram as ingenuidades...

P. José — E quando foi?...

P. Camilo — Anteontem...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 510

M. J. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL S. C. D. P. SR/CE

P. José — Anteontem...

P. Camilo — Na ponte...

P. José — Na ponte... Na ponte!

P. Camilo — Uniram-se e nos uniram!

P. José — Na ponte!

P. Camilo — Eles! Nós, aqui!

P. José — Será difícil convencer Dito!

P. Camilo — Temos que convencer!

P. José — Que diz a Bíblia sobre isso?

P. Camilo — A Bíblia não diz nada, mas o Código Penal é bastante claro!

P. José — Dito é o maior devoto do santo milagroso!

P. Camilo — Só há uma solução: o santo voltar atrás!

P. José — Os santos não voltam atrás!

P. Camilo — Nem os delegados, senhor José... E eu falei com o Dr. Delegado...

P. José — Nesse caso...

P. Camilo — São Francisco verificou, de ontem para hoje, que Dito pela sua fé, e Teresinha pelo seu amor, mereciam continuar juntos...

P. José — São Francisco vai falar novamente ao Dito?

P. Camilo — Vai.

P. José — É muito arriscado... Pense no Bispo, senhor Camilo... O Bispo!

P. Camilo — Penso em Teresinha...

P. José — Espere o Bispo partir!

P. Camilo — Quando o Bispo se for, poderá levá-lo junto. E sem o senhor eu não poderei fazer o milagre.

P. José *(Choroso)* — O senhor também acha que o Bispo vai me transferir...

P. Camilo — Preciso pensar em todas as hipóteses.

P. José — É... Até o senhor acha... Eu também acho... Estou mesmo perdido...

P. Camilo — O milagre tem que ser antes do meio-dia!

P. José — Eu não sei ser padre noutro lugar...

P. Camilo — Esta é a última meia hora que os santos estão cobertos.

P. JOSÉ — No fundo eu sou um homem infeliz...

P. CAMILO — Vamos preparar o novo milagre!

P. JOSÉ — Sonhei tanto com a escola...

P. CAMILO — O senhor deve deixar-me a sós com Dito. Mande-o acender uma vela, ou fazer uma oração, que eu farei o milagre...

(Pastor Camilo descobre o manequim, coloca-o dentro do guarda-roupa e fica com o pano na mão. Vindo da esquerda, o Bispo entra na praça. Uma comitiva o acompanha tendo Juca à frente. Durante a cena seguinte o Padre e o Pastor preparam tudo para o novo milagre).

BISPO — Obrigado pela companhia!...

JUCA — Disponha, senhor Bispo...

BISPO — Onde está o tal vendedor das imagens?

JUCA — Ali na esquina...

BISPO — Onde está a esquina?

1º FIEL — No fim desta rua, no começo da outra...

BISPO — Oh... Leve-me até lá... Não enxergo nada sem os óculos!

(A comitiva acompanha a ilustre figura. O Mascate percebe e mansamente vai se retirando).

JUCA — Um momento, Mascate!

MASCATE — Ah! Bom dia, senhor Bispo. Deus o guarde...

BISPO — É o senhor que tem para vender umas imagens de São Francisco?

MASCATE — Eu?... Ah... Sim...

BISPO — Deixe-me ver.

(O Mascate entrega uma imagem ao Bispo que a aproxima dos olhos como se a cheirasse).

BISPO — Um pouco diferente, talvez...

MASCATE — Daquele que está no céu?

BISPO — Das outras imagens de São Francisco!

(Os Fiéis apertam o círculo ameaçando o Mascate).

MASCATE — Essa é meio moderna... Futurista!

BISPO — Ah! Futurista!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677, P. 511

MASCATE — Como as da capela de Brasília...

BISPO — Por enquanto não posso situá-la em nenhuma corrente de arte clássica ou moderna... Meus óculos estão na bagagem e eu sem eles enxergo muito mal.

MASCATE *(Aliviado)* — É uma pena... O senhor ia gostar muito...

BISPO — Façamos um trato: se esta imagem se assemelhar à imagem da sacristia, muito bem; caso contrário, o senhor vai devolver o dinheiro a todos os compradores e passar alguns dias meditando...

MASCATE — Na igreja?

BISPO — NA CADEIA!!!

MASCATE — Ora, senhor Bispo... Eu garanto que é igual... Igualzinha!

BISPO — E não tente fugir!

JUCA — Ah!... Isso vai ser difícil...

BISPO — Não venda mais nada!

MASCATE — Não senhor... *(O Bispo vai se retirando)* A bênção, senhor Bispo...

BISPO *(Embaraçado)* — De-deus o abençoe...

(Os fiéis um a um beijam a mão do Bispo e se retiram. Na sacristia)

P. CAMILO — Agora vá chamar o sacristão. Novamente em cena o verdadeiro santo milagroso!

(O Bispo dirige-se à sacristia. Padre José sai e encontra-se com o Bispo, na porta).

P. JOSÉ *(Assustado)* — SENHOR BISPO!

BISPO — Bom dia, Padre...

P. JOSÉ — Bom dia...

BISPO — Tudo preparado para a cerimônia da Alelúia?

P. JOSÉ — Quase tudo...

BISPO — Que vinho usa no sacrário?

P. JOSÉ — O "Pindorama" de uva moscatel do Rio Grande do Sul...

BISPO — Hum... Bom... Pode deixar que eu mesmo celebrarei a santa missa...

P. JOSÉ — Será uma honra para mim...

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SCDP
SR/CE

(Nesse ínterim, o Jornalista entra pé ante pé, na sacristia. Vai examinar o guarda-roupa).

BISPO — Estive esta manhã, verificando certas coisas...

P. JOSÉ — Sei... Sei...

BISPO — Temos muito que conversar...

P. JOSÉ — Pois não, D. Arlindo...

(O Jornalista acha o manequim no guarda-roupa e uma velha batina. Veste a batina no manequim, e coloca-o diante do Pastor coberto. Toma posição e bate fotografias do manequim de costas, com o Pastor ao fundo, como santo).

BISPO — O que acha o senhor desta imagem?

P. JOSÉ — Nada especial...

BISPO — Pois eu preciso analisá-la melhor... Por favor, vá até a casa paroquial e mande trazer minha valise com os óculos...

P. JOSÉ — Pois não...

(Na sacristia, o Jornalista começa a olhar todos os santos, levantando os sudários roxos).

BISPO — O senhor vai confessar, Padre?

P. JOSÉ *(Assustado)* — Confessar... O que?

BISPO — Confessar e comungar.

P. JOSÉ — Ah... Sim... Confessarei...

BISPO — Eu o espero na igreja.

(Padre José sai atônito. O Bispo entra na sacristia no momento exato em que o Jornalista prepara-se para levantar o sudário do Pastor).

BISPO — Que significa isto?

JORNALISTA — Ah!... Sua Excelência, o Bispo!

BISPO — Que deseja?

JORNALISTA — Esperava o senhor para tirar uma foto!

BISPO — Foto?

JORNALISTA — Não se mova! *(Bate uma chapa)* Perfeito! Para a capa da revista das "Famílias Cristãs" de São Paulo!

BISPO — Está pensando que aqui é a casa da sogra?

JORNALISTA — A casa de Deus, senhor Bispo!

BISPO *(Ao manequim)* — E o senhor, que deseja?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.612

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL S.C.P.P.

JORNALISTA — É um modelo...

BISPO *(Batendo com as mãos no manequim)* — Ah, um boneco! Não enxergo nada sem os óculos... *(Pegando o manequim)* Leve seu modelo daqui!

JORNALISTA — Não, este manequim...

BISPO — Saia logo, moço! Que petulância!

(O Bispo empurra o Jornalista, dando-lhe o manequim. O Jornalista vai ter com o Mascate).

MASCATE — Conseguiu?!

JORNALISTA — Consegui! Até do Bispo!

MASCATE *(Apontando o manequim)* — Que é isso?

JORNALISTA — Presente do Bispo... Vamos revelar as fotografias!

MASCATE — Não posso sair daqui... O Bispo percebeu que meu santo era um santo de "araque"... Estou sendo vigiado...

JORNALISTA — Tenho pressa... Até depois...

(O Jornalista sai rapidamente com o manequim, cruzando com o Padre José e Dito que carrega a valise do Bispo).

P. JOSÉ *(Vendo o manequim)* — Será o Benedito? *(Apressa o passo)* Ou será o Francisco?

(Padre José e Dito entram na sacristia).

P. JOSÉ — Onde está o senhor Bispo?

DITO — Deve está no altar...

P. JOSÉ — Vá até lá verificar... *(Dito sai)* É o Camilo?

P. CAMILO *(Descobrindo a cabeça)* — Não, é o Francisco!

P. JOSÉ — Ah, então era o Francisco! *(Abre o guarda-roupa)* Ah, meu santo Deus! Como foi?

P. CAMILO — Sei lá... Uma confusão... Vá chamar o Dito!

P. JOSÉ — Para que?

P. CAMILO — Para o milagre...

P. JOSÉ — Está louco?

P. CAMILO — Tem que ser agora...

(Dito volta. Pastor Camilo se cobre).

DITO — O Bispo está fuzilando de raiva, só porque eu não preparei o altar... Mandou buscar os óculos!

P. JOSÉ *(Pegando a valise)* — Eu os levo... *(De saída)* Faça uma oração ao santo... Quem sabe assim ele pode resolver seu problema... Não... Não faça nada... Depois...

(Sai para o altar).

DITO — Uai... Que deu no "seu" vigário? Vou fazer uma oração, sim... *(Ajoelha-se diante do Pastor).*

P. CAMILO *(Voz empostada, sob o pano)* — Dito!... *(Dito pula para trás).*

P. CAMILO — Case-se com Teresinha! Um filho se concebe sob um teto cristão e não sob uma ponte!

DITO — MILAGRE!!!

P. CAMILO — Deus que abençoe você e Teresinha!

DITO *(Começa a fazer estardalhaço)* — Milagre! Milagre!

(O Bispo entra correndo. O Padre José atrás).

BISPO — Que foi, menino?

DITO — Ele falou!

BISPO — Quem?

DITO — Milagre!

BISPO — Que foi?

DITO — O santo falou!

BISPO *(Segurando Dito)* — O santo?

DITO — Alcancei a graça! *(Padre José agoniza da porta).*

BISPO *(Balançando Dito)* — Fique quieto!

DITO *(Caindo de joelhos)* — São Francisco!!!

BISPO *(Levantando-o)* — Deixe disso!

DITO — O santo falou comigo!

BISPO — Deixe de bobagens!

DITO — Eu escutei. Ele disse que eu posso...

BISPO — Pare, quieto!

DITO — ... eu posso casar! *(Cai de joelhos).*

BISPO — Isto é pecado!

DITO — Posso casar! Meu amado santo!

BISPO — Deixe de coisas! *(Levanta-o).*

DITO *(Cai de joelhos)* — Não faça isso!

DITO — Me deixe ajoelhado!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA PTE 0677,P.513

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL S C D P S I E

(Bispo anda de um lado para outro).

DITO — "Padre Nosso que estais no céu..."

BISPO — Pare!

DITO — ..."venha a nós o Vosso Reino..."

BISPO — Irreverente!

DITO — Eu escutei!

BISPO — Não é possível!

DITO — Foi milagre!

BISPO — Foi nada!

DITO *(Levanta-se)* — O senhor é um incrédulo!

BISPO — Olhe com quem está falando!

DITO — Com um bispo que nem sabe o que é um milagre! Nunca escutou um santo!

BISPO — Não deturpe as coisas sagradas da igreja!

DITO — Igreja pro senhor é roupa bonita e boa comida!

BISPO — Menino!

DITO — O senhor usa a igreja pra viver bem!

BISPO — Saia daqui!

DITO — Politiqueiro!

BISPO — SUMA!!!

DITO — Herege de uma figa!

(Dito sai correndo para a ponte, gritando).

DITO — TERESINHA! TE-RE-SI-NHA!!! *(Sai gritando em direção à casa do Pastor. Da sacristia o Bispo assiste tudo, estupefato).*

BISPO — É o fim do mundo! Eu não entendo mais nada! Escutam santos falar, alcançam graças ineríveis! Essas muletas, esses retratos, essas peças de cera, esse sacristão maluco... *(Tira do bolso)* Sabe o que é isso?

P. JOSÉ — Um prego!...

BISPO — O pagamento de uma graça alcançada por uma mãe! É o cúmulo! O filho engoliu o prego e ela prometeu ao santo se ele ajudasse o filho a... O santo virou purgante! Não sei como pode acontecer isso!

P. JOSÉ — Fé, D. Arlindo... Fé...

BISPO — Fezes, isto sim... Fezes! E não é só isso! Veja essa imagem *(Mostra-a)* Santo Antônio, pintado com barba para ser vendido como São Francisco! Isto é coisa de cadeia!

P. JOSÉ — Não importa a forma da imagem, mas o que ela representa...

BISPO — Pior ainda é a exploração política! Maldito Coronel Chiquinho! O senhor viu a faixa em frente ao comitê político? "Coronel Francisco saúda São Francisco"!

P. JOSÉ — É a redenção do Coronel que volta para nossa igreja...

BISPO — Redenção?! Pois eu vou arrasar mais uma vez com o Coronel! Hoje, durante o sermão vou alertar a população contra esse ato demagógico e sacrílego do Coronel!

P. JOSÉ — Vai se repetir tudo outra vez!

BISPO — E a culpa é sua, Padre! Por isso resolvi transferi-lo para o "Recolhimento de São Pedro", na Capital. Para que dedique seus últimos dias à meditação.

P. JOSÉ — Meditação... Eu meditei a vida toda... Agora eu quero fazer alguma coisa de útil... Eu não posso deixar esta cidade!

BISPO — Não esqueça a sua condição de obediente servidor de Deus!

P. JOSÉ — Eu nunca servi a Deus!

BISPO — A sua permanência na cidade é prejudicial à nossa diocese...

P. JOSÉ — Prejudicial, D. Arlindo? Justamente agora que eu quero realizar alguma coisa?

(O Bispo enquanto fala, vai tirando os sudários roxos dos santos).

BISPO — Formou-se à sua volta uma crença de santidade e o povo passou a idolatrar uma pessoa e não a instituição de Cristo!

P. JOSÉ — Mas eu represento a Igreja!

BISPO — Estamos quase na hora da missa. Durante o evangelho anunciarei ao povo sua partida e exaltarei sua pessoa.

P. JOSÉ — Minha partida, quando?

BISPO — Amanhã, comigo...

P. JOSÉ — Amanhã...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 514

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

(Todos os santos já estão descobertos, com exceção do Pastor Camilo. O Bispo dirige-se para ele. Padre José percebe a situação).

P. JOSÉ *(Interceptando a passagem)* — Pode deixar. Eu descubro este! Promessa...

(O Bispo olha desconfiado e retira-se para o altar).

P. CAMILO — Não agüento mais! *(Descobre-se).*

P. JOSÉ — Fique coberto!

P. CAMILO — Logo chega a imagem verdadeira... Era para chegar no trem das onze e quarenta e cinco...

P. JOSÉ — Faltam cinco minutos para o meio-dia... *(Abre a porta da sacristia e olha para a praça)* Nem sinal de santo...

(O Jornalista passa rapidamente pelo Mascate).

MASCATE — E o trem?

JORNALISTA — O das onze e quarenta e cinco está com uma hora de atraso! *(Sai).*

MASCATE — Estou perdido!

P. JOSÉ — Estou perdido! *(Entra).*

P. CAMILO — Podemos tomar cadeia!

P. JOSÉ — De santo a salafrário!

P. CAMILO — Só temos uma saída!

P. JOSÉ — Qual?!

P. CAMILO — A fuga!

P. JOSÉ — A fuga... Não evitará minha excomunhão!

P. CAMILO — Mande o Papa às favas!

P. JOSÉ — O Papa às... Não posso...

P. CAMILO — Pense na sua vida!

P. JOSÉ — Pensar em mim? Quem sou eu, sozinho?

P. CAMILO — Um homem, antes de tudo!

P. JOSÉ — Eu sem a Igreja não sou nada!

P. CAMILO — Cada um de nós é uma igreja sozinho!

P. JOSÉ — Senhor Camilo... Não é hora para tentar me converter...

P. CAMILO — Eu e o senhor somos duas igrejas! Vamos uni-las e fundar uma terceira!

P. JOSÉ — Credo!

P. CAMILO — O senhor abandona o Vaticano e eu abandono a minha igreja! Fundaremos a nossa "Igreja do Novo Pensamento Cristão"!

P. JOSÉ — Céus!

P. CAMILO — Iremos para bem longe e iniciaremos a nossa doutrinação! No Acre!

P. JOSÉ — No Acre tem índio!

P. CAMILO *(Meio em delírio)* — Uma Igreja onde não se fale só latim e se leia trechos da Bíblia, mas onde se ensine o povo a pensar e enxergar as injustiças sociais!

P. JOSÉ — Isto me cheira a...

P. CAMILO — Cada membro da Igreja trabalhará não para si e sua família, mas para um fundo geral da Igreja que distribuirá a cada um, segundo as suas necessidades. Não existirão nem ricos, nem pobres nessa maravilhosa comunhão de bens!

P. JOSÉ — Isto é comunismo!

P. CAMILO — Vejo a raiz da nossa Igreja alastrar-se e dominar o país!

P. JOSÉ — O senhor está delirando!

P. CAMILO — ... Ultrapassar as fronteiras, dominar todo o continente, atravessar os mares e chegar do outro lado do mundo! Os japoneses conhecerão nossa doutrina! Os indianos e europeus, também!

P. JOSÉ — Acorde senhor Camilo! *(Chacoalha o Pastor Camilo).*

P. CAMILO — Os americanos e judeus serão doutrinados!

P. JOSÉ — Homem dos céus!

P. CAMILO *(Abraça Padre José numa atitude heróica)* — Vamos! Vamos partir!

(O Bispo entra. Pausa. Embaraço).

BISPO — Quem será o sacristão para iniciarmos a cerimônia? *(Olha o Pastor Camilo)* Que é isso. *(Bate com os nós dos dedos no Pastor)* Outro manequim?

P. JOSÉ — Este é o senhor Camilo, Pastor da Igreja Protestante...

BISPO — Que deseja o senhor no sagrado templo católico?

P. CAMILO — Explique a ele, senhor José...

P. JOSÉ — Eu... Bem... O senhor Camilo...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 515

M.J. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

P. CAMILO — Fale-lhe da "Igreja do Novo Pensamento Cristão"!

BISPO — Igreja do Novo Pensamento... O quê?

P. CAMILO — Esta doutrina é...

P. JOSÉ *(Interceptando)* — É que o senhor Camilo veio fazer algumas reclamações, senhor Bispo...

BISPO — Reclamações?

P. CAMILO — Reclamações?

P. JOSÉ — O senhor Camilo pede a minha transferência da cidade...

BISPO — Transferência?! *(Indignado)* Com que petulância o senhor pede a transferência de um ministro da minha Igreja?

P. CAMILO — Eu...

(Pausa)

BISPO — Não tem coragem de enfrentar-me? Vamos, fale a mim e não a meu pobre e indefeso pároco!

P. CAMILO — Bem... É que... Esse... Esse milagre que tomou conta da cidade está prejudicando minhas atividades de evangelizador... Esta farsa...

BISPO — Farsa?!

P. CAMILO — Esta farsa está roubando à minha Igreja os mais dedicados adeptos, guiados pela propaganda demagógica desse pároco que escuta santos falar, alcança graças ineríveis!

BISPO — O povo nunca esteve tão fervoroso!

P. CAMILO — Essas muletas, esses retratos, essas peças de cera... *(Pegando o prego sobre a mesa)* Esse prego... Não sei como pode acontecer tudo isso...

BISPO — Fé, senhor Pastor... Fé!

P. CAMILO — Fé... Não é bem isso... O povo está deturpando as coisas da vossa Igreja... Veja essa imagem! *(Pega-a)* Um outro santo, pintado com barba para ser vendido como o santo milagroso!

BISPO — Não importa a forma da imagem, mas o que ela representa!

P. CAMILO — E a exploração política? Há uma faixa em frente ao comitê político do Coronel: "Coronel Francisco saúda São Francisco"!

BISPO — É a... É a...

P. JOSÉ — Redenção...

BISPO — É a redenção do Coronel que volta para nossa Igreja!

P. CAMILO — Formou-se à volta desse Padre uma crença de santidade e isto é prejudicial à nossa cidade....

BISPO — Prejudicial, por que?

P. CAMILO — O povo passou a idolatrar uma pessoa e não a uma instituição de Cristo... E ele passa a ser um todo-poderoso!

BISPO — Nossos ministros representam nossa Igreja!

P. CAMILO — Este homem é nocivo à cidade!

BISPO — Convença o povo disto!

P. CAMILO — É necessária e urgente sua transferência!

BISPO — Nunca! Daqui ele não sairá!

(Padre José está boquiaberto. Dito entra da rua).

DITO — Estou atrasado, seu vigário?

P. JOSÉ — Está.

BISPO — E não temos mais assuntos a tratar, senhor Pastor! Passe bem! *(Para Dito)* Você levou a imagem de São Francisco para o altar?

DITO — Eu? Não!... Cheguei agora...

BISPO — Pois pode arrumar a trouxa e ir embora. *(Ao Padre)* Onde está a imagem, Padre?

P. JOSÉ — A imagem de São Francisco?

DITO — O santo milagroso?

P. CAMILO *(Apontando o nicho vazio)* — Não é esta?

BISPO — Qual?

P. CAMILO — Esta imagem...

BISPO — Imagem?!

P. CAMILO — Imagem de São Francisco, se não me engano...

BISPO — Não vejo!

P. CAMILO — Aqui!

BISPO — Onde?

P. CAMILO — Esta que o padre descobriu agora há pouco... Que estava coberta com esse pano... Não é esta, senhor José?

P. JOSÉ — É... É sim...

BISPO — O senhor está vendo?

P. JOSÉ *(Receoso)* — Ali, no nicho...

BISPO *(Aproxima-se)* — No nicho?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,P.516

M.J. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL S.I.P.

(Dito aproxima-se indignado do nicho).

P. CAMILO — A imagem que tanta desordem tem provocado!

P. JOSÉ — Desordem não, senhor Camilo. Milagre!

P. CAMILO — Desordem!

P. JOSÉ — Milagre!

BISPO — Os senhores... Meus óculos! Meus óculos! *(Sai para o altar).*

DITO — O senhor está vendo mesmo?

P. JOSÉ — Sim Dito... *("Assustadíssimo")* Você não vê?!

DITO — Eu...

P. CAMILO — Os pecadores não conseguem ver as imagens milagrosas...

P. JOSÉ — Você não vê, meu filho?

DITO — Vejo... Vejo, sim senhor...

P. CAMILO — Uma vez eu soube de um caso parecido, em vossa Igreja... Só conseguiam ver a imagem milagrosa as pessoas puras, sem pecado!

DITO — Mas eu estou vendo, sim...

(O Bispo volta com os óculos).

DITO — É pra levar o santo para o altar, "seu" vigário?

BISPO — Santo? Que santo?

DITO — São Francisco...

BISPO — Onde?

P. CAMILO — Não vê?...

P. JOSÉ — Não vê?

BISPO — Não, ora essa!

DITO — Credo!

BISPO — Ali no nicho?...

DITO — No nicho...

P. CAMILO — Imponente e magnífica!

BISPO — Confesso... Não vejo imagem nenhuma!

DITO — O senhor é pecador!

BISPO — Menino!

DITO — Pecador! Pecador! *(Corre para a porta).*

BISPO — Pare com isso!

DITO — PECADOR!!! *(Sai correndo para a praça)* O Bispo é pecador! O Bispo não vê o santo! *(Sai gritando).*

BISPO — Que gritaria é essa?

P. JOSÉ — Não sei...

P. CAMILO — Por certo, Dito está espalhando vossa pilhéria ao povo!

BISPO — Que pilhéria?

P. JOSÉ — Vossa brincadeira, D. Arlindo!

BISPO — Mas que brincadeira, homem?

P. JOSÉ — De não ver a imagem de São Francisco!

BISPO — Eu acho que estou sonhando! Que se passa com vocês? Vocês estão brincando?

P. CAMILO — Como, senhor Bispo?

P. JOSÉ — Brincando, por quê?

BISPO *(Desesperado)* — Eu não vejo nada! *(É consolado pelo Padre e Pastor).*

(Na praça, Coronel Chiquinho reúne três homens).

CORONEL — Essa é a nossa oportunidade! Eu soube que o Bispo quer nos atacar outra vez, durante o sermão! Espalhem pela cidade inteira que ele não consegue ver o santo milagroso, por causa dos seus pecados! *(Os três vão saindo)* Voltem! Tem mais! *(Os três voltam)* Todo mundo no partido tem que ver o santo! Se houver por acaso algum pecador que não consiga ver, digam a ele para fingir! Eu quero que nessa cidade inteira, somente um homem tenha pecado: o Bispo! *(Faz um sinal. Os três retiram-se, cada qual para um lado).*

(O Coronel Chiquinho dirige-se à sacristia. Entra).

CORONEL — Bom dia, senhores!

P. JOSÉ — Coronel... *(Olha receoso ao Bispo que se recompõe).*

CORONEL *(Dirigindo-se ao nicho vazio)* — Bela imagem, Padre José! Bela imagem! Vê-se logo que é uma imagem milagrosa! Que bela expressão no olhar! *(Ao Pastor Camilo)* Muito bem, Pastor! Veio depor vossa fé junto à imagem milagrosa?!

P. CAMILO — Vim conversar com o Padre José...

CORONEL — Negócios?

BISPO — Reivindicações absurdas! *(Sai para o altar).*

CORONEL — Absurdas? Que deseja o senhor que "sua santidade", o Bispo, não aprova?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677,P.517

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

P. CAMILO — Fundar uma escola junto ao Padre José.

CORONEL — Uma escola?!

P. CAMILO — A Escola do Novo Pensamento Cristão!

CORONEL — E o Bispo não permite?...

P. CAMILO — Não deseja a união dos ideais do Padre José com os meus... *(Trágico)* Fracassamos!

CORONEL — Longe disso!

BISPO *(Voltando)* — Vamos iniciar a missa, Padre...

CORONEL *(Provocador)* — Aproveito essa oportunidade para doar aos santos párocos das igrejas de nossa cidade, minha propriedade e meu apoio financeiro, para a construção de uma escola!

BISPO — Toque o sino, Padre! Já passa do meio-dia! *(Sai).*

(Coronel abre a porta da sacristia).

CORONEL — Povo de minha terra! *(As pessoas se agrupam perto da porta)* Este é o momento de exaltação de nossa fé! Eu me sinto orgulhoso de poder, junto aos santos de nossa cidade, Padre José e Pastor Camilo, anunciar a fundação da escola modelo da cristandade! A Escola do Novo... Novo o quê?

PADRE e PASTOR — Novo Pensamento Cristão!

CORONEL — Novo Pensamento Cristão! Vamos todos festejar esse grande acontecimento, com banda, foguetes e uma chuva de rosas!

(Vivas entre o povo. O Coronel sai acompanhado pelo povo. Fica apenas Teresinha na praça, que dirige-se para a sacristia).

DITO *(Entrando afobado na sacristia)* — Padre José! O Bispo começou a missa sozinho, e não tem ninguém na igreja!

P. JOSÉ — Oh, meu São Benedito...

P. CAMILO — Não pense mais no Bispo. É carta fora do baralho!

(Teresinha entra na sacristia. Quase desmaia de susto).

TERESINHA — Oh!...

P. CAMILO — Que foi, Teresinha?

(É acudida por todos).

TERESINHA *(Chorando)* — O nicho... O nicho vazio!

P. JOSÉ — Nicho vazio...

TERESINHA — Eu sou uma pecadora!

DITO — Não chore, Teresinha... Eu também não vi o santo...

TERESINHA — Você me levou para o mau caminho, com sua maçã...

P. CAMILO — Ora, não se aborreça... Antes do casamento você verá, pode ter certeza!

TERESINHA — Antes do casamento com Dito?

P. JOSÉ — Mas é preciso que deixem de se encontrar na ponte...

(Simão e Takawa, vindos do fundo, trazem a imagem verdadeira embrulhada em papel e colocada sobre um andor. Batem à porta da sacristia).

TERESINHA — Se eu voltar a ser como antes, eu vejo o santo?

P. CAMILO — Vê... *(Atende a porta)* Muito antes do que você pensa... *(Fecha a porta)*. Agora vá com Dito para a festa! Pela porta do altar...

DITO — O Bispo está rezando a missa... Vamos atrapalhar...

P. CAMILO — Reza de pecador não tem valor...

(Dito e Teresinha saem).

P. CAMILO *(Abrindo a porta)* — Chegou o santo verdadeiro...

SIMÃO *(Entrando)* — O trem atrasou, senhor Camilo...

P. CAMILO — Até que foi bom...

TAKAWA — Quando precisar é só chamar...

SIMÃO — E pagar... *(Estende a mão. O Pastor dá-lhe um níquel. Takawa e Simão saem).*

P. CAMILO — Estamos salvos!

P. JOSÉ — Vamos desembrulhar e mostrar ao povo!

P. CAMILO — Não! Espere! O povo é pecador e não deve ver o santo!

P. JOSÉ — Que?!

P. CAMILO — Para que cada fiel consiga ver o santo, é preciso que cumpra uma boa ação para purificação da alma! Vamos esconder a imagem no armário! Deixaremos que a imagem seja vista apenas pelos que merecem!

P. JOSÉ — Apenas os que merecem?...

P. CAMILO — Com esse incentivo, em breve toda a cidade poderá ver! Nós julgaremos os bons e os maus... Aos bons mostraremos a imagem...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677 R.518

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

P. JOSÉ — E aos maus o andor vazio...

P. CAMILO — Teremos o controle da população! Controle espiritual!

P. JOSÉ — Mas é uma mentira!

P. CAMILO — Os meios não importam quando o fim é para o bem!

P. JOSÉ — Deve haver um meio de dar tudo ao povo dentro da verdade!

(Ouve-se uma banda que se aproxima. Pastor Camilo guarda a imagem no armário).

P. CAMILO — A banda vem aí! Vamos ao encontro do povo com o andor vazio!

P. JOSÉ — Ao encontro do povo?

P. CAMILO — Pegue na outra ponta... *(Levanta o andor)* Vamos, levante!

(O andor é erguido, e os dois religiosos saem carregando-o até a praça).

P. JOSÉ — Não posso... Não posso enganar a todos!

P. CAMILO — Padre, controle-se... O andor está virado. Assim a "imagem" cai...

P. JOSÉ — Vou contar a verdade a todo mundo!

P. CAMILO — É o nosso fim!

P. JOSÉ — O começo para eles!

P. CAMILO — Eles vão fazer a revolução!

P. JOSÉ — Eu vou ajudar!

P. CAMILO — Quieto... Estão chegando... Faça um ar santificado.

(Entra o cortejo na praça, tendo o Coronel à frente. Dois homens carregam uma faixa: "Coronel Francisco saúda São Francisco").

CORONEL — Silencio!!! *(A banda pára. Aos poucos, faz-se silencio).* Ajoelhemos diante da imagem de São Francisco Milagroso! Adoremos esta beleza incomparável, que só os puros e santificados podem ver!

(O Coronel se ajoelha. Aos poucos, todas as pessoas vão se ajoelhando. O Bispo aparece com sua valise. Está de partida).

CORONEL — Perdoai, oh santo milagroso, os pecadores dessa cidade, que não conseguem ver nossa deslumbrante beleza!

(O Bispo vagarosamente começa a atravessar a praça. O Padre treme. Todos acompanham o Bispo com o olhar).

MASCATE — Está vendo, senhor Bispo? *(Aponta o andor)* Igualzinha a que eu vendi! Não é mesmo, senhor Bispo?... *(Risadas)* O senhor não pode mais me mandar prender...

(Pausa. O Bispo aproxima-se vagarosamente do andor).

BISPO — Igual?! Completamente diferente, senhor Mascate! Aquela é Santo Antônio Esta é São Francisco de Assis! Olhe as feições como são diferentes. Note a expressão dos olhos de São Francisco buscando Deus na sua infinita soberania!

1º FIEL — Eu quero meu dinheiro de volta!

(O Mascate tenta fugir).

2º FIEL — Pega!!! Pega!!!

FIÉIS — Pega!!! *(O Mascate é cercado).*

JUCA — Malha o safado!

BISPO — Esperem! *(Novo silencio)* Soltem o rapaz! *(Os fiéis obedecem)*. Vamos provar ao santo, que somos todos pessoas de alma pura e coração bom. Perdoemos o gesto feio dessa pôbre criatura. É o primeiro passo para ver o santo, para aqueles que por infelicidade ainda não viram... Todos que quiserem ver o santo, devem saber perdoar mesmo os inimigos mais baixos e traiçoeiros.

CORONEL — Eu o perdôo, bondoso Bispo...

BISPO — Eu também o perdôo, ilustre Coronel...

P. JOSÉ — Senhor Bispo... Uma perguntinha... O senhor vai comunicar o fato milagroso ao Arcebispo?

BISPO *(Hesita)* — Si-sim... Naturalmente...

P. JOSÉ — E o Arcebispo ao Cardeal?...

BISPO — Por certo...

P. CAMILO — E com o seu depoimento o Vaticano reconhecerá o fato?

BISPO — Provavelmente...

JORNALISTA *(Num urro)* — FURO SENSACIONAL!!! O primeiro do mundo a noticiar! *(Manchete:)* PROCESSO DE CANONIZAÇÃO DE DOIS SANTOS BRASILEIROS!!! *(Sai correndo).*

P. JOSÉ — Um momento... Tenho uma revelação importante a fazer! *(Pausa)* O SANTO É O PASTOR!

P. CAMILO — O SANTO É O PADRE!

(Um tempo).

CORONEL — OS DOIS SÃO SANTOS!!!

UM FIEL — OS DOIS!!!

OUTRO FIEL — OS DOIS SÃO SANTOS!!!

JUCA — VIVA O SANTO PASTOR CAMILO!!!

TODOS — VIVAAA!!!

CORONEL — VIVA O SANTO PADRE JOSÉ!!!

TODOS — VIVAAA!!!

(Todos se ajoelham, inclusive o Bispo. Um avião sobrevoa a praça e lança rosas sobre a multidão. A banda volta a tocar. Pastor Camilo e Padre José divertem-se canonicamente, enquanto o povo reza a seus pés).

FIM

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.519

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.520

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Título: O SANTO MILAGROSO
Autor: LAURO CÉSAR MUNIZ
Classificação etária: 10 ANOS
Justificativa de Impropriedade: CERTA IRREVERÊNCIA
Assunto: LEITURA DE "SCRIPT"

Numa cidade de interior um páraco e um pastor protestante após muitas peripécias divertidas tornam-se aliados para fundar uma escola para a comunidade (interesse do padre) e o casamento de Dito e Teresinha (interesse do pastor) e sem querer armam um "milagre" que tem influência na consecução dos seus objetivos.

Gênero comédia de costumes, leve, divertida, com ação desenvolvida em clima de certa malícia e linguagem clara, correta e simples com alguns termos caipiras.

Mensagem final positiva a peça despida de indução a fatos negativos da religião e mesmo com um leve toque de irreverência em alguns momentos pode ser liberada com a impropriedade para menores de 10 anos, com justificativa de: CERTA IRREVERÊNCIA, condicionada ao ensaio geral.

Baseada no radiograma nº 634/DCDP de 25.08.86 informamos que a validade do Certificado de Censura é: 09 de janeiro de 1990.

Fortaleza, 26 de agosto de 1986

Maria Lucia Holanda Gurgel do Amaral
CF - mat. 2.417.045

SR/DPF/CE - Cód. 12.144 - Papel 24 kg Champion Bond. 20.000 Fls. Dim. 297x210 mm 02/86

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677, P. 521

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

Título: O Santo Milagroso
Autor: Lauro César Muniz
Classificação Etária: 10 anos
Justificativa de Impropriedade: Certa Irreverência
Assunto: Leitura de "script"

A peça em epígrafe apresenta uma comédia entre um pároco e um pastor protestante de uma cidade do interior. Ambos resolvem encontrar-se às ocultas para jogarem xadrez e sem querer armam um milagre (o pastor se passa por São Francisco) e levam a farsa até o fim, mas sem prejudicar às religiões.

Visando o entretenimento sadio, a peça é revestida de comicidade e muitas confusões com final feliz e mensagem de amor ao próximo.

A linguagem é simples, com alguns termos caipiras, mas despidas de termos grosseiros ou chulos.

Considerando o que foi exposto, bem como o clima de irreverência que reveste algumas situações, sugerimos sua liberação com a classificação etária de 10 anos, com a justificativa "certa irreverência", condicionada ao ensaio geral.

Informamos que com base no radiograma nº 634/86-DCDP, a validade do certificado estende-se até 09.01.86.

Fortaleza, 27 de agosto de 1986.

Maria Iranilde da Silva Batista
Censora Federal

SR/DPF/CE - Cód. 12.144 - Papel 24 kg Champion Bond. 20.000 Fls. Dim. 297x210 mm 02/86

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTF 0677, P. 522

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PEÇA: O SANTO MILAGROSO
AUTOR: LAURO CÉSAR MUNIZ
JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE: "CERTA IRREVERÊNCIA"
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 10 anos
ASSUNTO: LEITURA DE SCRIPT

Em atendimento a determinação de V.Sa. foi feita leitura de script da peça "O santo milagroso", autoria do novelista e dramaturgo Lauro César Muniz.

Em uma cidade provinciana, os dois representantes locais religiosos, o padre e o pastor têm constante disputa cada um querendo arranjar maior número de fiéis para suas igrejas.

Decidem se unir, produzindo um milagre e acabando com as discórdias existentes.

A mensagem é positiva prega amor ao próximo.

A linguagem utilizada é clara e simples contendo alguns termos caipiras.

O tema é uma comédia de costumes com toques de humor irreverente.

Considerando que a DCDP expediu certificado contendo impropriedade para menores de 10 anos, opino pela mesma faixa etária com justificativa de possuir "certa irreverência".

Fortaleza, 28 de agosto de 1986

Maria Noelia Santos Zingano
Maria Noelia Santos Zingano
CF 2.417.047

SR/DPF/CE - Cód. 12.144 - Papel 24 kg Champion Bond. 20.000 Fls. Dim. 297x210 mm 02/86

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0677,R523

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Título: "O SANTO MILAGROSO"
Autor: LAURO CÉSAR MUNIZ
Class. Etária - 10 ANOS
Assunto: ENSAIO GERAL
Just. de impropriedade: "CERTA IRREVERÊNCIA"

Comparecemos no dia 29.08.86, às 16 horas, ao Teatro da Emcetur, nesta Capital, ocasião em que assistimos ao ensaio geral da peça supra mencionada.

Narra a interessante disputa entre um Pastor protestante e o vigário de uma pequena cidade interiorana pela liderança da comunidade, de maneira irreverente e com forte dose de comicidade.

Embora escrita em linguagem clara e correta, a peça em questão apresenta situações ambíguas que, mostradas com certa malícia, justificam a classificação etária (10 anos) mencionada no radiograma nº 634/DCDP de 25/08/86.

O cenário único em dois planos representa a sacristia da Igreja, com castiçais e imagens de santos, e a casa do Pastor onde praticamente se desenrola todo o espetáculo.

O guarda-roupa é bastante simples, uma vez que que a estória se passa numa cidade do interior, sobressaindo-se apenas os trajes do Padre e do Bispo (batinas) e do Pastor (traje social).

A iluminação é clara e direta, sem a utilização de quaisquer jogos de luzes ou penumbra.

Ante o exposto, concordamos com a liberação sem restrições do presente espetáculo, com impropriedade para menores de 10 ANOS e com a justificativa de impropriedade "CERTA IRREVERÊNCIA".

Fortaleza, 01 de setembro de 1986
ANTONIO LEITÃO CORREIA
CNF MAT 2.324.357

SR/DPF/CE - Cód. 12.144 - Papel 24 kg Champion Bond. 20.000 Fls. Dim. 297x210 mm 02/86

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.524

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
PEÇA: O SANTO MILAGROSO
AUTOR: LAURO CÉSAR MUNIZ
JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE: "CERTA IRREVERÊNCIA"
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 10 anos
DATA: 29.08.86 LOCAL: Teatro da EMCETUR

Em atendimento a determinação de V.Sa.com parecemos ao teatro da Emcetur, às 16 horas para realizar o examede ensaio geral da peça teatral "o santo milagroso".

Em uma cidade do interior, um pároco, Padre José viveem constante disputa com o pastor protestante, D.Camilo por causa dos fiéis que se dispersam de uma igreja para outra. Resolvem criar um milagre que una as duas religiões e acabe com a discórdia existente.

Comédia que tem como finalidade apresentar situações engraçadas e um enredo leve e com toques de humor irreverente em que satiriza a religião, mas sem ferir aos princípios religiosos.

A mensagem é positiva e prega uma mensagem de amor.

A linguagem utilizada é clara e simples.

O vestuário é de roupas comuns, simples. O do padre é a batina.

O cenário é uma sacristia, na época da quaresma estando os santos cobertos de panos roxos. Há um altar com velas, uma mesa e duas cadeiras

Pelo exposto, e por ter a temática determinado grau de compreensão, sugerimos sua liberação com impropriedade para menores de 10 anos, e a validade do certificado para o dia 09/ de janeiro de 1990 conforme cradiograma 634/DCDP de 25.08.86.

Era o que nos cumpria relatar.

Fortaleza, 01 de setembro de 1986.

Maria Noelia Santos Zingano

Maria Noelia Santos Zingano
2.417.047-CF

SR/DPF/CE - Cód. 12.144 - Papel 24 kg Champion Bond. 20.000 Fls. Dim. 297x210 mm

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677.P.525

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Título: O SANTO MILAGROSO
Autor: LAURO CÉSAR MUNIZ
Just. de impropriedade: CERTA IRREVERÊNCIA
Class. etária: 10 ANOS
Data: 29.08.86
Local: TEATRO DA EMCETUR

Cumprindo determinação desta chefia compareci ao Teatro da Emcetur, às 16 horas a fim de proceder o exame de ensaio geral da peça acima mencionada.

Trata-se de uma comédia cuja ação se passa numa cidade do interior onde um pastor protestante sem querer, se envolve com o vigário local e terminam por fabricar um milagre que resolve a vida dos dois.

Comédia de costumes, desenvolvida em clima de comicidade, o enredo apresenta situações divertidas e de certa irreverência mas sem ferir às religiões.

A mensagem final é positiva de amor ao próximo e uma linguagem simples, clara e com alguns termos caipiras.

Iluminação direta e despida de recursos.

Vestuário caractéristico de pessoas simples de interior, padre com paramentos mormais, cardeal também, mulheres de vestidos simples de chita .

O cenário é uma sacristia em época de quaresma, com as imagens cobertas por panos roxos, altar e ninchos muito simples e aprador para velas, uma mesa e duas cadeiras.

Pelo exposto e considerando o grau de dificuldade para sua total compreensão, sugerimos sua liberação com a impropriedade para menores de 10 anos e a validade do Certificado para o dia 09 de janeiro de 1990 conforme radiograma 634/DCDP de 25.08.86.

SR/DPF/CE - Cód. 12.144 - Papel 24 kg Champion Bond. 20.000 Fls. Dim. 297x210 mm 02/86

Maria Lucia Holanda Gurgel do Amaral - TC
Matrícula 2.417.045

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
0677, P. 526

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

VÁLIDO EM TODO TERRITÓRIO NACIONAL

Certificado Nº 07/86-SCDP/SR/CE

PEÇA " O SANTO MILAGROSO "

ORIGINAL DE LAURO CÉSAR MUNIZ

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

10 ANOS

CERTA IRREVERÊNCIA

VÁLIDO ATÉ 09 de JANEIRO de 19 90

Fortaleza 29 de AGOSTO de 19 86

p/ Francisca Iêda Augusto Fernandes-TC
Chefe do SCDP/CE - Mat. 2.415.784
Chefe do SCDP/SR/CE
p/
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 527

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada " O SANTO MILAGROSO "

Original de Lauro César Muniz

Tradução de -

Adaptação de -

Produção de Grupo Mirante

Requerida por Maria das Graças Rodrigues de Carvalho Musy

Tendo sido censurada em 29 de Agosto de 19 86 e recebido a seguinte classificação: 10 ANOS. JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE: CERTA IRREVERÊNCIA. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO SO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP/SR/CE

ENSAIO GERAL
EM 29/08/86
Chefe do SCDP/SR/CE

Fortaleza ~~Recife~~, 29 de Agosto de 19 86

Francisca Iáda Augusto Fernandes-TC
Chefe do SCDP/CE
Mat. 2.415.784

Chefe do Serviço de Censura

DPF-150

TEATRO

TÍTULO " O SANTO MILAGROSO "

AUTOR DA PEÇA: " LAURO CÉSAR MUNIZ "

1) ARQUIVO

Clas. Anterior " 10 ANOS "

Praça " SCDP/SR/CE "

Obs.: Anexar ao processo anterior, encaminhado à sctc em 05/09/86 P/guia 1357/86.

DF. 09 / SET.. / DE / 1986

Resp. pela elaboração do Processo

Adilson **

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Em Ordem!
Encaminhe-se ao Arquivo.
BSB, 17/09/86

Luiz Pedro de Souza
CF - Mat. 2.407.803
Chefe - Substituto da SCTC/DCDP

Brasília – DF de de 1.9

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.9

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P. 528

DPF-538

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

2ª VIA

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº 256 000027

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data: 21 OUT 86

Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

ENDEREÇO

SCDP/SR/ES

TEXTO A TRANSMITIR

Nº807/DCDP de 21 - 10 - 86 —— RERAS NRS 10-11/SCDP/SR/ES VG INFO PEÇAS "O SANTO MILAGROSO" LIB DEZ ANOS CERT VAL 090190 J.I. CERTA IRREVERÊNCIA PT "A HISTORIA DO BARQUINHO VG ESSE MENINO NAVEGADOR" CLASS LIVRE CERT VAL 240590 PT DEMAIS PEÇAS NADA CONSTA PT DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677,P.529

Assinatura ou rubrica do expedidor .....

Raymundo Custáquio de Mesquita
Chefe do Serviço de Censura-DCDP

DPF—84

Recebi às 11:00
em 21/10/86
mat. 6190636

20 OUT 14 14 86 000027

50.073

611461DPFEB BR
272164DPFE BR
VTA/ES 2575 30 20/10 1005

DCDP/BSA

11/201086 PT SOL INFO PÇAS TEAT INT '' O SANTO MILAGROSO'' AUT LAURO CESAR MUNIZ VG '' A LENDA DO ITABAPOANA'' AUT CRISTINA GARCIA ET ''A GANG DO BEIJO'' AUT. JOSEH LOUREIRO PT

DCDP

Informação - ARQUIVO/DCDP
Nada consta com relação às peças teatrais:
- A lenda do Itabapoana
- A gang do beijo

Bsb, 21.10.86

SCDP-SR/DPF/ES

AC/201038
611461DPFEB BR
272164DPFE BR
NNNN

Dot 201040

Márcia Monteiro R. Macêdo
Mat. 3.190.167
Chefe - Subst. do ARQUIVO/DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.530

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677,P.53J

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

2ª VIA

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº 000005

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data:.....

Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

POSIÇÃO:

ENDEREÇO

SCDP/SR/SP

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 668/DCDP de 08 _ 09 _ 86___ RERA NR 12416/SCDP/SP DE 040986 VG INFO PEÇAS TEATS BIPT "O SANTO MILAGROSO" LIB DEZ ANOS CERT VAL 090190 VG J.I. CERTA IRREVERENCIA PTVG "ALLEQUIM VG SERVIDOR DE TANTOS AMORES" CLASS LIVRE CERT VAL 031090 PT QUANTO DEMAIS PEÇAS NADA CONSTA PT DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor .....

Raymundo Custáquio de Mesquita
Chefe do Serviço de Censura-DCDP

DPF—84

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677, P.532

DITEL BSA
SERTEL/SR/SP

DE SAO PAULO NR 12416 80 04/09 09,45P (LA)

DCDP BSA

NR 12416/SCDP DE 040986 PT SOL INFO CLASS ET PRAZO VAL CERT PEÇAS TEATRAIS :
''O SANTO MILAGROSO'' DE LAURO CESAR MUNIZ VG
''LEVADOS PELO POH DE PIRLIMPIM,PIM'' DE MARISA CRISTINA DE ALMEIDA SIMOES VG N/C
''COLETANEA DE ANEDOTAS POPULARES'' N/C DE FRANCISCO SANCHES NETTO VG
''ILUSOES '' DE MARA CABRAL E JULIO CESAR CARDELLA VG N/C
''AV. IPIRANGA COM SAO JOAO-SP ET SEUS ACONTECIMENTOS'' DE EDSON FERNANDES DA SILVA VG N/C
''ARLEQUIM SERVIDOR DE DOIS ANOS'' DE CARLOS GOLDONI PT

CH SCDP SR SP

RECEBIDO EM 04-09-86
AS: 1720 HS

NNNN
TR(CL) 10:00 04/09
REC?
DITEL BSA
SERTEL/SR/SP

VIDE VERSO

Recebi às 10:0
em 04/09/86
mat. 6190636

DIVISÃO DE TELECOM
4 SET 1138 86 000004
47.51 D
SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0677,P. 533

INFORMAÇÃO ARQUIVO/DCDP

Nada consta com relação às peças teatrais:

- LEVADOS PELO PÓ DE PIRLIMPIMPIM
- COLETÂNEA DE ANEDOTAS POPULARES
- I L U S Õ E S
- AV. IPIRANGA COM SÃO JOÃO - SP E SEUS ACONTECIMENTOS

Bsb-DF 05 de Setembro de 1986

Walter de Oliveira
Chefe do Arquivo/DCDP

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº 000003

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data:.....

Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

ENDEREÇO

SCDP/SR/RS

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 260/DCDP de 08 04 86 RERA NR 025/86/SCDP/SR/RS VG 31/03/86 VG INFO PEÇA TEAT "O SANTO MILAGROSO" VG AUT LAURO CESAR MUNIZ VG CLASS DEZ ANOS VG VAL CERT 09/01/90 PT DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0671,P 534

DPF-SAv.84

Assinatura ou rubrica do expedidor.....

Raymundo Custódio de Mesquita
Chefe do Serviço de Censura-DCDP

18.243

DCDP

PORTO ALEGRE/RS 1443 30 070486 1610H

DCDP/DPF/BSA

7 ABR 2131 000003

ENCAMINHADO A

NR 025/86-SCDP/SR/RS DE 310386 PT
FIM CUMPRIR ITEM I LETRA C PORT 17/78 VG SOL INFO CONSTA REF
PEÇA TEATRAL ABRASPAS O SANTO MILAGROSO FECHASPAZ VG AUTO-
RIA LAURO CESAR MUNIZ PT

CH SCDP/SR/RS

NNNN
TR. POR NRI 070486 AAS
1330716001

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0677, P.535
535